ANTI-CATASTROPHE.

A ANTI-CATASTROPHE,

HISTORIA D'ELREI D. AFFONSO 6.º DE PORTUGAL.

Publicada
Por Camillo Aureliano da Silva e Souza.

PORTO:

TYPOGRAPHIA DA RUA FORMOSA N.º 243.

1845.

ESCREVER a historia por tal arte, que se vejão nella todas as feições caracteristicas das diversas epocas, não ommitindo usos e costumes, por insignificantes que pareção, escreve-la com critica, liberdade, e imparcialmente, sem pejo de que a verdade, pura como deve ser, afronte os mais altos personagens, é dos trabalhos literarios o que temos por mais arduo. E se contemporanea é a historia que se escreve maiores assomão as dificuldades, porque em tal cazo combatem-se as contemplações com a impar-

cialidade, e se esta chega a triumphar, muitas vezes . . . . sempre se compromettem amisades; e então não queremos para nós os odios, que acarreta a lingoagem da verdade.

De quantos entre nós escreverão historia, e cujas obras andão estampadas, não conhecemos outro, senão Fernão Lopes, que melhor cumprisse com as regras de historiador. O Patriarcha dos chronistas como lhe chama o Snr. Trigozo na Introducção das chronicas publicadas pela Accademia Real das Sciencias, o historiador Poeta como lhe chama o Snr. Alexandre Herculano, alem de bello estillo, cheio de graça, propriedade e energia, tem o duplicado merecimento da originalidade e verdade historica. As tres chronicas que lhe escaparão do furor plagiario de Rui de Pina, a de D. Pedro 1.°, D. Fernando, e D. João 1.° incompleta, são os unicos trechos que possuimos de verdadeira historia. O chronista foi imparcial e desapiedado com os que o merecião; não nos deixou, como o rapsodista Rui de Pina, um parcial elogio de Reis, e meros paineis de batalhas, mas uma historia nacional, principalmente na época de D. João 1.° E' muito para se lastimar o vê-la tão estropiada como anda impressa; e julgamos que a Academia, antes de ter publicado muitos livros antigos de bem pouco merecimento nos devera ter livrado da vergonha de uma tal edição.

Se pozermos para o lado este escriptor, vamos logo achar Gomes Eannes de Asurara, que não foi menos sincero no que nos deixou escripto, porem mais enfadonho em

seu estillo, e menos rico de costumes e informações populares. Damião de Goes, posto que inteligente e perspicaz, gasta quasi todo o seu cabedal nas cousas da India, e das de Portugal ou de todo se esquece, ou, no pouco que nos diz, é um completo adulador. Francisco de Andrada é um visionario e lisongeiro, e hoje os Annaes de D. João 3.° por Frei Luiz de Souza, publicados pelo Snr. Alexandre Herculano, se bem que incompletos, provão quam insuficiente foi reputada a sua chronica. Frei Bernardo de Brito, na Monarchia Lusitana, é um enfadonho copista de quantas patranhas, sem critica, anteriormente se escreverão, ou elle novamente inventou. Mais circunspectos forão os dous Brandões, seus continuadores, e um pouco mais ricos em documentos e investigações historicas. Garcia de Resende, com mui bons fundamentos, se diz que fizera a Rui de Pina o que este havia feito a Fernão Lopes com as chronicas dos primeiros Reis. Devemos comtudo confessar que a chronica de D. João 2.°, sendo mais um elogio deste monarcha do que uma historia nacional, é dos nossos poucos livros que encantão o leitor. Duarte Nunes de Leão não fez mâis do que compilar o que achou escripto; se porem não tem o merecimento da originalidade, não deixa algumas vezes de interessar pelas retificações que faz de-factos mal cersidos em nossa historia pelos primeiros escriptores, e quando nem tudo o que nos diz seja verdade, lançou uma luva que a critica levantará. D. Manoel de Mene-

zes, e Frei Manoel dos Santos não fizerão mais do que o elogio de D. Sebastião. E se formos assim percorrendo um por um quantos escreverão chronicas e historias, não lhes succamos cousa que satisfaça o curioso investigador da antiguidade, que a esse só em alguma Fradesca lhe deparará a fortuna pouquinha cousa, que nas dos Reis é perder-lhe a esperança, a não ser nas de Fernão Lopes, como levamos dito. Assim podemos com segurança comparar, a nossa historia com um armazem cheio de grandes caixões muí bem aparelhados por fóra, mas vazios por dentro.

Neste estado de miseria, quando appareça um livro bem estofado de noticias, e escripto por mão imparcial, bom serviço será para a literatura dá-lo á estampa. Tal cremos nós este que publicamos.

Uma das epocas mais notaveis da historia Portugueza, uma d'aquellas em que a Nação apparece com vida, é por certo a que decorre desde a expulsão dos Filippes pela Restauração de 1640, até á morte de ElRei D. João 4.°; e esta vida, esta energia foi durando até á usurpação de D. Pedro 2.°, mas foi uma vida depravada pelas intrigas e conluios do Clero e Nobreza, uma energia apparente, que desappareceo com os primeiros golpes da tyrannia. A Revolução de 1640 foi um facto espantoso, foi um grito nacional que soou ao mesmo tempo em todos os cantos do Reino, e consumou a Restauração. Não podia esquivar-se esta victoria ás consequencias que acompanhão tão extra-

ordinarios acontecimentos. Tinha o povo colocado a coroa na cabeça de D. João 4.° e mal lhe parecia desistir da influencia que por tal feito havia ganhado. Por todo esse reinado se mostrou altaneiro, porem contido e sopeado pela politica forte do Manarcha; mas no seguinte, solto e desembargado no meio de uma politica froxa, e arrastado por esses dous elementos nobreza e clero veio a ser grande parte das desventuras de D. Affonso 6.° cujo reinado forma uma epoca notavel por intrigas, immoralidades, e desordens de toda a casta.

E' uma pagina negra da nossa historia.

A Rainha, esposa impudica e adultera, dando as mãos a D. Pedro irmão desleal e ambicioso, arrancou da cabeça do Rei a coroa para coloca-la na cabeça do Infante. Era necessaria consequencia a justificação deste horroroso facto: e como aquelle que triumpha achà sempre quem o justifique, não faltarão aduladores, que escrevessem os maiores absurdos para santificar D. Pedro 2.° e D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

O Conde da Ericeira no Portugal Restaurado desembainha uma terrivel espada contra o infeliz destronado. O auctor do Catastrophe infame, malvado, e sacrilego (como lhe chama a Deducção Chronologica) sem vergonha, nem pejo, nem critica amontoa atrozes calumnias para justificar a usurpação, e deixa manchado o legitimo Rei das mais negras sombras. Não devemos ommittir o que nos deixou escripto Frei Alexandre da Pai-

xão a pag. 54 do seu Livro-Monstruosidades do Tempo e da Fortuna. (1)

— "Em o principio de Junho (de 1669)
„ sahio um livro, diz elle, intitulado-Catas-
„ trophe nome Grego, que quer dizer des-
„ truição, e se todo o livro fôra nesta lin-
„ goagem, menos destruição fôra para o
„ Reino, e credito da Nação Portugueza.
„ Tal é o argumento que não sai dos ter-
„ mos da satira, e tão corrido o auctor que
„ mudou de lingoagem no estillo. Toda a
„ materia é publicar no theatro do mundo
„ aquellas faltas, e defeitos de ElRei, que
„ sabião poucos do Reino, e a ruina com
„ que a demasia de ElRei offendeo a poucos
„ estampada na relação desauthorisa a to-
„ dos; nelle se acusão os delictos da natu-
„ reza, como se forão crimes da malicia,
„ carregando sobre uns sós hombros, o que
„ foi encargo de muitos. O odio em nada
„ acha desculpa, quando se aposta em acu-
„ mular delictos; os dos Principes se os não
„ dissimula o respeito deve reparti-los a i-
„ gualdade, porque ordinariamente são mais
„ dos lados, que do centro. Escrevem os
„ homens para se fazerem famosos, e fez-se
„ afamado o que abrazou o Templo de Del-
„ phos. Do mesmo modo o auctor deste
„ livro, fiando o nome ao que abrazou a
„ penna. Muitos tem para si que foi um
„ Religioso condemnado já pela temeridade
„ de escrever, outros que fosse um ecclesi-

(1) Precioso manuscripto da Bibliotheca Publica desta Cidade, que é um Diario do que foi succedendo desde 1662 até 1680, presenciado pelo proprio auctor.

„ astico secular, avaliado por modesto no
„ exterior, o certo é que conheceo, qual-
„ quer que fosse o auctor, que o condem-
„ nava a obra, pois sahindo á luz se escon-
„ deo seu nome ao leitor. Depois de pu-
„ blicada fez sua Alteza seu Secretario de
„ Estado a D. Fernando Correa de Lacerda,
„ que de cavalleiro, casado, e viuvo se fez
„ clerigo. „ E para que não restasse duvi-
da sobre o auctor, a pag. 58 nos transcreve
uma circular, dirigida por D. Fernando Cor-
rea de Lacerda aos Corregedores de todas
as Commarcas do Reino, a qual termina
assim. — « Remetto a Vm.ce o livro que sa-
„ hio, e se impremio aqui, para que, de-
„ pois de o ler, me diga o que lhe parece. „
e acrescenta Frei Alexandre — « O livro de
„ que falla é o Catastrophe, de que acima
„ fizemos mensão, e a recommendação pu-
„ blica o author, suposto que o estillo o ne-
„ ga, mas bem pode ser de um o panno, e
„ de outro o pesponto „

Eis aqui o que do Catastrophe nos diz
um contemporaneo em nada suspeito, por-
que a sua propria obra é mais em proveito
do Infante que d'ElRei D. Affonso 6.°

No mesmo caso devemos considerar o que
della nos diz o nosso Padre Antonio Vieira, na
carta para Antonio Ribeiro de Macedo es-
cripta em 18 de Novembro de 1670 — « O
„ estado dos negocios de Inglaterra estimo
„ quanto não posso encarecer a V. S., posto
„ que tambem estou fóra da graça daquella
„ Magestade por entender que segui mais
„ as *partes de Lisboa* que as da Ilha Ter-

» ceira no sermão em que me obrigarão a
» fazer um manifesto, em que cuido *fallei*
» *com mais decoro* que o tão bem visto e
» premiado Catastrophe. »

Nesta desgraçada epoca, com quanto houvessem homens independentes que dessem a Cezar o que é de Cezar, e á verdade o que á verdade cabia, nenhum houve comtudo que ousasse sahir á luz com a refutação de tão atrozes calumnias; e talvez ficaria a posteridade impossibilitada de conhecer com exactidão os factos sem os trabalhos ineditos do auctor da Anticatastrophe que agora publicamos — « escripta por um judicioso e erudicto cavalheiro que presenciou todas as
» acções da extraordinaria revolução de que
» se trata com grande e intimo trato com a
» maior parte das pessoas que nella figurarão. » (Deducção Chronologica n.° 484 — 1.ª Parte.)

Não esperem porem os literatos encontrar nesta obra bellezas de estillo, e um modello de lingoagem, que mal comportava o gosto do tempo em que foi escripta. A' dominação hespanhola tinha acabado com a literatura portugueza, estava o Gongorismo no seu apogeo, e sobre tudo foi originariamente escripta em hespanhol, talvez mais para Hespanhoes que para Portuguezes. Ha porem neste livro um interesse real, que muito importa para os que querem estudar a historia — é a narração circunstanciada de tudo que se passou nessa época com bastante criterio, e certeza dos factos, a maior parte occorridos em presença do auctor. —

„ O deffender eu a ElRei D. Affonso, diz
„ elle, é porque sei tudo o que houve na
„ materia, *e o vi*, e de tudo o que houve
„ foi causa a sua bondade e grande confian-
„ ça, que tinhão seus validos na lealdade
„ de todos os vassallos. „ (L.° 2.° cap. 10. §
5.°)

Mas quem é o auctor deste livro? Onde foi elle escripto? São estas duas questões literarias que cumpre averiguar.

O infatigavel Diogo Barboza, com quanto falle de alguns livros anonimos, e ainda em lingoagem estranha, guardou silencio sobre este. Não acreditamos q.. ignorasse a sua existencia, porque era impossivel que não conhecesse algumas das numerosas copias que no seu tempo já exestião, e menos acreditamos que não conhecesse a sua importancia; antes nos inclinamos a crer que por estar mui proximo do reinado de D. Pedro 2.°, e sendo este um livro que nenhuma honra lhe fazia, o deixou em esquecimento, ou em obsequio a seu filho o Snr. D. João 5.°, de quem recebêra muitos favores, ou por evitar desagrados ao proprio auctor ou sua familia.

O primeiro Bibliographo que delle faz mensão é o auctor da Biblioteca historia, que assim se exprime: — « Dizem que o
„ seu auctor era de grande tracto com a
„ maior parte das pessoas que figuravão na
„ Revolução deste Reino em Novembro de
„ 1667, e com bons fundamentos se crê que
„ é Manoel Tenreiro de Gouvea natural de
„ Lisboa, o qual depois de ter andado na

„ Universidade de Coimbra, assentou praça,
„ foi Alferes do Conde da Ericeira, e Capi-
„ tão de Infantaria, do qual, segundo o
„ auctor da Bibliotheca Lusitana ha algu-
„ mas obras em verso manuscriptas. „

Se bem que este escriptor nos não afirme, mas só supponha que seja Manoel Tenreiro de Gouvea o auctor desta obra, levou-nos a curiosidade a indagar até que ponto se podia crer esta asserção, e o resultado de nossas deligencias foi o convencermo-nos de que não podia ser Tenreiro de Gouvea.

Tendo acabado de nos relatar os successos da batalha do Ameixial, e passando a referir os do cerco de Evora acrescenta o auctor: — « Nada posso afirmar dos suc-
„ cessos deste sitio, porque sahi maltratado
„ da batalha e fui para Elvas curar-me. „
(pag. 177) E' por tanto evidente que á batalha do Ameixial assistio o auctor, e nem até que fosse ferido, nos dá razão de outra formal, senão de varios encontros de pequena monta, que ligeiramente nos relata. D'aqui tiramos um forte argumento com que rejeitamos a opinião do auctor da Bibliotheca historica. E' verdade que o nosso historiador foi Alferes do Conde da Ericeira, é verdade que foi depois promovido a capitão. — « Nesse mesmo dia, (diz elle fal-
„ lando da traição contra o Conde de Castel-
„ lo Melhor) me chamou tambem o Conde da
„ Ericeira, e como tinha mais confiança comi-
„ go por ter sido seu Alferes, sendo elle capitão
„ de cavallos da Guarda do General, e passan-
„ do depois a Mestre de Campo, me fez

„ logo Capitão de seu Terço, em que servi
„ por attenções que lhe devi. „ Mas note-se bem, que foi promovido a Capitão só depois que o Conde da Ericeira subio a Mestre de Campo. Tendo porem o Conde assestido á batalha do Ameixial na qualidade de General da Artilharia, como se vê do livro que publicamos pag. 132, e do Portugal Restaurado, (Terceira Edicção p. 108) deixando o seu Terço ao commando do Mestre de Campo Francisco da Silva que combateo com elle na dita batalha p. 152 a 153, é claro que o nosso auctor já assestira a ella pelo menos no posto de Capitão. Ha porem na Bibliotheca desta Cidade um folheto publicado por D. Antonio Alvares da Cunha, no anno de 1663, em que se deo a dita batalha, com o titulo de Campanha de Portugal — e no fim delle la vem uma relação dos Generaes, officiaes superiores, e capitães, que compunhão o Exercito de D. Affonso 6.° quando se deo a batalha do Ameixial Terço por Terço, Companhia por Companhia, e por mais que procurassemos por Manoel Tenreiro de Gouvea, tal nome não pudemos encontrar. D'onde se deve conjecturar que é falsa esta noticia: e muito principalmente quando a dita Bibliotheca historica nos não dá razões que convenção, antes nos deixa em duvida. Portanto nem Manoel Tenreiro de Gouvea foi auctor da Anticatastrophe, nem foi capitão que assestisse á batalha do Ameixial, como de si nos diz o proprio auctor desta obra.

A' bondade do Snr. J. F. de Castilho, Bi-

bliothecario Mor devemos uma copia da Anticatastrophe, escripta em Espanhol, que muito nos auxiliou para corregirmos a traducção de que nos servimos. Neste Manuscripto da Bibliotheca publica de Lisboa, logo na primeira pagina se encontra a seguinte nota. — " Memoria. Este MS. é
„ rarissimo, e hoje 4 de Maio de 1790 o
„ Conde de S. Lourenço D. João José Al-
„ berto de Noronha, homem de uma me-
„ moria prodigioza, e de uma instrucção
„ immensa me disse tivera este M. S. e
„ cuidava que se não era o unico, era o
„ original, e imprestando-o a seu irmão, o
„ Marquez de Anjeja, o não podéra mais
„ haver á mão. Elle me segurou que o
„ auctor deste livro fora Manoel Tenreiro
„ de Mello, (e não como quer o Estribei-
„ ro Menor Lourenço Anastacio, que fòra
„ um de seus avós, que vivia dentro no
„ Paço com Emprego.) Repliquei-lhe que
„ elle nomeava esse que dizia auctor do li-
„ vro seu hospede, e elle mui bem lembra-
„ do da passagem que assim o diz, me res-
„ pondeo, que dissera isso por disfarce,
„ mas que elle mesmo se descobrira quando
„ disse que fòra Alferes do Conde da Eri-
„ ceira D. Luiz de Menezes, quando este
„ era capitão da Guarda do General, e que
„ esse Conde de S. Lourenço averiguára,
„ que fòra o sobre dito Tenreiro, a quem
„ por consequencia tinha por verdadeiro
„ auctor deste MS. „

Eis aqui por tanto mais uma opinião sobre o auctor da Anticatastrophe. Perdoe-

nos porem o Snr. Conde de S. Lourenço, que apesar de sua memoria prodigiosa, e immensa sabedoria não abraçamos a sua opinião.

A reflexão sobre não ser Manoel Tenreiro de Mello o auctor do Livro, porque o intitula seu hospede, é muito bem feita, e pouco judiciosa nos parece a resposta do Conde. Eis aqui transcripto o logar apontado: — « Recolhendo-me a casa, um pou-
» co embaraçado com meus discursos, a-
» chei a Manoel Tenreiro de Mello, cava-
» lheiro de muito valor, e de muitas pren-
» das, *que era meu hospede*, e se achava
» na Corte em suas pretenções, mui pen-
» sativo. Eu não o estava pouco. Disse-me
» que o Conde de Villa Flor o tinha man-
» dado chamar, e lhe dissera que ao outro
» dia o esperasse á porta da capella do
» Palacio, e que o seguisse sem se apartar
» delle. Este cavalheiro havia sido Capi-
» tão de cavallos na Praça de Penamacor
» em tempo em que Villa Flor fôra Gene-
» ral; e como conhecia seu valor se valeu
» deste, e de outros taes seus conhecidos,
» e obrigados. Isto dito me deo a enten-
» der que tinha tenção de o revelar ao
» Conde de Castello Melhor, porque sus-
» peitava das antecedencias que intentavão
» alguma couza contra o serviço de ElRei,
» por quem elle daria mil vidas; que toda a
» amisade que devia ao Conde de Villa Flor
» ficava escurecida com o menor atomo de
» deslealdade ao seu Rei. Eu lhe disse
» fizesse aquillo que melhor lhe parecesse,

„ por que em taes materias nem se pedia,
„ nem se dava conselho, e calei tudo o que
„ havia passado com o Conde de Villa Flor,
„ e da Ericeira. „

Onde está aqui o disfarce!

Já se vê que declarando o auctor que Manoel Tenreiro de Mello era seu hospede, e declarando-o com taes circunstancias não basta um dito vago para o destruir, pelo contrario são precisos dados mui positivos, que não apresentem a mais leve sombra de mentira. De mais o argumento de que se serve o Conde de S. Lourenço, dizendo, que o mesmo auctor se descobrio quando se declarou Alferes do Conde da Ericeira, sendo este Capitão da Guarda do General, e que era o dito Manoel Tenreiro de Mello, não colhe, pois segundo declara o proprio auctor, este Mello foi Capitão, e não Alferes, em Penamacor, quando era ali General o Conde de Villa Flor; e pode muito bem ser que d'aqui nascesse o seu equivoco.

Ou o auctor deste livro, quem quer que fosse, o queria para a Imprensa, ou não; no primeiro cazo, por mais que procurasse encobrir-se com disfarces, não podia deixar de ser descoberto pelos Condes da Ericeira e Villa Flor, partidarios do Infante, e pelo Conde de Castello Melhor, e Henrique Henriques de Miranda, partidarios do Rei, e por muitos outros de quem relata factos importantes, occorridos entre elle e esses personagens, que apesar de tudo lhe havião de rasgar a mascara com que

pretendia occultar-se. No segundo caso, se o não queria para a Imprensa, que necessidade tinha de encobrir-se?

Diz elle no Liv. 2.° Cap. 17 § 2.° — « A-
» quelles que lhe parecia servirião de impedi-
» mento á sobredita conjuração forão con-
» vidados, e peitados para ella, e a mim
» me mandou chamar o Conde de Villa
» Flor na quinta feira, e fallando-me em
» diversas materias muito tempo, me disse
» que na sexta feira de manhã me achasse
» junto á casa do despacho, e que tudo o
» que visse fazer antes o ajudasse do que o
» impidisse, pois me seria conveniente.
» Nesse mesmo dia me chamou tambem o
» Conde da Ericeira, e como tinha mais
» confiança comigo, por ter sido seu Al-
» feres, sendo elle capitão de Cavallos.....
» se declarou mais, dando-me quasi a sa-
» bêr o que estava disposto para se obrar;
» disse-me que aonde eu o visse no dia se-
» guinte em Palacio me chegasse para elle
» e lhe guardasse as costas, porque alem
» de merecer-me esta fineza, o que eu o-
» brasse da sua parte n'aquella occasião me
» seria bem agradecido. A um e outro
» disse que faria o que podesse em seu
» obsequio. »

Como era pois possivel que o auctor do livro que escreveo este logar pretendesse encobrir-se aos dous Condes? Elle que declara tão miudamente circunstancias que mal poderião esquecer! E' bem de crer que atravez de qualquer disfarce fosse logo reconhecido; alem de que tão mal alinhava-

do nos parece um tal disfarce, que ahi vemos todo o cunho da inverosimilhança. Fiquemos por tanto em que tambem não é Manoel Tenreiro de Mello.

Por intervenção do Snr. Rivara, primeiro Bibliothecario da Bibliotheca de Evora, nos chegou ás mãos a copia de um fragmento, intitulado Anticatastrophe, escripto em letra coetanea, segundo afirma o mesmo senhor. E' uma carta Dedicatoria ao Principe D. Pedro, escripta da Bahia em Portuguez aos 23 de Fevereiro de 1671 por João Lopes Serra, e em seguimento uma Introducção; e não contem mais nada.

Eis aqui outro assumpto para ser investigado. Seria João Lopes Serra o auctor do livro que publicamos? Seria elle escripto na Cidade da Bahia? Não cremos uma, nem outra cousa. Que não foi João Lopes Serra o auctor deste livro se manifesta da simples confrontação delle com a tal Dedicatoria e Introducção. Não só é este fragmento escripto em Portuguez, e originariamente em Hespanhol o livro que publicamos, não só ha entre ambos grande dessimilhança de estillo, senão tambem que apparecem entre elles manifestas contradicções. — « Tomei a penna (diz a Dedicatoria) para mostrar aos Principes do mundo que V. A., nem o Reino, necessitavão de que houvesse quem tomasse a seu cargo *deffender o sincero e candido animo Real com que V. A. procedeo na deposição de Sua Magestade*, por haver sido Deos quem por seus secretos juizos dis-

„ poz os meios de semelhantes fins . . . . . o
„ que mostro em um manifesto que fiz in-
„ titulado Anticatastrophe, e nelle se vê
„ clara e destinctamente as indecencias
„ com que o auctor (do Catastrophe) in-
„ decorosamente falla de ElRei para justi-
„ ficar as acções de V. A. . . . . „ Con-
fronte-se agora este logar com o seguinte do livro que publicamos: L.° 3.° cap. 20 § 3.

— « E obedecendo ao mandado (o In-
„ fante D. Pedro Thio de D. Affonso 5.°)
„ o foi esperar ElRei a distancia de dez
„ legoas de Lisboa, junto a uma Villa que
„ chamão Alemquer, e alli o matou, e a
„ muitos cavalheiros que de Coimbra o ha-
„ vião acompanhado. *Este era o exemplar*
„ *mais seguro e mais a proposito* que ElRei
„ D. Affonso 6.° havia ter imitado, e execu-
„ tado com seu irmão, pois o tinha mere-
„ cido por suas acções, e obras, e com isto
„ lhe tivera por uma vez tirado a vontade
„ de ser governador do Reino. »

Deste só logar, a não haverem milhares, se manifesta o espirito tão contrario a D. Pedro com que esta obra é escripta, e então não podemos admittir que a este Principe offerecesse o auctor o livro em que tanto o maltrata: mas ainda quando por acinte lho fizera, João Lopes Serra se mostra muito afeiçoado a D. Pedro, e com a sua obra pretende justifica-lo sem comtudo criminar ElRei, em quanto que o nosso auctor acusa D. Pedro fortemente, relatando todas as suas maldades, e os meios violentos que empregou contra seu irmão. Fiquemos por

tanto em que tambem não é João Lopes Serra.

E' fóra de duvida que a publicação do Catastrophe desagradou a muita gente; bem o mostrão Frei Alexandre da Paixão, João Lopes Serra, e Padre Antonio Vieira, em muitos outros logares alem dos acima citados. E assim como o nosso Auctor escreveo a vida de D. Affonso 6.°, que é uma resposta em contraposição ao Catastrophe e por isso, chamada — Anticatastrophe — não é para admirar que João Lopes Serra fizesse outro tanto escrevendo a sua Anticatastrophe que é, segundo elle diz, um Manifesto para justificar o Infante sem offender o Rei. Julgamos por tanto que é um livro muito diverso d'aquelle que publicamos. Foi este fragmento escripto na Cidade da Bahia. E' outra razão para acreditarmos que é uma obra diversa desta.

Temos boas razões para crer que o nosso auctor, não podendo persistir em Portugal, procurára valhacouto em Hespanha para escapar ás perseguições de D. Pedro e seus sectarios. Talvez que seja elle um desses de quem falla o nosso Padre Antonio Vieira na Carta de 25 de Dezembro de 1674, que vem no Tomo 4.° a pag. 207, escripta a Duarte Ribeiro de Macedo. — « Agora » ouço que no Tribunal de Roque Montei- » ro se prevenião novas execuções; e me » escreverão de Madrid que chegarão alli » alguns nossos naturaes, que fallavão livre- » mente no descontentamento e mudança de » governo, e que estes taes tinhão negocio » n'aquella Corte; julgue V. S.ª qual póde ser. »

Leva-nos a esta supposição, em primeiro logar, a lingoagem Castelhana em que originariamente foi escripto este livro, depois da Restauração, quando em tudo transluzia uma tendencia de reação contra as cousas de Hespanha: e por ultimo, os frequentes elogios ao Infante D. João d'Austria, o respeito e veneração com que trata as pessoas Reas de Hespanha, e sobre tudo a comparação que muitas vezes faz dos Tribunaes de Portugal com os d'aquelle Reino, como querendo fazer conhecer aos Hespanhoes os nossos pelas attribuições dos delles.

E que o nosso auctor estivera em Hespanha é indubitavel, e muito para se crer que lá escrevera a sua obra, em presença do seguinte logar, no qual, depois de haver referido as diversas versões por que se contava a retirada de D João d'Austria da batalha do Ameixial, diz o seguinte: — « Eu des-
» confio da verdade do referido, sem embar-
» go de ser dito por muitos a quem se pode
» dar credito; *porem cá em Castella tive*
» *outra noticia mais digna de credito*, assim
» por m'o dizer pessoa que acompanhou o
» General, como por ser a sobredita alhéia
» do genio de Sua Alteza. »

Eis aqui o que a semelhante respeito podemos colher e extrahir das proprias entranhas do livro, que publicamos, e deixamos aberto o campo para quem com melhores meios, quizer proseguir nesta investigação.

Seja pois quem quer que fôr o auctor do livro, não se lhe pode negar a imparcialidade com que o escreveo. Entre muitos

outros logares citaremos este para o comprovar. — « Eu me propuz fallar verdade,
„ e não devo faltar a ella. Nem ElRei nem
„ o Infante tinhão acção que não fosse diri-
„ gida por seus validos, por que a sua mo-
„ cidade não dava logar a maiores discursos,
„ que o de ocio e divertimento que suas
„ idades permittião. L.° 2.° pap. 275. „

Ninguem com mais verdadeiras cores e tanto ao natural, nos podia desenhar um bom quadro dessa epoca tumultuaria e tão variada. Era capitão do Exercito e descreveo-nos todas as batalhas que se derão, e a que assestio. — « Eu quiz referir as circunstancias
„ principaes dellas, *nas quaes me achei*, não
„ fallando aqui do sitio de Badajoz, nem da Ba-
„ talha de Elvas, por que forão anteriores ao
„ ponto que é meu objecto, que é o em que El-
„ Rei principiou a reinar. „ L.° 1.° cap. 21 §7.

Era cortezão e palaciano, relacionado com os diversos personagens que mais celebres apparecem nesta epoca, e por isso ninguem melhor nos poderia deixar um bom livro: — « Eu tinha confiança com o
„ Conde de Castello Melhor, e estando só
„ com elle uma noite lhe disse — senhor
„ anda pela Corte uma voz, que terá chega-
„ do aos ouvidos de V. Ex.ª, que é de o ha-
„ verem esperado no caminho da Madre de
„ Deos para o matarem: respondeo-me: cer-
„ to é.... Não me disse quem lhe tinha fei-
„ to o aviso, nem eu o devia perguntar, *por*
„ *que ainda que me tinha por confidente seu*,
„ *e por isso me restava confiança* de o in-
„ tentar saber, com tudo não me quiz alar-

» gar mais. » Isto mesmo o prováramos por outros diversos logares, se julgassemos necessario, e menos enfadonho. Bastará só que digamos, que o auctor seguio, passo a passo, todos os revezes de ElRei, sabendo illudir ao mesmo tempo os partidarios do Infante — Conde da Ericeira, e Villa Flor, que o julgarão sempre de sua parcialidade. E tudo isto fôra mister para se habilitar a escrever com tanta miudeza os variados acontecimentos, e continuadas intrigas de uma época tão baralhada.

O certo é que foi criado fiel de ElRei, e o acompanhou para a Ilha Terceira — deduz-se dos seguintes logares L 2. Cap. 12. § 5.° — « Dice-me um Guarda Roupa do In» fante, chamado Jeronimo de Sá, na Ilha Terceira, estando assestindo a ElRei na prisão.... » e L. 2.° Cap. 14. § 4. « Isto
» prova no sofrimento com que tolerou sua
» prisão, soffrendo-a com tanto valor e paz,
» que todos os que o tratavão, e assestião
» nella, *sendo eu um delles*, em tres annos
» e meio jamais o ouvimos fallar em Reino,
» nem em irmão, nem em mulher, nem em
» cousa que tocasse a ser Rei.... »

Dissemos que esta obra fora originariamente escripta em lingoagem castelhana, e com tudo preferimos publicar uma traducção, porque a destinamos para Portuguezes. Esta traducção achámo-la feita, e nos limitámos a compara-la com o MS. em Hespanhol, que obtivemos da Bibliotheca Publica de Lisboa, e com outro que nos facultou o Snr. Thomaz Northon, Juiz da

Relação desta Cidade. Reteficamos alguns pontos, e traduzimos de novo outros que julgamos mal entendidos.

Os Leitores sentirão o mesmo dissabor, que nós sentimos, quando vimos acabar o livro, sem terminar a historia do Monarcha. Ou a não acabou o Auctor, ou se perdeo o resto: mas é certo que todos os MS. que vimos, e os dous da Accademia Real das sciencias, e outros de que temos informação, terminão no mesmo ponto que este. O resto é de pouco interesse. A vida de Affonso 6.° na Ilha Terceira, e no Palacio de Cintra, é uma vida de prezo, cheia de monotonia e de lagrimas. O que ha de importante, desde que acaba este livro, já pertence ao reinado de D. Pedro 2.°: e o que nelle se passou, durante a Regencia, promettemos publica-lo, dando á luz o livro de Frei Alexandre da Paixão — Monstruosidades do Tempo e da Fortuna — se estes nossos esforços não forem mal recebidos do publico.

Para que não fique porem de todo incompleta a historia de D. Affonso 6.°, acrescentaremos o que della falta neste MS., extractando outro que nos facultou de sua riquissima Livraria o Snr. Thomaz Northon, e que tem por titulo — Vida e morte de ElRei D. Affonso 6.° de Portugal copiada de uns cadernos que se acharão na livraria do Duque de Cadaval, anno de 1744 — e terminaremos este livro com a notavel e mui chistoza carta, que vem no mesmo MS., e que ahi se diz de uma Freira de Odivellas.

ANTI-CATASTROPHE.

Historia verdadeira da vida e dos successos d'El-Rei D. Affonso 6.° de Portugal e Algarves.

ESCRIPTA EM LINGOA HESPANHOLA

POR

UM OFFICIAL DAS TROPAS DE PORTUGAL, QUE O ACOMPANHOU NA SUA FORTUNA E NA SUA DESGRAÇA.

TRADUSIDA EM PORTUGUEZ

o mais fielmente que possivel foi.

Anno de 1791.

Vida e successos d'El-Rei D. Affonso de Portugal, em que se defende o mesmo Rei, com verdade, das infamias, que, tyranna e iniquamente, publica o Catastrophe contra elle.

PRELIMINAR.

COUSA nunca ouvida, negocio nunca visto, caso nunca acontecido, e tyrannia nunca succedida foi a que aconteceo, e padeceo El-Rei D. Affonso 6.º de Portugal. Escreverei a vida deste Principe a quem nunca por facil se perdeo o respeito, nem por severo o amor; presumindo ter a fortuna tão sujeita, que todos os successos e victorias, que logrou no tempo do seu governo, imaginava que se lhe devião como attributos á sua grandesa; a qual nem o tempo poderia acabar, nem os accidentes mudar. Desvanecido com os prosperos successos, não pensava nas inconstancias com que as glorias deste mundo se dissipão, as quaes

sendo como a Lua, que, nascendo da obscuridade, se deixa vêr com todo o seu pleno semblante, porem, quando mais formosa se mostra na enchente, outra vez envelhece, e mingua, até que pelo mesmo modo se reduz á sombra. Bem podião os Reis imprimir em seu coração, que tempo ha de vir que de nenhuma forma se ha de fazer caso dos bens caducos e frageis deste mundo. O melhor remedio para a vaidade de uma fortuna ditosa se pode tirar da sua propria inconstancia; pelo que ella não merece credito, e nos convem considerar que a felicidade desta vida é um emprestimo, e a infelicidade é como um natural patrimonio, e assim não ha que fiar na mundana felicidade, porque sendo contraria a muitos Reis, em vão é esperada por alguns favoravel, como se delles se fizesse especial escolha: cada dia se vê que uns perdem a honra, outros o Imperio e a vida; e assim não pode ninguem pensar de ser livre, onde nenhum é privilegiado, experimentando-se cada hora destruir-se não menos que com accidentes violentos, ou com tyrannias nunca imaginadas, toda a nossa esperança, porque os subitos e incertos movimentos das cousas humanas fazem vêr, que nada é mais fraco, nem menos seguro, que a vida e felicidade dos mortaes.

A fortuna tem duas caras, ambas se devem temer, e entre ambas nos devemos moderar; para uma necessitamos de freio, para outra de incitamento; em uma se deve reprimir o orgulho do espirito, em outra aliviar a fadiga; muitos Reis temos visto despenhar-se do Throno com tormento, e com grande tirannya e barbaridade! Se ha mil exemplos dos que sobem, não menos os ha dos que cahem: nem é novo em muitos de grande authoridade serem abatidos. Quantos Reis e Imperadores por mão de seus

inimigos, e até de seus irmãos, e familiares, perderão com a vida o Imperio? Estão cheias as historias de crueldades, mortes, e insolencias; e nestes tempos, em que agora vivemos, hão succedido cousas, em que ha tanto de admiração, como de espanto, as quaes no tempo futuro servirão mais de estrondo que de crédito. Nós vemos Carlos 1.º, Rei de Inglaterra, sentenceado como reo; elle foi accusado como delinquente, e concluido o processo, condemnado á morte, cortando-lhe a cabeça a vil mão de um verdugo, dando signaes de admiração os mesmos verdugos de tão grande maldade, pois estavão reverenciando descobertos o mesmo a quem sacrilegos degolavão. Raro e protentoso exemplo dos enganos da fortuna! Muito mais admira o engano com que a fortuna elevou, e abateo El-Rei D. Affonso 6.º; sua gloria foi instantanea, sua infelicidade mui continuada, pois nella não teve outro soccorro mais que o da morte; tudo procedido de uma tyrannia iniqua, de uma crueldade, e ingratidão de um irmão, parto monstruoso do maior escandalo, que, transgredindo as leis da natureza, e as de Deos, passou a ser fratricida de uma innocencia, que, como a de Abel, clamará sempre sobre a terra.

Foi tão horrorosa esta tyrannia, que o Infante D. Pedro executou com seu Irmão, que não haverá outra, nem maior, nem similhante; pois não só o desthronou, mas, para fazer maior sua crueldade, o privou de sua mulher, e se casou com ella, publicando em um livro, intitulado o Catastrophe, a ineptidão do Rei para o Governo, as insolencias e crueldades que este usava para os vassallos, e impotencia para a geração, querendo justificar a violencia que lhe fez do Reino, e da mulher, como se não tivessem havido Caligulas, Eleogabalos, Neros, e Domi-

cianos, cujos defeitos e abominações não fossem maiores, sendo partos monstruosos das crueldades mais atrozes, que houverão no mundo, qualificando-se o tyranno por justo, moderado, prudente e magnanimo; assegurando que obrigado da indigencia e flagellos, que padecia o Reino, pela perversidade de quem o governava, e pelas infracções que se fazião aos povos, precisava tomar o governo para acudir á conservação commum, bem contra sua vontade. Hypocrisia sem dúvida, que sempre vale aos tyrannos, ainda sendo conhecida; pois na força estabelecem o poder usar della, como melhor lhes parece: esta com tudo não deixou de conhecer-se, que foi falta de grandesa do seu espirito, escandalo das gentes, infamia deste seculo, perverso exemplo para os posteriores, murmurada pelas lingoas dos vivos, abominada pelas pennas dos mortos, se houver quem escreva; pois Deos quer, que, sendo este vicio da tyrannia de tão grande prejuiso em os Principes, seja igualmente de não menor infamia, como, pelo contrário, a virtude da maior gloria.

Foi El-Rei D. Affonso igual em fortuna a D. Pedro Rei de Castella, e ainda mais desgraçado; por que D. Pedro morreo ás mãos de seu irmão D. Henrique com uma morte, ainda que violenta, accelerada; mas El-Rei D. Affonso morreo de uma morte mui dilatada, sendo, em quanto vivo na prisão, a sua vida um sacrificio e um martyrio; prostrada a Magestade por mil baldões, perdido o respeito por gente infame, faltando o decente trato, não só de Principe, mas ainda de qualquer particular: mas não houve quem por um ou por outro Rei tomasse o despique, e defendesse a innocencia de um, e a rasão de outro; mas até na terra já se não vê senão quem arroje pedras; e ainda que dizem que D. Pedro era

cruel, e El-Rei D. Affonso incapaz, não o dizem senão seus inimigos e lisongeiros, que por adular a quem reina, desacreditão a quem reinou; pois é cousa certa, que na penna dos escriptores a boa ou má fama dos Principes se inclue, e não na grandeza de seus feitos, nem na rectidão de seus costumes: e como o Ceo não estabeleceo tribunal sobre a terra, a que possão os Reis pedir justiça, só se escreve delles, segundo a fortuna em que acabão.

Com tudo, não tem podido meu coração reprimir a força, que me obriga á natural defesa de El-Rei D. Affonso; na sua pessoa e nas suas acções procurarei mostrar ao mundo, sem fabulas e sem quimeras, a tyrannia de um, e a innocencia do outro com toda a verdade, puresa, e decencia, com que se deve tractar o sagrado de tal materia, per si mesma, pela superioridade e eminencia de taes sujeitos, que a formão e compõe, sem buscar auctores classicos para a probabilidade do que referir, e só fallando pela vista de dous. Dou a Deos por testemunha de que não quero faltar a dizer assim os defeitos, como as virtudes, que assistião a El-Rei D. Affonso 6.°

LIVRO PRIMEIRO.

CAPITULO I.

I

Do nascimento e tempo em que foi jurado Principe, e do mestre que lhe foi dado.

NASCEO El-Rei D. Affonso em Lisboa, no anno de 1643, estando seu pai em a Cidade de Evora na campanha, que em Portugal se chamou dos Olivares; por cuja causa sua mãi não quiz, que se fizesse demonstração de festa, estando seu marido ausente, annuncio da infelicidade, que havia de succeder. Aos tres ou quatro annos de sua idade foi attacado do mal de parlezia, de que ficou léso de perna e braço; mas não tanto que lhe embaraçasse os movimentos: ainda que não mui livremente, com tudo tinha bastante agilidade para manejar um cavallo: sendo de idade de sete annos, morreo o Principe D. Theodosio, primogenito, por cuja causa o pai o jurou Principe; aos nove ficou sem pai, e foi sua menoridade e educação encarregada a D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, homem tão attento a suas conveniencias, como pouco zeloso da instrucção do Principe, julgando que

conseguiria melhor seu proprio adiantamento, e a graça do Rei, deixando-o correr á sua vontade em seus apetites, que em o cohibir e educar: esquecido de estorvar nesta regalia o Principe, que devia ser amado e querido de seus vassallos: perigo em que de ordinario cahem todos os Principes, que se crião sem pai, os quaes vendo-se sem sujeição alguma, e com a soberania do poder, seguem desaforadamente seu natural, sendo muitas vezes mais diligentes nos delictos que aquelles que castigão, para os evitar, e não dando o merecido premio á virtude. Tal foi neste ensino o Rei, que tudo quanto absolutamente apetecia, executava, e á proporção que ía crescendo, mudava de vicios e exercicios, attrahindo a si criminosos, quantidade de mulatos, que, com a protecção do Rei, maltratavão e escandalisavão o povo; entregando-se inteiramente aos touros, que em todos os dias erão o seu divertimento, ainda que com grande risco da vida, pois que as más ilhargas o encaminhavão aos maiores precipicios; vagando de noite pela Cidade era a causa de succederem muitas desordens escandalosas, pelas quaes ganhou a opinião de temerario e inquieto.

II

Toma por valido a Conti; faz-se odioso aos Fidalgos e a sua mãi.

HAVIA um moço, meio Italiano e meio Portuguez, que tinha uma tenda na Capella Real, e se chamava Antonio de Conti, homem sagaz e de vivo engenho, o qual na infancia do Rei lhe levava algumas curiosidades, de que o Rei gostava; com isto lhe to-

mou tal affeição, que lhe chegou a dizer deixasse a tenda, e viesse viver para Palacio. Houve-se Conti nesta mudança com tão boa manha, que em pouco tempo se senhoreou do valimento do Rei, e já não havia maior valia que o dito Conti; recebendo em Palacio quarto, com toda a grandeza, que podia occupar qualquer Fidalgo, monstruosidade em que a fortuna se emprega mais por gostoso engano, que por sólido augmento do sujeito, pois que permanece tão pouco sua grandesa, bem como o Sol que com suas nascentes luzes faz, que as fragrantes flores reverdeção, para que á tarde murche sua bellesa á força do ardor de seus raios, para que sirvão de funebre escarmento. Isto se fez tão odioso aos Cavalheiros, e tão mal aceito ao povo, que determinárão formar queixas contra o seu Rei, e vingança contra Antonio Conti. Governava a Rainha Mãi, a qual via que este homem lhe embaraçava muito a authoridade no governo, pois que muitas vezes succedia que a Rainha ordenava uma cousa, e que Antonio de Conti a impedia de tal sorte, que só se executava o que elle queria; por cuja causa se foi accendendo o odio na Rainha tanto contra o Principe, como contra o Conti, e buscando meios para a vingança, e para ser absoluta no governo, se possuio tanto desta paixão, que chegou aos limites da tyrannia, para mostrar que uma mulher, e Rainha estimulada passa dos maiores riscos aos maiores precipicios.

III

Do Mestre do Infante; das queixas da Rainha; do conselho do Conde.

ESTAVA encarregada a educação do Infante a D. Jeronymo da Costa, Conde de Soure, cavalhei-

ro de grandes prendas, e de mui grande capacidade; pelo que se persuadio a Rainha, que só no Conde de Soure poderia achar remedio para tudo o que lhe parecia que era contra a sua authoridade; chamando o Conde lhe foi communicando a sua mágoa, criminando ao Principe de cruel, e de tyranno, ponderando que, se chegasse a reinar, havia de dar cabo da nobresa, pois lhe era aborrecida, e em um momento o reino se perderia; que o Infante, posto que mais moço, exercia com candura obras, que o decoravão magnanimo, adornado de bons costumes, perspicaz no engenho, puro no animo; e que devia buscar-se um Rei, não para destruir o Reino, mas para o seu augmento, e para a sua conservação; que as insolencias, e atrocidades do crime erão notorias, e escandalosas a todos em uma idade ainda tenra, as quaes punhão em dúvida o que ao diante poderia succeder e resultar. O Conde não recebeo mal a proposta da Rainha, e, com o pretexto de criado do Infante, se capacitou, podia entrar neste manejo sem obstaculo da devida lealdade: — pois isto de pôr um homem Rei da sua mão, para conseguir grande fortuna, traz comsigo este perigo. Desta sorte se assentou entre os dous, que se dirigisse o negocio de modo, que podesse sortir bom effeito; para o que se devia communicar com os principaes Senhores da Côrte, e que achando-se nelles boa disposição, se prenderia o Principe com os pretextos mais honestos, e mais capazes de poderem desculpar uma tal acção.

Foi isto negociando com alguns Cavalheiros, e principalmente com os do Conselho de Estado; e não deixou a proposição de fazer a todos harmonia, pois cada um imagina como poderá avantajar a sua fortuna em a mudança de governo, sendo causada por sua disposição e valor. Fizerão de tudo isto che-

fe o Duque de Cadaval, como mais poderoso e mais interessado, e para prevenir qualquer força de armas em toda a occasião em que fossem necessarias. Vendo a Rainha e os mais, que tudo estava disposto, para poder rebater qualquer força, no caso que succedesse; fez-se Conselho de Estado, onde foi chamado o Principe; propozerão-lhe os seus crimes em maior numero do que erão; affearão-lhe o seu modo de viver, e disserão que não tractava os vassallos como taes, por que mais parecia tyranno da Monarchia, do que pai da patria; que o Reino estava tão intimidado pela conducta da sua vida, que seria facil tornar todo á affeição e partido de Hespanha; e que estando Portugal em uma guerra tão perigosa, vendo se podia conservá-la para livrar-se inteiramente da sujeição de Castella, estava Sua Magestade tractando os vassallos de tal forma, que ainda que não houvera a presente guerra, e Portugal estivesse livre da pretenção de Hespanha, com tudo os vassallos se vião tão molestados, que facilmente se entregarião, e obedecerião a outro qualquer Principe, para se livrarem dos flagellos, que por sua causa estavão padecendo; alem disto criminárão ter dado Sua Magestade a um homem de tão baixa esphera, como era Antonio de Conti, o quarto em Palacio com todos os caracteres de Grande, em lugar de uma tenda em que estava vendendo; conferindo-lhe todo o valimento, e exercicio no governo, ainda nas cousas que se oppunhão á vontade da Rainha, a qual com todo o disvello se exercitava no bem commum do Reino, em que actualmente governava: que elle fazia um aggravo tão grande aos Titulos de Portugal, que antepunha um vil aos sujeitos de grandes merecimentos e qualidades; as quaes rasões erão tão forçosas, que fazião necessario evitar o damno commum, e buscar o commum socego de todo o Reino;

pelo que valia mais fazer-se uma demonstração a Sua Magestade, que pôr-se toda a Monarchia em manifesto perigo.

IV

Das desculpas do Principe; resolução do Conselho.

Tractou o Principe de dar suas desculpas, affirmando que tudo, que se lhe imputava, era falso; por que ainda que parecia sua vida ser inquieta, isto procedia mais de natural força da mocidade, e do exercicio que elle mesmo tomava para as occasiões, que se lhe offerecessem, — uma vez que não ha no mundo quem esteja mais sacrificado a ellas — do que levado de má vontade que tivesse a seus vassallos; o que bem se via nas mercês, e lhanesa com que cada dia os honrava; o que bem se conhecia no amor com que tractava os soldados. No que respeitava a Antonio de Conti, que, como o havia tractado desde menino, lhe tinha creado alguma affeição, o que era natural, pois que até a um cão se toma, mas que esta não era para preferi-lo aos Grandes de Portugal; nem para fazer delle a estimação que dizião; que conhecia muito bem a differença de uma e de outra cousa, mas que era justo, posto que lhe não tinha mostrado sua affeição, lhe adiantasse sua fortuna, por que os Reis fazião fidalgos e titulos, e davão nobresa a quem lhe parecia. Respondeo o Conselho de Estado, que a descarga, que dava Sua Magestade, não remediava, nem podia remediar o que já estava feito; que se retirasse Sua Magestade ao seu quarto, para se verem as cousas mais de vagar. Tinhão já de-

terminado todos os da parcialidade da Rainha, que, em sendo noite se prenderia El-Rei, e Antonio de Conti o enviarião aos Brazis em um navio que estava para partir; porem pozerão toda a pressa na prisão do dito Conti, imaginando que della pendia todo o bom successo, por que como era o valido do lado do Rei, poderia frustrar todos os seus intentos; sendo certo que, nos negocios de maior importancia, se deve pôr logo em execução tudo o que póde aniquillar a causa principal do damno, não o guardando para outro dia; por que de ordinario todas as cousas que se perdem por deixá-las para ámanhã, de manhã em manhã se frustrão sem chegarem ao ultimo ponto, que se intenta; por cuja causa chegão a perder-se muitas Monarchias; mas nesta a perderão por acceleração.

V.

Da prisão de Conti; do conselho que o Principe tomou; e da retirada que fez para Alcantara.

Em quanto isto se passava no Conselho de Estado, foi o Duque de Cadaval, e Manoel de Mello ao quarto de Antonio de Conti, e o acharão cerrado; chamarão-no á porta para que abrisse; porem de dentro responderão que não abrião; pelo que partirão a buscar uma alavanca, e, rompendo as portas, entrarão; acharão Antonio de Conti tímido; porem disse ao Duque: — Como é possivel que eu veja um excesso tão grande em se quebrarem as portas no sagrado do Palacio? O Duque respondeo: — Pouco importa quebrar as portas, agora quebrar-te a cabeça importará de

muito. E lançando-lhe a mão ao pescoço o deitou fóra, e o entregou aos lacaios, que, descendo as escadas do Palacio ao logar em que estava prevenida a liteira, e o Mordomo do Duque, foi condusido a um navio, que estava a partir para os Brazis, e não esperava mais que o dito Conti, e, em este chegando, largou as vellas. Sahido El-Rei do Conselho lhe participarão a novidade, que havia, da qual conheceo o risco em que estava, e que da reprehensão passarião a violar a Magestade; e retirando-se para o seu quarto encontrou o Conde de Castello Melhor, que era o Camarista daquella semana á sua pessoa. Vendo o Conde ao Principe mui triste, com o semblante demudado, conheceo que havia causa, para que o Principe estivesse desgostoso, e lhe disse: — Senhor, diga-me Vossa Magestade a causa da sua tristeza, pois me dá grande cuidado vêr a Vossa Magestade tão rendido ao sentimento? O Principe lhe respondeo: — Conde, parece-me que querem fazer de mim o que fizerão d'El-Rei de Inglaterra. — Dizendo isto não pôde dissimular as lagrimas tanto, que estas não dessem prova da consternação, em que se achava seu coração. Referindo ao Conde tudo o que havia passado no Conselho, e o que tinhão obrado na prisão de Antonio de Conti, lhe disse o Conde: — Senhor, é mui necessario que Vossa Magestade segure sua pessoa, pois que aqui não ha mais que esperar, senão o mesmo que succedeo a Antonio de Conti. Convem que Vossa Magestade sáia logo e logo de Palacio, e depois Deos tudo remediará. — Isto se executou, montando ambos em dous cavallos; e forão parar a Alcantara, retiro dos Reis de Portugal. Deixou dito o Conde a Henrique de Miranda, que era seu companheiro, que condusisse toda a gente que podesse, e marchasse com ella para o dito sitio na mesma noite; cuja distancia

é de meia legoa de Lisboa; por que no caso que quizessem prender o Rei violentamente, se achasse com alguma defensa para o impedir. Tão bem o executou Henrique de Miranda, que, quando erão onze horas da noite se achava já em Alcantara com mais de quatrocentos homens, alem de toda a familia do Conde, e sua.

VI

Convoca o Principe os vassallos. Providencias da Rainha; conselho do Marquez de Cascaes.

MANDOU logo El-Rei escrever cartas a todos os Titulos e Cavalheiros da Côrte, pelas quaes erão chamados: todos obedecerão pontualmente. Chegou isto á noticia da Rainha, de que El-Rei não estava no Palacio, de que se havia retirado só com o Conde de Castello-Melhor, secretamente; e desconfiada da retirada do Rei, mas de que poderia conseguir seu intento, mandou chamar o Conde de Soure e o Duque de Cadaval, os quaes, querendo prevenir que os intentos d'El-Rei não passassem adiante, mandarão chamar a todos os Cavalheiros e Grandes da Côrte, da parte da Rainha Governadora, a tempo em que estes já o estavão por El-Rei, e se achavão em Alcantara; acharão sómente ao Marquez de Cascaes, o qual, á chegada da carta da Rainha, recebeo outra de El-Rei, que o chamava; e, abrindo ambas, vio que de uma e outra parte era chamado, e disse: — El-Rei me chama, e a Rainha me chama, a quem deverei obedecer? Ao meu Rei, sem dúvida; a Rainha perdôe por agora. — Tanto que a Rainha e seus

sequazes virão que nenhum dos chamados se havia achado, antes todos estavão com El-Rei, logo se julgarão perdidos; porem resolveo-se entre elles, que se não dessem por entendidos, nem se mostrassem delinquentes, mas que esperassem, a vêr se dissimulava, ou castigava o crime contra o Rei intentado: e como a Rainha tinha sido a que moveo toda a maquina, animou a todos a esperarem constantes a tempestade que podia succeder.

VII

Falla do Rei; resposta dos vassallos; carta á Rainha; entrada na Côrte.

TANTO que El-Rei teve juntos todos os Cavalheiros, e Ministros, e alguns Prelados de authoridade, lhes disse: — « Todos vós bem me conheceis por « vosso Rei, e por vosso Senhor natural; fio tanto « da vossa fidelidade, que espero em nenhum tempo « me faltareis a ella: eu me acho já em idade ca- « paz de governar os meus Reinos: a Rainha Senho- « ra minha mãi, já é tempo que descance, pois ha « tantos annos, que tem tomado sobre seus hombros « um peso tão grande, como o governo deste Reino, « em um tempo tão calamitoso, como o que tem pa- « decido Portugal com a guerra de Hespanha; assim « não é justo, que, vendo-me apto para tomar o « mesmo peso sobre mim, consinta em dilatar a in- « quietação da Rainha. » — Todos lhe beijarão a mão com submissão, e obediencia de vassallos, dizendo que muito antes havia Sua Magestade ter tomado esta resolução; dando-se uns aos outros os parabens

de terem já quem legitimamente os governasse. Logo se escreveo á Rainha, em que El-Rei lhe dizia que elle se via em idade de governar seu Reino; que Sua Magestade estava cansada do grande trabalho, que havia tido em o governo; que era justo descansasse; e alem disto outras razões mui cortezes. A Rainha lhe escreveo com o mesmo estillo, agradecendo-lhe ó querer alliviá-la de tão grande cuidado, como o do ministerio; que Deos sabia quanto ella desejava, e trabalhava pelo augmento do Reino, sò a fim de augmentar a grandeza de Sua Magestade; porem que não tinha podido mais do que conservá-lo do modo que se achava: e que ficava esperando na Divina Magestade lhe daria grandes felicidades no seu governo, com crescidos augmentos, e victorias contra seus inimigos. Escreveo-se igualmente ás Cidades e Villas do Reino, dando a todos parte do novo governo; e se determinou que El-Rei fizesse entrada pública na Côrte; a qual se fez com aplauso de todo o povo.

CAPITULO II.

I

Desterra os traidores; elege novo governo, e novo ministro de Estado.

Com a mudança do governo, mudarão todas as cousas. Mandou El-Rei passar Decreto, em que todos os da parcialidade da Rainha fossem desterrados da Côrte: este foi o principio das infelicidades d'El-Rei, e a origem da sua total ruina, pois que as conjurações, que se descobrem, primeiro se devem castigar, do que afugentar: nenhuma pessoa deve affirmar que haja conjuraçaõ, a que se não dê logo castigo: é bom descobrir a traição, porem é muito melhor castigá-la, pois que assim se evitão perigos, e se segura o Principe: os traidores são como os judeos, em quanto ao crime; mas não em quanto ás circunstancias: a um judeo, se o acha convencido a Santa Inquisição, faz todo o possivel, para que se converta ao conhecimento do verdadeiro Messias; se péde perdão, lhe é concedido, e se tem com elle misericordia, permittindo-se que viva depois de ter commettido crime contra a Magesta-

de Divina; este Tribunal, sendo de Deos, sobre a terra, aonde não ha excepção de pessoa, interesse, ou respeito humano, tracta sómente da salvaçaõ das almas, e não dos interesses do Estado. Nos traidores corre differente a paridade, pois com elles não póde haver misericordia, quando só o cutello acaba os effeitos da traição; e o mesmo que experimentou piedade no Principe, em achando occasião, será homicida do mesmo Principe; como practicárão com El-Rei os mesmos que desterrou, os quaes forão os que solicitarão a sua ruina. Fizerão-se outros Conselheiros d'Estado, mudando-se toda a ordem do governo, julgando-se que com a mudança ficava tudo seguro; — porem deixando os traidores vivos, sem necessidade. O Conde de Castello Melhor ficou no lugar de valido, e primeiro Ministro, igualmente bem merecido pelas suas muitas prendas, que pela sua lealdade. Occupou-se logo em reforçar o seu valimento, occupando para isto nos postos em que podião entrar, parentes seus, e amigos; fazendo nomear um seu thio, Religioso de S. Bento, em confessor d'El-Rei, e outro, de S. Bernardo, em Esmoller-Mór.

II

Do Ayo, que se deu ao Infante; aviso, que se lhe deu; e da sua observancia.

A PRIMEIRA cousa, que fizerão, foi dizer ao Infante, que não admittisse Cavalheiro nenhum no seu Palacio, por que poderia ter El-Rei alguns zellos, pelo que se tinha passado; e que todos os dias

assistisse a El-Rei. Não pareceo mal ao Infante este conselho, pois como se lhe havia incendido a centelha, ficou nos fumos mais soberanos; por que isto de governar, não sei o que tem, que não ha quem não falte ás leis Divinas e humanas por consegui-lo. O Infante o executou de modo, que em dous annos não consentio, que Cavalheiro algum lhe assistisse, nem o visse em seu Palacio; pelo que todos os dias, depois do meio dia, se ía para El-Rei, até á meia noite. Vendo El-Rei esta assistencia, e que juntamente o irmão de todos se separava, mostrando uma apparente lealdade carinhosa, e que nem faltaria á fidelidade de irmão, nem á de vassallo; julgando não haver malicia nelle, lhe foi tomando amor, de sorte, que o não tractava por outro nome senão de *meu Pedrinho*, não fazendo jornada, que o não levasse comsigo. Tinha El-Rei bom coração, era magnanimo, e por isso estava mais sujeito ao engano, do que ao conhecimento dos hypocritas traidores; parecia-lhe, que tudo o que tinha antes succedido, fôra mais querer a Rainha despicar-se de Antonio de Conti, do que execução resoluta de o depôr do Reino.

III

Alterações entre o Rei e sua mãi, e os vassallos o seguem.

A Rainha se mostrava fortemente afflicta; uns dizião, que por arrependida, outros, por que não conseguira o que havia intentado, dissimulava o possivel; e não fazendo caso do crime, tractou com

toda a sagacidade de congraçar-se com o Principe; — e não fôra difficultoso a não haver quem o estorvasse — e querendo dar-lhe o parabem do governo, lhe mandou pedir licença para o executar. El-Rei lhe mandou dizer o não fizesse Sua Magestade, pois que a obrigação era elle buscá-la para lhe beijar a mão, e assim lhe pedia se não movesse do seu quarto. Bem entendeo a Rainha, que aquella resposta não havia parar sómente no que significava, mas que passava muito mais adiante; e assim foi, por que, passados tres dias, lhe mandou dizer, que as inquietações de Palacio erão grandes, e que não deixaria Súa Magestade de molestar-se com ellas, e para seu socego era melhor escolher parte, onde estivesse, com mais descanso, fóra de todo o ruido; que podia escolher a seu gosto, por que elle a tudo daria satisfação, como Sua Magestade quizesse: recado claro, em que queria expulsá-la do Palacio. Respondeo a Rainha — lhe agradecia muito o zelo, que elle tinha de suas commodidades; que ella consideraria aonde poderia melhor consegui-las, e lhe enviaria a resolução. Bem conhecia a Rainha que obrava em El-Rei mais a paixão, que a obrigação de filho; mas palliava todas as resoluções, para vêr se El-Rei se esquecia do sentimento, e aggravo que tinha contra ella, pois, sendo de filho para mãi, não seria mui difficultoso; porem nada valeo para que El-Rei deixasse de proseguir o seu intento. Assim que virão, que El-Rei não dissimulava o aggravo da Rainha, todos a forão desamparando, e fazendo-lhe alguns desaires, julgando, que com similhantes grosserias fazião serviço a El-Rei; e chegou a estado de nenhuma pessoa entrar no seu quarto. Vendo-se assim abandonada, resolveo mandar dizer a El-Rei, que estava já determinada a retirar-se de Palacio, e recolher-se a uma casa de cam-

po, que está á borda d'agoa, aonde chamão o Grillo; que lhe désse Sua Magestade licença, para poder executá-lo. El-Rei lhe enviou a dizer, que tudo o que fosse seu gosto, o era para elle tambem grande; que lhe mandasse dizer, quando determinava sahir, para elle não faltar a sua necessaria obrigação. A Rainha tinha grande desejo de fallar a El-Rei; porem jámais o pôde conseguir, por que, alem de elle estar escandalisado, com justa causa, da Rainha, havia quem o dissuadisse, quando elle pretendesse uzar mais dos deveres de filho, que do respeito de Rei. O Infante, a quem ella mais queria, e que lhe era mais obrigado, não se resolvia a fallar-lhe pelo respeito do Rei. Em fim, morreo esta Senhora sem mais fallar a algum de seus filhos.

V

Sai a Rainha de Palacio, consentindo El-Rei. Morte e ultima vontade da Rainha.

Poz a Rainha em execução a saída de Palacio, por estar já desenganada, que nada seria bastante para tornar á graça d'El-Rei; — e com bastante arrependimento, por que já conhecia sua culpa, porem este então só valia para Deos — pareceo-lhe que erão já escusadas ceremonias de cortezia, e sem dar parte a El-Rei, se fez prestes para sair de Palacio para a casa de campo, aonde se retirou; mas, estando em Palacio, não pôde deixar de chegar á noticia d'El-Rei a sua partida; e estando o coche da Rainha prevenido para a dita Senhora entrar, man-

dou El-Rei pôr o seu atrás do de sua mãi; quando a Rainha chegou ao coche, e vio o d'El-Rei, mandou que este passasse adiante; disserão-lhe, que não tinhão ordem de Sua Magestade, para poder fazê-lo; esteve um grande espaço, esperando que El-Rei viesse, e logo que conheceo, que não vinha, mandou ao cocheiro, que guiasse. Avisarão a El-Rei, que a Rainha partia, e, estando já prevenido para acompanhá-la, veio com toda a pressa, e entrando no coche com o Infante, foi seguindo Sua Magestade até á dita casa de campo: chegou a ella o coche da Rainha, deteve-se algum tempo, por vèr se chegava El-Rei; vendo este que estava parado o coche da Rainha, mandou tambem parar o seu; o que feito, mandou a Rainha voltar o coche para onde estava o d'El-Rei, para poder fallar-lhe, julgando que se o chegasse a conseguir, pelo amor de mãi, pela confissão de arrependida, afiançado isto por algumas lagrimas, que derramaria, — as quaes sempre em mulheres são bem admittidas — nasceria em El-Rei alguma comiseração, e se esqueceria de todos os aggravos passados, e tornaria á sua graça. Apenas El-Rei vio a resolução da mãi, mandou logo voltar o seu coche, e com pressa se foi retirando; frustradas as ideas da mãi, acção que ella tanto sentio, que bem o mostrou a experiencia em o pouco tempo de vida, que gozou, estando ainda em boa idade e disposição. Viveo naquelle retiro só tres annos, no fim delles enfermou, de que veio a morrer. Estando nos ultimos dias, tinha grandes desejos de vêr os filhos, principalmente o Infante; pedio encarecidamente, que fizessem todo o possivel, para que ella lograsse vêr os filhos, confessando, que uma vaidade, e uma vingança a fizera chegar aos extremos, que jámais mãi alguma intentou a respeito de seu filho, o que conhe-

cia muito bem. Andava neste tempo El-Rei á caça em Salvaterra; enviando-lhe a Rainha um recado por um Religioso Carmelita descalço, chamado Fr. Antonio do Espirito Santo, varão de muita virtude, e authoridade, no qual lhe mandava dizer, que se achava moribunda, e nos ultimos artigos da vida, com fortes desejos de vêr a Sua Magestade, para dar-lhe a ultima despedida, que lhe havia fazer, e juntamente para pedir-lhe perdão de tudo, em que o havia offendido; pelo què lhe pedia pelo amor de Deos quizesse dar-lhe esta consolação; que usasse mais de misericordia, que de castigo, por que uma mãi arrependida, no estado que expunha, bem merecia o perdão. Mostrou El-Rei sentimento pela noticia, mais como em razão do Estado, que por effeitos de amor de filho. Mandou logo preparar Bergantins para passar a Lisboa, a achar-se á morte de sua mãi, tudo procedido mais de ceremonia, que de realidade. Embarcou para Lisboa, e sendo esta uma viagem, que se faz em uma maré, se gastarão tres dias, por que, estando no meio do estreito, que se passava, mandou levantar remos, e aos muzicos que cantassem; com isto deu tempo de chegar a occasião opportuna, pois, quando chegou a Lisboa, estava sua mãi já morta. Foi para Palacio, por que, nem ainda morta a quiz vêr. Muitos attribuirão a castigo do Ceo o que depois lhe succedeo, pelo máo termo, que usou com sua mãi; e esta igualmente pelo que tinha usado com seu filho.

CAPITULO III.

I

De como Conti volta, por ordem d'El-Rei, do desterro; e do que passou até beijar a Real Mão.

Logo que El-Rei concluio tudo aquillo, que era necessario para a segurança de sua pessoa, mandou vir dos Brazis a Antonio de Conti. Não faltou quem sentisse esta chamada, pelo reccio de que, com a sua vinda, poderia faltar-lhe a privança; e assim aconselharão a El-Rei, que seria mais conveniente, que elle se detivesse nos Brazis, por que lá podia Sua Magestade augmentá-lo em postos, e mercês, que lhe fizesse, e que a sua vinda não deixaria de mover inquietações com vozes differentes, que poderião fazer muito má consonancia; as especies, que já estavão esquecidas, se renovarião, seguindo-se demais algum escandalo, pois que elle tinha sido a causa de tudo, o que tinha succedido. Não admittio El-Rei conselho algum, e mandou decisivamente, que viesse. Chegado a Lisboa,

foi logo beijar a mão a El-Rei, e logo lhe disse, que se não havia levantar dos pés de Sua Magestade, em quanto lhe não désse sua palavra de fazer-lhe uma mercê, que queria pedir-lhe. El-Rei, com o amor que lhe tinha, lhe disse: — « Que cousa poderás pedir-« me tu, que eu te não faça? Eu te dou palavra fazer « tudo o que pedires. » Levantou-se Conti, e disse: — « Senhor, negar eu a humildade de meu princi-« pio, fèra ignorancia grande; reconheço que fui « um pobre homem, nascido de pais humildes, que, « trabalhando em toda a sua vida, não podérão dei-« xar-me outra cousa que uma tenda, para que eu « ganhasse o comer, como elles havião feito em o « tempo, que viverão; neste ministerio me exercia, « dando graças a Deos, em dar-me tão grande for-« tuna, para poder viver no estado, que pedia minha « esphera, quando tive a dita de que Vossa Mages-« tade, passando por todos os defeitos da minha bai-« xesa, me elevasse á sua graça, mais por grande-« sa sua, que por algum merecimento meu. Não pos-« so negar, que, vendo-me tão favorecido de Vossa « Magestade, me deixei attrahir mais da vaidade, « que do conhecimento, que devia conservar de mim « mesmo — effeitos da naturesa em que todos trope-« çamos. Confesso que me adiantei em metter-me em « algumas cousas, em que não sómente me fizerão « aborrecido, mas tambem fizerão a Vossa Magesta-« de escandaloso: — causas por onde começão as rui-« nas aos Principes, e as disgraças aos privados. — « Vossa Magestade conhece o risco em que tem es-« tado, por minha culpa; as invejas, que causei a « todos geralmente; a resolução violenta, que exe-« cutarão a meu respeito, não me valendo ainda o « sagrado do Palacio, nem o amparo do Principe; « eu sou para Vossa Magestade de mui pouco presti-

« mo, pois conheço, que em mim não ha prendas,
« que possão supprir a falta de nobresa; e que nem
« ainda para a guerra présto, por que nunca fui sol-
« dado; para conselho, muito menos, por que me
« faltão letras, júiso, e experiencias políticas. Vossa
« Magestade me tem feito mercê em honrar-me, dan-
« do-me bastante renda, e fazenda, com que possa
« passar a vida honradamente; conheço as beneficen-
« cias, que Vossa Magestade me tem feito, assim
« em mandar-me vir dos Brazis, como em outras
« muitas cousas, que de Vossa Magestade tenho re-
« cebido; e chegando um Principe a fazer tão evi-
« dentes demonstrações de amor, e vontade a um ho-
« mem tão limitado, em mercês tão relevantes, que
« excedem a minha capacidade, devem ser para con-
« servar-me nellas. Eu não terei segurança em cousa
« alguma, nem Vossa Magestade socego, se me não
« dér licença para retirar-me a uma quinta, em que
« viva em quietação, encommendando a Deos a sau-
« de e vida de Vossa Magestade, os grandes augmen-
« tos á sua Monarchia, e as victorias contra seus ini-
« migos. Esta é a mercê, que peço a Vossa Mages-
« tade, esperando que seja servido conceder-ma. » Fi-
cou El-Rei um pouco desgostado, por que lhe que-
ria muito, e disse: — « Bem sabes que sou teu ami-
« go, não posso faltar á minha palavra; faze o que
« quizeres, porêm depois não te arrependas, e cui-
« da-o bem. » — Conti ajoelhou outra vez a beijar-
lhe a mão, e disse: — « Senhor, bem o tenho
« pensado, e por agradecer a Vossa Magestade em
« alguma cousa as honras e mercês, que me tem
« feito, o quero livrar de inquietações, de que Vos-
« sa Magestade se não poderá escapar com a minha
« companhia. » Retirou-se por tanto Conti a uma
quinta sua, onde perseverou, sem mais tornar a Pa-

lacio, ou vir á Côrte; e foi causa esta modestia, que, de aborrecido, se veio a fazer geralmente amado.

II

Cinge-se El-Rei de aduladores; porem suas desordens não podem cohonestar as injurias, que lhe fizerão.

VIO-SE El-Rei absoluto, e, sem objecção alguma, rodeado de aduladores, e lisongeiros; cousa a mais damnosa nas casas dos Principes; pois a quantidade deste genero de gente, que costuma agregar-se a ellas, ou por ganhar o lado do Principe, ou por não o perder, lhe fallão sempre a favor do seu desejo, sendo o seu estudo o artificio com que lhe hão de encobrir a verdade, quando temem lhe venha a ser amarga; defendendo a entrada aos benemeritos e verdadeiros, para que o Principe não receba pena no engano, em que por elles mesmos é tractado. Era El-Rei fogoso, e um pouco temerario, amigo de valentes; effeitos da mocidade, e educação, que teve; por que, ainda que o material era bom, não deixou comtudo, nos principios do seu governo, de querer mostrar mais o senão de Principe sevéro, que o semblante de Principe amavel, tudo, causado das más companhias, que o incitavão a algumas desordens, por entenderem que nisto lhe davão gosto, e a elles se lhe seguiria augmento. Eu não posso deixar de dizer a verdade, e tudo o que vi, por que o tenho promettido, e testificado com Deos; e assim affirmo, que

executou muitas cousas, que, aos olhos do mundo, parecerão insolentes; e exercitou tambem muitas, que, aos olhos de Deos, serião mui acceitas, por serem de grande charidade e virtude. Não procedião suas acções de má inclinação, mas de más companhias, por que em breves tempos deu provas evidentes da vida em que andava: fazião-no rondar pela Cidade de noite, reconhecendo a todos, os que encontrava, com máo tratamento, que escandalisava. Virão que era inclinado ás acções de valor, e o levarão por aquelle lado; porem, o que mais lhe fez desluzir a Magestade, foi o tomar uma mulher de má conducta por Dama, e pôr-lhe casa por sua conta; e ainda que podéra desculpá-lo sua fermosura o ter com ella algum galanteio de passagem, devia obrigá-lo a soberania da Magestade a conhecer o desaire, que lhe resultaria desta assistencia, pelo mal que ella se tinha portado em sua vida: conhecerão em El-Rei inclinação á Dama, e facilitárão-lhe o peccado, louvando-lhe o sujeito; e para merecerem mais com elle, dizião-lhe, que não faltava quem a solicitava, e passeava, criminando a pouca attenção que nisto se tinha com Sua Magestade. El-Rei, como moço enamorado, o sentia extremosamente, e procurando saber de certo quem se atrevia a levantar olhos para a Dama, a quem elle assistia, lhe dizião, que F. passou pela rua a taes horas, e olhou para as janellas, e outras circunstancias, que fazião o crime aggravante, não sendo elle venal: contavão os delinquentes, horrorisavão o aggravo, e incitavão El-Rei á vingança, fazendo merecimentos de todas estas quimeras; e debaixo destes enganos affiançavão os seus augmentos, dando-lhe estas informações tão custosas ao seu gosto. Dizia El-Rei a um dos criados que lhe parecia: — Busca F., e dá-lhe duas estocadas. — Se succedia en-

carregar esta acção a algum assassino, dos muitos, que lhe assistião, não sómente o acutilavão, mas o matavão, julgando que assim fazião melhor serviço a El-Rei, e se assignalavão mais no valor; por que, os que nascerão de máo sangue, querem com os delictos ressarcir tudo o que lhe faltou de nobresa em o nascimento. Se El-Rei, pelo contrário, o determinava a algum homem honrado, dos quaes tambem tinha muitos, deixava este passar muitos dias, sem buscar o tal F., e se El-Rei lhe perguntava tinha feito o que lhe mandára, lhe respondia: — Senhor, não me tem sido possivel encontrá-lo, e pode ser que enganassem a Vossa Magestade, pois que ninguem terá a confiança, nem se attreverá a fazer uma cousa estabelecida fóra de rasão, assim pelo medo do castigo, como pela attenção e respeito que se deve a Vossa Magestade. — Dizia então El-Rei: — Fizeste bem, póde ser que seja mentira. — E na verdade, não tinha El-Rei senão aquella primeira furia, depois se dobrava facilmente a qualquer rogo; por que succedia muitas vezes descompor um criado, maltratando-o, e dandolhe, e no mesmo instante arrepender-se, e dar mostras de que o estava: e servião a muitos estes cachações de conseguir grandes mercês, fazendo mérito delles para as alcançar, pois que nelles não havia outro para pretendê-las.

III

O Infante concebe altos designios; acompanha ao Rei nas desordens; D. Rodrigo de Menezes promove a traição.

Vendo-se o Infante querido d'El-Rei, e julgando-se seguro no amor que lhe tinha, posto que tra-

zia o coração viciado com as aleivozias de D. Rodrigo de Menezes, disfarçava com tal modestia o veneno, que mais parecia antidoto para a vida do Rei, do que veneno para a sua morte. Começou a seguir os passos do Rei, juntando a si valentes e mulatos, de tal sorte que já os dous irmãos andavão em competencia qual delles tinha mais facinorosos; e desta sorte, juntando-se de noite com o irmão, os de um e do outro fazião algumas insolencias, que escandalisavão os vassallos, e offendião a Deos: estava já El-Rei em opinião de inquieto, e os que o acompanhavão de insolentes. Com este rumor conheceo D. Rodrigo de Menezes, que El-Rei estava mal quisto; que o Conde de Castello Melhor fazia todo o possivel para separar El-Rei da vida em que andava; que El-Rei era mui docil para apartar-se de qualquer vicio, e introduzir-se a virtude; intentou com isto D. Rodrigo de Menezes augmentar-lhe mais os vicios, aconselhando ao Infante, que, não sómente o acompanhasse, mas que até o incitasse a proseguir na vida que tinha. Política, sem dúvida, odiosa a Deos, e mais seguida de Atheistas, que de Christãos, os quaes defendem a seu salvo o que aconselhão, quando é inerente a rasão que se não deve aventurar aquelle, que, á custa do Eterno, compra as conveniencias temporaes com preço de um tão grande perigo, como é a perdição da alma.

IV

Incita o Infante a El-Rei aos escandalos nocturnos; mata o Infante um homem, escandalisa a Côrte.

Epois a temperança uma virtude de Principes; e méritos decentes á grandeza Real; pelo que

vem a ser indigna a crueldade, a qual os impelle a excessos, que excedem os limites da temperança: dos Principes não se devem esperar violencias, senão mercês, e estas ainda muitas vezes ficão obscurecidas com o máo trato, que muitas vezes dão aos vassallos. Excitou o Infante a El-Rei aos exercicios das continuadas saídas de noite; obravão-se muitas cousas, que escandalisavão, e sempre El-Rei o pagava nos clamores do povo, sendo dellas motôr o Infante. O que mais affligio os vassallos, e o que os pôz em maior desesperação, foi que, estando sitiada Evora, marchou toda a gente capaz para a guerra, a engrossar o exercito; em Lisboa fazião os paizanos rondas, de noite, pela Cidade; e, indo El-Rei e o Infante pela praça do Rocio, encontrarão a ronda, e disse o Infante: — Não veremos nós se estes villãos são valentes? — El-Rei, por lhe parecer que faltaria ao valor, se o impedisse, lhe disse: — Faze o que quizeres. — E logo o Infante metteo pernas ao cavallo, e se foi para a ronda; esta perguntou: — Quem acomette a ronda? — O Infante respondeo: — Que vos importa, villãos, fugi todos. — Então a ronda lhe metteo á cara um arcabuz, e lhe deo com duas ballas pela bolsa das pistollas; e logo o Infante, parelhando com o que atirou, lhe deo um tiro de pistolla, com que matou o pobre homem. Por este caso esteve Lisboa quasi amotinada, dizendo-se, que, quando os vassallos estavão arriscando as vidas, e gastando suas fazendas pela defensa da patria, e pela conservação do Rei, que elle mesmo os matava, mais por gôsto, que por razão que tivesse para fazê-lo. Tudo isto El-Rei pagava, pois, como fazia maior vulto, todos a elle apontavão.

V

Satisfaz o Rei as queixas da Côrte; recolhe-se em uma noite ferido; ouve com attenção o seu Ministro.

MITIGOU-SE o sentimento do povo, quando todos virão a grandesa, com que El-Rei se houve com a mulher do morto, e seus filhos; por que, duas filhas, que tinha, as casou logo, com dotes avantajados; um filho pequeno, o mandou trazer ao paço, dando-lhe exercicio nelle, muito mais avantajado, que a sua esphera pedia, e com renda particular, alem de um officio de justiça, que lhe deo; e a mulher lhe assignou renda bastante para passar a vida: podendo-se dizer que a mulher e filhos forão venturosos com a morte do pai, pois que nunca alcançarião tanto, por elle ser um pobre calceteiro, que apenas poderia ganhar para seu sustento, e de seus filhos. Costumava comtudo El-Rei algumas noites sair só, guiado mais pelo enthusiasmo do valor, que por occasião que tivesse para fazê-lo. Em uma dellas, não saío tanto a seu salvo, que lhe não dessem uma estocada em um epicondrio, de que esteve muito arriscada a sua vida. A cura foi occulta; mas foi mais occulto quem lha deo, pois que jámais se pôde saber. Tinha tão rendida sua vontade á do Conde de Castello Melhor, que parecia dôno de toda ella; causa da maior inveja — por ser cousa commum aos que occupão altos logares — não podia elle livrar-se das invectivas, que urdião para sua ruina, pois é muito natural em os homens,

de que hoje se perca de vista o que hontem era seu companheiro; e a mais pesada injuria, que se faz a um ambicioso, é levantar-se de seu igual. O Conde porêm se portava no seu governo de maneira, que aborrecia aos invalidos, julgando-os por inimigos de sua reputação, ainda quando lhe offerecião as perniciosas ganancias; não sendo seu cuidado outro, senão adquirir honra e gloria, não usava de prodigalidades, menos de avaresa; por que, ordinariamente, com estes dous extremos sáem todos lastimados da justiça do Ministro: aborrecia os escandalos publicos, e fugia de apprová-los; gastava todo o dia e noite com o pobre e rico, e, se não saíão despachados no que pretendião, íão consolados com o agrado, com que lhe respondia; mostrando-se brando com os pacificos e severo com os sediciosos: não dava parte a El-Rei de negocio de pouca importancia, porêm não lhe occultava os casos importantes, em que se mostrou o Conde um Ministro de toda a generalidade: aonde não ha hyperboles, nem encomios, que não sejão diminutos ás suas grandes prendas, foi que, reconhecendo que tinha inimigos, vivia com um grande cuidado; mas elles vivião com maior, para ver se podião derribá-lo.

CAPITULO IV.

I

Tomou o Infante criados de sua satisfação, dirigido por D. Rodrigo.

Estava o Infante já em quarto separado, e falto de criados; pedio a El-Rei, que lhe fizesse a mercê de o deixar nomeá-los; disse-lhe El-Rei, que tomasse os que quizesse. Sentio o Conde de Castello Melhor, que esta nomeação não fosse d'El-Rei, por que temia o que veio a succeder; mas, para vêr se podia atalhar os cuidados, que lhe dava esta eleição do Infante, que necessariamente havia de ser pelo dictame de D. Rodrigo de Menezes, poz a seu irmão Simão de Souza de Vasconcellos por governador da casa do Infante, julgando que com isso seguraria alguma maquina intentada contra elle, pois que temia muito a D. Rodrigo. Havia sete ou oito annos que o Conde de Castello Me-

lhor tinha tido uma pendencia com D. Rodrigo no jogo da pella, e com o Conde da Torre, e nella matára o Conde de Vimioso, que era da parte de seus contrários; ainda que lhe foi necessario ausentar-se do reino, viajando por Italia cinco ou seis annos, até que as cousas se compozessem, elle voltou a Portugal, e os da parcialidade contrária forão todos inimigos declarados do Conde. Era o Conde de S. João um cavalheiro, que, em valor, nenhum em Portugal lhe fez parelha, e dotado de outras prendas, de que a natureza foi com elle liberal. Em o Conde da Torre era maior a opinião, que lhe adquiria a soberba, do que os progressos, que se esperavão de sua nobreza; ambos erão soldados, e ambos tinhão sido generaes; homens, que, dando as mãos um ao outro, erão capazes das maiores façanhas. Reconheceo D. Rodrigo de Menezes que erão sujeitos instruidos; sabia que erão inimigos do Conde de Castello Melhor, com motivos para que não podesse haver razões de amisade: tractou logo de inculcar estes sujeitos para casa do Infante, e foi facil conseguir a acceitação, por que ambos gostarão muito de que os escolhessem para este exercicio. Fez mais outros dous Condes criados do Infante, que foi o Conde de Aveiras, e o Conde de Villar-Maior: estavão comtudo mui unidos a dar a mão em tudo quanto fosse contra o Conde de Castello-Melhor, por serem tambem seus inimigos, e a vir esta inimisade como por herança; pois mais facilmente se herdão os vicios do que as virtudes. Forão estes quatro Condes nomeados Camaristas da pessoa do Infante, e D. Rodrigo por Mordomo-mór, que, dissimuladamente, dando tempo ao tempo, veio a conseguir os seus intentos.

II

Simão de Souza de Vasconcellos é nomeado Governador da casa do Infante; é mal quisto, e se despede por intrigas de D. Rodrigo.

Assistia Simão de Souza de Vasconcellos, irmão do Conde de Castello-Melhor, ao Infante, como governador de sua casa, posto o mais avantajado, que nella havia: assistião os quatro Condes Camaristas, inimigos de seu irmão: a vantagem que levava Simão de Souza de Vasconcellos do logar em que estava, era quanto bastava para incitamento da inveja; depois a antiga inimisade, que havia, compunhão um todo, que era impossivel a Simão de Souza escapar do perigo, em que se achava mettido, nem do desar, com que havia de sair. Acendia D. Rodrigo o fogo com os quatro Camaristas, com palavras cheias de hypocrisia, debaixo do pretexto de serviço de seu amo; porêm verdadeiramente nascidas do veneno, que encobrião, para mais facilmente entrar no empenho, que sua maldade tinha disposto. Não communicou D. Rodrigo logo aos Camaristas o seu intento, mas sómente mettia na conversação o poder e mando, com que o Conde de Castello Melhor se achava, sem outros merecimentos, que a vontade do Rei. Aos Camaristas parecia mal esta soberania do Conde, já pela inveja, já pela inimisade; vião igualmente, que Simão

de Souza tinha na casa do Infante o maior dominio, e, como isto lhes parecia mal, começarão cada um, quanto estava da sua parte, a descomporem-no com o Infante; e ainda que Simão de Souza vivia com grande cuidado, por ver que estava entre inimigos, não lhe valeo alguma prevenção, para se livrar das más informações, que davão do seu procedimento ao Infante: sendo que não era necessario ser excitado, por que os seus intentos erão os mesmos, que os dos Camaristas. Chegou este negocio ao extremo, que, confederados os quatro Camaristas, forão pedir licença ao Infante para se retirarem de sua casa, dizendo, que já não podião soffrer a soberania de Simão de Souza, e que, por evitar alguma descompostura, que em casa de Sua Alteza podia succeder, era melhor retirarem-se elles, e se não pôrem a risco de a não poderem soffrer; e pois que o Conde de Castello Melhor era dôno e senhor de tudo, não estava tempo senão para fugir das occasiões; por que, por leve que fosse a culpa, seria grande o castigo. A isto disse o Infante, que socegassem, que elle promettia remediar tudo do modo que verião. Alegrarão-se muito o Infante, e D. Rodrigo de que os Camaristas fizessem similhante representação, pois era o que elles querião, para que, com o precipicio de Simão de Souza, tomassem assento suas maquinas, até chegar ao Soberano. Tinha D. Rodrigo muita política, e sobeja maldade, era pobre, e por isso pretendia fazer sua fortuna á custa de um delicto. Ainda não havia declarado aos Condes a intenção, que tinha, senão sómente criminado as insolencias do Conde no governo do reino, e a Simão de Souza no da casa do Infante; e em poucas palavras, dá luz a grandes discursos. Começou o Infante a pôr-se um pouco sério com Simão de Souza, em o que lhe deo a

conhecer a pouca vontade, que tinha de sua assistencia. Bem conheceo este que tudo vinha por seus inimigos; porêm dissimulava todo o possivel, por que não tomassem por pretexto, que tudo nascia mais da soberania, de que o arguião, do que da razão que tinha para isso. Não lhe bastou comtudo toda a modestia a preveni-lo de que o Infante um dia, por causa bem leve, lhe não désse com um páo; elle levou, e se calou, e prevendo que o caso não havia parar sómente nisto, mas que passaria a maior risco, com o parecer do Conde, seu irmão, pedio licença ao Infante para se retirar a sua casa, dizendo-lhe, que entendia o não servia a seu gosto, e que não era razão, que lhe assistisse contra sua vontade. O Infante, sem lhe responder, lhe deo as costas. Desta acção conheceo Simão de Souza o odio, que o Infante lhe tinha; não quiz esperar outra tempestade, e se retirou a sua casa, sem mais fallar ao Infante. Ficarão desta saída contentes os Camaristas, e o Infante se principiou a dar por sentido, fazendo traição de que se tivesse ido de sua casa, sem lhe fallar mais a elle Infante; e, para manifestar mais o seu sentimento, foi uma noite, com dous criados, esperar a Simão de Souza, que havia vir de Palacio, em parte, por onde havia de passar, que era defronte das cavalhariças do Conde de Castello Melhor; e, saindo dellas um homem, se lhe perguntou quem era; o homem respondeo, que era o cavalhariço do Conde, julgando que esta voz o podia livrar de maior perigo; porêm ella lhe custou duas cutiladas, que lhe derão, de que esteve para morrer; e vindo Simão de Souza e o Visconde d'Asseca, os forão seguindo até certa paragem, que lhes pareceo mais a proposito; derão ao Visconde duas cutiladas, de que ficou sem um braço, pois o não quizerão matar; e a Simão de Souza atirarão

dous tiros, e lhe matarão o cavallo, que ainda andou um bom pedaço, de que tirou a dita de o não offenderem.

III

Dos tiros, que o Infante mandou dar a Simão de Souza, e do braço, que cortarão ao Visconde d'Asseca, se tirou devassa, para mitigar o escandalo.

Não ha tyranno que não seja homicida de innocentes, quando as mãos de delinquentes buscão nos delictos seus augmentos; e por que acha nas virtudes esta paixão seu maior risco, é de tal condição a natureza da tyrannia, que, com a obstinação se carrega, e com a emenda se arruina. Servia Simão de Souza de Vasconcellos ao Infante com toda a satisfação, e não assistia sómente aos exercicios de criado, porem adiantava-se a tudo, o que podia servir-lhe de agrado, com os maiores extremos de amor: e todas estas acções, merecedoras de grandes premios, quiz elle pagar, tirando-lhe a vida; acção que, alem de cruel, não tem nada de christã; porem, como o Infante era tocado do contagio de tyranno, acreditava suas acções com os successos mais sanguinosos. Pouco valerião aos Condes Camaristas suas más informações, se o Infante não déra logar a suas queixas, nem a Simão de Souza, para sair do seu serviço e occupação. Fizerão estrondo em toda a Côrte os tiros, que se atirarão a Simão de Souza, porem, por que isto de ser irmão de um valido é tanto mais respeitavel, quan-

to na opinião das gentes é mais sagrado o que está debaixo do seu auxilio, se conheceo, que o raio partia de causa mais soberana; discorrendo os entendidos, que não só querião abrasar a Simão de Souza, mas ainda proceder contra cousa mais alta. Teve El-Rei noticia de tudo, e não ignorou, pouco mais ou menos, quem seria o delinquente desta acção; porem, desejando sabê-lo com mais individuação, mandou chamar a Simão de Souza, e lhe perguntou todas as circunstancias, pelas quaes se suspeitava quem lhe tinha atirado os tiros, e ferido o Visconde. Simão de Souza se mostrou tão ignorante de tudo, que respondeo, que não sabia, nem suspeitava de pessoa alguma; que seria talvez engano, como em outras muitas occasiões havia succedido na Côrte. Isto, não obstante, mandou El-Rei chamar dous Corregedores da Côrte, e lhes encarregou, que com todo o desvélo devassassem quem havia ferido o Visconde, e atirado a Simão de Souza. O Conde de Castello Melhor disse aos Corregedores, que se não cançassem na tal diligencia, e que dissessem a Sua Magestade, que não havião achado noticia alguma dos delinquentes. Assim o executarão os Corregedores, como o ordenou o Conde, dando a mesma resposta a El-Rei; ficando, por esta razão, tudo socegado, sem mais se fallar em tal.

CAPITULO V.

I

Embaixada de Hespanha: avisos de França; resposta á embaixada.

ACHAVA-SE neste tempo o reino muito atribulado, com poucas esperanças de poder manter a guerra pela falta, que havia, de todo o necessario para a sustentar e soffrer; por que, alem da falta do preciso para animar a guerra, se havia ajustado o casamento da Infanta de Castella, filha de Filippe 4.°, com El-Rei de França; capitulando esta, que não daria soccorro a Portugal, directa, nem indirectamente. E vendo-se o reino sem este auxilio, e sem forças contra uma Monarchia tão poderosa, como Hespanha, a qual, naquelle tempo, não tinha distracção para parte alguma, e só applicada, com todo o empenho, á conquista de Portugal, acabado o ultimo amigo, que Portugal tinha em El-Rei de França, era necessario que isto désse grande

cuidado aos interessados na conservação do reino. Havia conselhos e mais conselhos, porem faltavão os meios, e sobravão os temores, donde resultava mais confusão, do que resolução capaz de evitar o damno, que todos conhecião podia sobrevir. Assim que Filippe 4.º concluio o casamento da Infanta com El-Rei de França, tractou logo da conquista de Portugal; porem, como Rei catholico e magnanimo, enviou, pelo Embaixador d'El-Rei de França, que estava assistente em Madrid, uma embaixada a El-Rei de Portugal, em que lhe mandava dizer — que este reino, em direito, era seu, e que seu pai, o Duque de Bragança, se havia levantado, injustamente, com elle; que, por sua grandeza, lhe dava todas as conquistas, que pertencião a Portugal, livres, aonde podia passar-se, escolhendo a que mais propria lhe parecesse para sua Côrte, com tanto que deixasse Portugal; que fosse grato a esta offerta, pois como sabia, que elle não tinha culpa no crime, que havia commettido seu pai, queria usar com elle de benignidade, propria de um Principe Christão. Porem, primeiro que o Embaixador désse esta embaixada em publico, fez esta proposta, secretamente, da parte d'El-Rei de Hespanha; e da parte d'El-Rei de França, seu amo, disse a Sua Magestade, que não fizesse ajuste algum com Hespanha, nem desamparasse o reino; que sustentasse a guerra, por aquelle anno, como podesse; que, no seguinte, lhe mandaria tanta gente, quanta necessaria fosse para a sua defensa, e que isto dizia da parte de seu amo, que assim lhe tinha ordenado o fizesse saber a Sua Magestade. Ficarão, com este aviso, os Portuguezes com algum animo, ainda que, foi causa de que, entrando o Embaixador a dar em publico a embaixada, em presença de todos os Fidalgos, tomando a mão ao

Embaixador o Marquez de Marialva, desvanecido de ter vencido a batalha das linhas de Elvas, lhe disse: — « Senhor Marquez (pois se intitulava de Chapal) eu » me admiro de que, sendo vassallo de El-Rei de » França, de quem Portugal tem recebido tantos bene- » ficios e amparo, traga uma proposta tão ignominiosa » a El-Rei meu Senhor; até agora não derão as armas » de Portugal occasião para que Sua Magestade acceite » partidos infames; esses não devem ser recebidos por » vencedores, mas só por vencidos: em quanto eu po- » dér apertar a espada na mão, não será necessario a » El-Rei D. Affonso que outro Rei lhe faça mercês. » — Não pode negar-se que a resposta foi arrogante, porem, bem se deixa entender, que era fiada no que o Embaixador tinha dito em segredo da parte do seu Rei; e á mesma resposta, disse o Embaixador — que elle não podia sair da Côrte de Madrid a parte alguma, sem licença de seu Amo, e que nisto dizia tudo. El-Rei lhe disse — que a resposta, que podia dar a El-Rei de Hespanha, era a que tinha ouvido ao Marquez de Marialva.

II

Manda El-Rei de França o General Scomberg, e oito mil homens.

Tanto que se passou o anno das pazes de França com a Hespanha, mandou El-Rei de França sete, ou oito mil homens, entre Cavallaria e Infanteria, em regimentos formados, pagos á sua custa, sem

haverem de fazer outro gasto a Portugal, mais do que o pão de munição, e a cevada para os cavallos, isto só pelo interesse de que a Hespanha não conquistasse Portugal. Estes erão os interesses particulares, política antiga na escóla de França, aonde os principes querem aprender a augmentar suas Monarchias. Por chefe desta gente veio o Conde de Scomberg, soldado de grande valor e experiencia, como se conheceo nas occasiões de Portugal. Trouxe comsigo tres filhos, que servirão com grande opinião, crédito, e prova de valor; tambem trouxe muitos particulares, cavalheiros, e grandes soldados. Cobrou alento Portugal com este soccorro, em ver, que França, revogando Capitulos, e não preenchendo a fé, dada á Hespanha, ajudava Portugal com gente, e, com tanta liberalidade, dada á sua custa. Bem conhecia Portugal, que ella não o fazia por amor, que lhe tivesse; mas pela propria conveniencia, que tinha na conservação de Portugal: fosse porem pelo que fosse, sempre se mostrarão obrigados á correspondencia de agradecidos.

III

Remove El-Rei d'Hespanha as disposições da guerra, entregando o Commando a D. João d'Austria.

A EMBAIXADA, que enviou Filippe a El-Rei de Portugal, foi mais para justificação de sua causa, do que por esperar diversa resposta da que lhe

deu. Tractou logo, com todo o empenho, da conquista de Portugal, por que, até aquelle tempo, não tinha havido senão uma guerra de entreter, por que as divisões, que havia em outras, lhe não dava logar a emprehender devéras a conquista de Portugal; mas, vendo-se desembaraçado de todas, e com paz em França, casada a Infanta com o Rei, e um parentesco forçoso, para que as condições do casamento se não violassem — sendo que nos Reis não ha mais conveniencias, do que os seus proprios interesses — vendo El-Rei que não os tinha em que El-Rei Catholico conquistasse Portugal, no mesmo instante faltou ao parentesco, á fé, e ás capitulações. Pôz El-Rei todo o resto para a conquista, e, querendo melhor segurá-la, elegeo, e enviou a ella D. João d'Austria, Principe de singular valor, de excellente conselho, e de maravilhosa fé e lealdade, em a qual foi sempre grande, como tambem em outras virtudes heroicas, que o adornavão, do que se podia esperar grandes progressos nesta conquista, de que o fez Capitão General. Fez sua vinda tão grande cobardia em Portugal, que se podia affirmar, que todos, desde o maior até ao menor, perderão as esperanças de que podesse Portugal sustentar a guerra. Vião a Hespanha desembaraçada de guerra em toda a parte, vião-na com o poder de uma Monarchia tão grande, o qual todo havia vir sobre Portugal, que se bem este tinha soccorros de França, se não dava seguro na defensa, pois lhe não erão occultas as qualidades de um tão grande militar, como D. João d'Austria; e ainda que não fosse conhecido o seu valor e disposição, bastava ser filho de um Monarcha tão grande como o Rei de Hespanha, para fazer esmorecer os mais alentados corações. Logo que se soube em Portugal que El-Rei Filippe fazia as provisões para a conquista, e que vi-

nha D. João d'Austria, foi geral o susto em todo o reino; descorria cada um conforme o seu talento, mas todos uniformemente desconfiavão de que podesse manter-se a guerra. Os interessados na conservação da Monarchia, discorrião variamente, juntando conselhos, para ver se podião descobrir alguma via, pela qual podessem conseguir o defender-se; e supposto estavão auxiliados por El-Rei de França, todavia se não davão seguros de estar livres do raio, que os ameaçava. Confirmou-se este receio com a chegada de Sua Alteza a Badajoz. O estrondo, com que vinha, era grande, e ao mesmo passo crescia o medo aos Portuguezes, em cujo semblante se via o que tinhão no coração: fizerão comtudo aquillo a que chegavão suas forças, prevenindo-se para os acasos, que podíão succeder-lhes, buscando soccorros para poderem amparar-se nas necessidades, que lhes podessem sobrevir. Em os conselhos, que tiverão, se determinou, que se commettesse Sua Alteza com algum interesse, que o obrigasse a faltar á fé, e lealdade, que devia a seu pai e senhor, obrigando-o com promessas tão vantajosas, que o desvanecessem mais na presumpção de senhor, que de vassallo: pelo que determinarão enviar uma embaixada da parte d'El-Rei D. Affonso a Sua Altesa, desfarçada, e debaixo do pretexto de bolantim. Escolherão sujeito, capaz de o poder encaminhar, com o acerto, que pedia uma tão perigosa commissão e negocio: para o que elegerão ao Padre Antonio Caldeira, da Companhia de Jesus, sujeito de grande capacidade, e aptidão para qualquer empreza grande, por cuja direcção se havião concluido muitos negocios, com grande acerto, crédito seu, e da sua Religião.

IV

E' remettido o Padre Antonio Caldeira para Badajoz, a negociar com D. João d'Austria.

TOMADA esta resolução, mandarão chamar o Padre Antonio Caldeira, que assistia em Evora, dandolhe noticia da missão, que Sua Magestade queria fazer da sua pessoa, a um negocio do maior serviço do Rei, e reino, julgando-o capaz de tudo o que queria propôr a Sua Altesa, affiançando El-Rei todo o bom successo desta Embaixada, da boa disposição, e discripção, com que a faria, assim pela sua muita sciencia, e experiencia, como pelo zelo de bom vassallo, esperando todos da eloquencia de que era dotado, venceria todas as difficuldades, que se lhe offerecessem. Beijou a mão a El-Rei, depois de recebidos os despachos necessarios, e lhe recommendarão muito, que fizesse todo o possivel, para surtir bom effeito o negocio a que ía, por se fiar só delle a importancia de tão grande commissão, a qual se lhe saberia agradecer. Ao que o dito Padre respondeo: — « Senhor, eu não posso segurar a Vossa Magestade o « successo, e só sim posso obedecer a Vossa Mages- « tade, pois conheço que nisso lhe faço serviço, e « que pode redundar em bem de todo o reino; não « por premio, e satisfação que daqui espere, por que « na minha Religião se não attende a honras tempo- « raes, senão áquillo, que é dirigido a serviço de « Deos: isto, me parece, lhe agradará muito, e as- « sim não tenho mais do que pôr em execução, o que

« Vossa Magestade me manda, expondo-me a todos
« os riscos, e incommodos, que se possão offerecer. »
Mandou El-Rei dar-lhe todo o necessario para a jornada, e ordenou a D. Jeronymo Luiz de Attaide, Conde d'Atouguia, que governava as armas na provincia do Alemtejo, que coufina com Badajoz, para que, na primeira occasião, que houvesse Bolantim, o enviasse pelo Padre Antonio Caldeira, por que assim convinha a seu serviço. Chegado o dito Padre a Elvas, onde assistia o General, lhe presentou a ordem, que levava d'El-Rei, a que o General deo logo cumprimento em o primeiro Bolantim, que se offereceo para Badajoz. Remetteo o General ao Padre Antonio Caldeira, e indo este com todos os distinctivos de Bolantim, com sua trombeta, chegou a Badajoz, e deo o Bolantim a Sua Alteza. Tinha o Padre uma presença bizarra, conservando modestia nas suas acções; tinha idade mediana, que infundia veneração e respeito, acompanhando tudo isto uma sciencia mui relevante, com que dava em sua pessoa indicios de qualidades mui sublimadas. A primeira cousa em que se esmerou foi em fazer o seu papel de Bolantim, pleiteando a causa delle. Conheceo logo Sua Altesa, que era sugeito capaz de poder perguntar-lhe algumas cousas particulares, e nas respostas lhe agradou tanto, que adiantou as materias a muito mais do que levava o Bolantim. Houve-se o Padre com manha, e mostrando-se um pouco apaixonado por Hespanha, deo logar, a que a curiosidade causasse em Sua Altesa algum desejo de querer saber mais de raiz algumas cousas, que julgava lhe convinhão. Deo-lhe a entender o Padre, que lhe não respondia a tudo, por que havia quem o escutasse, como erão as pessoas, que estavão presentes: pelo que Sua Altesa lhe mandou que esperasse um pouco, e logo o despacharia. Retirou-se a

um quarto, e a pouco espaço o mandou chamar, aonde estava só.

V

E' admittido o Padre Caldeira á audiencia de D. João d'Austria ; este, escandalisado da proposta, o manda despedir.

Chegou o Padre aonde estava o Principe, o qual lhe disse, que lhe agradára muito o seu bom modo, e que estimaria muito ter com elle amisade. O Padre lhe disse : — « Principe e Senhor, agradeço « muito a Vossa Alteza a honra, que é servido fazer- « me ; porem a minha jornada a Badajoz com Bolantim « foi ver se achava occasião de fallar a Vossa Alteza « em segredo, e Deos é servido dar-ma tão boa, co- « mo a estou logrando. Assim espero no mesmo Senhor « me dará graça com Vossa Alteza, para que a minha « embaixada, que vem encuberta, e com o pretexto de « Bolantim, tenha bom acerto, se convier a seu santo « serviço. O meu Rei me envia a Vossa Alteza da sua « parte, a manifestar-lhe o muito que estimará, que « Vossa Alteza queira estreitar-se com elle em amisa- « de, segurando-a com o vinculo de casamento, que « offerece a Vossa Alteza, da Infanta D. Catharina, sua « irmã, joia tão preciosa como sua formusura e pren- « das o publicão ; trazendo comsigo o Ducado de Bra- « gança, e vinte mil homens, pagos á custa de Por- « tugal, para. . . . » Aqui atalhou o Principe ao Padre, e não quiz que continuasse a dizer, perguntando-lhe — « para que havião de ser os vinte mil homens ? » —

*

Oh! que bella experiencia de lealdade, aonde muitos Principes tem tropeçado com similhantes promessas! E sem esperar resposta, disse: — « Como me « manda o Duque de Bragança similhantes embaixa- « das? Vale-vos, Padre, o sagrado de Religioso, que « o de Embaixador não havia valer-vos. » E voltando-lhe as costas, mandou logo que despachassem o Theatino Portuguez com seu Bolantim. Não quiz D. João d'Austria, ao ponto de ouvir fallar em vinte mil homens, attender mais o Padre Caldeira. Cousa alguma, entre os mortaes, é mais caduca do que a fama do poder, que não estava em si mesmo: é documento certissimo, que ha de cada um amar e servir com fé constante o seu Principe; e nos corações magnanimos, jámais teve logar a affeição a outro Principe, nem esperança de fortuna alguma, ou commodidade. Assim que Sua Altesa vio que lhe fallavão em vinte mil homens, conheceo o veneno, que occultava a proposta; mas elle, que olhava ao alvo da sua fé e lealdade, atalhou, só por não vêr o fim em que havia de acabar, e por não fazer maior prova de sua paciencia. Não levava ordem o Padre Antonio Caldeira para dizer em que havião de ser empregados aquelles vinte mil homens, senão para que o Principe quizesse dispôr delles; mas o tiro era bem conhecido, pois ía todo dirigido á perdição d'Hespanha. Por tanto, póde dizer-se, que foi gloriosa a fé, e constancia de tão glorioso Principe, em despresar as grandesas, que a tyrannia lhe podéra adquirir, se acceira a offerta com que o convidárão.

VI

Volta o Padre a Lisboa; reflexão do Marquez de Cascaes sobre a embaixada.

Veio logo o Padre Antonio Caldeira a Lisboa, a dar razão da sua embaixada. Disse a El-Rei tudo o que havia passado com o Principe, como está referido. Com a resposta ficarão os interessados um pouco descontentes, porem, entre elles, houve um, que foi o Marquez de Cascaes, que, ainda que as suas acções parecião extravagantes, e não todas com muito fundamento, na apparencia erão loucuras, mas na substancia erão com prudencia, e de muito peso. Disse em conselho, que se fez sobre a resposta de D. João d'Austria: — « A mim nunca pareceo acertada « a embaixada, que se mandou ao Principe, e se eu « fôra ouvido no Conselho, em que se resolveo, que « se fizesse, a houvera de impedir, e impugnar com « as rasões, que agora direi. Primeiramente, se El- « Rei d'Hespanha conquistar este reino, que mais « mal pode succeder a Vossa Magestade, ou que mais « pode perder do que as conveniencias, que se pro- « punhão ao Principe? Offerecia-lhe Vossa Magesta- « de o Ducado de Bragança, e a Senhora D. Catha- « rina por mulher, com vinte mil homens, á custa de « Vossa Magestade; quero que o Principe acceitasse « estes partidos, e que com elles fosse traidor a seu « pai, e que com os vinte mil homens, e exercito, « que governasse, quizesse fazer-se Rei d'Hespanha, « e o conseguisse; ora não está claro, que, alcan-

« çando toda esta fortuna, e vendo-se Rei d'Hespa-
« nha, o havia querer ser tambem de Portugal, a
« quem então não valerião boas obras, nem paren-
« tesco para que Vossa Magestade deixasse de pade-
« cer desgosto, a que similhantes acções dão occa-
« sião? Tão pouco era difficultoso, antes mui facil,
« que o Principe acceitasse todos estes partidos para
« fazer serviço a El-Rei d'Hespanha, em lhe dar
« um reino sem mais custo, que o mesmo offereci-
« mento, que lhe fazião; por que assim grangeava
« merecimento com seu pai, quando, d'outra sorte,
« faltava á lealdade, e se fazia infame na opinião
« das gentes. Por tanto lhe devemos muitas obriga-
« ções, por dous principios; um, por não querer ser
« traidor a seu pai, outro, por nos não querer en-
« ganar; d'um ou d'outro modo tinhamos sempre o
« risco certo, e Vossa Magestade o perigo. Assim
« não tractemos de buscar para segurança de Vossa
« Magestade e do reino conveniencias com filagranas;
« ponhamos todo o cuidado de sua defensa nas armas,
« e no valor dos verdadeiros Portuguezes, pois sabe-
« rão todos defender as suas vidas pela conservação
« de Vossa Magestade e da patria. »

CAPITULO VI.

I

Determinão os Portuguezes defender-se; Scomberg é nomeado Mestre de Campo General; Castello-Melhor agradece acceitar.

Fez muita impressão a armonia daquelle arresoamento a El-Rei, e aos Conselheiros, de sorte que entrarão logo a tractar a disposição da defensa do reino, remettendo tudo ás armas, e ao successo, que Deos quizesse dar a quem fosse servido. Achava-se ainda na Côrte o Conde de Scomberg, que viera governar toda a gente, que El-Rei de França tinha mandado de soccorro a Portugal. El-Rei, com todos os do Conselho, estava indeciso sobre o cargo, que lhe darião no exercito. Sabião que era um grande soldado, que já tinha governado, e que se não acommodaria senão com o posto mais avantajado; por outra parte lhe parecia, que fazê-lo absoluto no manejo das armas, não era con-

veniente: primeiro, por ser estrangeiro e não vassallo, segundo, por que poderia, com facilidade, voltar a casaca em prejuiso de Portugal. Estavão com isto indeterminados na resolução do posto, assim pelo não desgostar, como tambem por se não arruinarem. Então disse o Conde de Castello Melhor — que deixassem isto por sua conta, que elle o contentaria, e seguraria Portugal dos zelos, que poderia causar a sua subordinação. Começarão logo a tractar de se defender com todo o empenho, conduzindo-se levas de gente, e os mais aprestes, que erão necessarios para a guerra; por que se sabia, que o Principe não tardaria muito a entrar com a sua gente em Portugal. Vio-se o Conde de Castello Melhor com o de Scomberg, e lhe disse, que todas as esperanças de Sua Magestade, e defensa do reino, as tinha postas no valor de Sua Excellencia, e que estavão todos tão certos nisto, que uniformemente se esperavão delle grandes successos, e victorias, e assim todo o manejo e disposição da guerra lhe entregava Sua Magestade; porêm que advertisse Sua Excellencia que estava Portugal muito falto de cabos, por que a guerra até áquelle tempo não tinha sido mais que palliada, por não ter havido occasiões, em que os Portuguezes se fizessem soldados; os quaes, supposto por naturesa erão valerosos, lhe faltava a experiencia para rebater os designios do Principe D. João d'Austria, que era grande soldado, e que juntamente tinha comsigo o mais lusido do militar. Que o governo do exercito havia de estribar todo em o Mestre de Campo General; que não havia em Portugal quem o podesse manejar; que se Sua Excellencia quizesse fazer este serviço a El-Rei, se lhe agradeceria muito, com as preeminencias avantajadas, que á sua pessoa se devião, e que El-Rei de França teria tambem muito gosto nis-

to, pois que o havia mandado a defender este reino, na supposição do muito que confiava nas qualidades de Sua Excellencia. Ao que respondeo o Conde de Scomberg: — « Alegro-me muito de que eu possa servir « a Sua Magestade em qualquer posto que lhe pare- « ça, que eu possa dar boa satisfação de mim; e « assim tudo o que Sua Magestade me ordenar, e « fòr seu gôsto que eu faça, eu estimarei que haja « em mim sufficiencia para o poder executar; não « digo em Mestre de Campo General, senão ainda « em outro qualquer posto mais inferior, em que eu « possa mostrar a vontade, que tenho, de servir a « Sua Magestade. » Agradeceo-lhe o Conde de Castello Melhor a bizarria da acção referida. El-Rei estimou muito, fazendo-o Mestre de Campo General, e Governador das armas da Provincia do Alemtejo; ao Conde d'Atouguia, Capitão General do exercito, com subordinação ao Conde de Scomberg; Affonso Furtado de Mendonça, General da Cavallaria; e a Pedro Jaques de Magalhães, General da Artilheria.

II

Entra D. João d'Austria em Portugal, e se fortifica em Arronches.

Nos fins de Maio d'aquelle anno, sahio o Principe com o seu exercito mediano; não era demasiado seu poder, por que os designios com que vinha não pedião maior poder de exercito, para haver de consegui-los. Sahio de Badajoz, fez sua marcha por

Campomaior, e á sua vista aquartelou o exercito; no que deo a entender, ía sitiar aquella praça; mas ao outro dia, de manhã, se poz em marcha, e se metteo dentro em um logar, que chamão Arronches, aberto e sem defensa alguma. Alli esteve quarenta dias, começando a fortificá-lo, desde que entrou nelle, e vendo que já estava em estado de defensa, se retirou a Badajoz, sem fazer outra alguma operação, deixando muito boa guarnição, e a D. Ventura Tarragona por Governador, para que adiantasse as fortificações, e as aperfeiçoasse, por ser insigne nesta arte. Foi o desígnio de Sua Altesa grande, como se conheceo, correndo o tempo; por que ainda que se não fazia caso deste logar, por debil que era, depois de fortificado com guarnição e cavallaria, como estava dentro de Portugal, se experimentou o muito damno, que fazia á Provincia com as entradas da cavallaria, que roubavão todo o paiz; e foi de grande destruição para os paizanos. Tambem sahio o exercito de Portugal á campanha naquelle tempo, mas não obrou cousa digna de relatar-se, se não guardar o paiz, e dizer-se que havia exercito em campanha. Não houve naquelle anno cousa de consideração, senão entradas de cavallaria, e alguns encontros, que houve de uma e outra parte. Em Portugal e Hespanha se fazião provisões para o anno seguinte; uns para a defensa, outros para a conquista. El-Rei e os Conselheiros tractarão de mudar os Cabos do exercito, buscando sujeitos mais idoneos, a seu parecer, para o governo delle. Ao Conde d'Atouguia tirarão o posto de Capitão General, e como era homem de muita supposição, pelo não deshonrarem, lhe derão o posto de General da armada real; e como tinha mais de soberbo, que de soldado, por que nunca o havia sido, agradou muito aos soldados esta transferencia do Conde; que

na verdade os que governão exercitos, ainda que sejão Principes Soberanos, devem usar mais de agrado com os seus soldados, que não de soberania e poder. Em logar do Conde d'Atouguia, enviarão por General o Marquez de Marialva, que, ainda que tambem tinha a falta de ser soldado, tinha da sua parte a fortuna, que sempre o favoreceo nas occasiões do maior empenho, e mais crédito, como foi haver vencido a batalha das linhas d'Elvas. Julgando pois o Marquez de Marialva, que levando comsigo, por General da Cavallaria o Conde da Torre, a quem a opinião tinha concebido créditos de valor, pedio a El-Rei mudasse Affonso Furtado de Mendoça, de General da Cavallaria a outro posto, e que o Conde da Torre ficasse no logar delle, exercitando o dito posto. Concedeolhe El-Rei; e fez Affonso Furtado Governador das armas Provincia d'Almeida, que confina com alguma parte de Galliza, e ao Conde da Torre, General da Cavallaria do Alemtejo. Ficou satisfeito o Marquez de Marialva, por que tinha para si, que só o nome do Conde da Torre, bastava para conseguir grandes progressos, e não menos honra e reputação ás armas de Portugal; mas succedeo pelo contrário, como adiante se dirá.

III

Casamento da Infanta D. Catharina com El-Rei de Inglaterra; contracto do Dote; e de como é transportada.

VIA-SE Portugal um pouco atropelado pelas poucas forças com que se achava, e pelas muitas

com que se aprestava Hespanha para a conquista. El-Rei de França offerecia toda a gente, que fosse necessaria para a defensa; comtudo, bem conhecia El-Rei, e todos os Conselheiros, que a todo este offerecimento não faltaria França. Porem discorria por outra parte, que entrando exercito maior do que convinha de Francezes em o reino, seria mui facil, que El-Rei de França, com algum pretexto, que nunca falta á malicia interessada, se quizesse fazer senhor de Portugal. E como o Francez está tão conhecido no mundo, não seria occioso valer-se de todas as prevenções, que podesse, para não vir a cair no laço da sujeição. Não quiz, por esta causa, continuar a admittir soccorros maiores de França, que os que tinha, que erão de sete a oito mil homens, por que receava maior ruina, do que lhe podia vir d'Hespanha. Tractarão, a toda a pressa, á vista disto, de casar a Infanta Dona Catharina com El-Rei de Inglaterra; considerando que, com este parentesco, serião muito soccorridos nos casos, que se offerecessem, e que, quando fosse adversa a fortuna a Portugal, e El-Rei d'Hespanha lograsse a sua conquista, teria o Rei aquelle refugio e amparo, assim para sua pessoa, como poder tornar a restaurar o perdido, ajudado de França e Inglaterra, que sempre lhe assistirião. Determinarão por tanto eleger sujeito idoneo para que tractasse o casamento, sem limitação de dote, senão que fosse todo á vontade do Rei de Inglaterra. Fez-se eleição para este negocio de D. Francisco de Mello e Torres, cavalheiro particular, mais pelo seu bom juiso, que outras algumas boas partes que tivesse; e tambem por ter ja dado mostras do seu talento em outras occasiões de importancia. Encarregou-se-lhe esta embaixada, que para Portugal era da maior consequencia, que então se julgava. El-Rei o fez Conde

da Ponte, para que, com este caracter, podesse, com mais confiança, exercer a commissão, que levava a seu cargo. Chegou Francisco de Mello a Inglaterra, foi muito bem recebido d'El-Rei, o qual foi facil em acceitar o casamento, pela razão dos interesses, que lhe propoz, pois lhe concedeo tudo o que El-Rei pedio. Pelo que podemos dizer que o compramos, pois se lhe derão dous milhões em dinheiro de contado, e outros dous milhões em joias; de sorte que ainda hoje se estão pagando juros dos que se tomarão a particulares. Deo-se-lhe tambem a Praça de Tangere, e duzentas peças de artilheria de bronze, de todos os calibres, cavalgadas, e com todas as munições, que alli havia, que erão muitas; Praça de tanta consequencia, que com ella julgou El-Rei de Inglaterra que se havia fazer senhor de todo o Mar Mediterraneo: e para ter alli uma armada existente, mandou fazer um molle, como o de Genova, no qual se trabalhou dezoito annos, gastando-lhe nelle muitos milhões. Estando já meio feito, com os mares naquellas partes tempestuosos, conhecerão os Inglezes, que não poderião conseguir a perfeição da obra, e com isto abandonarão a Praça, e a deixarão aos mouros, que hoje a possuem com bastante detrimento da christandade. Derão-lhe tambem uma Praça na India Oriental, e que em todos os portos de Portugal não pagassem os Inglezes das mercadorias que vendessem, mais do que ametade dos direitos. Foi um dote louco, e para Portugal uma grande perdição, por que estando tão falto de dinheiro, e sendo na occasião de uma guerra viva, claro está, que havia experimentar a falta, que geralmente se conheceo no reino. Porem, como se julgava que neste casamento consistia a segurança do reino, se atropelou tudo só a fim de o conseguir. Ajustado isto enviou

El-Rei de Inglaterra uma armada, que levasse a Infanta; pelo que houve em Portugal grandes demonstrações de alegria, com grandiosas festas, e gastos, que El-Rei fez, usando de tanta grandesa com sua irmã, que se disse geralmente em Lisboa, que a recamara, que levava a Infanta, valia outros dous milhões. E que mal lhe pagou esta Senhora a liberalidade, e amor que lhe devia, pois, vendo-o decaido, foi tambem contra elle!

CAPITULO VII.

I

Castello Melhor vigiava pela segurança do Rei o do reino; o Infante e D. Rodrigo de Menezes em semear a futura traição.

ENTRE todos estes entretenimentos em que se achava Portugal, não havia descuido no que importava á defensa do reino, e nas prevenções para a guerra. O Conde de Castello Melhor tinha sobre si todo o manejo do governo, com tanta confiança d'El-Rei, que tudo lhe encarregava, e de tudo elle dava boa conta; o que causava maiores estimulos a seus inimigos de buscarem os meios de o precipitarem; porem forão necessarias muitas maquinas, e infames astucias para chegarem a derribá-lo, como por tempo veio a succeder: por que não é facil em uma Côrte cheia de homens, que se occupão mais no vicio do saber demasiado, que na condição de parecer ignorantes, que deixem de co-

nhecer a qualidade dos Ministros, mais pelas obras, que pelas palavras. Estava já tão conhecido o Conde na estimação das gentes por honrado, que forão necessarias todas as industrias, e cautellas, com pretextos do bem commum, para o perder. D. Rodrigo de Menezes, e os Camaristas do Infante já tinhão feito pandilha, attraindo a si os parentes, amigos, e descontentes, que nunca faltão. O Infante, pela sua parte, estudava em congraçar-se com a gente de guerra. Andavão na Côrte muitos soldados, e Cabos militares em suas pretenções; para qualquer posto havião muitos pretendentes, e como se não podia dar mais que a um, os que ficavão de fóra o sentião, e formavão suas queixas; cousa muito usada e sabida entre os soldados, que se alimentão mais em referir desgraças, que de outra cousa em que lhe vá mais bem. A estes queixosos mandava o Infante chamar, e acariciava muito, mostrando-lhe grande sentimento de que não tivessem saído com o que, tanto á custa do seu sangue, havião merecido; sendo a tão avultados serviços, pequeno o maior premio; e dando-lhes a entender, que as insolencias do Conde de Castello Melhor era a causa da má satisfação dos seus serviços; porem que esperava em Deos se havião mudar as cousas de sorte, que conhecesse El-Rei o grande prejuiso, que tinha na continuação do governo actual, e a grande necessidade de reforma nelle, para que se desse a cada um aquillo que merecia; que elle de boa vontade exerceria qualquer emprego, que conduzisse ao maior alivio dos soldados, a quem tanto amava, segurando-lhes que, a tê-lo, serião todos remediados, e satisfeitos, conforme seus merecimentos. Lição de D. Rodrigo, por cuja direcção corrião todas as maquinas deste edificio; usando o mesmo que succedeo a Abbselão, quando quiz rebelar-se contra seu pai;

porem com melhor fortuna que a de Abbselão. Muitos havia, a quem causava armonia toda esta lisongeira demonstração do Infante; alguns cordatos não deixavão de a conhecer, pois que uma cousa pretendida de muitos, forçosamente havia de caber a um só; e assim lhe não fazião muita impressão as quimeras, com que o Infante os queria obrigar; por que vião a legalidade com que o Conde repartia os premios aos pretendentes, e a justiça, com que dava os postos aos soldados; experimentando juntamente a grandesa com que El-Rei a todos soccorria com ajudas de custo (que nisto foi magnanimo), do que procedia saírem muitos contentes, assim da presença do Rei, como do agrado do Conde.

II

O Marquez de Marialva foge do inimigo; retira-se a Estremoz; é perseguido do inimigo; intenta enganá-lo com uma carta.

Sabia-se em Portugal, que D. João d'Austria adiantava as prevenções para a guerra este anno, mais que o passado; pelo que se principiou a prevenir todo o possivel, com as esperanças de que lhe viria um grande soccorro, e que com a gente, que havia no reino, esperavão se podia defender o paiz. Estava o Marquez de Marialva, com os Cabos do exercito, na Provincia do Alemtéjo, na Praça de Estremoz, donde mandou metter em todas as praças fortificadas todo o necessario, tanto de gente, como

de munições; e com seis mil infantes, e mil e quinhentos cavallos, marchou a Elvas, e fez frente de bandeiras a Badajoz. Logo no outro dia sahio Sua Altesa com o seu exercito, que constaria de dezeseis mil infantes, e mil e quinhentos cavallos, pouco mais ou menos. Pelo que foi necessario ao Marquez de Marialva pôr-se logo em marcha, a qual fez com tanta pressa, que em breve tempo marchou tres legoas. Não teve o exercito d'Hespanha noticia deste movimento, por que, a tê-la, fizera sua cavallaria avançada ao pé do exercito de Portugal, em quanto chegava a infanteria em seu seguimento, e o derrotara todo. Pelo que foi a gente de Portugal, naquelle mesmo dia, refugiar-se a uma terra, a que chamão a Asseca, que dista uma pequena legoa de Villa Viçosa; e o exercito se aquartelou a um lado de Elvas. Marchou o Marquez, ao outro dia de manhã para Estremoz, onde tinha todas as munições e bastimentos; e Sua Altesa, no mesmo dia, fez marcha direita pelo caminho de Estremoz, e á noite se aquartelou na fonte chamada dos Sapateiros. Soube o Marquez que o Principe trazia marcha direita a Estremoz; deo-lhe grande cuidado, por que se via com mui pequeno poder; pois ainda que a gente, que tinha, era a melhor do exercito, por ser toda de soldados veteranos, e não poucos para poder fazer opposição ao exercito d'Hespanha, quiz valer-se de um estratagema, que, por muito usado no militar, já se não faz caso delle. Buscou sugeito capaz, que soubesse representar bem o que intentava; e foi um Alferes reformado, soldado veterano, de quem se esperava, que désse boa conta de tudo, o que se lhe commettesse. Apontou-se-lhe pois caminho direito de Estremoz a Elvas, pelo qual Sua Altesa fazia marcha, e com uma carta supposta a João Leite d'Oliveira, que governava El-

vas, em que lhe mandava dizer, que elle se achava em Estremoz com um grosso de exercito de dezoito mil homens, entre cavallaria e infanteria, e que aquella noite esperava se encorporasse com elle o soccorro, que vinha de Lisboa, que era de nove até dez mil homens; e que em menos de tres dias se acharia com outro soccorro do reino para ir buscar o inimigo, e pelejar com elle, alem disto outras cousas mais, que vinhão a proposito. Fez o Alferes gentilmente o seu papel, correo, fazendo caminho a Elvas; e assim que conheceo que os batedores inimigos o tinhão visto, fingio querer esconder-se, apartando-se do caminho, e mettendo-se ao monte. Foi apanhado dos batedores, que depressa o conduzirão a Sua Altesa, o qual, perguntando aonde ía, e que levava, respondeo que — uma carta do Marquez de Marialva para o Governador de Elvas. — Disse-lhe o Principe: « Filho, torna para traz; ao Marquez dá a carta, e « dize-lhe que eu mesmo a não quiz ver, por que is- « so é já muito velho; e que ámanhã, pelas oito ho- « ras da manhã, tenho de lhe fazer uma visita. » O mesmo que succedeo a Julio Cesar com as cartas, que Pompeo enviava a Roma. Voltando então o Alferes, com toda a pressa, foi dar conta ao Marquez.

III

Conselho, em que os Fidalgos Portuguezes votão contra Schomberg; este se quer retirar; são obrigados a segui-lo; e manda levantar um forte.

Causou esta bizarria do Pincipe algum medo e confusão nos Portuguezes, e no Marquez grande

cuidado. Fez conselho de guerra, sobre o que se devia obrar. Forão os Cabos do exercito de parecer, que se retirassem a Evora-Monte, que está em uma eminencia grande, e que se não arriscasse aquelle pé de exercito, por ser a gente, em que se estribava toda a defensa do reino; e que alli se poderião ajuntar todos os auxiliares e milicias, para formarem um exercito, que podesse fazer opposição á Hespanha. Todos os Cabos Portuguezes forão uniformemente deste parecer; ao que o Conde de Schomberg, levantandose, disse: « O meu Rei me manda a esta guerra, a a-
« judar a defensa deste reino, tão interessado na con-
« servação delle, como o mesmo Rei de Portugal; e
« assim, a resolução, que V. Exc.ª toma, de se re-
« tirar, e de marchar a Evora-Monte, será uma re-
« tirada funesta para Portugal; por que, reconhe-
« cendo o inimigo que lhe fugimos, e lhe deixamos
« o campo livre, e sem opposição alguma, destrui-
« rá o campo, de sorte que não fique pedra sobre
« pedra, e se fará senhor de tudo o que quizer; por que,
« em quanto se juntarem os soccorros, tem elle tem-
« po de executar todas as hostilidades, que lhe pa-
« recer. O que devemos fazer, é resolvermo-nos a
« levantar terras, e cobrirmo-nos á sombra desta
« Praça, e cobertos esperar o impeto do inimigo;
« por que, ainda que somos poucos, somos bons; e
« no caso que nos avancem, nos rompão, e nos der-
« rotem, ficarão elles tão diminuidos, que não pos-
« são depois obrar cousa alguma; por que é mui dif-
« ferente pelejar detraz de uma parede, que a peito
« descoberto. Este é o meu parecer, e o que todos
« devemos obrar, e o contrário será uma perdição. »
Não pareceo bem aos Cabos Portuguezes a resolução, e dictame de Schomberg; e assim a rebaterão, dizendo, que estavão firmes no que tinhão dito. Tanto que

Shcomberg vio que os não podia mover, lhes disse: « V.as Exc.as se fiquem com Deos, porque eu parto « para Lisboa, a dar conta a El-Rei da minha reti- « rada deste exercito, e, passando a França, me des- « carregarei tambem com o meu Soberano. » Sahio-se do Conselho, ficando todos os mais. Chegando á sua tenda mandou emmalar o fato, e ensilhar os cavallos para fazer jornada. Ficarão os Portuguezes irresolutos com a determinação de Schomberg. Sabia-se que era grande soldado, já experimentado em grandes occasiões; e assim, se lhes succedesse mal na retirada, que estavão determinados a fazer, ficavão criminosos para com o Rei e reino; fazendo-lhe a retirada de Schomberg mais grave o delicto. Com isto assentarão em que se seguisse o voto de Schomberg. Para o que forão á sua tenda buscá-lo o General da Cavallaria, que era o Conde da Torre, e o General da Artilheria, Pedro Jaques de Magalhães, dizendo-lhe — que todos os Senhores do Conselho estavão resolutos a que se fizesse o que Sua Excellencia tinha proposto: assim, que não havia mais que pôr mão á obra, e encommendar o caso a Deos. Ficou, com isto Schomberg contente; e na mesma hora, que seria a quarta da tarde, começou a delinear a fortificação, reduzindo-a á mais angusta que pôde, para que, com a pouca guarnição, que tinha, ficasse mais forte. Começou a trabalhar, não exceptuando pessoa alguma, antes todos assistirão ao trabalho, como qualquer soldado. E assim, a cavallaria, vivandeiros, arrieiros, mulheres, e os cabos maiores levavão a faxina igualmente com todo o desvello. Ao outro dia, sendo ainda sete horas da manhã, estava aperfeiçoada toda a linha; e ás nove estava o exercito d'Hespanha á barba com ella.

IV

D. João d'Austria acha os Portuguezes fortificados; parte a render o Castello de Borba; desgraçada morte d'um Portuguez.

VINHA o exercito formado em batalha; e assim que Sua Altesa soube que os Portuguezes o esperavão encubertos e fortificados, mandou fazer alto ao exercito, e pôz uma bateria de nove canhões á linha. Corresponderão-lhe os Portuguezes com outra similhante, e se estiverão canhoando todo o dia, sem parar. Continuarão de noite, de uma e outra parte. Houve tambem naquelle dia uma brava escaramuça, em que os Portuguezes lançarão fóra da linha vinte e cinco esquadrões de cavallaria; e de ambas as partes chocarão com muito valor; ainda que isto de escaramuças se leva mais pelas apparencias de bizarrias, que pela temeridade nos riscos. Tudo isto acabou com a noite, em que se prevenirão os Portuguezes da maior vigilancia, esperando a incertesa, se lhe avançarião ou não as linhas. E, pelo que podesse succeder, guarnecerão toda a linha de mosquetaria, estando a mais gente formada toda de traz desta guarnição. Cada batalhão de Infanteria estava cuberto pelos dous lados com um esquadrão de cavallaria, e isto em toda a circumvallação da linha, deitando fóra suas sentinellas, que toda a noite estiverão tocando ás armas, para que estivessem com cuidado

os soldados. Amanheceo, sem que aquella noite se fizesse mais, do que guardar-se um exercito do outro. Disse-se que houverão conselhos no de Hespanha, se avançarião as linhas, e se resolveo, que não convinha, que era melhor sitiar alguma Praça, do que arriscar-se, e pôr-se a perigo de perder-se na entrepreza das linhas. Com isto, ás oito ou nove da manhã, começou o exercito sua marcha para um logar, que chamão Borba, onde achou uma pouca de defensa no Castello, por que o logar é aberto. E tractando de querer rendê-lo, estavão os paizanos nas muralhas, e um Capitão de infanteria, com a sua companhia, da parte de fóra, na estacada. Porem os ditos paizanos, sem dar conta ao Capitão, deitarão bandeira branca, fazendo signal de chamada. Mandou logo o Principe um Tenente General de Infanteria, que fosse vêr o que querião. Veio-se chegando o dito Cabo ao Castello, e como o Capitão da Infanteria não sabia nada da chamada, lhe mandou dar uma descarga, com a qual ficou morto o Tenente General. Acodirão os paizanos, tanto que virão o Cabo morto, aonde estava o Capitão, e se levantarão contra elle, querendo matá-lo. De sorte, que se vio obrigado a defender-se de uma tão grande semrasão, que só de villãos se podia esperar. Rendeo-se o Capitão, e o Principe, irritado da morte do Tenente General, lhe mandou dar garrote. Procedeo o Principe, nesta acção, mais apaixonado, que excitado da lei da guerra, por que soube muito bem, que o Capitão não havia tido noticia da chamada, que fizerão os paizanos. Alem de que, o Capitão governava toda aquella gente, e esta não podia chamar, sem ordem sua. Foi muito estranhado este supplicio, pois mais parecia nascido de crueldade, que de justiça. A morte do Capitão Francisco Rodrigues

Preto (que assim se chamava) foi muito sentida, assim pelo desastrado della, como pelas qualidades, que este tinha de valor.

CAPITULO VIII.

I

D. João d'Austria vai sitiar Jerumenha; e nisto perdeo a conquista de Portugal; parte a soccorré-la o Marquez de Marialva.

Marchou o Principe, de Borba para Jerumenha, onde deo principio ao sitio, que pôz a esta Praça. Está ella situada nas margens do Guadiana, tres legoas d'Olivença, e outras tantas de Badajoz. Ficarão os Portuguezes com grande alento, e o Conde de Schomberg bastantemente desvanecido de que ao seu parecer se conformasse tão bom successo; pois que as acções, logradas com boa fortuna, servem de gloria aos que as alcanção, e de menos lustre aos que as perdem. Sendo, digo, para Schomberg gloriosa, lhe podia sair funesta; por que, logo que o Principe chegou a Estremoz, vendo que os Portuguezes estavão cubertos, e determinados a pelejar com fortificação, vendo que Estremoz era uma Praça aberta e sem

defensa alguma, aonde estava todo o trem de artilheria e bastimentos; se deixára a linha, e por um dos lados entrára dentro da Villa; se pozera sitio ao Castello, aonde estavão todos os mantimentos para o exercito de Portugal, o ganharia em breve tempo, por ser o Castello fraco, e a Villa rica, e com isto tirára todos os soccorros aos Portuguezes, só com estar na Praça; por que, fazendo isto, nem o exercito de Portugal poderia ter soccorro de parte alguma, nem podia retirar-se sem ser sentido. E assim, de um ou de outro modo, se Sua Altesa entrasse em Estremoz, se perderão os Portuguezes, e todo o reino; por que, destruindo-se aquelle pé de exercito, se perdia tudo. E de não obrar Sua Altesa isto, creio que foi pouco conhecimento do reino, e falta de quem o advertisse. Ficou Schomberg luzido nesta acção, por que, havendo bom successo, se encobrem as faltas, e se celebrão as fortunas. Assim que se soube que Sua Altesa tinha ido sitiar Jerumenha, se tractou, com grande cuidado, de ir soccorrê-la. Juntarão-se, a este fim, todas as milicias, e soccorros, assim de cavallaria, como de infanteria, e tudo o mais necessario. Com o que, formado um exercito de quatorze mil homens infantes, e quatro mil cavallos, pouco mais ou menos, se pôz o Marquez de Marialva em marcha, para soccorrer a praça, e em dous dias deo vista de Jerumenha, resoluto a soccorrê-la a todo o risco. Chegou a aquartelar-se perto da linha, que, com bons chuveiros de artilheria o recebeo. Reconheceo que a linha era muito forte, e que o terreno, por natureza, a tornava inconquistavel. Por cuja causa principiarão os Conselhos, que se virão logo variar em opiniões differentes; por que, em taes casos, faltando a conformidade, são certos os erros. Determinou-se ganhar um forte, que os sitiadores tinhão feito. Estava

da outra parte do rio, que chamão Mures, que alli entra em Guadiana: e ganhado este, seria facil por alli entrar o soccorro. Era o rio muito fundo, e não podia vadear-se, pelo que, numerando-se os terços, que havião ir á avançada, se mandou que cada soldado levasse uma acha de fachina para com ella poder palpar o rio, e passar com mais facilidade. Feita esta diligencia, e posto tudo em ordem, para que, logo que anoitecesse, se fosse ganhar o forte, se reparou que marchavão a elle muitas companhias de Infanteria, o que deo cuidado aos Portuguezes; e logo na mesma hora se soube que um soldado de cavallo Francez, em uma escaramuça, se havia passado aos Hespanhoes, e dado conta aos inimigos da prevenção, que havia, para que, naquella noite, se ganhasse o fórte de Mures. Esta foi a causa de entrar tanta guarnição no dito fórte, e de ficar frustrado este soccorro. O exercito se pôz logo em marcha para Estremoz, depois de estar tres dias a peito descoberto a todo o rigor da artilheria, com perda de muita gente.

II

Continua o attaque de Jerumenha; não aceitão capitulações; dão fogo ás minas; offerecem segundas capitulações; não são aceitas.

Ia Sua Altesa continuando os attaques da muralha, com sua bateria, de noite e dia, com dous canhões de quarenta e oito libras, que chamão as duas

irmãs. Era Jerumenha praça pequena, e de pouca provisão; mas na paragem, onde se achava situada, era de muita consequencia para Hespanha, e de perda para Portugal. A fortificação, ainda que moderna, era fraca; nella havia dous mil e quinhentos soldados veteranos, e uma companhia de cavallos. Governava tudo isto um Mestre de Campo, que se chamava Manoel Lobato Pinto, bom soldado, a quem a fortuna tinha dado occasiões de crédito, pelo seu valor, que o tinhão elevado ás honras, que occupava. Assim que os Hespanhoes ganharão as paliçadas, e algumas obras exteriores, que havia na praça, começarão logo a minar; e a bateria trabalhando sempre a muralha, que com muitos tiros se ía derrubando. Depois de completas as minas, e mui bem attacadas, fizerão uma grande brecha. Mandou então Sua Altesa dizer ao Governador — que visto o aperto, em que estava a praça, a entregasse, e lhe faria bons partidos, quando não usaria de todo o rigor da guerra. Isto passou, estando todo o exercito dos Portuguezes á vista da linha. Por tanto, respondeo o Governador como soldado, dizendo — que tinha o seu General á vista, e que, por si, não podia responder a proposta alguma, nem dizer nada sobre o que esta continha; que fizesse Sua Altesa a mesma admoestação ao General, e que, se este o mandasse entregar, o faria. — Com esta resposta, mandou Sua Altesa, á vista do exercito de Portugal, dar fogo ás minas, e ao meio dia deu duas avançadas á brecha: bizarria militar, ainda que arriscada. Sendo que ha opiniões, que dizem, obrão mais os aproches de dia, que de noite, por se verem uns aos outros; a mais certa é condemná-los em uma e outra occasião, por que, com elles, nunca se ganha Praça, e se succedeo alguma vez, foi rara, e não é mais que humana carniceria dos que avanção.

Continuou Sua Altesa o sitio, apertando a Praça: os sitiados a defendião com grande valor. Erão as avançadas contínuas de dia e de noite: a brecha cada vez era maior. Algumas minas tinhão voado; e o exercito de Portugal se tinha retirado. Pelo que, mandou Sua Altesa um Bolantim ao Governador da Praça, dizendo-lhe — que elle havia pelejado como bom soldado, e cumprido sua obrigação; que tinha perdido a esperança de ser soccorrido pelo seu exercito, pois que este se tinha já retirado; e que estando já abertas as minas, e a brecha sem defensa, quizesse entregar-se, que elle lhe faria honrados partidos, pelo bem que havia pelejado. O Governador respondeo — que elle defendia a praça com soldados e munições; que, em quanto estivesse abundante de tudo isto, não se entregava, ainda que as muralhas estivessem demolidas. Foi-se, com esta resposta, continuando o sitio, e se começarão a fazer minas, com suas ruas até ao meio da Praça. O Governador se prevenia para a defensa, fazendo-se os cortadores assim á brecha, como ás partes, que lhe parecia serião necessarios.

III

Entra em Portugal um grosso de Cavallaria; parte contra ella o Conde da Torre, e D. João da Silva; é preso, por desordens, o Conde.

Por estes mesmos dias D. Diego Cavalhero, General da artilheria hespanhola, com um grosso

de cavallaria, fez entrada em Portugal. Foi logo sentido; e achando-se o Marquez de Marialva com o exercito em Villa Viçosa, mandou ao Conde da Torre, General que era da cavallaria, que marchasse a buscar o inimigo, e pelejasse com elle. Era Tenente General D. João da Silva, que estava em Elvas com alguns esquadrões de cavallaria. A este mandou que se encorporasse com o Conde da Torre, a todo o risco, aonde chamão a fonte dos Sapateiros. Elle se unio ao General com a sua cavallaria, e ahi se soube, que trazia a hespanhola a marcha em direitura por aquella parte. Pelo que, pondo-se em cilada, chegou a cavallaria de Hespanha, e marchando com alguma pressa, fazia lado ao logar, em que o Conde da Torre estava. Deixou este passá-la, e mandou a D. João da Silva, com duzentos cavallos, fosse picando o inimigo pela reta-guarda, que elle seria logo com elle. Obedeceo o Tenente General á ordem, e se poz na reta-guarda do inimigo com todo o valor, pois se sabia, que era dos melhores da cavallaria ligeira, que havia em Portugal, e se empenhou de tal modo, que perdeo alguns soldados. E mandando dizer por muitas vezes ao Conde da Torre, que o seguisse Sua Excellencia, por que esperava ter um bom dia, não se moveo o Conde, nem deu passo da paragem, onde estava pasmado. E conhecendo D. João da Silva, que o seu General o não soccorria, e que se lhe continuava a perda da gente, com que seguira o inimigo, e que se podia perder toda, fez alto, e esteve esperando até á noite que viesse o Conde; e como vio que não vinha, foi procurá-lo aonde o tinha deixado formado. Achou que elle se tinha retirado, pelo que partio para Elvas. Deo o Conde suas desculpas ao Marquez, criminando D. João da Silva; dizendo que elle fôra o culpado de não lograr o lance. Fazia o

Conde grande ostentação em materias de valor, e como era menor a opinião de D. João da Silva em o particular de soldado, o Conde, como mais poderoso, authorisava mais o seu dito. D. João da Silva, como soldado, as falsificava todas; porêm, não sei o que tem isto do poder, que sempre acha valedores para o crédito, e amparo para as mentiras. Era camarada de D. João da Silva D. Luiz de Menezes, que servia de Mestre de Campo no exercito. Escreveo-lhe uma carta, em que lhe dava conta de tudo o que havia passado, e de como o Conde não quizera pelejar com o inimigo. Os mais dos Cabos do exercito, e cavalheiros, que nelle se achavão, por não desluzir o Conde, carregavão todos sobre o pobre Tenente General, não olhando alguns delles a razão, senão a conservar o crédito do Conde. Em uma conversação, em que se achava o Conde da Ericeira, vio este que se desacreditava D. João da Silva, abonando o Conde da Torre. Os Capitães e mais Cabos, que se achavão no choque da Cavallaria, se disserão alguma cousa a respeito do Tenente General, foi contra elle, por abono e respeito do Conde da Torre. Sahio a todo este empenho D. Luiz de Menezes, dizendo publicamente — que todas as acções honradas, que havia tido Portugal na Cavallaria, as tinha obrado D. João da Silva, e que a seu valor e disposição é que se devião, e que isto sabião todos; e que para se desenganarem de todo do que havia passado com o Conde da Torre, apresentou a carta, que lhe escrevera o Tenente General, leo-a, e disse, que se alguem a contradissesse elle a defenderia. Todos calarão, por que elle era homem grande, e fallava verdade. Não faltou logo quem fosse dizer tudo ao Conde, por que D. Luiz de Menezes publicamente o havia dito. E ao sair D. Luiz de Menezes da tenda do Marquez de Marialva se encontrou

com elle o Conde da Torre, e sem tirarem os chapéos um ao outro, lhe disse: — « Bem obrais para que « se falle de vós. Disserão-me que tendes mostrado « uma carta de D. João da Silva, que o desculpaes, « e pondes em duello sua defensa? » — D. Luiz de Menezes lhe disse — que sim, e que o havia feito, e faria, todas as vezes em que se offerecesse. — Logo o Conde da Torre levantou a bengalla, e lhe deo com ella pela cara, dizendo algumas palavras, indignas de sua pessoa, contra D. Luiz de Menezes. Esta acção ninguem a vio senão um Mestre de Campo do terço dos Algarves, que vinha com o Conde. Logo D. Luiz metteo mão á espada; mas, enredando-se nas cordas da tenda, se ferio com a sua mesma espada em um musculo, de que esteve em mãos de Cirurgião. Indo o Conde a puchar pela sua, se abraçou com elle o Mestre de Campo, e acodindo-lhe o Marquez de Marialva, levou para a sua tenda a D. Luiz de Menezes, que estava ferido, e ao Conde da Torre deo por prisão a sua tenda.

IV

Cura-se D. Luiz de Menezes; fica mal reputado o Conde da Torre; pretende Pedro Jacques lançá-lo fóra do exercito, e mais ao Marquez de Marialva.

Passou D. Luiz de Menezes a Villa Viçosa, a curar-se em casa de um particular. Logo mandou

chamar pela posta a Elvas a D. João da Silva, e a seu primo D. Manoel de Attaide, Capitão de Cavallos, filho do Conde d'Atouguia; e em quanto não chegarão esteve encerrado em um aposento sem fallar a ninguem. Chegados que forão, estiverão com elle recolhidos o tempo de duas horas; no cabo dellas montarão a cavallo, e se tornarão para Elvas. Logo se deo porta franca a todos os que querião visitar D. Luiz de Menezes, que era todo o exercito, por ser muito bem quisto. A todos contava como fôra a pendencia, e como se havia ferido a si mesmo, que, ao parecer dos que o ouvião, parecia impossivel; porem jámais tocou nas bengalladas, nem em acção má, que tivesse usado com elle o Conde. E assim, elle, offendido, o calava: o Conde não dizia palavra, e o Mestre de Campo, forçosamente havia guardar segredo, por quanto, tocava em desabono de pessoas de circunstancia, e não está bem a nenhum particular o fallar, e só sim calar, para poder viver. Assim se vio que o Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, dando-se-lhe com uma bengalla pela cara, por calar esta acção, e não fazer caso della, ficou em melhor opinião que o Conde da Torre, que, como soberbo, a não tinha boa. E bem se deo a conhecer nesta occasião, que os duellos não são quanto os querem fazer, e ordinariamente, os que os fazem de cousas pequenas, vem a ficar com maiores manchas na opinião. A chamada do primo e do camarada, se disse, não havia sido senão para decidir o como se havia tomar esta acção, e que se determinou o referido. Todas estas cousas, forão causa de que o Conde da Torre perdesse o crédito, que havia ganhado, com a sua soberba. Antes disto, era olhado com respeito e veneração, porem depois, não só lhe faltava esta, mas o murmuravão, não ficando acção alguma sua,

que não censurassem, e attribuissem mais ao fanatismo do que ao valor. Pozerão-se alguns pasquins, e um, que me lembra, dizia assim:

> Tan soberbio en la paz,
> Y tan cobarde en la guerra,
> Toda tu fama se incierra
> En patarata, no mas.

Começou o Conde a ser tão odioso a todo o exercito, que, desde o maior até ao mais pequeno, todos lhe vituperavão aquillo mesmo, que d'antes lhe louvavão. Pedro Jacques de Magalhães, que era General da artilheria, esperava sê-lo da Cavallaria; e, entrando nesta pretenção, conheceo, que o Marquez de Marialva, se lho negava, era por que o queria dar ao da Torre. Era Pedro Jacques soldado de grande valor e experiencia; sentio que lhe não dessem o que lhe tocava; calou, por que, ainda que era adornado de circunstancias heroicas, tinha a natureza sido escassa no de mais, para poder oppor-se a sujeitos de similhante esphera; porem, logo que vio occasião, não a perdeo. Unio-se a D. Luiz de Menezes, e com outros Cabos e Cavalheiros, que se achavão no exercito, começarão a discorrer no modo de intrigar ao Marquez de Marialva; e como o Conde da Torre chegou a tão grande mal de perder a opinião, e o Marquez de Marialva era fraco militar, e que necessitava mais de Conselho, que de propria resolução, lhes foi mui facil conseguir tudo que querião; cousa não pouco usada em todos os exercitos, que pelos respeitos particulares, não se attende ao serviço do Rei, nem ao bem commum da patria, e menos ao crédito das armas, senão sómente a ficar cada um melhorado

do partido, ou satisfeito de seu aggravo. Correo esta tempestade de sorte, e com tanta violencia contra o Marquez de Marialva, que em todo o decurso da campanha, até que se retirou, pareceo mais exercito de meninos, que de homens dotados de razão, confundindo-o de modo com pareceres, que qualquer, que quizesse pôr por obra, achava logo impossivel. Desta sorte o divertirão, para que não podesse lograr acção, que fosse para elle de gloria, nem de crédito. O Conde de Schomberg era arteiro, e dava seu parecer tão indifferente, que apenas se deixava conhecer, pois se alegrava com a desunião que via, de que se seguião os erros, em que o Marquez caía, por falta de conselho; e como aspirava a governo absoluto, ajudava da sua parte a perdição do Marquez e do Conde. E ainda que conseguio isto tudo, nunca pôde alcançar o governo supremo.

V

Jerumenha é reduzida a consternação; capitula o Governador entregá-la, não sendo soccorrida; é honrado pelo inimigo, mal premiado pelos seus.

Achava-se já o Governador de Jerumenha mui apertado, e a praça toda desmantelada, falta de gente e de munições, com duas minas feitas com suas galerias, que chegavão até ao centro da villa. Mandou-lhe Sua Altesa um Bolantim, por que lhe man-

dava dizer — que já não tinha remedio algum, e que o pelejar era mais desesperação do que valor; que se entregasse, e o honraria como merecia, e de o não fazer desencarregava a sua consciencia, pois mandaria dar fogo ás minas, e passaria á espada todos os viventes, que se achassem dentro da Praça. Admittio o Governador o Bolantim, e disse — que queria capitular — Pelo que de uma e outra parte se ajustou, que saírião os soldados com suas armas, formados, e bandeiras desenroladas; os paisanos, com o que podessem levar; e que aos soldados se tirarião logo as armas, e irião á Hespanha, prisioneiros por dous annos; que lhe havia dar Sua Altesa tres dias para avisar o seu General viesse a soccorrê-lo, dentro do dito termo; e não vindo se entregaria, conforme as capitulações recebidas. Mandou Manoel Lobato, com permissão de Sua Altesa, ao Marquez, dar parte das capitulações, que tinha feito, dizendo-lhe — que, se não viesse a soccorrê-lo dentro do dito tempo, se entregaria; por que o estado, em que se achavão as fortificações, não dava logar a melhorar-se — Mandou-lhe o Marquez dizer — que tinha obrado como soldado; que entregasse logo a Praça, por que se não achava com poder para soccorrê-lo. Com isto, fez o Governador entrega da Praça a Sua Altesa, o qual o honrou muito pelo esforço, com que havia pelejado; que até os inimigos honrão o valor de seus contrários. Defendeo Manoel Lobato Pinto quarenta dias a Praça, esperando que voassem minas, e soffrendo mais de vinte avançadas, que derão á brecha, defendendo-a sempre com valor, e muitas mortes, que custou o cerco aos Hespanhoes; honrado e acreditado do General inimigo, e todos estes créditos e opinião, não valerão a Manoel Lobato, pois esperando todos, que lhe fizessem grandes mercês, o tiverão preso um anno, capitulando-o

de que elle, se tivera feito sortidas fóra da Praça, não se arrumára tanto o inimigo á muralha. Pelo que, foi necessario dar sua descarga, e provar, que a guarnição, que tinha, era pequena; e se houvera feito o em que o capitulavão, perderia muita gente, e ficaria em termos de se não poder defender todo o tempo, que manteve o sitio. Por muito favor o restituirão ao posto de Mestre de Campo. Mas, usando com elle esta afronta, nem por isso perdeo o crédito, por que o tinha bem estabelecido, antes lhe servio de maior aplauso vê-lo padecer, quando merecia maior remuneração pelo valor, com que havia defendido a Praça. Mas sempre foi desgraçado todo o homem, que em Portugal defendeo Praça, por que a todos imputavão faltas com que tinhão mais certo o castigo do que o premio.

CAPITULO IX.

I

Levanta-se o Quartel Portuguez, e vai para Estremoz; intenta Sua Altesa render o Crato; chega soccorro ao exercito de Portugal; determina Marialva pelejar com o inimigo; marcha, e volta atraz.

Assim que Jerumenha se rendeo, levantou o Marquez de Marialva o quartel de Villa Viçosa, que é duas legoas da Praça rendida, e foi acampar em Estremoz, em a linha, que antes se tinha feito. Sua Altesa, assim que reparou as ruinas da brecha e muralhas, deixando-a muito bem guarnecida, sahio com o seu exercito, e fez marcha por Estremoz, onde estava o de Portugal, que estava quasi extincto. Não fez Sua Altesa caso delle; foi seguindo a sua marcha, talhando toda a campanha, e saqueando todos os logares abertos. Chegando ao Cra-

to, que é uma Villa, com pouca differença, de seiscentos visinhos, reduzida toda a uma fortificação antiga, mas capaz de alguma resistencia, fez alto. Achava-se nella um Sargento-Mór, soldado de muito valor, chamado Sebastião de Estrada, e André d'Azevedo de Vasconcellos. Estes dous alentarão os paisanos para pelejarem, e o fizerão da primeira intenção; porêm isto de paisanos é uma labareda, que, com a mesma facilidade com que se accende, se apaga; e assim succedeo, por que, aos primeiros attaques, se rendeo logo. Entrou Sua Altesa na Praça, perguntou pela guarnição dos soldados, que havia pelejado. Responderão, que alli não havia soldados pagos; mas que o Sargento Mór, e aquelle Cavalheiro, que estava com elle, havião excitado o povo a que tomassem armas. E como as leis da guerra determinão, que toda a Praça, que não tiver soldados pagos, nem artilheria, não possa tomar armas para defender-se de exercito real, e que, fazendo-o, sejão passados á espada, ou fiquem á mercê do General, executou Sua Altesa estas leis de ambos os modos, castigando e perdoando. Ao Sargento Mór mandou dar garrote: o mesmo ía fazendo ao Cavalheiro, para o que já estava confessado e posto ao páo; porem alcançarão os rogos dos grandes com Sua Altesa o perdão, e que ficasse com vida. Tinha duas cousas Sua Altesa comsigo, muita piedade com os rendidos, e muito rigor com os rebeldes, que querião defender-se contra as regras, que prescreve a disciplina militar. Aos paisanos perdoou as vidas; porem metteo a saco a Villa, que era mui rica, e o mesmo a todas as mais, por que fez caminho a Badajoz. A dous dias de marcha de Sua Altesa, desde Estremoz, chegarão ao exercito de Portugal dous mil Inglezes de soccorro, de cavallaria e infanteria, todos

soldados veteranos, que tinhão militado debaixo da disciplina de Cromwel, em as guerras de Inglaterra, pessoa bem conhecida na Europa, e bem respeitada, assim pelo seu valor, como pela tyrannia, que usou com o seu Rei, e Senhor natural; o qual jámais deo batalha, que não vencesse, nem intentou acção, que não lograsse, pois alcançou cortar a cabeça em um theatro publico a seu senhor, á vista de todo o povo, cousa nunca acontecida no mundo. Haverem morrido muitos Reis e Imperadores pela tyrannia, muitas vezes se vio; porem sentenciado como réo, só Cromwel o fez. Vendo-se pois com este soccorro o Marquez de Marialva, se determinou ir buscar Sua Altesa, e pelejar com elle; porem, tendo marchado cousa de duas legoas em seu seguimento, o distraírão deste intento de tal modo, que o fizerão tornar para traz, e aquartelar-se onde tinha levantado o Campo. E como os demais íão a desacreditá-lo, fazião todo o possivel para que não lograsse acção alguma, como de facto succedeo. Proseguio D. João d'Austria sua marcha a Badajoz; e como tivesse de passar por Ouguella, que está a duas legoas da dita Cidade, Praça, ainda que de pouca importancia, por pequena, de alguma consideração pelos damnos, que d'alli se fazião com as entradas da cavallaria, que tinha guarnição de infanteria, e quatro peças de artilheria, e Governador sempre assistente, e se lhe fez entrar de soccorro da Praça de Campo Maior, duas companhias de boa infanteria, e seus Capitães. Assim que Sua Altesa deo vista desta fortalesa, mandou logo nomear terços, e cortar fachina para entulhar o fosso, e poder dar avançada. Enviou tambem um Bolantim ao Governador, dizendo-lhe se entregasse, sob pena de lhe dar um assalto geral á Praça, passando tudo á espada. O Governador e Capitães tinhão a muralha guarnecida, e para ha-

ver de responder ao Bolantim, deixarão a muralha, e se forão a casa do Governador, a consultar a resposta, que havião de remetter. Um terço de Italianos, que vinhão com a fachina, se foi arrimando ao fosso. Começarão os soldados a defender-se, porem o Governador lhe tinha mandado, que não atirassem, e ainda que os soldados avisarão, que o inimigo se vinha avisinhando, entenderão os Cabos, que, sem levar o Bolantim a resposta, estavão seguros de serem acommettidos; isto era o que prudentemente desejarião uns; outros dizião, sem menor fundamento, que os taes estavão já resolutos a render-se sem pelejar. Pelo que os Italianos, em boa paz, entulharão o fosso, entrarão a muralha, sem resistencia, e seguidos de outros terços, se fizerão senhores da Praça, sem mais trabalho que trepá-la; e a resposta do Governador e Capitães, com as companhias de Infanteria, foi saírem rendidos, e serem levados á presença do Principe, que, perguntando-lhes porque não tinhão pelejado, responderão os Cabos rendidos — que, como estavão respondendo ao Bolantim, lhe havião entrado a Praça debaixo de confiança. Disse então Sua Altesa, que mais cuidado devião ter em se defender, que em responder; e mandou-lhes que fossem buscar o seu exercito, e a toda a Infanteria mandou tirar as armas. Disse-se geralmente, que a determinação dos rendidos era ficar no exercito dos Hespanhoes, ou por medo do castigo, ou por vergonha da cobardia affrontosa que lhes havia succedido; porem não acharão entrada em Sua Altesa, para poder alcançá-lo, o qual fez tão pouco caso desta gente, que não consentio que fossem prisioneiros a Hespanha: acção digna de Principe generoso, que estima ainda mais o valor do inimigo, do que a cobardia. Deixou o Principe a Praça guarnecida, e se retirou a Badajoz, onde foi rece-

bido com grandes aplausos, pois íão os soldados carregados de despojos, e elle de victorias. Portugal ficava destruido pelas hostilidades, e desesperado de poder defender-se.

II

A guarnição d'Ouguella passa a Campo Maior, e é castigada; o Marquez de Marialva, e o Conde da Torre são chamados, e depostos.

Chegarão os Capitães, chamado um Manoel Nunes da Costa, e outro Antonio Galvão, e o Governador João Mascaranhas, com todos os soldados da Praça de Ouguella á de Campo Maior, cujo Governador, Francisco Pacheco Mascaranhas, mandou logo prender a todos os Cabos, e deo parte ao Marquez de Marialva, de que havia alli chegado toda a guarnição de Ouguella, que se havia entregado sem pelejar, nem ter feito acção alguma de soldados em defensa; que determinasse Sua Excellencia o que lhe parecesse. Mandou dizer o Marquez, que a prisão tinha sido muito bem feita, e que os tivesse a muito bom recado, e que os cabos inferiores e soldados fossem tambem presos no Castello. Mandou logo processar a causa, e não derão desculpa alguma a seu favor. Pelo que se determinou garrote aos tres Cabos, que se executou nas grades da cadêa; os soldados,

que se riscassem dos livros d'El-Rei; os Alferes, Sargentos, e cabos inferiores, que dessem uma volta ás ruas, nesta maneira: Os cabos fossem diante, cada um com sua roca na cinta; os soldados os seguissem descalços, descobertas as cabeças, sargenteando tudo aquelles, a quem toca similhante ministerio, com rocas em logar d'alabardas; e que nas partes mais publicas apregoasse um tambor, que o deitar aquelles homens fóra da Praça, era por serem infames e cobardes, os quaes em nenhum tempo vencerião mais soldo d'El-Rei, nem na paz gozarião de preeminencia alguma honrada, ficando perpetuada em todos a infamia. Executada assim esta sentença, os levarão á porta da Praça, e os deitarão fóra. Todo este rigor se usou com estes pobres homens, o qual, ainda que foi pouco piedoso, foi necessario para exemplo dos que servem na guerra, por que nella, faltando o castigo aos cobardes, logo falta a reputação ás armas; e em Portugal se devia olhar muito a isto, como com effeito se olhou, por ser necessario aqui mais o valor, pela falta, que havia de forças, e estar a Hespanha sobrada dellas. Neste mesmo tempo se retirou o Marquez de Marialva da campanha, mandando os soldados para seus quarteis, não havendo feito em todo o decurso della acção, que o acreditasse, pois que tudo o desluzio. O Conde da Torre não obrou nada com a cavallaria, nem tão pouco buscou occasião de pelejar, antes fugia della. Pelo que forão chamados estes dous á Côrte, e os deposerão dos postos; que para homens grandes e de supposição, não póde haver maior affronta, nem maior desaire.

III

Cercadas pelo inimigo as Praças fronteiras, fazem Estremoz Praça fortificada; e os paisanos seguem D. João d'Austria.

Os progressos, que D. João d'Austria fez na campanha, desanimarão tanto os Portuguezes, que já a defensa do reino era mais forçada que voluntaria. Vião que em duas campanhas não havião feito nada, e que nesta ultima se portarão com tanta frouxidão os Generaes, que fez Sua Altesa quanto quiz, havendo ganhado Arronches e Jerumenha, duas Praças, que distavão uma da outra quatro legoas, ficando Elvas e Campo Maior, Praças fortes, da parte de dentro, por que cada uma estava de ponta a ponta; e que estas duas fortalezas havião de bastar para que podessem os Hespanhoes destruir com a cavallaria toda a Provincia do Alemtejo, cada uma por seu lado; e que juntamente Elvas e Campo Maior, ainda que erão fortes, ficavão cortadas, e muito arriscados todos os soccorros, que se lhe quizessem metter de viveres, por poder dar-se as mãos a cavallaria Hespanhola das duas Praças. Esta foi a causa de se começar logo a fortificar Estremoz com toda a actividade, fazendo-a Praça d'armas, e Côrte de Generaes, que até alli era Elvas. Com isto se esterilisou tanto o paiz, que se conhecia grandemente a falta de todo o comestivel. Os Cavalheiros particulares, que não tinhão alguma dependencia na guerra, nem em seus augmen-

tos tocantes ao Governo, ou aos postos, senão só a conservar suas fazendas e rendas, tractarão de congraçar-se com Sua Altesa, buscando para isto o meio de alguma correspondencia secreta; a plebe, que em similhantes occasiões segue sempre os successos de melhor fortuna, os que se interessavão na defensa do reino, fazião todo o possivel pela conservação delle, porem outros não se lhe dava de nada, e assim todo o Portugal era confusão, e estavão nelle os humores tão differentes, que não podia tomar-se tino, nem resolução em cousa alguma.

CAPITULO X.

I

E' eleito General D. Sancho Manoel; El-Rei continua na dissolução de costumes.

Cuidou El-Rei em nomear Cabos de toda a satisfação para o exercito, e a este fim lhe lembrarão D. Sancho Manoel, que era Governador das armas do partido de Penamacor, para Capitão General da Provincia do Alemtejo. Estava D. Sancho Manoel em opinião de grande soldado; o seu valor era muito, e chegava a parecer temerario; a sua experiencia era grande, por que toda a sua vida tinha sido militar; em Portugal tinha logrado occasiões de grande crédito e reputação; e era tanta a sua confiança, que dizia, que nunca tinha visto á fortuna má cara; tinha grandes partes de soldado, e era tão attento em premiar a quem o merecia, que jámais o obrigou respeito, ainda que fosse poderoso, á

tirar o premio ao benemerito; pensava de vagar, e executava depressa; intrepido para os riscos, e prevenido para os futuros; descorrendo sempre com juiso, e obrando com valor. Mandarão Pedro Jaques de Magalhães, que era General de artilheria da Provincia de Alemtejo, governar as armas do partido de Penamacor, donde saía D. Sancho Manoel, adiantado em posto, por se haver conhecido, que injustamente lhe havião tirado o Generalato da cavallaria, que lhe tocava, assim por seus gráos, como por seu valor. Se então tinha soffrido desaire, agora lhe quizerão remunerar, o que tanto havia merecido, com um posto, em que elle teria bem pequena esperança de entrar. A D. Luiz de Menezes fizerão General de artilheria, bem merecido pelas suas grandes qualidades, e pelo muito que havia servido, com grande reputação. Ao Tenente General Diniz de Mello de Castro fizerão General da cavallaria, que, ainda que corrião parelhas a opinião de D. João da Silva, e a do novo General no conceito do exercito, comtudo, feito o equilibrio, pesarão mais os merecimentos de D. João da Silva, sem nisto entrar fortuna, por que esta carregava para a parte de Diniz de Mello. Achava-se El-Rei neste tempo com poucas rendas, continuando em suas desenvolturas, e supposto que estas não erão com tanto estrondo, era pouca a emenda. O coração era bom; porem as companhias o arruinavão, e separavão do seu natural. O Infante o incitava a rondar a Côrte todas as noites; El-Rei lhe queria muito, ao que o Infante correspondia com mostras apparentes de tão grande amor, que o fazia confiar no que depois veio a ser a sua perdição; pois que tudo era fingido com artificiosa apparencia e dissimulada falsidade; costume proprio dos traidores, enganar com apparencias, para melhor lograr sua traição. Se El-Rei não deixára le-

var-se destes enganos, e houvera attendido sempre aos intentos, que havião precedido, não viera a cair no precipicio, que lhe succedeo. Trabalhava o Conde de Castello Melhor quanto podia por socegar El-Rei, e reduzi-lo a forma mais decente, como pedia a excellencia da Magestade; porem necessitão os validos obrar com manha nestes pontos, por não entrarem na desgraça de caídos, e perder tudo; pois logo que se perde a graça do Principe, se vai a um abysmo de perigos. El-Rei amava muito ao Conde: mas se conhecesse que este o queria separar de seus gostos, facilmente o aborreceria; que isto de gostar a doçura de mandar, e governar, é necessario para sua conservação não se pôr a perigo com o desabrido da advertencia, que nunca aos acostumados a fazer sua vontade sôa bem. Mas como o Conde conhecia em El-Rei um coração magnanimo, e inclinado ao bem, e tudo quanto obrava era mais dictame alheio que seu, por ser docil seu natural, com esta confiança se adiantava o Conde a encaminhá-lo á virtude, com a modestia, que a um Principe é devida, sem desgostá-lo, nem pôr-se no risco de ficar fora de sua graça.

II

Das virtudes a que era inclinado El-Rei na idade de vinte annos.

Tinha El-Rei vinte annos, e pagava nelles o tributo de similhante idade, deixando guiar-se de seu natural fogo, como dos exercicios, a que o incli-

navão, sem se esquecer do heroismo de um Principe Christão. Fazia pois obras de muita piedade, e será razão que contemos algumas, pois lhe publicamos os defeitos. Costumava El-Rei ir um dia na semana a um Tribunal, que chamão a Relação, onde os Ouvidores lhe davão parte das sentenças crimes, que havião proferido, para Sua Magestade as confirmar, se erão de morte, conforme o delicto o pedisse, ou para absolver o delinquente, não tendo elle parte. Se mandava que morresse o homem, logo por um criado, que tinha destinado para isso, fazia dizer certa quantidade de Missas pela alma do que havia de ser justiçado; e parece que erão seiscentas Missas ou quinhentas. Indo o Rei um dia pela Cidade para Alcantara, que é retiro, onde se ía divertir, reparou que vinha o Santissimo Sacramento pela rua. Sahio logo do coche, e o foi acompanhando. Ia a uma mulher enferma; e sabendo que ella era pobre, mandou que um Medico da Camara lhe assistisse, e que da sua botica se lhe désse tudo o que fosse necessario para sua cura; que o seu sustento e regalo corresse por mão do Escrivão da cosinha; que, se morresse, a enterrassem por sua conta, e se Deos lhe désse vida, lhe déssem um tanto cada anno para passar com decencia. A uma filha, que tinha a dita enferma, mandou dar dote para casar honradamente, e á Confraria do Santissimo da Parochia mandou dar todos os annos certa renda. Fazia certas obras, que sem dúvida serião muito aceitas a Deos. Aos soldados agasalhava com amor, e soccorria com grandesa; que, ainda que por uma parte era estranhado o seu modo de vida, causado tudo de uma força, que traz a mocidade, deixando-se arrastar dos applausos dos lisongeiros, que ordinariamente usão do artificio do engano com louvores tão supersticiosos, que levados os Prin-

cipes delles, estão sempre em o risco de errar, por outra se fazia amado. Pelo que esperavão todos, que, dando a idade as suas premicias á rasão, seria um Principe completo.

III

Intrigas do Infante contra o Conde de Castello Melhor.

TRACTAVA o Infante maliciosamente de intrigar o Conde de Castello Melhor, para ver se podia tomar-lhe o valimento; e como o Conde tinha inimigos, lhe foi facil aggregar a si sujeitos, que ajudassem ao intento. Mostrava-se o Marquez de Marialva queixoso do valido, e o Conde da Torre se dava por offendido; e como o de Castello Melhor manejava tudo, tinhão por certo que elle tinha sido a causa de lhes tirarem os postos na campanha. Era o Marquez de Marialva irmão de D. Rodrigo de Menezes, e o Conde da Torre Camarista do Infante; por cuja razão se queixou este Principe de que a um Camarista seu, e ao irmão do seu privado, sem attenção alguma os depozessem dos postos com tanta descompostura, e sem satisfação a tão grande desaire. Como erão poderosos os queixosos, e tinhão muitos parentes, convierão com promptidão em a ruina do Conde; porem não valia nem o poder do Infante, nem a pandilha de inimigos tão poderosos para que persuadissem ao povo, e ás pessoas particulares, que o Conde era prejudicial ao governo, por que todos conhecião o talento, com

que assistia ás materias mais arduas delle; a grandesa de animo, com que fazia cara a seus inimigos; a piedade e affeição, com que consolava aos pobres; e a fé e lealdade, com que servia ao seu Rei. Era entendido, bem fallante, muito cortez, e agasalhador; soffria as ignorancias dos simples com modestia; abatia as demasias dos soberbos com respeito. Esta só era a voz, isto o que se ouvia e se fallava em publico. E á vista de tantas virtudes, ainda que se cobrião com a capa de Religião as maldades, que contra elle se maquinavão, não podião tão facilmente destrui-las; por isso jámais houve cousa, por muitas que se fizerão, em que descahissem os créditos do Conde, nem tão pouco poderão odiá-lo com o povo; até que El-Rei se casou, e a Rainha entrou tão empenhada nestes lances, como se dirá em seu logar. Mas que muito que uma mulher derribasse um homem, quando muitas tem conseguido derribar Reinos e Monarchias, de que estão cheias as historias.

CAPITULO XI.

I

Preparações para a guerra; partem para o exercito disposições de D. Sancho Manoel.

Estavão neste tempo um pouco socegadas as armas, por que o tempo não dava logar mais que a prevenções de uma e outra parte; Hespanha pela conquista, Portugal pela defensa. Continuavão-se entretanto as entradas de cavallaria reciprocamente, com o que havia muitos encontros de uma com outra; porem não cousa que fizesse abalo, nem perda consideravel. Tractou comtudo Portugal de prevenir-se, juntando com o maior empenho todas as forças do reino, para poder rebater as grandes de Hespanha. Chegou a experimentar-se em Portugal, que as milicias, que vinhão ao exercito em soccorro, erão mais de prejuiso que de u-

tilidade para a prompta disciplina, que se necessitava. Pelo que se despedirão; por que, como erão homens que tinhão dependencias de casas e fazendas, na occasião em que mais se precisava de sua assistencia, fugião e ficava o exercito deteriorado, de sorte que não podia obrar-se nada. Pelo que se resolverão a que se alistassem soldados pagos, e que se abolissem as milicias; pois com isto se segurava a sua assistencia no exercito, como logo se reconheceo; porque era de modo que aquelle, que assentava praça, ninguem o desobrigava senão a morte; por que os seus fiadores erão os pais, irmãos, ou parentes mais chegados; e se o soldado fugia, obrigavão o fiador a vir ao exercito; e tambem aconteceo ter o soldado sómente mãi, e fazê-la vir ao exercito por falta de outras fianças. O rigor era grande, porem com estes exemplos havia soldados assistentes, e tinha El-Rei menos gastos nas conducções; e logo que continuarão os exercicios da guerra se fizerão mais capazes de manobrar em as occasiões. E é necessario, para que um homem se faça bom soldado, achar-se em muitos attaques, e passar por toda a variedade que a guerra dá de si; por que com gente bisonha, ainda que tenha muito valor, imaginar que nas occasiões hão de obrar como soldados, é um engano muito grande, e este tão experimentado, que o pode hoje chorar Hespanha. Vinha-se chegando a Primavera, e se fazia todo o esforço por juntar um bom exercito; por que Sua Altesa sahia a campanha com muito maior poder que as duas vezes antecedentes que entrara em Portugal. Com este temor se apercebião, para ver se conseguião o defender-se, tendo todos por certo, que no successo daquelle anno entraria o perder ou ganhar o reino. Marcharão todos os Cabos do exercito ao Alemtejo, e toda a gente, que se havia criado de no-

vo, se entresachava nos terços antigos, não querendo fazer della corpo particular, por se lhe conhecer o risco, que ha, faltando-lhes o exercicio militar; e que, entre os que tem experiencia delle, se poderião conservar com mais alguma constancia nos lances, que na guerra se offerecem. Fez-se Praça d'armas em Estremoz, aonde se conduzirão todas as levas da gente, para que D. Sancho Manoel, Capitão General, as repartisse pelos terços com igualdade, que, como tão bom soldado, o sabia fazer bem, mandando entrar em todas as praças fortes, e em algumas que o não erão, excepto alguma fortificação antiga, e que se presumia podia ser invadida, muito boas guarnições, e tudo o mais que era necessario, assim para a defensa, como para o sustento dos soldados, prevenidos para tudo o que a fortuna podesse dar.

II

Sái D. João d'Austria de Badajoz; entra até á Cidade de Evora; providencia de D. Sancho.

Seria meado de Maio, quando Sua Altesa sahio de Badajoz com um exercito mui lusido, que constava de desoito mil infantes, e teria nove mil cavallos, o maior que até áquelles tempos havia entrado em Portugal. Fez a marcha por Elvas, que dis-

ta de Badajoz tres legoas, aonde aquartelou aquella noite; ao outro dia proseguio o seu caminho, direito a Estremoz, aquartelou-se aquella noite aonde chamão Atalaia dos Matos, e ao amanhecer se foi a Estremoz, e á sua vista se aquartelou. Como nesta Praça estava a maior força do exercito dos Portuguezes, houve grandes escaramuças, assim na tarde em que chegou, como ao outro dia de manhã, onde se presionarão de ambas as partes alguns soldados, com perda tambem de alguns mortos, não havendo desigualdade no numero. Foi Sua Altesa d'alli aquartelar-se ao pé d'uma villa, a que chamão Evora Monte, que está quatro legoas de Evora, a qual se achava com um terço de infanteria de guarnição, e Mestre de Campo della João Freire de Andrade, muito bom soldado, ainda que a fortificação não era de consequencia, por ser antiga, está em sitio tão elevado, que a faz inconquistavel. Não obstante, enviou Sua Altesa um Bolantim ao Mestre de Campo, dizendo-lhe — se se entregasse, lhe faria honrados partidos, por que bem sabia não podia defender-se, não tendo artilheria — ao que respondeo o Governador — que elle não se entregava como cobarde, não estando alli mais que para pelejar, e morrer como soldado; que fizesse Sua Altesa tudo o que fosse servido, que o successo das armas lhe darião bons ou máos partidos; porem Sua Altesa ía empenhado na conquista de Evora, não quiz deter-se em Evora Monte; pelo que fez d'alli sua marcha áquella Cidade. Mandou, logo que chegou, deitar o cordão, e principiou a attacar a muralha; plantou uma bateria de nove ou dez canhões, e como as muralhas erão antigas, pouco bastou para as arruinar, por que, alem de que a dita Cidade é a segunda de Portugal, assim na primasia, como na riquesa, nobresa, e sumptuosos edificios de que está composta, como estava tanto á ter-

ra dentro, e havia muitas Praças antes de chegar a ella, nunca pareceo aos Portuguezes, que sem conquistar primeiro as fronteiras, poderia esta ter risco de ser acommettida, e que quando se chegasse a ella seria mui grande o mal de Portugal. Esta foi a causa de Sua Altesa não a achar tão prevenida das fortificações que necessitava uma tão grande Cidade. Logo que D. Sancho conheceo que o exercito de Hespanha fazia marcha direita a ella, mandou com toda a pressa entrar na mesma cinco até seis mil infantes, e a D. Luiz da Costa, Tenente General, com seiscentos cavallos, o qual nem pelo valeroso assombrava, nem pelo cobarde deslusia.

III

Cobardia de Manoel de Miranda Henriques, Governador de Evora; e conselho dos paisanos de Elvas sobre a entrega da Praça.

Achava-se na Cidade de Evora, por Governador, Manoel de Miranda Henriques, que se não conhecia mais que por ser irmão de Henrique Henriques de Miranda, segundo valido d'El-Rei: este era o que tudo mandava de portas a dentro; e como os validos do Rei se livrão commummente de pesares, por não haver ninguem que queira dar-lhos, por que os jul-

gão sempre de armas dóbles, e não ha quem lhe rebata as acções, que em outros é infamia e cobardia, e nelles nem effeitos de ignorancia se julgão. Considerou Manoel de Miranda Henriques que a Cidade, por falta de fortificação, se não podia defender de um exercito tão poderoso, e assim que vio o perigo, prevenio-se de remedio em fazer-se doente, e houve más lingoas que disserão se mandara sangrar, sem ter febre, nem molestia alguma, sendo que não póde haver outra maior que a da cobardia. Com isto entregou o governo a D. Pedro Pecinga, cavalheiro Ciciliano, que, por motins que fizera na sua patria contra a lealdade devida ao seu Rei, andava fugido, buscando amparo em os estranhos; e conhecendo-o em Portugal, se fez Mestre de Campo de um terço de infanteria, supprindo a sua qualidade a falta, que elle mesmo confessava, de soldado, por trazer sua nobresa qualificada, que era a melhor da Cicilia. Entregou-se este cavalheiro do governo da Cidade, por ser o Cabo mais veterano, que se achava na Praça. Assim que D. João d'Austria começou o sitio, continuarão seus progressos com tantos applausos, que os inimigos se tornavão amigos; e quinze legoas de Evora, não houve villa, ou logar que não désse obediencia á Hespanha, e que não viessem todas as suas justiças trazer as chaves, e pô-las aos pés de Sua Altesa, jurando todos fidelidade e vassalagem a El-Rei de Hespanha. Era Sua Altesa adornado de qualidades muito amaveis, recebia a todos com carinho, e os despedia com agrado; segurava-os das insolencias dos soldados, e castigava a qualquer que com os rendidos tivesse algum attrevimento. Com estes bons modos attrahia a si todos os povos da Provincia do Alemtejo, e alcançava delles applausos e acclamações geraes; por que com o conhecimento da magnanimidade, que

experimentavão, se acrescentava a magnificencia deste senhor. Foi a virtude deste Principe a que sómente fez, que, esquecendo-se os povos do odio, que tinhão á Hespanha, o amassem, e se sujeitassem como vassallos; e só as Praças, que estavão guarnecidas de soldados, deixarão de vir dar-lhe obediencía; e se lhe não houvesse succedido a fatalidade que experimentou a mesma campanha, ellas mesmas, sem o menor trabalho, se havião de entregar. Supposto que em Elvas, que é a Praça mais forte que tem Portugal, e uma das Cidades principaes daquella Provincia, estando ainda Evora por Portugal, os mais nobres daquella povoação, estando certa tarde em uma merenda, brindarão á saude de El-Rei de Hespanha, e de Sua Altesa, concertando entre si entregar a Praça, que, como naquella occasião estava em poder de paisanos, e sem guarnição de soldados, por haverem ido engrossar o exercito, não era difficultoso, por serem os taes dos mais principaes da Cidade; ficou entre elles decidido, que D. Fernando da Silva, e o Conego Pedro Vaz Pegado, e Estevão Pegado de Valadares havião levar as chaves a Sua Altesa. Não foi isto tão secreto, que aonde ha muitos raras vezes se logra resolução alguma, pelo risco de ser revelada, e com effeito assim succedeo. Quasi todos forão presos, e os tres nomeados, que erão os mais poderosos, forão desterrados, para não entrarem mais em Elvas, e outros castigos, que lhes chegarão á honra, e á fazenda.

IV

Continua o attaque de Evora ; multiplicão-se as brechas ; não ha Governador para capitular ; capitula o commum da Cidade.

Foi apertando Sua Altesa a Cidade, assim com attaques, como com as baterias; e, como já está dito, não era fortificação das modernas; assim, facilmente se chegarão ás muralhas, e arrimando-lhe algumas mantas, poderão fazer algumas minas, com que voarão alguns pedaços dellas. Havia já nove dias que a Praça pelejava, desesperando os sitiados de poder defender-se, pelas muitas ruinas, e brechas, que já havia nas muralhas; causa por que, no primeiro Bolantim, que Sua Altesa lhe enviou para o admittirem, lhes mandava dizer — que muito bem via o estado em que se achavão, pois não tinhão já muralhas para proseguirem em se defenderem; que se entregassem a tempo de poderem capitular como soldados, e não se exporem ao risco da misericordia, ou ao rigor, que elle quizesse exercitar. Faltava Governador, por dizer que estava doente; D. Pedro Pecinga, que o substituía, como era criminoso em Hespanha, não queria capitular; os paisanos, que erão mais que os soldados, dizião que não querião pôr-

se no risco de serem todos degolados com suas mulheres e filhos ; pelo que, capitulasse elle, e se o não fizesse, que elles se saberião entregar. Achava-se o Conde de Vimioso em Evora morador, forão dizer-lhe os Cabos da guarnição, que, por ser Sua Excellencia a pessoa de mais respeito , que alli se achava, a elle tocava fazer as capitulações. Ao que respondeo o Conde — que elle, naquella Cidade, não era mais do que um particular , e morador, como outro qualquer visinho, e que , por onde passassem os mais passaria elle. Resolverão-se com isto a capitular em commum, dizendo, que o Governador da Praça , e officiaes de guerrra , entregavão a Praça com as condições que se ajustassem de uma e outra parte. Ajustou-se, que todos os officiaes de infanteria sahissem com as suas armas, morrão aceso, bandeiras desenroladas , e formados ; a cavallaria montada, em esquadrões, com as armas na mão, e entrarião no exercito de Hespanha, aonde a infanteria seria desarmada , e a cavallaria desmontada, tirando-se as armas a todos ; e depois irião os soldados prisioneiros a Hespanha por dous annos, e os Cabos de cavallaria e infanteria ficassem livres, sem acompanhar os ditos soldados; isto a fim de que os prisioneiros se dispersassem em Hespanha , e não voltassem a Portugal; por que, não havendo cabos, que os governassem e sujeitassem, era certo que cada um buscaria a sua vida por onde melhor lhe fosse , como succede sempre.

V

Entra D. João d'Austria a Cidade; toma juramento de vassallagem; manda dar saque aos logares que se não entregão.

Estavão na Cidade de Evora todas as munições e bastimentos, assim para o exercito, como para as Praças fortificadas, e dinheiro para um pagamento; que como era a Praça, que se não temia ser invadida, por estar muito no interior do paiz, se depositarão alli todos os viveres e munições, com o intento de conduzi-los aonde fosse necessario. Esta foi a causa por que Sua Altesa quiz deitar mão a todas estas cousas, depois de rendida a Praça; pois forão para elle de muita utilidade, e para Portugal de grande falta. Consistia tambem um dos pontos das capitulações, em que tudo o que tocasse a El-Rei de Portugal, e se achasse na Praça seria perdido; e os paisanos, que quizessem ficar na Cidade, logrando suas fazendas, o poderião fazer, sem lhes mover nem interromper costume algum, nem tributo mais que aquelle que costumavão pagar antes desta conquista; e os que quizessem sair, se lhes concedia oito dias para poderem vender suas fazendas, e levar suas casas aonde lhes parecesse; e juntamente sairião tantos mascarados, sem se examinar nem inquirir quem fossem; por estarem os taes criminosos, e deverem a cabeça a Hespanha. Ajustado tudo isto, saío toda a gente de guerra, infanteria e cavallaria, observando tudo o que

se havia ajustado. Entrou logo toda a gente, que havia ficar de guarnição, e arvorando nas torres e muralhas os estandartes de El-Rei de Hespanha, foi Sua Altesa á Igreja maior dar graças a Deos, aonde foi recebido de todo o clero, e debaixo do palio, com *Te Deum*, a que assistio toda a Nobresa, Religiosos, e plebe, com grandes aclamações de vivas, dando todos mais provas d'alegria que de sentimento. Dalli foi Sua Altesa á casa da Camara, onde toda a Cidade e cavalheiros jurarão obediencia e vassallagem a El-Rei d'Hespanha. Deo tambem Sua Altesa cargos e officios, e dispoz de todo o governo, confirmando a todos no exercicio em que os achou; não alterou costumes nem tributos, senão tudo o que então se practicava. Mandou que se lhe entregasse todo o dinheiro, e mais cousas, que pertencião ao Rei de Portugal; e ao mesmo tempo enviou um grosso de cavallaria pela terra dentro, que chegou até Alcacere do Sal, que dista quinze legoas sómente de Lisboa, não havendo de permeio senão o Téjo; talhando e abrasando toda a campanha mais de vinte legoas. Todos os logares, que, por ficarem distantes, não vierão dar obediencia, os saquearão; não topando em parte alguma resistencia, nem quem a fizesse, ou se apartasse de sua casa, senão muitos vivas a El-Rei de Hespanha.

CAPITULO XII.

I

Sai D. Sancho com o exercito; reconcilia-se D. Luiz de Menezes com o Conde da Torre; chega a Evora, e conhece dos criminosos.

SAHIO D. Sancho Manoel de Estremoz com um exercito muito lusido, que constava, segundo dizem, de vinte mil infantes, e pouco menos de quatro mil cavallos; sendo causa da sua tardança o moverem-se as munições, bastimentos, e dinheiros que estavão em Evora, que por serem necessarios outros para o exercito, foi preciso conduzi-los a toda a pressa, como tambem algumas levas de gente, que havia chegado; porem tudo isto se concluio em oito dias, no cabo delles sahio á campanha, e a primeira marcha que fez não foi mais que de uma legoa, aonde teve conselho de guerra,

de que resultou o uniforme parecer de todos os que compunhão a junta, de que se soccorresse Evora, ainda que fosse a todo o perigo, por que de se fazer assim pendia a conservação de Portugal; por que, se Hespanha a ganhasse, e se fizesse Sua Altesa senhor della, se faria tambem de todo o reino. Achava-se o Conde da Torre no conselho, como particular, e D. Luiz de Menezes, General da artilheria: disserão os mais cavalheiros, que estavão presentes: — « Todos « damos de parecer que se soccorra Evora; e não « havendo entre tantos um só que contradiga esta de- « terminação, rasão será, que estando todos tão con- « formes na resolução, o estejamos tambem nas von- « tades, e que os senhores D. Luiz de Menezes, e « Torre se deem as mãos, e sejão amigos, renovan- « do a antiga amisade; pois sendo tão parentes um « do outro, não será bem, que indo tão conformes a « uma acção, de que pende a honra dos Portuguezes « e a gloria d'El-Rei, haja differença na amisade, « não devendo havê-la no risco. » — Ficarão com isto amigos como antes o erão, ainda que um era o offensor, e o outro se não havia dado por offendido; e foi por isso facil que nenhum delles se não lembrasse do passado. Ao outro dia de manhã se poz o exercito em marcha, direito a Evora, e chegando a Evora Monte alli apparecerão os rendidos, que saírão da Cidade, como erão os cabos de infanteria e cavallaria, e alguns paisanos, que não deixarão nem fazenda nem arbitrio com que podessem sustentar-se; pelo que saírão a buscá-lo onde podessem consegui-lo; e D. Pedro Pecinga, que foi um dos que saírão mascarados. Mandou D. Sancho fazer alto ao exercito, para se informar de como se havia entregado a Cidade, das capitulações, da gente, e do poder, que Sua Altesa tinha; e chegando D. Pedro Pecinga a fallar-

lhe, lhe perguntou se havia entrado na Praça um homem, que havia quatro dias lhe tinha enviado a mandar-lhe dizer, que pelejasse, por que neste mesmo dia estaria com elle á vista da Cidade, a soccorrê-la a todo o risco. Ao que D. Pedro respondeo : — « Esse « homem na Praça entrou, e me deo o mesmo reca- « do, que V. Ex.ª diz ; porem como os paisanos erão « mais que os soldados, me fizerão capitular ; e por « que me pareceo que pereceria toda a guarnição ; « havendo entendido delles, que estavão dispostos a « uma rebellião, se eu não capitulasse. » Irritou-se D. Sancho, e desembainhando a espada lha poz na garganta, tractando-o de infame e cobarde ; dizendo, que todas aquellas desculpas erão de gallinha ; porem, que quem tinha sido traidor ao seu Rei, mal poderia ser leal ao estranho. Chamou a um Tenente General de Infanteria, e, entregando-lho, o mandou levar preso ao Castello de Estremoz, e que o carregassem bem de ferros. E só em ferros experimentou que era forasteiro, que no mais, ainda que fôra Portuguez, passára pelos mesmos fios. Esteve este pobre cavalheiro em prisão mais de um anno ; porem teve a fortuna de que o amparasse o Conde de Vimioso, tanto em o patrocinar, como na assistencia de todo o necessario á vida humana, com lusimento de criados, e mais requesitos com que póde ser assistido um homem de bem. Depois que sahio da prisão se foi para Roma, aonde dizem que alcançou grandes honras do Pontifice, e muitas conveniencias.

II

Effeitos tristes do exercito; valor de D. Sancho; dá parte á Côrte; teme todo o reino; levanta-se Lisboa contra o Marquez de Marialva.

NÃO póde ponderar-se a tristesa e molestia, que esta nova causou em todo o exercito: conhecia este o risco, que ameaçava a perda daquella Cidade, e que ainda antes de estar rendida, tinhão vindo todos os logares correndo a dar obediencia á Hespanha; e que o mesmo faria já agora todo o reino; e que, mantendo-a Hespanha, só se conservaria aquella Provincia debaixo de sua obediencia; e que faltando este pedaço de Portugal, este se perderia todo, por ser aquella Provincia a mais pingue, abundante, e de maiores consequencias. Dissimulava D. Sancho Manoel no semblante alegre, que mostrava, animando a todos, e dizendo a todos, que com a mesma facilidade com que os Hespanhoes havião ganhado Evora, elle a havia restaurar, e que não ía a outra cousa senão a pelejar com o inimigo; e assim importava pouco, que elles a tivessem tomado ou não; que o successo das armas e o valor dos seus havia pôr tudo plano, e que nos soldados valerosos era o soffrimento nas adversidades o maior signal d'animo; que os alentos generosos, com que íão pelejar pela patria, devião armar-se de constancia e de esperança contra a má fortuna; que aos cobardes o temor os chegára ào

ultimo da desesperação medrosa; mas que nada era bastante a desanimar soldados de brio. Aquartelou-se aquelle dia duas legoas d'Evora, e mandou logo um postilhão a dar noticia a El-Rei, assim da tomada da Cidade, como do estado em que se achava; que foi a noticia mais triste, que se podia dar em Portugal. No mesmo dia chegou outra em que os Castelhanos tinhão ido até Alcacere do Sal, porem um tanto confusa, por que não disserão que era só a cavallaria, senão sómente que erão os Castelhanos; e como não ha de permeio senão o Tejo, julgou o vulgo que era todo o poder de Hespanha; pelo que uns fugião da Cidade para onde lhe parecia que poderião escapar, outros preparavão as armas, sem haver ordem, conselho, nem determinação do que se devia fazer; e no mesmo instante foi correndo por todo o reino a voz, de sorte, que em breve tempo chegou á noticia de todos o perigo, com os effeitos que o medo costuma em similhantes casos offerecer, parecendo a quasi todos, que Portugal estava perdido. A plebe o sentia menos que todos; os interessados, e os que pendião da conservação do reino, se davão por perdidos; alguns, que tinhão introducção, e correspondencia com Sua Altesa, como depois se soube, o tinhão em grande fortuna, e estava tudo indifferente. Aquelle mesmo dia houve um motim em Lisboa, levantado por gente malvada, e forão as regateiras, que vendem o comestivel na praça. Entrarão a dizer: — Morrão os traidores!.. A estas vozes se forão aggregando homens da mesma conta, e em breve tempo se ajuntou um grande corpo de povo, que entrarão a publicar, que El-Rei se achava morto ás mãos de traidores. Com esta quimera chegarão á praça do Palacio, e erão tantos que não cabião nella, juntando-se de todas as partes, e entrando em Palacio, encon-

*

trarão na escada o Marquez de Marialva, e se lançarão a elle com as espadas nuas, dizendo: — Morra este, que tambem é traidor! — Houve-se o Marquez com tanto valor e prudencia, que, acommettido de uma gente furiosa, e desenfreada, sem respeito a ninguem, parou com todo o socego, e lhe disse: — Que é isto, filhos, contra quem? — A que responderão: — Contra ti, que és um traidor! — A isto, fazendo o Marquez, com semblante alegre, uma cruz: « Traidor não, por esta cruz; porem ladrão sim. » Que, como era Presidente do Conselho de Fazenda, tinha fama de que o era grande. « E se vós outros co-« nheceis algum, eu serei vosso Capitão, vamos ma-« tá-lo! » Disserão a isto: — « Em cima, em Palacio, « estão os traidores, e matárão a El-Rei; e nós que-« remos matá-los todos, quando não, poremos fogo « ao Palacio. » — « Pois eu subo, disse o Marquez, « e se é verdade que matárão El-Rei, eu vos pro-« metto que não fique nenhum vivo, e o Palacio se-« rá queimado. » Ao que todos aclamárão, dizendo: « Viva o Marquez de Marialva, nosso Capitão! »

III

Falla o Marquez de Marialva a El-Rei; vota-se que appareça ao povo; este acommette a casa do Marquez, em que, escapando suas filhas, ha mortes.

Estavão todas as portas do Palacio guarnecidas com soldados da guarda, e alguns criados d'El-

Rei, que detinhão a plebe, para que não entrasse dentro; porem deixarão entrar o Marquez, o qual, chegado á presença d'El-Rei, que estava com outros fidalgos, disse: — « Está Vossa Magestade aqui com « tanto descanço, estando toda a Côrte dividida em « motins, e dissenções, sem que escape o mesmo Pa- « ço, que está cercado de plebe, dizendo todos, que « traidores matarão a Vossa Magestade. Sirva-se, Se- « nhor, de chegar a uma janella, para que o vejão, « e se aquietem, por que, de outra sorte, poderão « resultar algumas consequencias menos decentes, as- « sim a Vossa Magestade como a toda a Côrte. » Pareceo muito bem a todos, que El-Rei se deixasse vêr a uma janella, para com a sua vista se moderar a insolencia, ficando a plebe certificada de que não havia traição contra El-Rei. Deixou-se vêr a todos, que logo, com vozes conformes e repetidas lhe derão muitos vivas, e aclamações dizendo: « Morrão os trai- « dores, que entregarão Evora. » El-Rei lhes disse: « Socegai-vos, filhos, que ninguem é traidor, senão « muito leal. » Disserão que descesse o Marquez de Marialva, que era seu Capitão, e como este o não fez, disserão: — « Pois vamos a sua casa, que é um « ladrão, elle mesmo o confessou, e o tem dito e fei- « to, e assim tiremos-lhe tudo. » Saírão, com furia desordenada, de tal sorte, que se topavão algum pelas ruas, e os não acompanhavão, o matavão. Entrarão em casa do Marquez de Marialva, onde alguns criados quizerão impedir-lhes a entrada; porem venceo a multidão, pois, não podendo resistir ao impeto e furia de gente tão atroz, desampararão as portas, com morte de alguns criados; porem forão muitos mais os que morrerão da plebe. Aquelle espaço, que se detiverão na escada, deo logar á Marqueza e a quatro filhas de se pôrem em salvo, saindo por uma

janella baixa, que caía para outra rua, servindo-lhes de asylo naquelle conflito uma taberna, que estava aberta; que não foi pequena fortuna; pois em motim e alvoroço, todo o pobre e rico fecha as portas. Assim se virão senhores da casa, e sem estorvo cada um tirava aquillo, que sua sorte lhe deparava, arrojando pelas janellas tudo o que não podia levar; e foi tanta a multidão de gente, que se ajuntou, que, com ser o Palacio grande, nos quartos e escadas ficarão muitos homens mortos, afogando-se uns aos outros pelo aperto dos que vinhão correndo.

IV

Passão os do levantamento a casa de Sebastião Cesar de Menezes; dalli ás de Luiz Mendes de Elvas; é mandada a tropa; e, tirada a devassa, se castigão.

DEPOIS de ter roubado a casa sem ficar nada nella, começarão differentes vozes a dizer: — « Este « foi roubado por ser ladrão: vamos agora a casa de « Sebastião Cesar de Menezes, que sempre tem sido « traidor, e assim matemo-lo. » Era Sebastião Cesar dos mais authorisados barretes de Portugal, o qual, no decurso de sua vida, teve muitos contratempos, causados todos por suspeitas em materias de fé, e lealdade devida ao seu Rei; porem era tanta a

sua ardilesa, e tão grande seu talento, que, havendo estado preso duas vezes pelo crime de inconfidente, não só se livrou, mas ainda se fez senhor da graça do seu Principe, ficando sempre seu crédito tão seguro e abonado, que parecia a El-Rei lhe faria injuria em lhe não dar valimento; porem a plebe tambem se lembra dos crimes, e se esquece das virtudes. Assim que deixarão a casa do Marquez, e chegarão á de Sebastião Cesar, não acharão resistencia alguma. Fizerão nella as mesmas insolencias, sem perdoar a cousa alguma que não passasse pelo rigor da sua furia. Teve a fortuna de escapar Sebastião Cesar, por que, se o encontrão, certamente o matão. Depois de haver saqueado, e abrasado tudo, os que ainda não tinhão nada, por não ter encontrado cousa, que os podesse satisfazer em uma cobiça accendida pelos proveitos, que virão nos outros, começarão a dizer: « Vamos a casa de Luiz Mendes d'Elvas; » o qual não tinha outro crime para com esta gente mais que o ser rico, e ter fama de muitos dinheiros. Todos os aproveitados com a ganancia deste negocio, fugião logo com os roubos; os que de novo acudião, vendo que já não havia a que deitar mão, se dirigião a outra parte, aonde podessem lucrar. Desta sorte correrão a casa de Luiz Mendes; porem não lograrão seu intento, como os antecedentes; por que, conhecendo-se as extorsões e damnos, que andavão fazendo, e os que podião causar, não sendo evitados, tractou-se de remedio. Mandou El-Rei a um Capitão de Infanteria, que estava de guarnição no castello, que fosse, com cem mosqueteiros, encontrar-se com os amotinados, com ordem que lhe fosse dando algumas descargas, até os desbaratar. Andou o Capitão perguntando por elles, até que achou noticia da parte aonde estavão. Foi lá direito, e vendo

o tumulto da gente, que estava á porta para entrar, lhe mandou dar uma descarga, que, colhendo-os juntos, forão muitos os que morrerão. Vendo os que ficarão vivos tantos mortos, tomarão o remedio de seus pés ; os que já havião entrado para dentro, uns se lançavão pelas janellas, outros se arrojavão ao logar, que o medo lhes dictava para salvar a vida, encontrando muitos a morte, de que fugião, no remedio, que buscavão para lhe escapar. Erão mais de cinco ou seis mil pessoas as amotinadas, e bastárão só cem homens para os desbaratar, e fazer fugir, quando toda a Cidade e nobresa fugia, não só do motim, mas ainda de suas mesmas casas, não lhes deixando o temor considerar que gente livre em quadrilha, não achando opposição, obrão mais cruelmente que leões, executando as tyrannias, que a cada um lembra; pelo contrário, havendo quem lhes faça rosto, então são mais fracos que mulheres. Tractou-se logo de devassar, e prender quem fosse o autor, e tivesse induzido este alvoroço. Todos os que forão comprehendidos se enforcarão logo; que estes, ordinariamente, vem a acabar com similhante genero de morte, paga bem merecida a similhante insolencia. Das casas roubadas algumas cousas apparecerão, porem nada de consideração. Ao Marquez roubarão grande quantidade de joias, e outras cousas preciosas, e de muito valor; pois era uma das casas mais ricas, que tinha Portugal; porem servia de consolação o que todos dizião, que tambem o tinha furtado.

V

Tudo é confusão na Côrte com a perda d'Evora; escreve El-Rei ao General, e milicias; intenta o Infante ir ao exercito.

Acabada esta violenta tragedia, se tractou logo de buscar remedios aos damnos, que a tomada d'Evora ameaçava a Portugal. Tudo erão juntas, conselhos, e pareceres tão differentes, que se confundião uns com os outros, sem assentar em cousa certa; por que, quem se acha perdido, põe suas esperanças no arbitrio de alguma idea mais feliz, considerando que poderá a sua desconsolação achar remedio nella. O primeiro, que se adoptou, foi o de enviar El-Rei uma carta a D. Sancho Manoel, em que lhe significava lhe fôra muito sensivel a perda d'Evora, a não ter por certo, que seu valor lha havia restaurar: — « E assim, Conde amigo, ou ao Ceo, ou a Evora, por que eu não quero ser Rei de Portugal, se o não fôr tambem desta Praça. » — Bons estimulos erão estes para outro qualquer General, porem para D. Sancho Manoel era mais necessario freio, que reprimisse seu ardor, que esporas para excitálo; pois que nelle mais se podia temer o arrojo, que recear a cobardia. Escreveo igualmente El-Rei a todos os mais Cabos do exercito, de Capitão para cima, conforme os postos, que occupavão, lisongean-

do-os com honras, e deixando-os assim desvanecidos, e obrigados; que até os Reis se valem das lisonjas para o seu intento, quando isto lhe convem, ainda que seja com os seus mesmos vassallos. Vio-se nesta occasião, mais que nunca, opprimido o Reino; por que todos se fechavão com o que tinhão, e custava muito trabalho buscar os bastimentos, e outras cousas, de que se necessitava para o exercito, por ser grande a desconfiança nos Portuguezes, e se darem já por perdidos, que querião mais conservar o que tinhão, para fazer obsequio ao novo Rei, do que dispendê-lo com o Senhor, que presumião estar perdido. Houve no conselho pareceres de que convinha passar-se El-Rei ao exercito, que neste excesso o seguiria todo o reino, e cada um correria a ajudá-lo, conforme seu cabedal e suas forças; e que na sua presença o amor natural de vassallos incitaria mais a seus soldados ao valor, ao desempenho, e á honra da conservação do seu Principe. Rebatião outros este parecer, dizendo, que na segurança d'El-Rei estava a redempção de todos, e que as cousas estavão em estado, que lhes era mais preciso prevenir o remedio ás contingencias, que podia a fortuna dar de si, pois ía principiando a mostrar-se medonha, do que pôr Sua Magestade em risco de sua Real Pessoa, por que perdida esta, ficava tudo sem mais esperança, e conservada, havia sempre em que esperar. Prevalesceo este discurso, e conselho, que parecia saudavel, mas, a fallar a verdade, era medo, por que o primeiro era procedido de valor, e crédito; porem, como a prudencia é capa do temor, põe-se sem rebuço a honra na segurança e na cautella. Foi logo o Infante pedir licença a El-Rei para passar ao exercito, dizendo que esperava que Sua Magestade lha não negaria, por não ser ninguem mais interessado, nem

competir tanto a outro qualquer arriscar a sua vida pela conservação de Sua Magestade, e pela defensa do reino. Respondeo El-Rei : — « Infante, eu es-
« tou determinado a ir á campanha, e desejo que a-
« companheis minha pessoa: por onde eu passar, pas-
« sareis vós. » Tudo isto em El-Rei era realidade, assim como no Infante principio de engano e de traição. Beijou-lhe este a mão, e retirou-se. Quiz comtudo passar secretamente, e sem licença do Rei ao exercito, só para mostrar-se obsequioso ao reino, encobrindo a malicia, que depois foi patente em toda a Europa. E vendo-se sem cabedal para o poder fazer, se valeo de alguns homens ricos, pedindo prestados duzentos mil cruzados. Estava tal o tempo, que lhe não valeo ser Infante para os achar em pessoas tão ricas, como as que conhece Lisboa; claro está que os pediria aos mais abonados, porem julgavão todos que se os prestassem os perderião, pois que presumião que tudo o estava. Esta foi a causa de não fazer o Infante a jornada. Começarão então a levantar gente para o exercito, com grande rigor, e a conduzir-lhe bastimentos; erão para os Portuguezes tão custosas estas cousas, que os tornavão mais obstinados na perseverança de sua desesperação.

CAPITULO XIII.

I

Continua D. Sancho a marcha para Evora; conselho; toma lingoas, e prevenções de D. João d'Austria.

DEIXAMOS D. Sancho Manoel duas legoas fora da Cidade d'Evora; é justo que continuemos os progressos do exercito; pois que até agora nos distraímos a referir os effeitos da Praça rendida. Ao outro dia caminhou D. Sancho á Cidade, e se aquartelou menos de uma legoa: fez conselho de guerra ácerca do que devia seguir, e pelas lingoas, que se tomarão, se soube, que Sua Altesa havia marchar logo, e retirar-se a Hespanha, por estar falto de gente, assim pela que havia morrido nos aproches, que passava de mil homens, como

de seis até sete mil, que deixava de guarnição na Praça: que em Badajoz se achavão nove mil, todos soldados veteranos para reforçar o exercito; que se deteria vinte até trinta dias para descanço das tropas; e a prevenir o mais que fosse necessario para tornar outra vez a Evora, e tomar quarteis aquelle anno dentro em Portugal. Resolveo-se que se retirassem, e que marchando Sua Altesa, como fica dito, partissem sobre a Praça, e a tomassem a todo o risco, por estar mal fortificada, e não terem tido tempo os Hespanhoes de a pòrem em melhor defensa: a qual uma vez ganhada, perdia Sua Altesa a esperança de aquartelar-se no paiz; nem lhe restava Praça d'armas, donde podesse conseguir a conquista; e no caso que desvanecido dos bons successos, que tinha tido, quizesse vir buscar outra vez aos Portuguezes, que a sua soberba o castigaria, em lhe não fazer conhecer a fraquesa do seu exercito pela falta de gente, que forçosamente se havia consumir, e estar o resto das tropas, com que se achava, não menos maltratado, que cansado dos trabalhos alli passados; que os Portuguezes se achavão com muita vantagem, assim por seu poder dobrado, como por estar descansado o exercito, pois não tinha tido trabalho algum: e que por estas causas não poderião deixar de ter bom successo, se o Principe viesse buscá-los para pelejar com elles. Assim que amanheceo se poz o exercito em marcha; e aquella mesma noite chegou o troço da cavallaria, que Sua Altesa havia mandado fazer todas as extorsões que podesse pelo paiz dentro; e sabendo Sua Altesa, que o exercito Portuguez se lhe ía chegando, mandou uma contraordem a D. Diego Caballhero, General da Cavallaria; que com toda a brevidade se retirasse logo, e que, para melhor o executar, soltasse toda a presa, que tivesse feito. Os

soldados hespanhoes vinhão bastantemente carregados; e a presa se compunha de todo o genero de gados; porem, obedecendo á ordem, se deixou tudo, e fizerão retirada a toda a pressa, e com grande cuidado, por saberem que os Portuguezes estavão em campanha.

II

Retira-se o exercito ao Digebe, e se aquartela alem do rio; o exercito d'Hespanha se aquartela d'aquem do rio.

Ia o exercito Portuguez direito a um rio, que chamão Digebe, para o vadear, e aquartelar-se da outra banda uma legoa, antes que chegasse ao porto. Correo voz, que Sua Altesa vinha picando a retaguarda: com esta voz se houve de formar o exercito, e mettê-lo em batalha; porêm, como era entre devesas de asinho, não se podia regular a forma, por que o sitio, e o medo não dava logar a cousa alguma. Andava D. João da Silva e Souza com Diogo Gomes de Figueiredo, ambos sargentos móres de batalha, e cinco ou seis Tenentes Generaes de infanteria, e havia entre elles confusão, e nenhum obrava nada. Vendo isto D. Sancho, e o Conde Schomberg, notando a confusão que havia, fallou-lhes D. Sancho ásperamente, e aos soldados com singular afago, e carinho. Principiarão a pôr os esquadrões e batalhões em ordem de poder pelejar, quando che-

gou aviso de D. João da Silva, a quem mandavão ficar na retaguarda, que não erão mais que vinte ou trinta cavallos, que tinhão vindo reconhecer o exercito, e que marcha levava. Era tanto o respeito, que em Portugal se tinha a Sua Altesa, que em toda a parte mettia medo. Sabião os Portuguezes que o exercito de Hespanha estava diminuto, depois que estava fatigado pelo grande trabalho, que havia tido; que a cavallaria estava estropeada; e conhecendo a vantagem com que se achavão com maiores forças, fazia-lhes maior impressão o commandar Sua Altesa as tropas Hespanholas, do que a confiança das superioridades de que se acompanhavão. Assim que conhecerão que não era mais que uma partida, que vinha reconhecer a marcha, proseguio D. Sancho Manoel, seguindo a sua derrota. Chegando ao rio, principiou a passá-lo, de sorte, que ás duas horas da tarde estava já o exercito Portuguez da outra banda, onde se aquartelou em um chão plano, junto ao mesmo rio, com intenção, que Sua Altesa se determinasse a buscá-los, pelejarem alli. Serião pouco mais das cinco da tarde, quando se descobrio a cavallaria de Hespanha, que vinha coroando todos aquelles outeiros, que estavão junto ao rio; e logo a pouco espaço se vio a infanteria, que vinha marchando pelo menos escabroso, e sitio mais commodo. Todo o exercito se aquartelou, ficando á vista um do outro, não mediando mais do que o rio, o qual, passando, os dividia.

III

Formão os Hespanhoes uma plataforma, que se torna inutil pela providencia de Schomberg; intentão vadear o rio, e são batidos pelos Portuguezes.

Em uma eminencia, que registava todos os quarteis Portuguezes, começarão os Hespanhoes a mover terra, e a fazer uma plataforma, onde montarão quatorze canhões; porem como esta obra se havia começado posto o Sol, se acabou de noite; e da mesma escuridade se valeo o Conde Schomberg, mestre de Campo General, para mandar tomar as armas a todo o exercito, e formado em batalha o fez chegar bem á borda do rio, mandando juntamente que se não apagassem os fogos, que se tinhão accendido, antes os deixassem arder na mesma forma, que estavão. Com este ardil se metterão os batalhões debaixo da artilheria, sem serem sentidos dos Hespanhoes, e em vão se pozerão para sua defesa quatro mil mosqueteiros em umas paredes, que servião de muros a uns olivaes junto do rio. A Manoel Freire de Andrade, General da cavallaria do partido d'Almeida, com todo o terço que governava, mandarão se lhes aggregasse, para que disputassem melhor o passo. Assim que se acabou a plataforma, começou a jogar a artilheria toda a noite aos fogos, que estavão accesos, e pela manhã conhecerão os Hespanhoes o

escarneo, que fazião delles. Aquella mesma noite, em que chegou o troço de cavallaria, que Sua Altesa tinha mandado pelo paiz dentro, dispoz elle o que era necessario para a segurança da Praça, e na mesma hora ordenou sua marcha direita aos Portuguezes, e é certo que, se os alcança antes de passar o rio, os derrota infalivelmente; pois que, com os felizes successos, se achava mui poderoso, e os Portuguezes mui desanimados. Dizem que lhe aconselharão os Cabos do seu exercito, que não intentasse passar o rio, que, supposto a acção de ir buscar o inimigo até alli era de conhecido crédito, e de não menor valor das suas armas, com tudo, que mandasse voltar o exercito a Evora, que fizesse sua marcha por Monsaraz, que está junto ao Guadiana, e, passando alem, que estava no seu paiz, aonde poderião as tropas descançar, e reforçar-se com os nove mil homens, que estavão em Badajoz de reserva; e feito isto, voltar outra vez a opprimir Portugal, que era a verdadeira conquista, e não pôr-se a risco de perder tudo em as contingencias de uma batalha, quando ninguem está seguro dos successos della. Mas parece tinha chegado a hora em que a fortuna, ou compassiva ou desdenhosa, pouco a pouco queria tirar-lhe tudo quanto até alli tão liberalmente lhe tinha dado. Sua infelicidade principiou em não querer seguir tão bom conselho, parecendo-lhe ser cobardia o retirar-se, por imaginar se murchavão os gloriosos triumphos de que se havia cingido. Valor foi, não prudencia, mas antes soberba demasiada, que ordinariamente é castigada, a qual jámais concedeo o vencer a quem abusa do valor; e se alguem desta sorte se conheceo triumphante, foi só Alexandre. O valor e crédito nas conquistas está na prudencia de saber conservá-las. Assim que amanheceo intentou Sua Altesa vadear o rio, e ás seis

horas da manhã veio Sua Altesa com todo o exercito em batalha, dividido em dez batalhões adiante avançados, e algumas mangas de infanteria, adiantando-se a cavallaria a entrar na agoa, e ficando as mangas da infanteria á borda do rio; e indo já os esquadrões passando o rio, os recebeo no meio do váo Manoel Freire de Andrade, aonde houve um encontro mui renhido, os Hespanhoes para o quererem vadear, e os Portuguezes para que o não lograssem. Custou muitas vidas, pois quasi se encheo de corpos mortos. A mosquetaria Portugueza, e as mangas de infanteria Hespanhola trabalhavão de uma e outra parte em repetidas e reciprocas descargas, que não deixárão de fazer muito damno. Vírão os Hespanhoes a perda e destroço, que recebião, e conhecendo a impossibilidade do que intentavão, se retirarão e deixarão livre o váo. Estava tambem formado em batalha o exercito de Portugal, tendo no porto, de reserva, vinte esquadrões de cavallaria com muitas mangas de infanteria, que guarnecião alguns póstos e sitios convenientes, para poder melhor disputar o passo, e entrada dos Hespanhoes.

IV

Cobrão animo os Portuguezes; foge D. João d'Austria; faz obras de heroicidade o General da artilheria.

ESTE recontro foi o principio da boa fortuna dos Portuguezes, e presagio da má dos Hespanhoes.

Até áquelle dia e hora, tudo era medo, tudo era melancolia e desesperação, não digo só nos soldados, mas ainda nos Cabos, que devem disfarçar os máos successos com semblante alegre, para que os mais se animem, e se não julguem perdidos, vendo que quem os deve alentar os desmaia com demonstração de temor; este, todos o tiverão, só D. Sancho Manoel estava sempre igual no semblante, com alegria e constancia d'animo valeroso, sem dar o menor signal de desconfiança em cousa que tocasse os alentos de um generoso coração. Cada Portuguez ficou feito um leão; não se descuidavão ainda os mais cobardes de dizer grandes bravatas, e finalmente, todos alegres. Já os Cabos facilitavão a fortuna do Principe, havendo tão poucas horas que não sómente se lamentavão a si mesmos perdidos, mas a todo o reino. Oh! fortuna inconstante, quanto és leviana, pois mudas de parecer em tão breves instantes! Tu, que amparavas o Principe até alli, já o olhas com tão diverso semblante, que foi necessario que se obscurecessem seus triumphos com a falta de suas ditas, para não ser respeitado, e sempre conhecido seu valor; comtudo, a efficacia de tua força, não póde tirar-lhe a verdade de ser um grande Principe, e que deixem de conhecê-lo assim em todo o tempo!

Logo que Sua Altesa vio malogrados seus intentos, e que não podia passar o váo, se poz em marcha pela borda do rio acima, que vinha a cair de costado este movimento á vanguarda dos Portuguezes. Estava a artilheria destes em uma eminencia, que descubria a vanguarda do exercito Hespanhol, e, no ponto que este começou sua derrota, entrou a darlhe cargas com doze peças de artilheria, que apanhava tudo, desde a vanguarda até á retaguarda; e como

estavão mui visinhos em campo descoberto, lhe foi causa de uma grande mortandade. Pelo que, conhecendo os batalhões e esquadrões o irreparavel damno que recebião, não guardarão forma alguma, e se valerão dos pés, para ver se podião escapar do risco, que com a propria experiencia, e á sua custa, conhecião nos companheiros, que diante dos seus olhos caião mortos.

Assistia D. Luiz de Menezes á artilheria, como General della, e vendo os bons effeitos que exercia, e feliz logro dos tiros que dava, enchia as mãos dos artilheiros de dobrões, os quaes, levados da cubiça, se aperfeiçoavão a momentos na arte que exercitavão, querendo cada um á porfia avantajar-se nas pontarias, para poder conseguir o premio. Pelo que vendo os Portuguezes o damno, que a sua artilheria causava nos Hespanhoes, junto com a alegria do bom successo do choque no rio, se lhes augmentava o valor com as esperanças do vencimento, pois tinhão já os preludios da victoria.

V

Juisos sobre o desatino de D. João d'Austria; reflexões sobre sua perda.

NÃO póde negar-se ser grande o erro desta marcha, que executou Sua Altesa. Ninguem póde

penetrar a intenção deste Principe: uns dizem, que, quando o anno antecedente tinha acabado de ganhar Jerumenha, immediatamente entrára pelo paiz dentro, e que havendo passado pelo exercito Portuguez não dera demonstração alguma de querer pelejar, posto que o dito exercito se achava como encurralado na trincheira, que tinha levantado para seu resguardo em Estremoz, mais com o temor de ser acommettido pelos Hespanhoes, que ter pensamento de acommettê-los; nem tão pouco havia achado Sua Altesa naquella occasião menor estorvo á vista dos mesmos Portuguezes para invadir toda a campanha, e saquear todos os logares, que tinha querido, e que assim julgaria agora outro tanto; outros, e não sem grandes fundamentos, dizião, que a vaidade lhe havia offuscado as ideas de militar e de soldado, deixando levar-se mais da soberba, que os bons successos lhe havião gerado, para com isso mais depressa correr á sua perdição, quando ninguem duvida, que o conservar o conquistado é de maior valor, supposto o commum adagio da arte militar — que devem os riscos prevenir-se com cuidado, para que o ganhado se não perca, quiçá com menos crédito, e gloria com que se adquirio — porem querer bizarriar, e expor-se a perigo conhecido, não mais que por capricho, é loucura, ou mais alguma cousa. Se Sua Altesa tivera governado como soldado, havia ver se podia retirar-se a Hespanha, sem que algum Portuguez o visse, o que podia fazer, para que depois, reforçado com os nove mil homens, podesse ver melhor a todas as caras, e todos fugirião de ver a sua. Deixava Evora, Praça de tanta consequencia, ganhada, e muito bem guarnecida, com quasi todo o paiz inclinado em seu favor, e achando-se com um exercito cansado, diminuto em ametade de quando sahio á campanha, saben-

do que os Portuguezes vinhão com dobrado poder, descansados, sem ter tido operação alguma que os fatigasse; fazer uma marcha, atravessando toda a Provincia, para recolher-se por Arronches, sem considerar que podião pelejar com elle os Portuguezes, por muitas razões, que erão o estarem na sua terra, pelejar pela Patria, serem maiores suas tropas, terem já principio de victoria, que não só lhe tinha tirado o temor, senão influido grandes alentos, e causado aos seus inimigos não pequenos receios. Que outra cousa podia Sua Altesa esperar lhe succedesse senão que, chegando a pelejar, perdesse a batalha, e com ella tudo o que havia ganhado, não sem nodoa no seu crédito, e na sua opinião? Por que, se houvesse conservado o exercito com que se achava, ainda que os Portuguezes fossem sitiar Evora, havião pelejar os sitiados até que os soccorressem; porem, sabendo que havião perdido a batalha, e que por esta rasão não podião ser soccorridos, claro está que se havião entregar, como de facto o fizerão; e assim póde dizer-se que, se a perdeo, elle mesmo deo occasião, e a poz nas mãos de seus inimigos, com o desaire, que brevemente experimentou; pois lhe mandou Sua Magestade, que deixasse o governo, e se retirasse, por que, ainda que esta ordem lhe não era afrontosa, todavia lhe foi muito sensivel, deixando Portugal livre dos flagellos, que o ameaçavão, e a Hespanha cansada com os estragos, que elle mesmo solicitou.

VI

Segue e persegue o exercito Portuguez o resto do Hespanhol.

Assim que o exercito Portuguez vio a marcha que o Hespanhol ía fazendo, o foi seguindo na reta-guarda, não havendo de permeio senão o rio, de sorte que íão fallando de uma parte para outra, até que a volta do mesmo rio os dividio, e deo logar a Sua Altesa a poder em outra parte vadeá-lo, levando entretanto D. Sancho sua marcha sempre direita. Passado o rio com o seu exercito, se aquartelou Sua Altesa cousa de uma legoa de distancia; fizerão os Portuguezes o mesmo, ficando sempre á vista da retaguarda do inimigo. Propoz o Conde de Schomberg a D. Sancho, que não seria desacerto levantar terra, e fazer alguma defensa para maior segurança do exercito, por quanto, era dobrada a cavallaria Hespanhola, e que podia, valendo-se da noite, dar-lhes alguma encamisada, e fazer-lhes grande damno. D. Sancho lhe respondeo : — « Não convem, Senhor « Conde, fazer demonstração alguma de temor: os « soldados tem cobrado animo, e se agora chegassem « a entender que tinhamos medo ao inimigo, tornarião aos seus primeiros sustos: o que importa é « que V. Exc.ª mande reforçar o exercito, entrando, entre os claros dos terços, esquadrões de ca« vallaria; que as sentinellas se dobrem, e partidas

« sobre o inimigo; e todos nós faremos a ronda, pois « com isto não arriscamos nada. » Fez logo conselho de guerra, em que se resolveo, que, supposto a mostra que dava Sua Altesa, na marcha que tivera, era de ir direito a Estremoz, que se seguisse; e que havendo forçosamente de passar a ponte do rio Toro (pena de tornar a retroceder se o não fizesse) podião naquella paragem chocar com a metade do exercito, dando primeiro logar a que a vanguarda inimiga passasse a ponte; que desta sorte não era difficil carregá-los, de modo que se lograsse o intento, e se perdesse todo o exercito Hespanhol, por que, derrotada a gente que tivesse por passar, a outra que estivesse da outra parte, se perderia, assim por ficar pouca e desanimada, como por ter mui longe a retirada. Ao outro dia, antes de sair o Sol, se virão desarmar as tendas da reta-guarda inimiga; pelo que D. Sancho levantou logo o exercito, e se poz em marcha; e como d'alli á ponte, que se havia passar, distavão tres legoas, julgou que, ainda que caminhasse devagar, não poderia deixar de alcançar os Hespanhoes, conforme o que levava ideado de poder derrotá-los; porem, seria meio dia, quando advertio que Sua Altesa levava já uma grande vantagem, e se havia adiantado muito; pelo que, fez marchar o exercito com tanta pressa, que no espaço de uma hora fez com que os batalhões de infanteria fossem a todo o correr, a effeito de alcançar o inimigo na passagem da ponte; porem foi já tarde esta diligencia, por que, quando se chegou á vista do rio, já Sua Altesa havia passado com todo o exercito e carruagens. Vendo porem D. Sancho malogrados os seus intentos, mandou fazer alto ao exercito para tomar algum alento, e descansar da pressa com que o tinha feito marchar, e ás cinco da tarde principiou a pas-

sar a dita ponte, e serião pouco mais de duas ou tres da noite, quando acabou de passar toda a gente e carruagens. Aquartelou-se alli aquella noite, e mandou municiar todo o exercito de polvora, balla, e murrão, com mantimentos para tres dias, com ordem que ninguem levasse tenda nem barraca. A' uma da noite derão as partidas noticia de como o exercito Hespanhol já ía marchando; logo D. Sancho, com a brevidade possivel, mandou marchar, e foi seguindo o inimigo, e ainda que era de noite, e não se via o caminho que levava Sua Altesa, comtudo se julgava por onde poderia ir, assim pelo terreno, como pela Praça que ía buscar, para se recolher a estas horas, bastantemente arrependido da altivez, com que imaginou confundir os Portuguezes, persuadido, em todo ou em parte, do estrondo, que causou seu nome em Portugal. Porem a temeridade segue a todas as operações humanas, com a qual vem sempre a serem infelizes.

VII

Alcança o exercito Hespanhol junto a Estremoz; faz conselho; frustrão-se as diligencias para poder de todo destrui-lo.

Assim que amanheceo se achou o exercito de Portugal entre a Praça de Estremoz e o de Hespa-

nha pelo lado; e crendo que a maior vantagem que levava era de meia legoa, foi sempre D. Sancho carregando a marcha sobre elle á esquerda. Conhecendo Sua Altesa o intento, quiz melhorar de terreno, occupando a este fim tres outeiros, os mais altos que para alli ha, formando nelles sua infanteria, e a cavallaria nos plainos lateraes aos mesmos outeiros. Vendo D. Sancho o sitio que os Hespanhoes tinhão occupado, fez que todo o exercito se arrimasse, quanto era possivel, ás montanhas em que estavão formados os batalhões de infanteria Hespanhola, para que a artilheria destes não molestasse o seu exercito. Foi a marcha de ambos a mais bem dirigida que se tem visto, por que, sendo feita de noite, e começando-se entre a uma e as duas, quando forão sete da manhã, estava feito tudo o referido. Começarão logo os conselhos de guerra, sobre o que se devia fazer. Uns dizião que, visto achar-se o inimigo em sitio tão eminente, e mais vantajoso, não lhes seria difficil vencer aos que o acommettessem, pois aquellas montanhas, em que estava formado o fazião mais forte e inexpugnavel para tudo o que contra elles se quizesse intentar: outros dizião, que era melhor deixá-lo pòr em marcha, e com isto ir-lhe picando a retaguarda; que, como tinha a retirada prolongada, que serião dez legoas, não deixaria de receber grande damno, e talvez se perdesse de todo. Concluio D. Sancho a junta, dizendo, que a determinação se deixasse para depois; que os soldados vinhão fatigados, e assim era preciso descansassem, para quando se pozesse em execução o que se determinasse, se achassem com alento. Com isto se retirou cada um ao seu quartel, deixando a resolução para outro conselho. Manoel Freire d'Andrade, General da cavallaria d'Almeida, como vio determinar que se não pelejasse lo-

go com o inimigo, o sentio, por que na verdade assistia a este cavalheiro mais ardor de soldado generoso, que observação de General, que é deixar-se aconselhar ás vozes da prudencia e soffrimento, e não dos alentos generosos, que ordinariamente são mais activos do que se requer. Disse este General — Pois eu os farei pelejar. Governava elle a guarda da cavallaria, e começou a escaramuça com a reta-guarda do inimigo, e aos olhos de todos o attacou de tal modo, que parecia mais principio de batalha, que entretenimento de escaramuça. Reconheceo o Conde de Villa Flor, como tão grande soldado, que aquillo era mais temeridade nascida do valor, do que acção militar, segundo as regras: e assim, mandou a D. Luiz de Menezes, General da artilheria, que fosse retirar Manoel Freire, e que, no caso de não querer obedecer, o trouxesse preso, que por saber D. Sancho Manoel que o Tenente General repugnaria a tudo, mandou a D. Luiz de Menezes, cavalheiro tão qualificado, e conhecido, que não deixaria de o conseguir. Chegou o General da artilheria á escaramuça ao tempo em que o trazião já no cólo de um cavallo, atravessado de um tiro, que lhe tinha dado em uma ilharga. Foi muito chorada e sentida sua morte em todo o exercito; por que, quanto ás prendas de valor, e de generosidade de animo, ninguem se lhe avantajou em Portugal; não lusião estas no posto, que exercia, de General, pelo excesso, que o seu fogo lhe causava. Quando derão a noticia a D. Sancho Manoel, disse, que, por dous motivos, a sentia entranhavelmente; o primeiro, pela falta, que lhe havia de fazer naquelle dia, o segundo, por não ter morrido como General.

CAPITULO XIV.

I

Faz-se novo conselho; e, entre a diversidade de pareceres, resolvem não se pelejar.

Assim que D. Sancho advertio, que os soldados havião tido tempo de descansar, e tomado algum refresco, chamou a conselho os Cabos, e estando juntos, e os mais Senhores particulares, disse: — « Eu não chamo V.as S.as « para que me aconselhem se se ha de pelejar com o « inimigo, senão para que me digão como é que se « ha de pelejar. » A esta proposta se seguio uma multidão de pareceres tão differentes, que não fazião consonancia em cousa alguma, porem, querendo

concertá-la o Conde de Schomberg, como tão práctico no militar, e com tantas experiencias, disse assim : — « Tudo o que havemos feito até aqui, está
« muito bem practicado; e que vamos seguindo o ini-
« migo, até o metter na sua Praça, fazendo-lhe to-
« do o damno que podermos, é o mais acertado; pe-
« lejar com elle e apresentar-lhe batalha, não di-
« go eu que no posto em que se acha, mas nem ain-
« da em qualquer outro, no qual o nosso exercito es-
« tivesse com muitas vantagens, seria grande erro
« intentá-lo, e contra o serviço d'El-Rei. Não po-
« demos negar que tem sempre em todos os succes-
« sos uma grande parte a fortuna, porem no das ar-
« mas, domina ella a seu gosto, e as mais das ve-
« zes, com accidentes não pensados, occasiona as per-
« das, onde se devião esperar as victorias, por que
« tem sempre as armas por companheira a confiança.
« Vemos que Portugal não tem outra defensa, nem
« poder, mais que o deste exercito, que juntamente
« se conhece hoje tão pouca constancia em vassallos,
« que, se o vissem derrotado, todos se entregarião,
« e me parece é tão precisa a conservação do exer-
« cito para abster os Portuguezes de semelhante ar-
« rojo, como para defender-se dos Hespanhoes. Va-
« mos que esta Provincia, com a rendição de Evo-
« ra, está toda na obediencia da Hespanha, e que
« só as praças fortes sustentão o nome d'El-Rei; mas
« estas mesmas, se chegarem a conhecer algum máo
« successo de alguma batalha, logo no mesmo ins-
« tante se entregarião, fazendo merecimento de uma
« traição, para disfarçar melhor a cobardia. Não ne-
« gamos que com manter este exercito, que causa
» algum respeito, estamos mais timidos e desconfia-
« dos da pouca fé dos naturaes, que certos na sua
« lealdade, por que, ao passo que o vulgo se enche

« de arrogancia e temeridade nas cousas prosperas, « desfallece vilmente nas adversas. O verdadeiro ven« cer consiste em conservar aquillo, que se pretende « sustentar com crédito, e reputação das armas, e « essa é a verdadeira victoria. As acções mais justas « não costumão sair sempre as mais afortunadas, e « só o que vence tem rasão, por que não estão su« jeitas as victorias á providencia humana, e o mais « certo é que todas são incertas, e não se deve ar« riscar todo um reino só com a esperança do que « póde dar de si a fortuna, exposta a tantas contin« gencias. Com o exercito podemo-nos conservar, ain« da que seja com alguma perda, e sem elle não « temos aonde recorrer nem esperanças de recuperá« lo, tanto por estar o reino falto de tudo, como pe« lo demasiado desalento em que se achão os Portu« guezes. Assim, o meu parecer é que nos conserve« mos, sem nos arriscar-mos á sorte de uma bata« lha, por que muitas vezes, sem pelejar, se sabe « vencer. » —

Muitos se inclinárão a este arrasoado, e me parece, que forão os de mais; porem D. Sancho Manoel, como Capitão General, superior a todos, não admittio tal proposta, antes a rebateo com o seguinte.

II

Como D. Sancho persuadio a pelejar.

« Não podem louvar-se os conselhos senão depois
« de executados. Considerar os perigos, haven-
« do de entrar nelles, é prudencia de cobardes, e
« muitas vezes cobardia de valentes. Muitos venci-
« mentos tem alcançado a consideração, e não me-
« nos victorias tem dado a temeridade. O animo que
« começa a temer risco, nunca acaba, e assim mes-
« mo causa medo, por que sempre faz do nada mui-
« to. Todos V.as S.as são de parecer que se não deve
« pelejar com o inimigo, pela rasão dada de que se
« se perde este exercito, se perde Portugal, pois to-
« do o poder e forças do reino consistem nelle; e
« que, uma vez derrotado, não se poderá juntar ou-
« tro para a defensa, vindo desta sorte a ficar Por-
« tugal exposto á clemencia ou ao rigor do inimigo;
« sendo certo que o mesmo perigo temos nós, se não
« pelejar-mos agora, e deixar-mos retirar o inimi-
« go; por que, que melhor occasião podemos ter e
« desejar, para nos despicar-mos de nossos inimigos,
« do que a presente? Achão-se com o exercito can-
« sado de tres mezes de campanha; tem perdido a
« maior parte da gente em differentes occasiões; dei-
« xão Evora presidiada com seis ou sete mil homens,
« que serião dos mais escolhidos; e achando-nos com
« um exercito dobrado, e composto da melhor gente

« do reino, descansado, demos caso que, por infe-
« licidade nossa, nos derrotem, resta-nos o auxilio
« de termos alli Estremoz, distante não mais de tres
« quartos de legoa, por cuja causa não será tão gran-
« de a perda, pois temos Praça com que nos cobrir-
« mos, e aonde nos recolhamos, o que não poderia
« ser, se estivessemos mais distantes; e, pelo con-
« trário, se Deos fòr servido dar-nos victoria, tem o
« inimigo tão longe o seu refugio, que não é possi-
« vel que escape homem com vida, ou sem prisão.
« Vemos que todo Portugal está esperando o succes-
« so desta campanha; se chegar a entender que não
« pelejamos, ou que deixamos passar o inimigo, que
« podemos esperar que faça, senão que a desespera-
« ção os incite a alguma resolução, que cousa al-
« guma possa remediá-la? Até os mesmos soldados,
« que temos agôra por companheiros, promptos ao
« risco pela defensa da patria, voltaráõ a espada, e,
« com facilidade, de amigos se tornaráõ inimigos.
« Logo as nações de que se compõe a maior parte
« do exercito, as quaes não servem senão pelo inte-
« resse da paga, vendo o inimigo avantajado, e, pe-
« lo contrário a nós outros medrosos, não será de
« admirar que mudem de partido, com o seguro da
« maior conveniencia, maiormente quando a estes não
« obriga o crédito nem o amor da Patria, nem de
« seu Rei, senão meramente o interesse, a que as-
« pirão, de maiores lucros. Sabemos que Sua Altesa
« tem de oito a nove mil homens em Badajoz,
« para reforçar o seu exercito, e que, recolhendo-
« se salvo, dará uns poucos de dias de descanso aos
« soldados, para tornar a entrar em Portugal com
« maior poder do que agora se acha. Estará o nosso
« exercito então sem nenhum poder, pois o que ha
« no reino o temos aqui, e passada esta occasião se-

« rá difficultoso tornar a ajuntar outro, com as cir-
« cunstancias, que conhecemos nos assistem. Não
« ignorando V.as S.as isto, e que o exercito inimigo
« está mui quebrado, e não pouco remissos os brios,
« e aquelle primeiro ardor com que entrou na con-
« quista, e já mui desfalcado pela consideravel guar-
« nição, que deixa na Praça, temos na mão a oc-
« casião mais preciosa á execução, do que conselho,
« estando todos certos, que a plebe e o commum não
« julgão as cousas, senão os successos. Por tanto me
« resolvo a pelejar com o inimigo, e não pareça a
« V.as S.as que é isto temeridade, senão muita pre-
« cisão, por que o estado em que se acha Portugal
« me obriga, e a occasião, que temos presente, me
« convida, e anima, e antes quero que me cortem
« a cabeça por haver pelejado, que me notem de
« cobarde pelo não ter feito: se não pelejo, tenho
« certo o descrédito e a perdição, e se o faço, sem-
« pre conservarei a honra, ainda que arrisque a vi-
« da; se venço restauro todo o perdido, e se me
« perder, o mesmo arriscára, ainda que não pele-
« jasse; e hoje, no estado em que estamos, não
« podemos vencer sem pelejar: e assim V.as S.as se
« disponhão para a batalha; e por vida d'El-Rei, que
« hoje ninguem se porá diante de D. Sancho Ma-
« noel! » —

III

Aplaudem todos a resolução de D. Sancho; Schomberg põe o exercito em peleja; manda o General tocar a degolar.

Todos aplaudirão a resolução do Capitão General; mas tenho para mim, se levou o Conde Schomberg mais da lisonja, que de affectos de coração, quando disse : — « Sempre o meu parecer, ainda « que se vença a batalha, é o mesmo, de que nun-« ca me retratarei, por que, em quanto Cabo e Ge-« neral, devo dizer o que convem, e póde concorrer « á segurança, que pretendemos; porem, chegando « a pelejar como soldado, ninguem no mundo jámais « se avantajou ao Conde Schomberg, e tracte cada « um de apertar bem a mão, por que neste dia es-« tá o perder ou ganhar. » Entre os dous Generaes maiores havia já um pouco de desabrimento, Schomberg pela opinião de grande soldado, e D. Sancho Manoel pelo desvanecimento de muito maior; e assim sempre estiverão differentes em tudo; e é certo que se não governa o exercito D. Sancho Manoel nesta occasião, não se pelejára, e se perdera tudo; por que outro nenhum sujeito era sufficiente a rebater a opinião de um tão grande Cabo como Schomberg. Mandou D. Sancho que cada um acudisse a seus póstos, en-

commendando a todos o quanto lhes importava o vencimento, que este se não alcançava senão com constancia e valor, de que estava tão certo como satisfeito, junto com as experiencias, que em Cabos tão conhecidos concorrião, e que com o auxilo Divino, esperava um grande dia a Portugal. Ao mesmo tempo montou acavallo, sem querer levar mais armas comsigo do que um gibão de tella, e uma casaca de verão, e uma gorra na cabeça; porque, com armas e sem ellas, representava um tal respeito, digno do posto, que occupava, que parece que a natureza se havia empenhado em o fazer um General completo, assim na disposição do corpo, que era dos mais bizarros que havia em Portugal, como na resolução e valor, que em um grande Capitão se requer. Ião-no acompanhando diante D. Luiz de Menezes, General da artilheria, e Affonso Furtado de Mendoça, Governador do partido d'Almeida, que tinha vindo ao exercito com um terço de gente; Diogo Gomes de Figueiredo, Sargento Mór de Batalha, e alguns Tenentes Generaes de infanteria, e Ajudantes de Tenentes; seguião-no logo seis ou oito criados, homens de valôr, pois não admittia no seu serviço quem o não tinha, e um pouco mais atraz as suas companhias de guarda, e seis cavallos á mão. Correo todos os terços, desde o lado direito até ao esquerdo, fazendo o mesmo com os esquadrões de cavallaria, com um semblante, e ar de alegria tal, que parecia annunciava já o que em breves horas aconteceo, animando os Cabos e os Soldados com um agrado tão benigno, como forte, que lhe pesava a demora de chegarem ás mãos com seus inimigos, e lhes era de incrivel impaciencia; ficando tão pagos e satisfeitos desta benevolencia, que com repetidos applausos atiravão com os chapeos ao ar, e com aclamações lhe davão repetidos vivas.

*

O Conde de Schomberg, a quem o lusimento e ostentação não desdizia da bizarria e valor, que lhe assistia, começou logo a pôr todo o exercito em forma de pelejar, acodindo a todas as partes, que lhe parecia era necessario prevenir, bastantemente acompanhado dos seus Francezes, e com a sua companhia de guarda, todos vestidos de azul, com seus atabales e trombetas, e vinte e quatro cavallos, todos os seus telizes bordados de ouro e prata, mui custosos, e juntamente outros vinte e quatro criados, todos acavallo, que os levavão á dextra, com outros muitos criados de que fazia estimação; por que, sem encarecimento, contava a sua familia mais de cento e vinte criados, e alguns officiaes d'ordens. E estando já tudo disposto e prevenido, havendo tirado dos terços dous mil mosqueteiros, e repartidos em mangas, postas entre a cavallaria, que, como se reconhecia sempre vantagem em a Hespanhola, se valião da infanteria para poder reprimir melhor o seu impeto. Chegou D. Sancho Manoel, e lhe disse: « Senhor Con-
« de, já tudo está disposto? Pois não falta mais que
« começar a dar; por quem mais dér se ha de ven-
« cer. » Mandou logo D. Sancho tocar as trombetas a degolar, e os tambores a calar o murrão, e a Diniz de Mello e Castro, General da cavallaria, que fizesse carregar os esquadrões da ála direita aonde estava o mais forte da cavallaria, por causa do terreno, que era alli melhor; aos Sargentos Mores de batalha João da Silva de Sousa, e Diogo Gomes de Figueiredo, que fizessem avançar o terço do lado direito á segunda colina, e que todo o demais corpo do terço fosse avançando, e seguindo aos primeiros, que íão diante. No lado esquerdo levavão a vanguarda os Inglezes; a estes mandou ajuntar os dous terços, que forão o de Francisco da Silva de Moura, e o de João

Furtado de Mendoça, e que avançassem á primeira colina, que era a mais alta, e que parecia ter mais batalhões. Executarão-no, indo dous pelos lados, e outro pela frente: ás suas companhias de guarda mandou que fossem á direita encorporar-se com a da cavallaria, ficando só com os seus criados, e com tres ou quatro officiaes de ordens; assistindo em toda a parte com tanta actividade, que em qualquer que o buscavão no conflicto da batalha o achavão sempre na vanguarda para dar ordens, e receber avisos.

IV

Determinação de D. João d'Austria; avanção valerosamente os Inglezes; marcha com perigo o terço de Francisco da Silva; sua valerosa decisão.

Nestas horas, que serião de cinco para seis da tarde, ía marchando a carruagem do exercito Hespanhol, para que assim que anoitecesse Sua Altesa o seguisse com suas tropas, e ao amanhecer buscar posto, que não faltava por aquella terra, aonde estivesse melhorado, e mais bem defendido; porem, apenas Sua Altesa reconheceo a disposição dos Portuguezes, que íão já avançando, e a cavallaria chocando com a sua, foi animando com valor a toda a

sua gente, e chegando á primeira colina, aonde estava o maior corpo da sua infanteria com duas peças de artilheria, e vendo que os terços Portuguezes íão já montando pela montanha, conheceo muito bem que, se chegavão áquella colina, que era a mais forte, e montuosa, e a mais bem occupada de sua gente, perderia a batalha. Acodio pois á parte onde tinha mais confiança de conseguir a victoria, se se conservasse sem ser tomada; e para melhor persuadir a seus soldados, deixou o cavallo, e se poz a pé com um junco na mão, e lhe disse: — « Filhos, hoje « todos somos companheiros, e todos havemos pele« jar como valerosos Hespanhoes, a quem jámais ha « faltado o alento nas occasiões mais perigosas. Es« tes, que nos vem buscar, é tudo uma canalha, que « não tem Lei nem Rei; desbaratados elles, todo « o resto dos rebeldes o ficará tambem. Amigos, não « pelejais por El-Rei nem por mim, senão por vós « mesmos: o sitio em que estamos, é o mesmo que « se estivessemos no Castello de Milão. » Acodirão a esta oração todos os Cabos maiores, e alguns Senhores a fazer seus requerimentos da parte de El-Rei, supplicando-lhe montasse acavallo, pois importava mais a segurança de sua pessoa, que a perda de todo o exercito, significando-lhe não ser aquelle o posto de Sua Altesa, e que a victoria não consistia em mais que deixar-se ver de todos os seus soldados, pois com a sua vista se animavão de tal modo, que não havia poder que não sujeitassem, e que, sendo isto assim, para que queria Sua Altesa pôr em risco aquillo que podia segurar só com ser visto; pois de assim o não fazer, faltava Sua Altesa á obrigação de General, e ao serviço de Sua Magestade. Dizem que o Duque de S. Germano, que era seu Mestre de Campo General, se adiantou tanto neste arresoado,

que pareceo mais reprehenção do que supplica. Vio-se por esta occasião obrigado a montar acavallo, e correndo por todo o exercito animou a todos os Cabos e soldados, não deixando aquelle dia de fazer cousa que tocasse á obrigação de General, nem ao valor de grande soldado; por que nos conflictos perigosos, e aonde é conhecida a perda, não desmaiar nelles, acredita tanto o generoso, como é digna de louvor a constancia com que se afrontão. Indo pois já avançando os tres terços Portuguezes pela colina, o dos Inglezes, que estava na vanguarda do lado esquerdo, se achava em um plano junto ao monte; e indo já em marcha para o subir, o attacarão dous esquadrões de cavallaria; porem houverão-se com tal brio, despedindo chuveiros de ballas, que não podendo os esquadrões aturá-los, lhes deixarão o passo, e se voltarão mal tractados. Proseguirão os Inglezes seu avance, e com muito trabalho, por ser por aquella parte o monte mui fragoso: o terço de Francisco da Silva e Moura, que ía por frente, e com cara ao inimigo, fazia a sua chegada mais visinha, e por isso mais arriscada que os dous, que íão pelos lados. Assim que o batalhão, que estava formado na colina, os vio ir subindo, lhe começou a dar descargas de mosquetaria; porem o Sargento Mór Manoel de Sequeira Perdigão, como muito práctico, prevenindo o perigo que lhes poderia vir, mandou dobrar as fillas, para que, com os claros que ficavão, não perigassem tanto os soldados. A meio caminho derão os Hespanhoes uma descarga de duas peças d'artilheria, carregadas com balla miuda, que não deixarão de matar alguns soldados; e a não preceder a prevenção dos claros, em que o terço ía formado, seria muito maior o damno; tornarão d'alli a pouco com a mesma descarga de artilheria, porem já não fez effeito

algum por dar muito por cima. Vio o Mestre de Campo Francisco da Silva, que o batalhão que ía direito ao avance era muito grande, e muito avantajado ao seu terço; e junto a este reparo se lhe offerecia que os dous terços, que ião pelos lados, não podião chegar tão depressa como elle, por estar já quasi abarbado com o inimigo; mandou fazer alto, dizendo que ião perdidos, por suspeitar que detraz da Infanreria podia estar alguma cavallaria que os degolasse a todos sem remissão alguma, — por que não poderáõ, dizia elle, os dous terços chegar a tempo que nos possão soccorrer; e assim me parece será melhor irmos inclinando ao lado esquerdo a encorporar-nos com os Inglezes, por que, no caso de estar a cavallaria que receamos, juntos todos nos poderemos defender; e se não a houver, com mais facilidade derrotaremos o inimigo. — A isto responderão os Capitães, dizendo — que elles não erão homens, que buscassem amparo em alguem, por que não querião perder a gloria de serem os primeiros que chocassem com o inimigo; que se Sua Senhoria o queria fazer, que fosse só com a sua pessoa, por que elles confiavão tanto nos seus soldados, que sabião que serião seus companheiros tanto no risco, como valerosos em pelejar. A isto disse o Sargento Mór, soldado de muito valor: — Eu aclaro tudo, e não deem passo até que volte. — Metteo pernas ao cavallo, e foi costeando pelo lado da montanha, até que a descobrio toda, e vio que não havia cavallaria alguma, que era o que se receava; e tornando com a mesma pressa, disse ao Mestre de Campo — que podia sem dúvida alguma avançar, por quanto os batalhões, que tinha suspeitado, não podião fazer damno, por que os não havia. Acção foi esta que deo grandes créditos a Manoel de Sequeira Perdigão, e bastou ser sua para ser louvada. Não póde duvidar-

se ser de soldado o reparo que fez o Mestre de Campo, mas a pouca confiança que fez do seu terço, não foi de valente, pois era o mais qualificado, e o melhor que se conhecia no exercito. D. Luiz de Menezes o havia deixado poucos dias antes, por passar ao primeiro posto da artilheria; tinha gastado com elle as suas rendas, havendo-o composto todo de soldados veteranos, e de homens criminosos, que não achavão outro asylo mais seguro que servir o terço do dito. Todos sabião quanto elle se desvellára em buscar Capitães de toda a experiencia, a quem não só acompanhava o valor, mas tambem a nobreza. Nestas circunstancias ver-se o dito Cabo mais tímido, que confiado, com gente tão disciplinada, como a que tinha comsigo, não deixou de attribuir-se pertencer mais a cobardia, que a prudencia de bom Capitão; mas pouco depois se veio a saber a raiz do reparo, como logo se dirá.

V

Avanção os terços; cresce-lhe o animo á proporção do estrago; avança-se a outra colina; é soccorrido o inimigo, mas é derrotado.

TORNANDO pois aos terços, que íão avançando ao dito batalhão dos Hespanhoes, deo ordem o Sar-

gento Mor que nenhum soldado disparasse um só tiro sem elle mandar. Receberão os Portuguezes as cargas da mosquetaria Hespanhola, sem que nelles houvesse a menor descompostura, e assim que chegarão á boca de canhão do batalhão inimigo, mandou o Sargento Mor dar descarga ao seu terço, que foi como á queima roupa; e ao mesmo tempo disse, puchando da espada: — Eia, Senhores Capitães, é tempo! E apenas o tinha pronunciado, já os Capitães, com a espada na mão, e seus broqueis, estavão misturados com os Hespanhoes, seguindo-os todo o terço; e foi isto com tanto valor e presteza, que a primeira filleira dos Hespanhoes, não esperando o golpe de bayoneta, logo deo as costas; porem como a segunda filleira estava ainda firme e formada, com a desordem da primeira se poz em tal confusão, que todo o batalhão perdeo a forma, e se fez uma pinha; e por isso deo logar á cólera dos que o havião rompido, para que sem resistencia alguma fossem matando, e que reconhecessem que os Hespanhoes não podião offendê-los, nem defender-se, e que por esta causa lhe davão bom quartel. Muitos se quizerão valer dos pés; porem como vinhão os dous terços pelos lados não escapou nenhum. Aquelles que caírão nas mãos dos Inglezes forão desgraçados, por que a nenhum derão quartel; os que pararão ao nosso terço Portuguez, não tiverão azar, alem de ficarem prisioneiros com vida, e sem farda. Derrotado este batalhão, que foi o principio da victoria, tractou o Sargento Mor e Capitães de compor outra vez o terço, formando-o para ir proseguindo o avance, ainda que se conseguio já tão tarde, que não passarão da montanha; por que, como entrarão a desfardar os inimigos rendidos, não havia modo de os pôr em forma; e chegando-se a juntar os dous terços, que íão pelos lados, forão al-

guns de parecer se fosse adiante; discorrião outros, que não convinha senão sustentar aquelle posto até nova ordem do General. Todos estes pareceres emmudecerão em ver que os Hespanhoes íão conhecidamente fugindo; e por que tambem faltava o Sol, ficarão sem ir adiante. Do lado direito tinha sahido o terço da Armada, de que era Mestre de Campo Simão de Sousa Vasconcellos, irmão do valido o Conde de Castello Melhor, e o Terço de Castello de Vide, seu Mestre de Campo Tristão da Cunha de Mendoça, para haverem de avançar á segunda colina, a qual, ainda que não era tão montuosa, nem tinha tanta gente como a primeira, tinha comtudo a que bastava para qualquer defensa; e não deixarão de achar alguma resistencia por serem soldados veteranos, que é o em que consiste o bom successo das armas e batalhas. Pelejou-se de uma e outra parte um bom espaço, sem poderem romper-se uns aos outros; porem, sendo soccorridos os Hespanhoes com dous esquadrões de cavallaria, foi o terço da Armada derrotado, e o seu Mestre de Campo passado de um tiro pelo peito, de que esteve muito mal, porem não morreo. O terço de Castello de Vide, ainda que não padeceo tanto, não deixou de ficar maltractado, e ficára tambem desbaratado, se D. João da Silva, Tenente General, soldado de grande opinião, o não soccoresse com quatro esquadrões de cavallaria, com que, animados os que restarão dos derrotados, vendo tão bom soccorro, principiarão a pelejar com maior ardor, pois erão soccorridos pelo Cabo de maior experiencia que tinha o exercito Portuguez. Alentados assim, tornarão outra vez cavallaria e infanteria Portugueza a pelejar, até que romperão o batalhão Hespanhol, que, posto em confusão, foi logo derrotado; e dos esquadrões Hespanhoes se re-

tirarão os que pudérão, vendo que não podião resistir á violencia com que os investirão, de que ficarão muito mal tractados: tambem da infanteria escaparão muitos, por que o terreno os favoreceo bastante.

VI

Ao inimigo da terceira colina investem os nossos; este foge e tambem a cavallaria, e a noite lhe salvou muitas vidas.

Faltava a terceira colina, que estava mais retirada; porem esta, como vio já as duas desbaratadas e destruidas, e que o exercito Portuguez ía todo a avançar a ella, se foi retirando a passo largo, cada um como melhor podia, fiando da ligeiresa dos pés o salvar a vida, e a conservação da farda. A' cavallaria succedeo o mesmo, pois, vendo-se já sem infanteria, tractou tambem de pôr-se em salvo. Andou naquelle dia D. Diego Caballero, General della, como sempre, pois nunca lhe faltou o valor por companheiro; não faltando, em tudo o que tocava ao seu emprego em cousa que podesse deslusi-lo ainda em um successo tão fatal. Tambem andou tão valerosa a cavallaria Hespanhola, que póde dizer-se se avantajou naquella occasião mais que nunca, por que toda a perda, que recebeo o exercito Portuguez, el-

lá a causou; por que no principio dos combates não podendo a cavallaria Portugueza esperar o impeto da ála esquerda Hespanhola, que assistio naquella parte em maior numero pela commodidade do terreno, desamparou as mangas da infanteria, que levava, e forão degollados todos, até os Capitães, sem que ficasse homem dellas com vida, que erão dous mil arcabuzeiros; e até virão derrotada toda a sua infanteria, com a muita que fugio, e não voltarão as costas, por que é certo, que se esta se tivera sustido firme, e sem deixar-se romper, só a cavallaria bastára para dar a victoria a Hespanha: e isto faltando-lhe algumas companhias, que tinhão saido a forragear, com outras tres ou quatro, que ião comboiando os sete mil soldados Portuguezes, que saírão prisioneiros d'Evora. Comtudo, fez algum damno á Portugueza, matando-lhe dez ou doze Capitães de muito valor com outros officiaes e cavalheiros particulares, e alguns soldados passarão pelos mesmos fios, não conhecendo o exercito Portuguez mais damno, que o que ella lhe fez. Verdade é que na retirada recebeo a mesma cavallaria Hespanhola tambem muito damno, e perda, assim em mortos como em prisioneiros, que se entregarão. Como a batalha se deo já muito tarde, quando se conheceo a victoria já não havia Sol, pelo que a noite servio de capa a muitas vidas dos que havião fugido, e com a occasião podérão escapar. Sendo que aquelles, que caírão nas mãos dos villãos, que não forão os menos, lhes aconteceo igual desgraça, por que a nenhum derão quartel; pois como virão que os Portuguezes havião vencido, ainda que todos estavão na obediencia de Hespanha, quebrarão logo a fé, para o que bastava serem villãos, por que em semelhante esphera de gente sempre se ha conhecido que não tem lei nem Rei, como tam-

bem não pagar beneficios nem vingar aggravos, senão que viva quem vence e não mais. Estes taes íão sempre seguindo o exercito, e quando chegava a pelejar um com outro, se punhão a observar de parte donde podessem registá-los melhor, e vendo a victoria, acodião logo, e erão os que mais mal fazião; o mesmo obrárão com os Portuguezes, se tivessem perdido a batalha, tomando por pretexto o dizer que erão já vassallos de El-Rei de Hespanha, e assim, como prácticos daquelles caminhos, esperavão aos fugidos onde melhor lhes podião fazer assalto, e não sómente os despojavão até da camisa, porem até os matavão a sangue frio, inhumanidade contra Deos, e contra a natureza.

CAPITULO XV.

I

Contando-se por diversos modos a fugida de D. João d'Austria, é certo que fugio com bastante indecencia.

Por diversos modos foi referida a retirada de Sua Altesa. Uns disserão, que, indo em fugida, se apeara do cavallo, e se vestira com a farda de um soldado, e para melhor disfarce, foi caminhando a pé, por que se dessem com elle, só lhe tirarião a farda que levava, e se não expunha ao risco de o presionarem, uma vez conhecido pelo lusimento do seu caracter, e que um soldado Hespanhol, homem de brios, indo tambem fugindo,

o conheceo, e vendo-o naquelle trajo, lhe dissera: « Como! Vossa Altesa a pé! era melhor se servisse « do cavallo que tinha para poder retirar-se, por que « de outra sorte será mui facil cair nas mãos do ini- « migo.» Ao que respondeo Sua Altesa — que se fosse com Deos, que elle lhe agradecia a sua attenção. — Porem que o soldado, vendo frustada a sua lealdade, e o perigo de que o fizessem prisioneiro, tomara uma pistolla, e dissera — que se S. Altesa não montava acavallo, o matava, por que seria menor inconveniente ficar morto em Portugal, do que captivo. E que, conhecida esta resolução, se pozera acavallo, dizendo ao soldado: — « O vosso zello me obriga a montar.» E deste modo apressou a sua retirada com mais segurança. Eu desconfio da verdade do referido, sem embargo de ser dito por muitos a quem se póde dar crédito; porem cá em Castella tive outra noticia mais digna de crédito, assim por m'o dizer pessoa que acompanhou o General, como por ser a sobredita alheia do genio de Sua Altesa. Diego Navarrete, que era Tenente de uma companhia de cavallos, sujeito de toda a honra, me disse, que indo retirado da batalha com os demais, por não saber da terra, nem dos caminhos, e ser já noite em toda ella, andou perdido, e que ao amanhecer se dirigio por uma vereda, e seguindo-a, chegou a uns asinhaes, debaixo dos quaes achou a Sua Altesa, e a Diego Caballero, General da cavallaria, e que estavão sós: que este D. Diego se tinha retirado com S. Altesa da batalha, sem se apartar delle, e que dizendo-lhe o Principe, vendo-se já perdido: — Que havemos agora fazer, D. Diego? — este lhe respondera: — « Já não póde remediar-se nada do perdi- « do: o que agora convem é pôr a pessoa de Vossa « Altesa em salvo, que será grande victoria.» Com

o favor da noite se pozerão a caminho, até pararem onde os achou. Determinarão-lhe ficasse com elles, e assim que começou a abrir o dia, forão juntando os que vinhão fugindo desencaminhados, assim soldados de infanteria como de cavallaria, e os cabos, que andavão perdidos por causa da noite, e de não saberem do terreno; e que serião dez horas quando Sua Altesa começou a marchar por um lado da villa de Fronteira, que distava dalli uma legoa, sujeita a contribuição e partido de Hespanha, levando comsigo um corpo de gente formado, e se retirou como General e como soldado a Arronches, que distava da Fronteira cinco legoas. Muito bem fez Sua Altesa esperar gente para poder ir com algum respeito; porque se os villãos de Fronteira, e de outros logares circumvisinhos, que se juntarão, o apanhassem só, ou com poucos soldados, o que até alli havião sido demonstrações de amor, de carinho, e signaes de contentamento, publicando suas ditas nos applausos que manifestavão de estarem sujeitos a Hespanha, nada disto valeria a Sua Altesa, se o tivessem encontrado sem forças, para que deixassem de executar nelle sua crueldade, que nos villãos sempre é maior quando se conhecem vencedores. Comtudo não deixou Sua Altesa de soffrer a insolencia daquelles barbaros, que, supposto o não offenderão na pessoa, o lastimarão no mais vivo da alma.

II

Sua Dama é roubada pelos villãos; um Clerigo é castigado por culpado.

GOZAVA Sua Altesa da bellesa e agrados de uma Dama flamenga; por que, ainda que em nenhum tempo seja licito este divertimento, assim na guerra, como fóra della, não deixa comtudo a mocidade, junta com a desenvoltura de soldado, de arrogar-se mais liberdade do que permitte a lei e a razão: apetite da idade juvenil, que se não lembra dos perigos da alma. Os criados, por cuja conta corria a guarda desta Dama, assim que virão que a batalha estava mais empenhada, pelo que observarão, tanto por uma como por outra parte, desconfiando da victoria, a quizerão pôr em salvo, retirando-se para Arronches. Tomarão o caminho direito pela villa de Fronteira, aonde já havia noticias do vencimento por alguns soldados, que se ião adiantando na fugida, ou pelos mesmos paisanos, que as forão passando d'uns aos outros: pelo que havia já uma quadrilha junta de villãos, e um clerigo por caudel delles: gente que, em vendo melhorado o seu partido, não ha atrocidade nem insolencia que não executem, e vendo-se descaidos, não ha sujeição a que se não humilhem. Estes, indagando os caminhos e veredas, para roubar e matar aos que se

viessem retirando, derão com o coche em que vinha a Dama, mais acompanhada de tristesa e melancolia, que lhe causava o risco em que deixava Sua Altesa, temerosa do máo successo, que o esperava, (pois quem quer bem, mais se teme das desgraças, que confia nas ditas) do que acompanhada de guardas, que podessem manter-lhe o decoro, e livrá-la das violencias dos villãos. Assim que estes a conhecerão afflicta, e os poucos criados, que a acompanhavão, confusos, não quizerão perder a occasião, e interessados no roubo passarão á tyrannia, perdendo ao mesmo tempo o respeito devido ao Principe, pois ainda, julgando-o vencido, o devião venerar, e não atropelar uma Dama infeliz, que em toda a parte se faz recommendavel, e movem a compaixão as desgraças de uma bellesa. Porem como a canalha mais ruim está sempre disposta para o que é crueldade, e não inclinada para o que é pio, não perdoarão a minima cousa que o interesse insaciavel daquella vil gente lhe pôde persuadir de conveniencia, até deixarem a senhora, criadas, e criados em pannos menores; e ainda o virtuoso Clerigo se adiantou mais em seu desaforo, que não houve insulto que não executasse; que, como era caudel de todos, lhe pareceo devia tambem levar a primasia em os desaforos, e no horrivel dos delictos; por quanto, ainda que o sagrado das Ordens o devia conter dentro dos limites, que a modestia ensina, tinha por natureza o ser filho de um alfaiate, o que em parte o provocou a tanto arrojo, como foi entrar no coche, e passar á desenfreada violencia, que o pejo não póde referir. Terrivel lance para a Dama, por suas circunstancias respeitavel; e o ter-se visto ha pouco favorecida e estimada de um Principe, lhe servia sem dúvida de maior dôr em se vêr opprimida e insultada de um homem vil, á for-

ça de descomposturas, que inventou a atrocidade. Esta acção se estranhou tanto em Portugal, que todos a condemnarão por abominavel, e D. Sancho, na mesma hora em que o soube, mandou uma tropa de cavallos, que fossem prender ao clerigo, e aos villãos, que se acharão com elle, dizendo, que se apanhassem o tal sacerdote, já que o não podia castigar, o enviaria a Lisboa tão carregado de ferros, que servissem de pena ao seu delicto, e aos que o acompanharão os mandaria enforcar. Porem, temendo todos o raio, que lhe podia sobrevir de Hespanha ou de Portugal, se determinarão a fugir, e em mais de dous annos nenhum appareceo. O que posso affirmar é que se D. Sancho os acha, cumpriria sem remissão alguma o que havia dito, porque, alem de merecerem um manifesto castigo, é razão de estado entre os senhores guardarem uns aos outros mui honradas attenções: porque, como a fortuna joga tanto com elles, e faz que ámanhã se perca aquelle que hoje favoreceo, observão esta justiça pelo que póde succeder.

III

Chega a Dama magoada á presença do Principe; manda este incendiar Fronteira; manda D. Sancho surprehendê-lo; o Conde da Torre perde a deligencia.

RETIROU-SE a Dama, tão desairada como afflicta, entregue toda a suspiros, e ao pranto. Chegou

á presença de Sua Altesa, aonde fez uma relação de sua desgraça, com demonstrações tão sentidas, que, a ter o valor de Lucrecia, a imitára sem dúvida, fazendo-se homicida de si propria. Mui breve tempo foi necessario para Sua Altesa manifestar seu sentimento. Passados poucos dias mandou um troço de cavallaria e infanteria á villa de Fronteira, com ordem de passarem a ferro e fogo toda a pessoa, que achassem naquella villa, e que a deixassem abrasada. Porem, como os moradores da mesma tinhão conhecido o que havião feito, se prevenirão do remedio, que unicamente lhe restava, que foi abandonarem suas habitações, sem que nellas ficasse pessoa alguma; o que feito, se conseguio o incendio sem execução de crueldade. Ao ponto que D. Sancho conheceo que a victoria se declarava por Portugal, e que Diniz de Mello de Castro, General da cavallaria, ía carregando a ála direita dos Hespanhoes, com todos os batalhões da sua ála esquerda, e que o inimigo já não voltava rosto, senão que todos de tropel, e sem observar ordem, fugião, mandou ao Conde da Torre, que servia como particular, e havia sido General da cavallaria, que fosse com trezentos e cincoenta cavallos escolhidos, onde se achávão muitos senhores particulares, e alguns Cabos de opinião, dando-lhe ordem que rompesse pelo inimigo, e o seguisse, até ver se podia prisionar Sua Altesa. Como o Conde da Torre tinha saído do Generalato um pouco deslusido, e D. Sancho era seu amigo, lhe encarregou esta diligencia para ver se por este meio podia renovar a memoria das acções passadas deste cavalheiro. Como porem se lhe deo esta ordem já posto o Sol, logo anoiteceo; com o que, favorecidos os que ião retirando, perderão os vencedores o gosto de alcançar o fim da batalha, e

seu complemento; por cuja causa, não teve esta saída do Conde da Torre o effeito que se desejava; pois dando volta, depois de ter seguido bastantemente o inimigo, disse que a noite lhe embaraçava o passar adiante. Não deixou de maliciar-se a brevidade da volta do Conde. Os mal afeiçoados dizião que não tinha obrado bem em se não deter até pela manhã, e descobrido a campanha, a ver o que havia nella, trazendo por testemunhas alguns prisioneiros para justificação do que se lhe havia mandado fazer. Os seus amigos o desculparão, dizendo, que os inimigos, depois de fugidos, vendo que os não seguião, podião ajuntar um bom troço de gente, e derrotar os que os procurassem, se se estendessem mais em buscá-los; porem todos concordarão que se D. Sancho mandasse a esta diligencia D. João da Silva, como práctico no paiz, e soldado de tanta experiencia e valor, elle se não recolheria sem vir ou bem melhorado, ou bem perdido.

CAPITULO XVI.

I

Acha-se entre a presa a Secretaria de D. João de Austria com cartas de traição; ajunta o exercito; emulação dos Generaes.

FOI a noite causa de se não conseguir mais do que se havia obrado até alli; e tambem por que os soldados, levados da cubiça, se derão mais ao sacco da campanha do que em seguir o inimigo. Toda ella estava occupada de carruagens, que servião ao exercito de Hespanha, por que não pôde retirar-se nenhuma; e de tal sorte se engolfarão na pilhagem, que não observarão forma, nem os Cabos poderão fazer-se obedecer, senão

que cada um cuidava como ficaria mais aproveitado em lograr a presa, que a sua fortuna lhe deparava; porem havia tanta, que nenhum ficou desconsolado, ainda que uns com mais do que outros; por que a maior parte da carruagem, e trem de artilheria, toda a recamara dos Cabos e officiaes não pôde retirarse, e a mesma de Sua Altesa toda ficou; pois até a cama em que dormia veio ao poder de um Tenente de cavallos. Achou-se tambem a sua Secretaria, aonde se encontrarão muitas cartas de cavalheiros Portuguezes, que se correspondião com Sua Altesa; isto para previnir o risco, que esperavão, segurando suas conveniencias. Tambem se acharão cartas de correspondencia do Mestre de Campo Francisco da Silva de Moura, em que segurava a Sua Altesa fazer em serviço de El-Reí de Hespanha tudo o que podesse, ainda que fosse á custa da sua propria vida; com o que confirmou que o não querer avançar á colina, e buscar pretexto para o não fazer, quando marchava seu terço pela montanha acima, forão effeitos desta correspondencia, que tinha com Sua Altesa: porem, no mesmo instante que as cartas chegarão á mão de D. Sancho, logo este o fez prender, e o remetteo sobre um burro, carregado de ferros, á Côrte, aonde esteve preso alguns annos, até que o mesmo o livrou; mas ainda que lhe perdoarão a vida, não se livrou da infamia, que sempre padeceo. Assim que amanheceo, e que D. Sancho reparou na desordem do exercito, sem haver concerto em batalhão ou esquadrão algum, senão tudo desordenado, e os soldados e muitos officiaes derramados por toda a campanha, faltando muitos, que se havião retirado com a presa, que lhe deo a ventura; tractou com todo o cuidado de os ajuntar, e de os formar em seus terços e batalhões; o que não foi difficultoso, por que sempre ás claras se observa

mais a obediencia, por que a noite tudo encobre. Depois de ter posto em ordem as tropas, disse aos que o acompanhavão: — « Grande dia teve hontem Por-« tugal; porem melhor noite houvera de ter Hespa-« nha, se seus Cabos o quizessem; porem a fortuna, « quando favorece uma parte, tapa os olhos á ou-« tra! » E' bem certo que, se depois de descomposta a cavallaria Hespanholla, juntasse D. Diego Caballero dous mil cavallos, e voltasse com elles sobre os Portuguezes, não ficaria destes nenhum vivo, e seria outra vez tudo perdido; porem são estas occasiões tão accidentaes, que, offuscando o entendimento, ainda que seja aos maiores homens, não dão logar ao discurso; por que, ficando a campanha tão rica como cheia de despojos, mais se havião os soldados occupar no sacco della, que na observancia militar. Que excellente occasião, se a prevenissem, para despicar-se do perdido! Andarão o dia da batalha os dous Generaes maiores, D. Sancho e Schomberg, picados, querendo cada um cumprir o que havja dito; D. Sancho, que ninguem naquelle dia se poria diante delle, e Schomberg, que ninguem neste mundo, em materias de valor, se lhe havia avantajado; este, fazendo o que tocava ao seu posto, e o outro, fazendo mais que Schomberg; por que, ainda que se não adiantou em nada ao dito General na observancia da obrigação de Capitão General, pois que, mettendo-se nos riscos, forão ambos companheiros nos perigos, de sorte que nenhum podia fallar do outro; comtudo, D. Sancho se avantajou a Schomberg, por que fez mais do que lhe tocava, por se achar naquelle dia em toda a parte, que o buscavão, e todas as ordens que deo, foi sempre da vanguarda, aonde assistia cara a cara ao inimigo; e assim, bem se póde dizer que no conflicto da batalha pelejou como soldado, e governou como Gene-

ral. Boa é esta emulação nos combates, porem, fóra delles, muito prejudicial, e de más consequencias.

II

Pesquizão-se os mortos; curão-se os feridos; honrão-se os prisioneiros; recolhe-se o exercito; confere-se o estado do reino, e o valor de D. Sancho.

Depois de D. Sancho haver posto o exercito em forma, com a pouca gente que achou, por que a demais tinha marchado com o que a fortuna lhe deparou, quiz saber que gente morrera, e que feridos havia no campo; fez a pesquisa, e achou que dos Hespanhoes tinhão morrido cinco mil e tantos, e que dos Portuguezes só tres mil, (e não foi mui barata a victoria) feridos, de uma parte forão muitos, o mesmo da outra, e ordinariamente de todos estes poucos escaparão; por que são más as feridas da guerra, e as curas nada boas; por que a quantidade grande que dellas ha em similhantes occasiões, é a causa de não haver a assistencia, que se requer para o bom exito. A todos estes mandou D. Sancho para os hospitaes mais proximos, em carretas, e que alli se curassem com toda a assistencia e charidade possivel. Aos mortos mandou enterrar. Todos os soldados, que vinhão prisioneiros d'Evora ficarão livres, e não menos aprovei-

tados, por que se acharão senhores da campanha, e sem obrigação de posto a que acudir, pelo que lograrão a occasião de pilhar sem embaraço. Ficarão prisioneiros grande quantidade de soldados, sendo os principaes o Marquez de Liche, que servia no exercito com uma companhia, e indo-se retirando com com cinco ou seis criados, o prisionou um Tenente de cavallos, que se chamava Bartholomeo Rodrigues Serra, e levando-o a D. Sancho, este o recebeo com grande cortezia, e o remetteo acompanhado de dez Capitães de cavallos, e de todos os Senhores que havia no exercito, a Estremoz, aonde mandou logo prevenir-lhe casa, com a decencia devida a tão grande personagem. Depois deste, foi tambem prisioneiro D. Angelo de Gusmão, que era Capitão das guardas de Sua Altesa, e o Conde de Escalante, Mestre de Campo de um terço de infanteria. Estes todos forão tractados conforme a occupação dos seus postos, e qualidade de sua nobresa. Tendo concluido isto, esteve dous dias no mesmo sitio em que se deo a batalha, e passados elles se retirou a Estremoz, onde se aquartelou, e descansou alguns dias. Vencer o risco mais perigoso, não póde negar-se que adquire mais gloria; porem na verdade, nunca mais que nesta occasião esteve Portugal arriscado; e por isso nem os Portuguezes mais cheios de applauso, nem algum mais victorioso que D. Sancho Manoel. Todo o reino estava confuso, todo cheio de medo, e de desconfiança de que podesse manter-se; e, pelo contrario, Sua Altesa fazia grande ruido: geralmente o respeitavão, e já o amavão por fé, e os que o não amavão o temião. Via-se Portugal sem alentos; e o valor de D. Sancho contra a opinião dos Cabos do exercito, e do mesmo Conde Schomberg, que era o oraculo por que se governava tudo o que tocava ás armas, venceo com sua

resolução grandes opposições, com que, talvez bem fundadas, o quizerão dissuadir; assentando antes morrer na demanda, do que ver a patria perdida; e assim se póde dizer que Portugal lhe deve a liberdade e El-Rei a coroa. Porem foi muito mal remunerada tão memoravel façanha, como adiante se dirá, por que á vista de tanta lealdade, de tanto valor, e de tão conhecidos perigos, usarão com elle de tanta ingratidão, que não tiverão attenção alguma a seus serviços. Porem, é proprio da malicia humana, quando não póde negar as glorias e os triumphos, ao menos vexar aos que fielmente nelles se empregão, e se sacrificão pelo amor da patria. Elles podérão isto, mas não tirar-lhe o crédito, e reputação e a gloria, quando não houve paiz na Europa aonde se não celebrasse seu nome; até Sua Altesa, com ser quem era, e um grande soldado, em o qual se descobrião sentimentos verdadeiramente reaes, deo mostras de que lhe tinha respeito; por que, havendo-se feito prisioneiro um Tenente General de infanteria Hespanhola, se lhe achou uma ordem, firmada por Sua Altesa, em que lhe dizia a forma, que havia de haver no exercito para a batalha; e que a nenhum soldado désse quartel algum, sendo Portuguez; e que a qualquer soldado ou Cabo que matasse D. Sancho Manoel lhe promettia mercês e postos muito avantajados em nome d'El-Rei d'Hespanha; dando para este fim todos os signaes delle, dizendo que era claro do rosto, alguma cousa vermelho, alto, cabello crespo, e meio russo, com as demais circunstancias, para que fosse evidente o informe. Onde se conhece, que quem tem tanto cuidado na morte ou aprehenção de seu inimigo, que este algum lhe dava; sendo que ao principio lhe deo tão pouco. Porem a experiencia foi mostrando a Sua Altesa que em D. Sancho havia partes de grande

soldado, e de muito valor, e que tinha errado na retirada, que sua soberba lhe inspirou fizesse; mas nunca os excessos de soberba são outra cousa senão desgraça; e assim não podia ser felicidade despresar o inimigo.

III

Escreve D. Sancho a El-Rei; envia-lhe as cartas dos traidores; e põe em descanso o exercito vencedor.

Logo que D. Sancho Manoel fez saber a El-Rei o successo da victoria, que foi a redempção de Portugal houve em todo o reino grandes demonstrações de alegria com muitos festejos; sendo a principal a de ir El-Rei á Sé dar graças á Magestade Divina. Ficarão os Portuguezes tão differentes, que já parecião outros. Remetteo igualmente o Conde de Villa Flor todas as cartas achadas na Secretaria de S. Altesa, da correspondencia, que tinha com alguns particulares da Côrte; as quaes, sendo vistas, houve varios conselhos sobre o que se devia obrar em tal caso. Determinarão calar-se; por que, sendo dignos de castigo, erão muitos, e bem aparentados, e a castigarem-se como merecião, se escandalisarião os parentes, e de amigos que erão, se tornarião inimigos; pelo que se acharia El-Rei quasi só, sem fidalgos, e com pouca segurança, principalmente não es-

tando ainda firme o reino com a presente victoria, pois permanecia viva a guerra, como até alli, sendo os successos della tão differentes, que não póde fazer-se firmesa com o futuro. Deo-se por castigo a dissimulação, e com acerto; por que querer em tempos tão pouco seguros levar a fogo e a sangue os delictos, mais se podia chamar justiça sem regra, e imprudencia, com que se arriscaria o ganhado, e se poria peor o perdido. Querer em tempos tão calamitosos castigar uma traição aonde entrarão tantos individuos adjuntos aos delinquentes, seria pôr as cousas a pique, no perigo de motim e levantamento, com risco muito grave. Não é sempre igual a occasião de cortar cabeças. Deve pois fugir-se ao inconveniente que póde resultar, para que de um Rei justiceiro se não faça um Rei cruel, e por isso aborrecivel. Teve D. Sancho aquartelado o exercito uns dez ou doze dias, em que os soldados descansarão, e se repararão. Todos os Senhores e Cabos maiores os gastarão em banquetes, convidando-se uns aos outros, festejando a Marte de tal sorte, que em todos os seus aposentos se achava assistido de Ceres e Baccho; e já se passava do licito á prodigalidade, obrigando-o a que d'alli por diante assistisse aos Portuguezes com firmesa e constancia. Os soldados se vião tão avantajados com o sacco da campanha, que, considerando-se cada um muito opulento nos bens da fortuna, se alargava tanto nas despesas, que em poucos dias ficarão todos mais pobres do que erão antes. Fortuna de soldado, que só os alegra de passagem; comtudo, ficou-lhes a consolação de contar da batalha, que não é pequena felicidade o fazê-lo depois de vencidos os riscos. Uns dizião o que jamais tinhão visto, outros affirmavão o qne jámais tinhão ouvido, e outros se gabavão do que não tinhão feito. Com isto passavão aquelles dias ale-

gremente, celebrando suas ditas e felicidades, até que chegou o dia da marcha para se ir sitiar Evora, com o que tornarão logo as queixas, e miserias de que ordinariamente se alimentão.

CAPITULO XVII.

I

Determina D. Sancho cercar Evora; não recebe toda a gente que se lhe offerece; passados oito dias de cerco capitula, sem ser ouvido o Marquez de Marialva.

PASSADOS estes dias em refresco, tractou D. Sancho de pôr cerco a Evora, para cujo effeito encorporou no exercito os soldados que tinhão saído prisioneiros daquella Praça rendida; e mandou pedir a El-Rei, que lhe remettesse algum soccorro de gente, e de tudo o mais, que lhe era necessario para a continuação do sitio. É de notar um phenomeno então observado no reino. Em quanto se não deo a batalha referida, não se póde em Portugal ajuntar gente necessaria, por mais exa-

ctas diligencías que se pozessem em práctica; mas apenas virão a victoria, logo concorreo tanta, que sobrou, e não quizerão admittir toda a que vinha ao soccorro; e assim, em poucos dias de cerco, chegarão ao exercito seis para sete mil homens, aonde vinhão alguns Senhores, que até alli se não attreverão a fazer esta demonstração, escusando-se com pretextos apparentes e simulados. Porem as mudanças de tempo gerão monstruosidades, as quaes nem sempre se podem evitar. Vinha o Marquez de Marialva por Cabo de toda esta gente, mas com ordem de que, em chegando ao exercito, toda ficasse na obediencia de D. Sancho. Nada posso affirmar dos successos deste sitio, por que sahi mal-tractado da batalha, e fui para Elvas curar-me: sómente sei que a Praça se defendeo oito dias, no cabo dos quaes passarão a tractar capitulações, e se renderão com as mesmas condicções com que os Portuguezes se havião rendido. De todos estes pactos não deo D. Sancho conta ao Marquez de Marialva, fazendo-os despoticamente, sem se deixar obrigar nem da cortezia, nem da razão, em attenções tão observadas no militar, cuja falta é escandalosa; por que, alem do posto, que ía exercitando o Marquez com o soccorro, tinha servido de Capitão General, e vinha com o mesmo titulo: era, alem disto, dos Senhores mais poderosos de Portugal, e Presidente de todos os Conselhos do Reino, pelo que merecia todo o obsequio que se lhe fizesse, e de alguma sorte se lhe devia. O Marquez não se deo por entendido de cousa alguma destas, nem fez demonstração de que o estava, dissimulando tudo quanto foi possivel, para melhor tomar satisfação de todo o desaire, como adiante se verá. Foi geralmente estranhada esta acção de D. Sancho, de que elle mostrou dar-se-lhe bem pouco, pois era homem livre em to-

do o sentido; porem veio a custar-lhe seu desgosto, e ficou tão mal reputado, que o tractarão mais como delinquente que como vencedor. Na defensa que fizerão os Hespanhoes em Evora, não houve cousa particular, alem do que costuma commummente succeder nos sitios desesperados; por que, como estavão persuadidos que não havião de ser soccorridos, por causa da batalha, que havia perdido o seu exercito, não podião pelejar muitos dias; e tambem por estarem em uma Cidade que tinha muitos mais visinhos, que a gente de guarnição, os quaes erão Portuguezes, e que perigarião mais com estes, que com os que estavão pelejando da parte de fóra, e juntamente para que as capitulações fossem mais honradas, não se expondo ao risco de se renderem á mercê dos vencedores, o que, sem duvida, lhes succederia se quizessem obstinadamente esperar algum soccorro, o que por aquelle tempo não era facil; porem é certo que cumprirão com sua obrigação.

II

D. João d'Austria junta sua gente, e vai cercar Elvas; decide-se a dúvida entre os Cabos, com perda da empreza; alvoroço em Elvas.

ACHOU-SE S. Altesa em Badajoz com o sentimento de ter mallogrado todos seus trabalhos, e sem forças para poder soccorrer Evora; porem nestas adversidades nunca lhe faltou animo; pois ainda na

consideração de suas desgraças, intentou acção de muito maior valor, para ver se restaurava o que havia perdido. Soube S. Altesa que Elvas estava sem guarnição alguma, a qual estava toda no exercito, e que só os paisanos cuidavão na sua guarda; que a boa fortuna que havião tido na victoria, e na restauração d'Evora, julgando-o a elle derrotado e sem gente, necessariamente lhe havia causar grande descuido; que os paisanos jámais tem sido boa guarda de uma Praça, isto ainda conhecendo-se algum risco e perigo, quanto mais estando na conjectura de que Elvas não podia ser attacada pelo inexpugnavel de suas muralhas, por arte e por terreno inconquistaveis. Com este seguro, cerrada a noite, se deitavão em suas camas, sem ficar quem fizesse as sentinellas, nem podesse tocar ás armas, sendo necessario. Advertio tudo isto S. Altesa, e, incitado deste discurso, intentou tomar a dita Praça. Era chegada a noite de S. João, na qual estava informado ser costume de ninguem se deitar, gastando-a só em bailes, festas e divertimentos; e, nesta supposição, havião dar naturalmente ao descanso a seguinte, pelo cansaço da antecedente: juntou para isto toda a cavallaria e infanteria, que pôde, e tudo o mais que era necessario para a acção, e ao pôr do Sol do mesmo dia de S. João, começou a sair de Badajoz um bom troço de cavallaria e infanteria, com os aprestes para poder escallar uma Praça de consequencia. Como erão tres legoas as que se havião marchar, e a noite era pequena, foi preciso apressar-se para poder chegar a tempo de lograr a acção; porem, indo já perto d'Elvas, houve uma conferencia entre dous Cabos, sobre a qual delles tocava a vanguarda: era um delles D. Luiz Ferrer, do outro não me lembra o nome: para decidir esta duvida, foi forçoso fazer alto toda a gente, até

que, tendo examinado a quem tocava a preeminencia, proseguirão sua marcha. O tempo, que perderão nesta contenda, lhes faltou para o logro da empreza, por que, meia legua antes de chegar ás muralhas, lhes amanheceo, e tornarão a voltar para a sua Praça, com o sentimento de não aproveitarem tão prospera occasião. Ao amanhecer levantou-se em Elvas um grande rumor de toda a sorte de gente, dizendo pelas ruas: — Os Hespanhoes! os Hespanhoes! — e, ainda que me achava convalescente, me levantei a uma janella, e reparei que dos moradores uns saíão vestidos, e outros meios nús, concorrendo com suas armas, e que as mulheres gritavão descompostamente. Perguntei o que era, e me responderão que os Hespanhoes estavão já nas muralhas: mandei cellar um cavallo, e como pude montei nelle, e me fui direito aonde acodia a gente, e chegando ao baluarte que olha para o lado de Badajoz, vi que os Hespanhoes íão já de volta em distancia de pouco mais de meia legua, e me pareceo, segundo a forma que levavão, que serião, entre cavallaria e infanteria, de nove até dez mil homens. Foi esta uma empreza, que, sendo concluida por S. Altesa, era de muito maior realce, que tudo o que até alli tinha obrado, por ser Elvas ùma Cidade das melhores daquella Provincia, sendo suas fortificações de tantos créditos, que tendo-a sitiado D. Luiz d'Haro com um exercito mui luzido, nunca se determinou a forçá-la por assalto, em razão da fortalesa de seus muros. Não póde negar-se que seria para Sua Altesa a conclusão deste pensamento um tão grande despique, que podia dar por bem empregado tudo o que havia perdido, ganhando uma acção tão bizarra. Ella fòra tão estrondosa, que o avantajaria em crédito muito mais que todas as precedentes, e lhe serviria de ultimo realce

ao heroismo do seu valor, e á fama que já tinha de grande soldado; por que perder uma batalha é cousa que tem acontecido aos maiores Capitães do mundo; porem ganhar uma Praça, como Elvas, a bem poucos teria succedido. Nunca as grandes emprezas se fião senão da mesma pessoa, que as deve executar; por que encommendando-as a Cabos, talvez invejosos uns dos outros, por tirarem a gloria a quem a merece, dão a victoria ao inimigo, não reparando, por fins particulares, em tirar a honra á sua nação, e o crédito ás armas do seu Rei; mas o certo é que começando a fortuna a variar e a desfavorecer, com difficuldade torna a ser favoravel.

III

D. João d'Austria guarnece Arronches; incendia-se a Praça, pegando fogo na polvora; D. Sancho intenta conquistá-la, e toma conselho; D. João a reedifica, e depois lhe manda dar fogo.

PASSADOS quatro ou cinco dias depois do S. João aconteceo uma fatalidade em Arronches bem lastimosa; e foi que, receoso S. Altesa de que D. Sancho, depois de recobrada Evora, viesse ganhar Arronches, que, de lugar aberto que era, o tinha guarnecido, e feito Praça d'armas, e como creação sua olhavão com todo o respeito as suas fortificações, que erão boas, mandou metter-lhe dentro grandes combois, assim de munições como de viveres, dobrando-lhe ao mesmo passo a guarnição de soldados; ten-

do entrado grande quantidade de polvora nos armazens, acertou abrir-se na rua um barril della, e recolhendo-se foi deixando um rastilho continuado até ao armazem, aonde o arrumarão com os outros barris: passando um soldado infante, e reperando na polvora semeada pelo chão, lhe deu a curiosidade de a apanhar, e foi recolhendo a que pôde nos seus frascos: como trazia murrão acceso, quiz a sua desgraça que se descuidasse delle; isto seria meio dia, quando o Sol estava mais ardente; e pegando fogo no rastilho, entrou no armazem, chegando á grande maquina dos barris que nelle estavão, e em outro mais apartado, levantou um incendio, que no mesmo instante levou armazens, muralhas, baluartes e Praça pelos ares. As peças e sinos da Igreja se forão achar em grande distancia; da Praça não ficou casa, nem edificio que não soffresse: ficou por terra toda a fortificação; dos soldados e visinhos morrerão quasi todos, sendo bem poucos os que escaparão; e de certo affirmão que morrerão mais de mil e setecentas pessoas. Terrivel espectaculo! fazendo-o mais espantoso as desditas que lhe tinhão precedido. Logo que S. Altesa metteo gente em o que restava das ruinas, com um grande comboy do que lhes era necessario, mandou trabalhar nas muralhas com grande ardor, de forma que em breve tempo as pozerão em defensa com seus baluartes. Chegando a nova do incendio a D. Sancho, ainda que já tinha tomado Evora, e estava dando alguns dias de descanso ao exercito, mandou logo marchar direito a esta Praça, e a tres leguas de distancia se aquartelou. Mandou tomar lingua para se informar do estado em que ella se achava; e sendo informado da muita guarnição que tinha, e de como estava provida de tudo para muito tempo, alem dos grandes soccorros que lhe entravão todos os

dias, e que as ruinas das muralhas, com o que se havia trabalhado, estavão mais fortes do que antes: quiz confirmar-se do informe, e mandou ao Conde Schomberg, com toda a cavallaria, dando-lhe ordem que chegasse bem junto das muralhas por toda a circumvalação da Praça, e que reconhecesse o estado em que se achava, e se podião perigar pela pouca defensa, ou defenderem-se por bem fortificados. Chegou a cavallaria á vista da Praça, e não quiz Schomberg fiar esta diligencia d'outro, senão de si mesmo, e apesar do risco que corria, chegou elle proprio junto ás portas, registando toda a fortificação e defensa. Ainda que foi recebido com grandes descargas de artilheria e mosquetaria, que fez seu damno na cavallaria, não lhe pôde estorvar seu intento. Depois de bem visto e examinado tudo, tornou ao exercito, e disse a D. Sancho — que a Praça tinha muita gente, e que as muralhas estavão postas em boa defensa, com suas cortaduras por dentro, para maior segurança; porem que não havia Praça que não estivesse sujeita a ganhar-se, continuando-se-lhe o sitio; que se S. Exc.ª queria sitiá-la, era necessario principiar o cerco por attaque, e mais circunstancias que se usão e são precisas, pois por assaltos havia desbaratar o exercito, e não promettia o bom successo. Fez conselho D. Sancho, e se resolveo, que, supposto estar o exercito fatigado de vencer uma batalha e conquistar uma Praça, onde se havia perdido alguma gente, e ser Arronches uma Praça de pouca importancia, por que só servia de guarda aos que roubavão os campos, não podendo della o inimigo fazer mal que prejudicasse a Provincia, senão com algumas entradas de cavallaria, as quaes d'outra qualquer parte podia fazer, pois tambem Portugal as fazia em Hespanha, não era conveniente pôr a risco quatro ou cin-

co mil homens, que custaria a rendição da Praça, sendo boa e justa politica o conservá-los; nem estes se devião arriscar senão na conservação do Reino. Veio D. Sancho e todos neste parecer, e assim tomou a marcha para Estremoz, onde se aquartelou, mandando a El-Rei aviso de tudo o que tinha determinado, esperando nova ordem do que havia de fazer; pois, até que esta veio, não desfez o exercito, nem deixou sair ninguem delle. Mandou S. Altesa continuar a obra da fortificação, e a poz ainda melhor e mais forte. Duas vezes foi Arronches fortificada, e duas lançada ao ar, á força de polvora; uma por desgraça, e outra por ordem de S. Altesa. Recebeo D. Sancho ordem de El-Rei para que o Marquez de Marialva se recolhesse á Côrte com o soccorro que tinha levado, e que Affonso Furtado de Mendoça se tornasse para o seu partido de Almeida, e que a infanteria e cavallaria se retirasse aos seus quarteis, e elle D. Sancho ficasse em Estremoz até segunda ordem.

CAPITULO XVIII.

I

Chega á Côrte o Marquez de Marialva, e é bem recebido; ganha o favor do Conde de Castello Melhor e dos do Conselho; intriga D. Sancho até ser chamado á Côrte.

CHEGOU á Côrte o Marquez de Marialva, e foi muito bem recebido d'El-Rei, e do povo não menos festejado, por que todos o amavão, por ter manha para tudo, e tambem para se fazer respeitar. Tractou logo com toda a dissimulação de malquistar D. Sancho Manoel; porem, vendo os applausos, que lhe dava todo o Reino, e que El-Rei lhe estava afeiçoado, pareceo-lhe difficultoso derribá-lo; porem, como era sagaz, e prompto

no que dispunha, ou de mal ou de bem, prevendo que, se Castello Melhor nisto não viesse, era trabalho debalde, dispoz, primeiro que tudo, o ganhá-lo, para melhor o conseguir. Sabia o Marquez que o Conde desejava a amisade do Infante, e lhe pareceo que seria tudo facil, se seu irmão, D. Rodrigo de Menezes, quizesse dar-lho a entender, declarando a boa vontade ao Infante para uma boa e reciproca amisade, separando-o por este meio d'algum odio vingativo, que se conhecia haver. E assim começou o Marquez a congraçar-se com Castello Melhor, dando-lhe alguns visos de que entre elle e Sua Altesa poderia ainda haver boa correspondencia; que o desabrimento e severidade, que se havia notado em S. Altesa, no modo de o tractar, esperava elle que havia ter mudança, pois que tudo se fundava em ditos de embusteiros e aduladores, que em Palacio não tinhão outro officio mais que mentir em prejuiso alheio; porem que só durarião até se encontrarem com a verdade; por que, ainda que a virtude ao principio é perseguida, sempre o tempo a faz patente e estimada. Ficou o Conde confuso com este arrasoado, assentando que se inclinava a enganá-lo; por outra parte, vendo que todos dependião delle, pensava que tudo poderia ser. Nesta confusão se deixou levar do amor proprio, e da paixão que tinha do favor do Infante; e de tal sorte se deixou dobrar pelo Marquez de Marialva, que cuidava mais em fazer-lhe as vontades, do que em reger-se por sua razão. Como Ministro que era, julgou que importava menos fazer d'um amigo um inimigo, o qual era D. Sancho, do que d'um inimigo tão grande fazer um amigo, qual seria o Infante, o que tanto lhe convinha para segurança de seu valimento, esperando tudo isto da amisade que o enlaçava com o Marquez; e que seu irmão D. Ro-

drigo, agradecido, mudaria, sem duvida, a vontade do Infante, por que era senhor della. Conheceo o Marquez ter segura a vontade de Castello Melhor, e começou a fazer sequito com alguns Senhores e Conselheiros d'Estado, e outros que tinhão entrada e assistencia com El-Rei; tudo isto, a fallar a verdade, com bem má consciencia; porem como os máos se unem mais facilmente, para fazer damno, do que para obrar bem, forão estes começando a querer malquistar D. Sancho com El-Rei, entrando primeiro com os louvores, para com este artificio e dissimulação o poderem precipitar com mais efficacia. Engrandecião muito o valor de D. Sancho, exaggeravão-no tanto, que o fazião temerario e imprudente, e que era melhor para soldado que para General: deste modo ião dispondo o veneno, que encaminhavão ao coração do Rei, com algumas vozes misturadas, que não deixavão de fazer grande dissonancia nos ouvidos do Soberano; pois, ao mesmo passo que o applaudião, o tornavão criminoso, attribuindo só a milagre o successo da batalha, procedido do arrojo e despotismo de D. Sancho, que, sem consideração, e contra o parecer de todos, e d'homens tão grandes, que, conhecendo o perigo, fizerão o possivel por evitar o risco, o qual, succedendo, não havia para onde appellar; e que elles o não podérão dissuadir do seu intento; não sendo menos notavel e digno de reparo, que pelejou sem ordem de S. Magestade, crime que não devia ficar sem castigo. Ouvia El-Rei tudo isto, e se calava; porem, achando-se só, o contava ao Conde de Castello Melhor, o qual, estando prevenido para concorrer a augmentar a carga, confirmava o que os outros dizião, e só seus ditos fazião effeito em El-Rei, que estava muito afeiçoado a D. Sancho. Porem, foi tanto o que lhe disserão, que

quasi o mudarão, pelo que, disse a Castello Melhor: « E' necessario que tudo o que se diz de D. Sancho « se verifique bem; por que, se me tem feito servi- « ço, quero-lho pagar; e se me tem posto, e ao « Reino em perigo de me perder, sem mais consi- « deração, que guiado de sua vaidade louca e im- « prudente, quero castigá-lo: escreva-se que venha « logo á Côrte. » No mesmo instante se despachou pósta, em que lhe ordenava S. Magestade deixasse o governo ao Conde Schomberg, e partisse para Lisboa.

II

Excessiva alegria do povo na chegada de D. Sancho; vai ao Paço, e o mandão recolher a sua casa; sua resposta; considerações discretas.

Chegou ordem d'El-Rei a D. Sancho Manoel, Conde de Villa Flor, e na mesma hora a cumprio, fazendo a sua jornada como lhe era mandado; e chegando a Aldea-galega se embarcou para a Côrte, d'alli a tres leguas de mar. Ao desembarcar na praia, no sitio em que ha uma praça, que ordinariamente serve para o commercio, a gente que vive com esse genero de emprego, e o povo, que na boa fortuna se reveste d'alegria, e na adversa de pranto, concorreo á praça em tão grande numero, e com tanto alvoroço, dando-lhe repetidos vivas, que não podia romper o ajuntamento para entrar no coche, nem este podia chegar aonde elle estava. Achavão-se alguns parentes

e amigos esperando-o, os quaes tiverão de abrir caminho, atropelando a muitos: as mulheres estavão tão chegadas a D. Sancho, que elle as não podia separar de si, por mais que lhe pedia que o deixassem: finalmente, tirou-se como pôde, entrando no coche, e mandando guiar para Palacio a toda a pressa; mas nem assim o deixarão; por que toda esta plebe d'homens e mulheres o forão seguindo sem numero, com grande gritaria, e depressa se encheo o terreiro do Paço, de sorte que se não podia romper por elle. Era tão grande o alvoroço, quo quem ignorava a causa, julgava ser motim que se havia levantado na Cidade; porem, estes applausos servirão de maior estimulo aos invejosos, para que com maior ancia solicitassem a ruina de D. Sancho, para que não lograsse d'El-Rei a gloria de vencedor, por tantas razões devida ás suas acções. Entrou em Palacio, em cuja primeira escada o estava esperando Antonio de Sousa de Macedo, Secretario d'Estado, o qual, dando-lhe os parabens dos seus bons successos e chegada, lhe disse — que Sua Magestade estava embaraçado com negocios d'importancia; que por ora lhe não podia fallar; que fosse a sua casa, e elle avisaria a S. Exc.ª de quando o podia fazer. — Respondeo D. Sancho: — « Senhor Secretario, eu sei melhor servir a « Sua Magestade na campanha, do que sei lisongear « no Palacio. » Foi para muitos aggravante esta resposta, porem como D. Sancho era valeroso e soberbo, quiz antes dizer o que sentia, que ficar com o pesar de o não ter dito. Retirou-se logo a uma quinta sua, que tinha a duas leguas da Cidade, a que chamão Sobserra, onde foi visitado de todos os Grandes Senhores da Côrte, sendo dos primeiros que fizerão este obsequio o Marquez de Marialva e seu irmão D. Rodrigo, com signaes tão singulares de affec-

to, de louvores e de simulada aleivosia, que bastarião a segurar D. Sancho de uma sincera amisade do que só era encuberto venero e falsidade. Atiravão estes dous irmãos a dous fins, a tomar vingança de D. Sancho, e a torná-lo inimigo do Conde de Castello Melhor, querendo ao mesmo tempo ferir, escondendo a mão. Bem conheceo D. Sancho, que havia novidade contra elle, e que alguma sinistra informação o tinha malquistado com El-Rei; porem como estava seguro de que o não podião criminar de delicto, que na minima cousa maculasse o seu crédito e reputação, tudo attribuía a diterios, em que a inveja põe ordinariamente todo o seu esforço, escurecendo com elles a virtude dos que obrão com verdade e honra; pois, ainda qne aos ouvidos dos Reis não chega tudo, todavia não deixa o que chega de lhes fazer harmonia, deixando-os indecisos sobre a verdade da accusação. Pouco cuidado dava isto a D. Sancho, e sómente lhe era sensivel que El-Rei o tractasse tão mal, que lhe negasse a sua visita; por que, se era crime, como o experimentava, o servir com fidelidade, ninguem merecia maior castigo do que elle, e e neste caso lhe seria penoso purgar-se de tal culpa antes que El-Rei lhe concedesse beijar-lhe a mão.

III

Cresce a intriga contra D. Sancho, juntando-se o Conselho d'Estado; falla do Marquez de Marialva; falla do Marquez de Cascaes.

ESTAVA já empenhado o Conde de Castello Melhor em que D. Sancho ficasse malquisto, e com isto satisfeito o Marialva; para este fim disse a El-Rei: — « Mande Vossa Magestade fazer Conselho de « Estado, onde se averigue se D. Sancho está cri- « minoso em o seu governo, ou se tem procedido « cumpridamente no serviço de Vossa Magestade; pa- « ra que, se foi bom, ser remunerado, e se foi « máo, se castigue. » — Estava já tramada a intriga, e disposta de sorte que D. Sancho ficasse arruinado. Mandou El-Rei que no outro dia houvesse Conselho d'Estado, e estando junto, fallou assim: « Os mais de vós outros, e muitos Cavalheiros me « tendes dado taes noticias de D. Sancho Manoel, que « precisei convocar-vos, e pôr em conselho o seu « premio ou o seu castigo: tendes dito que sua lou- « cura foi a occasião de me pôr a perigo de me per- « der e a todo o reino, e que não tem obrado como « General, senão como soldado particular, contra o « parecer de todos os Cabos do exercito, e sem or- « dem minha; isto supposto, vós outros tractai esta « causa, para que elle possa dar sua desculpa. » O primeiro que fallou foi o Marquez de Marialva, di-

zendo : — « Senhor , affirmar que D. Sancho não tem
« muito valor , será negar a verdade ; quanto ao pon-
« to da batalha , que faz a materia que desejamos
« averiguar , são varias as opiniões ; por que uns fal-
« lão do que ouvirão , e outros sem experiencia nem
« conhecimento militar. Nenhuma destas faz certesa ;
« e para Vossa Magestade saber a verdade , sem dar
« ouvidos a vozes desconcertadas , mande chamar o
« Conde Schomberg , soldado de tanta reputação, co-
« mo se conhece , o qual , como companheiro que foi
« em tudo de D. Sancho , e que tudo sabe , dirá o
« que ha na materia com todas as circunstancias do
« caso , pois o entende e vio , e o julgo incapaz de
« faltar á verdade ; e o que a Vossa Magestade consta
« talvez não passará d'uma emulação odiosa. » Esta
diversão procurou o Marquez como mais direita e se-
gura para a ruina , que pretendia, de D. Sancho, com
razões que parecião d'amigo , sendo sómente traidoras
e infames : pois debaixo d'uma refinada hypocrisia
buscava despenhar o seu competidor para sustentação
de sua vingança, e de seu irmão. Sabia muito bem
que Schomberg tinha sido de opinião contrária a D.
Sancho , e que , quando entrarão naquelles pareceres ,
fallarão com palavras picantes um ao outro, e que as-
sim entrarão espinhados na batalha , querendo cada
um exceder ao outro , e mostrando-se d'alli em di-
ante tão contrários , que jámais havia cousa em que
se ajustassem ; e que , estando Schomberg com gran-
de opinião , assim de cavalheiro como de soldado, não
havia retratar-se no parecer que então tinha dado, an-
tes , pelo contrario , o confirmaria com tão boas ra-
zões , que serião bastantes a criminar a resolução de
D. Sancho. Seguirão quasi todos do Conselho este a-
rasoado , convindo em que só Schomberg podia deci-
dir o que se havia passado pelo ter visto, e entender.

Estando deste accordo, disse o Marquez de Cascaes (em todas as suas cousas singular): — « Senhor, « não se canse Vossa Magestade em mandar chamar « o Conde Schomberg, nem em averiguar mais cou-« sa alguma; por que o meu parecer é (e o será tal-« vez de todos estes Cavalheiros), que se corte logo « a cabeça a D. Sancho, e ainda é pequeno este cas-« tigo. » Oppozerão-se, dizendo: — « Tanto não, Se-« nhor Marquez: que razão ha para que se lhe corte « a cabeça? » Ao que disse: — « Por que é vale-« roso, por que livrou a patria da escravidão, por « que fixou a coroa na testa de Sua Magestade, por « que, se não pelejára, não vencera, e por intentar « emprezas grandes é que o merece. Assim como o « attrevimento é quem dá principio a um facto, as-« sim tambem a fortuna é quem domina o fim delle; « ella tudo governa neste mundo; dá e tira as mo-« narchias, quando ella quer, e todos louvão seus fa-« vorecidos: pois, se D. Sancho teve resolução e va-« lor para pelejar com D. João d'Austria, e quiz a « fortuna favorecê-lo, que razão ha no mundo para « se lhe tirar esta gloria, a qual se não consegue se-« não pelo attrevimento, que o valor causa, despre-« sando os inimigos? Ou se lhe corte a cabeça pelo « que tem feito, ou seja premiado com grandes mer-« cês o muito que merece. » Foi esta razão tão effi-caz a deixar El-Rei satisfeito, que disse: — « Até « agora estive confuso, pelo que me havião informa-« do; porem já vejo que só ao valor de D. Sancho « deve Portugal todos os bons successos; e se as in-« formações me tinhão inclinado ao desabrimento, « agora me resolvo a premia-lo com grandesa, e, « por mais que faça, nada será igual aos seus servi-« ços. Avise-se que venha fallar-me. »

IV

Vai D. Sancho beijar a mão a El-Rei; cai a maquina do Marquez de Marialva.

Assim que D. Sancho foi avisado de que El-Rei o chamava, obedeceo logo; e indo beijar-lhe a mão, dizem que El-Rei o abraçára com demonstração de favor e gratidão, assegurando-o da remuneração de seus serviços. Houve-se neste lance D. Sancho com muita modestia, sem dizer palavra em que se mostrasse escandalisado de cousa alguma; porem, suspeitando de que o Conde de Castello Melhor tinha sido a causa de que Sua Magestade lhe não fallasse logo que chegou, e que se fizesse o Conselho em que se discutissem delictos, que a inveja tinha inventado e publicado para seu castigo, se declarou logo inimígo de Castello Melhor, sem que attendesse ás circunstancias de valido, e ás conveniencias que podia perder oppondo-se-lhe face a face, sendo elle administrador e senhor de tudo. Porem D. Sancho era de tal condição, que mais queria perder-se por altivo, que aproveitar-se por humilde. Ficou Marialva bastante desgostoso por ver que suas ideas se havião frustrado; mas nem por isso deixou de confiar que poderia, por outra via, conseguir o seu despique. Fiava-se tanto em seu poder como em suas manhas, e nos inimigos que acharia D. Sancho, pois os seus bons successos na campanha, e os applausos de que estava coroado lhe tinhão gerado inveja e inimisades;

alem disto a sua soberba, era de suppor, teria creado muito quem fosse contra elle; porem, pouco importava que por estes estimulos o quizessem malquistar, quando elle, pelo seu valor, se fazia vêr de todos com gòsto e com admiração. Começou o Marquez de Marialva a galantear o Conde de Castello Melhor, que era a pedra fundamental da disposição de todo o governo. D. Rodrigo, seu irmão, que era o que havia de mover o animo do Conde, pela dependencia da amisade do Infante, que é o que o Conde desejava, se lhe mostrava tambem benevolo e grato; e o Infante, com animo e semblante mais humano, já o attendia melhor. Todas estas demonstrações enganarão o Conde na imaginação de que ficava bem quisto com elles, quando até alli os temia; porem enganou-se como homem, pois com isto adquirio inimigos, e se achou só, quando os amigos forão mais necessarios e precisos; achando-se tão abundante de contrários, em tudo tão poderosos, que, por onde imaginava seria affiançado, por ahi entrou o principio de toda a sua ruina e do seu Rei, como adiante se dirá.

---

*

CAPITULO XIX.

I

Cede El-Rei aos rogos d'uma Freira, que intercede pela vida d'um irmão, accusado da morte d'um Desembargador.

As novidades de Portugal, e a inquietação dos animos apresentavão tão máo aspecto, e havia por este motivo tão pouca segurança, que só se esperava do successo, qualquer que elle fosse, para segui-lo: como este veio a ser bom, tudo melhorou. Todos estes accidentes moverão El-Rei a uma nova vida, mudando tanto de costumes, que parecia não ser o mesmo que antes conhecião. Já cuidava das disposições da guerra, já

se interessava no governo, e já ouvia aos seus vassallos com attenção e favor; e, ainda que corria tudo pelo Conde de Castello Melhor, já mostrava que era Rei e Senhor de tudo o que tocava á sua coroa, quando antes nem de si proprio o fazia; pois que mais se sujeitava ás vontades alheas, do que estas se sujeitavão á d'El-Rei. Deixadas já as travessuras e inquietações, que fazia de noite, e os escandalos que dava, se alguma vez saía, era já com moderação e silencio, e não dava logar a que se murmurasse; o que antes queria que fosse publico, agora fazia todo o possivel por que fosse occulto; e ainda que não tinha deixado as más companhias, que conservava em Palacio, tinha-se ao menos emendado dos exercicios antecedentes, mudando-se, pelo contrário, tanto, que se fazia tão amavel, quanto antes tinha sido malquisto. Tinha El-Rei o costume de ir a um Convento de Freiras, no logar de Chelas, que fica uma legoa fóra de Lisboa, tanto pelo aprasivel do caminho, como por ouvir cantar uma Freira, que chamavão Maria da Soledade, na qual concorrião prendas tão relevantes, que o obrigavão a ir visitá-la muito a miudo; por que tinha a voz d'um anjo, e a discripção igual á sua bellesa. Mostrava-se El-Rei tão apaixonado por ella, que se podia presumir que a buscava mais por amor, que por entretenimento de a ouvir. Achava-se preso na cadea um irmão desta Freira, chamado João da Gama, por ter morto um Desembargador; e ainda que a prova não era bastante para o fazer passar pela pena competente, erão as partes pessoas poderosas, por que erão todos os Desembargadores, que fizerão o crime feio e digno d'ultimo castigo; e como elles mesmos havião de dar a sentença, não tinhão de pedir justiça a ninguem, pois a dão e a negão a quem querem. Assentou-se por par-

te do preso, que sempre viria a parar no supplicio, e não sem fundamento, pelo que quizerão valer-se do favor d'El-Rei, por via da Freira; e prostrada esta aos seus pés lhe supplicou o amparo da vida daquelle irmão, pois que não havia esperança senão de que fosse ao supplicio, tendo por partes todos os Desembargadores; e lhe pedio tão chea de lagrimas como d'afflicção, que não permittisse Sua Magestade que ella chegasse a ver semelhante tragedia; e pois que Sua Magestade era Senhor de tudo, que não fosse ella tão desgraçada que elle nesta occasião lhe não valesse, para que seu irmão não fosse entregue ás mãos do verdugo, pois que o podia livrar como Senhor e Soberano. Disse-lhe El-Rei, que não lhe désse cuidado, que não morreria; que, para um Rei, não foi pequena esta resolução, nem de poucas esperanças para quem supplíca. Beijou-lhe a Freira a mão com a Prioresa e mais Religiosas, ficando todas com a consolação que lhes podia causar a palavra d'um Rei, tão determinada como attenta. Logo a Freira mandou dizer a seu irmão que socegasse, por que Sua Magestade lhe havia feito mercê de proteger a sua causa e a sua vida.

II

Patrocina El-Rei a causa; resposta dos juizes; resolve El-Rei que fação justiça.

MANDOU El-Rei dizer aos Desembargadores e Juizes da causa de João da Gama, que lhe poderião da

castigo, conforme á sua pessoa e qualidade, por que era Cavalheiro; porem, que na vida lhe não tocassem, por que essa corria por sua conta. Sentirão os Desembargadores este Decreto, vendo que não podião saciar a sêde de fazer justiça; e assim, juntando-se todos, forão fallar a El-Rei, dizendo — que estava provado que João da Gama havia morto ao Desembargador João Gameiro, por certas pendencias que com elle teve: — que elles não tinhão outras armas para se defender, mais do que o respeito, que as leis lhes davão: — que este se não podia conservar, se não se castigasse toda a vexação que se lhes fizesse, não podendo d'outra sorte conservar o decóro, que a seus cargos competia: — que todos os vassallos de Sua Magestade estavão sujeitos a que elles fossem seus juizes, e elles obrigados, pelas leis divinas e humanas, a infligir o castigo a quem o merecesse, e igualmente a applicar a qualquer delinquente o que dispunha o Direito; e que, sendo isto assim, tocava a Sua Magestade o favorecê-los, e patrociná-los, para que as leis tenhão observancia e veneração, e a elles toda a vigilancia no seu perfeito cumprimento, fazendo-as guardar: — se Sua Magestade perdoava a morte a João da Gama, qualquer outro se attreveria, com o exemplo, a obrar com elles o mesmo que o dito havia feito ao Doutor João Gameiro, que estava no mesmo logar; e era razão natural conservarem elles as proprias vidas, e não se expôrem, com risco dellas, a outro tanto, o que não podião d'outra sorte conseguir, nem fugir do perigo, senão fazendo elles deixação de seus cargos, como desde logo fazião, se Sua Magestade segurava a vida do delinquente; e que podia, desde aquelle instante, provê-los em quem melhor lhe parecesse, e que melhor os servisse do que elles. Respondeo El-Rei: — « Eu tenho dado palavra da vida

« a esse homem; porem, não quero fazer caso do que « disse, para que observeis a Lei de Deos, e a do meu « Reino. » Beijarão-lhe as mãos os Desembargadores, e forão contentes, louvando a grande acção de querer mais faltar á sua palavra Real do que á observancia da justiça. Abreviarão a sentença ao preso, e tambem a morte, antes que houvesse alguma volta que podesse impedir a execução.

III

Pareceres sobre o que El-Rei obrou; quiz contentar a Freira com uma tença, que ella não acceitou.

Não deixou El-Rei de ficar preplexo de não considerar primeiro se fazia bem ou mal em responder assim. Lembrou-se de que tinha sido estranhado e murmurado em algumas acções passadas; queria agora justificar as que obrava em satisfação das antecedentes, as quaes não tinhão sido dirigidas pela razão. Via diante de si todos os *Garnachas* clamando pelo castigo do delinquente para conservação de seus respeitos, para authoridade de seus cargos, e para observancia das Leis. Não lhe dérão lugar para discorrer, se, faltando á sua palavra, faltava á Magestade, ou se, cumprindo-a, offenderia a justiça. Houve opiniões differentes da plebe: alguns louvavão e aplaudião a acção; porem a nobresa a sentia, julgando que o Monarcha tinha faltado á Soberania para

contentar uma duzia de Letrados. Porem, o certo é que não importa que faltasse á palavra, que tinha dado, por que era contra justiça, e assim não estava obrigado a cumpri-la; porem teria sido melhor ter ponderado a supplica e os inconvenientes da promessa, pois de prometter sem tino, resulta metter-se o pé donde não póde tirar-se, sem desdouro da Magestade, ou offensa da justiça. Devia por isso reflectir na promessa, para não ficar obrigado a cousa, que, posta em equilibrio, fòra maior culpa o concedê-la, que o negá-la. Quando conheceo que tinha promettido mal, não quiz estar pela palavra. Procurou satisfazer á Freira por outro meio, usando de sua grandesa em lhe consignar uma tença avantajada, em quanto vivesse; porem a Freira andou tão briosa que não quiz acceitar, dizendo — que qualquer favor, que Sua Magestade lhe fazia, não podia mitigar a perda do sangue de seu irmão, vertido em um patibulo publico, estando a sua vida segura em uma palavra Real; antes lhe avivaria de novo a sua dòr, a triste memoria de sua desgraça, para com mais brevidade lhe acabar a vida.

CAPITULO XX.

I

O Ecclesiastico estava relaxado pela falta de Bispos; vai Embaixador a Roma, a quem o Papa não dá audiencia; caracter de Sebastião Cesar de Menezes.

Vendo o povo que El-Rei, sendo vencedor na guerra, desfizera o exercito, suppunha a guerra acabada, e que já não havia que temer: os políticos o julgavão d'outro modo, discorrendo segundo os accidentes, que nella costuma haver, e a pouca segurança, e desconfiança que deve ter-se nos successos, que pendem da fortuna: esta os faz variar, favorecendo, ora uns, logo a outros, trocando tudo, quando lhe agrada. Estes

pois, ainda que celebravão a victoria, não davão por segura sua firmesa. Achava-se no Reino o estado Ecclesiastico um pouco relaxado por falta de Bispos; o Clero se tinha esquecido da propria modestia, entregue ás acções mais de homens livres, que de Sacerdotes, pelo que já erão mal vistos do povo, e lhe tinhão mais tédio que veneração. Juntou-se a isto o não ter querido Sua Santidade, havia já dous annos, conceder ao Reino a Bulla da Cruzada; e como se via sem este soccorro espiritual no meio dos escandalos que fervião, e insolencia que se experimentava nos Clerigos, por lhes faltarem Prelados que os castigassem, julgou o povo que tudo se remediaria em se pedindo ao Papa a confirmação dos Bispos; e que, com esta graça, lhes concederia tambem Bullas, confiando tudo na victoria que Portugal havia tido; não se lembrando de outros motivos que Sua Santidade teria para negar a graça; porem, como esta gente não tem talentos para mais, determina seus pareceres pelos bons ou máos successos, sem attender aos impossiveis, e ás contradicções que se podem achar. Levantou-se entre o povo uma voz geral, que se devia mandar Embaixador ao Papa, que lhe representasse as abominações dos Clerigos, a vexação do Estado Ecclesiastico; e isto foi com tanto alvoroço, e tão absolutamente, que parecia o determinavão como Senhores, e não que o supplicavão como vassallos; e foi necessario dar-se-lhes satisfação, antes que a tomassem; por que, como se conhecia haver animos dóbles, não quizerão que se valessem d'algum pretexto, e que aquillo que não podérão fazer as armas inimigas, o conseguisse a voz da Religião, que, como é tão forte e poderosa, é certo que todos a havião de seguir, uns pelo temor de Deos, e outros pelas proprias conveniencias. Enviou pois El-Rei o

Embaixador a Roma, significando a Sua Santidade, que, como filho seu, e obediente á Santa Madre Igreja Romana, lhe supplicava quizesse conceder-lhe o que concedia aos mais Principes Christãos; que Portugal se achava sem Bispos, pois um unico que havia, estava tão carregado d'annos, que totalmente não podia exercer seu officio, de que resultava grande detrimento ás almas; por tanto lhe rogava fizesse Sua Santidade a graça de lhe confirmar os Bispos, e conceder a Bulla da Santa Cruzada, por que estavão os fieis do Reino desconsoladissimos por tão grande falta. Não quiz o Santo Padre attender a esta supplica, nem tão pouco dar audiencia ao Embaixador; sómente disse que concedia aos fieis de Portugal a Bulla da Cruzada, e mandou logo despedir o Embaixador. Causou grande desconsolação em Portugal o saber-se que Sua Santidade não quiz admittir o Embaixador a supplica alguma; e começarão muitas pessoas de todos os estados a dizer sobre a materia, cada um conforme seus talentos, ou sua boa ou má inclinação; a plebe maldizendo a guerra, affirmando que havia de ser a perda das vidas e das almas de todos os Portuguezes; e os políticos, para se prevenirem para qualquer direcção que as cousas tomassem, cuidavão como podião melhorar sua fortuna; por que estes não attendem senão a conveniencias temporaes, esquecendo ordinariamente as espirituaes e eternas. Achava-se por este tempo bem visto d'El-Rei, e eleito em Arcebispo de Lisboa Sebastião Cesar de Menezes, homem que sabia portar-se nas felicidades com modestia, e nas adversidades com paciencia; de sorte que quando se via favorecido da fortuna, vivia com maior cuidado, prevenindo-se para os giros que ella costuma dar. Duas occasiões teve para provas desta verdade; pois, imaginando-o todos sujeito ao supplicio publico, o vi-

rão no mais alto do valimento, e isto com bastante admiração, por que conhecião o rigor com que o Duque de Bragança, que se tinha acclamado Rei, castigava a mais leve suspeita contra a lealdade, que se lhe devia ter, misturando talvez os culpados com os innocentes, por conservar-se no que a muitos parecia tyrannia. Foi este Cavalheiro duas vezes preso no seu tempo, por inconfidente, com maiores provas do que muitos que padecerão a violencia do cutello ás mãos do verdugo, e não só se livrou, mas sahio premiado, e bem visto, assim do Rei, como de todos.

II

Impia proposição de Sebastião Cesar; é approvada por uns, regeitada por outros; sobre ella manda El-Rei consultar a Universidade.

Dizia-se Sebastião Cesar de Menezes, o maior barrete que havia em Portugal, assim em qualidade como em letras; sabia persuadir com eloquencia, dissimular com cautella, calar, quando era necessario não fallar, e fallar bem, quando lhe era preciso: este pois se attreveo a uma resolução, que, a ter-se executado, seria muito para chorar. Intentou metter um scisma em Portugal, arriscando a perder os bens espirituaes e eternos, por conseguir os honorificos e temporaes: (que má troca para um Christão, e quanto execravel em um Sacerdote!) começou a espalhar uma voz, a qual seus parentes, que não erão

poucos, e os maiores do Reino, e seus amigos, que erão muitos, e alguns muito doutos, que devião interessar-se no mesmo, todos fomentarão, persuadindo cada um quanto podia, que se devia em Portugal (visto Sua Santidade não conceder a confirmação dos Bispos, nem de outras graças espirituaes, de que gozão os Christãos, que estão debaixo da Igreja Romana, tendo-o o Reino assim supplicado muitas vezes a Sua Santidade com toda a submissão de fieis, e não tendo delinquido em heresia alguma, nem quebrantado lei, assim Divina como positiva, que tocasse com a fé ou Religião Christã) que se devia, dizião, buscar o remedio das almas, valendo-se do Direito das Gentes, assim no tocante ao temporal como ao espiritual, e fazer uma cabeça da Igreja, que fizesse em Portugal as mesmas vezes que fazia o Papa, tendo o nome de Patriarcha, e que todas as vezes que o Pontifice os quizesse admittir á sua obediencia e graça como filhos seus, lhe obedecerião como a Vigario de Christo, ficando o Patriarcha destituido do manejo espiritual; pois que a intenção de todos não era outra, senão em quanto Sua Santidade lhes não acudia com os bens espirituaes, como aos mais fieis, valerem-se do direito natural, em observancia da fé, sem alterar nem viciar os costumes no que ordena a Santa Madre Igreja, a quem sempre estavão sujeitos, e ao Papa, como cabeça della. Como o juiso dos homens tem tanta incertesa, não repara as mais das vezes tanto na substancia das cousas, como nas côres que as enfeitão, queria Sebastião Cesar, debaixo de uma verdadeira hypocrisia, e de uma virtude enganadora, com o pretexto de Religião, metter, contra a mesma um scisma em Portugal, dizendo que o Direito das Gentes obrigava a buscar remedio para o temporal, e com maior rasão o devia buscar para o

espiritual; pois, ao passo que é maior a distancia de um a outro, se deve, com maior esforço, segurar o eterno, pelo seu indubitavel valor. Achava-se favorecido d'El-Rei, poderoso com os parentes e amigos; e suppunha, que, a ter esta proposição o effeito que pretendia, que não havia no Reino sujeito mais idoneo, e apto para Patriarcha, do que elle; e, esquecendo-se de ser Christão, trabalhava para poder ser hereje, parecendo-lhe honorifico o que era seu maior desdouro e perdição. Foi-se introduzindo isto nos ouvidos da plebe, onde suppunha mais segura acceitação, e que a novidade causaria bom effeito em seguir o que sua damnada consciencia intentava. Aos primeiros vizos, não deixou de fazer boa harmonia no meio da plebe; por que, como não discorre, facilmente se engana: imaginando elle, que com a voz da Religião, debaixo de cujo pretexto intentão ás vezes os politicos as maiores insolencias, fizesse a impressão, que desejava nos animos plebeos, que, por serem sempre os mais, são o movel de toda a extravagancia que se offerece. Algum abalo causou esta voz nos nescios; porem, nos de bom juiso e Christãos foi abominavel. Não quiz El-Rei e os do Conselho que isto ficasse indifferente, e, para se livrar do horror de uma tão má como escandalosa opinião, mandou á Universidade de Coimbra, e aos doutos de todas as Religiões, que dessem seu parecer ácerca do ponto; e isto sem attender a conveniencia alguma temporal, senão só ao que era licito e permittido por Direito Divino, e conducente á firmesa da fé e salvação dos fieis. Todos os pareceres forão uniformes, e sem descrepar um só, refutando e condemnando a proposição por heretica, scismatica, contra Deos, contra os Concilios e Santos Padres, injuriosa á Santa Madre Igreja Romana, á qual, como verdadeiros fieis, e ao Summo Ponti-

fice, cabeça della, devião estar obedientes como estavão.

III

E' a proposição por todos condemnada; reflexões criticas sobre o mal que obrou Roma em não conceder a confirmação.

Toda esta maquina, que Sebastião Cesar de Menezes queria persuadir com o caracter de virtude, se desvaneceo, por que a plebe a abandonou logo, e se conformou com os pareceres das Religiões e Escholas, e com se conhecer que tudo se tinha proposto pelo dictame de Sebastião Cesar, a fim da sua conveniencia; comtudo, elle por isso não ficou descaído da graça de todos; por que suas palavras erão tão persuasivas, como efficazes para moverem os animos e captivar os affectos. A falsa virtude por si mesma perde a acceitação e benevolencia, o que não succedera se fosse sólida, por que esta traz comsigo a sua firmesa, e o ganhar os animos. Oh cego horror! oh malicia diabolica! Pois em os maiores homens, e de mais conhecidas qualidades, é mais nociva, e introduz maior cautella; por que, tropeçando em seu proprio amor, e seu errado dictame, se espalha por outros muitos, para que mais lastimosamente se despenhem! Enganou-o a sua cubiça, e mais lhe valera cuidar das cousas do mundo, servindo a Deos, do que buscar as cousas de Deos, se-

assim se póde dizer, para enganar o mundo: se entrára no fundo da razão, havia conhecer que isto se havia de acabar; e que nem as riquezas nem as dignidades permanecem; que a virtude fingida o fazia réprobo, e só a verdadeira o podia salvar. Não ha cousa tão facil como enganar o vulgo; por que, este genero de gente, daquillo que menos intende é que faz maior estimação e apreço; feridos pois os ouvidos dos ignorantes com o peregrino de boas frases e vocabulos, ficão attonitos, o que não succede aos entendidos, os quaes, conhecendo a substancia do que é, se riem. Servio á sua vaidade, e não attendeo a Deos, quando a vaidade no mesmo aplauso se desvanece, ficando Deos sempre o que é. Dizia elle que faltava o pasto aos filhos da Igreja, e queria alimentá-los com veneno, mas nunca faltará o castigo a tão altiva soberba e atrocidade tão nociva. Não ha meio mais conducente, para governar bem um Reino, como desterrar delle as novidades perigosas, ou com o castigo, ou com a politica: desta se valeo El-Rei, conhecendo que do outro não era tempo: ainda não vivia com toda a segurança para obrar absolutamente, e assim, contentando uns, esperançava outros, premiando talvez aquelles que necessitavão de castigo, e deixando sem premio aos que conhecidamente o merecião; isto conforme a opportunidade o ensinava, não obrando a justiça, mas só o baculo da conveniencia e da conservação. Aquillo, que poderia evitar com a soberania da Magestade, o remettia muitas vezes aos pareceres, fazendo da precisão lisonja aos vassallos; por que periga muitas vezes a auctoridade dos Principes com a inquietação dos povos, e estava neste tempo Portugal tão prompto para qualquer sedição, que era mais necessaria a politica de saber recear, do que aquella que ensina a dominar. Por tanto, para con-

servar-se era necessario tractar a todos, inclinando-se mais á urbanidade que ao desabrimento. Não haveria cousa mais prejudicial á defensa de Portugal do que conceder Sua Santidade aquillo que se lhe pedia, assim como não concorreo pouco á sua defensa o irem alguns Senhores abandonando o Reino e passando para Hespanha; por que, com as rendas dos Bispos, Arcebispos, e dos taes Senhores, se sustentava a guerra, e não com tanta abastança, que se não experimentassem nella muitas faltas; com tudo era evidente que a não haver estas ajudas de custo tão consideraveis, não se poderia manter a guerra, por ser pobre o patrimonio da coroa. Os estados do Brazil, que era a melhor renda de Portugal, por que a da India Oriental é cousa tenue e que gasta mais do que rende, estavão naquelle tempo em poder dos Hollandezes: a conquista mais facil para os Hespanhoes era confirmar Sua Santidade os Bispos a Portugal, e que os titulos e Senhores, retirados a Hespanha, perseverassem no Reino, e nelle comessem suas rendas; pois que assim farião maior serviço a El-Rei d'Hespanha, do que ausentando-se de Portugal. Porem El-Rei Philippe 4.º, julgando que justificava melhor sua causa e direito, impedio a confirmação referida, fazendo representar a Sua Santidade, pelos seus Embaixadores, que aquelle Reino era seu, e que o Duque de Bragança, seu vassallo, se tinha acclamado Rei tyrannamente; por cuja razão não devia Sua Santidade confirmar nada por elle instituido. Inquietou os titulos e Senhores para passarem a Hespanha a facilitar-lhe a conquista, fazendo-lhe para isto mercês: e assim, pode-se dizer que o mesmo Rei d'Hespanha deo ao Duque de Bragança e a seus descendentes o Reino de Portugal. Pouca politica! Já o caso estava posto na questão das armas, e querer levá-lo pelo es-

peculativo direito de preeminencias e parentesco, não tinha logar nem acerto. Que importava que o Duque de Bragança se tivesse levantado Rei, afirmando que era o parente mais chegado, e como tal lhe tocava o Reino, se este pretexto o não despensaria de lhe cortarem a cabeça por traidor, se o chegassem a vencer? Que importou a El-Rei d'Hespanha estar em quieta e pacifica posse de Portugal sessenta annos, e ser Senhor do Reino (supponhamos que tinha os votos de todo o mundo) se as armas decidirão a contenda, e o derão ao Duque de Bragança, fazendo depois Hespanha pazes com elle, confirmando-o e reconhecendo-o por legitimo Rei de Portugal?

IV

Dos Fidalgos que tinhão passado a Hespanha, e dos que padecerão na acclamação.

De dez Bispos, e tres Arcebispos se compõe o Ecclesiastico de Portugal; nas conquistas ultramarinas haverá outros tantos, os quaes, todos juntos, vem a fazer um numero consideravel, e por consequencia são avultadas as rendas; juntando-se a estas as de varios Senhores, que passarão a Hespanha, que forão os principaes, vem a fazer tudo uma grande somma, e uma grande ajuda para a guerra; e para que se saiba de quem forão as ditas rendas, apontaremos os que passarão a Hespanha, abandonando o Reino e

suas casas. Foi o Marquez de Castello Rodrigo, o qual, ainda que propriamente estava em Castella, sempre em Portugal se utilisarão de sua renda; o Conde de Linhares, o Marquez de Porto Seguro, os Duques d'Abrantes, o Conde de Villa Nova, o Conde da Castanheira, o Duque d'Aveiro, D. Fernando Telles de Menezes, que em Hespanha foi Conde de Trada; D. Lopo da Cunha, o Marquez de Montalvão, que, ainda que não passou, morreo na prisão; o Duque de Caminha, o Marquez de Villa Real, e o Conde d'Armamar, aos quaes cortarão as cabeças, e ficarão as suas rendas applicadas para a guerra; accrescentando-se a isto muitos sujeitos, que forão presos por inconfidentes, os quaes morrerão em prisão; e outros que se achavão em Hespanha quando se levantou Portugal, que, supposto na gerarchia dos sobreditos não entrarão muitos delles, na riquesa não erão inferiores. De todos estes cabedaes e rendas se alimentou a guerra, que, a não haver este recurso, houvera de finalisar em breves dias; pelo que, foi muito conveniente que Sua Santidade não confirmasse os Bispos, e que se ausentassem para Castella muitos Senhores, cujas rendas se applicarão para a defensa; e se ácerca do referido El-Rei fez a supplica ao Pontifice, foi mais pela satisfação ao povo, que por respeito á piedade e Religião, e vontade propria, pois o contrário concorria melhor ao seu intento. Isto supposto, bem se deixa conhecer quanto lhe seria difficultoso convir no que intentava Sebastião Cesar de Menezes, quando estava na sua mão o impedi-lo, conhecendo o muito que lhe era prejudicial o privar-se da renda, que estava utilisando. Enganou-se El-Rei d'Hespanha em uma e outra cousa; e quando julgou que conseguia com isto a ruina d'El-Rei de Portugal, lhe augmentou o poder e forças, e o estabele-

ceo com mais segurança, tirando-lhe de casa os inimigos; por que estes taes, supposto vivem sempre arriscados a serem descubertos, estão mais em occasião de poder lograr a sua vingança e as suas intenções em quanto se não separão. As armas mais fortes, que El-Rei de Portugal teve para defender-se, forão estas, que El-Rei d'Hespauha lhe deo e lhe metteo na mão; pois, com estes auxilios, pôde defender-se, vencer e pôr a coroa na cabeça. O certo é que desde o principio em que Portugal se levantou, começarão os erros em Hespanha, envolvidos nos mesmos meios, que arbitravão para a conquista de Portugal; pois nelles davão aos Portuguezes a luz e o modo de se defender, e por fim o confirmarão lastimosamente com as pazes, que fizerão em tempo tão contrário a uma tal acção: por que, se deixassem correr mais um pouco a tempestade que havia no Reino, como os Portuguezes quasi não tinhão outro porto para se salvarem, claro está que havião acolher-se a Castella; porem a variedade de governo causa estes altos e baixos.

CAPITULO XXI.

I

Passado o rigor do inverno se prepararão as disposições para a guerra; entra Marialva em novas pretenções de despique.

NÃO ha cousa neste mundo, feliz ou infeliz, que não necessite de ser dirigida e governada; por que, a que é infeliz, com o bom governo se melhora e anima, e a feliz se corrobora e conserva. Sempre Portugal se conservou pela constancia em estas duas cousas; pois nem a boa fortuna o desvanecia, nem a má o fazia desesperar: a má fez attender ao governo com vigilancia, a boa com gosto. Era chegada a primavera: co-

meçavão as Praças a fazer prevenções para si e para o exercito, conduzindo ás fronteiras lévas de gente e de todo o necessario para a guerra. Sabia-se em Portugal que Hespanha não havia de sair á campanha, por que tinhão dito as linguas, que se havião tomado, que não havia aprestos, assim de gente como de comboys, nem ordem para se ajuntar exercito. Ao mesmo tempo Sua Altesa fazia as mais fortes instancias e rogativas a El-Rei para ir á guerra; porem, ou não havia meios para isso, ou lhos querião negar, que seria o mais certo. Já tinha inimigos, isto basta; oppozerão-se, aproveitarão-se da occasião; por que a auctoridade dos Principes, desarmada, é tanto mais despresada, quanto é menos temida. Prevenirão-se os Portuguezes para se mostrarem mais conquistadores do que defensores, abrasando os campos d'Hespanha; por que na guerra sempre inflamma a boa fortuna, e basta a reputação d'uma victoria para intentar grandes progressos, pois ordinariamente o principio da guerra é o presagio do seu fim. Havia muitos dias que D. Rodrigo de Menezes trazia enganado ao Conde de Castello Melhor; por que, ainda que não era facil enganar ao Conde, comtudo D. Rodrigo tinha tal agudesa, astucia e manha, que entretinha com a lisonja, e enganava com tudo o mais; ao que se unia ser grande Jurista, o que tudo redundava em o fazer mais capaz para as ficções, e as punha em prática com tanta dissimulação, que na apparencia não havia cousa alguma que suspeitar: soube assim enganar Castello Melhor, e fazer seu negocio como quiz. Seu irmão o Marquez de Marialva, ainda que não era tão máo, o era quando lhe convinha; porêm D. Rodrigo o era sempre. O Infante continuava em dar mostras d'affabilidade, e não de desabrimento. Em uma palavra; todos galanteavão o valido com grandes corte-

zias; porem cortezias de inimigos, a quem a necessidade obriga fazê-las, mais se devem temer por suspeitosas, do que accreditar-se por verdadeiras. Deixou-se o Conde levar destas apparencias, julgando segurar com ellas as objecções do Infante; e estas mesmas lhe grangearão sua ruina. Queria Marialva despicar-se da desattenção, que D. Sancho praticára com elle na restauração d'Evora; mas de sorte que ficando desaggravado, fosse publica sua satisfação. Não podia consegui-lo sem intervir o poder do valido, por que D. Sancho era visto d'El-Rei com agrado, e do povo com respeito e veneração, e da mesma nobresa com todo o genero d'attenções; não era por tanto facil o derribá-lo. Mas como o poder e a paixão não dão lugar ao conhecimento do mal, que póde sobrevir, ordinariamente não deixão discorrer sobre os riscos, porque offuscão as conveniencias, sendo certo que ainda os mais sabios sentem em si as paixões de homem, como os outros homens, pois não ha arte nem sciencia que os livre desta miseria.

II

Ganha Marialva segunda vez o favor do valido; declara-lhe suas intenções; é nomeado General para a guerra.

Rendeo-se Castello Melhor aos obsequios de D. Rodrigo, e ás intenções apparentes do Infante, devendo desconfiar que os Principes que tem concebi-

do odio, muitas vezes, para segurar seus interesses, o dissimulão; porem, depois de feitos, tomão sua vingança. Desta sorte, a olhos fechados, sem conselho em uma materia tão relevante, em que consistia ou a sua conservação, ou a sua perdição, fez miseravelmente quanto se lhe pedio, tendo primeiro grandes duvidas; porem devia consultá-las com o parecer alheio; por que a confusão embaraça a escolha entre ellas, e a eleição é difficultosa. Como D. Rodrigo tinha feito profissão de acautellado, pondo grande cuidado em desmentir indicios, que, sendo penetrados, lhe serião nocivos, quiz negociar com apparencias da virtude, que offendia, e com facilidade logrou os effeitos da sua cautella, sem temer que seu primeiro motivo se suspeitasse, por que só o segundo reconhecia por principio e fim de suas ideas. O desejo de Castello Melhor era obsequiar o Infante, e a tenção do Infante e dos seus era arruinar a Castello Melhor: encontravão-se com grande difficuldade pelo poder com que se achava este valido; e assim, solicitarão o Generalato para Marialva, para que com o poder das armas se enfraquecesse o do Ministerio (que é esta a pedra fundamental das tyrannias) traçando por meio destes arcanos a expulsão do Rei, a ruina do valido, e a perdição de muitos, sendo indubitavel que o veneno mais subtil do juiso, e a peior ficção da verdade, é querer segurar a propria utilidade. Alcançou o Marquez de Marialva d'El-Rei a mercê de Capitão General do exercito, abandonando a D. Sancho, sem mais pretexto que o empenho de Castello Melhor. Começou elle logo a prevenir os aprestos para a guerra, mostrando na pouca vaidade que fazia do exercicio que lhe davão, que acceitava meramente pelo serviço de El-Rei, e defensa da patria, e não por satisfação que quizesse tomar a respeito da desattenção que havia

recebido de D. Sancho em Evora, nem pelo máo successo de Jerumenha. Com tudo, esta mudança foi muito mal recebida, assim pelos militares como pelo povo; por que, ainda que Marialva tinha habilidade para se fazer bemquisto, e D. Sancho resoluções que não agradavão a todos, não deixava de se conhecer que toda a gloria de Marialva era favor da fortuna, e não premio de virtude, e em Villa Flor se conhecia que suas acções nascião mais de seu valor do que erão favorecidas pela fortuna.

III

Vai Marialva para o exercito; põe sitio a Valença; vendo o inimigo se retira; depois, mais bem informado, continua o sitio.

Sahio em fim o Marquez de Marialva da Côrte para o exercito, com todos os aprestes, que lhe parecião necessarios para sahir á campanha, querendo mostrar que o valor e a diligencia o fazião benemerito do posto de Capitão General; fazendo com isto que a poucos dias de sua chegada sahisse d'Elvas um exercito de quinze mil infantes, e quatro mil cavallos, levando sua marcha direita á Praça de Valença d'Alcantara; e, pondo-lhe sitio, a rendeo em oito dias, com as capitulações mais honradas, que permittio a arte militar. Porem estas, feitas pelos da Praça, bem sem razão, pois havia dentro dous ter-

ços de infanteria da Armada, todos veteranos, e uma companhia de cavallos, e os moradores de oito ou dez lugares abertos, que se tinhão recolhido á Praça, sendo os mais delles bons atiradores de bacamarte; e sem que os Portuguezes tivessem feito mina ou brecha por onde dessem avançada; havendo juntamente muitos mantimentos e munições. Ainda que não estava fortificada á moderna, tinha por natureza ser forte pelo terreno em que estava fundada. D. João de Avilla, cabo que a defendia, era grande soldado; porem nesta occasião não corresponderão os effeitos á sua experiencia. Quero abreviar a dilatada corrente do que tenho escripto, por cuja causa deixo alguns requesitos, que se offerecerão neste sitio, fallando só dos principaes. Ao quarto dia se avistou uma grande força de cavallaria inimiga; e temendo ser D. João d'Austria, que viesse em soccorro da Praça, mandou logo o Marquez de Marialva retirar os attaques, e fazer marcha para Portalegre, por uma terra tão áspera, que era impossivel sair della; e ainda que não havia mais que quatro leguas de retirada, erão precisos muitos dias para a fazer, por ser necessario abrir caminho por onde passasse a artilheria e carruagem; e assim, tudo era confusão, por que o terreno era quebrado e montuoso, onde não havia modo de passar o exercito. Soube-se pelos que forão reconhecer a dita cavallaria, que vinha, sem infanteria, ver em que estado estava a Praça. A estas informações não deo Marialva inteiro crédito; e, querendo segundas, mandou outra escolta reconhecer o inimigo; e, como dissesse o mesmo, mandou voltar para a Praça todo o exercito e todo o trem a continuar o sitio, aproveitando-se dos attaques, que tinha desamparado.

IV

D. João d'Austria é deposto; é nomeado em seu logar o Marquez de Carracena; entra em Portugal, e rende Villa Viçosa.

Deposerão a Sua Altesa do governo das armas. Houve opinião de que os seus émulos lhe fizerão más ausencias com Filippe 4.°, de sorte que o resolverão a tirar-lho, logrando a satisfação de o verem aniquilado para com as gentes, e desvalido para com seu pai: eu porem direi outra cousa, e é, que tudo foi ordenado por Deos, que queria que o Reino de Portugal se conservasse livre e não sujeito a Castella; pois ainda que o intento dos émulos de Sua Altesa não atirasse directamente a estorvar esta conquista, ao menos por crédito das armas Hespanholas; comtudo devia pender d'alguma condição o ser Portugal sujeito áquelle Reino; como esta talvez seria a de governar as armas Sua Altesa, foi necessario excluilo do governo, para que isto se não conseguisse; por que o perder uma batalha não é crime em um General tão acreditado como D. João d'Austria. Foi só o poder da fortuna, que, tendo dominio em todas as cousas, o tem mais poderoso nas da guerra. Não haveria meio mais efficaz para o que intentavão, que o de proseguir Sua Altesa no governo, pois é certo que, estando desgostoso do successo e adversidade passada, reconhecendo seu errò, naturalmente havia querer desempenhar-se, e para isso pôr os meios mais seguros

d'acertar. Mandou Filippe 4.º o Marquez de Carracena continuar na conquista começada. Tinha este opinião de grande soldado; porem a experiencia mostrou que o era menos do que valente. Sahio de Badajoz, no 1.º de Julho de 1665, com um exercito de quinze mil infantes e seis mil cavallos, gente toda mui lusida; e se affirmava que jámais tinha entrado exercito em Portugal com soldados tão iguaes, assim em valor como em experiencia. Não sei se esta fama foi causada de que trazia comsigo dous mil Suissos, nação que os Portuguezes não tinhão visto, e só ouvido o que obravão na milicia. Para que o exercito se entretivesse em quanto não chegava á funcção principal a que ía destinado, poz o Marquez de Carracena, a nove de Julho, sitio a Villa Viçosa, Praça aberta, e que não tem mais que um Castello antigo com suas obras exteriores, que os Portuguezes tinhão feito de alguma defensa, ainda que não regular. Havendo-se feito Senhor da Villa, sem difficuldade, por não ter defensa alguma, sitiou o Castello, e o começou a attacar. Em dez ou doze dias ganhou as obras exteriores, ficando sómente o casco, que é a ultima defensa.

V

Sai o exercito de Estremoz, e encontra-se com o dos Hespanhoes; pelejão nove horas a fio; vence Portugal, e foge Carracena, deixando tudo.

AHIO o Marquez de Marialva, a dezesete de Junho, de Estremoz, que dista duas leguas de

Villa Viçosa, com um exercito de dezoito mil infantes e quatro mil e oitocentos cavallos, o maior numero de cavallaria que jámais tinha ajuntado Portugal. Tinha Carracena aviso, por espias secretas, de que Marialva havia de fazer sua marcha de manhã; pelo que mandou aquella noite derribar as tendas e municiar o exercito, e antes d'amanhecer fez sua marcha direita a Estremoz, continuando o de Portugal tambem a sua. A pouco mais de uma legua se deo vista da cavallaria Hespanholla; julgou-se não seria mais do que vir reconhecer a marcha, porem a breve espaço se avistou a infanteria; pelo que se assentou que vinhão deliberados a pelejar. Começou o campo Portuguez a formar-se em batalha tão apressadamente, que se assentou o não poderião conseguir, pela proximidade em que já se achava o exercito Hespanhol, não dando a pressa logar a formarem-se conforme a planta, que se tinha para a occasião. Tractarei só das circunstancias mais notaveis que acontecerão para que os Portuguezes ganhassem a batalha, a qual durou nove horas; pois, começando o conflicto pelas nove da manhã, durou até ás seis da tarde, em que se declarou a victoria pelos Portuguezes. Duas vezes a tiverão ganhada os Hespanhoes; por que, sendo General da cavallaria Hespanhola D. Diego Correa de Roxas, e General da estrangeira o Principe de Parma, D. Diego Correa ficou de reserva, e o Principe com o seu avance rompeo o segundo terço do lado direito, e o degolou, passando com sua cavallaria até á retaguarda da linha da batalha, onde se achava o Marquez de Marialva, o qual, amparado do terço da Armada, escapou de ser prisioneiro ou morto, o que não succedeo a um seu gentil homem, que ficou com duas feridas lançado por terra. Feito este progresso pelo Principe de Parma, como não foi soccorrido pe-

la reserva, e dos contrarios era rebatido fortemente com as cargas de mosquetaria, que os terços lhe davão, foi obrigado a sair, largando o que tinha ganhado no primeiro avance. Formou outra vez a gente com que se achava, e tornou a entrar no exercito Portuguez; e, por mais que fez, como da mesma sorte não foi soccorrido por D. Diego, sem difficuldade foi desbaratado por alguns batalhões Portuguezes, que, com o abrigo da infanteria, o acabarão de derrotar; e assim lhe foi necessario retirar-se, deixando perdida toda a sua cavallaria, porem levando a gloria d'uma acção em que heroicamente se empenhou. Esta foi a causa da victoria que alcançarão os Portuguezes; e assim se pode affirmar, sem testemunho falso, que D. Diego Correa deo a victoria, não por cobarde, que era conhecido seu valor, nem por ignorante do cargo que occupava, pois a sua grande experiencia o acreditou sempre nas acções que emprehendeo em o militar, com as quaes fez a El-Rei grandes serviços, e mereceo por ellas todas as honras que gozou. A' vista de todo o referido se achava o Marquez de Carracena, que, reconhecendo a ommissão de D. Diego Correa em não ir de soccorro com a sua cavallaria ao Principe de Parma, lhe mandou dizer que avançasse, e não deixasse perder a occasião, que o conflicto lhe offerecia (bem que não de todo favoravel). D. Diego Correa o entreteve com respostas indifferentes, despresando as ordens, e permanecendo firme, sem dar um só passo adiante. Conhecido pelos Portuguezes que a cavallaria estrangeira se tinha desbaratado, e que a commandada por D. Diego Correa não se movia, avançarão com todo o troço da sua cavallaria da ála direita a D. Diego Correa, com tal impeto, que não podérão resistir, e lhes foi necessario fazer retirada com toda a sua

cavallaria, e, ficando elle na retaguarda, o fizerão logo prisioneiro, e se declarou a victoria pelos Portuguezes, retirando-se o restante do exercito d'Hespanha como pôde, cedendo o campo, e deixando delle todo o trem d'artilheria e carruagem. Lograva D. Diego opinião de grande soldado, porem na presente occasião nem foi soldado, nem exercitou os deveres de valente: porem, como uma occasião não deve ser bastante a deslusir tantas, quantas, com gloria sua, havia ganhado, logo se entrou a discorrer entre Portuguezes e Castelhanos que a acção tinha sido mais dominada pela malicia, do que por falta de experiencia e de valor; discorrendo os Portuguezes que D. Diego Correa, como criado de Sua Altesa ou creatura sua, não quizera que o Marquez de Carracena tivesse a gloria da victoria, para que seu amo não ficasse mais deslusido por ter perdido a batalha antecedente, e Carracena bem visto com esta victoria, tanto d'El-Rei como do povo; interpretando os Castelhanos d'outro modo, dizendo que D. Diego Correa, sendo vassallo do Marquez de Carracena, este o tractava como tal no exercito, faltando ás attenções devidas a seu posto, procedendo mais pelo arbitrio do dominio, que como vassallo lhe devia, que pelo respeito que merecia, sendo General: assim, sentido este da altivez, com que tinha sido tractado, quiz lograr o despique, ainda que fosse com risco de seu crédito, para que o Marquez ficasse sem nenhum. E' a que chega a cegueira d'uma paixão vingativa, que, por vencer sua vontade, não repara em os damnos proprios nem nos alheios. Em fim, ou fosse uma ou outra cousa, elle foi quem conservou a coroa na cabeça d'El-Rei de Portugal.

VI

Reflexões sobre o Marquez de Carracena, e parallelo entre as acções de Marialva, e as de D. Sancho.

Fica dito que o Marquez de Carracena mostrou ser mais valente do que soldado. E na verdade que o deixar-se governar este capitão na occasião referida mais do valor, que da prudencia de soldado, é prova evidente desta proposição. E' pois sistema inviolavel que os grandes Generaes, de que elle tinha a opinião, nunca devem buscar as batalhas, senão quando virem inevitavelmente que podem vencer, ou quando se conhecem de tal sorte perdidos, que não hajão de ter com que pelejar senão as mãos. E nesta occasião foi bem claro o arrojo, pois quando vinha o exercito Portuguez a soccorrer a Praça, tinha o Carracena o Castello quasi ganhado, e conhecia que era impossivel o ganharem-no os Portuguezes, por ser o terreno incapaz, estando todo occupado de vinhas com valados, e pelo cuidado com que se tinhão formado as linhas da circumvalação; e ainda que custára não pouca difficuldade o rompê-las, fôra muito maior a dos valos para poder chegar ás linhas. O certo é que se os Portuguezes chegassem a executar o soccorro promettido, e premeditado, fôra infallivel o perderem-se pelos inconvenientes mencionados, razão que manifesta o erro de sahir a encontra-los ao caminho, e a chocar com elles, achando-se com as vantagens

que ficão expostas, ao qual accresce outro que foi o deixar nos ataques dous mil homens; e melhor lhe fôra acabar de ganhar a praça, o que estava a concluir, e depois vêr as disposições do inimigo, e obrar conforme a ellas: e se uma vez se determinou a pelejar, para que foi o deixar dous mil homens nos ataques, os quaes no exercito lhe fazião falta? Lembrando-se que, se ganhasse tendo comsigo os dous mil homens que deixava, o castello se lhe havia render logo, e se perdia a batalha, como succedeo, que toda a gente que deixou morria logo, como tambem aconteceo; signaes que mostrão ter-se aplicado mais á parte do valor, que aos acertos, e cautellas de General. Corrião as ditas só para os afortunados, e os perigos para os valentes; e ordinariamente succede, que aos que estão para elles prevenidos não falta o soffrimento na adversidade; porem estes nunca Marialva experimentou nem na paz, nem na guerra, porque tocando a todas as acções dos homens alguma parte da infelicidade, ou do mal da inconstancia, Marialva teve as suas tão ajustadas, e tão bem dirijidas á medida, como dizem, do seu desejo, e tão governadas pela fortuna para seus particulares fins, que não intentou cousa alguma, que com gloria não alcançasse. Ao contrario D. Sancho assim na paz, como na guerra não deixou de padecer contratempos que a fortuna permittia, para seu precipicio; porem sempre os prevenio pelo seu valor, formando-os de adversidades em um explendor glorioso, sem dizer cousa alguma a ninguem, e consultando tudo comsigo mesmo. Portugal lhe deveo toda a sua liberdade, e a remuneração de toda esta divida, e de tão grandes serviços foi a ingratidão que experimentou no Infante como adiante se verá. E' certo que não dependem as boas acções sómente de pelejar e vencer na guerra, dependem

tambem muito do bom governo dos Reis, porque aonde este falta, nem se pode pelejar, nem ter credito, nem respeito ás Monarchias: porque ainda que merecem muito os que pelejão, merecem igualmente os que governão, pois são a causa, de que se possa executar assim a defensa, como a ofensa, quando é necessario, e se offerece aos Reis. São os Ministros obrigados a assistir-lhe com todas as prevenções necessarias, e conducentes a quaesquer operações, porem se estes se descuidão do que é do serviço do Rei, e da patria, incorrem no crime de leza Magestade; assim como se o Rei lhes negar tudo aquillo, com que se lhes deve assistir para poderem obrar com credito da Nação, e reputação das armas, será então o crime da Magestade contra seus validos, Patria, e vassallos.

VII.

Reflexões sobre o governo d'El-Rei D. Affonso 6.° *e satisfação do Autor de não fallar em algumas miudezas.*

Bem se deixa conhecer que a boa e discreta defensa com que Portugal se conservou, sendo tão pobre como pequeno, se não deveo somente ás armas, senão tambem ao governo; pois que este é o principio dos bons acertos, assim na paz como na guerra. Isto supposto, pergunto eu; se El-Rei e seu valido souberão conservar-se no tempo mais difi-

cil, e arduo que o Reino supportou em guerra, em que consistia a perda, e redempção de todos, e poderão governar, e dirigir toda esta confusão, e em fim defender-se, e triumphar; que lei, ou que razão, poderá com verdade certificar, que na tranquillidade e na paz não saberião fazer conservar, e proseguir com gloria o que no tempo duvidoso, e sujeito a mil contingencias tinhão sustentado? Se El-Rei foi capaz de defender o Reino, como a experiencia mostrou, porque não seria para o governar? Logo devemos inferir que não deposerão a El-Rei D. Affonso por cruel, nem por incapaz, como o Auctor do Catastrofe, sem temor de Deos, nem horror do juizo das gentes intenta demonstrar; senão que a traição e a malicia o desauthorisarão, e a tirannia o executou, sem haver outra cousa pela parte de seu irmão o Infante D. Pedro, que as referidas; divulgando-as pelo mundo tão desmascaradas, contrafeitas e simuladas ao seu geito, e á sua conveniencia, que os que conhecião sua tirannia, se confundião, e os que as ignoravão não as podendo comprehender duvidavão. E já que não teve duvida de expor no theatro do mundo imposturas contra um Rei, indignas de sua pessoa, incompativeis com os acertos do seu governo, e um testemunho falso, que mancha toda a vida do mesmo Rei, e o que é um escandalo universal, e sem limitte; ouça o mundo agora tambem, e conheça a crueldade mais iniqua de um irmão, que fingindo-se zeloso, se fez tiranno auctor da disgraça daquelle, que me proponho justificar. Foi a ultima batalha da guerra, a que descrevemos, que deo o Marquez de Carracena, e a que lhe deo o fim prepetuo. Eu quiz referir as circunstancias principaes della nas quaes me achei, não fallando aqui do sitio de Badajoz,

nem da batalha d'Elvas, porque forão anteriores ao ponto, que é meu objecto, que é o em que El-Rei principiou a reinar. Tambem omitti outros encontros e choques de menos consideração, os quaes forão pouco afortunados. Na de Elvas amparou ao Marquez de Marialva sua unica madrinha a Fortuna, compadecida sem duvida de que se perdesse Portugal, porque toda sua desdita dependia de perder uma batalha, e conhecidamente se vio que ella lhe quiz dar a victoria, não havendo outras prerogativas que as do seu favorecido; desanimando para isto o Duque de Ossuna General que era da Cavallaria Espanhola em tal forma, que para não lograr a victoria D. Luiz de Haro, quiz o Duque que se elevasse o Marquez de Marialva. Rasões de estado, que esta casta de Principes conservão entre si mesmos, apesar de que morra o Rei, e a Patria se perca.

FIM DO 1.º LIVRO.

ANTI-CATASTROPHE.

SEGUNDA PARTE.

LIVRO SEGUNDO.

CAPITULO I.

I

De como El-Rei deseja casar; para este effeito vai o Conde da Ponte a França.

VENDO-SE Portugal com tão bons successos, e victorias começou a respirar dos sustos passados, e julgar-se livre da sujeição de Castella: effeitos communs de que usa a plebe, quando a fortuna se lhe mostra risonha, sem que olhe para o futuro, em que a mesma que é propicia póde acabar-se, e fazer incertas as glorias alcançadas, quando não ha maior inconstancia, que a que se espera do arbitrio das armas. Passou logo a dizer-se, que convinha muito que casasse El-Rei para o fim de se segurar a successão; que as victorias tinhão elevado tanto o credito dos Portuguezes, que não faltaria Princesa, que tivesse em grande dita o vir ser Rainha de Portugal, o que até alli não seria facil pela incerteza dos máos, ou bons successos, os quaes tendo sido tão prosperados pela fortuna, não faltava a coroar a sua felicidade, e satisfação, senão um successor ao Reino. Bus-

cou-se pois pessoa idonea que passasse a França a procurar Princeza das qualidades e circunstancias necessarias. Tractando-se da escolha do sujeito, que com satisfação podesse encaminhar, e conseguir negocio de tanta consequencia, se elegeo Francisco de Mello Torres, Conde da Ponte (que andando sempre empregado em lisongear sua fortuna, lhe não desmereceu sua graça), cavalheiro de capa e espada, de patrimonio parco, e de nobreza que dependia do uso das virtudes para se acreditar, pois se não podia desvanecer com o nascimento. Tinha começado no principio da guerra a servir, occupando os postos por sua serie até o de General de Artilharia; porem como o tempo que servio não teve mais do que uma guarda, que se fazia de uma e outra parte com algumas entradas de cavallaria, não teve occasião de mostrar valor, nem de alcançar fama, e credito, até que o fizerão servir na Corte. Aqui se conduzio tão bom politico que por antonomasia era conhecido por este titulo; sabia viver com tal geito e arte, que tomando a seu cuidado alguns ministerios, no exercicio delles acreditou o seu talento, e capacidade de sorte, que o fizerão Embaixador ordinario de Inglaterra para tratar o casamento da Infanta D. Catharina com El-Rei da Gram Bretanha: e como este Rei não teve por objecto neste casamento que se lhe propoz, senão a grande soma de dinheiro, e joias que se prometterão com duas Praças uma em Africa, e outra na India Oriental, foi facil a sua conclusão. Voltou logo Francisco de Mello a Portugal a dar conta do ajuste de sua commissão á Rainha mãe, que o recebeo com grandes honras, e igualmente todos, porque era o negocio que mais se desejava; e como a dita senhora estava ainda governando o Reino, lhe

deo o titulo de Marquez de Sande. Estes homens que são vistos com agrado pela sua fortuna, para ganharem nome não necessitão mais do que uma occasião similhante; logo são acreditadas todas as suas acções, são buscados para tudo o que é de grande importancia. Por isso logrou segunda vez este cavalheiro a commissão de passar a França a buscar casamento que conviesse ao Soberano.

II

Disposição em que se achava o Rei e Reino; e dissabores que este teve com o Infante.

ACHAVA-SE El-Rei com grande reforma de vida, separado do estrondo e inquietação costumada; porem não tanto ao justo, que se podesse afirmar estava livre de todo, porem moderado em seus excessos, ou porque estava mais adiantado na idade, ou porque conhecia os riscos em que se tinha visto, e as confusões que a experiencia lhe tinha ensinado. Quando confiavão tão pouco da sua conservação no throno, que se buscavão arbitrios para acautelar sua pessoa no tempo da guerra, tudo lhe assegurou uma só batalha, tirando as nevoas das imaginadas ruinas, que com bastante fundamento se presumião. E bem se experimentou então que a auctoridade e explendor das monarchias só pende das armas, porque não ha prudencia, nem conselho tão gigante que lhes grangeie tanto respeito como ellas.

Vio-se Portugal no maior aperto que póde considerar-se; tudo erão conselhos, tudo discursos, e senão sobreviesse a victoria que se alcançou, nenhuma destas prevenções imaginarias valeria, nem fòra de prestimo algum, pois que tudo se perdera. Modificados pois os sustos até alli sentidos, com a victoria, mudarão de semblante os Portuguezes á proporção que as cousas mudarão: de sorte que se não conhecião uns aos outros a respeito do que se havia padecido, e experimentado; e tendo precedido tantas differenças nos conselhos ficarão tão uniformes nos corações não só os que servião o seu Rei e Patria com amor e lealdade, como os que erão suspeitos de trahirem seus deveres, que não erão poucos. Quiz El-Rei que houvessem demonstrações publicas de gosto pelo bom successo da victoria com grandes festas que celebrou a Corte, e se concluirão com a retirada para Salvaterra, sitio a que vão divertir-se os Reis de Portugal, para o que tem alli todo o genero de caça, e volataria. Levou El-Rei comsigo todos os cavalheiros, e o Infante com seus criados, e alguns particulares. Houve nesta jornada algumas dissenções entre El-Rei e o Infante, causado tudo de intrigas, infermidade tão antiga como radicada em muitos aulicos, que assistindo ao lado dos Principes por se não acharem com prerogativas suficientes a seus fins particulares, põe nellas todos os seus augmentos extravagantes, ou porque talvez com este pretexto se queria dar principio á idea maliciosa que estava dissimulada em os corações preversos, que buscando ficções apparentes vem a tirar por conclusão um monstro tão abominavel como os factos manifestarão.

III

Descreve-se o caracter de D. Rodrigo de Menezes. Entra D. Luiz de Menezes a detrahir o Rei, sendo aliciado pelo Infante.

Foi a pedra de escandalo, como dizem, para o Infante o Conde de Castello Melhor, e Henrique Henriques de Miranda, começando com uns pretextos tão frivolos como cavilosos; porque ainda que falsos, a industria dos que dirigião o enredo, os fazia parecer justificados. Todo o principio destas maximas foi a continuada peleja nascida do monstro da inveja fomentadora de toda esta intestina guerra, sem que se attendesse nem a Deos, nem á Religião; estabelecido tudo nas ideas do machiavelista D. Rodrigo de Menezes, que era principal director de toda esta maquina perniciosa. Introduzia este em todas as suas conversações, que sua Alteza não punha seu disvelo, senão em como poderia ser um principe perfeito; que a luz da razão o tinha illustrado para emendar os divertimentos da idade passada, de tal sorte, que com insigne resplendor poderia governar o mundo; e que onde elle estava erão pouco poderosos e eficazes os máos exemplos, para que se deixassem de seguir os dictames mais justos. Com esta maxima dirigida toda contra os validos foi continuando até que se conheceo que todos os tiros, que contra elles dirigia, era para mais seguramente ferir El-Rei. Este tinha mostrado boa

vontade ao Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, o qual conhecendo-se bem visto de El-Rei se determinou, pensando que poderia sér valido, derribar o Conde de Castello Melhor da privança. Assestia a El-Rei com privança, louvava todas as suas acções, ainda quando estas menos o merecião, e procurava conseguir o valimento com todo o artificio. El-Rei o melhorou em postos, elevando-o de Mestre de Campo a General da Artilharia, que sem lhe fazer favor o merecia; porque quanto ao valor, e assistencia na guerra, ninguem se lhe avantajava, e muito poucos o igualavão; porem como no ser humano tinha o defectivel, e não haja homem a quem não acompanhe algum vicio e imperfeição, que sirva como de escuro ás mais qualidades de que são adornados, entre as que possuia, se conhecia ser de genio alguma cousa travesso, e inventor de movimentos que não deixavão de causar alguns disturbios no exercito, os quaes quando surtião bom effeito, se dava por auctor delles, e quando o não conseguião se dava por desentendido: porem sempre era o primeiro que os inventava tanto máos, como bons. Já nesta jornada elle estava feito General da Artilharia, e querendo uma daquellas tardes El-Rei folgar com todos os senhores e cavalheiros formou uma companhia de cavallos de todos os que erão Capitães, fazendo a D. Luiz de Menezes seu Tenente, preferindo-o ao Infante, e a outros senhores. Porem como as acções dos Reis, ainda que se estranhem, se calão, e dissimulão, esta ainda que se notou não se fallou della; porque os criados de El-Rei dissimularão, os Fidalgos se derão por desentendidos, o Infante e seus criados o celebrarão como rediculária, porque ainda que D. Luiz merecia muito pela sua qualidade e valor, havia alli outros que em dignidade

se lhe avantajavão, não fallando no Infante, que este se devia suppòr primeiro que todos. Porem como os principes tem liberdade para tudo o que querem, ás vezes querem tudo o de que tem liberdade, pois desconfia o poder, se por algumas razões se limita a sua grandeza. Tendo sido tão publico este favor que El-Rei fez a D. Luiz, não pôde deixar de se lhe seguir o que costuma causar semelhante excesso, pois ainda que tinha como fica dito, suficiente capacidade e juizo, posto que inclinado a um pouco de novelleiro, se desvaneceo tanto, que imaginando-se seguro no valimento, começou desde logo a tomar as liberdades de valido, criminando umas cousas ao Conde de Castello Melhor, chegando a tanto a sua confiança, que não duvidou dar a El-Rei conta de algumas sem-rasões que o Conde practicava com elle, e com outros; porem El-Rei como tinha o Castello Melhor mettido no coração, tanto que ouvio fallar mal delle no mesmo instante sem mais resposta lhe voltou as costas, e negou entrada no palacio. Vendo-se D. Luiz de Menezes despresado, e frustradas suas pretenções, fez todo o esforço possivel para se introduzir no partido do Infante; porque supposto era mal visto, só porque estava bem por El-Rei, bastou conhecer o Infante a mudança referida, para o aceitar e admittir entre os do seu sequito; e como elle era inquieto, ainda agradou mais ao Infante, porque previa que seria de não pequeno prejuiso a El-Rei; porem a final veio a paga-lo, cahindo em maior abysmo como adiante se dirá.

IV

Passa D. Luiz de Menezes a infamar a El-Rei; por esta causa o manda esperar, e matar; o que impede politicamente o Castello Melhor.

Dava-se D. Luiz de Menezes por offendido de El-Rei, e vendo que o Infante traçava projectos mais altos, quiz mostrar-se tão servidor, e agente de um, como aggravado e descontente do outro. Para isto principiou a publicar deffeitos de El-Rei, e exagerar virtudes do Infante. Propriedade esta da inconstancia, que combatida das furiosas ondas da paixão porque se domina, não conhece outro norte que o da desesperação, e deslealdade. Não fallou tão occulto que El-Rei não fosse sabedor de tudo, e de mais do que na realidade era; porque quem toma a confiança de dizer ao Principe aquillo que se murmura, não repara em mentir mais, ou menos, accrescentando o que faz ao caso de se augmentar a si, quando vê que é ouvido com agrado. Pelo que mandou El-Rei a Francisco Banha de Sequeira, seu criado, e Tenente do Mestre de Campo General da Corte, que levando os criados que quizesse, esperasse aquella noite D. Luiz de Menezes que se recolhia tarde e o matasse. De modo nenhum era decoroso á Magestade este procedimento, porque os Reis não devem castigar assim, mas pelos meios que são permit-

tidos á soberania, uma vez que se chegou a violar o segredo della. A falta de respeito em D. Luiz podia-se castigar por crime de leza Magestade, mas obrou assim o fogo da mocidade, e alguns lados máos, que metterão a El-Rei neste arrojo. Obedeceo Francisco Banha, unica resposta que se dá aos Reis. Porem constando isto ao Conde de Castello Melhor, porque El-Rei lho disse, o mandou chamar, e lhe disse que a ordem que El-Rei lhe mandava executar a respeito de D. Luiz, não fosse executada em sua pessoa, mas que se executasse nas mullas do seu coche, que o estrondo dos tiros satisfaria El-Rei. Era Francisco Banha homem de juizo, e como tal lhe pareceo bem a advertencia; e assim o executou matando uma dellas, e ferindo outra com dous tiros, o que não succedera se a diligencia fôra commettida a outros criados, que certamente o havião de pôr por obra, ainda que muito mais a impugnasse Castello Melhor. Fez esta acção na Corte grande espanto, dizendo-se publicamente que El-Rei o mandára fazer. Foi logo ao outro dia D. Rodrigo de Menezes a casa de D. Luiz, a quem seguirão todos os criados do Infante, para que causasse maior reparo na plebe, e por isso fosse mais agravante o escandalo a todos. Afirmarão que a poderosa providencia de Deos fizera nesta occasião impenetravel o escudo da innocencia, accrescentando todos os do partido do Infante, que era mandada fazer aquella morte em sacrificio dos seus validos; e desta sorte castigava aos que os não lisongeavão, tendo por offensa propria o que não era lisonja daquelles, e que enfurecido contra quem os não aplaudia, não poderia ter jámais quem o desenganasse. Com estas cousas se ia augmentando a parcialidade do Infante, e descahindo a de El-Rei.

V

São desterrados alguns motores do desaforo, e desasocego; lamentações do Infante; falta de segurança em El-Rei; funestas consequencias de sua confiança.

Começou o Infante depois da jornada de Salvaterra a dar-se por queixoso publicamente do Conde de Castello Melhor, e de Henrique Henriques de Miranda que era o valido de portas a dentro, e o que manejava toda a Casa de El-Rei. Os criados do Infante tambem fazião seu papel de descontentes, condemnando o Governo de grandes desacertos, e dizendo que El-Rei tinha bom coração, porem que não era senhor delle; e que por esta causa o tinhão indusido a que tractasse a Rainha sua mãe com tanta desatenção e aspereza, que lhe custou a mesma vida, e outras cousas deste theor, que indicavão alguma novidade de consequencias funestas; e passando estas murmurações destes a outros, a quem os beneficios e mercês não poderão obrigar a que deixassem de presistir em sua obstinação traidora, mostrando com o artificio de suas sulapadas acções, a malicia que algumas circunstancias não tão livres de doblez descobrião, que erão mais para se temer que para se dissimular. É a natureza humana mais inclinada para o mal, do que para o bem. Resolveo El-Rei os desterros aos que indicavão alguma desinquietação e travessura, come-

çando pelo Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, oraculo que era naquelle tempo em Portugal, e que houvera de passar a maiores adorações, se o Tribunal da Santa Inquisição não tivera quebrado o simulacro de suas vãs quimeras. Seguio-se o Conde de Soure primeira pedra deste edificio, o Duque de Cadaval, o Secretario de Estado Pedro Vieira da Silva, Garcia de Mello, monteiro mór, e Luiz de Mello, Porteiro mor; ainda que este por velho não teve mais que a prohibição de entrar no Paço; Manoel de Mello, e o Conde de Pombeiro. Seguio-se a isto o que costuma, que forão queixas, pretexto o mais ajustado á intenção milagrosa. Queixava-se o Infante dizendo — que não havia motivo para tal procedimento, suscitando com elle, o que estava esquecido; pois tinha El-Rei feito favores a quem agora imputava culpas. Nunca os Reis esquecem as offensas, porem disfarça-las acontece muitas vezes, e succede que aquelles que as deixão passar, ordinariamente se querem perder: e quando ha circumstancias que fazem escrupulisar, é necessario com promptidão applicar o remedio, não de desterro, que não é mais que uma mudança de habitação, porem mais violento, que nunca mais possão mover-se do sitio em que uma vez os pozerão. Fazer El-Rei merces foi para que, dissimulando a culpa, persuadisse melhor o arrependimento; e se aos taes se accumulavão culpas, era porque davão occasião a que se suspeitassem offensas. Quem faz um cesto fará um cento; sendo esta enfermidade de tão má qualidade que sempre deixa raizes; aquelle que uma vez prevaricou qualquer leve suspeita o condemna. De tantos preludios foi mui pouca a segurança que El-Rei tomou, e seu valido, pois que se não prevenirão com a consideração e madureza com que se deve attender materia

de si tão relevante. Fôra o castigo resolução segura, e não a confiança, que era azo, para maior ruina. Julio Cezar vendo-se triumphante quiz ser clemente com seus contrarios, e maiores inimigos; tratou-os com affabilidade, e grandes merces; assim os atraía a si, e a confiança que nelles poz, foi a causa de que no Senado lhe tirassem a vida. Intentárão destronizar El-Rei D. Affonso 6.º de Portugal, e prendê-lo sem maior offensa; e tomando este a posse e governo delle, fez o mesmo que Julio Cezar chamando e honrando os mesmos inconfidentes; e esta foi a occasião e motivo para que estes depois lhe tirassem o Reino, mulher, e honra, e o fizessem acabar lastimosamente a vida em uma prisão inhumana e cruel. Tragedia é esta que eu não duvido servirá de exemplo, e desengano a todos os principes e Reis, porque acautelados no que toca á magestade offendida, não admittão dissimulação senão a da ultima necessidade para lhe dar o castigo; porque procede tão vilmente a infedelidade, que aquelle que uma vez perdeo o medo, tarde ou nunca se lhe pode esperar a emenda; por este motivo qualquer indicio que prejudique o Principe, se deve averiguar com grande maduresa, a fim de que os que não tem vergonha, vendo que se lhes passa por uma, se não radiquem na posse dos delictos. O sagrado da magestade não se conserva senão com respeito, e, perdido elle, não ha para onde appellar. E em fim não ha segurança como a do cutelo.

CAPITULO II.

I

Nomeia-se novo Secretario; não é do agrado do partido do Infante; El-Rei vai benevolamente visitar sua Alteza, nisto deitão veneno.

PELO desterro do Secretario Pedro Vieira da Silva nomeou El-Rei em seu logar o Doutor Antonio de Souza de Macedo, Juiz que era das Justificações, Conselheiro da Fazenda, Secretario da primeira Embaixada da Gram-Bretanha, Presidente na Corte d'aquelle reino, e depois Embaixador nos Estados de Hollanda; foi geralmente aplaudido esta eleição, porque a todos parecia digno della tanto pelas suas lettras, como pela experiencia que ti-

nha das cousas, e livros que com muita erudição tinha escripto; e sendo adornado de tantas qualidades, como lhe faltava a de não seguir ao Infante, e a de ser bem visto de Castello Melhor o acompanhava, foi caso de que se fizessem as maiores diligencias para vêr se o embaraçavão, pertendendo metter em seu logar Pedro Sanches Farinha, a quem não assistia outra prerogativa mais que a de ser effectivo nos obsequios do Infante. Vendo pois frustradas todas as diligencias, que os sequazes do Infante ardilosamente tinhão feito para seu projecto, passárão a dizer, que supposto Antonio de Souza parecia digno da occupação de Secretario d'Estado, não bastava aprovarem-se as cousas antes de feitas, para que depois agradassem, que como Secretario havia succeder o mesmo que a Galba com o Imperio. Mostrou este antes de ser Imperador, que era digno de o ser, porem depois de subir ao Throno, se conheceo que o não merecia. Não se verificou seu vatecinio em Antonio de Souza, porque antes de ser Secretario se vio que era digno do emprego, e depois que entrou no exercicio o qualificou a experiencia, que se pode dizer com verdade, que até aquelle tempo nenhum dos que o antecedêrão chegou a merece-lo mais, nem com mais creditos; pois tudo o que manejou foi com tanto acerto, que se fez digno de servir, e occupar os ministerios mais relevantes, concorrendo tão iguaes juizo, desinteresse, reputação, e sciencia, que em poucos, sem fazer aggravo a nenhum, se achará um agregado tão perfeito de todas estas virtudes, sendo seu merecimento maior que seu emprego. Não quiz cooperar para as insolencias do Infante, e por isso foi reputado pelos seus, pelo ministro mais iniquo, e veio a padecer o damno que o odio, e as damnadas

intenções lhe ministravão, como adiante veremos. Tinha succedido a El-Rei, divertindo-se em Alcantara, dar uma queda em que lhe ficou uma perna debaixo do cavallo, de que ficou maltratado, e por isso com precisão de sangrar-se. Vindo o Infante visita-lo o tratou El-Rei com o maior carinho, e despedindo-se para sahir, lhe pedio se não fosse, e que ouvisse primeiro cantar seus musicos da Camara, (tinha-se já acabado o furor do accidente que tinha occasionado desgosto entre os dous). Aqui obrou a força do sangue seu dever, causa porque El-Rei tratou a seu irmão com as maiores expressões de amor, e de affecto. Depois de acabada a musica, assentou-se El-Rei na cama, abraçou, e deteve com inexplicaveis caricias a seu irmão; e observados do Infante estes termos que com os rogos o obrigava, e com os braços o detinha, se mostrou agradecido, sem se poder negar a cousa alguma que servisse a El-Rei de gosto. Tanto que D. Rodrigo de Menezes e seus criados souberão que o Infante se tinha abraçado com El-Rei, temendo que seria facil unirem-se, e por este meio unir-se o Infante com o valido, ainda que tinhão precedido muitas queixas do desabrimento que El-Rei tivera com o Infante, estranhárão muito que o Infante fosse facil em admittir aquillo que tanto se oppunha a suas maximas premeditadas; (sendo que não ha pae que por torpe que seja seu filho, lhe não pareça bem, e o não beije) mas como estas maximas erão partes de D. Rodrigo de Menezes, ainda que tão atrozes, feria-lhe a alma só o pensar que se podia impedir o seu effeito. Dizia ao Infante que todas aquellas demonstrações de afecto e de carinho as movia o Conde de Castello Melhor e Henrique Henriques de Miranda, que como pretendião maior favor de Sua Alteza, querião lison-

jea-lo, fazendo-lhe pelo agrado de El-Rei aquelles serviços. Os demais criados dizião que devia S. Alteza advertir, que não era de consequencia alguma que os validos de El-Rei mostrassem ter solicitado pazes entre El-Rei e Sua Alteza, e que convinha dar-lhe a entender que da sua parte não havia pazes que fazer, porque sempre tinha sido igual em obedecer a El-Rei e em lhe agradar em tudo o que licitamente podesse obrar: que não era justo Sua Alteza permittisse se inflamasse seu amor, quando só procurava extinguir o odio em El-Rei, e que como criados leaes, um em nome de todos entregava á comprehensão de sua Alteza o reparo em cada um destes pontos. Não foi dificil aceita-los, porque como uns aspiravão ao mando, e interesse, o outro á coroa, ainda sendo por meios illicitos, os que os conseguem resplandecem na tirannia, pois ella para tudo dá alentos, assim como com as virtudes se illustrão aquelles que as exercitão.

II

Continuão a intrigar El-Rei com o Infante; reflexão sobre as maquinações; vozes com que entrão a fazer o Rei odiozo.

COMEÇARÃO a semear umas vozes entre a plebe com o fim que é facil entender-se, (ardil por onde a malicia principia a introduzir o que intenta persuadir) pois não sendo difficil no vulgo a inclina-

ção a novidades, póde a astucia adiantar melhor as materias ao fim a que as ordena. Dizião que tudo o que se tinha obrado com o Rei querião os validos fosse violencia, e falta de respeito, quando aquelles a quem a calumnia perseguia devião ser premiados; porque tinhão sido a causa de que El-Rei não perdesse o Reino, e que os vassallos intentassem alguma sedição; dizião que a liberdade que se deffendia, e pela qual se pelejava, havia de vir a ser uma sujeição irremediavel, e apoiavão estas queixas com os exemplos de outros principes que tinhão sido violentados para o bom governo, por viverem sem caminho, e sem o concerto devido; aggravavão as queixas, dizendo, e afirmando, que a satisfação que se dava a tão grandes serviços erão desterros com promessas de maiores castigos, os quaes formavão cautelas mui prejudiciaes para o bem commum, não attendendo senão á propria e particular segurança em o valimento, com notorio e universal damno a toda a monarchia: que se attendessem desinteressadamente ao serviço de El-Rei, e fossem bons servidores seus terião acabado com uns certos homens que erão tão contrarios a Deos e ao credito do seu Rei, e da Nação. Como a mentira não tem outro corpo além da côr de que a veste a malicia, esta se vale do aparato fantastico dos arrezoados para que possa persuadir pelo meio da exageração. Pergunto pois, ainda sendo tão máos estes criados, como fica dito, segue-se que se deva fallar delles com termos tão pouco honrosos? Ha lei ou razão que mande profanar o sagrado do palacio sem respeito ao principe, e que se prenda alli com insolencia alguem, e que mettido em uma embarcação se dê á véla para o Brazil? Pois não só a isto se atreveo a pouca vergonha dos que obrárão estas façanhas, mas passaria sua ousadia,

se se não frustrasse, a tomar a resolução em anoitecendo, de prender o mesmo Rei; e este enormissimo attentado não castigou o mesmo Rei senão com um desterro para fora da Côrte. Agora perguntára eu ao valido, (que é o que tinha mais parte nesta acção, por ser El-Rei de poucos annos n'aquelle tempo, e elle o arbitro de seu poder,) que esperava elle de uns homens uma vez declarados contra a Magestade? Que esperava de uns homens que ficárão sem o castigo que merecia o seu sacrilegio? De uns homens que se vião authorisados com mercês, que podião anima-los em suas temeridades, a quem se dava a entender se lhe fazião merces, porque se lhe tinha medo? Com esta confiança ficárão discorrendo nos modos de inflamar o antigo fermento, pois é tal nossa natureza que ainda conhecido o erro, se commette, só por vingar seu intento, e não desiste da maldade por conseguir seu máo proposito. Pode dizer-se que o Conde de Castello Melhor estabeleceo o seu valimento como casa sem alicerce que basta o vento a derriba-la, como lhe succedeo por ser piedozo com demazia.

III

Continua a mesma reflexão com alguns exemplos.

Levantou-se com o Reino de Portugal o Duque de Bragança vassallo que então era de Filippe 4.° por dizer lhe pertencia. Pouco lhe valeria

seu direito, se as armas o não decidissem, e lho dessem. Conspirárão muito contra elle no principio do seu reinado, e aos principaes, como o Marquez de Villa Real, seu filho o Duque de Caminha, o Conde de Armamar, o Secretario de Estado Francisco de Lucena, e um mestre de campo N. de França, a todos fez cortar as cabeças em um theatro publico; aos dous ultimos mais por indicios que por provas. Ao Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos, e outras Dignidades ecclesiasticas fez perecer em differentes prizões, nas quaes lhes foi mais penosa a vida que passárão, que a morte violenta que os outros padecêrão. O Infante D. Pedro sendo jurado Principe Governador do Reino, tendo preso seu irmão no Castello da Ilha Terceira, vio levantar-se em Lisboa uma conjuração para que o depozessem, e collocassem seu irmão no throno; compunha-se ella de cavalheiros muito principaes, que attendendo á lealdade que devião ao seu Rei, e senhor natural, não reparavão no risco de suas pessoas, só por vêr se conseguião a liberdade de seu senhor; ainda que erão animados da fidelidade e acção mais heroica, só alcançárão um funesto fim, que todos devemos attribuir ás disposições do Céo, occultas, e escondidas aos juizos humanos, e que só seu author soberano póde comprehender. Descoberta pois a conjuração, se prendêrão todos que apparecêrão, e aos demais destes se cortárão as cabeças; aos outros a quem o castigo publico surtiria no povo, e na nobreza effeitos perigosos em razão do seu caracter, se derão prizões, e calabouços tão occultos, que jámais se soube delles; outros se valêrão da fuga, e outros forão dissimulados, attendendo lhes serviria de escarmento, o que se executava em cabeça alheia. Com estes castigos segurarão os dous o seu reinado fir-

mando-o no sangue que fizerão derramar; base em que os tirannos fundão a sua segurança. Era El-Rei D. Affonso o legitimo senhor de Portugal, pois o herdára de seu pai; tinha por obrigação o conservar e deffender aquillo de que ficára herdeiro; soube que o querião despenhar do solio a um carcere, e aos mesmos que o intentárão, honrou e fez merces, as quaes os não afrouxárão a desistir de sua obstinação, antes servírão de incentivo á sua maior atrocidade. Seu pai e seu irmão não usárão de favores, por lhes ensinar a experiencia, grande mestra dos successos, que um cutelo afiado, e não os beneficios é o que justifica os que usurpão os deveres da Magestade. Quiz El-Rei D. Affonso, legitimo senhor do Reino, ser clemente, e não justiceiro, entendendo que a legitimidade de seu dominio o seguraria no throno independente de castigos; por que ainda sendo justo derramar sangue delinquente, lhe parecia involver alguma especie de crueldade; por não uzar de rigor perdeo o reino, quando os dous, sendo sanguinolentos o segurárão. Deos que é justissimo remunerador dará na outra vida a cada um tudo o que nesta merecêrão suas culpas, ou virtudes.

IV

Continuação da mesma materia.

Quiz o Conde de Castello Melhor com dissimulação á sombra das merces que por seu meio fazia El-Rei aos que seguião o Infante, ver se podia

capta-los, e faze-los de inimigos, amigos, (acção louvavel, porem de nenhuma segurança em similhantes circunstancias) querendo uzar desta politica por ser das mais nobres do estado, mas em vão, por que quanto mais trabalhava por attrahi-los a si, outro tanto se ensoberbecião, queixando-se publicamente, e dando a entender que vivião desgostosos, porque se faltava ao Infante com aquelle respeito com que devia ser tratado; e que muitas cousas que succedião oppostas ao bom governo, que El-Rei não tinha parte nellas, mas que erão meros effeitos da malicia dos validos; que El-Rei era uma estatua, e elles os que lhe organisavão as vozes, recordando no tempo das conversações e da palestra, que nunca o Reino fôra tão bem governado, como no tempo da Rainha; que havião aconselhado mal a El-Rei, dizendo-lhe que era insofrivel o governo della, vendo como o ía dilatando, e que não só o não queria deixar, mas que tinha sequito, e prevenção de armas para com segurança tirar a El-Rei a coroa, para a pôr na cabeça do Infante. Sobre tudo murmuravão que a ambição de cada um em estabelecer bem a sua fortuna, a impaciencia do bem, o desejo da novidade, e a inveja não cansárão de inquietar a El-Rei, até que o fizerão tomar o governo primeiro que elle o intentasse. Tudo isto era effeito da malicia que já urdia o que desejava; porque quando El-Rei tomou o governo tinha já vinte annos, e foi necessario resolver-se a tudo o que fez, para se segurar nelle, pois era o senhor do Reino e de suas acções proprias; e seria falta de juizo estar soffrendo a sujeição de servo, quando seu nascimento lhe tinha tributado o solio, e a magestade. Não se podendo por outra parte occultar que a Rainha mãi estimava mais o governo que a pessoa do Principe, pois erão ma-

nifestas as provas de que não cuidava tanto em se afiançar nelle como em dar o sceptro ao Infante. Por todos estes motivos, e outros que se omittem foi preciso valer-se de resolução, e de valor para tomar a posse; pois que Deus lhe havia dado o direito sem dependencia de ninguem, como temos visto. Queria o Infante e seu sequito, que de quantos cavalheiros servião a El-Rei nenhum faltasse a guardar silencio, o que não devia fazer, e que nenhum dissesse o que lhe convinha, para deste modo evitar o que calando, e não aconselhando podia succeder-lhe. Grande segurança será a do Principe, se ainda sendo máo, seus criados, e conselheiros forem bons, mas quando succeder ao contrario, sempre a segurança do Principe estará em perigo, porque sendo elle sómente o máo, póde pelos bons ser aconselhado, e dirigido, porém se estes forem máos, não será possivel, ainda que seja bom poder render a tantos. Assim se reconheceo, que quando El-Rei tomou o governo, como tinha bons amigos, conseguio o desvanecer toda a fabrica que se havia maquinado contra elle, e quando lho tirárão já então os não tinha. A Rainha mãi ainda que no politico e militar possuía o governo, e o poder, intentando depôr El-Rei, não pôde consegui-lo, porque não tinha amisade de tantos como El-Rei; e sendo este senhor do militar e do politico, e não assistindo ao Infante algum poder, alem de seus amigos, poderão estes mais que El-Rei, por este se ter já desarmado dos que tinha.

CAPITULO III.

I

Despacha El-Rei Henrique Henriques, e murmura a parcialidade do Infante.

Do agrado que mostrava El-Rei a Henrique Henriques de Miranda, seguio-se o fazer-lhe merce de Tenente General da Artilheria do Reino, que havia possuido seu sogro Rui Correa Lucas, agregando a este posto o de Provedor dos armazens do Reino. Seguio-se logo a costumada emulação da parcialidade do Infante, exagerando as insolencias dos validos, e dizendo que querião fazer-se senhores de todo o Portugal, e que governando a Rainha mãi, havendo pretendido e solicitado a mercê com donativos que offerecia para o

effeito, o não conseguira; e que Luiz Cezar de Menezes que era Provedor dos Armazens n'aquelle tempo tinha pedido se lhe unisse a mesma Tenencia da Artilheria, porque lhe pertencia, e que jámais pôde alcançar da Rainha esta graça; e que não podendo no tempo da mesma Senhora Henrique Henriques conseguir uma só d'aquellas merces com dadivas que offerecia da sua fazenda, El-Rei agora com sua generosa liberalidade não só lhe dava as duas graças, mas tambem outro officio comprado com dispendio do patrimonio real, o qual só o valimento podia conseguir, e a razão por desvalida não podéra impedir: que se estas monstruosidades continuassem precisamente havião causar maiores males, porque o tirar as cousas de seus eixos não só enfraquecia, mas escandalisava; que a continua infelicidade na fragilidade humana muitas vezes enfraquecia e apurava a paciencia. Todas estas maximas ía dispondo a traição para maior adorno de seu malicioso fim, sendo indubitavel que neste caso havia obrado El-Rei com justiça e razão, porém como o estimulo da inveja não podia soffre-lo, e menos dissimula-lo, rompia exclamando sobre a infelicidade d'aquelles tempos. Não se póde negar que o Rei é superior em poder ao resto dos homens, e que póde conseguintemente fazer com que uns sejão maiores do que outros. Grande era já Henrique Henriques de Miranda, porem não póde negar-se que com as novas merces que El-Rei lhe fez se illustrou mais a sua nobreza.

Porém não foi favor dar-lhe El-Rei a Tenencia general da Artilharia com a superintendencia geral dos armazens, antes seria injustiça o priva-lo desta honra, porque além de El-Rei o favorecer, tinha justiça; logo com que razão se lhe havia de tirar? Se este officio era de seu sogro Rui Correa

Lucas, e a Rainha governando lho não quiz dar, por capricho seu, seria isto bastante prova para que agora lhe seja mal dado por El-Rei? Se a Rainha por odio lhe tinha negado este officio pertencendo-lhe, não seria exhorbitancia que El-Rei, sendo-lhe mais propício, e sabendo que era seu lho desse, pois cumpria com as leis da justiça, não obstante o exemplo da mãi ter faltado a ella? Foi a mulher de Henrique Henriques uma filha unica de Rui Correa Lucas, e por morte deste ficou aquelle herdeiro de tudo quanto possuía. Andava na casa de Rui Correa o posto de Tenente General da Artilheria com o privilegio e titulo que gozava de que passasse a seus descendentes, e que a este lhe agregasse agora El-Rei a superintendencia geral dos armazens, como fica dito, é por ventura injustiça feita a Luiz Cezar de Menezes, por que o havia pretendido? Um Rei não é senhor absoluto e dispotico de fazer a quem quizer as livres merces? Acazo se limita seu dominio só aos merecimentos das armas, e das lettras, e não se extenderá aos que tem por si a graça dos seus soberanos? Ninguem jámais tal afirmou, porque seria um erro entender o contrario: logo podem os principes honrar, e fazer merces a quem quizerem, e como fôr seu gosto; porém como não é facil que as graças que distribuem cheguem a todos, por isso é irremediavel que hajão queixas, e desgostos, que só cessarão, quando os que governão forem anjos, e não homens. Estando estes officios já incorporados na pessoa de Henrique Henriques, um dos quaes era justamente seu, e o outro juridicamente se lhe havia agregado, se julgou injusto que El-Rei fizesse aquellas merces; e por virtude heroica do Infante lhe forão depois tirados os mesmos officios, e dados a differentes sujeitos. Quem poderá agora negar que estes officios na

pessoa de Henrique Henriques estavão postos no seu legitimo dono e seu proprietario, sem maior favor, mas sim de justiça, e que tirando-lhes o Infante fosse uma injustiça e uma sem razão? Porém como o fim de todos os que murmuravão as acções de El-Rei e dos validos era com animo de deteriorar a sua estimação, e desluzi-los, não se contentavão já em cevar-se nos defeitos ligeiros; porque, ainda que estes queixumes podessem ser considerados como um desabafo, e sem o que podia tornar menos criminosa a murmuração; comtudo como esta subsistia; aquelles que com facilidade a fomentavão, tirando a mascara publica, desafogadamente chegárão a criminar as faltas mais leves de mui importantes e graves; não podendo livrar-se ninguem do veneno de suas linguas até chegando a compôr libellos infamatorios, maldades e delictos para manchar a honra de El-Rei, e de seus validos, não se contentando aquellas linguas damnadas, depois de vomitada a peçonha nas vidas mais innocentes, mascarando-as com estranha fealdade, de fazer triumphar a tirannia a impulsos da mais iniqua maldade.

II

Faz El-Rei mercês a alguns que não seguião seu partido, e sae de Lisboa Nicolao Francisco.

Ainda que El-Rei fez mercês a alguns particulares que erão bem vistos em seu agrado, nem por isso se esqueceo daquelles a quem havia dester-

rado para deixar de os honrar. Deo a Christovão de Mello a futura successão de Porteiro Mór, e a Manoel de Mello seu irmão a de Capitão da Guarda, officios que Luiz de Mello seu pae tinha unidos em si. A estes tinha El-Rei desterrado, e os chamou para a Còrte, porém havendo máos indicios que offuscárão sua lealdade, tornárão segunda vez ao desterro, e com elle as queixas, e os sentimentos, persuadindo ser maior prova de sua innocencia tanto no presente desterro como no passado, o tê-los El-Rei chamado, e premiado; porém alcançando esta honra, conseguio a calumnia modo para os fazer dignos de castigo, mas que na verdade tudo era excitado pela malicia; e que quando os galardoárão obrava a razão, e quando os castigárão, o odio: pelo que, aquella justiçava as merces, e este fazia tiranno o castigo. Não ha cousa mais natural, nem divida maior em os Reis do que fazerem mercês aos que com fidelidade e amor os servem. Não ha maior sem razão, por não dizer ignorancia, do que premiar aos que ousados se atrevem ao respeito da Magestade; pois é injusto o Principe que a taes não manda cortar a cabeça. Querião estes hipocritas fazer crer que todas as acções do Rei, e dos validos erão preversas, e más para melhor canonisar de justo e de moderado o que obrava o Infante com a sua parcialidade. Estas e outras merces que se fizerão aos que tinhão delinquido na lealdade forão causa da perdição de El-Rei, dos validos, e de muitos; porque nelles não se vio tão justo o premio, como se reconheceo merecido o castigo, pois executando este obrava a razão, e omittindo-o com os favores, não posso deixar de confessar se acreditou mais a ignorancia. Pedio por este tempo licença o Doutor Nicolao Monteiro, mestre que tinha sido de El-Rei, e ao presente seu confessor, para

se retirar ao seu Priorado de Cedofeita, tomando por pretexto a enfermidade que padecia, e a sua muita idade, o que tudo assim era, e por isso com poucas forças para as assistencias do Paço. Deo isto motivo a que os sequazes do Infante dissessem que a retirada do Doutor Nicolao Monteiro tinha mais de misteriosa, e escondia mais do que ella dava a entender; e que elle como homem douto e de prudencia tinha considerado que a Côrte não estava para se poder viver nella; que tinhão os tempos chegado a um tal ponto de calamidade que todo o homem de juizo devia retirar-se della; que nos validos se experimentava tão unido o despotismo com o poder, que não havia forças, conselho, nem industria que bastasse a moderar as insolencias que practicavão.

III

Elege El-Rei novo confessor.

Pela ausencia do Doutor Nicolao Monteiro foi necessario a El-Rei nomear novo Confessor, e proveo neste emprego a Fr. Pedro de Lima, thio do Conde de Castello Melhor, Religioso de S. Bento, sujeito dos mais authorisados, e virtuosos Monges de sua Religião, que tinha sido Geral della, e eleito Bispo das Ilhas Terceiras. Avivou mais a chama da inveja este novo emprego; pois ainda sendo tantas as qualidades que o fazião respeitavel, achou o odio em que cevar-se, calumniando-o de improprio para o ministerio a que o havião destinado, porém todo o seu

mal consistia em ser thio do Conde de Castello Melhor, do qual dizião que elle era a voz de El-Rei; que seu valimento subsistia das maximas de seu poder, e não do seu talento, ou merecimento que tivesse; e que introduzia seus parentes em o manejo das cousas do Palacio, para se segurar mais na privança; que este procedimento era materia de grande escrupulo, (que assim baptisárão o mortal veneno de sua preversa intenção) porque não estava segura a consciencia de El-Rei, quando elegia para seu confessor um Religioso que precisamente havia attender mais ás conveniencias de seu sobrinho, do que ás de El-Rei, e da Monarchia; que não podendo jámais o Doutor Nicolao Monteiro dobra-lo com a doutrina, e instrui-lo para a direcção do bom governo, e bem commum do Reino, porque jámais quizera tomar os documentos, e instrucções catholicas de tão grande Mestre; como o poderia conseguir de um confessor que só lhe havia dado por uma aparencia de piedade Religiosa? Pois sempre se notava em El-Rei pelos máos lados que lhe assistião, que se a fé estava nelle algum tanto animada, certamente pelo desalento, e pouca piedade com que o fazião obrar, estava muito amortecida.

CAPITULO IV.

I

Da desgraça que succedeo a El-Rei com o touro de Azeitão.

Passou El-Rei com o Infante á outra banda do Tejo, onde chamão Azeitão, a divertir-se pela amenidade d'aquelle sitio, e suas aprazíveis qualidades; estando á meza disse o Infante ao Rei, que lhe constava alli perto havia um touro muito bravo, se seria do seu gosto o fossem ver. Proposta que parecendo nascida da sinceridade, o effeito a não pôde livrar da malicia, pois se julgou que a envolvia; porque conhecia o pouco que El-Rei reparava nos perigos. Logo montárão a cavallo, e alguns criados de que costumavão com mais frequencia

acompanhar-se, e chegados á passagem em que estava o touro, El-Rei se foi logo a elle, e o touro o investio com tal furia, que ferio o cavallo, e o desbocou, este com a dôr da ferida despedio a El-Rei da sella com tanta violencia, que cahio quasi sem sentidos; os criados vendo-o d'aquella sorte desanimado o mettêrão em uma liteira, e o levárão a casa, onde chegou á meia noite com perturbação de toda a familia pela não esperada infelicidade. Não se affligio menos a plebe. Foi sangrado quatro ou cinco vezes, até que melhorou do accidente. Seguio-se logo a costumada murmuração, dizendo que a temeridade de El-Rei havia de ser o seu precipicio, e a ruina do Reino; outros mais affeiçoados dizião que semelhantes exercicios não erão defeituosos nos Principes, antes erão louvaveis: os do sequito do Infante se queixavão, que não bastava sua Magestade metter-se nos perigos, senão que tambem mettia nelles a pessoa do Infante, o qual para o livrar se arriscava, e que não seria máo que os validos fizessem sobre isto a Sua Magestade as advertencias que devião. Tinha El-Rei já crescido em annos sempre senhor de seus apetites e inclinações, e isto desculpava não pouco aquelles que mais zelosamente o servião; porque não achavão modo de o advertir, por não verem infructuosas todas as instancias que a isto ordenavão, e se porião no risco de os descompor sem a utilidade de moderar-se; os que tinhão confiança e authoridade para o encaminhar ao bem, antes o encaminhavão para o mal, por suas conveniencias; da mesma sorte os validos, e criados de El-Rei dizião que o Infante era o que o mettia nos perigos, e se deitava de fóra, e que esta maxima era estabelecida por vêr se por este caminho podia lograr que El-Rei désse em maior precipicio; e ficasse elle e os seus, senhores da fortuna a que aspiravão; que to-

das as acções que tinhão obrado com El-Rei não só indicavão, mas decedião estas suspeitas. Uns e outros deffendião o seu partido, até que prevaleceo o do Infante, porque soube primeiro estabelece-lo em termos habeis para o conseguir, acabando-o com o valor, e assim se segurárão. Tudo isto faltou ao partido que seguia a El-Rei, porque gastava todo o calor natural em fingir mais sanctidade do que o cazo pedia, fugindo sempre de fazer sangue, que era o unico meio de manter o decoro, porque n'aquelle estado em que as cousas estavão só o cauterio rigoroso de um cutello podia remedia-las.

II

De como o Marquez de Gouvea se retirou sem licença; e do castigo suave que lhe foi dado.

Era o Marquez de Gouvea Mordomo Mór, cavalheiro que ardia em dous lumes, porém buscando sempre aquelle que lhe parecia o poderia alumiar melhor; de sorte que, se conhecia que hia faltando a claridade a um, ainda que sua vista era errante, porque não assentava em norte fixo, se passava logo a seguir o outro, e quando lhe hia bem, se mostrava gostoso, e se lhe hia mal, desgostoso. Começou este a queixar-se que se não observavão as preeminencias do seu cargo, que pela vontade de El-Rei se lhe derrogavão, e era o poder do valido quem as diminuía; nestes termos pedia licença para se retirar á sua Villa de Gouvêa. Respondeo El-Rei

que não era do seu serviço que elle sahisse da Corte, quando não havia causa para tal retiro, elle porém dando-se por desentendido da ordem, aprestou o necessario para a jornada. Constou a El-Rei que elle seguia o dictame da sua vontade com preferencia ao que lhe tinha insinuado, e lhe mandou dizêr que em chegando a Gouvea não tornasse a voltar á Côrte sem ordem sua. A cantilena dos emulos não deixou de se ouvir; dizião estes que querião fazer desterros d'aquillo que se tinha tomado por divertimento, e recreação, sendo livre a todos o faze-lo; se pouco antes lhe insinuavão que não fosse, como lhe mandavão agora que não voltasse, quando se lhe não tinha entremettido algum delicto entre o rogo, e o preceito? Que ignorando-se as razões para o castigo, só se devia entender que as absolutas em que havia dado o odio, erão as que movião tudo. Homem grande era o Marquez de Gouvea em Portugal, assim em qualidade, como em poder; como tal lhe fazia seus officios a lisonja por ver se o podia ganhar; porém elle, como déstro, illudindo uns e outros se sabia portar de modo, que nem a uma, nem a outra parte mostrava boa, nem má cara; governando-se pelos successos que occorrião com tal medida, que se fez apetecido dos parcialistas de El-Rei, e do Infante, porém de tal sorte independente, que nem um, nem outro pôde lograr delle senão esperança.

III

De como El-Rei foi ver os rostos de dous enforcados.

SEMPRE o rancor dos homens busca traças para conseguir seus fins, sejão ou não licitos; tal foi o daquelles que querendo persuadir que El-Rei era cruel, dizião que o não era tanto por natureza, quanto do que aprendia de escolla dos validos, provando com aparencias defeitos enormes, onde não havia mais que exercicios extravagantes, causados mais do ardor da idade juvenil, do que de outro principio. Dizião ser crueldade ter hido El-Rei uma noite vêr os disformes rostos de dous enforcados; e que os tinha mandado tirar da forca, só por vér as visagens, e fealdade com que ficárão da morte que tiverão; accrescentando para maior apoio do embuste, o que havia acontecido a Julio Cezar, quando ao vêr a cabeça do seu inimigo Pompeo, chorou, tendo-o antes procurado para o matar. Eu posso fallar deste caso melhor do que aquelles que o criminão, porque acompanhei a El-Rei n'aquella noite. Muito por acaso passando El-Rei por onde estavão aquelles dous corpos enforcados n'aquelle dia, perguntou se erão aquelles os criminosos de quem dizião que tinhão feito muitas travessuras, e mortes, e lhe disserão que sim: movido da curiosidade, e do que havião dito delles, quiz vê-los; como estava o luar claro, mandou se lhe cortassem as cordas, e cahidos no chão os esteve vendo com mais lastima e

piedade, que exame dos geitos que tomárão os rostos ao morrer. Tendo-os visto, disse formais palavras: — « Máos forão, porém a morte que tiverão terá sido a » causa da sua salvação, e se eu os tivera visto an- » tes da sua morte, não chegarião elles a esta mise- » ria. » Como El-Rei era desvanecido de valeroso, de todos aquelles de que se dizia que erão, ou tinhão sido valerosos, se mostrava protector; alli mesmo deo ordem para que de manhã os mandassem enterrar por sua conta com officio de corpo presente, e missa cantada, e além disso que se mandassem dizer um consideravel numero de missas. Eis aqui o que resultou de ter visto aquelles corpos. Não fallárão uma só palavra sobre a piedade do generoso coração de El-Rei, e depravárão a acção de chegar a ver os mortos para persuadirem a ferocidade de animo: este era grande em El-Rei, porém elles o caracterisavão de cruel, calando a commiseração notoria que tinha usado neste caso. Mas sendo cousa certa, e propria em todos os que intentão desacreditar a alguem, chamar crueldade ao que é valor, forçosamente havião ser estas expressões conformes á inveja infernal que as provoca. Não era de estranhar que El-Rei ainda moço, de animo forte, e intrepido, encuberto com o silencio da noite quizesse ver aquelles mortos, e terminando aquelle acto, com a resolução pia que tomou, devia ser para El-Rei mais de louvor que de censura; porém os malevolos não fallárão no que lhe podia ficar bem, e só aggravárão o que quizerão fazer máo, repetindo que Julio Cezar sendo gentio condemnava com o que obrou as acções de um Principe christão, sendo ferocidade o ver os cadaveres do que todos fogem, e se lastimão. A dissimulação dos Principes é uma traição honesta contra os mesmos traidores. Se os olhos de Cezar chorárão á vista da cabeça de Pom-

peo, poderemos por isso negar-lhe o gosto de vêr o seu competidor destruido, ainda que chorando com dissimuladas lagrimas exteriormente derramadas? Não certamente; pois quem não sabe dissimular o que deve, não sabe conseguir o fim que busca, e a que aspira. El-Rei D. Affonso quiz vêr os cadaveres d'aquelles justiçados, não por deliberação de crueldade, senão levado de caridade christã, para manda-los enterrar, e dizer-lhe muitas missas. Que tem isto de máo, quando não tinha precedido odio, nem má vontade contra elles! E posto que Cezar chorasse á vista da cabeça de Pompeo poderá negar-se que d'antes não era seu inimigo, e que elle teria feito o mesmo que presenceava, se o podéra conseguir? Logo forão hipocritas as lagrimas de Julio Cezar, assim como foi piedosa a acção de D. Affonso em querer vêr aquelles mortos; porém os emulos fizerão com que esta fosse abominavel, e a outra heroica; não podendo os actos de virtude escuzar este pobre Rei da calumnia com que o infamárão de cruel, sendo esta impostura a maior crueldade.

IV

Refere-se a desgraça com que foi castigada a altivez de Severino de Faria; a insolencia do mulato do Infante, e dous casos do Visconde d'Asseca.

Nem a virtude parecendo infeliz perde o nome de gloriosa, nem uma casual desgraça faz desmerecer a gloria da virtude, e ainda que na opinião de

muitos não se estimão senão os acasos da fortuna, julgando que só o que a felicidade aprova é o que se deve estimar; donde se segue que a boa reputação tem desamparado aos desgraçados; porém o tempo, e a verdade descobre tudo, esta publicará a innocencia, e aquelle descobrirá a malicia; pois ainda que esta fascina no principio, vem logo a resolver-se em nuvem tenebrosa, e desabrida, porque nenhum effeito póde deixar de ser conforme á sua causa; assim como tambem a virtude ainda que comece opprimida de uma densa nuvem vem por fim a brilhar com mais claros resplandores. Dous casos succedêrão em breve tempo em que não houve mais culpa da parte do Rei, e seu valido, do que aquella que a má interpretação dos contrarios quiz interpôr. Primeiro, passando Pedro Severino de Noronha, filho de Gaspar de Faria Severino, secretario das merces por uma rua junto a Palacio, a que chamão o arco do Ouro, topou com uns criados de El-Rei que estavão parados com uma liteira: era noite e o passo um tanto estreito; elle vinha a cavallo, porém podia passar; mandou com altivez aos da liteira que a arredassem para passar, podendo faze-lo por qualquer dos lados; vendo que os criados se davão por não entendidos, determinou abrir caminho á força; respondêrão-lhe com soltura, com que encolerisado de todo, puchou pela espada sem se apear; lançando-se a elle aquella canalha (que quiz a desgraça fossem os peores dos lacaios, não sendo nenhum bom) o deitárão em terra, e o deixárão bastantemente ferido, de que finalmente morreo. Não obstante que o valido com permissão de El-Rei o fez conduzir a Palacio, aonde se intentou cura-lo com todas as demonstrações da maior attenção, até a de passar El-Rei muitas vezes a ve-lo ao seu quarto; não póde negar-se foi de sentimento para a Côrte

o referido succeso; porque elle era moço de boa indole, e os matadores gente baixa, e vil. Não condemnavão El-Rei, pois conhecião não tivera culpa; porém sempre este se achou embaraçado e seu valido com os delinquentes, porque a gravidade do delicto pedia exemplar castigo, e o sagrado de palacio a que servião os preservava de toda a violencia. Emfim forão degradados por toda a vida para a India Oriental. Não soube a impia emulação do sequito do Infante perder tão boa occasião como esta para encherem os ouvidos do povo de sua costumada murmuração. Condemnavão o caso fazendo El-Rei, e Castello Melhor seus authores, dizendo que sem auxilio não podia haver nos moços de El-Rei crueldade para tratarem assim ao moço mais innocente, que só tinha por exercicio a virtude; que quando o ferírão elle havia sahido de casa de seu confessor; sujeito de todas as prendas, que não tendo mais de vinte annos, se portava com tanta circunspecção e madureza, como se fosse de cincoenta; que era geralmente bem aceito, e louvado de todos; e que só da casa de El-Rei podia rebentar semelhante tirannia. Eu julgára não ser necessario neste caso dizer que sahia da casa do confessor; porém como ha opinião, se devem confessar as circunstancias aggravantes; sem duvida o fizerão para aggravar o delicto. Eu conheci muito bem Pedro Severino de Noronha, bom homem, de bom conceito e rico patrimonio, que vivia na Côrte com galantaria, entretido nos divertimentos cortezãos, ainda licitos; porém não todo dado á oração mental, e extatica, de modo que fosse conhecido por sujeito de especial sanctidade. Attribuírão este successo a El-Rei, como se elle se achára presente, ou o mandára fazer; e fallando no atrevimento dos criados, calárão a insolencia com que o Infante e os

seus procedião de dia, e de noite; o que se prova que vindo o Infante, poucos dias antes do caso referido, de uma casa de campo distante de Lisboa uma legua, acompanhava ao estribo do coche um mulato seu, e chegando junto ao Palacio, onde estava muita gente e entre esta um Alferes; apeando-se o mulato, se chegou a elle, e lhe deo um grande bofetão na presença do Infante, e de toda aquella gente. Esta insolencia foi sem duvida nascida da virtude, e santos exercicios da escola do Infante, e de seus sequazes, pois a souberão entregar ao silencio; de forma que os criados de El-Rei porque matárão a Pedro Severino, não se achando presente seu senhor, nem elle os mandasse, devião ser condemnados, não sendo bastante o serem mandados desterrar por toda a vida; a de um mulato que á vista de seu senhor, e de todo o mundo dá uma bofetada em um Alferes com sua insignia, não necessitava de castigo, nem de demonstração delle; pois nem se vio que o mulato sahisse de palacio, nem que houvesse perdido a graça de seu amo: sendo que se se pozessem os casos em equilibrio, parece-me sem exageração, que qualquer homem de bem elegera passar antes á morte mais violenta, que levar uma bofetada de um mulato em uma praça publica. A satisfação que o Infante deo a este caso, sendo senhor do tal mulato, sendo o caso publico, e na sua presença, foi dizer que elle não tinha culpa nisto, nem era seu gosto, que seus criados obrassem mal. Porém é certo que elle tudo isto consentia e mandava fazer. Bem hajão as almas de tão bellos Chronistas! Segundo caso. Indo El-Rei por uma rua um tanto estreita a que chamão de S. Pedro de Alfama, em uma liteira sem querer ser conhecido, era já noite, e estava parado á porta de um cavalheiro que alli vivia, o coche de Martim

Correa de Eça, Visconde de Asseca, como a liteira vinha apressada, avisárão os que a guiavão aos lacaios do Visconde para que se arredassem, e não querendo estes fazer, puchárão das espadas de uma e outra parte; accidente que obrigou ao Visconde a sahir em defensa de seus criados, e dando uma cutilada em um dos de El-Rei, e accussando aos demais, porque tinha grande valor, foi El-Rei obrigado a sahir da liteira com uma pistólla na mão. Vendo o Visconde que era El-Rei, se poz logo de joelhos, deitando a espada no chão: tanto que El-Rei o vio humilhado, não fez mais do que reprehende-lo; e a não se interpor nesta occasião a boa vontade do Rei a seu respeito, não seria difficil, nem estranhado, que vendo um criado seu ferido, uzasse mais das armas que das palavras; porém a prudencia lhe advertio que os criados do Visconde não sabião quem vinha na liteira, assim como os seus que no coche estava o Visconde; e que o mesmo Visconde e seu pae sempre forão muito attenciosos á sua real pessoa: e com effeito sustentárão esta fidelidade até á morte. Desta heroica acção fizerão os fiscaes de El-Rei um grande misterio, e celebrárão isto por um delicto desmarcado, que El-Rei sahisse com uma pistolla: e suposto não a havia disparado por se ter prostrado por terra o Visconde, com tudo lhe tinha dito palavras indignas de um Rei, e afrontosas aos ouvidos de um tal vassallo; que a Côrte toda estava escandalisada de que apparecesse no meio de uma rua El-Rei com tanta indecencia a querer matar um cavalheiro com quem se havia creado em Palacio, não o tendo offendido em acção alguma. Isto dizião os accusadores: agora direi eu aquillo que seria injustiça deixar passar em silencio, pois com a mesma sinceridade com que o caso é re-

ferido, devo eu contar o que elles callão com a sua malicia. Digo pois que isto mesmo que condemnão em El-Rei, succedia no Infante, o qual tambem se havia creado com o Visconde, e erão grandes amigos, mas isto não lhe valeo em uma noite na qual indo o Visconde com Simão de Souza de Vasconcellos, irmão do Conde de Castello Melhor, e querendo o Infante matar o dito Simão de Vasconcellos, e atirando-lhe, tambem o Visconde levou umas cutiladas de que ficou aleijado do braço esquerdo. Cotejemos agora se é conforme á razão criminar El-Rei em um caso não pensado, no qual não houve da sua parte senão palavras, e calar o que obrou o Infante em caso pensado com obras em si criminosas!

V

Como Gaspar Varella, valente do Infante, mata um filho de um capitão com ajuda dos mais criados, e do mesmo Infante.

JA' eu disse que o meu fim é só deffender justamente a El-Rei, e todos sabem que é cousa má dizer mal dos Principes, porque se os defeitos de que não escapão, como sujeitos a miserias humanas se devem occultar, e só suas virtudes se devem dizer, muitos só escreverão os defeitos de El-Rei com escandalo do mundo, pois nelle se conheceo que era pretexto da tirannia; e assim não posso eu deixar de manifestar as faltas do Infante, e igualmente me não es-

quecerei de referir as suas virtudes; pois não era tão destituido dellas, que deixasse de ter algumas: a El-Rei afeava o caso do Visconde por indigno da Magestade, porém o que succedeo d'ahi a poucos dias ao Infante, o mais publico que póde ser pois foi de dia, e o mais sanguinolento, pois elle o fez com as armas na mão, e o mais escandaloso por ser á sua vista, e ás portas do seu palacio, permittio que seus criados ferissem lastimosamente um cavalheiro, que a não se interpôr um camarista seu, acabára a vida. Ora este caso sem duvida foi authorisado com sua assistencia, visto que se não fez menção de cousa alguma, nem sobre elle se proferio palavra. Tinha o Infante um criado chamado Gaspar Varella, filho de um tecellão da Cidade de Elvas, este sendo soldado de cavallo, foi criado do Tenente General D. João da Silva; porque tinha opinião de valente o recebeo o Infante por seu, fe-lo moço da Camara, e lhe fez dar o habito de Christo. Teve este suas differenças com um filho de um Capitão de mar e guerra, que passando pela porta do Palacio, onde vivia o Infante, encontrando-se com o dito Varella, puchárão pelas espadas; logo acudio o Infante com espada, e adarga, com outros criados armados contra o pobre moço, e dando-lhe muitas feridas o acabarião de matar, se não mediasse Christovão de Almada, Camarista de Sua Alteza que estava de semana, o qual pondo-se de diante, com sua modestia e juiso soube aplacar o Infante para que não fosse adiante a boa obra que queria fazer. Veja-se a sem razão de uns homens malevolos que apregoavão o Infante pelo simbolo das virtudes, e a El-Rei por author das maldades; este sahio quando o não pôde escusar, quando vio acutilar seus criados, e um já ferido, em que lhe era desculpavel fazer sangue n'aquella occasião, e elle se satisfez em reprehender.

O Infante via que seu criado não pelejava só, pois já estava acompanhado dos camaradas, os quaes todos davão a matar; e sendo conforme á piedade amparar a parte mais fraca, e em um principe deva ser mais propria a commiseração, sai este com a espada e adaga contra um, a quem tantos acommettião, e querião matar: e quando seus criados á sua vista devião suspender-se como era justo, se accendêrão em furor por ver que seu amo queria obrar o mesmo, não sendo bastante a abrandar o coração pouco piedoso do Infante, nem move-lo á misericordia ver diante de si um miseravel cheio de feridas, para deixar de proseguir em o querer matar, se os rogos de Christovão de Almada não fossem efficazes para o separar da crueldade iniqua; não sendo bastantes a piedade, e soberania de Principe para commove-lo, vendo de joelhos a seus pés com toda a veneração a victima, offerecendo-se ao sacrificio, logo que vio S. Alteza. Estas imposturas ainda não satisfazião a insolencia; publicava esta que El-Rei por dictame dos validos se occupava em acções pouco decorosas á magestade, para que divertido com ellas se esquecesse do que importava ao governo, e ficassem elles mais senhores delle; que o Infante tinha a seu lado quem o soubesse encaminhar aos actos de virtude, tão conformes ao seu genio, que ainda que quizessem incita-lo a outros contrarios, nunca seu bom natural o deixaria abraçar o mal, pois até os exercicios de recreação e ocio fazia com tanta decencia, como se fossem as acções mais serias. Coteje agora o cordato, e desapaixonado se se conformou esta relação de virtude e de louvor com o facto referido. O Infante quiz matar aquelle desgraçado vendo-o ferido pelos seus criados, e sem attenção de o ver a seus pés de joelhos, pois que logo que o vio

arrojou a espada e se lançou por terra; e foi isto virtude heroica, pois que assim o dizem os do seu partido. El-Rei vendo um criado seu ferido, e outros atropelados, sendo obrigado pelo menos a impedir maior excesso, e podendo sua colera ter desafogo, de que nenhum cordato se espantaria, teve valor para reprimir-se á vista do sangue derramado, contentando-se só em fallar quando conheceo o Visconde. E foi isto alheio de um Principe indigno da Magestade? Tyranno modo de pensar! Mas assim o querem uns homens sem temor de Deos. Não nego que houve defeitos em um e outro, os quaes erão defeitos da mocidade, e do descuido, e omissão com que forão criados; porque nelles ao Rei se perdoava mais, e ao Infante se prohibia menos: sua mocidade foi destemida, porque como n'aquelle tempo havia guerras, querião mostrar-se mais inclinados a Marte, do que devotos de Mercurio: houve feridas e mortes executadas pelos criados de ambos, porém como não mandavão faze-las, sua culpa era consenti-las, e a elles no seu serviço; e como um e outro estimavão as acções de valor, as dissimulavão, o que dava ousadia para o fazerem. Porém não lhe sahia tão barato aos taes o triumpho das pendencias em que entravão que alguns não ficassem mortos; outros mal feridos e muitos matavão tambem de noite com bacamartes, de sorte que verificavão o axioma — aonde se dão ahi se apanhão —. Porém como os homens não julgão dos mais homens pelo que são, senão pelo gráo de maior ou menor affeição que lhes professão; é certo que os bons julgão bem dos máos, e os máos querem que os outros sejão o que elles são; porque seu enfermo discurso os não deixa pensar bem. Dizião que El-Rei não amava o Infante como devia, que se lhe mostrava demasiadamente serio, e independente; mas que isto não pendia delle,

mas da força que se lhe fazia para o inclinar a isto. Eu me propuz fallar verdade, e não devo faltar a ella. Nem El-Rei, nem o Infante tinhão acção que não fosse dirigida por seus validos, porque suas idades não davão lugar a maiores discursos que o de ocio, e divertimento, que suas idades permittião. Não deixava de haver entre elles alguns resabios que pouco duravão; porém como as acções dos Principes se olhão com outra attenção, que as dos particulares, se fazião de uma e de outra parte os officiós mais accommodados á lisonja, e ao gráo de merecimento a que cada um aspirava. O Castello Melhor e Henriqne Henriques trabalhavão por conservar-se na privança, fazendo os esforços conducentes para se conservarem nella. D. Rodrigo de Menezes valido do Infante, e cavalheiro pobre que estava ás sôpas de seu irmão e sogro, o Marquez de Marialva, trabalhava pelas desordens, para ver se nellas podia augmentar sua fortuua; seguindo-se disto que com as cousas que lograva se envelecia, e com a esperança das futuras se sustentava, anhelando de continuo a mudança de governo, porque só nesta estabelecia suas esperanças, com politica mais humana que divina. Houve sempre entre estes Principes suas enchentes e vasantes. D. Rodrigo acompanha o semblante do Infante já serio, já agradavel conforme se offerecia ás medidas de seus intentos. El-Rei se mostrava a seu irmão umas vezes carinhoso, outras melancolico, sem que se soubesse alcançar fundamento fixo de tão varias demonstrações, pois erão moços, e não fazião senão aquillo que os interesses dos validos lhes dictava; e ainda que os Principes devem governar-se por differente sistema dos particulares, com tudo a boa ou má educação produz effeitos similhantes; porque sendo boa faz extinguir o mal, e tambem afugentar o bem, quando fôr má. A boa faltou a

*

um e outro, e assim pela má erão ás vezes travessos, e por natureza algumas vezes bons. Jámais os validos de El-Rei calumniavão o Infante, antes o lisongeavão sempre, procurando pelos modos possiveis que entre os dous houvesse solida amisade, e união com que se esquecesse o passado, e que o Infante desestisse de qualquer máo conceito que tivesse concebido. Os criados de El-Rei não tiverão occasião de preverte-lo com seus conselhos; temião a D. Rodrigo de Menezes, porque conhecião que era homem, além de caviloso, ambiciosissimo, e por isso capaz de trazer a seu dictame qualquer sujeito, quanto mais um principe mancebo. Bem se conhecia que os validos de El-Rei não fazião estes obsequios por amor que tivessem ao Infante, ou a seus criados, mas sómente pela propria conveniencia; isto porém não deixava de ser compativel com as maximas christãs; pois podendo fazer as violencias para que tinhão forças, poder, e imperio, sem que a parcialidade do Infante podesse fazer opposição efficaz, nem impedi-lo, querião antes seguir o meio da quietação, e paz, do que o da violencia, e desassocego, julgando que por aquelle meio, como mais proporcionado á virtude, e á Religião se conseguiria pacificar os animos. Isto preferião a entregar sua fortuna aos movimentos, que, quem procura melhora-la, não attende muitas vezes a que estes sejão bons ou máos.

CAPITULO V.

I

Desejavão os validos do Rei a união dos Principes; effeitos tristes da sua má educação; aborrece o Infante os Fidalgos, e as Letras.

O MAIS do tempo assestia Henrique Henriques de Miranda ao Infante não só com sua pessoa, mas com dispendio de sua fazenda em regalos que lhe fazia das cousas do seu gosto; porque a sua intenção, e do Conde de Castello Melhor era de lhe pôr quarto em Palacio para que vivesse em companhia de El-Rei, e com esta occasião assestir-lhe mais de perto, e distrahi-lo de D. Rodrigo de Menezes, pois que conhecendo quanto era o

genio deste para novidades, lhes parecia não estarem seguros dos intentos de sua ambição. Este o motivo porque Henrique Henriques galanteava o Infante, não se poupando ao que concorria para o caso, considerando que se uma ou outra cousa não surtisse effeito, a importunação de todas ellas o acabarião: isto pôde tanto que teve o Infante quasi vencido. Porém como não convinha a D. Rodrigo perder o lado de seu amo, porque não o manejando descahião suas idéas, e se perdião com ellas seus interesses, pôde mais a efficacia de seus conselhos; pois havendo já dado Sua Alteza palavra a El-Rei de mudar-se, e ir viver em Palacio em sua companhia, o fez faltar a ella com pretexto que inventou para occultar sua malicia. Não ficou de ser censurada a assistencia de Henrique Henriques a Sua Alteza, e as demonstrações que lhe fez de obsequio: porque dizião os criados d'aquelle, que só ía frequenta-lo pelo estorvar de sua lição, dizendo-lhe que se deixasse de Mathematicas, porque lhe bastava saber firmar seu nome; demais que o ía separar dos exercicios honestos, por ver se alcançava que Sua Alteza não fosse sabio. Tudo isto era falso, porque jámais o Infante se deo a semelhante lição, nem a sciencia alguma; pois que El-Rei e elle se entregárão tanto ao divertimento dos touros, que não tinhão maior cuidado, nem para elles havia maior recreação do que lidar com elles, e com cães de filla ordenados ao mesmo fim; e quantidade de mulatos para os sortear, exercendo ordinariamente a montar em cavallos. O Infante sahio tão déstro, que sendo de bem poucos annos pegava em um touro com o maior valor, que póde imaginar-se. El-Rei ainda que tinha o defeito no braço direito, e o não podia mover tão bem como o esquerdo, usava deste a cavallo com tanta destreza, que parecia não ter falta no di-

reito, e assim matava os touros com valor e arte. O Infante porém a pé, e a cavallo obrava do mesmo modo, e tendo de idade quinze ou desaseis annos o fazia tão bem, como se fosse de trinta. Quando isto succedia, se achava o Infante como só, porque nenhum cavalheiro entrava no seu Palacio, excepto os que lhe assistião, ou pelo máo ar com que os recebia, ou por não dar zellos a El-Rei; attribuindo-se tudo isto ás cautellas de D. Rodrigo de Menezes. O que eu posso dizer com certeza é que o Infante nunca fói afeiçoado aos cavalheiros, tanto nos primeiros annos, como depois de mais entrado nelles; porque quando menino o dizia, e depois de já maior, posto que o não dizia, o obrava; verificando-se a este respeito em o Principe mais facil a practica, do que o especulativo. Ordinariamente andava pela casa tocando uma trombeta com muita força, e não faltavão cavalheiros que lhe murmuravão este descomedido divertimento: e dizendo-lhe Antonio do Prado seu cirurgião, que visse o que fazia, porque aquella violencia, e forças poderião fazer-lhe um grande damno, lhe respondeo: — « Isso vos disserão os Fidalgos, dizei-lhe que eu » digo que são uns asnos, e que d'aqui em diante » lhe heide tocar por um corno. » Era tão inimigo das Letras, e lição dellas, que supposto seus parciaes o inculcavão de muito aplicado a ellas, depois de tomado o governo se lhe ensinou a fazer a sua firma, e nem a esta minucia, bem que indispensavel, se queria sujeitar. Andava comtudo um destes parasitas lisongeiros do Palacio mostrando a muitos a firma de Sua Alteza com grande admiração, quando devia occulta-la para que se não soubesse do defeito vergonhoso que por ella se descobria.

II

Da iniquidade com que reprehendião os validos.

Com grande mostra de compaixão dizião os apaixonados do Infante que assim como distrahião a El-Rei dos negocios, e cousas em que devia occupar-se um Principe que tem a seu cargo o governo de uma Monarchia, assim querião apartar a Sua Alteza de todos os exercicios que erão honestos, e virtuosos em que podia formar-se um Principe consumado; sómente por que era mui dado a elles, e isto só por tornarem incapaz um e outro, e ficarem elles absolutos senhores de todo o poder; que se forão bons vassallos procurarião que seus Principes fossem sabios, e que só a malicia solicitava que fossem ignorantes. Não ha duvida que é a sabedoria uma grande luz para quem a possue; e que se um Principe fosse adornado della resplandèceria muito. Aristoteles incessantemente persuadia a Alexandre Magno que se aplicasse á sabedoria, e nobreza no dizer, antes de que em vestir trajos exquesitos, e custosos; pois aquella o podia separar do commum dos homens; porém tambem ha authores que dizem não ser a sciencia nos Principes a pedra fundamental do seu bom governo, e que a arte de reinar consiste especialmente em duas cousas, paz, e guerra: nisto é que se sustenta a vida da monarchia, e sendo estes os dous pólos em que se afiança o estado mais perfeito della, o conhecimento das Letras

é pernicioso em um Principe, e lhe basta, dizem os desta opinião, que sejão bem instruidos em os deveres da natureza, e igualmente nos das virtudes, conhecendo a razão, e a historia, gravando seus factos na memoria para se governarem por elles na adversidade, e na felicidade que occorrer; pois não é conveniente, antes muito para temer que o Principe seja sabedor de muitas cousas, e pior que a isto se ajunte má inclinação, porque seria mais nocivo que proveitoso este saber. Temos exemplo para confirmação disto na Republica Romana, mestra no seu tempo do mundo, com a erupção de Tiberio e de Nero, da qual disse Seneca, que não doutrinára tanto o espirito de Nero, como armára a sua crueldade.

III

Da sciencia necessaria aos Principes provada por exemplo.

Muitos Reis redusírão todo o artificio de reinar só á observação dos tempos, e prudente dissimulação dos movimentos de suspeita, como Paulo Emilio, e outros historiadores Francezes contão; pois prohibírão a seus filhos, diz elle, o saber latim, menos esta sentença — quem não souber dissimular, menos saberá reinar —. Esta lição observou D. Fernando o Catholico, que primeiro soube vencer aos Catalães, que se tinhão rebellado, do que fazer a sua firma; nunca aprendeo latim, nem se deo ás letras, porém aprendeo o modo de dissimular, e de governar con-

quistando. Estas partes o fizerão o maior Monarcha que tem tido a Christandade. Muito diversamente succedeo a El-Rei D. Affonso que pela sua sciencia apellidárão o sabio; não se soube com tudo conservar, pois que seu filho D. Sancho, chamado o bravo se levantou contra elle, seguido dos Cavalheiros, e grandes de tal sorte, que ficou sómente com Sevilha. El-Rei D. Fernando o Catholico sem letras, e sem sciencia estabeleceo uma grande monarchia, El-Rei D. Affonso adornado de letras, e de sabedoria, perdeo a que já possuía. Não ha duvida que a maior sciencia é a virtude, e que se os Reis ajuntão a esta um entendimento claro que lhe dirija a razão a adestrar-se na politica para que possa conservar-se nos effeitos mais arduos e difficultosos, fôra cousa feliz e de muitas conveniencias, sendo uma dellas a de se não verem forçados como escravos a seguir seus conselheiros, que como cada um segue a sua opinião, talvez cuida mais em rebater as contrarias, que em seguir o justo, e persuadir o acertado. Succede muitas vezes que de grandes conselheiros sahem resoluções prejudiciaes; mas nunca a gloria do Rei se mancha em governar pelo parecer do seu valido, quando é sujeito de sua confidencia; pois é a mesma cousa fiar delle a monarchia, que seguir o seu dictame. O certo é que nem o Conde de Castello Melhor, nem Henrique Henriques souberão assegurar-se, pois deixárão graçar practicas, que forão causa de que El-Rei e elles se perdessem. Por augmentar a tirannia contra a innocencia se queixavão os da parcialidade do Infante que o valido quando lhe dava conta dos negocios de dentro e de fóra do Reino não o fazia por modo de conselho, mas para o informar da resolução já tomada, sendo sómente um comprimento e cerimonia. Que muitas vezes sabia Sua Alteza por fama vulgar o que

lhe communicavão como segredo, de que resultava não ir ao Conselho de Estado para se exercitar em os negocios, e que elles o não querião lá ver, evitando por este meio que Sua Alteza se fizesse practico; e assim era rara a vez que lá o chamavão, para poderem mandar tudo. Estas e outras cousas chegavão aos ouvidos do Conde de Castello Melhor, e algumas aos de El-Rei. Bem conhecia o valido que estas vozes tinhão misterio, e consequencias, e procurava com dissimulação desvanece-las, suspendendo a El-Rei de romper em alguma violencia, que fosse a causa de elle perder o valimento, ou de algum motim na plebe; e que esta julgasse por author o valido; donde veio a lograr o Infante e os seus o que intentavão. Não deixava El-Rei de mostrar-se um tanto severo com o Infante, quando tinha a noticia de algumas destas fallas; e o Infante se retirava, excepto nas funções publicas, que como conhecia era El-Rei sabedor de algumas dellas, procurava fugir ao trato particular de El-Rei. Era Sua Alteza então de desaseis até desoito annos, e não attendia a mais que a divertir-se; mas por lhe darem a regalia de Principe o chamavão ao Conselho de Estado, e quasi sempre se desculpava, dizendo se achava indisposto, com o que toda a chamàda vinha a ser uma ceremonia, nem se fazia, senão pelo respeito da soberania, pois se não esperava, podesse dar conselho na junta: com tudo suspeitava-se que o não querer assistir era maxima de D. Rodrigo, que aproveitando todos os meios que lhe parecião conformes aos fins que intentava, veio finalmente com outro de tanto ardil e manha, e forão tão occultas suas maquinações, que nunca ao certo se podérão penetrar senão depois que se virão executadas.

CAPITULO VI.

I

Vem noticia de se avistar a armada que trazia a Rainha.

ISTO se passava entre El-Rei e o Infante, quando chegou aviso á Côrte de que de Cintra se via a Armada que conduzia a Rainha. Enchêrão-se os corações de todos de alegria, julgando qne era chegado o tempo de se acabarem as infelicidades do Reino, e começar a fortuna a melhora-lo; porém quiz Deos pelos muitos peccados que quando se esperava a tranquillidade, e o socego de todos, viesse uma mulher a ser o maior flagello que se havia experimentado, pois deo occasião aos successos mais tragicos e funestos, e aos es-

pectaculos mais lamentaveis, e tristes, que por espantosos e nunca ouvidos talvez não serão acreditados na posteridade. A 2 de Agosto de 1666 pela manhã deo fundo no Tejo pouco acima de Belém a Capitania em que vinha a Rainha. Ainda que esta chegada alegrou por então os animos dos Portuguezes, quiz o Céo com este jubilo temperar o fel, que n'aquelle dia e hora rebentou para Portugal; que tambem ha alegrias, como acontece muitas vezes, que são preludios, de immensas amarguras. Com effeito principiou d'aquelle dia o enredo mais infeliz, a deslealdade mais afrontosa, uma tirannia, iniquidade, e escandalo tal, como jámais se vio neste Reino, ou ainda em Nação a mais barbara que haja. Concorreo a gente á praia em que havia desembarcar a Rainha, de sorte que quasi ficou a Cidade deshabitada, julgando todos que nascia para Portugal um novo sol, cujo beneficio faria a todos reverdecer. Não foi assim, porque eclipsando-se se veio a converter em negra e densa nuvem que despedindo de si raios, e desgraças, escureceo todo o Reino e o manchou.

II

Vai o Infante visitar a Rainha da parte do Rei; desembarca esta; e o Rei principia a vida de casado.

Resolveo-se em Conselho de Estado, que fosse o Infante beijar a mão á Rainha, dando-lhe a boa vinda da parte do Rei; e partio o Infante com

toda a Côrte pela beira-mar até chegar defronte da Capitania em que estava a Rainha. Alli entrando em um Bergantim com grande comitiva de Senhores e criados, que hião em differentes embarcações, chegou, e exercitou sua commissão com todas as ceremonias Regias que pedia o caso. Sabido pela Rainha que era o irmão do Rei, lhe respondeo com todas as demonstrações de cortezia, e attenção. Era ainda o Infante de pouca idade, porém mui robusto, e bizarro no corpo; porém a côr do rosto era mais de Cigano, que de Flamengo. A muitos acompanhou logo a suspeita, e tambem a evidencia, que esta primeira vista foi a causa de todas as desordens que depois succedêrão; sendo que a perfidia de tirar a El-Rei o reino já estava pactoada; porém buscando o caminho mais seguro de poder executa-la, e offerecendo-se este da Rainha, achárão que seria o mais conveniente, valendo-se sempre dos pretextos apparentes, e fingidos que podião conduzir ao fim, a que a sua diabolica maldade os tinha induzido, como mostrou o caso. Desembarcou a Rainha na ribeira das Naos, donde se passa a Palacio sem atravessar rua alguma. Celebrarão-se as festas que é costume fazerem-se em semelhantes occasiões, as quaes, posto que em Portugal não podião então ser das maiores da Europa, com tudo forão para o reino das mais custosas. Promettião-se os Portuguezes com este casamento senão já serem senhores de todo o mundo, ao menos os maiores de todo elle; e não só ficarem livres de Castella, porém ainda arbitros da Hespanha, sem outro fundamento que o da vaidade costumada, e do imaginado desvanecimento da plebe em semelhantes occasiões de contentamento, e de alegria: considerando-se então formidavel, da mesma sorte que qualquer volta de fortuna a desanimaria. Ficou El-Rei no principio deste consorcio muito

satisfeito e contente, segundo se deixava conhecer, assistindo á Rainha de dia e de noite; mas passados alguns dias se tornou seu ardor em gelada neve, quando sua antecedente paixão parecia incendio em que amor se abrazava. Houve discursos sobre esta impensada novidade, porém a causa principal não se podia penetrar: não deixavão de o culpar variavel, porque a Rainha na sua pessoa era das mais bellas Damas que tinha França, e assim se poderá dizer que Portugál não a tinha melhor. Os que deffendião o partido de El-Rei o desculpavão á custa da reputação da mesmá Rainha, quando igualmente deffendião o credito de El-Rei.

III

Vem de França o Embaixador com o contracto do casamento do Infante, o qual se desculpa de o não aceitar; El-Rei o reprehende.

O MARQUEZ de Sande ajustou em França, com os poderes que levou para isso, o casamento do Infante com Madame de Bouillon; e julgando lhe seria muito gratificada a diligencia, e zelo com que havia tratado, e concluido o contracto, achou o Infante tão tibio, e mudado que o obrigou a representar a El-Rei que em virtude da ordem que havia levado de Sua Magestade, e poderes do Infante para que com todo o empenho effectuasse o casamento com Madama de Bouillon, debaixo destas ordens tinha feito todas

as diligencias possiveis, e trabalhado com disvelo, sem que omittisse passo que podesse conduzir ao dito ajuste, e conclusão desta diligencia, sem se descuidar de cousa alguma para poder consegui-lo, e julgando fosse de S. Alteza bem recebido o achava remisso, como não podia esperar, e que pelo haver servido bem, achava mostras de desagrado, o que sentia; sem embargo de se não completar este casamento, elle não seria mal reputado em França, porque lá tinha sido manifesto, que elle fallára no casamento com procuração de Sua Alteza, e com authoridade de Sua Magestade; e que nestes termos resolvesse Sua Magestade o que fosse servido. « — Eu não sei, disse El-» Rei, como o Infante usa tão grandes grosserias, » eu o examinarei, e tudo se remediará. » Mandou logo El-Rei pelo Castello Melhor dizer ao Infante, que o seu casamento ficára ajustado em França, e que visse o que era necessario para transportar a Portugal a Duqueza de Bouillon, que tudo se obraria como mais lhe agradasse. Respondeo o Infante, — que os rogos e persuasões que lhe tinhão feito forão causa de ter escripto ao Marquez de Sande para que tractasse o casamento; porém que considerando depois o que nisto fazia, se achára sem animo para o effectuar. Replicou o Conde de Castello Melhor, — que este procedimento de Sua Alteza era em descredito de El-Rei, e seu, e em prejuiso do bem publico. Respondeo Sua Alteza — que a fôrça do matrimonio consistia no consentimento, e que o bem publico se não estribava só em seu casamento, e por outras vias se lhe podia dar providencia. Deo o Conde a resposta a El-Rei, e ficou tão desasocegado, que achando-se com o Infante na tribuna da capella ouvindo missa em um dia festivo, passando de uma a outra conversação, chegou a fallar no ajuste do casamento, e lhe dis-

se — que não tinha comprehendido a resolução que elle tinha tomado de o não concluir. Respondeo o Infante — que elle não podia cazar sem o querer por vontade propria, nem Sua Magestade força-lo a isso, violentando sua vontade; pois que as vontades livres contrahião matrimonios, e não as violencias. Esta resposta augmentou os aggravos que El-Rei já tinha de outros factos passados do mesmo Infante; e o reprehendeo criminando-o de pouco leal, e ameaçando-o com prisão de uma torre. Desculpou-se, deffendeo-se, e quiz assim justificar sua innocencia, para o que tinha particular artificio, dizendo que Deos não queria que obrasse contra seu gosto.

IV

El-Rei insinua a D. Rodrigo que induza o Infante ao casamento.

VOLTANDO o Infante no outro dia á Tribuna a ouvir missa com El-Rei, chamou este a D. Rodrigo de Menezes, e lhe fez saber pelo Secretario de Estado, que se não daria por bem servido delle, se não reduzisse o Infante a que cazasse. Antes que o Infante sahisse de Palacio quiz D. Rodrigo dar-lhe conta do que havia passado com El-Rei, porém só lhe disse que em chegando a casa o faria. A resposta que mandou a El-Rei foi, que como vassallo seu lhe podia mandar cortar a cabeça, mas que o não podia obrigar a casar á força. Continuárão as diligencias por ver se a importunação o conseguia,

já que faltava a razão, porém nem brandura, nem aspereza o podêrão reduzir, dando por desculpa, que livrando-se dos validos o não perseguirião. Começou logo a gritaria costumada dos parciaes do Infante, dizendo que o querião violentar, quando os casamentos pendião da propria vontade, e não da violencia para serem válidos; que assim era que o Infante tinha dado consentimento para se tractar, mas tinha sido por fazer a vontade a El-Rei, e para se livrar das perseguições dos validos, e que nestes termos não déra palavra com liberdade; e que quando tivesse contrahido esponsaes se poderia ainda desfazer o contracto, pois não haveria reino onde se não achassem semelhantes exemplos; e em Portugal havia cazado o Senhor D. Manoel com a Rainha D. Leonor, que esteve justa a casar com seu filho o Principe D. João. Que a Infanta D. Beatriz filha do Senhor D. Fernando, depois de contractada com D. Fradique, Duque de Benavente, e promettida a outros Principes, veio a cazar com El-Rei D. João 1.º de Castella. Isto allegavão, e outras muitas cousas que se ommittem por superfluas, porém nunca poderão allegar algum facto, (nem o Catastrophe com todo o seu ardil, só ordenado a deslustrar El-Rei D. Affonso 6.º) no qual se fundassem para poderem insultar o seu Soberano, para com dourados pretextos lhe tirarem o reino, justificando o Infante em querer occupa-lo; porém apezar destes pretextos encobrirem a falsidade, não foi possivel occultar a verdade aos olhos da razão e da justiça. Não havia crueldade nem tirannia no mundo que elles não tivessem por menos detestavel do que aquella de que acusavão este desgraçado Principe, porém nunca poderião encontrar exemplo ainda da antiguidade mais remota, assim entre christãos, como entre gentios, de haver caso como o que succe-

deo entre o Infante e seu irmão, em lhe tirar o reino, e o metter em uma prisão, coroando esta façanha com lhe tirar a mulher, e casar com ella.

V

O Infante só não quiz cazar, tendo chegado a Rainha.

He prova do que temos dito, e todo o principal fundamento, que antes de chegar a Rainha a Portugal, tinha o Infante grandes desejos de cazar, para cujo effeito deo todos os poderes ao Marquez de Sande; o que confirmou o grande contentamento, que se lhe conheceo, quando teve a primeira noticia de que estava justo seu casamento; porém os apparatos, que vio á chegada da Rainha, forão a causa de não querer casar; então fazendo El-Rei os maiores excessos assim de carinho, como de desagrado, jámais o pôde reduzir a confirmar o antigo proposito, tomando a malicia pretextos para o que depois succedeo; e se vê que o deixar o Infante o casamento ajustado, foi desordem a que deo causa a Rainha, solicitando o Infante (dizia a maldade) a sua benevolencia, não por amor que lhe tivesse, mas por lhe parecer conseguiria melhor a tirannia que já tinha tramada para poder alcançar a corôa a que tinha aspirado. Não ajudou pouco este pretexto do Infante a facilidade Franceza, pois isto, e não outra cousa foi causa de que a Rainha tão ligeiramente se deixasse vencer, sem que attendesse a seu credito, a seus remorsos, e ao

temor de Deos; porém a experiencia nos ensina que as maiores crueldades, as mais infames insolencias, e as mais iniquas tirannias ninguem as tem inventado, e executado senão os Principes, e os Reis, sendo ordinariamente a origem dellas alguma mulher; e é sabido no mundo que o que póde mais, esse faz o que lhe parece que póde, seja ou não contra a Lei de Deos, e ainda a da mesma natureza.

CAPITULO VII.

I

Finge-se o Infante magoado; pede licença a El-Rei para sahir da Côrte; repara El-Rei em elle não sahir.

QUIZ fazer o Infante o papel de desentendido, mostrando-se escandalisado de El-Rei o ter tractado mal pela aspereza com que lhe fallára, dizendo que se não atrevia a apparecer na Côrte. Sahio um e outro Principe a divertir-se ao campo, e por acaso encontrando-se, lhe disse El-Rei — que era muito obstinado no seu dictame; ao que respondeo o Infante — que elle não podia cumprir a palavra, porque não podia acabar comsigo o torna-la a dar com a fé que devia dar-

se. Ficou El-Rei sentido destas razões, e lho deo a conhecer no semblante; com o que desconfiado o Infante, julgando que suas desculpas devião ser admittidas, e bem aceitas, pedio licença para sahir da Côrte; ao que respondeo El-Rei — que o não mandava, mas que podia ir quando quizesse. E como as decisões dos Reis sempre se recebem como favores, obrigado o Infante mais da politica, que do affecto, lhe beijou a mão, e se ausentou. Mostrou o Infante que lhe custava deixar a El-Rei, e dissimulava, dando a entender que tinha grandes desejos de se ausentar da Côrte, e que por occultos motivos tinha resolvido a deter-se, até que El-Rei fizesse a entrada publica com a Rainha, dizendo que supposto se achava queixoso, queria acompanhar a El-Rei n'aquella solemnidade. Não deixou de ir a Palacio os dias que teve de demora, e a primeira vez que se avistou com El-Rei, este lhe disse « — Pois não te foste? » Ao que respondeo o Infante — que por acompanhar a Sua Māgestade na entrada que havia de fazer com a Rainha, se demorava, mas que passada ella se retiraria. A El-Rei parecia que o Infante se não retiraria da Côrte, e o Infante esperava que El-Rei absolutamente lhe mandasse que se não fosse; porém, como nada disto succedeo, não pôde deixar o Infante de partir. Bem conhecia elle, que supposto El-Rei lhe fallava com aspereza algumas vezes, lhe tinha muito amor; pois se experimentava em El-Rei que o sangue fazia os seus deveres, e ao Infante a ambição, a qual dominava em seu coração, o estimulava á tyrannia para com El-Rei. Queixava-se de este o ter tractado mal de palavras, e não se queria conhecer culpado de faltar á fé, e credito de El-Rei, e seu, repudiando contra o direito divino e humano o contracto feito no casamento ajustado, e querendo

não obrar como vassallo mas como igual, assentando que se a natureza o igualou a El-Rei no nascimento, pouco importava que a Providencia lho tivesse preferido no dominio, para elle se lembrar de sua condição e de seu ser.

II

As penosas considerações de Castello Melhor o conduzem a fallar ao Infante.

SENTIA muito o Conde de Castello Melhor que El-Rei e o Infante estivessem desgostosos, porque conhecia com certeza, que elle havia ser o alvo aonde se havião descarregar a maior parte dos tiros, e querendo prevenir-se, buscou occasião de levar uns papeis ao Infante, significando-lhe que todo o seu gosto era agradar-lhe, e que cousa alguma procurava deveras, senão servi-lo; de facto fazia o possivel para que o Infante assim o entendesse, porém como as idéas do Infante erão differentes do que o Conde comprehendia, formava delicto de tudo o que se determinava, e não queria reconhecer obsequios, nem aceitar submissões, ainda quando procedidas de um animo sincero, e leal; porque de tudo se dava por offendido: pelo que o resultado destes bons officios foi responder-lhe que para se crerem as cousas era necessario que as obras servissem de provas, e conforme ellas fossem, assim acreditaria o que lhe acabava de dizer; que elle tinha de certo, que todas as razões de El-Rei para com elle nascião não tanto de Sua

Magestade, como de quem o induzia a ellas; e que a saber quem era o auctor da cizania lhe tivera tirado a vida; que se se queria justificar com elle, fizesse primeiro boa a sua opinião para com El-Rei, e que depois no agrado, ou desagrado que neste achasse, seria o indicio mais certo da sua innocencia, ou da sua culpa. Nada gostoso sahio o Castello Melhor, vendo o máo modo, e acordo de que achou o Infante, pois até áquelle dia não havia experimentado nelle tanto desembaraço no fallar; e quando obsequiosamente o havia buscado, só se seguíra ouvir palavras absolutas, e ameaças; e que se até alli tinha vivido com algum cuidado, agora lhe era necessario muito maior. É desgraça dos validos, que todas as acções dos Reis são por todos interpretadas com odio delles; e assim attribuião o desabrimento de El-Rei para o Infante, e sahida deste para fóra da Côrte, para mais o odiar, dizendo que era um manifesto capricho do Soberano tudo isto; que por culpa do valido não cabião na Côrte ambos de dous, porque sempre os validos desviavão da Côrte os que lhe podião fazer sombra; e que, achando occasião, querem exceder os Principes que não reinão, quando estes nascêrão superiores na Soberania.

III

Ausenta-se o Infante para Queluz, e visita a Rainha todas as noites.

Fez El-Rei publica, e solemne entrada em Lisboa, e como o Infante dizia, que para se ausentar, não esperava mais do que esta occasião de obsequiar com a sua assistencia a Sua Magestade; no outro dia com todo o estrondo, que fizesse novidade, mandou dar parte á Nobresa de que se retirava da Côrte, dizendo, — que supposto El-Rei o não mandava, era permissão sua, e vontade alhea. Com este aviso da sua partida devião acompanha-lo por cortezia todos aquelles a quem fez sabedores, maiormente sendo a jornada para tão perto, que não deitava mais de duas leguas a sua quinta de Queluz, para onde se mudava, e aonde hia estar por divertimento todos os annos; e o que então era recreação, agora queria chamar desterro, e grande castigo. Todos os sequazes do Infante lastimárão esta ausencia, censurada por diversos modos. Uns louvávão sua paciencia, e outros acusavão seu soffrimento, que o desterro deste Principe era o que queria o valido. Alguns aprovando dizião que era melhor estar onde lhe não chegassem os tiros da emulação, pois que assim podia escusar o ser alvo delles. Outros remettendo-se á parte do valor dizião ser mais acertado o remedio com uma resolução violenta, do que estar usando de moderação suave, pois ás chagas gangrenadas não se devem ap-

plicar lenitivos, senão ásperos cautérios; e que quanto mais déstramente intentavão desviar o Infante de El-Rei, mais asperamente o precipitavão, e perdião o Reino. Estando o Infante já em Queluz vinha todas as noites visitar a Rainha que estava de cama, ou por causa de molestia, ou por querer fingi-la por não ver o Infante, e mostrando-se compadecida de que elle viesse de noite com tanto incommodo, e que se recolhesse fóra de horas, lhe pedio quizesse estar na Côrte em quanto durasse sua enfermidade, que poderia ser entretanto se acommodassem as cousas, e se pozessem a seu gosto. Foi facil o Infante em condescender aos rogos da Rainha, dizendo, não queria ser esquivo com quem devia ser obediente; de cujo sacrificio resultou o ficar em Lisboa desde aquella noite; mas dando a entender, que em melhorando a Rainha tornaria a seu retiro, e de lá passaria a Almada que está da outra parte do rio. Logo que a Rainha se levantou da cama, e fallou a El-Rei lhe disse — que não parecia bem que o Infante estivesse retirado da Côrte, pois sendo, depois de Sua Magestade, a maior pessoa della, era forçoso que fosse estranhada sua ausencia; quando ao contrario sua assistencia fazia mais lustrosa em Sua Magestade sua grandesa, que lhe causava desgosto, e sentimento vêr que no principio do seu matrimonio estivesse Sua Magestade mal com um irmão de tantas e tão relevantes circunstancias, e que o tirasse do seu lado quando com elle podia viver mais seguro, pois que era seu irmão, em o qual devia esperar o amor do sangue, a verdade de Principe, e o zelo do bem publico, propriedades que não acharia em algum outro, antes só ambição de seus proprios interesses. El-Rei era demasiadamente bom, posto que algumas vezes se queria mostrar máo: tinha um coração tão brando que a qualquer supplica

se movia. O Infante pelo contrario era todo máo, e se queria mostrar sempre bom, e quanto mais lhe rogavão, tanto mais se endurecia. Na mesma hora fez El-Rei aviso ao Infante para que não sahisse da Côrte, e que do contrario se haveria por mal servido.

IV

Queixa-se aleivosamente o Infante de ser conservado em Lisboa.

Obedeceo o Infante mostrando o fazia mais violentado, que por vontade, dizendo que elle buscava sempre o gosto, e benevolencia de El-Rei, mas que nunca o podia conseguir; pois que este cada dia lhe apurava de novo a paciencia, continuando nas suas sem razões, de sorte que parecia ou lhas aconselhavão, ou lhas persuadião; que como os validos tinhão desconfiado de conseguir sua graça, e amisade, o hião odiando com El-Rei para que sendo-lhe este contrario, não tivesse occasião de lhe arruinar o valimento; que as más informações tinhão sido tão poderosas no animo de El-Rei que Sua Magestade não desvanecêra na sua imaginação esta presumpção sinistra. Todas estas maquinas ainda que frivolas, e enganosas movia o Infante para com mais segurança acabar a obra da sua tyrannia, que supposto lhe custou annos, veio a concluir-se em uma hora. Nunca os validos excitárão o odio de El-Rei para com o Infante, antes dissimulando muito, procuravão que não

chegasse aos ouvidos de El-Rei cousa que o fizesse romper em algum excesso, porque temião com este perder o seu valimento; e entendião que no disfarce se poderia ir conservando. Porém fatal cegueira foi nunca desconfiarem, nem indagarem o que occultamente se hia tramando contra suas conveniencias, e que podendo-o atalhar, o facilitassem com a sua inacção. Mas é proprio da inconstancia da fortuna quando quer mudar-se, e dar as costas, corromper os bons conselhos, fazendo que se busque a felicidade pelos caminhos do perjuiso, e da perdição.

CAPITULO VIII.

I

Das contendas da Marqueza de Castello Melhor com o Mordomo Mór; e do ensaio das cannas se seguem desordens entre o Rei e o Infante.

Era a Marqueza de Castello Melhor, mãe do Conde Valido, Camareira Mór da Rainha, e D. João Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, Mordomo Mór. Houve entre elles differenças sobre preferencias, ou preeminencias de seus officios; e estas succedêrão estando juntos El-Rei, a Rainha, e o Infante, por cujo motivo disse El-Rei que queria compôr aquella contenda, governando sua casa. Disse o Infante que não só a casa,

mas o reino de tal sorte era governado, que se não ouvião senão lastimosas queixas dos pobres vassallos. El-Rei conheceo que a advertencia atirava ao valido, e lhe disse — que não quizesse aconselha-lo, e que o não tornasse a fazer quando o não pedisse. A Rainha que ouvia estas razões, se interpoz pela paz, para que não tivesse um que sentir, e o outro que padecer. O Infante que da cousa mais leve armava uma grande questão para justificar a sua innocencia, se valeo disto para principiar novas queixas contra El-Rei. — Que maior immunidade dizia elle, que a presença de uma Rainha, a quem El-Rei devia mais que tudo respeitar! Mas pelo contrario parecia que buscava as occasiões para molesta-lo, e faltar a ella o devido respeito; por quanto poucos dias depois que a Rainha chegou, ainda antes de se fazer entrada publica, estando todos tres em um coche a vêr o ensaio das cannas que se havião de jogar na praça do Palacio, de que erão quadrilheiros o Conde de Castello Melhor, e o Marquez de Marialva, succedeo que o Infante gabou o Marialva, e a seu irmão D. Rodrigo de Menezes, porque o fazião melhor que o Castello Melhor; o que El-Rei não gostando dissera — que se alli não estivera a Rainha lhe daria quatro estocadas, e que se determinára a faze-lo, se a Rainha o não suspendéra; e isto por ouvir louvar doús sujeitos a quem Portugal devia tanto, principalmente ao Marquez de Marialva, pela virtude do qual El-Rei tinha a Corôa na cabeça; e porque o tinha anteposto ao Conde de Castello Melhor, porque a havia de perder, se escandalisava tanto. Estas cousas dizia para malquistar El-Rei e seus validos para com a Rainha, pois desta dependia a felicidade dos progressos de suas abominações. Quando o Infante louvou o Marquez de Marialva, e seu irmão, não intentou tanto dizer a

verdade, como o desgostar El-Rei, pois conhecia que elles o não tinhão feito melhor, nem havia razão para tal louvor. O Marquez de Marialva estava pesado, pois passava de sessenta annos, e seu irmão D. Rodrigo além de ter pouco menos, não havia tido exercicio algum de cavallaria, e só de vilania; e assim não tinha jus áquelle louvor. El-Rei se picou, e disse ao Infante — que o Marquez como ancião não podia fazer grandes valentias, e gentilezas, e que D. Rodrigo só entendia de lettras, e que nellas tinha muita destreza; porém na cavallaria nenhuma para agora merecer tantos louvores; que pelo contrario o Conde de Castello Melhor era moço, de sorte que ainda não tinha trinta annos; que na figura, e na destresa era o melhor que alli andava, e que assim era sem fundamento, o que dissera dos dous, e verdade o que elle dizia. Ao que respondeo o Infante — que a Sua Magestade nunca tinha chegado a noticia da verdade, e que não podia julgar sobre o melhor ou peor. El-Rei se indignou, e com algumas palavras descompostas passára, como fica dito, a alguma violencia, se a Rainha não estivesse em meio, a quem era facil attender, por estar nos primeiros dias do seu consorcio. Todas estas desattenções e faltas de respeito, que praticava com El-Rei, nascião da bondade deste Principe. Vendo o Infante que El-Rei lhe deixava passar tudo pelo amor que lhe tinha, e que os validos estavão promptos, e determinados a apaziguar tudo o que fosse desordem, assim fazia levantar queixas, e quimeras, que sendo para o povo de consideração, erão para os que tinhão juizo maliciosas, e perfidas.

II

De como Castello Melhor despachou ao Capellão do Infante, pelo não querer castigar de inconfidente.

TINHA o Infante um Capellão chamado José da Fonseca, o qual era seu Esmoler, e seu valido, e quem lhe governava tudo; este era muito sagaz, entromettia-se nas mais das cousas com conselhos, que de ordinario erão diabolicos; porque andava sempre a semear a cizania, para cujo effeito grangeava amisades com os mercadores mais ricos da Cidade, e os mais frequentados do povo. Para alli hia todos os dias conversar nas materias que convinhão ao Infante, segurando que delle ninguem podia viver receoso de ser menos favorecido. A estas casas que erão as de negocio concorria gente de todas as jerarchias, porque era livre entrar nellas, e como se sabia que elle era intimo amigo do Infante, concorria muita gente a ouvi-lo, e a grangear a sua amisade e protecção, lisongeando-o com muitos obsequios. Tinha espertesa e habilidade para persuadir muita gente do que queria se lhe cresse; portanto era um aqueducto por onde se conduzião todas as novidades, e mentiras com que o povo era enganado. Pintava o governo tão desordenado que o fazia escandaloso aos ignorantes, deixava duvidosos aos sabios, e enchia de suspeitas de maldade, que suppunhão se maquinava com aquelle artificio. Encarecia a todos as virtudes do Infante, que muitos, ainda sabendo o contrario, só

com o ouvir ficavão indifferentes, e indeterminados sobre dar credito a si proprios pelo que sabião realmente, ou ao que ouvião em contrario. Chegou á noticia do Conde de Castello Melhor o quanto este Clerigo era prejudicial, (porque elle tambem tinha suas espias) e pareceo-lhe que convinha muito aparta-lo da Côrte, e por não fazer esta remessa escandalosa ao Infante, o mandou chamar e lhe disse — que Sua Magestade informado do bem que servia ao Infante, lhe fazia mercê de um Cannonicato na Cathedral de Orem, que a remuneração não era proporcionada a seus serviços, mas que por ora era a conveniente, e que ao diante se satisfarião todos. Foi isto um tiro mortal para o Infante, pelo qual deo a entender justificava sua paciencia, pois que persuadião a El-Rei que todas as suas acções fossem em seu odio, e que todas lhe servissem de desconsolação; que elle venerava Sua Magestade com o decoro devido, pois lhe não faltava nem com o amor de irmão, nem com os obsequios de fiel vassallo, e posto isto ainda persuadião a El-Rei que elle a tudo faltava; tratando com soberba o que nelle era obsequio, obediencia, e rendimento, e que o mesmo era saber que gostava de qualquer sujeito, para logo o apartar delle.

III

Das queixas do Infante por não ser servido em ter por Submilher de Cortina a D. Verissimo de Lancastre.

Seguio-se ao referido caso outro desgosto não menos sensivel, e foi que fallecendo D. Rodrigo de Saldanha Submilher de Cortina do Infante, solicitou este a D. Verissimo de Lancastre, para que exercesse esta occupação, (este foi depois Arcebispo de Braga, Inquisidor Geral, e criado Cardeal por Innocencio XI) e sabendo que El-Rei tinha feito a outros Submilheres, e se não lembrara deste cavalheiro, presumio seria mais obra de descuido, que de pouca vontade. Era este ecclesiastico pelo illustre de seu sangue, pela sua virtude, pelo seu natural agrado, pela authoridade de seus annos, e eminencia de suas letras, um dos melhores barretes que tinha Portugal. Fallou-lhe o Infante dizendo-lhe — que estimaria muito, e o receberia como obsequio, que elle quizesse assistir-lhe como Submilher de Cortina. D. Verissimo levado não menos da cortezia, que de sua modestia, que em uma e outra era extremado, aceitou o offerecimento do Infante. Mandou este dar parte a El-Rei, de que D. Verissimo de Lancastre tinha desejos de o servir n'aquella occupação, e que quizesse Sua Magestade dar licença para que entrasse em seu exercicio. El-Rei lhe respondeo — que não podia ser, porque já tinha provido aquelle logar. Mostrou-se o Infante fortemente sentido, afirmando que se

lhe fazia grande injuria, e que El-Rei com destreza o tinha provido em outro, só para que este que era digno o não occupasse; que isto se conhecia claramente, pois elegera os de menor merecimento, e se não lembrou deste de melhores circunstancias, e que em fim ficava certo de que a eleição não se omittira por má vontade de o nomear, mas só porque elle havia ser o servido. Isto era certo, porque a El-Rei não tinha parecido conveniente que D. Verissimo de Lancastre, sendo das maiores personagens, servisse ao Infante, e que elle ficasse inferior em criados a quem era seu vassallo.

CAPITULO IX.

I

Quer o Infante hir ao exercito; dos conselhos que dão a El-Rei, e das queixas do Infante.

Por estes e outros apparentes motivos determinou o Infante pôr em pratica a tenção que havia traçado de se retirar de El-Rei por evitar as occasiões de se intrigar com elle, pois que era cautella o separar-se, e segurar sua pessoa de todo o risco: e dizia que para esta ausencia se fazer com mais modestia, e sem discordia, e em beneficio seu, e do publico, pedia a Sua Magestade o governo das Armas da Provincia de Alemtejo. Ideado isto com seu secretario enviou a El-Rei a seguinte proposta. «— Que sendo elle Con-

» destable do Reino a quem pertencia a sua defensa,
» lhe desse Sua Magestade a licença para passar
» áquella Provincia para promover as armas, porque
» sendo elle ainda de pouca idade sua mãe o tinha
» nomeado Capitão General, e ao Marquez de Ma-
» rialva seu Tenente General; e na occasião presente
» achando-se pelos annos capaz d'aquelle exercicio,
» lhe permittisse sahir do occio para os gloriosos
» trabalhos da guerra, pois não parecia bem ao mun-
» do, nem ás Nações estrangeiras, que um Principe
» moço passasse na Côrte occioso, podendo estar em-
» pregado gloriosamente na campanha. » Grandes re-
ceios deo o Infante com esta supplica aos validos,
porque como era já patente o odio que lhe tinha,
qualquer novidade os confundia. Nunca lhes passou
pela imaginação, nem podião persuadir-se que o In-
fante intentava violar o sagrado da Magestade, senão
que tudo quanto maquinava era somente contra elles.
Aconselhárão elles a El-Rei, não ser conveniente que
o Infante se fizesse Senhor das armas, porque podia
sahir com alguma empresa que desse cuidado; que
Sua Magestade não ignorava os máos lados que tinha
o Infante, para que com fundamento fosse temivel
nas disposições que delle podia receber, e que por
emtanto Sua Magestade não resolvesse que sim, nem
que não, mas lhe enviasse a dizer que se faria con-
selho de Estado, e o que fosse conforme ao bem do
Reino, e serviço seu se faria; que ficava estimando
sua honrosa resolução. Foi passado muito tempo de-
pois disto, e tardando tanto a execução, que o In-
fante conheceo que o não se lhe dar resposta era ne-
gar-lhe a licença pedida, mostrou-se sentido, dizen-
do — que aquillo que em menino lhe havião dado,
agora que o podia exercitar se lhe negava; que de
tudo era causa a desconfiança em que os validos o

punhão com Sua Magestade; que o sentia muito por ser grande a mortificação que soffria por se não vêr no estrondo da guerra, e perder a occasião mais oportuna que podia ter de fazer glorioso nella o seu nome.

II

Pretende o valido politicamente separar a familia do Infante.

Com dilatadas antecedencias temião os validos os conselhos de D. Rodrigo de Menezes, e as resoluções do Conde de S. João, e do da Torre, os quaes erão Gentishomens do Infante. Determinárão pois ver se podião separar estes tres sugeitos, e aparta-los da communicação do Infante; para cujo effeito fizerão nomear a D. Rodrigo para Vice-Rei da India, que era o maior posto que se dava em Portugal, assim por honorifico, como por conveniente; e como julgavão a D. Rodrigo tão cubiçoso, como necessitado, lhes pareceo ser meio efficaz para os interesses de uns e outros; porem elle se escusou, dizendo — que estava cheio de achaques, e por isso incapaz para jornada tão dilatada por mar, aonde jámais tinha entrado, e sobre tudo o amor que tinha a Sua Alteza radicado desde o principio de sua vida o persuadia a que ainda que no Oriente tivesse grande fortuna a não reputava igual á de servir a Sua Alteza, pois que o amava tanto, que o não deixaria por todos os interesses do mundo. Ficárão assombrados os validos, e mais tímidos do que até alli tinhão estado, conside-

rando que occulta causa tinha D. Rodrigo de esperar aproveitar-se melhor, que no Vice-Reinado da India, a que elle nunca podia aspirar; julgando que não aceitar um Cavalheiro tão pobre como elle aquelle posto, das maiores utilidades que tinha Portugal, era sem duvida com fins muito altos, que lhe seguravão maiores conveniencias. Deo-se o Vice-Reinado a João Nunes da Cunha por se saber que tambem andava semeando as mesmas cizanias prejudiciaes a elles, e ao Rei; ao Conde da Torre mandárão fazer gente para o Exercito da Provincià da Estremadura; ao Conde de S. João fizerão Governador das Armas da Provincia de Tras dos Montes. Bem entendêrão elles e o Infante que o fim de tudo isto era separar-lhe os espiritos mais vivos em que se animava; estiverão para replicar, tomando por pretexto o tempo, que era o mais rigoroso do Inverno, principalmente vendo que não sahião outros, nos quaes havia igual capacidade, e obrigação para fazerem as mesmas expedições; porem não quizerão fazer pessoalmente, e somente aconselhárão ao Infante que enviasse dizer a El-Rei que estimava muito que só seus criados fossem do agrado de Sua Magestade para o expediente do seu real serviço, pois quando os via empregados em lhe obedecer, então se dava por mais bem servido; e continuou depois disto a portar-se com El-Rei muito obsequioso, e humilde, ao que El-Rei correspondia igualmente attento; porem como da parte do Infante era tudo fingido, sempre a intensão perseverou na maldade, e continuárão suas acções ainda mais a provar sua aleivosia.

III

Nega El-Rei licença ao Infante de levar comsigo para Salvaterra os Cavalheiros da Côrte.

CHEGOU o tempo em que El-Rei fazia a costumada ausencia para Salvaterra; então lhe pedio o Infante licença para levar comsigo os Cavalheiros principaes da Côrte. El-Rei lhe negou, respondendo-lhe com aspereza; e como se passou entre ambos em um só acto, não tinha occasião de attribuir a culpa aos validos o não ser attendido, porem disse que o achar desabrimento em El-Rei era causado por elles; pois El-Rei D. João seu pae havia concedido ao Principe D. Theodozio o que a elle se negava; isto dizia, e que por dar gosto aos Cavalheiros levava comsigo mais do que lhe erão necessarios, e que a elle por lhe não dar gosto lhe negava levar alguns que erão dignos de sua companhia; porem que havia muito tempo que conhecia que o maior merecimento para El-Rei era ter amisade com aquelles que o governavão, donde concluia que desmerecião aquelles que não logravão seu agrado, pois para estes havia semrazões, quando para aquelles havia finezas, graças e amor. Todos as cousas do Infante se encaminhavão com cautellas tão misteriosas, como era o fim a que se dirigião, e por isso difficultosissimas de se conhecerem, e se alguem queria comprehende-las, sempre duvidava. Querer o Infante igualar a El-Rei em comitiva e Magestade era pre-

sumpção de tão más consequencias que obrigava a suspeitas perniciosas; e o aresto que allegou d'El-Rei D. João seu pae ter permittido ao Principe D. Theodozio que levasse todos os Senhores que quizesse, tinha differença, porque este Principe era primogenito, e herdeiro da Corôa; o Infante era vassallo, no qual não havia o caracter de ser declarado Principe herdeiro, porque se achava El-Rei com tres ou quatro mezes de casado, com esperanças de successão. Mas que resultou da liberdade que El-Rei D. João deo ao Principe D. Theodozio? Succedeo que em pouco tempo veio a morrer de uma enfermidade que ninguem soube definir, e se os medicos a conhecêrão, como é de suppor, a encobrírão e se calárão; com tudo não deixou de se dizer que sua morte fôra ordenada, e protegida por El-Rei seu pae; porem como semelhantes acções nunca se fazem publicas pelo receio do castigo, que em taes casos é temivel, segue-se não se fallar nellas como se sente, nem se sabem com certesa. É prova disto o que succedeo a El-Rei D. Pedro o Cruel, quando seu irmão D. Henrique o matou, ficando com o governo; porque se a D. Henrique succedera o contrario, e seu irmão o matára, El-Rei D. Pedro viera a ser na historia Rei justo. A morte do Senhor D. Theodozio cada um a communicava em segredo, de sorte que como parvidade de materia o veio a saber uma pessoa em cada casa. Houve porem logar para aquella suspeita, porque o Principe D. Theodozio vendo-se tão magestosamente acompanhado, partio sem licença de seu pae para Alemtejo a metter-se no exercito; e como levava todos os cavalheiros ficou a Côrte um ermo, e quasi chegou El-Rei D. João a experimentar a conducta de um particular: dissimulou, e suspendeo o soccorro que conti-

nuamente mandava ao Exercito. Isto observado pelo Principe, e obrigado da necessidade, e da penuria lhe foi forçoso tornar para a Côrte. Chegou, e foi mal visto do pae; cahio enfermo, e morreo em breves dias. Succedem ás vezes cousas, e em taes occasiões que o vulgo não póde crer nellas a ordem natural que ha em tudo, mas sim a força dos respeitos humanos, sem se lembrar que tambem póde ser um golpe repentino mandado da providencia divina a qual tudo dispõe. Este o motivo de se suppor que o pae foi o autor da morte do filho.

IV

O Conde da Torre se recolhe sem acabar sua diligencia; é reprehendido por El-Rei; ha altercações a este respeito.

Por este tempo em que El-Rei estava em Salvaterra se achava o Conde da Torre em Santarem fazendo gente, e expedindo levas para o Exercito; e sem mais ordem nem licença de El-Rei passou a ver o Infante que com elle se achava. Foi beijar a mão a El-Rei, e sua Magestade lhe perguntou — como se retirára já da diligencia. E elle disse — que tinha hido a Santarem, e que se retirára para dar conta a Sua Magestade do que tinha obrado. El-Rei lhe disse: « — Sois, Conde, muito » pontual, pois sem acabar de fazer o que vos man- » dei, quereis dar conta do que ainda não haveis » feito; ora tornai a continuar na vossa commissão,

» e perseverai nella, até vos mandar o contrario; e
» não vos succeda outra vez adiantar-vos em contas,
» porque vos achareis alcançado nellas. » Como estava o tempo rigoroso, e o Tejo muito levantado, quiz o Conde valer-se de uma e outra razão para não hir logo, allegando-as a El-Rei com a inquietação do temporal, e a difficuldade de passar o rio. El-Rei não admittio mais argumentos, nem demoras, e o mandou logo passar o rio no seu Bergantim. Todos os Cavalheiros ficárão admirados do Conde da Torre apparecer a El-Rei sem mais ordem, que a de seu proprio arbitrio, deixando o serviço em que estava, como se fosse materia jocosa despresar as ordens, e lei do Soberano; porém como estas cousas se fazião para vêr como El-Rei as tomava, e se animarem a maiores, ou não entrarem em algumas, formou logo grandes queixas o Infante, dizendo que aquillo que devia receber-se por fineza, se castigava como culpa, remettendo-o outra vez como desterrado por baixo de uma tempestade com o perigo de passar o Tejo em tal tempo. Se o odio não tivera pervertido a razão, com esta não fòra despedido, pois o Conde na Còrte, na Campanha, e no campo era muito cortezão, muito cavalheiro, e muito grande soldado. Destas mesmas razões se aproveitárão os validos para assentarem que não convinha que o Conde da Torre assistisse onde elles estivessem; porque em quanto aos encomios heperbolicos com que o Infante o engrandecia era tudo apocrifo, pois que o Conde nem era Cortezão, nem muito Cavalheiro, nem muito grande soldado, porque só sua soberba affectava estas tres partes, arrimando-se ao poder do Conde de S. João de quem era camarada, e com isto fazia sua insolencia mais atroz. Estes dous erão os principaes fautores para o Infante se collocar no Throno; e com

tudo era seu procedimento tão insolente, que não podendo o Infante soffre-lo, sem attenção a seus grandes serviços, escandalisado da sua preversidade, e esquecido da obrigação em que lhe estava, se não pôde ter, que não saltasse nelle com um páo, e lhe desse tão forte maçada, que o Conde se deitou na cama, onde só o levantárão para a sepultura. Acabou o Conde da Torre sua commissão, e pedio licença a El-Rei para tornar para a Côrte. El-Rei lhe enviou dizer — que se detivesse até segunda ordem; e querendo que d'alli fosse desterrado para Castromarim, que é uma Praça, que está nos confins do Reino do Algarve, muito doentia, o Conde de Castello Melhor o desvaneceo dizendo a Sua Magestade — que não convinha na presente occasião usar de castigos, antes por premio do que havia trabalhado lhe desse o governo do mesmo Algarve, e lhe deixasse o desterro para tempo mais opportuno. Nomeado Governador, elle o não quiz aceitar, dando as desculpas que se lhe offerecêrão; porem nenhuma valera, se o Infante não ponderasse que nem a elle, nem a si convinha aquella separação. Procurou logo por meio de alguns dos seus dizer claramente ao Conde de Castello Melhor que elle Infante sentia a ausencia do Conde da Torre, para cuja providencia estimaria que elle da sua parte fizesse com que se desvanecesse aquelle governo a que o querião enviar. Castello Melhor entendendo fazia grande negocio em dar este gosto ao Infante, sem discorrer sobre as cautellas de que os inimigos se valem para precipitarem aquelles que pretendem arruinar, no mesmo instante o serviu, conseguindo de El-Rei a absolvição do Conde da Torre, e a ordem que viesse para a Côrte. Logo que veio foi beijar a mão a El-Rei, e este lhe disse — que tratasse

de conservar a união em que estava com o Infante. Ao que respondeo — que nem Sua Alteza nem elle, com todos seus camaradas intentavão outra cousa, senão conserva-la de sorte que não podesse ser dividida.

CAPITULO X.

I

Publico obsequio em que El-Rei acha o Infante com a Rainha, sua infame consequencia; abominaveis imposturas a El-Rei.

DEPOIS de ter estado alguns dias El-Rei em Salvaterra, chegou a Rainha a vêr El-Rei por motivo de fineza, e juntamente por se divertir. Porem poucas vezes sahio a passear; ordinariamente estava em casa posta em uma janella, que cahia para a praça do Palacio, vendo os cavalheiros que alli concorrião por sociedade. O Infante a começou a frequentar mais do que até então o havia feito, passeando-a continuadamente. Um dia depois do jantar, sahindo só de casa, e vindo

para debaixo da janella aonde estava a Rainha parou o cavallo, e mettendo o chapéo debaixo do braço da redea, esteve alli sem se mover a uma, nem a outra parte sem tirar os olhos da Rainha, nem ella delle; até que sentindo um grande tropel, vio que era El-Rei, e seu acompanhamento; então seguindo-o o acompanhou, como quem vinha vêr a Rainha. Voltando El-Rei, tornou á praça, onde houve um grande festejo, correndo-se algumas escaramuças, e El-Rei com o Infante algumas parelhas, desejando este obrar gentilezas por singularisar-se entre todos, e ser na realidade grande cavalleiro. Como isto tudo foi publico, se começou logo a suspeitar mal, sendo esta a primeira acção de escandalo; (propriedade natural da malicia inclinar logo á peor parte as acções que observa) e dizião que o Infante não olhava a Rainha com fraternal amor, senão com outro que a maldade gera de outra maneira. Isto foi principio para que se desse origem a um rumor mais misterioso do que sincero, o qual em poucos dias uns contavão a outros muito em segredo, e o tempo e successos vierão a publicar, de modo que já não era segredo. Logo que El-Rei chegou a Lisboa com grande manha introduzírão na plebe as insolencias com que elle procedia, e as inquietações que causava aos vassallos; pois julgavão que sem as premissas de tão exurbitantes imposturas não sahiria bem a consequencia que desejavão para apoio das virtudes do Infante; seguindo talvez a moral de dar esmolas do furtado. Lamentavão quanto a Rainha era mal empregada, pois que El-Rei se tinha portado com ella mais feroz em Salvaterra, do que na Côrte; (argumento de que no campo se encrudecia mais o animo) que na Rainha em lugar do prazer, se tinhão observado lagrimas, a cuja vista todos os corações

se tinhão penalisado; que com seu desgosto rara fôra a vez que sahira a divertir-se, e que devendo ter hido a recrear-se, não tivera alivio algum, senão pesares, e desgostos; que fôra tão publico o máo trato que El-Rei lhe tinha dado, que todos o sabião e ficárão compadecidos da Rainha. Isto se semeava na plebe, como mais facil, e prompta a crer o que se ouve; porque as gentes de senso ouvião isto como quimera nascida da maldade. Seguio-se a isto que os do partido do Infante forão induzindo os parentes e amigos a que o cortejassem com preferencia, ou ainda o deixassem de fazer a El-Rei. Isto se entrou a executar tão publico, que os validos assentavão que o povo estava contra elles; sem jámais presumirem que o alvo d'aquelles movimentos era El-Rei. Assim começárão a desmanchar a sociedade que depravava a plebe, tirando da Côrte ao Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, dispensado já do posto de General da Artilheria, e de todo o serviço militar, e a D. Luiz de Sousa Deão da Igreja do Porto, e Governador d'aquelle Bispado, pois se conhecia que estes ambos erão os mais prejudiciaes, que não só amotinavão a plebe, mas seduzião os cavalheiros.

II

Caracter dos degradados D. Luiz de Menezes, e D. Luiz de Sousa; e murmurações do Infante e seus sequazes contra El-Rei.

ERÃO estes dous, inquietos, e revoltosos, e de grande arte para persuadir, e de loquella para agradar, e attrahir, pelo que com facilidade introduzião o que desejavão, fazendo que os parvos os cressem, e os que o não erão duvidassem. Avantajava-se muito em maldade ao Conde da Ericeira um D. Luiz de Sousa, irmão do Conde de Miranda, Governador da Casa do Porto, e em razão da authoridade, e poder do mesmo, seu irmão fez mil insolencias, das quaes referirei uma só, que sendo escandalosa, e publica, suprirá o silêncio em que ficão as outras, protestando que o referir esta, e outras que é preciso tocar, é obrigado da razão de defensa, e para que mais se conheça a innocencia de El-Rei D. Affonso, e a qualidade dos sujeitos que cooperárão para a tirannia do Infante. Foi o caso, que sendo D. Luiz de Sousa Bispo do Porto teve communicação com uma Freira, tão estreita, e affectiva, que em fim esta chegou a parir, e creando-se a menina que nasceo em o mesmo convento, nelle proffessou, e foi Freira em companhia de sua mãe; isto que foi pasmoso pelas suas aggravantes circunstancias é effeito do poder, que neste mundo vence tudo, não havendo temor de Deos: e d'aqui se pode inferir quaes serião

os conselhos deste e de outros semelhantes que o Infante consultava. Mandárão-no retirar da Côrte com o pretexto de ser conveniente que estivesse no seu Bispado: a D. Luiz de Menezes de que fosse fazer gente para o exercito; e pedindo este o soldo do posto, que havia occupado, lho não concedêrão, e instando com o Secretario de Estado, que Sua Magestade havia conceder-lhe o soldo que tinha quando era General, pela razão de que os gastos em que tinha de entrar, precisamente havião de ser muitos, e elle se achava empenhado por haver servido a Sua Magestade, o Secretario lhe respondeo, — que Sua Magestade fazia justiça a todos, e mercês a quem lhe parecia. Julgavão os validos que com estas remoções atalhavão os incendios que a assistencia delles na Côrte podia levantar; mas não foi assim, porque se excitou o fogo com chamma tão viva, como se verá. Começárão a dizer á cara descoberta mui mal dos validos, adiantando com ardil que El-Rei era a causa de todos os desacertos que se fazião, quando as suas acções certamente erão para louvar; mas quando a malicia humana quer fazer seu exercicio sabe fazer da triaga veneno, e deste um antidoto apparente. Dizião que os validos tinhão sido instrumento para que a Rainha mãe morresse desterrada e em uma prizão; que depois de El-Rei tomar o governo, nunca mais esta fôra tratada por elles como devia ser, nem mais lhe derão parte de negocio algum; que o quarto da dita Senhora não parecia uma Côrte, que dizião que Sua Alteza tinha máo coração, e que não amava a El-Rei como devia, mas que isto era porque elle se não sujeitava aos arbitrios dos validos, e não dava de mão a seus criados, e se não separava de sua mãe, fazendo todas estas deligencias para isso, com determinação que quando o não po-

dessem conseguir, o acabarião com violencia: e que por conhecer a Rainha o odio que aquelles lhe tinhão havia rompido as prizões em que o amor de seus filhos a tinha, para fazer-lhes a vontade, e livrar-se assim dos desacatos que lhe fazião. Não lembrava a estes malvados a razão que El-Rei teve para apartar-se de sua Mãe, e calando iniquamente os motivos que podião justifica-lo, expunhão as queixas da Rainha, como se fossem verdadeiras; e por isto antes deverão louvar El-Rei em dissimular os aggravos da Rainha, não castigando o crime, pois é razão de estado na Magestade não conhecer mãe, irmãos, ou outra alguma obrigação, quando se trata da segurança de sua pessoa, e estado, e isto não só em caso provado, mas ainda em indicio de má presumpção. Porem El-Rei ostentou sempre mais as obrigações de filho, que seus sentimentos, e vinganças de offendido. Não sei que mais possa caber na modestia de Rei do que esquecer-se piedosamente do que sevéra, e licitamente podia castigar; e que maldade podia ser não communicar-lhe os negocios, quando esta tinha incorrido no crime de lesa Magestade!

*

III

Continua a defensa de El-Rei.

Agripina fez Emperador a Nero seu filho mais á força da tirannia, que da justiça, e querendo ella depois receber publicamente os Embaixadores posta no Throno, do qual o filho já tinha o direito, lhe não foi permittido por Seneca, e Druso que lho impedírão; e por ter querido tomar parte nos negocios do Imperio, e Nero lho não consentir, ella por conseguir o que se lhe negava o quiz atemorisar disendo-lhe que Britanico era vivo; o que daqui resultou foi que Nero mandou matar Agripina, e que Britanico acabou com veneno. Quiz a Rainha despojar do Reino El-Rei D. Affonso a quem elle pertencia, para o dar ao Infante D. Pedro, e queixa-se de lhe não darem parte dos negocios do governo, e o Infante appellida de criminosos os que o não seguírão na tirannia, obrando-a com todos os que guardárão lealdade e fé a El-Rei seu irmão! Comparavão as acções deste soberano com as de Nero na crueldade; e se El-Rei obrara com a Rainha, e Infante o que este obrou com Britanico, e Agripina sua mãe, não se diria que usava crueldade, e tirannia, senão justiça, e razão, porque mais se devião respeitar as leis da Magestade, do que as da natureza. Deo Agripina o Imperio a Nero seu filho, e que muito é que quizesse ter parte no governo

delle! Quiz a Rainha tirar o Reino e a liberdade a El-Rei seu filho: será muito para estranhar qualquer acção violenta? E pelo contrario, não seria muito para agradecer qualquer attenção carinhosa! É claro tambem que se o Infante fazia crueldade das bondades de El-Rei, era para mais facilmente conseguir o que praticou. A queixa de que o quarto da Rainha se não podia reputar Côrte, dando assim a entender que estava um ermo, devia sanar-se com advertir que, governando El-Rei, era justo, que tivesse a assistencia devida á sua pessoa, e que a da Rainha não podia ser tão grande como quando governava; porem que a devida á Magestade nunca lhe faltou: mas sendo proprio dos homens seguir o sol ao nascer e não ao pôr-se em seu occaso, daqui nascia que buscando as luzes, se separavão das sombras. Continuavão os progressos da inveja dizendo que os validos tinhão feito todo o possivel para apartar o Infante da Rainha sua mãe, pelo receio de que os laços de tão estreita amisade os podia pôr em grande perigo. É verdade que lhes deu grande cuidado verem a Rainha tão inclinada ao Infante, pois publicamente mostrava que lhe queria bem, e receosos desta inclinação intentárão interromper esta perigosa amisade, valendo-se de toda a arte e esforço para introdusir o Infante com El-Rei, só a fim de o distrahir do amór da mãe. Não fôra difficultoso se o não impedissem outros impulsos que o fazião retroceder de tudo aquillo que elles imaginavão conseguir. A Rainha com a grande authoridade que sempre conservou se fazia respeitar de maneira que desvanecia todas as intenções que lhe podião ser adversas, por mais seguramente que as derigissem, sendo que nũnca os validos pensárão a respeito da Rainha D. Luiza de Gusmão a menor violencia, tendo aliás na sua mão fazer o que me-

lhor lhe estivesse, pois tinha poder e faculdade de reger tudo como quizesse; porém elles neste caso quiserão usar mais de dissimulação, e politica, do que de violencia, sendo esta só a que os podia segurar: porem seguírão maximas tão contrarias ao que lhes convinha em materia de segurar o valimento, que em lugar de se firmarem, se arruinárão; mas como as dependencias do mundo tem tão diversos caminhos, e não pode o juiso dos homens atinar por si só com aquillo em que pode achar segurança, bem poderião descarregar todo o golpe por cruel que fosse na Rainha, porque supposto parecesse indecoroso, era justo, e seguro. Muito menos causa havia na Rainha D. Marianna de Austria de gloriosa memoria para que, sem embargo de ter sido mulher d'El-Rei Filippe 4.º mãe de Carlos 2.º governadora da Monarchia de Hespanha, com igual trabalho, zelo, e acerto na administração e defensa della, não embaraçando em nada o Principe D. João de Austria intruso no governo, a mandassem retirar a Toledo, onde esteve até que S. Alteza morreu. Razões sem duvida maiores concorrião em El-Rei D. Affonso e seus validos para que com a Rainha D. Luiza de Gusmão praticassem algum termo violento. Havendo a differença de que a Rainha D. Marianna de Austria só pela attenção de um que entrava a ser valido a mandárão retirar da Côrte; e a Rainha D. Luiza de Gusmão por querer tirar o Reino a seu filho primogenito a deixárão ficar na Côrte. Grande injustiça fizerão á Rainha de Hespanha; porem maior foi a que usárão na sem razão da piedade que se tratou com a Rainha de Portugal, em se faltar ao mundo com a satisfação, e exemplo que em sua pessoa se havia dar.

IV

Reflexões sobre o retiro da Rainha Mãe. O que ella havia passado com D. Antonia Mauricia, e varias memorias da dita Senhora.

Retirou-se a Rainha de palacio, porem não por odio dos inimigos, como affirmavão os malvados, senão porque era tão altiva, que parecia estranhava ter menos assistencias do que quando governava, querendo gosar das mesmas preeminencias que antes tinha no governo, não attendendo a que estava já fora delle, nem conhecendo estava convencida de lesa Magestade, o que se lhe dissimulava como a Mãe, torcendo a lei da Soberania, e fazendo-a sugeitar á obrigação de Filho. Não tinhão os validos inimisade com a Rainha, grandes receios sim, que era a causa porque se desvelavão tanto em separa-la do Infante, e senão era tão frequentada da Côrte, era por não escandalisarem o Rei, cousa sempre praticada nos palacios vestir-se á moda do governo, e havendo mudança neste, por força o havia de haver nos Aulicos; sendo natural que fugindo nós de quem nos ha deixado, sigamos com vontade a quem nos vem de novo, pois como anciosos de fortuna nos chegamos ao que se acha patrocinado della; e ainda que esta falta podera tolerar a Rainha, na consideração de que já não era governadora, e na de que os homens, como fica dito, só olhão aos interesses a que aspirão, sem

mais se lembrarem dos favores recebidos, nem da mão Soberana que lhos concedeo, com tudo não coube na altivez desta Senhora o passar por este encommodo, imaginando que seria deslustre da soberania qualquer atomo de respeito que visse eclipsado. Sempre ao Infante mostrou grande amor; e a El-Rei o que se tem referido. Dizendo-lhe em uma occasião D. Antonia Mauricia da Silva, sua Dama e valida, que lhe parecia que S. Magestade tinha maior amor ao Infante que a El-Rei; esta lhe respondeo, que se isso valesse ficaria em Portugal um Rei que fôra mui semelhante á casa de Medina Sidonia, pois que o Infante em tudo se parecia comsigo. Tornando nós ao retiro da Rainha, dizião que fôra pelas causas referidas, não bastando a dissuadi-la, nem os rogos do Infante, nem as persuasões de outras pessoas. Como seja proprio da inveja inflamada na sua maldade não dar tregoas ao seu furor, nem deixar de assoprar o fogo da discordia, laboravão no seu custumado murmurio criminando os validos, de que estando o Infante debaixo da tutela de sua mãe, por tira-lo della lhe tinha dito Henrique Henriques de Miranda, que já tinha idade para sahir della, e governar sua casa: dizendo-lhe tambem que a Rainha queria faze-lo Rei, ao que S. Alteza respondeo, que ainda que a Rainha tivesse tal intento, elle não consentiria, querendo com isto calumnia-lo, e que para maior prova da trama lhe havião trazido o exemplo de Roberto filho segundo de Constança Rainha de França, que pela falta de capacidade de Henrique 1.º o primogenito a quem pertencia, o quizerão substituir na Corôa que elle não tinha querido aceitar. Fallava-se d'El-Rei com liberdade d'aquillo que se não devia estranhar. Pintavão tudo trocando com falsidade as ideas, para retratarem falsamente as obras; pois cuidavão em offender

com a mentira, observando o rosto que a plebe mostrava ás patranhas para se disporem a obrar conforme os effeitos que ellas produsissem, e negando sempre a verdade com tanta calumnia, que só se fundava em uma falsa eloquencia. O que posso affirmar é que todas suas vozes erão mentirosas; porque dizer ao Infante que a Rainha queria faze-lo Rei, era dar-lhe animo para que o quizesse ser, ainda quando não tivesse tal intento: pelo que levaria mais de traição, que de boa intenção, porque era tudo dirigido a mostrar que era licito ao Infante tirar o Reino a seu Irmão, querendo anticipar o lenitivo para suavisar o delicto, e atrocidade da culpa. Dizião tambem que os validos erão tirannos, e que tinhão perdido a Monarchia; que devia livrar-se o Reino da ruina que o ameaçava, e sem a nota, e defeito de fidelidade privar ao valido do governo; quando constava a todos que as direcções do Conde de Castello Melhor tinhão sido felicissimas, pois na maior tempestade de Portugal, o conservou com credito, e acerto na sua defensa, livramento, e conservação.

V

Reflexões sobre as queixas do Infante.

Não procuravão os validos, nem punhão seu cuidado senão em que se fizesse esquecido tudo o passado, e que nem ao Infante, nem aos que cooperavão com El-Rei viesse isto mais á imaginação, e dizer-lhe tinhão trazido por exemplo a Roberto em

não querer aceitar a Corôa que lhe offerecêrão, se foi assim (o que tal não houve) mal seguio o Infante semelhante exemplo que era de grande virtude: porem elle já estava cevado na tirannia, e crueldade, e como podia praticar actos de vontade? Se sua Mãe o quiz fazer Rei, não deixou de o ser porque não quiz, senão porque não pôde, e logo que vio que o podia fazer o fez, tirando a seu Irmão D. Affonso o Reino, o credito, e a propria mulher. Se lhe tirara só o Reino, não fôra o primeiro; porque muitos o tem feito, pois entre irmãos não ha mais differença, que a de mais ou menos idade, ainda que o mais velho é preferido; mas foi o primeiro que em todo o mundo tirou o Reino, honra, mulher e vida a seu Irmão, o que se não acha em todos os successos tirannos, nem se conta outro semelhante: mas tambem digo que se não fossem os máos lados que tinha o Infante, nunca tivera emprehendido este attentado, (sem embargo que isto de reinar arastra muito). Bem sabe Deos que não é minha tenção dizer mal do Infante. Ainda que nelle se experimentárão todos estes excessos, deve-se presumir que forão aconselhados por malignidade dos que lhe assistião, pois era moço e por isso facil o guia-lo ao que quizessem, por effeito da educação do mestre que o ensinou, posto que não deixava por natureza de ter acções louvaveis. O deffender eu a El-Rei D. Affonso, é porque sei tudo o que houve na materia, e o vi, e de tudo o que houve foi causa a sua bondade, e grande confiança que tinhão seus validos na lealdade de todos os vassallos. Da parte do Infante foi tudo urdido por seus criados, levados uns do odio que tinhão ao Conde de Castello Melhor, outros dos interesses, que esperavão alcançar. Ao principio incitárão ao Infante para que obrando o que estava da sua parte, desse calor a

tudo o que elles fomentassem, e destes não foi a idea mal encaminhada, nem o seu engano desagradou ao Infante, pois o seguio, até se collocar no Throno, donde fez os seus criados Senhores do Reino, e de sua propria vontade em quanto viveo El-Rei D. Affonso; porque depois da morte deste ficou elle senhor delles, e de tudo; porque soube excellentemente aproveitar-se das lições que elles lhe havião dado.

VI

Reflexões sobre o animo varonil da Rainha Mãe.

E' verdade que ter-se apartado o Infante da tutela de sua Mãe tão cedo se deve á diligencia de Henrique Henriques de Miranda e do Conde de Castello Melhor; porque temião muito que continuando a excessiva communicação entre ella e o Infante, buscasse meios de proseguir o que havia intentado fazer; porque era tão varonil, e intrepida nas suas resoluções, que nenhuma deixou de concluir ou á força do temor, ou do respeito. Não deixarei de referir algumas tão superiores ao sexo femenil, como difficeis ainda aos homens de maior valor. Havia alguns cabos Portuguezes que desvalidos da fortuna desejavão movimentos; por ver-se nelles melhoravão, perseguírão ao Duque de Bragança seu marido pelo espaço de tres annos para que se levantasse Rei de Portugal, mas nunca se resolvia a esta acção, até que sabido isto da Duqueza lhe disse « — Isto já não » tem remedio, V. Ex.ª ha-de morrer, se ha-de ser

» sendo Duque, seja sendo Rei »: Foi tão efficaz esta razão, e de tanto peso no Duque que o determinou a acclamar-se Rei de Portugal. Chegando este á sua morte a deixou declarada governadora do Reino pela minoridade de D. Affonso, e a primeira cousa que fez foi mandar levantar um grande exercito, não para defender o Reino, mas para conquistar Hespanha, intentando isto tanto deveras que mandou sitiar Badajoz: e advertida por alguns Generaes, que era difficultosa a empresa, e que seria mais prudente o sitio de outra praça, e talvez de mais importancia que a de Badajoz, não quiz, e disse — que não devia ser outra senão a principal, para dalli passar a Madrid. Sitiou com effeito Badajoz o Capitão General João Mendes de Vasconcellos, e reconhecendo que era impossivel o ganha-la, depois de ter morrido muita gente de uma especie de epedemia que grassava no Exercito, e de não ter tomado um palmo de terra em tres mezes de sitio, e só perdido muitos bons soldados, pedio a S. Magestade licença para se retirar pelas causas que allegava, e isto antes que se perdesse todo o Exercito sem algum proveito. Respondeo-lhe estas unicas palavras escriptas de seu proprio punho « — João Mendes de Vasconcellos ou a Badajoz, » ou ao Céo » e não continha mais a carta. Grande valor! Porem tão falto de experiencia, como de concelho, e esta bizarria foi a causa de que se destruisse todo o Exercito, e Portugal ficasse tão atenuado de gente, que lhe foi necessario valer-se de gente estrangeira para se deffender, o que até alli lhe não tinha sido preciso. Quando casou a Infanta D. Catharina sua filha com Carlos 2.º Rei de Inglaterra lhe deo um dote louco, pois não ha exemplo de outro igual, e dizendo-lhe Rui de Moura seu Estribeiro mor, Cavalheiro de grande authoridade, e

respeito de quem ella fazia muita estimação: « — Senhora, o casamento da Senhora Infanta não pode ser melhor, porem o dote não tem segundo nem ha Reino que o possa dar. » Respondeo: « — quando o não haja em Portugal, saberei hir mesmo em pessoa busca-lo aos Galeões de Hespanha, quando vem carregados de prata. » Outras cousas podera eu dizer, que deixo, pois basta o que fica referido; só digo que em nenhuma de suas acções se deixou de notar alguma cousa admiravel; e para que se conheça finalmente o valor e grandeza da Senhora D. Luiza de Gusmão, basta dizer, que sendo Rainha de Portugal, merecia se-lo de todo o mundo, como mostrava. Mas tornando ao nosso proposito, como seja propriedade da penna o voar, não será de estranhar-se, que alguma vez se tenha remontado seu pensamento, e distrahisse o animo arrebatado do fio da historia.

CAPITULO XI.

I

De como os validos aspiravão á união de El-Rei com o Infante, e de como D. Rodrigo repetidas vezes o dissuadio.

NAQUELLE tempo em que os validos andavão galanteando o Infante dizendo-lhe — que era a Sua Alteza mais decoroso viver com seu irmão em Palacio, atalhando seus gastos, que, estando separado, fazia por força; elles lhe davão pontual conta dos negocios do Reino, e não deixava o Infante de se mostrar um pouco inclinado aos obsequios com que os validos o lisongeavão; causas porque elles julgárão que havião grangeado o seu agrado e amisade; mas em vão, porque quanto mais

trabalhavão em sua firmeza, ao mesmo passo D. Rodrigo de Menezes não cessava de o desviar, receando lhe viesse a faltar a privança; e certamente se o Infante se deixara manejar por elles o abandonara, pelo que D. Rodrigo de Menezes arengava com todas as cautellas, e enganos possiveis, para que aquelles obsequios não sortissem o effeito pretendido por seus authores: e assim pôde mais a arte, e a astucia, com que este soube desvanecer tudo, que as demonstrações de obsequio e respeito com que os validos buscárão obriga-lo. Não sinto que estes descobrissem a melhor politica em quererem que o Infante vivesse com El-Rei no mesmo Palacio, porque para elles não era de pouco risco, e para El-Rei da melhor segurança; tendo precedido causas, que mais produzião receio, do que animavão a confiança; conhecendo ser o natural de El-Rei tão docil, como facil de crear inclinação, e boa vontade a qualquer que o tratava; e que com o irmão podesse mais este vinculo, ajudado da communicação, do que a amisade que tinha aos dous validos. Porem consideravão que se o Infante vivia nas esperanças de ser Rei, nada podia suffoca-lo senão a politica de o metter das portas para dentro, e confiar delle toda a boa fé. O que eu entendo é que toda a boa politica está em usar de forças, e não de estratagemas especialmente para a conservação; pois nem o que tira o Reino o póde fazer sem ellas, nem o que o tem pode sem ellas conserva-lo. Esta é a verdadeira philosophia, e sciencia de um Rei. «Armas, e mais armas»: pois em todo o caso dentro e fora de casa devem pôr nellas a sua razão, uma vez que Deos lhas permittio para decizão de seus pleitos, e que ellas são os Tribunaes em que se julgão todas suas causas. Duas cousas destinou a natureza aos homens, ambas saudaveis,

e vem a ser, que quando uns mandão, outros obedecem, e nada no mundo sem esta ordem pode durar; o que se prova da perturbação que houvera se os membros se rebelassem a não obedecer á cabeça. Todas as diligencias conducentes á sua ruina e á de El-Rei fizerão os validos com tanto extremo, que se ignorava n'aquelle tempo quem era o que governava, se El-Rei, se o Infante, o qual punha toda a arte para que isso se fizesse publico. Elles o fazião christãmente, entendendo que assim devia ser; ao mesmo tempo que era maxima, porem depois vírão que era erro, pois se foi o Infante saboriando, e achando doce o governo; e quando estivesse livre de todo o pensamento sinistro contra El-Rei, pode ser que o delicioso de mandar lhe fizesse apetecer aquillo de que talvez se não tinha lembrado. Sempre é conveniente que isto de mandar seja exercitado por um só, nem deve dar-se a gostar a outro, e muito menos a quem á sombra de algum pretexto possa aspirar ao governo, maiormente quando se tinha sentido neste particular muito que lastimar-se, pois das melhores capacidades sahem máos partos, quando nelles habitão centelhas de ambição; porque os maiores delictos não procedem da natureza, mas de genios generosos, corrompidos pela má educação, e ainda que pareça que Deos forma de melhor materia os que destina para o throno, com tudo necessitão da unção do espirito das virtudes, porque faltando esta se corrompem os finos quilates de que a natureza os ordenou.

II

Falsidade com que espalhavão o rumor das virtudes do Infante; exercicios em que gastava o tempo; e do que passou com Francisco Galvão.

Como a fortuna de ordinario justifica os acontecimentos, não houve cousa em que o Infante se interessasse, que não conseguisse o fim a que se dirigia, e por isso todos exaltavão como virtudes, o que na verdade erão obras abominaveis, e taes que mostravão que o Infante faltava á fé, a Deos, á lealdade, ao seu Principe, e á natureza de irmão, trabalhando incessantemente em adquirir forças que fossem necessarias para seus delictos; e por ultimo chegou a tanto a sua loucura, que estimou em mais lograr as felicidades do mundo, que em aspirar ás da eternidade para que fôra criado. Como para isto era necessario acreditar-se para com a plebe, dizião os seus — que Sua Alteza não cuidava de outra cousa senão do exercicio da virtude, frequentando os sacramentos, — que a maior parte do tempo dava ao estudo da fortificação, e da historia, especialmente das Chronicas, e livros politicos, — em uma palavra em se formar um Principe perfeito, não seguindo outro Norte que o da boa razão, e já capaz de illustrar o mundo; pois que emendava os defeitos da idade juvenil com os acertos de sua capacidade. Não houve concelho que estes homens não pozessem em practica

só por vêr qual aproveitava mais o seu tempo; e o que achárão mais seguro foi o da hipocrisia; capa que para tudo serve, mui antiga, e especial abrigo de tirannos. Com effeito foi nascendo e dimanando uma dissimulação perversa de enganos com que se mostrava o Infante justificado, e virtuoso; buscando pretextos para mostrarem qué obrava bem, pois se por confessar-se, e commungar parecia bom christão, os effeitos que tirou mostrárão que era muito máo, e pessimo pelo que fez; sendo que isto não durou senão em quanto se descobrio o enredo da maldade. Sabia-se muito bem que o Infante se não tinha dado a lições de historias antigas, nem modernas e muito menos a estudo de fortificação, porque todo o seu estudo era experimentar forças, e atirar á barra, e isto todos os dias, chamando a si todos os mulatos de El-Rei, que tinhão opinião de valentes, e com elles e outros mais se entretinha; alem disto com mais de vinte cães de fila muito ferozes; e mandava os mulatos commetter os cães com espadas, e igualmente lançar os cães aos mulatos. Chegou a tal excesso neste exercicio que já não attendia a cavalheiro algum, causa de poucos o procurarem em tal tempo; e louvando um dia a um dos mulatos de muito valor, disse a Francisco Galvão, seu criado e capitão de cavallos. « — Tomaras tu ser tão valente como este mulato. » Ao que respondeo: « — Todos quantos mulatos Vossa Alteza tem com toda a sua valentia matarei eu a páo, pois que bastão ser mulatos, para que qualquer homem de bem só com olhar para elles os faça fugir. Logo Sua Alteza sem ceremonia lhe tornou « — que não sabia o que dizia, porque os seus mulatos erão os homens mais valentes que tinha Portugal. » Francisco Galvão respondeo « — que aquella valentia sempre era de mulatos; que lhe fizesse Sua

Alteza mercê de lhos mandar fechar a todos no Picadeiro para vêr como elle os matava a todos a páo, sendo Sua Alteza testemunha da verdade que dizia.» O Infante desgostoso disse a Francisco Galvão «— que se fosse de sua presença, e lhe não tornasse a apparecer.» Pelo que se retirou a Campo Maior, aonde tinha sua companhia, até que o Infante entrou a deixar-se de tudo isto pelas direcções que lhe dava D. Rodrigo, e era que pozesse todo o cuidado Sua Alteza em tirar o Reino a seu irmão, que isto se não fazia sem geito, que pendia de muita ponderação; pelo que deixasse seus divertimentos e que cuidasse só nisto que lhe convinha, pois que para tirar a corôa da cabeça de seu irmão, e a pôr na sua, era necessario desmentir o natural, e revestir-se do engano, e que os meios de uma e outra parte pendião de reflexão. Mandou logo chamar a Francisco Galvão, e o conservou comsigo, porque era homem de muita reputação, e de grande valor.

III

Outros fundamentos da hipocrisia do Infante.

NÃO se livrou Trajano, a quem todos os authores quizerão chamar não só o ditoso dos Imperadores, mas tambem dos justos, nem lhe valêrão suas virtudes moraes, para que Deon e Esparciano deixassem de dizer que elle se entregava a grandes devassidões de vinho, de que lhe procedia a incontinencia venerea com ambos os sexos. E querião estes homens que um Principe moço, sem mais luzes

que as da natureza, nem mais educação ou doutrina fosse illuminado, e contemplassemos puro como uma estrella. É na verdade cousa abominavel, e digna de lamentar-se que se louve aquillo que se devia calar por escandaloso. Não ha acção mais execravel que a tirannia, e nenhuma houve mais que a deste Principe com seu irmão El-Rei D. Affonso. O louvor e virtude maior dos Principes consiste em que moderando seus affectos sigão em tudo o dictame da razão, e da justiça, e só assim poderão merecer louvores; porem nesta só se vírão acções de tiranno, pois se precipitou na maior crueldade, e incesto, que se tem admirado; ficando por isto despojado de sua gloria, aborrecivel por sua maldade, e escandaloso pela mais abominavel malicia. Dizião que se negava aos divertimentos da idade; assim era, porque, sem ter a que bastava, se achava occupado nos perversos estudos da tirannia; affectando de rectas intenções, queria provar que a maior maldade era a sua razão, sendo indubitavel que todos os que seguem isto, se apartão da virtude por não seguir em todo ou em parte os dictames mais justos, — se fallárão como bons christãos dirião a verdade: porem como todos os que ajudão o tiranno, e o engrandecem são vis escravos da adulação, convertendo as infamias e delictos em louvores, segue-se d'aqui que os Chronistas dos tirannos não escrevem para os que estão vivos, senão para os que lhes hão de succeder. Uns ficarão confusos porque o não vírão, e outros que sabem que tudo é mentira porque o vírão, e ainda que se julgará conforme a paixão que cada um tiver, ficará em opiniões por esta parte o que se louva ou vitupera, porém terá tanta força a verdade, e a razão, que o mesmo tempo virá a condemnar aquillo que no passado se tem aprovado.

IV

Continuão as demonstrações da tirannia de Sua Alteza.

Para que se exercitem as virtudes devem reinar a moderação e continencia; porque então domina a castidade, faz-se estimavel o valor, veneravel o saber; porem ostentar o Infante que as praticava, e executar acções indignas, ou já guiado do máo natural, ou assoprado dos máos lados, é certo que o não podia acreditar de justo, quando a suas obras erão conhecida tirannia; pois que o maior timbre do Principe é contentar-se com o proprio merecimento, e qualificar as suas acções pela aprovação do publico. Se o Infante teve alguma devia ser bastarda, ou fingida para cobrir a manha da tirannia. Que importa dizer que no Infante havia grandes virtudes se elle procedeo tanto contra a virtude que mostrou ser seu declarado inimigo! E faltando-lhe aquella como base em que se fundou toda a acção boa, poderá deixar de ter infamissimos manejos, gastando o tempo com pessimos costumes? E querer eternisar a memoria de tão lastimosa tragedia por acção heroica é passar os limites da decencia! Porque se houvera no Infante as prerogativas que elles dizião, e em El-Rei todos os defeitos de que o acusavão, ainda que não criminosa a tirannia d'aquelle, se estranhara com razão; porque ainda que houvera muitos defeitos em El-Rei, como

bom irmão, e leal vassallo os devia escusar, e encobrir. Se outro qualquer Principe conquistasse Portugal, e ficasse senhor delle, a maior crueldade que usara com El-Rei fôra tirar-lhe a soberania, porem sempre o deixara certamente viver, e para isso lhe daria terra, liberdade, e rendas, e quando não fosse com magestade de Rei, seria com decencia de Principe. Donde se conclue que um Principe estranho não fizera o que obrou o Infante com seu irmão, Rei, e Senhor, tirando-lhe a mulher, mettendo-o em uma prizão na qual acabou miseravelmente a vida, perdendo-lhe a honra e o credito com manifestas injurias que fez publicar por todo o mundo, com o frivolo pretexto de que tudo o que fizera fôra obrigado da propria consciencia. (Santo varão! desde quando se tornou o Diabo tão escrupuloso!) Porém é cousa tão certa, como sabida, que aonde ha menos causa para a tirannia, se formão mais enormes os delictos para sua desculpa, e bem se pode dizer que foi crudelissimo Principe, quando seu irmão tinha acções dignas de um Rei, nascidas de um coração sincero e generoso, que mais parecia ser pae da patria para perdoar, e fazer mercês, do que soberano justiceiro para castigar. Por tanto o nome e fama que o Infante deve ter em todo o mundo será de tiranno, ingrato, e cruel; nem acho simile mais analogo no seu modo de obrar, nem paridade que mais lhe quadre do que aquelle successo de Inglaterra em que os Inglezes cortárão a cabeça a Carlos 1.° seu Rei. Estes obrárão como hereges, e como gente má que hoje são, porem o Infante não obrou como irmão, como Principe, nem como Christão; pelo que não deve ser louvado, pois não merece louvores, quem obrou tão iniqua, tão impia, e tão injustamente; nem poderá tirar

a nodoa da insolencia ás suas acções, quem quizer cohonesta-las com fingida virtude, porque conhecendo-se pelas vesperas a solemnidade do dia, pela façanha deste Principe se conhecerão quaes erão as virtudes que exercitava. Não era assim El-Rei D. Affonso cuja memoria o conservará justificado pela sua bondade, e innocencia. Emprendeo o Infante a perda da sua alma, e então o tractárão de justo, chamando mudança de vida, e exercicio de virtude ao caminho de perdição que seguio tanto á rédea solta: quando El-Rei pelo contrario nunca se apartou da verdadeira virtude. Porem havendo entre os dous esta differença, era justo que houvesse desuniões diabolicas; e o quererem persuadir á plebe que o Infante estava tão desgostoso de El-Rei que lhe virava as costas, era patranha que o vulgo podia admittir, porque lhe faltava experiencia e discurso para conhecer tal materia: não assim a gente sensata, porque esta nunca se capacitou de tal, pois sabião que em se chegando ao ponto de faltar ao respeito que se deve aos Reis, já não ha contemplação com irmãos, nem amigos; pois que a soberania da Magestade não admitte privilegios de pessoa alguma; antes com aleivosia lisongeava o Infante a El-Rei, dando-lhe a entender carinhosamente que fazia gosto de tudo aquillo em que Sua Magestade o tinha; porem como era falsidade por onde se dirigia para melhor o enganar, logo que sahia de sua presença mostrava-se sentido das semrazões que allegava de seu irmão, e dos validos, buscando pretextos cavilosos que sendo falsos parecião verdadeiros; e assim foi dispondo tudo de sorte que nem os validos podérão remedia-lo, nem El-Rei escapar de ser tiranisado.

CAPITULO XII.

I

Secretamente se murmura na Côrte da Rainha e Infante; e primeira aleivosia do Infante feita immediatamente a El-Rei.

Não deixou de haver neste tempo na Côrte alguma murmuração secreta, e presumpção má do Infante com a Rainha. Como os olhos são linces, principalmente quando as vistas procedem da desconfiança, se regeitavão alguns movimentos, que ainda feitos com todo o disfarce, se tinhão por máos signaes. Esta noticia talvez chegasse ao Infante, porque cuidou em desmentir a má opinião que podia crescer; e entrárão os seus a dar a novidade, que o Infante queria ca-

sar, e que a Rainha approvava sua resolução; tanto que chegou a fallar a El-Rei, dizendo-lhe que ainda que Deos desse muitos filhos a Sua Magestade, convinha sempre dilatar a familia Real, por cuja razão, e por ser pae e irmão do Infante devia estimar o vê-lo casado; que se até então elle não tinha tido tal determinação, elle esperava de sua prudencia, e zelo do bem publico, que aquella proposição lhe fosse agradavel, e bem aceita. Ao que respondeo El-Rei — que não tinha outro cuidado maior que o de vêr casado ao Infante, porem que não queria entrar n'isso para lhe não succeder outro caso como o passado, que o que estava da sua parte era dar permissão, e toda a authoridade possivel para que obrasse tudo o que melhor conviesse ao Infante e ao bem publico: isto supposto, discorresse pelas Princezas a que elle mais se inclinava, determinando todos os meios, e pessoas necessarias que conviesse enviar áquella diligencia para que o negocio tivesse o effeito desejado. Dando-se parte ao Infante do que El-Rei tinha resolvido, lhe mandou dizer que a materia era de si tão relevante, que elle precisava de tempo para considerar o que mais lhe convinha. Passados alguns dias mandou um papel a El-Rei, pedindo-lhe a sua approvação e consentimento, no qual elle se subordinava á determinação de Sua Magestade, e da Rainha sua Senhora, e que lhe mandasse abraçar tudo por obediencia, porque em tudo a desejava mostrar; e que pelas razões de parentesco, e veneração que Sua Magestade e elle tinhão com os Soberanos de Inglaterra; se dirigisse áquella Côrte pessoa que tractasse o presente negocio com o seu beneplacito, e quando o não alcançasse, se encaminhasse á Italia ou á França aonde se acharia casamento conveniente, e com a louvavel vigilancia com

que Sua Magestade provia os negocios publicos, se servisse tambem olhar pelos delle, mandando examinar que rendas erão as da noiva; e que conveniencia lhe fazia em attenção a que se lhe augmentavão os gastos, e assim necessitava de maiores rendimentos; o que posto esperava que Sua Magestade sem perjuiso do publico usasse com elle d'aquella liberalidade que sempre experimentava em seu real coração, para que fizesse seu noivado com luzimento, grandeza, e decoro que lhe competia; e para o progresso deste mesmo negocio propunha a João de Rochas de Azevedo seu Secretario, por ter experiencia e noticia dos negocios das Côrtes Estrangeiras, que já havia mostrado a Sua Magestade; pelo que e por ser seu criado estimaria o preferisse a todos. Conformou-se El-Rei com a proposta do Infante, convindo em que se lhe apromptasse tudo o necessario. A Rainha se mostrava com o maior empenho, dando a entender que ella era o primeiro movel deste casamento; e que tendo-se experimentado no Infante não gostar de casar-se, ella pela sua industria o havia resolvido, ao que parecia impossivel. Nomeou-se dia para se publicar este negocio, e se effectuar tudo, porem o tal dia não chegou, porque se forão altercando duvidas excogitadas a fim de impossibilitar o effeito; do que toda a Côrte conheceo claramente que o tractado do casamento havia sido fingido, e que o que hia succedendo estava pensado com antecedencia; o que só era para enganar a plebe, abandonar o Rei, e se colocar no throno: o que relataremos o melhor que possa ser.

II

Morre El-Rei de Hespanha; França manda Embaixador sobre a paz; o Infante conhece não poder subir ao Throno sem seu auxilio.

Assim que se ajustou o casamento de El-Rei morreo Filippe 4.°, e enviou logo El-Rei de França ao Abbade de S. Romão por Embaixador a Portugal, para que se fizesse liga offensiva e defensiva entre os dous Reinos, e isto pelo motivo de que, vendo El-Rei de França que faltava Monarcha em Hespanha, e que ficava em menor idade Carlos 2.° e a Rainha sua mãe por Governadora, (seria boa sua determinação, porem assentavão que não) queria ver se extinguia na Hespanha a casa de Austria; o mesmo que intentou Luiz 11.° com a casa de Borgonha, faltando seu Duque Carlos o Bravo, o qual morreo em uma Batalha que deo aos seus, ficando-lhe uma só filha Mll.e Maria Carolina, que casou com Maximiliano Archi-duque de Austria que foi Imperador. Porem nem um, nem outro o pôde conseguir, porque Deos dispoz outra cousa. Fez-se a dita liga com todas as ceremonias do costume para sua segurança, e ficou o mesmo Abbade por Embaixador ordinario. Neste tempo discorreo o Infante que o tractar, e consumar uma acção tão ponderavel como a de tirar o Reino a seu ligitimo Senhor lhe seria impossivel sem a protecção de França, pois

supposto que tinha da sua parte o povo, e uma parte dos cavalheiros, era porque entre elles se ignorava a traição; e só julgavão que os movimentos que vião, se dirigião a depôr do valimento o Conde de Castello Melhor, (que bastava ser valido para ser aborrecido) e só tres ou quatro criados do Infante é que sabião os seus desenhos; todos os mais suppunhão que o mal não conspirava contra o Rei; que suposto de algum modo o fazião mal quisto, era só em cousas que se representavão más, não que ellas o fossem de sua natureza, e a plebe as sabia pela murmuração, e os particulares porque o Infante os lisongeava em lhas dizer: porem se imaginassem o que depois vírão executado, deixada a murmuração e lisonja, se porião contra o Infante, e defenderião El-Rei. Assim julgárão necessarias armas estrangeiras, e introdução de engano e arte, pois só com uma e outra cousa se poderia concluir o seu intento.

III

Intenta El-Rei de França conquistar uma Praça em Galiza; passão-se as ordens ao General Schomberg; e falla D. Rodrigo ao Embaixador de França.

AJUSTADA a liga, enviou o Rei de França dizer ao de Portugal que a ambos convinha muito que França tivesse uma Praça em Galiza (esta era porto de mar) para o que mandava ordem ao Conde Schomberg de marchar com as tropas estrangeiras a

tomar a dita Praça, e que Sua Magestade mandasse ao Conde do Prado Governador das Armas de Entre-Douro e Minho que désse ao Conde de Schomberg gente e munições, e tudo quanto fosse necessario para a tal conquista. Mandou-se responder á França, que se lhe assistiria com tudo pontualmente na forma devida, em que Sua Magestade ficasse satisfeito. Marchou logo de Alemtejo o Conde Schomberg com ordem de El-Rei para que o Conde do Prado lhe assistisse com tudo o necessario para a expedição do sitio a que hia; isto é o que em publico se ordenou ao dito Conde do Prado; porem em particular se lhe mandou, que, fazendo grande aparato, significasse ao General Schomberg que lhe assistiria, porem que fosse espaçando tempo e pondo difficuldades com tal astucia, que jámais tivesse effeito a conquista da Praça. Procedia isto de se haver resolvido em conselho de estado, que nunca seria bom ter o Francez confinante a Portugal. O Conde do Prado com o juizo de que Deos o havia dotado executou tão bem a ordem que lhe era dada, que melhor se não podia idear; porem não escapou á percepção do Conde Schomberg, e notando tudo ser artificio disse ao Prado « — Senhor Conde, não se moleste V. Ex.ª » pois tenho de certo que não hade ter effeito o » sitio, isto para mim é escusado, porque antes de » V. Ex.ª nascer, já eu era soldado. » Logo deo conta ao seu Rei do que havia passado; e não ficou este satisfeito, como logo mostrou. Não podia ter D. Rodrigo de Menezes melhor occasião de se introduzir com o Embaixador Francez; começou a visita-lo introduzindo practicas conducentes ao seu negocio, manifestando o sentimento com que Sua Alteza se achava de que El-Rei practicasse uma ingratidão tão fea com Sua Magestade Christianissima;

pois devendo-lhe a conservação da Corôa na sua cabeça, lhe dava uma correspondencia mui desigual a tanto beneficio, não concorrendo para a conquista da Praça; e acrescentando a este desaire o enganar o Conde Schomberg entretendo-o com demoras, sem mais satisfação, nem desculpa, tendo experimentado nelle a lealdade mais generosa; que devia ponderar tinha vindo a Portugal com oito mil homens para defensa delle, todos pagos á custa de El-Rei Christianissimo; e que quando o Duque de Bragança se aclamou Rei, não podia permanecer no throno, se não fosse o auxilio de França, pois não só foi soccorrido com gente e munições, senão tambem com os milhões que lhe emprestou, que ainda se estavão devendo, se esquecia agora El-Rei do desvelo com que França promoveo a defensa de Portugal, e lhe correspondia com engano, e deslealdade, negandolhe um tão pequeno serviço, e que redundaria em bem do mesmo Reino; sendo igualmente de satisfação para Sua Magestade Christianissima, e justo reconhecimento de tão grande beneficio, como delle se havia recebido.

IV

O Embaixador aprova o discurso de D. Rodrigo, e este principia a intrigar seu Soberano com testemunhos inauditos.

ESTE foi o principio que teve D. Rodrigo de Menezes em sondar o Embaixador Francez, e em vêr como elle recebia esta practica. Era natural que elle admittisse tudo o que podia apoiar os interesses de seu Rei; pelo que o ouvio com demonstrações de agrado, e de agradecimento á boa vontade que o Infante, e elle mostravão ao Rei Christianissimo; facilitando-lhe com esta quantas visitas quizesse fazer-lhe. Logo que se abrio esta porta, o foi persuadindo — que El-Rei D. Affonso era impotente, e incapaz de geração; e — que a isto se ajuntava ser tiranno e cruel, e, como incapaz para o matrimonio, não fazia vida com a Rainha, nem a tractava como tal; — que o Conde de Castello Melhor, e Henrique Henriques de Miranda sabião tudo; porem só por governarem tudo encobrião, e aos demais defeitos de El-Rei; — que estes obravão de modo que mostravão querer extinguir os que lhes fazião sombra, — que impossibilitavão o Reino para se fazerem seus regedores absolutos; — que esta suspeita não era temeraria, porque seu procedimento os fazia suspeitosos, e dava ança a isto se presumir: — que ninguem sabia isto melhor do que a Rainha, porque o experimentava, e padecia; — que se sua modestia e

paciencia não forão heroicas teria feito as queixas mais lastimosas, não só a Portugal mas a toda a Europa; finalmente — que não sendo El-Rei capaz de mulher, nem de governo, e estando o Reino tirannisado por um ministro cruel, e máo criado, não se devia esperar senão a ruina de todo elle; e que por estas razões se devia recorrer ao Direito das gentes, o que se não podia conseguir sem Sua Magestade Christianissima auxiliar uma causa tão pia: estando o caso tal que era mais preciso evitar o mal que havia de portas a dentro, que acudir á defensa dos inimigos de portas para fora; — que o Infante pelo contrario era um Principe dotado de excellentes virtudes, de valor, e prudencia; — que o Reino tinha posto nelle todas as suas esperanças; e que não sendo o Rei capaz de successão, nem de governo, que a elle tocava acudir ao bem publico, e a Sua Magestade Christianissima o amparar uma causa tão justa; e que sendo de muito merito para com Deos, e de obrigação para Sua Alteza, e para todo o Reino, tambem seria para Sua Magestade Christianissima de grandes consequencias para os designios que intentava em que Portugal podesse intervir, e para Sua Alteza de perpetuo reconhecimento como creatura sua, e a mais obrigada.

V

Resposta do Embaixador; escreve a Rainha a El-Rei de França; e resolve este patrocinar o Infante.

Como a falla era interessante não pareceo mal ao Embaixador a proposta que lhe fazia D. Rodrigo de Menezes, e lhe disse que avisaria de tudo ao seu Rei, e daria parte do que este determinasse. Nestes termos forão continuando as visitas, e travando mais amisade, até que El-Rei de França mandou a favor do Infante desaseis navios de guerra para Lisboa, aonde chegárão, e fizerão logo as violencias que adiante se dirá, afim de levar a effeito o que D. Rodrigo de Menezes havia dito ao Embaixador; e com instrucções para que este seguisse os seus conselhos. Tinha o Infante um criado Francez chamado Estevão Augusto de Castilho, o qual havia sido capitão de Cavallos nas guerras de Portugal, e tinha entrada com liberdade no quarto da Rainha, pois como era Francez não se imaginavão prejudiciaes suas entradas, e sahidas; e só pela sua naturalidade era da estimação da Rainha; e isto, em que se não reparava, era o instrumento do maior damno, porque este homem era o cannal por onde a Rainha se communicava com o Infante, e foi o principal motor de tudo quanto quiz o Infante até sua aclamação. Disse-me um Guarda roupa do Infante chamado Jeronimo de Sá, na Ilha Terceira, estando assistindo a El-Rei

na prizão, (Deos sabe a verdade, porem eu digo o que lhe ouvi) que uma noite fôra Estevão Augusto de Castilho fallar já muito tarde com o Infante, que estava deitado, e que estivera largo tempo fallando com elle em segredo, e que ao outro dia de manhã, tendo-se levantado o Infante, indo este Guarda roupa a compôr a cama, achara debaixo da cabeceira umas ligas bordadas de ouro, que pela presumpção que já tinha de que havia correspondencia secreta entre o Infante e a Rainha, presumira serem as ligas da Rainha, alcovitada pelo dito Francez, e que n'aquella noite elle as tinha trazido; pondo-as porem no mesmo logar em que as vira, quando tornou a fazer a cama já não as encontrou. Este mesmo Francez tinha entrada com o Embaixador, não só por ser da sua Nação, mas porque era homem de qualidade; e fallando-se entre um e outro do que havia expendido D. Rodrigo de Menezes, elle não só confirmou tudo, mas adiantou mais as materias, como quem tinha com a Rainha a maior familiaridade; e depois se soube que ella por este mensageiro dava suas cartas ao Embaixador para El-Rei de França, nas quaes incluia horrorosas queixas de El-Rei, pedindo-lhe que a soccorresse, e a separasse de um homem, que nem a tratava como mulher, nem como Rainha; em quanto a mulher, porque não era capaz para isso, em quanto a Rainha, porque só tinha o nome de Rei, pois o mando e poder tinhão os validos, a que ella estava sujeita, não lhe valendo a Soberania de Rainha. Tudo isto causou grande abalo ao Rei de França; e como por outra parte lhe lembrava terem-lhe desvanecido a emtrepreza da Praça, e que mudando-se o governo com soccorro seu, ficarião obrigados a fazer o que lhe fosse conveniente, foi facil determinar-se a favorecer o partido do In-

fante para o ter mais obrigado. Porem succedeo-lhe o sonho do cão, e se achou enganado, pois em pouco tempo conheceo, que cada um só cuidava no seu negocio, e depois se esqueceo d'aquelle que o ajudou. Porem como El-Rei de França é que tem ensinado ao mundo estas lições, sendo o credito do mestre deitar bons discipulos, não lhe está mal que este sabisse tão avantajado.

CAPITULO XIII.

I

Adverte-se no conselho do Infante que convem separar de El-Rei o Castello Melhor, e o mandão matar; escapa como por milagre.

PARA poder obrar com mais liberdade, e desembaraço, sem objecção que lhes perturbasse seus designios, advertio o Infante aos de seu sequito que era preciso apartar do lado de El-Rei ao Conde de Castello Melhor; porem vião que o não conseguirião sem grande violencia, e que isto não devia intentar-se sem grande segurança, não fiando só do successo que a fortuna quizesse dar por não ser boa politica o começar com

movimentos que podessem servir de precipicio, e desvanecer os fins a que se aspirava; convinha que o principio se ordenasse de modo que nenhum poder bastasse a o atalhar e suspender; e por emtanto não dava o tempo logar senão a dissimulação, e a astucia em que se devia proseguir até á conclusão. Manda-lo matar secretamente era o mais acertado, porque ainda que todos suppozessem que o Infante o havia mandado fazer, ninguem se atreveria a afirma-lo, e que se El-Rei se certificasse disso, elle mesmo o dissimularia, dando-se por desentendido, pois de homem morto ninguem se lembra senão os herdeiros, que succedem nos seus bens; que todos havião guardar respeito ao Infante e até antes louvar a acção, do que lamenta-la. Hia o Conde de Castello Melhor todos os sabbados de manhãa muito cedo a um Convento de Carmelitas, chamado a Madre de Deos, de grande devoção, e de quem o Conde o era em extremo: fica elle fora da Cidade cousa de meia legoa. Como a devoção era verdadeira, não levava a estas visitas o estrondoso acompanhamento do costume, e só um simples lacaio. Resolvida a morte a encommendárão a Paulo da Silva e Noronha, a Gaspar Varella, e a Francisco de Albuquerque e Castro todos criados do Infante e de conhecido valor. A ordem que lhes derão foi que no sabbado seguinte, o mais disfarçado que podessem fossem de madrugada esperar o Conde de Castello Melhor ao caminho da Madre de Deos, e na parte mais occulta delle o matassem, e se retirassem logo á Pederneira que é porto de mar distante de Lisboa quinze legoas, até vêr como se tomava a morte do Conde, assim pelo Rei como pelo povo, e conforme os effeitos, se podessem segurar os matadores ou por mar ou por terra. Chegado o

sabbado sahírão os tres criados do Infante a executar a ordem intimada; e esperando o Conde, se achárão illudidos, porque elle não foi n'aquelle dia á sua costumada devoção: vendo que tardava muito, e que erão passadas as horas de poder hir, se retirarão a suas casas, e derão parte ao Infante do que tinhão observado, do que Sua Alteza se podia informar. Logo se entrou em suspeitas de que o havião avisado, por ser cousa que elle jámais deixara de fazer, ainda que se offerecessem os negocios mais graves do Reino; e fez admiração de que logo n'aquelle dia deixasse de hir; o que dava indicios evidentes de que Francisco de Albuquerque é quem o tinha avisado; e o Infante o presumio assim; porem dissimulou, ou pelo não saber com toda a certeza, ou por considerar que lhe fazia conta conservar o dito Francisco de Albuquerque em razão de ser homem de conhecido valor, e tanto que ninguem o igualava no Reino, e estava em circunstancias de se achar com os deste caracter. Teve-se por certa esta suspeita, porque em poucos dias sahio despachado o dito Francisco de Albuquerque pelos seus serviços, que supposto erão grandes, e merecia muito por elles, pois na batalha com D. João de Austria em que se achou como Capitão de Cavallos, lhe derão vinte e duas feridas, a que acrescia sua nobreza; com tudo não houvera recebido esta recompensa, senão concorresse novo serviço que sobresahisse a todos os mais. Em fim não teve effeito a morte do Conde, e quiz Nossa Senhora Madre de Deos que quem com tanto affecto a buscava, não fosse no caminho de sua Sancta devoção desgraçado em sua morte. Foi igualmente notavel que continuando pelo tempo adiante as diligencias por matarem este cavalheiro, andando só e fugido por amor de

El-Rei, e os criados do Infante divididos em tropas a cavallo, jámais o achárão, para confirmar-se que pode mais a intervenção de Maria Sanctissima, que todos os poderes do mundo.

II

Continua o Conde de Castello Melhor sua devoção acompanhado de uma guarda, encobrindo a El-Rei o que lhe querião fazer.

AINDA que o Conde foi avisado do perigo referido não deixou de continuar nos sabbados sua costumada devoção, porem com uma companhia de cavallos. Sabia-se a má vontade que o Infante lhe tinha, e se começou logo a divulgar, que sem duvida havia novidade pelo Conde levar guarda, o que até alli não costumava, e que isto se não fazia sem grande causa; e logo disserão que o sabbado em que não tinha hido o querião matar; isto só por conjecturas, porque ordinariamente se acerta com aquillo que se intenta fazer, quando não surte o effeito a que se encaminha, por certas circunstancias que depois se vem a descobrir. Eu tinha confiança com o Conde, e estando só com elle uma noite, lhe disse « — Senhor anda pela Côrte uma voz que terá » chegado aos ouvidos de V. Ex.ª que é de o haverem esperado no caminho da Madre de Deos para » o matarem. » Respondeo-me « — Certo é que deixei de hir porque me avisárão para que não fosse; » e bom fôra diminuir eu os inimigos, porem eu

» guio-me por outro rumo, que é pôr tudo nas mãos » de Deos, e de Maria Santissima. » Não me disse quem lhe tinha feito o aviso, nem eu o devia perguntar; porque ainda que me tinha por confidente seu, e por isso me restava confiança de o intentar saber, com tudo não me quiz alargar a mais; porem fiquei suppondo certo, que o aviso tinha sido de Francisco de Albuquerque, porque o tratei com amisade de camarada sete annos de portas a dentro quando serviamos na Praça de armas de Elvas: e julguei que ninguem era mais capaz de emprender um feito de tanta ponderação, nem mais prudente que elle para o revelar. Nada de tudo isto soube El-Rei, e se chegou a suspeita-lo foi com tanto segredo que ninguem jámais o imaginou. Grande erro o do Conde, querer segurar sua pessoa, e a do Rei só com dissimulação; pois sabendo que o querião matar, e que se desaforavão publicamente a violar o sagrado da Magestade, e que sua dissimulação dava mais azas para que cada dia fossem ganhando terra, e augmentando mais as quimeras com fim conhecido, o qual se não atalhava sem castigo, não se resolveo a usar deste, parecendo-lhe mui arriscado, e julgou que com a modestia se pódia segurar; esta foi sua perdição, e a de El-Rei, porque se usara de rigor, não chegara a damnar-se o Infante, e seus sequazes.

III

Sahio dos criados de libré do Infante uma voz de que El-Rei era impotente; os de escada acima o dizião, porem com mais decencia.

Neste tempo sahio uma voz dos moços e mulatos da cavalhariça do Infante que El-Rei era impotente e incapaz de mulher, e esta se foi espalhando por toda a Côrte, divagando por uma Cidade tão populosa, composta de diversas gerarchias de pessoas, e de pareceres. Cada um discorria conforme a sua capacidade, a cujo proposito direi o que ouvi quando corrião estas vozes. Fui com um amigo ouvir missa á Igreja maior, e ficando junto de quatro ou cinco homens destes que vestem de cortezãos, percebemos ser a conversação ácerca de El-Rei. Disse um do ajuntamento, que era certo que era omnipotente; e corregindo-o o outro do barbarismo, e que não devia dizer omnipotente, senão impotente; lhe perguntou que mais tinha uma palavra que outra? Disse o outro « — sim impotente, porque afir- » mão que a dama lhe deo uma bebida para não » poder coabitar com a Rainha, nem com outra » alguma senão com ella, e agora se trata de que » tome outra bebida que lhe tire a impotencia. » Tudo que elles disserão é indigno de crer-se, uns pelo pouco juizo que tinhão, outros porque estavão em ar de zombaria; do que se segue que tudo pro-

cedia de malicia, e eu conheci por esta occasião que tudo que se espalhava na plebe é logo aceito e encarecido, e para que depois se desfaça a opinião é necessario igual arte, e industria, e tambem o tempo, que com suas occorrencias vai desvanecendo o que se cria por verdade: pois que a plebe não discorre como possa ou não possa ser, senão sómente o que ouvem, ou vem. Era lastima o que dizião, e acrescentavão o que ouvião; afirmavão que umas mulheres que havião estado algumas noites com El-Rei assim o tinhão dito, que se chamavão F. F. e que moravão em taes e quaes ruas, quando taes mulheres não havia no mundo; pois que não faltou quem levado de curiosidade buscasse nas ruas signaladas os nomes declarados com o maior cuidado, e jámais achou taes mulheres por mais que as buscou em toda a Côrte. Os criados de escada acima com a parcialidade que tinhão feito, ordinariamente dos mal contentes, levantavão de ponto a insolencia, e fallavão desaforadamente da Magestade, publicando um defeito offensivo do Soberano. El-Rei tinha o mesmo galanteio com a Dama que tinha antes de casado, e sempre isto lhe foi censurado, e agora muito mais, pintando-o com tanto horror, que o davão por excesso de infedelidade que fazia á Rainha, quando sua belleza e formosura poderia sujeitar e abrandar o mesmo marmore; e que sendo El-Rei homem, parecia ser para ella o mesmo bronze, fazendo despreso de quem tantas adorações lhe merecia, abandonando-a para hir visitar as casas das mulheres mais publicas, ou para as mandar chamar a uma casa de campo, não tendo outra communicação nem trato senão com estas mulheres, só para querer desmentir o defeito, e de se abonar capaz de as tratar; tendo escolhido para seu galanteio uma mulher vil que es-

tava exposta a quantos a querião, sendo indigna dos affectos de um Rei, assim pela baixeza de seu sangue, como pela vulgaridade com que abusava de seu corpo, tendo sido antes tratada das pessoas mais vis; e por causa de quem tinha mandado matar a muitos; que afectava assistir-lhe, como amante, não a podendo gozar como homem; e que deixando-se esta communicar como Dama, nunca tinha sido conhecida como mulher. Fallavão estes homens com tanta inhumanidade em El-Rei, que perdendo a veneração devida ao sagrado da Magestade, escandalisavão geralmente obrigando a que se dicesse algumas do Infante. Nunca forão estas cousas pela Côrte bem aceitas, porque todas as acções que referião, sabia-se que o odio as fazia vomitar e as baptisava de crueis e escandalosas, conhecendo-se que era mentira; e se todas as do Infante sahissem a publico com verdade, se reconhecerião cruelissimas; estas se calavão, porque os que conhecião a maldade vião já o Infante com muito poder, e que o do Rei hia em decadencia; sabião que aos validos não era isto occulto, e que o não remediavão. Os noveleiros, e amigos de novidades, cuja condição cubiçosa os inclinava ao perigoso, todos buscavão o Infante, vendo que seu partido se augmentava. O povo estava prompto a crer tudo o que se dizia. El-Rei muito quieto; os validos socegados; e assim o Infante conseguio tudo o que quiz, e El-Rei veio a perder o que tinha.

IV

Escrevem-se papeis contra o credito de El-Rei; antithesis entre elle e o Infante, e justiça por El-Rei

Estas, e outras cousas que se referião, se pozerão em artificiosos manifestos divulgados por todo o mundo, de sorte que os que sabião o contrario ficavão confusos, e os que o ignoravão o tinhão por certo. Eis-aqui porque as vidas dos Principes antigos se escrevem com maior segurança, do que as dos modernos; porque aos vivos se respeita, e aos mortos não se teme, e muitas vezes não é licito entender o que succede, e escrever o que se entende. Todas as cousas do Infante forão virtuosas, e justas, sendo malissimas de natureza, e se calárão porque ficou com o governo; todas as de El-Rei, sendo boas, se publicárão atrozes, porque finalisou o mundo que lhe pertencia, mettido em uma prizão, não tendo successor que o deffendesse, senão um irmão cruel que o infamasse. Em El-Rei houve deffeitos, para lhe tirar o reino, e no Infante virtudes, para o colocar no throno; calárão-se os motivos que El-Rei tinha para suas acções, e publicavão-se os successos de que se ignorava a causa, porque succedião, e por isso se tinhão por máos. Dizião os louvores do amor que o Infante professava á virtude, e encobrião a perversidade com que seu coração obrava contra a innocencia; davão a entender que El-Rei

iniquamente occupava, e cingia a corôa, e que o Infante mostrava ser merecedor della; punhão todas as suas esperanças na ousadia e na fortuna; e El-Rei e o valido a conservação mais no saber, que na industria, mas emfim a força venceo tudo. Dizerem aquelles homens que El-Rei escolhera uma mulher publica indigna da affeição de um Principe.... confesso que na qualidade era deffeituosa para a magestade, porem na formosura, belleza, e flor da idade servia de desculpa ao Soberano. A publicidade que lhe arguião é falsa, porque não havia mais que cinco ou seis mezes, que havia sahido do poder de Francisco Pereira da Cunha Secretario da Guerra, que foi o primeiro que a tratou, e não tinha senão quatorze annos; e em tão pouco tempo não podia haver tanta dissolução, e como devo defender a causa de El-Rei com a verdade, esta me obriga a tratar dos deffeitos do Infante, cousa que não fizera, senão fosse necessario á defensa de El-Rei, porque delle só as virtudes se devião celebrar, e suas faltas se devião occultar; sem embargo de que se tem escripto que todos os bons Reis que tem havido no mundo se podem descrever na pedra de um annel. Nunca os Reis podem ser em tudo bons, porque sendo bons homens, são máos Reis, e se são bons Reis são máos homens; porem quando são tirannos falta-lhe uma e outra qualidade. Para pôr em practica a tirannia é necessario usar de engano, e valendo-se de toda a maldade buscar os máos; e como estes sejão muitos mais que os bons, segue-se dos antecedentes, que os muitos ordinariamente vencem. Dizião que El-Rei tinha um galanteio com alguma inclinação excessiva de affecto, ainda que o baixo nascimento, e a obra não era licita, nem conveniente á Magestade, se esta materia admitte desculpa,

digo que a formosura supria o que faltava ao merecimento; e se isto bastava para motivo de tirar a El-Rei o throno, como se não tomou tambem por pretexto para que se não désse ao Infante? De sorte que este divertimento em El-Rei era deffeito, e no Infante era virtude! O Infante tinha uma Dama, nem era tão formosa, nem mais qualificada em sangue, nem tão boa na reputação; era mais antiga no trato, pois podia ser mãe da de El-Rei, e tendo esta andado pelos exercitos cinco annos, sendo amazia do Conde de Schomberg, depois de este a ter deixado, e ella ter buscado mantença em Lisboa, onde se poz de porta aberta para todos, não sendo conhecida por outro nome que o do Francez que a tinha deixado, e estando no auge de seu exercicio a tomou o Infante por sua Dama, não por galanteio, senão por amazia, trazendo-a muitas vezes a Palacio com demonstrações de amante, e isto ainda depois que governava. Estava tão dado a este vicio, que se dizia não haver mulher publica, e do trato dos homens mais ordinarios com quem não tivesse communicação, e deo demonstrações disso, quando se curou de males (1) publicamente; desgraça não pequena de um Principe, que podendo possuir o melhor, e que em algum modo minorasse o deffeito, se acommodou com o peor que havia na Côrte para padecer os males dos que vivem perdidamente. Dizerem que El-Rei mandou matar alguns homens pelo respeito da Dama, é falso; é certo que mandou acutilar alguns, e que das cutiladas succedeo morrerem alguns, porem o Infante mandou matar a Salvador Correa de Sá, filho de Salvador Correa de Sá e Benavides moço de vinte annos, da melhor nobreza de Portugal, e

(1) *Bubas.* (diz o original).

de grandes esperanças dadas na Universidade de Coimbra, aonde tinha logrado o aplauso de todos; e não só o acutilárão, mas lhe derão tres tiros em um instante por zelos de sua Dama. E diremos que foi isto uma acção heroica? Foi sem duvida tirannia, como está clamando o mesmo delicto. Por estas e outras boas obras mereceo o Infante a Corôa. Que bello merecimento! E El-Rei por outras menores mereceo, que lha tirassem.

CAPITULO XIV.

I

Como o Conde de Atouguia pretendeo ser valido, e o não conseguio, e da murmuração que fizerão deste caso.

Era o Conde de Atouguia D. Jeronimo Luiz de Atahide pelo seu nascimento dos melhores de Portugal, pela sua soberba e seriedade dos de mais respeito, pelo valimento de sua mãe a Marqueza de Atouguia occupava os melhores cargos do reino, e pela sua descompostura era o mais mal quisto delle. Quando El-Rei tomou o governo, lhe assistio com todo o cuidado, imaginando ficaria sendo valido; porem pôde mais o amor que El-Rei tinha ao Conde de Castello Me-

lhor, que a obrigação que devia á Marqueza de Atouguia, que o havia criado, causa porque o Conde aspirava ao Governo, que desejava; porem o Castello Melhor aplicando todos os meios, e usando das artes de Palacio em que se apura toda a philosophia, conseguio o ficar por unico valido: mas porque o Atouguia não ficasse de todo descontente o fez El-Rei General da Armada Real; ainda que nada o satisfazia, por considerar que nenhuma cousa igualava a soberania do mando, que elle julgava se lhe negara com violencia. Com esta lembrança entrárão os do Infante a lembrar o que o tempo já havia desvanecido, dizendo que era tal a arte do Conde de Castello Melhor que com ella conseguira o valimento, tirando-o ao Conde de Atouguia, e a sua mãe que havia criado El-Rei, isto sendo elle um cavalheiro de mais idade, e que havia tido as maiores occupações do Reino, em que procedêra com merito seu e da Nação; pelo contrario o Conde de Castello Melhor era moço sem outra experiencia que a de passeante na Côrte, e espadachim que andou pela Italia forasteiro e que tinha devido todo o seu lusimento ao mesmo Conde de Atouguia, e por interesses particulares se tinha esquecido de tão grandes beneficios, trocando em odio o que devia ter de agradecimento, e que El-Rei não podia livrar-se desta grande culpa; porem que não havia de ser Cezar o que deste modo ficasse no Imperio.

II

Justifica-se este caso com o louvor de Castello Melhor.

Como do abismo nascem abismos, e da tirannia tirannias e insolencias, estas forão tantas em as occurrencias que não havia senão pretextos falsos, simuladamente introduzidos nos ouvidos das gentes com prespectivas enganosas que encobrião a malicia; porem não deixou de conhecer-se então, que esta tinha seu vigor, bem que disfarçado com differentes razões de hypocresia, pertendendo que aquillo que se devia aborrecer, cegamente se aprovasse; porem os rigidos observadores das acções indifferentes nunca aprovárão aquelles modos de culpar. Se o Conde de Castello Melhor buscou pretextos de ficar só no valimento, não é isto acção que grave nem a El-Rei, nem ao Conde de Atouguia sendo proprio dos homens o anhelar aos seus augmentos, e quererem ser sós em os seus manejos. Todas as acções do Castello Melhor erão prudenciaes, e desmentião a idade juvenil em que se achava, com os acertos que practicou, segundo os melhores conselhos, e os melhores dictames; por cuja razão lhe succedia tudo bem tanto no militar, como no politico. Perder o Conde de Atouguia o ser valido, não podia ser disposição do Castello Melhor, nem desacerto de El-Rei, senão providencia divina que queria que Portugal se defendesse das armas de Castella, e ficasse livre de

seu jugo; e se ficasse o Atouguia no valimento, não fôra possivel a defensa delle, pela pouca conservação que teria no seu manejo, e governo; porque ainda que era cavalheiro de muita nobreza, o seu tracto e soberba o fazião odioso, e tinha alguns termos incompativeis com o bom governo, e tanto que alguns o tinhão de pouco juizo. Não tinha permanecido em algum emprego, tendo occupado todos: não tinha outras prendas, que a de ser desinteressado, e a fallar verdade não é pouco recommendavel: em uma palavra, a unica razão que tinha para aspirar a ser valido, era o ser filho da Marqueza de Atouguia, que havia criado El-Rei: fóra disto nada o protegia, pois nem tinha entrada, nem amisade com El-Rei; e se a sobredita circunstancia lhe valera, nem Portugal se defenderia, nem o Infante tirannisara seu irmão; porque ouvi a homens de grande juizo, nos quaes não havia a suspeita de lisongeiros, que se o Conde de Castello Melhor não estivera no Governo em tempo tão calamitoso, seria impossivel repararem-se calamidades tão perigosas como as de que o reino se tinha livrado, a que estivera exposto, porque concorrião nelle tantos requesitos para Ministro que se não conhecia semelhante; sem que para elle houvesse outro cuidado, ou desvelo, senão o de acertar, e a boa ordem de operar com aceitação; a cautella com que devia prevenir-se, e separar-se dos desastres, e a promptidão, e juizo com que devia repara-los, privando-se muitas vezes do recreio, e descanço commum; mostrando-se tão amante do publico, que nem para a sua casa era particular em tempo algum; e pode-se afirmar que se teve mais por Deos o seu valimento, que por obra meramente humana. Não teve este ministro mais de máo em seu valimento, senão aquillo que em prejuiso seu, de El-Rei, e dos seus

deixou de obrar; e isto sem fazer aquella ceremonia que usárão os Satrapas da Grecia, os quaes quando se elegião para o governo da Republica, primeiro que entrassem no seu exercicio convocavão todos os parentes e amigos, noticiando-lhes com solemne protestação que rompião, e renunciavão todas as Leis da amisade, querendo com isto dar a entender que só querião governar com rectidão. Sem protestos nem juramentos governou o Conde de Castello Melhor tão rectamente que nem parentes, nem amigos tinha, nem queria reconhece-los por taes; nenhum respeito o obrigava a exceder a razão de quem com elle se justificava merecedor de premio. Não procedeo o valimento deste ministro de deligencia sua, senão de amor, e boa vontade, que El-Rei desde os primeiros annos lhe havia professado.

III

Das deligencias que o Conde de Atouguia fez para ser valido.

Quando El-Rei se retirou de Alcantara, e mandou chamar todos os Cavalheiros para tomar o Governo, o Conde de Atouguia, sem ser chamado, logo que soube que estava El-Rei retirado de Palacio o foi procurar, e offerecer-se para tudo o que quizesse dispor delle, acção que El-Rei lhe agradeceo. Depois de estarem juntos os chamados, se determinou que se escrevesse á Rainha, dando-lhe parte da determinação de El-Rei para o Governo; e querendo o

Castello Melhor fazer obsequio ao de Atouguia, por ter vindo sem ser chamado, o encarregou da carta para a Rainha, e da sua resposta, e de tudo o mais que por estilo se obrou n'aquella occasião; e não teve o Atouguia outra acção meritoria para com El-Rei, mais do que esta, a qual bastou para imaginar que podia ser o valido. Todos o estranhárão, e agora querião fazer crer que o Atouguia é que merecia o valimento pelas suas muitas partes; e que o Castello Melhor o occupava indignamente, e lhe tinha feito injustiça. Elles conhecião o contrario, porem como o Atouguia era da primeira classe, e havia ficado logrado na pretenção, naturalmente ficou desgostoso, e deitando estas vozes querião obriga-lo a passar para o partido do Infante, como logo fez; e querião justificar que todos os que seguírão a El-Rei, e ao valido commettêrão grande culpa, e atrocidade; porem nos que seguião ao Infante na mais atroz falsidade não achavão de que acusar; (mas durou tão pouco tempo a vida do Conde de Atouguia na assistencia do Infante, que não achou outro fim mais prompto que o da morte.) Dizião os empenhados pelo Infante que no Castello Melhor faltavão todas as qualidades para ministro, e para governar um reino, e que a eleição para isto devia ser da razão, e não do gosto, que lhe faltava saber emendar os erros do governo, e moderar as inclinações de El-Rei, que como moço se deixava guiar de tudo o que lhe dizião; e que o dito Conde nunca lhe dizia cousa boa, por usurpar grande parte da magestade; attribuindo a si os acertos, e as merces, e carregando a El-Rei os desacertos; que não dirigia disposição em utilidade publica, senão em a sua particular; e que só tractava da conservação do seu valimento; não ha cousa que mais tirannize a razão do que a malicia, e devendo

ella estar á ordem do entendimento, quasi sempre este se acha ás ordens da malicia. Houve muitos que em quanto vírão o Conde de Castello Melhor no valimento o louvárão, e depois que a tirannia o privou delle, o perseguírão; em quanto esteve ao lado do Rei, todas estas cousas erão defendidas, porem assim que vírão que hia cahindo, não houve quem as sustentasse por verdadeiras, antes misturando cada um o que lhe parecia, queria lisongear o Infante.

IV

Continua a defensa do Conde de Castello Melhor, e do governo de El-Rei D. Affonso.

Da forma que elles pintavão que um valido devia ser, era necessario que fosse um Anjo, e não homem; porque não ha algum tão completo em o qual se não ache algum defeito; e é o officio de governar um reino tão dificultoso que a experiente antiguidade persuade que para a perfeita administração é preciso ser Deos. Disse Platão por parabula ou ficção — que houve tempo em que os homens erão governados pelos Deozes; e assim qualquer que seja o valido não póde ter contra si maior deffeito, e delicto que o seu mesmo ministerio. E com verdade se pode dizer que o Conde de Castello Melhor se achou com as prerogativas de valido, pois em o principio meio e fim foi seu zelo sempre igual, sem que o desvanecimento o fizesse mostrar que queria ser senhor do poder. Os castigos e semrazões os

attribuia a si, e acertos a El-Rei; toda a sua aplicação era nos negocios da monarchia, e não nos seus; as audiencias nunca se negárão, antes buscava os homens para saber delles o que querião; as consultas, as resoluções, e os conselhos erão sem amor, nem odio; nunca se lhe conheceo o seu interesse, senão o da utilidade publica; obrava de sorte que punha em risco o valimento antes do que a conservação do bem commum, e isto pode abonar o referido, que sendo valido sete annos e meio, e tendo corrido por sua mão merces, augmentos, postos, e tudo o que havia no Reino, nem seu irmão, nem parentes tiverão adiantamento algum, nem sahio senão com vinte e quatro mil cruzados de renda, que é o mesmo com que havia entrado. Admiravel cousa para tal tempo, e bem dificil de crer para o futuro! Jámais os Principes tomão valido pelo acaso, porque fòra de descredito não só a um Rei, mas ainda a um particular, que toma um criado para o expediente de sua casa: parece que deve ser eleito entre os que lhe agradão, e que são mais conformes nos humores, e no genio; e se isto convem a um senhor de sua casa, quanto mais a um Rei, e senhor de tudo! Como confiará no acaso, quem pode eleger a seu gosto? E por isso se vê ordinariamente que os validos são senhores do poder, porque o são da graça, e do amor do Principe, e o que fòr máo, será pessimo, como manifestão as historias antigas, relatando más mortes que tiverão, uns merecendo-as por seus delitos, outros padecendo-as mais pela crueldade de seus senhores, que por causa de suas culpas. Porem tambem tem havido Principes constantes, e validos firmes, cujo louvor viveo igual até o fim, e cujo aplauso não decahio, nem os cubiçosos podérão

manchar sua gloria. Muito poderia eu dizer dos antigos valimentos, e não menos dos modernos, porem devo-me calar nesta materia, porque aos primeiros não darei valor na sua antiguidade, e aos outros pode ser se escandalisem. Bem se experimentou isto no Conde de Castello Melhor, pois todas as faltas, e erros que havia no reino, se emendárão, innovando-se só o que podia dar vigor á Monarchia, á defensa do reino e á liberdade da patria; pois se admirou em todo o mundo que o Conde com seu governo, e El-Rei com sua felicidade conseguírão tudo isto, dando as armas por bem encaminhadas gloriosos successos, com fama e credito dos Portuguezes. Em recompensa de tudo isto se tirannisou o Rei, sem outra causa que o Infante ser tiranno, pois El-Rei se moderava no vicio, e se fundava na virtude: isto se prova no sofrimento com que tolerou sua prizão, sofrendo-a com tanto valor, e paz, que todos os que o tractavão, e assestião nella, sendo eu um delles em tres annos e meio, jámais ouvimos fallar em Reino, nem em irmão, nem em mulher, nem em cousa que tocasse a ser Rei, ou a isto podesse aludir; donde tiro por legitima conclusão, que neste principe estava moderada a força da mocidade com os actos de virtude de tal sorte que o que podia causar-nos lastima, servia de consolação aos seus criados. Assim como El-Rei se confirmou com os successos da fortuna que Deos lhe enviou, assim o Infante se fecundou em tirannias com que sua maldade o assegurou, de tudo foi causa o amor que El-Rei lhe tinha; pois lhe queria tanto, que para elle não havia Magestade, nem poder; porque tudo lhe dava em seu amor, de sorte que pôde atrever-se a tirannisar-lhe a Magestade, e a propria honra.

CAPITULO XV.

I

De como a virtude é muitas vezes perseguida. Da morte de Agostinho de Ceuta, e de como o Infante fingiu mudar de vida.

Muitos Principes tem soffrido má fama por conta das más linguas, e a que riscos não expõem as ondas furiosas de uma emulação raivosa? Que gostoso busca as ruinas um coração traidor, e apaixonado? E quantas vezes não tem o odio juntado o desvello com o engano, e o agrado com a tirannia? Todos os máos exemplos se fundão em bons principios; porque não ha cousa tão santa que não possa ser pervertida pelo orgulho dos homens; pois as maldades que commettem as

publicão como acções mysteriosas, e por não querer perder o credito arriscão muitas vezes as consciencias, e não ha acção humana, que se não possa interpretar por varios modos; porque os tirannos no mundo compõem o semblante conforme a seu intento, e ao que a sua malicia provoca, por vêr se podem melhorar a sua tirannia. Succedeo neste tempo que achando-se El-Rei e o Infante no campo, um criado d'El-Rei chamado Agostinho de Ceuta indo correndo em um cavallo morreo de repente, de sorte que ao cahir ficou logo sem movimento algum. Foi a morte terrivel e se fez mais lastimosa, por elle ser de prendas, e dos criados mais bem vistos d'El-Rei, e sendo em todos os que o vírão grande o sentimento, uns por amisade, outros pelo desastre; El-Rei o mostrou maior por ambos os motivos, sendo o principal o amor que lhe tinha. Começou o Infante ávista deste espectaculo a frequentar os Sacramentos, e a buscar o retiro, dizendo com apparente desengano, que não queria senão servir a Deos, que reconhecia não haver nos Principes previlegio que os isentasse dos fins os mais calamitosos a que todos os homens estavão sujeitos; mostrava-se zeloso do bem commum, não deixando de murmurar do governo, dizendo, que se não castigava nem se premiava a quem o merecia, senão a quem os validos querião. Cuidava de saber dos pertendentes que andavão requerendo na Côrte, e áquelles que não sahião despachados, assim Militares como Politicos, os mandava chamar, e consolava, dizendo-lhe que conhecia a injustiça, que lhe havião feito, porem que esperava em Deos que tudo havia remediar, e que se mudarião as cousas para que os benemeritos alcançassem o que de justiça lhe era devido, que tivessem paciencia pois tempo viria em que conseguissem

aquillo que agora se lhes negava, offerecendo-lhes seu favor, e tudo o mais que fosse necessario. Fazia o mesmo que Absalão quando quiz levantar-se contra seu Pai David, (e com melhor fortuna, porque este perdeo a vida, e o Infante conseguio a Corôa). É certo que para qualquer pertenção ha muitos cubiçosos, e não pode consegui-la senão um só, e por isso é força que fiquem os demais desconsolados, ou com razão, ou sem ella, pois que todos se imaginão merecedores do que pertendem: ainda que o seu merecimento não passe da confiança do pertendente. Estes havião naturalmente estimar os favores que lhe fazia o Infante na boa vontade que mostrava.

II

O sequito do Infante recommenda suas virtudes. Intentão depôr o Ministro de valimento, e engrossar seu partido.

Dizião que já o Infante não tratava senão de virtude: quem o crera! E que estava tão mudado que fugia de seguir as pisadas d'El-Rei; porque conhecia que se desviava do caminho da perfeição, que abstendo-se de semelhante modo de viver, ficara firme no proposito de fazer o que era justo, que era não fazer o que El-Rei fazia, e que o Infante levava com paciencia a zombaria que El-Rei fazia delle, atribuindo-lhe a fraqueza femenil o confessar-se tanto a miudo. Jámais o Infante fez o que El-Rei fazia, e El-Rei fez sempre o que que-

ria o Infante. D. Rodrigo de Menezes o induzia que com El-Rei se mostrasse alegre, e lhe désse a entender que o amava como Irmão, e lhe obedecia como vassallo, e que com o Conde de Castello Melhor fosse severo mostrando-lhe que se escandalisava do seu governo, e que era insupportavel Ministro do Reino. Que se não continuava na assistencia que costumava fazer a El-Rei, não era pela virtude, mas sim porque lhe aborrecia muito a soberannia do Conde, e vêr que era mais tiranno, que justo, e que a isto o impellia mais o amor que tinha a seu irmão, e á patria, do que o odio que lhe tivesse; porque delle não era inimigo, só sim de suas insolencias com as quaes havia perder o Reino. Que via El-Rei tão sugeito á sua vontade, que antes queria seguir seus perigosos dictames, do que dar credito a um irmão, que não respirava senão os desejos de conservar, e augmentar sua grandeza. Tudo isto, e o de mais era falso; porque o Infante esteve sempre firme no preposito de obrar injustamente, como se vio que obrou o maior mal, e se desejava fazer o que El-Rei obrava, havia ser o bem, e o Infante fez aquillo que nenhum Principe no mundo tinha feito; pois se era justo como foi tiranno? e se foi tiranno como era Principe justo? A intenção de Castello Melhor era congraçar-se com todos, e fazer a todos beneficios, por vêr se os obrigava a que quando não fossem seus amigos, ao menos não fossem inimigos. Porem o veneno era mais poderoso, que o antidoto, pelo que nunca pôde extinguir o abuso da razão que elle depravara. Se a morte de Agostinho de Ceuta conduzira o Infante a mudar o animo que trazia infeccionado no respeito de seu irmão; se lhe tirara a inclinação perversa do seu viver, e o conduzira ao caminho da virtude, e salvação, devera este ser jus-

tamente louvado; porem frequentar a confissão por medo da alhea desgraça, e cuidar em tirannisar seu irmão sem temor de Deos, nem vergonha do mundo, não sei como se possa ajustar sua confissão com suas obras, e se se confessava era para enganar melhor com a hypocresia. Se El-Rei lhe notou, como dizião, a acção de confessar por medo femenil, e isto porque lhe disse, « muito santo estás », foi como zombando por se vêr no Infante uma cousa que se não esperava. A igualdade, o amor, e a mocidade fazião que El-Rei tivesse com o Infante muitas confianças todas de irmão, e nenhuma de Rei. Se o Infante tinha tanta virtude e era bom christão, obediente a seu irmão, e temente a Deos, como forão tão más suas obras? As quaes devem servir de cautella aos Reis para o modo de viver com seus irmãos. E se tinha tão excellentes virtudes, como tirou o Reino, e a mulher a seu irmão? como o fez morrer em uma prizão? como procurou com tanto excesso matar o Conde de Castello Melhor? Todos sabem que o mandou procurar por todo o Reino com ordem para o matarem, e que lh'o não trouxessem vivo; mas Deos milagrosamente o livrou como innocente que estava de tudo quanto lhe imputavão. Como teve preso a Henrique Henriques de Miranda treze ou quatorze annos, sem mais delicto que o ser bem visto d'El-Rei? Como mandou dar morte a tantos homens como é sabido por todo Portugal? Como vendo-se senhor do governo, depois de morto seu irmão, matou a alguns que o ajudárão a subir ao Throno e fez outras cousas que adiante se dirão? Muito mal se conformão estas maldades com a virtude e christandade que dizião o adornava. Com este fingimento e hypocresia da virtude do Infante se propunha nas conversações da Côrte, que convinha ao

Rei e ao Reino fosse tirado o Castello Melhor do governo, e que o Infante assestisse a El-Rei em lugar do dito Conde como fosse possivel. Tomavão por pretexto que o Infante só teria por parente, e amigo a seu irmão, e assim com amor, e lealdade havia cuidar no bem commum, e na conservação, e augmento da Magestade, que concorrendo nelle juiso e prudencia para governar, esforço, e valor para intentar, e proseguir cousas arduas, paciencia para soffre-las, e meios para sustenta-las, seria mais apto, que o Conde Castello Melhor que era um pobre cavalheiro, que apenas tratava do augmento de sua casa, da de seu irmão, e parentes, os quaes erão muitos, e forçosamente lhe havia de assistir com as rendas do Reino, e fazer-se poderoso á custa do povo, e do patrimonio real, e quando se não attendesse a isto, tudo se arruinaria bem depressa. Demais que seu governo era tão escandaloso, que isto só bastava para o tirar delle e para o castigar rigorosamente, e já que Deos havia sido servido de dar a El-Rei um irmão de tão boa indole e com tão amaveis circunstancias seria uma semrazão que El-Rei não aproveitasse tão boa fortuna, e sería para o Reino lastima o vêr-se privado de tal azilo. Fez isto na plebe sua expectação como estimadora de novidades, não sendo esta originada de pequena sagacidade, e artificio; pelo que entrárão a clamar que se tirasse o Conde de Castello Melhor do governo, e o substituisse o Infante. Durou isto alguns dias, e logo afroxou; porque a plebe não é permanente em suas resoluções; pois que não se obrando logo o que apetece, em mediando tempo se esquece tudo. Não se esqueceo porem o Infante de querer congraçar-se com todo o Reino, para cujo fim se informou de todos os que havia de maior poder, e

mandou chamar a cada um, e os teve comsigo, a uns fez criados, a outros entreteve com esperanças de grandes interesses: aos soldados, cabos, e mais militares que andavão na Côrte mandava fallar pelo Marquez de Marialva Capitão General do Exercito, e os admoestava que por então não cuidassem em seus requerimentos, que em breve tempo serião bem despachados, e que se lhes faltasse meios para se conservarem na Côrte, o avisassem; porque tudo lhes daria, pois Sua Alteza era tão affeiçoado aos soldados, que não conheceria penuria em que lhe não valesse até que alcançassem seus despachos, assim lhes mandava dizer se demorassem alguns dias mais, dando-lhes igualmente a entender que elle entrava no governo, deposto que fosse o Conde de Castello Melhor, e para que isto merecesse credito, não só o dizião na Côrte, mas tambem o escrevião a seus correspondentes, noticiando-lhe a reforma de Castello Melhor e a eleição do Infante para o governo, não sendo isto mais que uma voz sahida dentre elles: ião porem preparando faxina para o que havião determinado para seu fim desejado; pois a prevenção foi sempre afortunada, e o descuido não é senão de pobres que não tem que perder, ou de crianças que não tem juiso para se prevenir.

III

De como o Infante cuida em corromper os criados d'El-Rei, e dos meios que buscou para esta corruptella.

Quando o mal começa a prevalecer, não cessa em suas depravadas operações, pois que alem de achar nellas todo seu deleite, lhe parece as necessita para se fazer formidavel. Conhecendo pois o bem que isto fazia a seu negocio tratou o Infante de comprar os criados d'El-Rei, a uns com dadivas, a outros com promessas, dizendo que elle não sollicitava mais do que o bem publico, e o serviço d'El-Rei, e que não podia haver maior do que sahir o Conde de Castello Melhor do Governo, e que elle entrasse para tudo tomar outra direcção, pois que o Governo estava tão odioso que perigava muito El-Rei e Reino, e que todos estavão tão escandalisados que já publicamente offendião a Magestade, dizendo muitas objecções a seu credito, as quaes ainda que elle sabia erão falsas, comtudo a plebe não sabia a causa porque as dizia, senão que seguia a voz do que ouvia, e que tendo elles servido na paz e na guerra, e que devendo estar adiantados pelos seus serviços em que se achavão na assistencia do Rei, e pelo que havião obrado na milicia, não tinhão recebido satisfação nem de uns nem de outros, tendo alguns alcançado premios, só por serem bem vistos de Castello Melhor. Os mais dos creados d'El-Rei, e do

Infante tinhão servido no Exercito; porque ainda servindo aos Principes, na occasião das campanhas ião a ellas; politica que se observou em Portugal, e que devem guardar todos os Principes, e que seus creados assistão nos Exercitos, e como testemunhas de vista informem seus amos dos accertos ou erros que fazem, sendo talvez sua assistencia occasião que os Generaes se conformem, e não haja desunião; porque, faltando esta, faltará o accerto nos successos, como se tem visto pela experiencia, pois que faz muito em os que governão saberem que tem á vista quem ha-de participar ao Principe o bem ou mal que obrarem, e a quem dará credito do que lhe disserem. Trabalhava pois o Infante com toda a industria por ganhar os creados d'El-Rei, e a tê-los por confidentes para haver de matar ao Conde de Castello Melhor dentro do Palacio na sala em que dava audiencia, e como sabia que os mais delles erão valerosos, e que não os tendo da sua parte perigava a execução, intentou para os obrigar, se lhes segurasse, que immediatamente que elle entrasse no governo, a todos serião remunerados seus serviços, e que todos serião augmentados, e isto sem dar a mais leve idea de intentar alguma cousa contra a Magestade; antes affirmando o queria fazer por serviço d'El-Rei e do Reino; e como a natureza humana se inclina sempre para onde vê que pode conseguir maiores vantagens, ou nos interesses, ou nas honras, foi facil corromperem-se os mais dos creados, e declararem-se promptos para tudo quanto se offerecesse, e isto porque lho propunhão como justo, e util. Estes julgavão que pela mudança do governo, mudarião de fortuna, sem embargo de não terem queixa do Castello Melhor, nem razão que obrigasse a entrar na empreza, se-

não a novidade como dissemos, pois seus serviços estavão satisfeitos quanto pedia a equidade: mas como só erão creados d'El-Rei, tudo quanto tinhão lhes parecia pouco, quando alguns não tinhão outro merecimento que o deste nome. Publicava o Infante que tudo o que se dizia em desabono do Rei, era nascido do mâo governo; e que os vassallos desesperados por isto, rompião em insolencias, contra El-Rei; posto que os motivos das queixas fossem falsos, o povo os tinha por verdadeiros. Assim enganou os creados d'El-Rei, e ao Mundo, e quando se conheceo o engano já era a tempo que se não podia remediar, por estar o Infante senhor do poder, o qual junto com a tirannia consegue e alcança os Imperios.

IV

É corrompido Roque da Costa Barreto, criado d'El-Rei, ingratissimo. Avisão disto Castello Melhor. Sua discreta resposta.

Tinha El-Rei um criado chamado Roque da Costa Barreto, que nas guerras havia sido capitão de cavallos, moço valleroso o qual tinha a conversação socegada, e com uma gravidade agradavel, e que não dava occasião a que lhe perdessem a estimação. Era modesto e com sua cortezia, e meiguice a todos lisongeava com modo discreto, adquirindo a aprovação de seus discursos sem exagerar o que dizia, nem se admirar do que ouvia. Era de

qualidade obscura, a qual apenas se fazia recommendavel por ter um Tio Bispo do Algarve chamado D. Francisco Barreto. Forão suas qualidades de tanto valor no coração d'El-Rei que o inclinárão a ama-lo de tal sorte que nem de dia, nem de noite podia estar sem o ter a seu lado. Dava-lhe parte de todos os segredos, e intentos de tal sorte que para elle não havia cousa reservada. Chegou o Conde de Castello Melhor a desconfiar deste valimento: porem nunca se atreveu a cortar este vinculo de amisade de seu Rei. Conhecendo o Infante que este era a melhor via, e a mais efficaz para esquadrinhar tudo o que passava no coração d'El-Rei, e do Conde de Castello Melhor, se introduzio tanto com elle que o obrigou mais a ser traidor ao seu Rei, do que deixar de ser confidente do Infante. Não deixaria este de ter remorsos obrando contra as leis da razão e lealdade, sendo o maior dos males receber o damno donde se não esperava; pois que augmenta a culpa a crueldade exercitada com quem a não merece, e deve ser maior o castigo quando se descobre semelhante traição; porque não ha maior peste no mundo que receber o Principe damno d'aquelle de quem se fia, e este foi o que mais perdeo a El-Rei, e o que deu complemento á sua desgraça como veremos. Tudo sabia Castello Melhor por suas espias que tinha, e dizendo-lhe seus confidentes que olhasse por sua pessoa, porque as disposições do Infante indicavão que aspirava a maiores consequencias do que manifestava, e que sem temeridade se podia temer um successo funesto á sua pessoa, e que seria util atalhar os principios de qualquer pensamento máo, que se intentasse obrar, e não vir a experimentar as adversidades que succedem aos que não prevem. Respondeu — Se eu quizera podia desvanecer todas essas ma-

quinas, mas só quero que saiba o mundo que não uso de preparos para deffender-me pois que não intento perpetuar-me no governo que El-Rei me ha dado sem eu querer, e se eu sou máo Ministro, justamente mo poderá tirar, e castigar-me sem estrondos que causem desturbios na Côrte, e se sou bom elles conhecerão minha innocencia. Eu desejo minha quietação longe destes crueis cuidados, mas El-Rei não me quer livrar delles depois de lhe ter pedido muitas vezes por mercê, e na resposta que me dá me obriga mais a servi-lo: assim não quero fazer outra cousa senão entregar-me ás disposições da fortuna, e da vontade de Deos, e que se conheça quão pouca é minha ambição que podendo segurar-me o deixo de fazer; pois que se como digo mereço castigo pelos males que tenho obrado, não quero se me perdoe, e se se me deve galardão, eu o perdoo. Conheço muito bem a differença que vai de mim ao Infante, e não posso deixar de sujeitar-me a tudo quanto fôr de seu gosto: primeiro devo obedecer a El-Rei, e posto entre dous extremos, em um devo mostrar-me obediente, em outro humilde, e venha o que vier.

V

Reflexões sobre a resposta.

IMAGINAVA o Conde de Castello Melhor que com estas suas missões proprias de um Santo Ermitão ganharia creditos com o povo, e favor com o Infante, porem foi muito pelo contrario pois com ellas lhe deo mais ousadia para executar o que intentava; e quando El-Rei e o Conde conhecêrão o risco em que estavão, e que era necessario valer-se da força para se sustentarem já não achárão quem os seguisse; uns já estavão declarados por parte do Infante e outros vendo o pouco poder com que se achava El-Rei se declarárão neutraes entre os dous partidos. Assim veio El-Rei achar-se sómente com homens velhos que só podião dar conselhos, e o Infante com pessoas que erão mais para obras do que para palavras. Aqui conheceo o Conde de Castello Melhor o erro que tinha commettido, pois podera ter-se prevenido com tempo com o pretexto da segurança de El-Rei, e desta sorte se livrara de chegar a conhecer sua culpa, fazendo com ella mais sensivel sua tragedia e a de El-Rei. Em todos os estados do mundo ha tragedias, e discordias, e até agora não tem a natureza produzido algum sem contendas, um partido offende outro, e em todos se padece anciedade: uns trabalhão por furtar, outros por tirannisar, a este bate ás portas a cobiça, áquelle a sua má inclinação. Os mesmos irmãos cujo amor devia

ser puro, e verdadeiro tem sido autores de traições infames, nós vemos que no mais apertado nó de fraternidade chegou a ter lugar a tirannia, e o odio, pois o primeiro homicidio que houve no mundo foi commettido pelo primeiro irmão. Bem suspeitava El-Rei que o Infante se revolvia com malicia a seu respeito, e não podia evidentemente certificar-se porque os mais dos criados estavão corrompidos pelo Infante e assim não lhe fallavão a verdade, antes lhe encubrião tudo. Os que erão confidentes do Rei, e do Conde de Castello Melhor não dizião senão o que o Conde queria que dicessem, o qual jámais chegou a penetrar que havia designios para offender immediatamente a Magestade; senão que tudo o que se obrava só se dirigia a elle, e até o que se dizia em desabono d'El-Rei, suspeitava que era pelo fazerem a elle mais odioso, sendo que devia considerar o que já tinha succedido, e os lances porque El-Rei tinha passado, como tambem elle mesmo, e que os presentes indicavão maior perigo do que os passados, nos quaes o Infante ainda era menino e não obrava por si resolução alguma; e agora já era homem, e com aptidão para emprehender tudo por seu mero arbitrio: pois nas desavenças dos Principes nada ha em que poder fiar, e sempre um deve desconfiar do outro, e ainda quando callão affectando ignorancia, sempre o desejo do despique, e da vingança lhe é inherente, e dos dois partidos, eu não fiara tanto da amisade fingida, como da inimisade declarada.

CAPITULO XVI.

I

Engana-se em seu discurso o Castello Melhor; principião as maledicencias da Rainha. Castello Melhor não as pode aplacar. Caso do Arrieiro.

Parecia a Castello Melhor que tudo viria a parar em o tirar do governo: mas como estava seguro da graça do Rei, ainda que o poder, e a força chegasse a vencer, sempre El-Rei lhe assistiria com seu favor em qualquer parte que estivesse, e que se hoje o tirassem amanhã tornaria a entrar. Com este engano foi vivendo até que conheceo o erro quando já não havia algum remedio, nem podia haver prevenções, nem cautellas.

El-Rei se dava aos antigos exercicios com moderação, e emenda que vai de homem a mancebo. Ainda fazia vesitas á sua Dama, porem com recato, e sem o costumado estrondo. A Rainha se mostrava melancolica dando a entender vivia violentada e desgostosa, tanto pelo pouco amor que El-Rei lhe mostrava, como por algumas demasias com que o Castello Melhor a tratava, segundo ella dizia. Conheceu este que o sentimento da Rainha era a causa da maior resolução, com que o Infante, e seus parciaes entrárão a mal quista-lo com o povo, só afim de o arruinar, pois vião nella demonstrações, se bem que fingidas, lastimosas, e fez todo o esforço para que El-Rei e a Rainha se conformassem pelo meio de um reciproco amor, expondo a El-Rei o escandalo que o Reino tinha do desabrimento com que elle tratava a Rainha, e fez sua peroração tão vigorosa que o obrigou a trata-la com mais afabilidade, começando a communica-la com mais estreitesa, assistindo-lhe com frequencia de affecto, e dormindo com ella como marido. Com isto tomárão as cousas outro semblante, porem durou pouco; porque como era violenta a amisade, tornou com facilidade á antiga desordem, e observando os contrarios a mudança d'El-Rei para a Rainha, e que com ella se tinha moderado a plebe, tratárão logo de desmanchar tudo, e disto não levantárão mão em quanto o não conseguírão, e a Rainha ajudava da sua parte com toda a sua habilidade tão santa obra. Matou um Arrieiro a um Francez em uma estrada perto de Coimbra, e houve quem disse que o matara como a ladrão em sua propria defesa. Foi o Arrieiro preso em uma igreja d'aquella Cidade e remettido á cadeia de Lisboa, e porque lhe valeu a immunidade da Igreja se mostrou a Rainha agravada, dizendo que o de-

linquente não fôra castigado só por lhe darem desgosto, sendo o morto Francez e criado seu. Que conhecia que por todos os modos buscavão occasião de lhe perderem o respeito (o morto não era criado seu, e só sim parente de um seu lacaio Francez, e elle soldado de cavallo) porem como o seu fim era mostrar-se queixosa para aprovarem sua malicia como razão, buscava com verdade ou sem ella causas aparentes ainda que fossem falsas.

II

Do que se passou entre o Secretario de Estado e o da Rainha.

NAQUELLES dias teve o Conde de Santa Cruz, Mordomo mór da Rainha suas differenças com seu secretario Pedro de Almeida de Amaral sobre as preeminencias que tocavão a cada um, e entregando ambos á Rainha por escripto a razão de suas queixas, ella os remetteo ao Secretario de Estado para que as mandasse vêr por dous Dezembargadores do Paço. Os Dezembargadores para ficar a resolução mais justificada a consultárão com todo o Tribunal, e examinada a resolução, a remettêrão ao Conselho de Estado, dizendo era a quem pertencia o conhecimento, o que sabido da Rainha mandou chamar o Secretario de Estado e lhe estranhou o excesso de se adiantar á ordem que lhe havia dado, e que havia faltado á sua obrigação, dando aquelle arbitrio, e que por fugir o do Conde de Castello

Melhor tinha mandado se não admittissem mais de dous Dezembargadores; pois tinha experiencia que elle contradizia tudo que lhe pertencia, e que a havia reduzido a tão lamentavel estado, que estava no meio da maior pobreza, e que tendo elle poder para tudo, a ella faltava; por quanto injustamente lhe retardava a consignação que Sua Magestade lhe havia dado de vinte mil ducados, sendo que á vista da penuria e estado do Reino não reparava nisso, e menos no que se lhe havia promettido no contracto de casamento; porem queria que se lhe fizesse effectivo aquelle dinheiro, e que tudo o mais daria por bem empregado se se despendesse em utilidade do Reino, e alivio dos pobres; porem que ella via o estavão recebendo outras pessoas com toda a prosperidade, e socego, e assim não havia razão para que a ella se faltasse com as consignações, aos soldados com os pagamentos, e aos Religiosos e Orfãos com as esmolas. Que se buscavão geitos para lhe encubrir tudo, como se ella não fosse interessada no bem do Reino igualmente com o Rei. Que tendo ella tanto gosto que viesse o Duque de Cadaval para a Côrte, e havendo intercedido tantas vezes por elle, não querião dar-lhe parte de que o tinhão mandado chamar, antes levárão a mal a sua intercessão. E que tendo fallado ainda que fosse justamente a favor de qualquer pessoa, logo se conjuravão contra ella, e que mostrando algum desejo logo lhe embaraçavão a execução, só porque ella o queria. Que ostentavão seu poder de sorte que querião se soubesse ella não tinha parte no governo. Que ella bem sabia não havia de terminar os negocios, porem que pela razão de Rainha, e seu decoro lhe devião dar parte delles. E que sabia muito bem que certo sujeito buscava por desvanecimento occasiões de offende-la, sendo tal sua soberba, que imaginava

não tinha vindo a Portugal para Rainha, senão para criada delle. Desculpou-se o Secretario de Estado dizendo que elle enviara o negocio aos Dezembargadores como Sua Magestade determinara e que estes quizerão consulta-lo com todo o Tribunal, e que por estes se determinou se remettesse ao Conselho de Estado, e que elle em nada disto tinha culpa; que Castello Melhor, e os demais pertendião agradar a Sua Magestade, bem longe de desejar que Sua Magestade experimentasse falta alguma, porem que aquella materia lhe não tocava, pertencendo a outros Ministros a sua resolução; que sendo moderna a consignação dos vinte mil ducados era forçoso houvesse dificuldade no seu assentamento; que Sua Magestade não se devia fiar de todos porque alguns a enganavão por querer metter cisanias como os que afectuosamente a servião; que de todos os negocios de importancia se lhe dava conta, e que só se lhe não dava parte dos que erão insignificantes, e isto não era por faltar-lhe ao respeito, senão por lhe parecer que por não valerem nada, não repararia Sua Magestade nisso; que em quanto á vinda do Duque de Cadaval, El-Rei a tinha determinado sem dar parte a ninguem, nem se saber della senão quando este se vio na Côrte; que elle a tratava com tanto respeito, e trabalhava tanto pelo mostrar, que fazia o possivel por servi-la, e excesso porque fosse differençada de todos os mais; e que querião que Sua Magestade tivesse maior poder que as outras pessoas; que quem dizia o contrario era traidor, e como tal devia ser castigado; que Sua Magestade sem duvida tinha preversos a seu lado, pois lhe afirmavão tinha razão de queixar-se dos Portuguezes, quando todos lhe tinhão tanto respeito, e amor que passava a adoração. — Respondeo a Rainha que ella se não quei-

xava dos bons Portuguezes, o que era sua consolação, porem que só de tres ou quatro erão suas queixas; que ella poria em boa cobrança suas rendas, pois sabia andava usurpada a renda das Rainhas de Portugal, tirando maiores interesses de seus officios do que em tempo algum tinhão feito. Que bem sabia que na opinião d'aquelles que não querião que ninguem lhe fallasse era grande crime o trata-la como quem era; que tinha comprehendido a probidade d'aquelles a quem dava credito, e tambem a má vontade d'aquelles de quem se queixava; que d'alli em diante não pediria ajuda para o bem, nem justiça para o mal. Quiz o Secretario satisfaze-la, e o mandou calar, e replicando este, que queria que Sua Magestade o ouvisse, segunda vez o mandou calar; poz-se este de joelhos, suppondo que com isto a obrigaria a que o attendesse, e lhe voltou as costas: quiz o Secretario dete-la, e ella lhe disse — « como vilão, és tão atrevido! » E lhe deo com uma luva pela cara. Vendo-se o pobre velho tão enojado calou-se, e ella voltando-se para as Damas e Cavalheiros que estavão presentes, disse com grande colera: — « Que descomedimento tão indigno, que « nenhum Rei jámais o practicou com algum vas« sallo! »

III

Participa o Secretario a El-Rei, e a Castello Melhor o que passou com a Rainha, providencia d'El-Rei; reflexões sobre esta materia.

Assim que sahio o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo foi logo dar conta a El-Rei, e ao Conde de Castello Melhor de tudo o succedido, já o Conde conhecia que todas as queixas hião encaminhadas á sua perdição, e que El-Rei só sabia o que lhe querião dizer, sem que lhe descobrissem a verdade do que na realidade era; estranhou como Secretario o excesso da Rainha. O Conde o temeo tanto que assentou d'alli se passaria a muito mais; com tudo quiz dissimular, e vêr se podia desfazer a conjuração que havia conhecidamente contra elle, disse a El-Rei se fosse ter com a Rainha, e que mostrando-lhe carinho lhe offerecesse castigar o Secretario muito á sua satisfação. El-Rei assim o executou buscando-a, e fallando-lhe com muito bom modo, e subtileza, propondo-se fazer tudo o que fosse seu gosto, de que a Rainha se deo por muito satisfeita no exterior, porem logo que El-Rei voltou costas, não fez mais caso assim do offerecimento de El-Rei, como do que ella havia promettido. Foi seguindo seu dictame dirigido todo á ruina e perdição de El-Rei, pois nas promessas que lhe fez, e na sua dissimulação se via como El-Rei era offendido

innocentemente, sendo ella a aleivosa offensora; porque fazendo-se reflexão sobre umas, e outras cousas se conhece a paciencia de um Rei enganado, e a malicia de uma Rainha descomedida. Se esta tinha ordenado ao Secretario de Estado que mandasse vêr os papeis do Conde de Santa Cruz seu Mordomo Mór por dous Dezembargadores, fazendo o Secretario o que se lhe tinha mandado, e aquelles não quizerão por si sós executa-lo, sem que todo o Tribunal os visse, se o Tribunal os remetteo ao Conselho de Estado, que culpa teve o Secretario no que os Ministros, e Tribunal entendêrão? Que culpa ha em não seguirem a ordem que lhe derão? Em que crime cahio Castello Melhor quando não interveio em nenhuma destas cousas? Porem como o intento era de infamar, e malquistar o seu governo, afectava que não queria pedir a quem com ella se ostentava poderoso, quando podia manda-lo como senhora. E prostrando-se-lhe todos para quererem saber em que a podião servir, buscava ella modos de criminar estas demonstrações de respeito. Dizia que o não se lhe effectuar a consignação dos vinte mil ducados não era falta de possibilidade, era obra do poder, para que á precizão viesse a humilhar-se. Se da vinda do Duque de Cadaval se lhe não tinha dado parte, foi porque ninguem a soube primeiro do que ella, nem o mesmo Rei, porque este nem se lembrava se era vivo ou morto o Duque, e ella com suas advertencias misturadas com aparentes carinhos o lembrava a El-Rei, e conseguio manda-lo vir para a Côrte, porque estava empenhada em o ter junto a si, por isso n'aquelles dias em que ella intentou esta mercê, logrou elle as maiores finesas de amor com que ella o lisongeou, só afim de conseguir a vinda do Duque, a qual El-Rei assim, ou enganado, ou lisongeado,

lhe concedeo cousa que todos imaginavão não ser possivel. É sem duvida que a intenção da Rainha a respeito do Duque era só afim de dispôr a traição, e queixou-se então de a não fazerem participante da liberdade do Duque, havendo ella conseguido a mesma liberdade, e sabendo seu cumprimento primeiro que todos; pois por se querer vêr livre de El-Rei não cuidava senão em vêr livre o Duque de Cadaval, por se persuadir que com elle teria mais seguro seu intento. No que respeita ao Secretario de Estado pegar-lhe no vestido com pouca reverencia, foi maledicencia o dizer isto, pois com reverente submissão ajoelhou em signal de veneração, e o que elle obrou com cortezia o acusa ella de insolencia: bem mostrou que quando era mais adorada, então era menor o agradecimento. Não pôde chegar a mais sua malicia, trocando os obsequios em offensas, e assim saiba o mundo, que só aquelles de quem ella fazia queixa erão os bons, e os leaes, e que só o seu coração, e dos que seguião seu errado norte erão retratos da maior infidelidade, em que se originavão as maiores tirannias. Como se conheceo que todas as queixas que a Rainha representava tinhão mais de artificiosas que de verdadeiras, se dissimulou com o Secretario de Estado por não haver causa para o castigo, e a promessa que El-Rei tinha feito á Rainha servio mais de satisfação a seu nojo, que para haver de usar com elle algum rigor. Como a Rainha vio que nada do promettido se havia cumprido entrou a queixar-se dizendo que El-Rei lhe havia faltado a attenção, e ao decoro que se lhe devia, pois não tinha feito demonstração alguma de castigo a respeito do Secretario de Estado, e que por conserva-lo não tinha duvida em desatende-la, e desgosta-la, querendo antes patrocinar um vassallo atrevido, do

que autorisar a razão de uma Rainha offendida, causa porque viveria sempre com o sentimento, que pedião tão injustas offensas.

IV

Das queixas que fez a Rainha; da murmuração geral, das providencias do Rei.

Para dar principio a esta nova quimera se buscou o tempo mais opportuno para maior publicidade. Tinhão-se corrido os primeiros touros, demonstração de festa que a Cidade annualmente fazia a Santo Antonio nascido na mesma Cidade; e estando para se correrem os segundos, não quiz a Rainha assistir a elles para fazer publico o seu desgosto e o mesmo obrou no terceiro com o mesmo fim. Divulgou-se logo estar a Rainha enojada, e estranhou-se a causa de seu desgosto com razões tão excessivas que fazião lastimosas suas queixas, condemnando El-Rei por lhe não dar satisfação a ellas, e criminando com especialidade Castello Melhor por ser a causa de que se não procedesse ao castigo do Secretario, e a este por descomedido no pouco respeito que havia tido á Rainha. Aqui entrou fazendo seu papel de queixoso o Infante, dizendo estava duvidoso do que devia fazer na presente occasião; porque nem El-Rei, nem a Rainha lhe havião fallado n'aquella materia, e que por isso lhe não era licito entrometter-se, aonde não era chamado, (isto tendo-o elle lindamente maquinado e disposto) porem que sendo necessario

interporia sua authoridade a favor da Rainha, (grande verdade, sem juramento se podia crer) que não seria razão que uma Princeza estrangeira carecesse do amparo de um Principe, que não seguia outro norte senão o da justiça, e que nesta causa lhe assestia tanto, que a todos causava não menos lastima do que admiração do que se havia obrado. Não só se não corrêrão os touros no segundo e terceiro dia, mas foi isto causa de uma murmuração, que derramandose fez odiosos todos os assistentes do Rei, os quaes, dizia o povo, querião que a Rainha cedesse do seu aggravo, sem que fosse castigado o Secretario offensor, e que era tão grande a presumpção do valido que entendia se monuscabaria o seu valimento se contra sua vontade sahisse o Secretario da Côrte. A Rainha de sua parte mostrou tanta constancia em seu sentimento, que para a socegar mandou El-Rei pôr o negocio em Conselho de Estado, ordenando se désse satisfação á Rainha, e que se praticasse com o Secretario alguma demonstração, ainda que leve, de castigo, ainda que o não fosse. Isto suposto decretou o Conselho se suspendesse o Secretario por alguns dias, e que passados elles se restituisse á Côrte. Obteve-se com isto algum socego, esperando todos se continuassem as festas; porem como a malicia humana faz timbre de alterar todas as boas disposições, tinha disposto que em lugar das festas se vissem lugubres espectaculos, e perigosissimas inquietações de gravissimas fatalidades.

CAPITULO XVII.

I

Dispõe o Infante matar o Castello Melhor; refere-se a morte do Conde de Orem.

TINHA o Infante com o seu sequito determinado matar o Conde de Castello Melhor em uma salla dentro do Palacio aonde dava audiencia, como já dissemos; tomando a resolução de executa-lo, o determinárão para a primeira sexta feita seguinte (como innocente era justo ser sacrificado em semelhante dia) era o intento de se obrar com elle o mesmo que se obrou com o Conde de Orem D. João Fernandes de Andeiro, em tempo que governava Portugal a Rainha D. Leonor,

mulher que havia sido de El-Rei D. Fernando; e foi o caso que ajustando-se alguns cavalheiros, ou pelo máo governo, ou pela inveja que se professa aos que governão, a matar o Conde de Orem, que era o primeiro ministro que governava Portugal, não se atrevendo por si sós a executar esta morte, ou por faze-la mais bem aceita ao povo, tomárão por chefe ao Senhor D. João, bastardo de El-Rei D. Pedro, era Mestre da Ordem de Aviz, a este encommendárão a morte referida, que se executou ás dez ou onze horas da manhã dentro em o Palacio; começando a gritar ao povo, dizendo — Traidores, que matárão o Infante! — e era este amado de todos pelas suas qualidades, e enfurecido o povo quiz logo dar fogo ao Palacio com o fim de queimarem todos os traidores que havião morto o Mestre; porem este que vio o effeito se chegou a uma das janellas e disse — « Está morto o Conde de Orem, eu mesmo o matei « em beneficio do bem publico, e não por causa par- « ticular que para isto tivesse, e se vós aprovais o « facto, eu não quero mais premio senão o saberem « todos que eu o fiz para o bem do Reino, e de « vós mesmos, porem se o criminais por cruel, ou « tiranno eu me entrego ao castigo que vós quizerdes que « eu padeça. » É o povo monstruo indomito, e são confusos seus pareceres, tanto que se não governa pela razão, nem considera os interesses que o obrigão a fazer semelhantes excessos, mas sómente se deleita da novidade que se lhe offerece, sem escolha de cousas. Isto obrárão n'aquella occasião, pois o aclamárão logo Protector do Reino, e que fosse quem dirigisse seu governo, elle o aceitou logo; e isto foi a causa das grandes guerras que houve com El-Rei D. João 1.° de Castella, que tinha casado com a unica filha de El-Rei D. Fernando, e da Rainha

D. Leonor á qual pertencia o Reino: porem como as armas são quem forçosamente decidem, e dão os Reinos, ellas o tirárão a El-Rei D. João de Castella, e o derão ao Senhor D. João 1.° de Portugal. Discorrendo pois que matando o Conde de Castello Melhor em Palacio, era forçoso se amotinasse o povo, dirião das janellas que havião morto o Infante, e que, como era natural, enfurecido o povo para tomar vingança dos matadores, então appareceria o Infante e diria as razões que o tinhão obrigado a matar o Conde de Castello Melhor, provando-lhe que era menos máo ter elle feito esta morte, do que padecer todo o reino uma violencia tiranna; se porem vissem que o povo não levava a bem a tal morte nem o que se lhe dicesse para o aplacar, que neste caso obrigassem a El-Rei ainda que fosse com violencia que de uma janella lhe fallasse, e lhe désse a entender que a morte era justa, e que elle a dava por tal; sendo que a facilidade do povo em seguir tudo o que se lhe diz em semelhantes occasiões não daria logar a que discorressem além d'aquillo que lhe afirmassem, e assim a opinião de todos os parciaes em aquella boa obra, era que o Infante ficasse logo em Palacio exercendo aquillo que fazia o Conde de Castello Melhor para mais facilmente dispôr a El-Rei com todo o poder e regalia de Principe absoluto. Tomada a resolução para o dia assignalado que se havia de contar dous de Setembro de 1667 a ordenárão assim; que o Infante com D. Sancho Manoel Conde de Villa Flor, e Luiz de Mendonça Furtado, conselheiro de Guerra, General que tinha sido na India Oriental com tanto credito que era procurado para as occasiões maiores, entrassem aonde estava o Conde de Castello Melhor, e que o matassem, e que os mais cavalheiros que os seguissem fechassem as

portas de Palacio, e guardassem as do quarto de El-Rei, até que vissem em que terminava o successo da dita morte.

II

Do que succedeo nesta conjuração com o Author, e com seu hospede Manoel Tenreiro de Mello.

AQUELLES que lhe parecia servirião de impedimento á sobredita conjuração forão convidados, e peitados para ella, e a mim me mandou chamar o Conde de Villa Flor na quinta feira, e fallando-me em diversas materias muito tempo, me disse que na sexta feira de manhã me achasse junto á casa do despacho, e que tudo o que visse fazer, antes o ajudasse do que o impedisse, pois me seria conveniente. Nesse mesmo dia me chamou tambem o Conde da Ericeira, e como tinha mais confiança comigo por ter sido seu Alferes, sendo elle Capitão de cavallos da Guarda do General, e passando depois a Mestre de Campo me fez logo Capitão de seu Terço, em que servi por attenções que lhe devi, se declarou mais dando-me quasi a saber o que estava disposto para se obrar, disse-me que aonde eu o visse no dia seguinte em palacio me chegasse para elle, e lhe guardasse as costas, porque alem de merecer-me esta finesa, o que eu obrasse da sua parte n'aquella occasião me seria bem agradecido; a um e outro disse que faria o que podesse em seu obsequio. Recolhendo-me a casa um pouco embaraçado com meus discursos;

achei a Manoel Tenreiro de Mello, cavalheiro de muito valor, e de muitas prendas, que era meu hospede, e se achava na Côrte em suas pertenções, mui pensativo. Eu não o estava pouco. Disse-me que o Conde de Villa Flor o tinha mandado chamar, e lhe dissera que ao outro dia o esperasse á porta da Capella do Palacio, e que o seguisse sem se apartar delle. Este cavalheiro havia sido Capitão de cavallos na Praça de Penamacôr em tempo em que Villa Flor fôra General; e como conhecia seu valor se valeo deste, e de outros taes seus conhecidos, e obrigados. Isto dito me deo a entender que tinha tenção de o revelar ao Conde de Castello Melhor, porque suspeitava das antecedencias, que intentavão alguma cousa contra o serviço de El-Rei, por quem elle daria mil vidas; que toda a amisade que devia ao Conde de Villa Flor ficava escurecida com o menor atomo de deslealdade ao seu Rei. Eu lhe disse, fizesse aquillo que melhor lhe parecesse, porque em taes materias nem se pedia, nem se dava conselho, e calei tudo o que havia passado com o Conde de Villa Flor, e o da Ericeira. Assim que sahi de casa fui logo á de Henrique Henriques de Miranda, e lhe participei tudo com verdade na forma que se me havia dito, e de tarde quando a salla já estava sem gente fui fallar ao Conde de Castello Melhor que estava posto a uma janella, que cahe para o mar, com dous cavalheiros, puz-me a passear, e assim que me vio, veio logo para mim perguntando-me se havia alguma novidade — a que ha lhe disse já a communiquei ao Snr. Henrique Henriques de Miranda, e Vossa Excellencia já a saberá; a isto disse que ainda não tinha fallado com elle, porem por certa via lhe mandara dizer que havia novidade, e assim que á noite estivesse em casa aonde me mandaria chamar para fal-

larmos de vagar. Ás dez da noite chegou Manoel da Costa seu moço de cavalhariça a chamar-me da parte de S. Ex.ª fui logo ter com elle que estava com Henrique Henriques de Miranda; tomárão os dous a informação mais extensa, e com o que lhe tinha já dito Manoel Tenrèiro de Mello, começárão a discorrer nos meios de evitar o perigo.

III

Parecer de Henrique Henriques de Miranda; resolução de Castello Melhor; põe-se em armas o Palacio; encontra-se o autor com os corruptores.

HENRIQUE Henriques de Miranda foi de parecer que fingindo-se o Castello Melhor doente, não fosse á salla do despacho, até que se fizesse publica a maldade que o Infante e os seus tinhão proposto; porque interpolando algum tempo se hirião descobrindo outras cousas não menos importantes com que a plebe se desenganaria, e que El-Rei se determinaria a castigar com justiça e razão. A isto não consentio o Castello Melhor, antes pelo contrario disse que não era tempo de dissimular, pois que o estado das cousas já se não compunha sem força de armas; que lhe pesava muito não se ter já valido dellas, e assim que estava determinado a não usar de politica, e de disfarce, nem a morrer de medo, mas sim a remetter tudo ao valor. Á meia noite

mandou ordem aos Mestres de Campo Mathias da Cunha, e Gonçalo da Costa e Menezes que marchassem com os seus Terços a Palacio, e á Cavallaria que havia na Còrte de que seu irmão Simão de Sousa de Vasconcellos era General que ajaezados os cavallos os soldados se pozessem promptos a montar; o quartel da Cavallaria era junto de Palacio, e qualquer voz que se desse podia acudir logo. Convocou igualmente seus parentes para defesa do Palacio. Aos criados de El-Rei de escada abaixo poz no jardim para d'alli acudirem aonde fosse necessario, pois este correspondia aos quartos de palacio, e aos criados de escada acima destribuia desde o quarto de El-Rei até ao pateo da capella, com que ficava tudo bem guardado: amanhecendo a Sexta feira e vendo-se a novidade que havia em palacio acudio a elle toda a Còrte, mas nenhum sem grande confuzão, uns dizião uma cousa outros outra, e todos pouco mais ou menos atinavão com o que era. Ás nove horas da manhã baixei á porta da Capella, e vi que estava nella o mestre de Campo João Fialho, e outros amigos todos cabos militares; uns estavão espantados, e outros não se entendia o que dizião; e como tinhão sido convocados áquella paragem pelos que seguião ao Infante para se ajudarem delles na morte do Conde, á vista da novidade estavão confusos e cheios de temor. O mestre de Campo que a todos preferia na idade no posto e no valor me perguntou porque motivo se tinha armado o Palacio? ao que respondi que o sabia tanto como Sua S.ª que o perguntava: vi logo a Gil Vaz Lobo, e a Luiz de Mendonça Furtado a cavallo dando voltas a todo o Palacio, e registando tudo o que havia, se encaminhárão ao Palacio do Infante: pareceo-me justo hir-me vêr com o Conde de Villa Flor e com o da Ericeira; achei-os em casa e

já com a noticia do que havia em Palacio; fui primeiro ao Villa Flor, e logo que me vio me disse: — que vai? Dizem que amanheceo o palacio guarnecido de Soldados, promptos a pelejar, por quererem matar El-Rei esta noite? ao que respondi, — que tinha visto o Palacio guarnecido; e demais não sabia, só sim que os criados de El-Rei estavão postos em armas. Disse elle: — tudo são enredos, e vilanias do Castello Melhor para enganar El-Rei com algumas quimeras que intenta para segurar melhor o valimento. Ao Conde da Ericeira achei mui sentido cahindo na facilidade de se declarar um pouco mais (seria pelo favor que me fazia) e me disse que sem duvida se tinha revelado o segredo, que só desejava saber quem fôra; mas que o que hoje se não fazia, se fazia amanhã; que estivesse eu firme no que me havia encommendado, porque é o que me havia estar melhor, e que fiava de mim lhe não faltaria ao que me incumbia, porque de tudo havia de ter parte. Agradeci-lhe a boa vontade, e ao despedir-me me recommendou que aparecesse á noite para fallarmos a Sua Alteza: eu lhe disse, que as cousas estavão em estado, que se me vissem, ou presumissem que fallava a Sua Alteza, me terião por suspeito; que eu era criado seu, que desejava empregar-me no seu serviço, porem que era prudencia não fazer publica demonstração de minha vontade, que bastaria receber de Sua Ex.ª as ordens da parte de Sua Alteza, para em tudo satisfaze-las, o que talvez não podesse obrar uma vez que me vissem com Sua Alteza, e se receassem de mim. Ficou o Conde satisfeito e me disse lhe parecia muito bem, que não deixasse eu de vêr-me com elle mais vezes, e que visse se descobria alguma cousa com que fizesse obsequio a Sua Alteza.

CAPITULO XVIII.

I

Retira-se o Infante a Queluz; considerações que fez; e discursos de El-Rei.

Assim que o Infante, e os seus vírão que estava revelado o segredo, e que havia amanhecido o Palacio armado, mandou a todos os do seu sequito que não fossem a Palacio n'aquelle dia, e que estivessem em suas casas até á tarde em que sahirião em suas carruagens a passear com toda a dissimulação possivel. Depois que o Infante jantou se foi para Queluz e lá esteve até ao outro dia á noite, que tornou para seu Palacio, esperando neste tempo certificar-se das vozes que corrião da novidade passada, todos concordavão em que o

motivo tinha sido querer hir o Infante a Palacio matar o Conde de Castello Melhor: certificados assim todos os da quadrilha considerárão como desmentirião esta opinião, e como capacitarião a plebe de que o Conde de Castello Melhor tinha persuadido El-Rei que o Infante lhe queria tirar a vida, afim de se segurar mais no valimento; e que por esta patranha incrivel havia feito com que El-Rei mandasse armar o Palacio: que o Infante sabendo a novidade estando só no seu Palacio com dous Gentis homens, e D. Rodrigo de Menezes considerando que alguns cavalheiros criados seus poderião hir innocentemente a Palacio, ou ao conselho de guerra, donde lhe resultasse alguma desgraça, resolveo avisa-los que com cautella evitassem a contingencia; porem que fazendo reflexão, que cada dia idearião novos modos de odia-lo com El-Rei, conhecendo que o fim era para o arruinar e perder, confirmando muito mais este receio por estar El-Rei tão mal informado por conta do Conde de Castello Melhor se não atrevia a encontrar-se com elle para queixar-se, pois seria facil com a sinistra informação que tinha, intentasse alguma violencia que lhe fosse perigosa; que alem disso seria expor-se a grande risco, porque os que estavão de guarda ao Palacio podião pensar que hia executar o que se receava, e que nesta intelligencia não se determinava no que devia fazer, pois conhecia, que se a impaciencia arriscava a quietação, o soffrimento não menos desacreditava a honra; e ainda que sabia, que na Côrte e Reino se murmurava publicamente de que elle não attendia ao bem publico, nem ao seu, nem ao do Rei, nem ao dos vassallos, que a experiencia o fazia tomar o expediente mais ajustado e honesto que era o de escrever a El-Rei, e vêr se pelos meios suaves podia embaraçar algum exito menos justo, e

violento. Nesta conjectura de varias confuzões não se via em El-Rei demonstração alguma exterior que fosse digna de reparo, o mesmo semblante, o mesmo socego; só o Conde de Castello Melhor e Henrique Henriques de Miranda erão com quem El-Rei desafogava: entre os tres se conferia o que se devia dar á execução, porem forão os acasos juntando circunstancias taes que a plebe não attendeo tanto ao Rei como á novidade. Atropelou emfim o Infante a authoridade real, que sendo só uma dividida em dous, bem se deixa vêr, que o augmento em uma parte ha-de ser com diminuição em a outra; devendo bastar só esta circunstancia de Rei para aniquillar a authoridade do Infante, porem pelo contrario tudo concorreo a augmentar o poder do Infante. Julgava El-Rei (mas enganou-se) que os intentos do Infante serião como as nuvens, que ao primeiro sopro de sua poderosa palavra se desvanecerião; queria preservar do risco ao Castello Melhor, e conserva-lo no valimento, sem deixar queixoso ao Infante, e posto entre Scilla e Carybides, ou em um ou em outro havia perigar: os desejos que tinha de servir-se do Conde occasionavão estes rendimentos e com elles perdia de reputação entre os da sua parcialidade, e ganhava descreditos entre o vulgo, porque sendo suas obras boas, não havia necessidade de satisfações para ser reconhecido de todos, quando ninguem ignorava quam legitimamente podia recorrer ao castigo, em vez de accommodar-se a tractos indignos da magestade; e isto prevendo que já as cousas não tinhão outro remedio, que o da espada, e que antes se havia obrar com ella, que com ajustes que devem ter o ultimo logar em semelhantes casos.

II

Recolhe-se o Infante de Queluz, e antes que se queixem delle cuida em faze-lo primeiro; e a doença que teve.

VOLTANDO o Infante de Queluz para Lisboa se deo manifestamente por offendido do Conde de Castello Melhor, dizendo que não sómente o queria intrigar com El-Rei, mas que intentava occultamente dar-lhe veneno para o matar, que muitos zelosos do bem publico o havião advertido estivesse com vigilancia, e cautella; que tinha havido dos parciaes do Conde quem o aconselhasse que se se maquinava grande violencia contra a pessoa delle Conde, que prevenisse o risco ainda que fosse com a sua morte; que igualmente sabia que quando estivera doente se offereceo pelo Conde grande somma de dinheiro ao barbeiro que o sangrara para que envenenasse a lanceta afim de ser paliada a causa da sua morte; e que o homem pelo temor de Deos o não quizera fazer; que elle sabia isto havia muito tempo; mas que o Conde o tinha posto em tal aperto que nunca podera queixar-se a El-Rei, porque conhecia, e estava certo que lhe não daria credito, porque só o dava ao mesmo Conde. É certo que a quem perdeo a vergonha nada se póde estranhar; isto não era mais do que um embuste para satisfazer a plebe a qual cerra os olhos, e acredita ainda mais do que ouve; porem os de juizo advertião que isto era falso e quasi que hião vendo o

em que havia vir a parar. Não ha ninguem mais facil de ser enganado do que um animo generoso aonde não cabe intenção sinistra, nem suspeita maliciosa. Tinha El-Rei muita bondade e o Infante muita reserva, esta não era dirigida tanto pelo seu natural, como por D. Rodrigo de Menezes; e o ensino de tão bom mestre não podia deixar de sobresahir em tal discipulo: preverteo este no Infante o generoso de principe e lhe habituou a infame qualidade de ingratissimo tiranno. Tinha o Infante estado gravissimamente enfermo, e como se passassem tres dias sem elle querer que se soubesse, o Conde de Castello Melhor que o soube, o disse logo a El-Rei, declarando-lhe que o Infante estava de cama com febre, occultando a molestia, para que Sua Magestade o não obrigasse a sangrar-se; e só lhe disse que devia Sua Magestade ir vê-lo, e aprovar-lhe este remedio tão facil, antes que por falta de sangria tivesse funesto fim. Foi El-Rei logo procura-lo, e se assentou com amisade sobre a cama, e o abraçou dizendo-lhe que d'alli se não partiria em quanto o não visse sangrado. Sujeitou-se o Infante ao que El-Rei ordenava, afirmando que para obedecer não era necessario que Sua Magestade assestisse: tornou El-Rei a abraça-lo, e se despedio dizendo ao gentil homem que do que fosse succedendo lhe désse parte. Parecia a El-Rei que o Infante lhe correspondia com igual affecto ao que lhe tinha; porem como este nasce da solida virtude de que o Infante sempre deo más provas, veio a abusar do que El-Rei lhe professava: ostentava o Infante no exterior uma obediencia amorosa, porem tinha o coração só disposto a imitar o irmão que commetteo o primeiro fratrecidio em o mundo, enganando com cautelosa lisonja, para melhor empregar sua tirannia.

III

Discurso sobre um vassallo valido.

A PEOR cousa que ha nesta vida é a assistencia que os vassallos fazem aos Principes servindo-os talvez como a Deoses, e depois de tudo se não alcanção a graça do principe nunca medrão, e quando a conseguem tem o seu precipicio certo, pois todos os que a não alcanção são contra elles, e não basta que o que está na graça faça os bons officios em quanto lhes pedem, para que seja bom, porque como são mais os para quem é delicto o ser valido, em todos acha o odio mortaes disposições para conspirar contra elles: mui poucos se tem visto até ao dia de hoje, que vivendo alguns annos cheguem a morrer no valimento; e com tudo isto não deixa de haver quem se cance por ser valido, sem que veja o cego engano de não considerar a fadiga e imponderavel trabalho de difficuldades penosissimas a que se expõe, além de ser alvo da mais vigorosa censura; engano de ignorantes que em vez de buscarem o feliz descanço da vida, elegem penosas infelicidades. Esta enfermidade do Infante foi principio do valimento de Simão de Sousa de Vasconcellos e da amisade do Conde de Castello Melhor, porque ambos se mostrárão mais desconsolados, e extremosos do que outro algum. Tres dias esteve o Infante desconfiado da vida;, nelles não houve despacho, nem Tribunal aberto, assestindo o Conde com seu irmão por todo este tempo de dia e

de noite sem se despirem ou se apartarem de seu lado. Ora se nestes cavalheiros entrasse a danada intenção que iniquamente lhes attribuírão seria necessario valer-se do barbeiro para que envenenasse a lanceta, tendo á mão a occasião mais oportuna em que ninguem poderia presumir sua maldade quando todos temião a morte do Principe pela grandesa da enfermidade? Porem todas estas finesas forão causa da ruina dos dous, pois pertendendo perferir na assistencia, mostrárão mais do que os outros o desvelo, pelo que não houve nenhum que se não désse por aggravado, mostrando ser injuria, o que só era inveja. Não ha conformidade naquelles em que na igualdade não ha differença, quando os vem singularisados ou no poder, ou nos favores, e o escandalo não nasce dos que tem o valimento, senão dos que o não alcanção, sendo certo que não póde ser bem visto o que está no valimento e na administração do governo qualquer que elle seja, pois que seus iguaes o desejão para si, e os que o não são para os de quem esperão. Grandes finesas obrárão o Conde e seu irmão, (ainda que tudo o que é de Palacio é misterioso) e os outros criados zombando dizião, que era uma ceremonia artificiosa, fingida e hypocrita a fim de que com enganos, e apparencias conseguissem ficar senhores dos dous pollos do Reino. A invejosa emulação adiantava isto alem da razão, dizendo procedia do despreso, que é o incintivo mais forte da discordia; favorecem os Principes uns criados mais que os outros pois sua vontade não póde ser igual para todos, é forçosamente ha-de ter maior affecto a uns do que a outros, ha-de ser com especialidade amado pois a graça ou desgraça depende do fado ou da sorte de saber guiar-se entre a inconsiderada asperesa e a feia adulação, hindo pelo seguro caminho da modestia sem tropeçar em o da

vil ambição; porem os que não seguem esta politica se satisfazem em semear maximas perniciosas para vêr se com ellas quando não alcancem tirar o credito conseguem pelo menos ofusca-lo. Vio D. Rodrigo de Menezes que o Castello Melhor e seu irmão o excederião em valimento, e afecto depois de elle ter sido o unico puro no amor de Sua Alteza; e valendo-se do malevolo auxilio de sua natural inclinação paliado com a cautella em que foi admiravel, foi confeccionando um veneno tão subtil que estando o Infante no maior extremo de união com os dous irmãos lhe senhoriou tanto o coração, que esquecido de serviços tão uteis, como os que tinha logrado de um e outro, não tratou senão de vêr com todo o excesso como daria fim de ambos, e lhe tiraria a mesma vida, se a providencia lho não estorvara, como temos dito em diversos logares.

IV

Passea o Conde triumphante da conjuração; queixa-se o Infante escrevendo a El-Rei.

NA tarde do dia em que o Palacio amanheceo armado, sahio o Conde de Castello Melhor em uma carroça a passear com alguns cavalheiros seus parciaes, e passou a um jardim a divertir-se. Houve sobre isto varios pareceres; uns attribuião isto á vaidade do que tinha obrado, outros de que queria desmentir tudo: aos mais prudentes que só queria aliviar-se como costumava da opressão do seu minis-

terio, a qual era a maior que se podia considerar. O Infante costumado a buscar pretextos, sem despresar os mais frivolos, para dar corpo á sua queixa a fez logo arguindo a sahida do Conde, dizendo que esta lhe era mais sensivel do que tudo o que se havia obrado contra elle, tendo sido o Castello Melhor causa de uma acção tão odiosa; esta o constituia em maior escandalo, pois sendo atroz, passando de atrevimento excedia os lemites da insolencia: fazer armar o Palacio seria idea para firmar sua segurança com El-Rei; mas esta segunda era pouca vergonha. Fizerão todos os da facção conciliabulo, havendo altercações sobre o que devia determinar-se, e se resolveo que se escrevesse a El-Rei, queixando-se Sua Alteza do Castello Melhor e de sua iniquidade; e conforme a resposta se examinaria o remedio para a execução do melhor exito. Adoptado este arbitrio enviou Sua Alteza uma carta a El-Rei pelo seu Secretario João de Roxas de Azevedo do theor seguinte — « Que prostrado aos pés « de Sua Magestade com grande sentimento, como « quem venerava como a seu pae, e senhor, e res- « peitava com amor e candura de irmão, lhe signifi- « cava como a audiencia do Conde de Castello Me- « lhor o obrigava a queixar-se a Sua Magestade, « pois havendo tirado a campo todos os ardis ideados « por seu capricho malicioso para acabar-lhe a vida « com veneno, como sabia de homens de probidade, « e de zelo, em cuja consideração lhe tinha sido ne- « cessario viver com cautella para prevenir o damno « disposto; que não contente com este abominavel « desejo, tinha passado a armar o Palacio de Sua « Magestade, persuadindo-o de que elle queria violar « o Sagrado delle, e sem temeridade tinha por certo « de que a intenção do Conde se dirigia á sua ruina; « isto suposto ficava esperando na justiça de Sua Ma-

« gestade, e em sua real clemencia que apartaria de si
« este vassallo, castigando-o de seu inaudito atrevi-
« vimento; e não sendo assim lhe seria necessario
« buscar Reinos estranhos, onde vivesse livre destes
« sustos, mas que confiava de Sua Magestade, e do
« estreito amor de irmão, o qual sempre soubera
« merecer, attenderia a sua justissima queixa. »

CAPITULO XIX.

I.

Dobrão-se as guardas de Palacio; avisa Roque da Costa Barreto ao Infante de tudo o que succede.

Era a carta uma quimera e ardil para ganhar tempo a se hir secretamente aperfeiçoando o que estava ideado, e para igualmente agradar ao povo, pois que o credito fundado na opinião do povo é celebrado e aplaudido. Hião-se juntando ao Infante alguns cavalheiros, os quaes por odio ao Castello Melhor querião seguir novo partido a vêr se podião separar do valimento a quem tinhão por inimigo, persuadidos que esta borrasca só se ordenava á perdição delle, e que certamente não

tocaria no Rei, sagrado e para todos inviolavel. Só D. Rodrigo de Menezes e os tres Camaristas erão os que sabião o misterio da tragedia; os demais ignoravão o enigma; nem o conhecêrão senão quando se prendeo El-Rei; elle foi manejado com tanta cautella, que ainda os mesmos que andavão nas voltas erão duvidosos em uma revolução como fica dito, mas o conhecêrão a tempo no qual não havia recurso algum, nem remedio senão seguir o Infante, ou morrer. Logo que João de Roxas de Azevedo entregou a carta a El-Rei, passou esta á mão de Castello Melhor, o qual vendo o que continha, lhe pareceo necessario pôr mais cuidado na guarda de sua pessoa; pois aquella palavra que dizia — elle queria matar o Infante com veneno — não seria bem aceita da plebe, e ajudado desta poderia mais facilmente intentar alguma violencia. Chamou o Conde a si as pessoas de quem se confiava, e mandou dobrar as guardas de palacio; pedio a El-Rei que convocasse naquella mesma noite o Conselho de Estado, e que a elle viesse tambem a Rainha, que se achava solicita na composição desta desordem. Lida a carta em conselho, o maior numero dos assistentes entendião muito bem ser tudo metralhada e ficção que servisse de desculpa, e disfarce ao que o Infante havia intentado; e se assentou em que o melhor era se reconciliassem uns com os outros. Replicou a Rainha, se devia primeiramente tratar do respeito devido ao Infante, e depois se devião dispôr as cousas de sorte que todos ficassem bem. El-Rei disse que a satisfação do Infante ficava por sua conta; ficando porem tudo nesta junta indeterminado, e sem a resolução necessaria para se acommodar ás grandes inquietações de parte a parte, senão dizer El-Rei que tocava ao seu cargo a satisfação do Infante; porem era já tão tarde, segundo os

termos a que as cousas tinhão chegado, que só a força podia aproveitar. Esta sem duvida era a satisfação que se devia dar ao Infante; estava da parte do Rei a razão, da parte do Infante não se occultava a tirannia; e sendo diametralmente oppostos estes dous extremos, está claro que só o recurso das armas podia decedir o ponto com reputação, pois só ellas destroem a maldade dos tirannos. Entre as muitas espias que tinha o Infante era o principal Roque da Costa Barreto, pois como mais bem visto de El-Rei, e participante de seus segredos, dizia com mais individuação ao Infante tudo quanto succedia; por esta via foi na mesma noite avisado do que se passou no Conselho, e que sem embargo do assento tomado de El-Rei satisfazer a Sua Alteza, mandava o Conde dobrar as guardas de Palacio, mostrando-se mais recioso, e acautelado. Este aparato não pareceo ao Infante mui conveniente a seus projectos, e o presumio suspeitoso; pelo que se prevenio na mesma noite com seus parciaes dentro em seu palacio, e até que amanheceo os não deixou sahir delle, recioso que houvesse algum procedimento contra sua pessôa ou contra os seus assistentes, e servisse de embaraço ao começado. Esta sua oposição tão declarada ao gosto e vontade do Rei não podia deixar de dar azas, e ousadia ao Infante e aos seus, especialmente vendo que sendo El-Rei absoluto Senhor, entrava em transações com seus vassallos; isto fez crescer seu descomedimento, e os allentou para proseguir n'aquillo que já julgavão como vencido. Se a Magestade deixara obrar seu poder independente do afecto, mandaria chamar o Infante, e não querendo este obedecer, tudo se compunha, mandando-o metter em uma Torre, e a seus Camaristas e a D. Rodrigo de Menezes (o qual sem duvida era a pedra de escandalo) a uns poderia mandar cortar as

cabeças e a outros desterrar para a India Oriental, cumprindo com o que devia a si mesmo: mas entrando os Reis a admittir desculpas contrarias á sua dignidade, como estas erão com composições não de Rei, senão de particular, em um instante se lhe vê cahir as corôas das cabeças.

II

Despede-se Castello Melhor de primeiro Ministro; El-Rei não conveio; queixa-se o Infante, e El-Rei lhe dá certo recado.

Vendo o Castello Melhor que toda a maquina trabalhava contra elle e contra seu valimento, conhecendo que com a separação do Infante se descobrião muitos inimigos; fez um papel em que pedia por favor a El-Rei o mesmo que a tirannia do Infante pretendêra: dando-o a El-Rei, este respondeo depois de o rasgar, que não lhe succedesse fallar-lhe outra vez em semelhante materia; que a disposição d'aquelle negocio se havia deliberar a seu arbitrio. Vendo o Conde não surtir o effeito desejado da sua deligencia determinou-se modestamente a defender-se da força que a sem razão lhe fazia. Soube disto o Infante, e qneixou-se dizendo, mais queria El-Rei que elle sahisse do Reino, do que o valido da Côrte; que se manifestava tanto a sujeição de El-Rei, como a lisonja de alguns, que antes querião perder um Infante de quem se devia esperar a successão do Reino para augmentar a Monarchia, do que um valido, an-

tepondo o credito deste ao de um irmão, o qual sabia estarem as cousas de sorte que não haveria ajuste que não fosse prejudicial á sua pessoa, e ao valido de augmento. Resolveo-se El-Rei no dia seguinte a mandar dizer de palavra pelo Marquez de Marialva ao Infante, que por justas razões havia determinado se dobrassem as guardas do Palacio; e que o Marquez perguntasse, como cousa sua, se poderia hir o Conde beijar a mão a Sua Alteza. Quem duvidará que estas submissões além de desenfrear mais a insolencia, avivaria os desejos para que batessem as esporas no espirito para a consumação da maldade intentada! Não se deo logo resposta a este recado, pois sempre intrometteo algum tempo de consideração, astucia natural da falsidade e do enredo; vião que El-Rei carregava sobre si a acção para se não poder queixar della o Infante; importava a este não attender a satisfação alguma, permanecendo firme no sentimento de sua offensa, e se queixasse de El-Rei não fazer caso da sua vida, pois tendo-lhe insinuado de que havia disposições contra ella, se contentava com a satisfação do culpado; sendo que o duvidoso da queixa pedia averiguação mais attenta; não sendo razão se perdoasse delicto de tanta gravidade, antes se lhe désse pena rigorosa para não ficar Sua Alteza com os mesmos receios de sua offensa: acrescentavão que se Sua Alteza aceitava a proposta de El-Rei cessaria com ella o empenho em que estavão mettidos, e seria dificil sahirem bem, sabendo-se que o Conde Valido era senhor da vontade do Rei, de cuja consequencia se seguia, que tudo o que se fizesse havia ser á medida da sua, e ficarião todos perdidos; pois se agora os temia como inimigos, depois se despicaria como offendido. Isto só dizião os que ignoravão o ponto principal, e entendião ser todo o aparato contra o

Conde de Castello Melhor, e assim assentárão a olhos fechados não convir que Sua Alteza desestisse do começado, e que sua resposta devia exceder a primeira queixa, entregando á consideração de Sua Magestade a offensa de seu decoro, da qual nascêra sua queixa, que duraria até sua satisfação. Não se descuidavão de lisongea-lo, dizendo todos que esperavão bom successo a Sua Alteza, pois que achando-se com maior sequito, e mais poderoso, favorecido igualmente da plebe, de quem era costume seguir os vencedores; acompanhado destas vantagens deixando a El-Rei, não podia deixar de succeder que buscassem seu partido, e que desenganando-se Sua Magestade, por este modo conheceria quanto lhe era prejudicial o Castello Melhor para que tirando-lhe o poder o pozesse em Sua Alteza, sendo o benemerito entre todos. Esta foi a opinião que prevaleceo até que abandonárão o Conde de Castello Melhor, e logo depois o fizerão tambem a El-Rei, porque nas resoluções em que o abatimento entra a ser medianeiro, não póde haver segurança, pois esta só póde estar onde se remette ao valor. Ao outro dia respondeo o Infante a El-Rei dizendo: — « Que estando livre de todo o cuidado « tivera a noticia que o Conde armara o Palacio cer- « tificando de que elle o queria matar, e sendo tão « publica esta voz, esperava da rectidão de Sua Ma- « gestade obrasse com o Conde a demonstração do « castigo merecido, ficando elle por esta satisfação « sem a nota de que o Conde havia sido causa. »

III

Discurso de El-Rei e seus ministros sobre a resposta de Sua Alteza.

Foi a resposta do Infante attentamente ponderada assim por El-Rei como pelo Conde e seus parciaes, e como El-Rei estava declaradamente empenhado pelo valido sem conselho, e só em conferencia particular se resolveo o seguinte. — Que visto que o Infante hia cada dia adiantando os motins, que seria conveniente, para a quietação do Reino que isto se atalhasse pelo meio mais breve que podesse conseguir esta segurança: e estando tudo já nos termos que a experiencia mostrava, se não podião evitar senão com a prizão do Infante e seus Camaristas, e acabando uma vez com D. Rodrigo de Menezes que era o autor de tudo quanto se maquinava, se acabaria a intriga como se desejava: mas conhecendo o Castello Melhor que esta medecina era a unica e mais efficaz para a quietação e segurança de sua pessoa não conveio no que El-Rei e os mais determinavão, dizendo se presumiria ser elle a causa principal de uma demonstração tão violenta a qual forçosamente havia de ser exagerada pelos apaixonados do Infante e deste resultado seduzida a plebe, a qual na primeira furia segue sempre aquillo a que a inclinação naturalmente a leva, romperia em alguma sedição indecorosa a Sua Magestade, e de inteira perdição para elle: que se

devião buscar caminhos mais suaves nos quaes se désse a conhecer a sem razão do Infante e de todos os que o seguião; para que assim convencidos da injusta querella de sua atrocidade, lhe fossem a elle de maior segurança, e á plebe de maior abominação, pois se conheceria sua innocencia, e se reprovaria a maldade do Infante. Não se póde negar serem proprios de um Santo Capuchinho estes dictames no retiro de sua cella, pois o contrario nelle escandelisaria, e serião dignos de louvar-se em um baculo pastoral: porem incompativeis com o valor e com a espada, tão necessaria naquella occasião. Havia El-Rei sofrido muito tempo as quimeras do Infante reconhecidas por artificiosa malignidade ostentando mais do que era razão a mansidão de Cordeiro: desta e da perniciosa tardança dos cauterios á chaga já gangrenada, nasceo a sua lastimosa ruina, sendo a culpa toda do Conde de Castello Melhor, o qual desde o principio em que a Rainha mãe intentou pôr a corôa na cabeça do Infante se se tivesse mostrado severo, inexoravel e intrepido cortando algumas das principaes cabeças em todo o tempo segurara o Reino pois o Rei que não castiga nem o é, nem é digno desse nome. Todo o mal foi originado de sua bondade e da demasiada introdução que com sua tolerancia tinha permettido ao Infante, e o remedio se devia ter aplicado, quando o mal não tinha gerado raizes, tanto mais nocivas quanto mais arraigadas, e nos termos em que já estavão, tudo o que não foi cortar com cutello agudo foi trabalhar em vão, seria melhor ter usado delle no principio, quando estava vigoroso o braço para que quando se achasse sem robustez conhecessem que o mesmo valor já provado era o que ainda o animava para obrar, porem perdeo o desafortunado Rei esta occasião, e com ella o reino.

IV

De como Roque da Costa Barreto avisa o Infante ter havido a lembrança de ser elle preso e mais os seus.

A MAIOR insolencia d'aquelle tempo era que não sendo o valido nem seus parciaes offensores do Infante se dava este, e os seus por offendidos, e com este arbitrio intentárão justificar a razão porque o Infante pedia se separasse o valido da Côrte para elle ficar em toda a liberdade. Muito tempo havia que o tinha pertendido, e sem embaraço algum, sendo indubitavel, que não sahindo este della, não chegaria o Infante a pôr por obra sua tirannia. Podia El-Rei como Principe superior castigar o Infante, e a todos os seus conselheiros, mas o Conde não consentia que se derramasse sangue pois como se julgava innocente tambem julgara que isto mesmo o havia livrar. Sem duvida este era o caminho mais seguro á salvação de sua alma, mas não era o melhor meio para segurar sua vida, e conservar intacta a dignidade do Rei, sendo o mais certo o da força das armas, extinguindo-os de sorte, que morto todo o sequito se segurasse na mortandade e não em esperanças em todo o sentido más, e se o Infante para augmentar suas queixas, e faze-las ruidosas, tomou o pretexto de que o Conde o queria matar, tomara o Conde um maior dizendo que o Infante queria tirar a El-Rei o Reino, quando havia razões deduzidas do passado,

para assim o certificar: mas deixar caminhar a calumnia para justificar uma falsidade contra o decôro do Rei, e contra a innocencia do mesmo Conde, querendo elle se castigasse um delicto de que não havia mais prova, senão dize-lo o Infante e os inimigos declarados de Castello Melhor é injusto modo de proceder e acção indigna de um Principe; e como de tudo o que El-Rei passava secretamente era sabedor o Infante por via de Roque da Costa Barreto, teve logo noticia de como se poria em practica o prende-lo, e a seus criados, os quaes como vião a irresolução dos arbitrios de El-Rei, tiverão mais alentos, e determinárão correr toda a fortuna do Infante em sua defensa, e tirar o valido, chamando a si todos os que vivião descontentes delle, e fazendo dos taes o Infante muita confidencia para os obrigar e facilitar a terem elles a mesma no Infante.

CAPITULO XX.

I

Novo recado de El-Rei para o Infante e sua resposta; crescem as suspeitas; segue-se confuzão na Cidade; prepara-se o Infante e forma queixas.

Enviou El-Rei outro recado por escripto pelo Marquez de Marialva ao Infante, contendo o mesmo e acrescentando isto — que esperava com esta segunda satisfação que tudo se accommodasse, e se resolvesse a hir vê-lo, porque o desejava muito — Estes recados davão ousadia ao Infante e aos seus afectando no exterior que El-Rei não conhecia a sua queixa ou não queria dar-lhe sa-

tisfação, pois quando esperava a castigasse Sua Magestade pertendia pôla em silencio só para ficar victorioso o valido, e elle abatido, e respondendo pelo mesmo Marquez dizia — « Posto que as armas aparecessem em Palacio, e depois se redobrassem por « ordem de Sua Magestade com tudo occultamente « havia sido por designio do Conde, sendo a voz de « El-Rei, e a obra do valido: isto supposto não podia « depôr seu justo sentimento, pois havendo-se chamado todos os parciaes do Conde para segurar a « Sua Magestade, em que Lei podia caber não ter « sido elle chamado, quando por todas as razões era « o mais empenhado na segurança do seu soberano; « por este motivo devia ser o primeiro chamado, e « que para este desaire era pequena satisfação hir o « Conde deitar-se aos seus pés, quando Sua Magestade devia suspende-lo do officio, e extermina-lo « da Côrte, segurando sua pessoa para que com toda « a Liberdade se podesse inquirir de seu delicto; que « elle não tratava senão de defender-se, e segurar- « se, e esta era a causa de estar impossibilitado de « hir a Palacio lançar-se aos pés de Sua Magestade, « cousa do seu maior desejo, ainda que via não era « poderoso o sangue de um irmão tanto para Sua « Magestade, como era efficaz o agrado de um Mi- « nistro. » Destas respostas e algumas noticias que se alcançárão da prevenção do Infante, entrou o valido em maior cuidado, e fez com que El-Rei mandasse aquartelar os Terços na Praça do Palacio, e dobradas as guardas haver rondas de noite, pondo-se tudo mais em modo de guerra, que de guarda. A Cavallaria tambem estava na mesma Praça formada em batalhões, e alli se dava de comer e de beber aos cavallos, sem que os soldados se retirassem nem de noite nem de dia. Deste só aparato foi necessaria conse-

quencia a confuzão da Cidade, e de os Politicos assentarem que havia muito medo: e os amigos de haverem novidades, os que tinhão para si que podião melhorar nos disturbios alheios hião tomando partido, muitos do Infante, poucos do Rei, conforme ideavão as consequencias do successo visto, e os interesses que poderião alcançar. A tudo isto se mostrava o Infante mui modesto, e tão innocente como um Cordeiro; porem prevenia-se secretamente com igual cuidado, tendo sempre de noite e de dia o seu Palacio cheio de seus parciaes para o que podesse succeder. Communicava-se particularmente com todos os officiaes de guerra, mostrando ser todo o fim contra Castello Melhor, e em serviço de El-Rei e do Reino; assim os attrahia a si com facilidade para dar a entender que era sua queixa justificada, e se não podia julgar com indifferença do que elle publicava; escreveo a todos os Tribunaes enviando-lhes cópias das cartas recebidas de El-Rei, e das respostas dadas; chamou os Conselheiros de Estado, os Titulos, e a muitos cavalheiros, informou-os de sua queixa, e do pouco caso que El-Rei fez della; tendo por menor mal o quere-lo matar o Castello Melhor, do que extermina-lo da Côrte, para se poder entrar na averiguação do delicto, o que, estando elle nella, não seria facil, pois que sendo primeiro Ministro com seu poder faria calar a todos. Alguns conhecêrão a pouca razão do Infante, mas proporcionárão a resposta não regulada ao sabido, mas nivelada ao decóro devido a Sua Alteza, significando-lhe que se convocaria Conselho de Estado no qual se ponderarião as razões de Sua Alteza, fiados na rectidão de Sua Magestade de que as havia de ouvir, e de castigar a quem o merecesse. Nesta junta se achárão alguns parentes de Castello Melhor, e disserão ao Infante que o menor indicio

que se provasse do Conde contra a vida de Sua Alteza faría que elles fossem os maiores verdugos de seu castigo, se era que elle se tinha esquecido das obrigações com que nascera.

II

Queixas do Infante; e providencias de El-Rei sobre o valido.

PARECEO ao Infante ser-lhe util divulgar esta deligencia, a qual não só o justificaria com todos, mas abonaria suas cautellas; e para mostrar que era tanta a culpa do valido que elle mesmo impedia a averiguação, para que senão descobrisse seu delicto; porque se elle estivesse innocente seria o mais empenhado na averiguação do crime que se lhe imputava, e tanto convinha a seu credito: mas que El-Rei estava tão sujeito á vontade do Conde, que em vez de attender á causa como Juiz, apadrinhava como medianeiro quem queria tirar a vida ao Infante; assim devia prevenir-se do perigo que o ameaçava; pois experimentando uma tão grande omissão, não podia esperar satisfação igual á sua queixa. Isto dizia o Infante, porém os que consideravão as cousas sem paixão sabião tudo ser quimera, sem haver causa ou presumpção della, nem o valido ser tão atroz para inventar uma perversidade tão maligna como se publicava. Á vista do que, se foi descobrindo uma ponta de tirannia, pois davão a entender que para seus designios precisavão remover o estorvo do valido, o qual se lhe

havia de oppôr. Quem vio jámais maior extremo de perversidade que por querer desmentir a morte que lhe querião dar, não tivessem outro pretexto a que apegar-se senão o dizer que elle queria matar o Infante, e isto sem mais prova que a de uns homens sem alma, e cheios de um rancôr diabolico! Como El-Rei não queria largar o valido de seu lado, solicitava tùdo o conducente a temperar as queixas do Infante, e assim lhe mandou perguntar por escripto, —lhe dissesse quem o tinha informado da intenção de o matarem, para ser examinado; e provado que fosse ter o Conde delinquido contra sua vida, lhe mandaria logo cortar a cabeça. E advertisse que convinha a elles e ao Reino haver uma reciproca paz, tratando igualmente da sua conservação —. Ficóu o Infante confuso, e o seu sequito igualmente com este papel; pois como não havia delator, e tudo era impostura com o fito de fazer seu negocio, deste exame se atalhava o progresso designado. De Luthero se diz, que achando-se com os Catholicos na celebre junta a que chamados forão, para argumentarem sobre seus erros, quando se achava convencido delles, reduzia sua concluzão e respostas a gritos e vozes descompostas, sahida propria do embuste, e propria de um malvado como aquelle. Assim os de que fallamos começando com novas queixas, dizião que a nova carta era artificio do Conde para conhecer e castigar o delator ou em publico ou particularmente; que o Infante só devia declara-lo depois de El-Rei mandar retirar da Côrte o valido, e o separasse do poder que tinha; e sem isto preceder, faltava a liberdade requesito para o depoente não negar o que antes havia afirmado; e de outra sorte não seria decente a Sua Alteza sustentar sua queixa, e ficaria o valido com mais credito resultando o contrario. Previstos todos estes inconvenien-

tes respondeo o Infante a El-Rei nesta forma: —
« Que Sua Magestade lhe havia mandado nomeasse a
« pessoa de quem havia sabido que o Conde o queria
« matar; e elle respondia com toda a submissão devi-
« da, que não podia obedecer a Sua Magestade por ser
« impossivel que se procedesse a averiguação alguma
« deste crime sem que Sua Magestade depozesse o
« valido do grande poder com que se achava, em
« virtude do qual, e do mando que exercia não havia
« alguem que depozesse contra elle. »

III

Irresolução do valido e de El-Rei pela qual forão culpaveis na tirannia do Infante.

COM estas respostas ganhava o Infante cada dia mais terra, e hia pouco a pouco melhorando seu partido: a intenção do valido não era má, porem de nenhum fructo nas circunstancias presentes. Procurava desbaratar as quimeras com a verdade, e que o mesmo tempo descobrisse sua innocencia: mas se remettesse ás armas a averiguação de tudo, ainda que ficasse bem o não ficava na consciencia, nem na opinião das gentes, e seguindo os termos da prudencia e da razão sahiria melhor para com Deos, e para com o mundo. Santissimo pensamento, e digno de um Anachoreta! porém má disposição de Ministro de quem El-Rei fiava o Reino, e o seu credito. É necessario ao que maneja os negocios do Rei ardilosa astucia acompanhada de reserva; a candura de mani-

festar o que sente, é perigosa. Se o valido assim como persuadia o Rei á paz, e á quietação lhe aconselhara o violento castigo, base da dignidade real, e que extirpa as rebeliões, e é o unico temor da deslealdade, se achara o Infante bem cedo arrependido, e se conheceria indigno da piedade fraterna. Nunca a virtude pode reinar sem contradição, pois que a ambição com que cada um aspira á sua fortuna, a inveja do bem alheio, o inacto desejo de mandar, a persegue, não cessando de tramar-lhe surdamente uns designios tirannos que vem a produzir funestos effeitos. O Infante estava cercado da maior peste da Côrte, a qual se veio a conhecer ordenando seus arbitrios a uma desgraça de inconcideravel grandeza, a qual causa horror ao pensa-lo, pondo de lado o Santo temor de Deos, e da Religião, conforme o dictamen de Machiavelo e sua eschola: e quando El-Rei julgava achar nelle a qualidade de Principe benemerito, se encontrou com a atrocidade em figura de um irmão desleal, disfarçado em uma piedade afectada. Foi esta ultima resposta do Infante preambulo de sua tirannia. Não ha risada mais bem dada do que aquella que se segue a um disparate; assim como é ordinario quando alguem escorrega, ou cahe, riremse os outros em logar de se compadecerem. Não julgo haver proposição mais redicula do que julgar-se um subdito por livre e julgar o superior por culpado, com offensa da Magestade. Mandava o Rei recados ao Infante cheios de afabilidade, e carinhos, mostrando querer ser medianeiro de suas queixas para o deixar satisfeito; o Infante dissimulando nas palavras uma humildade afectada como vassallo, dava a entender em suas obras que obrava como superior áquelle a quem devia obedecer, e estar sujeito. Todos poderião rir do Rei e do valido, pois vião a lealdade

abandonada, o respeito perdido, a dissolução posta em practica, e andavão buscando ajustes podendo castigar com justiça. Necessitão os Reis serem severos para conservar a Magestade, e não ha nelles cousa mais lastimosa que a demasiada bondade. Se o Conde conhecesse que o exercicio de sua occupação não era de Frade Capuchinho, senão de Ministro encarregado do credito de Sua Magestade, e de seu reino, havia arriscar sua vida pela guarda e serviço de El-Rei, e pela conservação das regalias da Magestade, valendo-se para isto da força; e não o desamparar na esperança de que a innocencia o salvaria: porque quebrantando o tiranno pela força, El-Rei se livraria da tirannia, e o Ministro de sua perdição que em parte merecia por sua omissão. Se se dava lugar a que o Infante abonasse, e fizesse publicas suas quimeras como podia deixar de ser tiranno! Se vião que elle pertinaz não queria admittir satisfação alguma, conhecendo-se sua formal maldade, isto se dissimulava, o que se não póde attribuir senão a suma ignorancia e descuido, do qual se valeo para apoiar melhor sua causa, dizendo que faltavão ao castigo della, e que atropelavão a justiça, entregando tudo á razão. Se El-Rei conhecia não haver causa para a queixa, como podia castigar? senão havia crime, como podia haver queixa? Com isto escapou ao castigo que El-Rei lhe podia dar, e que elle havia merecido por muitos principios, especialmente por querer matar o seu Ministro, e o que é sobre tudo, querer violar o Sagrado de Palacio. Enganou ao vulgo em dizer e publicar que era incidiado pelo Conde; aos cavalheiros e nobresa afirmando ser tudo quanto fazia do serviço de El-Rei e do Reino, a cuja voz quasi todos se facilitárão a segui-lo, e do mesmo modo a tudo o que se intentou. Tinha Castello Melhor muito juiso para conhecer tudo

isto, e no coração tinha valor para se expôr a todo o risco que se lhe offerecesse, e todo o tempo de inquietação até sahir de Palacio teve differentes determinações, ora querendo fazer uma defensa manifesta, ora entregando ao tempo o descubrir tudo; mas em fim assentou em se conformar com a vontade de Deos, e deixar o valor, e o juiso em occasião tão necessaria. Discorria-se de Frei Pedro de Souza Religioso de S. Bento Confessor de El-Rei, e Thio do Conde, varão de virtude, o qual depois de tomado o habito viveo com os creditos de Santo, que este depois de começadas as inquietações referidas não se separou de palacio, e do Soberano, e o tinha dissuadido de tudo o que fosse effuzão de sangue, persuadindo-o aos meios mais agradaveis a Deos, e á quietação da Còrte. Esta foi a maior causa da perdição de El-Rei, e da ruina do Conde.

CAPITULO XXI.

I

Convoca-se Conselho de Estado para justificação do valido.

OBSERVANDO Castello Melhor a resolução notoria com que El-Rei enviou ao Infante suas cartas, quiz justificar os termos do seu negocio, fazendo que El-Rei convocasse os Conselheiros de Estado, Chanceller Mór do Reino, e os ministros dos mais Tribunaes para se consultar a proposta feita pelo Infante sobre separar-se o valido da Côrte, e sobre a suspensão do seu Ministerio. Estando todos na presença de El-Rei se lhes leo um papel contendo o seguinte: — « Que fa-
« zendo El-Rei guarnecer o Palacio de Soldados, e

« dobrar as guardas pelas razões que para isso havião
« occorrido, lhe escrevêra Sua Alteza uma carta em
« que se mostrava sentido d'aquella demonstração,
« afirmando ter o Conde de Castello Melhor a culpa
« della, e haver maquinado mata-lo com veneno,
« pelo que pedia a Sua Magestade o depozesse de seu
« Real serviço; ao que respondêra Sua Magestade
« que as prevenções da primeira queixa forão feitas
« por ordem sua, e ao que pertencia á segunda, es-
« tava prompto a castigar o Conde como merecia de-
« licto de tanta ponderação, e consequencia, ainda
« sendo só imaginado; mas a sentença não podia ter
« execução sem preceder prova, e lhe mandava que
« nomeasse a pessoa de quem havia sabido que elle
« incidiava a sua vida, o que Sua Alteza não cum-
« prio. Quer Sua Magestade á vista do exposto que se
« lhe diga, se só pela queixa feita por Sua Alteza
« pode justamente desterrar o Conde da Côrte, e
« suspendê-lo do exercicio de primeiro Ministro; e
« além disso a decente satisfação que convem dar-se
« ao Infante, e no caso de haver prova verosimil do
« crime de que é acusado, que castigo deve dar-se-
« lhe; porem não havendo mais indicio do que a
« acusação do Infante, se será necessario attender á
« fidelidade, zelo, e serviços do Conde, á offensa do
« credito de sua pessoa e familia em que igualmente
« intereça a justiça; o que tudo punha Sua Mages-
« tade na consideração e pareceres de taes Ministros,
« e bons Conselheiros seus, para que conviessem to-
« dos no que julgassem melhor, para que se o Conde
« estava culpado, se castigasse conforme seu delicto,
« e que senão estava, se restituisse á sua honra, que
« em taes acusações podia ter perdido; pois Sua Ma-
« gestade não queria per si determinar cousa alguma
« tocante aos pontos relatados, senão aquillo que ma-

« duramente considerado lhe dicessem que era justo e
« razão; e que para obviar á objecção proposta pelo
« Infante de que conservado na Côrte o Conde, não
« poderião as testemunhas jurar com liberdade, de-
« terminava que fossem todas tomadas em sua real pre-
« sença pelos ministros que o Infante nomeasse; pelo
« que esperava que votassem nesta materia attendendo
« ao serviço de Deos, e ao seu, ao bem commum, e
« ao socego publico, sem attender a respeitos huma-
« nos, e só á rectidão. » Todas estas deligencias
obrou El-Rei por satisfazer ao Infante, porem como
o fim de sua direcção não era a materia da queixa,
nada bastou a satisfaze-lo, para deixar de presestir
em ser necessario que o Conde fosse deposto de seu
officio e retirado da Còrte; (isto era o que desejava)
pois de assim o não fazer faltaria Sua Magestade á
justiça; não sendo facil haver animo que á vista do
poder do valido se atrevesse com liberdade a depór o
que sabia.

II

Consulta e resolução do Conselho.

PODIA El-Rei reprimir os orgulhos' do Infante sabendo que o maior cuidado dos Principes deve
ser separar da Republica os maos para segurar a
quietação dos bons; para isto é Rei, tem leis, Mi-
nistros, e armas. Todo o mundo seria uma tirannia,
a vida não teria segurança, nem socego algum se a
justiça não reprimira a insolencia dos poderosos, e

dos conhecidos por tirannos. Não deve ser tão brando o governo do soberano, que deixe predominar o atrevimento, e tenha por afronta e falta o obrar bem; ficando desta sorte as virtudes pouco acreditadas, e sem serem vistas com a honra que merecem; pois a bondade não deve destruir a justiça, só sim modera-la, e o castigo dos delinquentes é necessario á conservação dos não culpados. Não perdoar nada é crueldade, e perdoar tudo é maior crueldade; e ha delictos tão escandalosos, como este do Infante, que não deve o Rei deixar de castiga-los, ou condemnar-se a si mesmo na perda de sua vida, de seu credito, e do seu reino. Ouvida a proposta de El-Rei por todo o congresso, votárão quasi todos que o Infante não era soberano, senão vassallo, e que assim não fazia sua queixa plena prova, nem se devia considerar o crime de leza Magestade de primeira cabeça. Em quanto a mandar sahir o valido da Côrte, e suspende-lo de seu officio não só era castigo, mas o era de tão alto gráo de afronta para si, e para os seus, que se não devia dar, nem julgar sem mais prova, além da suspeita do Infante mal imaginada, segundo os termos em que as cousas se achavão, consistindo a prova da culpa unicamente na presumpção com que o Infante a queria nomear por tal, sem produzir testemunhas para justifica-la. Que o reparo de ninguem se atrever a depôr contra o Conde pela razão do poder em que se achava, não era digno de admittir-se, pois serião examinadas as testemunhas na presença de Sua Magestade e dos Ministros nomeados por Sua Alteza, os quaes serião de sua satisfação; pelo que não podia allegar fundamento concludente que deixasse de ceder a esta razão; e que em qualquer que allegasse se poderia presumir que havia queixa porem nunca haver culpa. Não seria razão que se dicesse no

mundo que o primeiro Ministro do Reino conspirava contra um Infante, irmão do seu mesmo Rei, sem se proceder para seu castigo na devida averiguação feita pela voz do Rei, e que segundo o resultado se désse o justo castigo ao delinquente, e ao Infante proporcionada satisfação á sua queixa. Ultimamente que não julgavão que houvesse Portuguez algum tão atrevido, o qual intentasse tal crime, pelo que parece se fundava a queixa do Infante em alguma desconfiança, e esta se podia remediar admittindo-o ao governo e aos demais conselhos. Tudo isto contradisserão quatro Ouvidores sómente João de Roxas de Azevedo secretario do Infante, Pedro Vaz Monteiro, criado tambem de Sua Alteza, e os outros dous criaturas suas dizendo que não sendo separado o valido da Côrte, e esbulhado do manejo que tinha, não podia com liberdade inquirir-se contra elle, para ser castigado achando-se culpado, e restituido o seu credito achando-se innocente. Como estes quatro assestião ás conferencias do Infante era forçoso que ratificassem isto mesmo que aconselhárão. Feita a consulta mandou El-Rei assignar os votantes.

III

Avisos que fazem da Junta ao Infante.

Mandou El-Rei dizer pelos mesmos Conselheiros de Estado ao Infante, que attendidos os pareceres de quasi todos, não devia só pela sua queixa separar de si ao Conde de Castello Melhor. Recebeo

o Infante com grandes demonstrações de sentimento este recado, dizendo, que bem se conhecia a intenção de quem manejava estas cousas; pois por uma parte descobria os inconvenientes que havião resultado da separação do valido, da outra ommittindo os que se seguirião não se lhe dando satisfação; em abono do valido se ponderava sua fidelidade, zelo, e serviços, a offensa de seu credito, e de sua familia, o prejuiso dos negocios, o respeito da authoridade real; a nota que haveria nas Côrtes Estrangeiras da justiça com que o Rei devia haver-se em semelhante lance para não proceder sem muita maduresa na culpa do Conde; e quanto á sua queixa que se fundava sobre uma simples presumpção contra o Conde de Castello Melhor que não podia fazer prova, se contentavão com dizer que se lhe daria uma satisfação honesta e decente; não considerando a differença entre um Infante unico irmão do Rei, e um valido. Hia-se já divisando a maxima, pois nem temperança nem modestia, nem prudencia se achava nesta exurbitancia do Infante, o qual dava já a conhecer as disposições de sua tirannia, fazendo um ecco infernal por todo o Reino, de que não havia Rei, nem Ministro; este porque não advertia, aquelle porque não castigava. Só o Principe que é justo, é o verdadeiro Rei; faltando-lhe o adorno de justiça é um homem com alcunha de Rei. A excellencia dos Reis consiste em saber sustentar a dignidade em que Deos os constituio, corregindo os excessos offensivos á Republica e ao Céo, segurando assim o seu credito, como sua pessoa; mas o Rei que dá lugar a um vassallo seu (posto que irmão por naturesa, inferior na Magestade) encher o Reino de desordens, as consciencias de delictos, a faltar á verdade, a obscurecer a justiça, não admittindo razão, fortalecen-

do as infamias, fazendo duvidosas as virtudes constantes, e as fingidas proveitosas; em que espera vir a parar este Reino? Em que se lhe tire o Reino, e mulher, e morrer em uma prizão.

CAPITULO XXII.

I

Sahe a publico um papel, entra a plebe a favor do Infante.

ISTO se passava quando por ordem do Infante se publicou pela Côrte um papel, para que conhecendo todo o povo a sinceridade de Sua Alteza se conhecessem melhor as insolencias do valido, e a injustiça de El-Rei, dizendo que pelo Marquez de Marialva, e Marquez de Sande fôra Sua Magestade servido noticiar ao Infante que estava resolvido a não deixar sahir da Côrte o Conde de Castello Melhor, e para apurar-se a verdade da queixa de Sua Alteza nada impediria o

Conde, segundo os pareceres dos homens Letrados os quaes ordenou se consultassem; que estes pareceres lhe havia remettido firmados, ordenando-lhe se resolvesse a responder-lhe logo, pois que Sua Magestade não podia já relevar o peso de tanta perturbação, causada por semelhantes disturbios, e ainda que elle se acommodava sempre com as resoluções de El-Rei, como a experiencia havia mostrado em todas as occasiões, nesta não podia deixar salva a sua liberdade, para pedir ao Rei com toda a submissão, fosse servido tornar a mandar que se consultasse esta materia practicando-se isto muitas vezes em negocios de menos importancia, pois ventiladas as circunstancias desta se veria que o Reino infalivelmente perderia ao Infante unico, o Rei um Irmão fidelissimo vassallo seu, igualmente seria justo se fizesse reflexão de que era o crime de Leza Magestade de primeira cabeça, que sem descredito seu se não podia entender fizesse a queixa sem accordada informação: que devia El-Rei ponderar que de sua morte havião de resultar mais damnosas consequencias do que da separação do valido; sendo necessario ao Conde para purificar sua fama aclarar sua innocencia; pois o intentar a morte dos Principes não era dificultoso, quando os successos tinhão insinado, que a principal causa da factura dos venenos foi para semelhante fim, e não a de matar os humildes; que da resolução de El-Rei se dava a conhecer que o Conde não consentia que se averiguasse o delicto, pois com mão armada pretendia amedrontar os animos, e querer com a força e violencia decedir uma materia civil, o que nem á authoridade real, nem á equidade da justiça era decente; que inclinando-se o Rei a alguma das partes devia ser á do Infante, tanto pela obrigação do sangue, como pelo amor de Irmão; que em um tal caso em que podia

temer-se tão grande damno como era a morte de um Infante, qualquer indicio era suficiente motivo para se proceder com justo fundamento e não embaraçar que os homens pelos motivos ponderados podessem desembaraçadamente dizer o que sentião para este fim, atemorisados com os aparatos militares, e ruido das armas; esta a causa de não poder assentir á proposta de El-Rei, porque os que depozessem a favor do valido conceberião fundamentos não conformes á verdade de Sua Alteza; não sendo de pouco momento a queixa de um Principe sincero e catholico para a separação que pretendia de um ministro; havendo exemplos em o presente governo que em menores consequencias, e sem legitima averiguação nem admittir immunidades se mandárão sahir da Côrte alguns ecclesiasticos. Que o Infante não pedia que se desterrasse o Conde, só sim que El-Rei o mandasse retirar, em quanto se averiguasse o crime de que lhe não podia resultar perigo algum em sua honra, pois provando-se alguma culpa havia perder honra e vida, e não se certificando conservaria uma e outra, porem que El-Rei não queria que nada disto se ponderasse de parte do Infante, havendo determinado que todas as razões do valido se considerassem com attenção, e finalmente que pedindo o Infante só a separação, se mandou votar por desterro, por cuja razão tinhão sido tão differentes os votos: e que não achou El-Rei razão ao Infante para mandar retirar o Conde por alguns dias da Côrte, e a achou ao valido para o isemptar de tudo aquillo que de justiça lhe devia fazer carga, mostrando-se El-Rei com empenho defensor de sua innocencia, de seus parentes, amigos e confidentes, cujo numero cresceo nesta conjuração publica ficando suspeitoso e com a nota de fugir da averiguação por evitar o perigo da prova, e sendo o

Infante o immediato successor do Reino, em quanto El-Rei não tivesse successão, declarava El-Rei ser a causa do Conde sua, ficando inseparaveis da Corôa os interesses do Conde, e todos os do Infante separaveis, sendo tudo isto occasião para o Conde largar as redeas á sua ousadia, fazendo com El-Rei que não fossem os Cavalheiros ao Palacio do Infante, deixando o costume de assistir-lhe, excedendo com isto os limites de valido, dando a entender ao mundo que El-Rei não seria Rei se elle lhe faltasse de seu lado (e dizia bem) infamando o Infante e a nobresa que o seguia havendo armado o Palacio contra elles com a Cavallaria e Infantaria, abafando a queixa justificada do Infante, pois se conhecia com evidencia ter sido contra elle; por quanto ou elle dava causa a esse armamento, ou devia participar do seu beneficio, se era o primeiro contra elle se havião armado, se o segundo, sendo pessoa real lhe havião dar a mesma defensa; e assim porque o não avisárão do perigo? Porque o não chamárão para poder salvar-se, ou por que não mandárão defender o seu Palacio? Porque se não teve com elle a menor attenção? Logo conhecido está que todos os aparatos e aprestos forão ideas do Conde contra sua pessoa, atemorisando o estado publico e politico, o povo, e o reino, impedindo o obrar com justiça, e até chegar o estado á impossibilidade de conservar a ambos. Por ultimo remate ou se ha-de perder o Infante ou sahir da Côrte o ministro, ainda que a resolução de El-Rei convenha em perder-se o Irmão, que sempre sacrificaria sua vida, a de seus criados, e a dos que estavão ás suas sopas contra as violencias do Conde, pondo-se na precisa necessidade de buscar o retiro e perder a Patria pela quietação publica, pela qual se offerecia a todos os trabalhos, e até perder a vida para aliviar a repu-

blica do estrondo da guerra, e para ficar o Conde com menos embaraço, usando a felicidade de seu valimento; não sendo decente se occultassem as omissões de El-Rei, que se esquecia de sua fama, e ficasse em opiniões a de um Principe que cuidava em justificar seu procedimento.

II

Espalha o Infante voz de partir para França e manda chamar o Juiz do povo e seus vinte e quatro.

Assim que este manifesto se publicou todos os do Infante espalhárão a noticia de que elle passava a servir El-Rei de França. Começou a prevenir-se mostrando que queria fazer jornada: alguns cavalheiros se lhe forão offerecer para o acompanharem: alguns anciãos lhe offerecêrão dinheiro conforme suas posses, outros lhe pedião se não ausentasse da Patria. Respondia que só a Deos era patente quanto lhe custava, e elle sentia vêr-se precisado a ausentar-se della, mas considerando os disturbios que se esperavão lhe era necessario retirar-se por não experimentar os flagelos previstos, se ficasse no Reino; quando podia mais a sem razão de um valido, do que a razão de um Infante. Tinha como digo todo o apresto necessario para fazer estrondosa sua partida por vêr como a plebe tomava esta determinação, para se certificar das disposições dos animos a seu favor, porem reconhecendo que nem a plebe, nem a nobreza se alte-

rava com as suas disposições, e que só havia experimentado a cortezia dos cavalheiros moços se hirem offerecer a seu serviço e a de alguns velhos nas ajudas de custo, sem adiantar a mais o caso com a inventiva de sua partida, usou de uma astucia só ideada pelo diabo. Mandou chamar o Juiz do Povo e seus adjunctos que são vinte e quatro, e lhes disse como as perturbações do tempo não procedião delle, senão da maldade do ministro, o qual não se contentando com o valimento e todo o poder do Rei, e querer dar-lhe veneno, dava indicios de cousas maiores, abusando do grande poder com que se achava, rindo-se da acusação, e deixando-o ficar em sua queixa: que não encontrava outro remedio para o socego de El-Rei e quietação da Côrte, senão o sahir della, e hir buscar os Principes estrangeiros, para que lhe valessem, quando experimentava que El-Rei se esquecia do amor de irmão, e da obrigação de lhe fazer justiça, porem esperava da divina providencia a justificação de sua causa, e que a honra do desengano dos homens do povo serião as suas armas para a defesa, e com ellas venceria a destresa das cavilações violentas da injustiça, que tinha por certo Deos estava por elle, pois tinha de sua parte a razão, e que assim ninguem prevaleceria contra elle, que tendo este Senhor, e a justiça da sua parte, não podia deixar de ter o povo e quem o governava. Ficou o Juiz e os seus vinte e quatro muito desvanecidos, vendo que erão chamados de um Principe, o qual submissamente se valia delles, e logo com grandes signaes de agradecimento da honra recebida lhe promettêrão que nem Sua Alteza havia de sahir da Côrte, nem o Conde ficar nella. A esta offerta o Infante tomando a mão do Juiz do povo lhe agradeceo a boa vontade, mostrada por elle, e seus companheiros, pedindo-lhe evi-

*

tassem toda a violencia em que podesse arriscar-se a menor gota de sangue, e se desvelassem na quietação da Côrte, e socego dos vassallos, segurança do Reino, e tudo quanto fosse do serviço de Deos e do Rei, pois estes erão os interesses a que elle aspirava, e elles devião seguir governando-se pela razão. Com isto se despedírão do Infante, promettendo todo o genero de finezas em seu serviço: os camaristas e os demais forão acompanha-los atê á escada com grandes obsequios de que os vilões ficárão tão desvanecidos, que se determinárão a tudo só para servir ao Infante.

III

Discurso sobre a authoridade do Juiz do Povo, sua criação e do Senado.

ESTA authoridade do Senado, do Juiz do Povo e seus vinte e quatro, está hoje muito desfigurada, valendo só para conseguir maldades, não tendo já em si authoridade alguma, senão ser cabeça da plebe, e convoca-la para o mal ou para o bem segundo seu arbitrio: como succedeo quando o Duque de Bragança se levantou com o Reino, pois senão fôra o Juiz do Povo e seus vinte e quatro, que o aclamárão, e obrigárão toda a Nobreza a fazer o mesmo, não teria effeito uma acclamação manobrada por trinta Cavalheiros desfavorecidos da Fortuna, os quaes a tentárão por esse meio contra os maiores riscos e perigos a que se expozerão. Nesta occasião de

que fallamos concorrêrão muito para se effeituar a tirannia do Infante. É este Tribunal tão antigo que se sabe mal sua origem. Em algumas antigualhas de Portugal que tenho visto, achei uma que afirma que começando a conquista deste Reino pela parte de Galiza quando foi restaurado dos mouros na guerra principiada por El-Rei D. Affonso 6.º cazou este uma filha bastarda com D. Henrique, Principe da Casa de Borgonha dando-lhe em dote a conquista de Portugal, e Titulo de Conde da mesma Provincia. Sendo mui pouca a conquista até alli, este Principe empregou na guerra todos os senhores e cavalheiros, e como estes andavão todos occupados neste exercicio, formou o Conde em todas as terras que hia conquistando um governo democratico de officiaes e homens do campo, para que governassem os povos, e não distrahir da guerra os senhores e cavalheiros. Ficárão deste modo os mecanicos em o governo dos povos com quatro adjuntos que chamárão Mesteres: destes era a obrigação de dar parte ao seu respectivo Senado que se compunha de vinte e quatro homens, e um Presidente que hoje é o Juiz do Povo de todo o mal e de todo o bem que se fazia na povoação, e mais logares de seu districto. É sempre o Juiz um official dos mais abonados e ricos do seu mester. Morto o Conde D. Henrique lhe ficou um filho chamado D. Affonso Henriques que veio a ser o primeiro Rei de Portugal, pois soube pela força das armas fazer-se Soberano. Este tirando-lhe o governo democratico lhe conservou sempre a jurisdicção de protector do povo, para o defender das violencias que lhe fazião os poderosos, formando outro, chamado oligarchico composto de tres homens nobres a que chamão vereadores. Um é Presidente o qual administra a justiça, e um Procurador do povo dos ho-

mens bons delle: este governo dura em Portugal até ao dia de hoje, e com elle se governão Cidades e Villas, e se chama o Senado da Camara.

IV

Papeis publicos contra o Conde e papel em sua defensa.

Quando o Infante julgou a plebe ganhada em suas cabeças, começou logo a semear por toda a Côrte papeis contra o Conde de Castello Melhor, criminando o seu governo, e de que queria matar Sua Alteza com veneno. Levantou-se uma inquietação do povo a estas vozes, e o Juiz delle lhe dizia: — Deitemos, deitemos este Jonas ao mar e cessará a tormenta! — Vendo o Conde offendida sua innocencia com papeis que tanto o injuriavão e descompunhão, fez um papel com toda a verdade em sua defensa mostrando seus serviços, e os de seu pae e avós que forão muitos, e a felicidade de seu governo na defensa do Reino, toda manejada por elle: as armadas sempre providas, o augmento do Commercio e conquistas, e o desinteresse com que providenciara tudo isto, sem ter até áquelle dia recebido mercê alguma, pois em sete annos e meio que era Ministro a não tinha pedido a El-Rei, nem jámais quiz adiantamento com renda, titulo, ou cousa alguma para os seus, que se podesse dizer que estavão melhorados em algum sentido, havendo todos servido na guerra, uns morrendo, outros derramando sangue por seu Rei

e pela Patria. Foi este papel bem visto pelos homens de juiso, pois como nelle se não dizia mais nem menos do que a verdade sabida, e vista, nem os mesmos inimigos o podérão impugnar. Não foi assim a gentalha, a qual como não medita no que é malicia, e falsidade, e vio o seu Juiz tão empenhado pela parte do Infante, fazia zombaria do papel, dizendo que com elle queria enganar o mundo, porem elles se não havião deixar enganar, especialmente em ficar elle na Còrte, depois de querer matar Sua Alteza. Já o mal se não podia tolerar e se devião pôr alguns meios violentos, pois que os linitivos augmentavão a queixa; e que quem passa os limites da natural modestia não obedece a freio que o torne ao caminho da razão e da justiça. Estava o Infante tão desbocado, que corria á rédea solta sem medo de tropeçar. El-Rei só cuidava em prevenções que lhe servião de descredito, e assegurava os inimigos para fazer o que querião em vez de prevenir-se a castigar, facilitava mais o ser tirannisado. Tomou pois o expediente de enviar proprios a todos os Governadores das armas das Provincias, fazendo-lhes saber que a causa que o Infante movia, e por lá podia correr não estava a favor do Infante e fez tambem aviso á armada, que andava guardando a Costa para que se recolhesse: escreveo ao Conde de S. João que era o Governador das armas de Traz-os-Montes e Camarista do Infante, que não deixasse sahir pessoa alguma da sua Provincia sem ordem da Secretaria, julgando que com isto segurava as armas terrestes e maritimas. Porem qual havia de ser o successo de avisos tão desencaminhados e errados? Se El-Rei mandara aquillo que lhe podia segurar a Corôa, isso lhe valera para se não vêr na desgraça em que se achou. Devia mandar se cortasse a cabeça ao Conde de S. João,

executar o mesmo no Marquez de Marialva que era Capitão general do Alemtejo, outro tanto ao Conde da Torre Mestre de Campo General da Estremadura; nem escapando D. Rodrigo de Menezes o primeiro papel desta tragedia; então eu lhe segurava o acerto, pois não era necessario para sua segurança senão uma divisão entre estas quatro cabeças e seus corpos. Mao officio é o de Rei, pois só pode segurar-se cortando cabeças.

CAPITULO XXIII.

I

São chamados pelo Rei os do povo, e reprehendidos; corrompe-se segunda vez; carta de El-Rei ao Infante e sua resposta.

TAMBEM El-Rei mandou chamar ao Juiz do povo por ter noticia de que elle e seus vinte e quatro estavão sobornados pelo Infante para indisporem o Conde de Castello Melhor, como elles havião publicado; e lhes disse vissem o que fazião, cuidando antes de socegar a plebe, do que alvoroça-la, estando-lhes aquillo bem, e isto muito mal; devendo evitar as occasiões de perigo para não chegarem ao excesso de alguma sedicção sanguinolenta, e não se intromettesse o povo n'aquillo

que só pertencia á justiça e por ella havia ser decidido; pois elle estava certo que toda a violencia intentada pela plebe nasceria meramente a impulso delles, e assim só elles o havião pagar; e quando os prevenia do risco não desejava chegar ao termo de os fazer castigar. Não ficárão gostosos o Juiz e seus vinte e quatro com a advertencia dada pelo Rei, antes mui temerosos. A semelhante gente como lhes falta o valor e juiso, qualquer encontro lhe rebate os fumos do coração. Ficárão socegados por algum tempo, mas vendo que não prevalecia a parte do Rei, hindo a do Infante ao galarim, começárão a inquietar-se desaforadamente. Ainda El-Rei e o Conde não querião conhecer o estado das cousas que se não remediava sem o recurso das armas; ainda os enganava o coração pertendendo vêr se com suaves palavras podião abrandar a feresa do Infante pertinaz na sua queixa tanto quanto hiremos vendo. Escreveo-lhe El-Rei outra carta do theor seguinte: — « Mui honrado « e amado Irmão, como aquelle a quem muito esti« mo e quero: espero do vosso amor que hoje vos « acomodeis á minha resolução, ficando-me o reco« nhecimento de que sabeis, que aquella que hoje « tomo é sempre a que mais convem a mim e a vós; « quero-vos como a filho, e quando não houvera « mais do que esta razão ella fôra poderosa e bas« tante para desejar-vos o que melhor vos estivesse. « Estou prompto para fazer justiça quando se ave« rigue o crime; e em quanto á ausencia que dizem « quereis fazer, quero que vos deixeis deste pensa« mento, e venhaes para mim que me achareis com « os braços abertos para sempre receber-vos nelles « com aquelle amor que pede obrigação tão grande « como a de ter-vos por irmão, por amigo, e por « filho. » Já estas cartas de El-Rei tinhão mais de

medo, e engano, do que infundião respeito, pois com palavras carinhosas queria dissimular as quimeras, e cautellas do Infante, e sabendo que era artificiosa a voz deitada de sahir do reino, e maliciosa a queixa feita do Conde de Castello Melhor, lhe pedia não sahisse, pois estava prompto para lhe guardar justiça, averiguando-se o crime; e que o quizesse vêr. Oh! e quanto pode o affecto, sendo verdadeiro! Pelo contrario quam indomita, e desabrida é a infedelidade e a traição! Como o Infante estava possuido deste mal contagioso, era impossivel obrigar-se de expressões amorosas de que El-Rei o amava como irmão, e amigo: o seu mesmo delicto fechando-lhe os olhos a respeito de Deos, e dos homens o levava aó despenho da desesperação; antes entendia que El-Rei o aborrecia como inimigo, pois via que cercado de armas o mandava chamar para o receber; porque o que é traidor sempre se acautella com a desconfiança, julgando que lhe pode succeder o que maquina contra os outros; sendo que os Principes em suas differenças nunca se devem fiar uns dos outros, pois dado o caso de se darem por desentendidas do aggravo, nunca o odio se extingue de sorte que não deixe reliquias, e semente; nesta consideração sempre seria menos máo o partido do que se declarasse inimigo. Conhecia El-Rei o descomedimento do Infante pois não queria sujeitar-se a algum partido dos promettidos e propostos; que maior causa do que esta para o authorisar a usar do castigo? E se o Infante apesar de todas as demonstrações carinhosas de El-Rei via que elle estava cercado de armas, e abonava as partes do Conde, e que o não esperava com os braços abertos mas com as armas na mão é porque estava culpado, e obrava cauteloso; e como havia de avistar-se com El-Rei, sendo seu fim a tirannia? Este pelo contrario com a

satisfação e segurança de soberano, nascida de sua dignidade e bondade natural queria acommodar as cousas de modo que o Infante ficasse satisfeito e Castello Melhor em seu valimento; pelo que elle mesmo causou os rigores da mais inhumana tirannia urdida pelo mais cruel irmão. Respondeo este á carta de El-Rei dizendo, que não podendo conseguir de Sua Magestade se examinasse de novo sua queixa, sendo ella da qualidade que a todo o mundo constava, visto Sua Magestade ter tomado esta resolução, dava a entender queria esquecer-se de todo o requerimento, ficando por este motivo excluido de poder repeti-lo; com tudo passava a beijar a mão de Sua Magestade pela honra que lhe fazia no que ultimamente lhe mandava dizer; e o não hir pessoalmente pôr-se a seus pés, era por ter tão justificada a sua escusa, como devia julgar Sua Magestade, pois havia permittido que prevalecesse em Palacio com tanta authoridade um homem que não sómente lhe queria tirar a vida, senão que elle mesmo se tinha professado réo, fazendo prova contra si em não consentir que se entrasse na averiguação do seu delicto; isto supposto lhe não era seguro, nem decente, poder entrar na casa do seu Rei e irmão, mas pedia a Sua Magestade conhecesse a lealdade de seu coração, com a qual o veneraria sempre como a pae, e o serviria como a seu Rei e Senhor.

II

Trabalha-se um honesto impedimento á sahida do Infante mediando um Jesuita.

Com esta resposta enviada pelo Infante a El-Rei dava este bem a entender sua malicia, e para augmenta-la mais reforçou a voz de que decedidamente deixava a Patria pelas insolencias do Conde; pois via que não obrava como valido, senão como soberano; querendo absolutamente livrar-se do crime, e consegui-lo com mão poderosa. Negociava o Infante com o povo secretamente o impedimento de sua sahida com pretextos frivolos e aparentes que o incitavão a muitas desenvolturas; como tudo isto se conferia com a Rainha particularmente, resolvêrão que ella fosse a medianeira para impedir que o Infante sahisse do Reino, e podesse desculpar-se, dizendo que pela attenção que devia á Rainha não punha em execução sua partida. Buscárão para este fim os meios mais decentes, e como podessem introduzir esta practica e faze-la publica. Aqui entra agora a fazer seu papel um Jesuita confessor que era da Rainha; este se julgou habil por todas as circunstancias para o intento; este pois torno a dizer com o polido de suas clausulas composição de suas acções, e suave methodo de suas palavras soube dar tão boa conta da sua commissão, que sendo dos ultimos nesta tragedia, é dos primeiros em merecer a palma pelo que obrou. Por este Padre enviárão da parte da Rainha a dizer

ao Infante, se teria Sua Alteza a bem, e levaria em gosto que ella entrasse na composição d'aquelle negocio, e igualmente lhe pedia com encarecimento quizesse suspender sua jornada em quanto melhor se tratasse do ajuste das cousas. Cahio ao goloso a sopa no mel, como dizem. A este recado tão bem soante quanto elle queria, e desejava, respondeo o Infante que obedeceria a tudo quanto a Rainha determinava como a lei inviolavel, agradecendo a Sua Magestade querer restabelecer o socego, e quietação sua com tão soberano cuidado, elle se considerava sumamente obrigado á fortuna por lhe promover na presente occasião o maior gosto e satisfação qual era para elle o mando de Sua Magestade. Não se fallou mais em jornada, e o Santo Jesuita, proseguindo em seus bons officios pelo respeito da confessada, se foi com esta resposta buscar a todos que conjecturava seguião o partido do Infante e do Castello Melhor, dizendo que o negocio estava em bom estado (como depois veremos) que rogassem a Deos pela concluzão delle pois a Rainha o havia tomado á sua conta, querendo ser medianeira do ajuste, assim a respeito de Sua Alteza como do valido. acrescentando que lhe parecia que em oito ou dez dias que o Conde estivesse retirado de Palacio receberia Sua Alteza suficiente satisfação, (dizia bem porque só o Conde era a remora que embargava o complemento de sua perversa tirannia) Sua Alteza não tornaria a repetir sua queixa, pois era necessario que recebesse alguma satisfação com que se conhecesse a desigualdade de um vassallo a um Infante. Ha enredos bem afortunados, e este o foi no seu tanto, de sorte que conseguio lograr o termo a que o dirigirão seus authores. Foi isto publico e chegando á noticia de El-Rei e do Conde, fizerão sua conferencia ácerca do ponto, e pareceo-lhes que no

Infante não havia segunda tenção, sendo seu rancor só com o Conde, como mostravão os factos até alli obrados, nos quaes estava salva e intacta a lealdade ao soberano: assentárão que era bem se fizesse a vontade do Infante, se a mediação da Rainha fosse justa, e não offendesse o credito de Castello Melhor, e o serviço de Sua Magestade, sendo melhor uma boa concordia, do que uma guerra violenta.

III

Manda a Rainha chamar o Conde, e lhe falla, do que passa avisa ao Infante, e este lhe responde.

SENDO a Rainha a primeira Dama nesta representação, ainda que a temos visto por muito tempo retirada, não deixava de fallar á parte, agora aparece tratando este negocio com tanta efficacia, como pedia o empenho, e interesse nas façanhas do Infante. Mandou por tanto chamar ao Conde de Castello Melhor, e lhe disse que pelas perturbações que havia na Còrte e corrião por todo o Reino, intentava o Infante sahir delle, e perder a Patria por cuja causa se podião temer alguns movimentos, incommodos á paz e quietação de todos; que seria acção indigna da sua prudencia e do seu zelo usar do poder do Rei para que Sua Alteza sahisse por força, ou o pozesse no risco de intentar alguma cousa contra as armas do Rei; pois forçosamente se havia deffender da offensa que com ellas lhe fizessem; e esta desordem inverteria o so-

cego publico e segurança do Reino em um tempo que se achavão as armas de Hespanha ávista de Portugal, á espera de qualquer máo successo para que aproveitando-se delle o fizesse mais calamitoso; que devia entender que Sua Alteza era o Infante unico herdeiro de Portugal em quanto El-Rei não tivesse a successão desejada; e que sendo elle um vassallo, ainda que ministro, sem mais prerogativas do que as que El-Rei lhe queria fazer, não era razão suppor ao Infante de menor credito, e suspeitoso na sua acusação; que a maior prova nos Principes é chegarem a dizer que sabem uma cousa, para logo ficar com todos os requesitos de justificada; que elle bem conhecia pareceria injusto Sua Alteza ficasse mal, e elle acreditado; isto supposto devia ceder por uns poucos de dias da assistencia da Côrte; e para que Sua Alteza entendesse que elle fazia alguma demonstração de rendimento devia o Conde conformar-se mais com a modestia, do que com a violencia; e ella lhe promettia fazer tão bons partidos e graças com Sua Alteza, que em breves dias tornaria ao exercicio de seu ministerio, pois para o melhor exito deste negocio sempre era necessario dar alguma satisfação a quem estava offendido, a qual não se pondo em practica ou um ou outro havia sahir da Côrte; porem devia entender que o amor e interesses publicos da Patria asseguravão a Sua Alteza todo o bom successo, e assim não se fiasse no valimento que tinha, pois podia decahir delle facilmente, e não julgaria então mal ter seguido o seu conselho, sendo este conforme ao bem commum e á sua conveniencia. Quiz o Conde responder porem ella atalhando-lhe disse: — « Eu não « pertendo satisfação, senão só saber se as minhas « reflexões vos obrigão a retirar-vos da Côrte; se o « fizerdes saberei agradecer-vos, e quando não vos

« não tornarei mais a fallar. » A isto disse o Conde que se faria quanto Sua Magestade ordenasse, segurando-se-lhe antes que sahisse do Palacio sua pessoa credito e honra, e dizendo-se-lhe a forma e modo com que devia sahir. Assegurando-lhe ella uma e outra cousa, acrescentou — que d'alli em diante brilharião mais os resplendores do seu credito, e seria maior a segurança de sua pessoa no manejo de sua occupação: deo-lhe papinha e o enganou como a um menino. Mandou a Rainha logo aviso por escripto ao Infante, dizendo que ella agradecia a Sua Alteza o te-la aceitado para medianeira, e quizesse suspender sua jornada, pois no caso de El-Rei se conformar com que sahisse da Côrte o Conde, deste já o tinha conseguido; agora convinha saber-se em que forma queria Sua Alteza que elle sahisse, para que lugar, e como se devia segurar sua pessoa. Ao que respondeo o Infante — que só de sua real authoridade se podia esperar o conseguir-se com tanta brevidade negocio de tanta importancia, e assim Sua Magestade devia nomear o logar em que estivesse o Conde com toda a segurança; e que sahindo o Conde da Côrte ficaria sempre pelo que Sua Magestade se servisse dispôr, pois não faria outra cousa senão o que lhe ordenasse.

IV

Notavel perfidia da Rainha; grande cegueira do Conde.

Pareceo a El-Rei e ao Conde que o intento da Rainha era a paz e a união de ambos os irmãos, sem poder-se presumir que intervinhão nesta mediação effeitos de malicia da parte da Rainha. Quem havia de ser tão temerario que julgasse que a propria mulher maquinava a ruina de seu marido seu Rei e seu Senhor! Tiverão para si El-Rei e o Conde que com a retirada deste da Côrte socegaria o Infante, e passados bem poucos dias tornaria a seu exercicio; e como isto era intervenção da Rainha crêrão que não faltaria o Infante ao que ella ajustasse a favor e satisfação dos dous (que necedade!) sendo ella o cutello mais afiado que um e outro tinhão contra si. Depois de ter o Conde toda a razão de desconfiar, que a negociação da Rainha não era livre de suspeita, pelo que me persuado, ou Deos lhe perturbou as especies intelectuaes e o discurso em tão manifesto risco, ou o cegou por seus altos juizes para não vêr o que passava, nem saber o que fazia; parecendo-lhe conveniente cumprir a vontade do Infante retirando-se alguns dias da Côrte para que aquietando-se com isto as perturbações não fossem mais adiante, nem chegassem a maior ruina, dando nesta ausencia a reconhecer ao povo e ao mundo que a queixa do Infante era fingida só a fim de paliar o

delicto de o haver querido matar em palacio, e sabendo que tinha querido executa-lo, ainda se fiou em suas palavras, e muito bem se conheceo, pois apenas o vio retirado, logo o Infante suspendeo a sua primeira queixa, lançando mão a outras não menos convenientes a separar do lado de El-Rei todos aquelles que restavão capazes de impedir sua tirannia, e se conheceo quão máo coração o animava nas occorrencias deste negocio. Traidor! pois devendo aspirar a que se fizesse uma exacta averiguação da culpa de que criminava o Conde, não só o não fez, mas disse que se pozesse em esquecimento para sempre, quando seu mesmo credito pedia a justificação e se houvesse culpa ceder do castigo como Principe: só sim depois de vêr o Conde retirado, despindo a mascara que tinha afectado sua maldade, começou a perturbar tudo de maneira, que nem o Conde podesse tornar mais a palacio, nem os que assistião a El-Rei permanecessem nelle, e reduzido o Rei a este estado, não tivesse de quem se valer, nem se fiar, nem se aconselhar; e obrando desta sorte queria mostrar que se o Rei e o Conde havião cahido em erros politicos, elle seguia o rumo da razão, e enganando ao principio com estas cautellas embustes e hypocrisias conseguio aplausos, porem descuberto o enredo se cobrio das afrontas merecidas por seu delicto.

V

Remette o Infante um seguro para o Conde sahir livremente; despede-se de El-Rei, e se retira, e lhe levantão um fatal testemunho.

Reduzidas as cousas a este estado, enviou o Infante a carta de seguro á Rainha para o Conde poder sahir do Palacio sem receio, e com toda a segurança de sua pessoa: nella dizia que promettia a Sua Magestade debaixo da fé de sua palavra de não intentar cousa que podesse offender o Conde e para esse fim e para mostrar quam poderosa tinha sido a intervenção de Sua Magestade, queria que se pozesse silencio em sua queixa, como se tal cousa se não tivesse intentado, e que sua volta para a Côrte ficasse á vontade e disposição de El-Rei. Logo que a Rainha recebeo esta carta do Infante a remetteo ao Conde o qual foi dar parte a El-Rei, e beijar-lhe a mão para fazer sua jornada, e vendo que o papel do Infante rematava dizendo — que a sua volta ficaria á disposição de El-Rei, lhe ordenou que seria mui breve: porem não ha que fiar em palavras de inimigos, pois o mais certo é enganarem com ellas para melhor conseguirem sua malevola intenção. Beijou a mão a El-Rei, e este se despedio com um abraço, e dando-lho lhe disse — « Conde, olha que d'aqui a oito dias has-de estar em palacio. » Com verdade se pode dizer que Deos, querendo salva-los, lhes tirou o juizo, e os tornou ao estado de inno-

cencia, para o Infante poder completar tudo o que havia intentado; pois não havia pessoa, ao retirar do Conde, que não suspeitasse mal das acções do Infante por descomedidas com o seu soberano. Porem o Conde com tantas experiencias e perigos de que se havia livrado, ainda se fiou de quem sabia que o queria matar: muito mais tendo dito o Infante que não podia segurar-se, senão tirando-lhe a vida. Segredos são de Deos, e só a elle reservados, não conhecidos pela nossa pequenez! Determinada pois ao Conde a parte onde havia retirar-se, se foi a um convento de Religiosos Franciscanos junto de Torres Vedras, sete legoas distante da Côrte. Sahio acompanhado de toda a Cavallaria da Côrte e de alguns particulares, e amigos, os quaes levárão a volta por certa, e se assim o não entendessem nenhum houvera feito a demonstração referida. Continuou o Infante em sua maldade, realçando a quimera, e a desordem a fim de colorar sua danada intenção, e adquirir credito com o povo (estava já perdido com as pessoas de Juizo). Começou pois esta nova invenção dizendo que quando elle andava acommodando as cousas para a quietação de todos, e a Rainha empenhando sua authoridade para que se lhe désse a satisfação mais urbana que fosse possivel, conformando-se a isto, por dar gosto á Rainha, tratava o Conde secretamente a ruina de Portugal, tendo persuadido a El-Rei que se passasse ao exercito do Alemtejo, para vêr se podia vencer com as armas, o que a razão defendia; porem se achava dificuldade da parte de El-Rei, o qual repugnava sahir da Côrte, por se não desapossar dos vicios e máos costumes que nella tinha; que vendo o Conde que não podia sujeitar El-Rei a esta resolução, tinha concluido que não havia em que esperar, nem se podia fiar na curta capacidade do Rei, e se havia

partido a seu retiro, lastimando ausentar-se por não ter Rei que podesse defende-lo e segura-lo. Até agora era externamente a teima só com o valido (no interior sempre foi com o Rei) agora já principia a tratar El-Rei de incapaz (este era o adjuncto de que precisavão) e o Conde de pernicioso, e falso porque dizião que queria perturbar o socego publico, pela ambição de seus interesses. Tudo isto se publicou pela Côrte, a fim de cohonestar a traição, pois fazendo o Conde odioso ao Povo, e infamando o Soberano de vicios, e de incapacidade para o bem commum, facilitavão ao Infante a usurpação da Corôa que tirannamente adquirio.

FIM DO 2.º LIVRO.

ANTI-CATASTROPHE.

TERCEIRA PARTE.

LIVRO TERCEIRO.

CAPITULO I.

I

Vai o Infante beijar a mão a El-Rei; novas imposturas ao Conde; réflexões sobre tudo isto.

Assim que se retirou o Conde de Castello Melhor, foi logo ao outro dia o Infante gostosamente beijar a mão a El-Rei como sua hypocrisia pedia, dizendo-lhe que só Deos sabia qual era o sentimento que havia tido de haver causa que o separasse da assistencia de Sua Magestade, e o privasse da fortuna de estar em todos os instantes a seus pés, porem a temeraria ambição de um homem, cego pela vaidade, e enganado da cobiça havia alterado tudo em tal maneira, que fazia que Sua Magestade visse tudo differente do que era: e o tinha posto a elle em tal aperto como se tinha visto, pois conhecendo as cousas não podia remedia-las, como devia: porem que sempre estaria á obediencia de Sua Magestade, como vassallo, amigo, e irmão, e que o conhecer-se obrigado supunha Sua Magestade o teria sempre por tão certo como mostraria a experiencia, ainda que algum impulso contrario o

contradicesse. El-Rei lhe fallou indiferentemente, não contradizendo as suas razões, nem tão pouco animando as suas esperanças; mas com agrado de amigo e de irmão lhe ordenou que d'alli por diante lhe assistisse. Parecia a todos que com a retirada do Conde tomarião as cousas melhor semblante, porem succedeo pelo contrario do que se presumia. Como a intenção do Infante e dos seus, era deitar fora da Côrte o Conde, para poderem obrar com liberdade (no que entendião bem, pois estando nella nunca poderião consegui-lo) começárão logo a argui-lo de novas imposturas, inventando que lá do retiro, onde estava, influia em os desacertos de El-Rei; e aonde não chegava sua voz, chegavão seus dictames, guardando El-Rei na ausencia a mesma obediencia, que guardava na presença, acomulando novas cousas ás que já havia, sendo tão exurbitantes as maquinas urdidas pelo Infante e aquelles que o seguião, e lhe assistião que ainda umas não acabadas, principiavão outras maiores. Havendo Sua Alteza experimentado, que hindo beijar a mão a El-Rei, e deitar-se a seus pés, não o recebeo com os braços abertos, como havia promettido, nem lhe dissera palavra, sendo tão poderosa a valia do Conde para com El-Rei, que delle não tirava os sentidos, suspendendo-os todos a respeito do Infante, sendo o Conde tão senhor da graça, e do valimento, que sem juiso temerario era sua privança privação dos poderes da Magestade, pois tendo-se concordado com a Rainha, que nem El-Rei, nem o Infante fallarião mais no succedido, El-Rei havia passado os limites desta proposta, pois pedindo-lhe o Infante licença para passar a beijar a mão á Rainha, só com a cabeça lhe dera a entender a concedia, não lhe merecendo esta permissão de palavra, e fôra necessario a Sua Alteza interpretar a resposta para ha-

ver de fallar á Rainha, e agradecer-lhe o favor que lhe havia feito na sua causa; e que parecia ter sido providencia divina querer a Rainha solicitar a quietação de Sua Alteza. Tudo quanto estes homens inventárão era falso, pois El-Rei ainda que com poucas palavras sempre recebeo o Infante com agrado; porem como estava costumado, antes destes disturbios, a que El-Rei lhe fizesse bom acolhimento, misturado ás vezes de algum gracejo levado do amor que lhe tinha, agora reparava o vêr-se tratado com alguma frieza, mas não devia estranhar o acha-lo agora diverso, pois que era a primeira vez que lhe fallava depois das grandes inquietações; justo motivo para que o Rei o tratasse antes com o serio da magestade do que com os carinhos de irmão. Isto sentio o Infante e o arguio de crime, e tendo seu coração tão longe do bem, e tão junto á iniquidade contra o Rei, queria que este o recebesse como amigo e irmão, e não como offensor, e perturbador de todo o Reino; mas estando engolfado no abismo de sua crueldade, a elle só encaminhava suas operações, buscando pretextos para ella, e para suas desculpas. Foi todo o seu desvelo tirar o Conde do lado do Rei, pois estava certo que em quanto aquelle lhe assistisse, seria dificultoso intentar cousa que lhe não sahisse arriscada, pois sem embargo de ter grande sequito, e, entre os seus parciaes, homens de grande valor, a plebe comtudo não se lhe mostrava muito firme, pois é tão pouco segura sua constancia, que não sendo de repente e em turbilhão, ninguem se fia da sua resolução, como depois se vio: sendo certo que os que compunhão o sequito do Infante, e a plebe nunca julgárão que se intentava contra o Rei a menor cousa. O Conde de Castello Melhor neste caso tinha as armas do Reino, além dos seus parentes, e ami-

gos, todos os que erão seus dependentes muitos, e de singular valor, e não usou de uma, nem de outra cousa; podendo valer-se de tudo isto, não quiz, por dar a conhecer ao mundo que seu valimento se não estabelecia no vencimento das armas, senão em a razão e paz de todos.

II

Imposturas contra os que ficárão com El-Rei, com especialidade contra Henrique Henriques de Miranda.

JÁ acima dissemos, como retirado o Conde começou a impostura de novos testemunhos, os quaes comprehendêrão os que ficárão com El-Rei e erão bem vistos delle; conseguintemente os fizerão padecer, pelos mesmos fios, as perseguições experimentadas no rigoroso manejo da mais insaciavel tirannia, como veremos. Queixava-se o Infante, (que insolencia!) que desejando assistir em Palacio para gozar da graça de El-Rei, havia muitos a impedi-lo, não querendo que elle entrasse por temerem que os deitasse fóra, impondo-lhe muitos achaques sem consciencia nem temor de Deos, para El-Rei o não admittir á sua communicação, e assistencia; e que tendo conhecido a Rainha (outra boa peça) o animo de que El-Rei estava para com elle, lhe tinha feito aviso que não aparecesse por algum modo em Palacio se queria viver, pois havia muitos a maquinar sua morte; e vendo elle o desagrado com que El-Rei o

tratava havia dado credito a este aviso, e dizia que tudo era causado por aquelles a quem El-Rei dava ouvidos, aconselhando-o a não mandar retirar os terços, e a cavallaria que tinha na Praça do Palacio, antes lhe incorporasse outras companhias de Infanteria; e que buscando a El-Rei para servi-lo, como vassallo, para obsequia-lo como irmão, tratando do bem e socego geral, cedendo das offensas recebidas só por consegui-lo, conheceo evidentemente ser verdadeiro o tal aviso, e serem todos os desvios de El-Rei, e prevenções de guerra contra elle, e seus criados, e os que seguião sua razão. Sabia muito bem que alguns criados de El-Rei se havião deixado dizer, que algum dia havião de amanhecer muitas cabeças cortadas. Com estes espantalhos fabulosos que o Infante e os seus deitavão pela Côrte hião aperfeiçoando a maranha, arrimados sempre ao embuste, que era o seu principal refugio, para não parecer excessivo o que hião executar. Erão inconsideraveis os embelecos que a todos os instantes espalhavão pelas praças e ruas da Cidade, pois ainda temião oposição das armas que vião da parte do Rei; dizião que a defesa era uma cousa tão natural aos homens, que della devião lançar mão para segurar-se dos insultos e extorções de seus inimigos, para que evitando assim a sua violencia servissem com mais acerto a Sua Magestade; punhão toda a culpa a Henrique Henriques de Miranda de persuadir a El-Rei o odio contra o Infante, pois sendo substituto do Conde de Castello Melhor, dizião que El-Rei se governava pelo seu dictame, solicitando a ruina do Infante, buscando perniciosos meios para o augmento de ambos, sendo Senhor absoluto da vontade do Rei. Isto é o que dizião; vamos ver o que querião obrar com Henrique Henriques de Miranda, pois de taes antecedentes

não deixa de presumir-se alguma consequencia de falso testemunho pouco mais ou menos.

III

Do que o Infante obra contra Henrique Henriques de Miranda.

Foi sempre este cavalheiro muito bem visto de El-Rei, e não quiz jámais metter-se em cousa alguma do governo politico. El-Rei o fez senhor de toda a administração de portas a dentro do Palacio, como já dissemos; não como officio, mas como criado a quem pertencia o governo da casa; era este, amigo de tempo antigo do Conde de Castello Melhor. Retirado o Conde ficou Henrique Henriques com o mesmo Governo, sem se querer adiantar em outro algum. Assistia a El-Rei ordinariamente o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo, homem não menos douto que experimentado nos negocios politicos, e bom christão: assistia outro moço da Camara chamado Manoel Antunes, e estes dous erão muito do agrado de El-Rei: com esta occasião lhe advertião algumas cousas de importancia á sua dignidade, á conservação do Reino, e á de sua pessoa; porem como do cume de suas maquinas achasse o Infante, e descobrisse que Henrique Henriques de Miranda, e o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo erão homens de probidade, e todos seus conselhos e disposições lhe farião grande damno, estorvando-lhe o obrar livremente o premeditado, usou desta traça:

ao Secretario de Estado quiz ganha-lo e atrahi-lo a si com todo o esforço, e meios proprios e possiveis para isso, porem em vão, pois jámais pòde conseguir delle o pretendido, porque era grande a estimação que tributava ao seu Rei, como bom ministro; a de Henrique Henriques e a de Manoel Antunes procedia mais de amor, e simpathia natural, que de outro merecimento; estes dous recebião os dictames do Secretario de Estado, e os persuadião a El-Rei, como mais dignos de seu real apreço com a excluzão de outros. Isto se passava quando o Infante quiz, deixado o caminho, correr pelo atalho, querendo acabar com Henrique Henriques de Miranda, e separa-lo de El-Rei morto, ou vivo, que como era cavalheiro de suposição, e sequito, poderia obrar mais que nenhum dos outros. Antonio de Sousa de Macedo, e Manoel Antunes corrêrão a mesma fortuna, como adiante se verá. A Henrique Henriques de Miranda o atacou um acidente tão forte que se julgou não escaparia; e estando de cama o foi vêr El-Rei algumas noites, muito em segredo, que a não revela-lo Roque da Costa Barreto ao Infante nunca se viria a saber. Fizerão destas visitas grandissimos misterios, como se fôra o primeiro Rei que praticara com seus vassallos esta humanidade. Dizião que não era decoroso ir vêr um criado, sem ter mais realces além dos de cavalheiro particular; e assim convinha muito separa-lo de El-Rei, pois conhecendo-se pelas visitas o muito amor que lhe tinha, se desvaneceria tanto que deitaria a perder El-Rei, e ao Reino com atrocidades que faria obrar, e se poderia temer que em circunstancias excedesse o Conde de Castello Melhor, pois isto era o que havia arruinar o Infante para melhorar seus interesses, e os de seu grande amigo Castello Melhor. Nesta suposição era mais conforme á paz

publica, e bem geral cortar a cabeça a esta hydra inimiga do socego da Patria. Com estas envenenadas patranhas pouco honestas, e decentes queria o Infante e os seus com a falsidade, e sem razão destruir a innocencia para melhor estabelecer a tirannia.

IV

Manda Sua Alteza matar a Henrique Henriques de Miranda, e este escapa.

Depois de publicar tudo isto, vendo que era do agrado da plebe, e que, como sempre propensa para o mal, se excitava tambem contra Henrique Henriques de Miranda, tratárão de o matar publicamente no meio do dia. Já em outro logar tratamos sobre este assumpto, porem reservei para este logar o tratar por extenso. Buscárão para esta boa obra (testemunho fiel, e efficaz das qualidades, e virtudes do Infante) a dous homens que nem fossem criados de Sua Alteza, nem se podesse presumir que fossem por elle mandados, os quaes esperando a Henrique Henriques de Miranda na Praça do Rocio, que era o caminho para a sua casa o matassem. Não pôde isto tratar-se com tanto segredo, (Deos o ordenou assim) que se não soubesse; pois sahindo de Palacio para sua casa ao meio dia o estava esperando á porta da capella Pedro Jaques de Magalhães, General da Armada Real, e seu intimo amigo; este o avisou de o esperarem no caminho para o matarem, e metendo-o comsigo na sege o levou, e Henrique Henriques

mandou a Liteira para casa, e chegando á Praça, onde o esperavão, se lançárão a ella Ayres de Figueiredo, Sargento Mór da Villa de Aveiro, e Aurelio de Miranda. Estava cada um com sua clavina na mão, e mandando parar a liteira, e correr as cortinas della, não achárão em quem empregar seus tiros. Logo dez ou doze criados do Infante que estavão de escolta para defenderem os matadores, voltárão a casa de seu amo a dar conta do succedido. Divulgou-se logo isto pela Côrte, dizendo-se que aquelles homens levados só da força do zelo intentárão matar a Henrique Henriques, pois estava por seu malevolo proceder no desagrado do povo; e se desta vez se livrou do perigo, em outra não escaparia de sua furia; pois sabendo-se que estavão as cousas socegadas, elle as alterava de sorte, que nunca tinhão chegado ao pessimo estado em que elle as tinha posto. Considerando Henrique Henriques de Miranda a confuzão em que tudo estava, e o pouco respeito que já tinhão ao Rei, pois o sagrado do seu amparo lhe não valia para publicamente deixarem de o querer matar, e já tinhão feito sahir da Côrte o Conde Ministro, dizendo que este maquinava a morte do Infante, vendo que cada dia se augmentava mais a desordem na Cidade sem mais causa que quererem amotinala, considerando que não havia pretexto para o fazerem retirar da Côrte, senão a suspeita de elle, como criado fiel, aconselhar a El-Rei algumas cousas que lhe redundassem em bem, e mal ao Infante e aos seus designios; vendo que de sua assistencia na Côrte só tiraria a limpo uma morte violenta, pois não podendo queixar-se delle dissimuladamente lhe tirarião a vida, determinou retirar-se como logo fez, e se foi áquella parte em que o Reino confina

com Galiza; e ainda que o Rei o quiz levar para palacio, e conserva-lo na sua companhia, elle se escusou, pois conheceo muito bem estar o Rei perdido e aquelles que o seguião.

CAPITULO II.

I

Do recado de El-Rei para o Infante; sua maligna interpretação; e resposta que o Infante dá pela Rainha.

PELO Mordomo Mór da Rainha mandou El-Rei um recado ao Infante, no qual lhe dizia que n'aquelle dia havia de haver Conselho de Estado, a que estimaria se achasse presente. Fez o Infante, e os seus delicto deste recado, dizendo, que os que corrompião El-Rei por evitar os perigos com que os ameaçava o povo havião aconselhado a El-Rei a fazer vir o Infante para palacio para quietação da Côrte; porem que logo se reconheceo, que só por satisfação publica querião que

o Infante fosse á presença do Rei e ao Conselho de Estado, pois ainda estando o Rei separado do Infante mostrasse, chamando-o publicamente, estar unido a elle: mas o Infante conhecendo ser tudo engano politico o havia desvanecido em não hir ao Conselho de Estado; tirando d'aqui motivo para viver acautelado, e evitar o risco que podia ter entrando em Palacio, aonde só attendia ás boas intenções da Rainha, a quem se reconhecia devedor, e muito obrigado pelo que obrava a favor de todos, e por se não deixar levar das tramas dos validos; que por este motivo se tinha determinado a responder por escripto á mesma senhora (e com effeito o fez) agradecendo-lhe o manda-lo avisar que não fosse a Palacio, pois temia houvesse entre El-Rei e elle algum excesso, o qual não fosse decente, nem seguro á sua pessoa, pelas más informações que El-Rei tinha de Sua Alteza; e não podia presumir que este aviso que Sua Magestade lhe enviou fosse sem consentimento de El-Rei seu senhor: que sentia summamente que El-Rei depois de ter-lhe concedido a honra de hir a seus pés, e sem intervir novo motivo que o fizesse indigno della, tivesse agora prohibição de estar todas as horas com seu Rei, seu pae, e irmão; que não tinha outro cuidado, nem estudava com mais disvello senão no mòdo de agradar a El-Rei, e vacilando entre tantas contradições pedia á Rainha sua senhora que quizesse ponderar como ainda subsistia aquella consideração de El-Rei em entender que não queria elle dar-lhe gosto; pois no recado enviado lhe dava a entender, que não tinha o Rei ainda cessado em sua imaginação; e que como julgava o havia mandado chamar como Conselheiro de Estado, e não como irmão, não podia elle aconselhar estando no desagrado de El-Rei, ou isto fosse com causa ou sem ella; que elle desejava dar

cumprimento a todas as ordens da Rainha sua senhora de cuja grande comprehensão não estava menos certo de que Sua Magestade lhe acharia razão para esta desconfiança; o que não obstante respeitaria sempre os mandados de El-Rei; conhecendo a Rainha ser necessario que o restituisse áquelle primeiro estado de liberdade que tinha sido servido tirar-lhe de hir a Palacio; podendo desta sorte estar em todos os instantes aos pés de seu Rei, como desejava, para que se conhecessem os desejos de fidelidade de um irmão que não aspira a outra cousa mais, senão ao gosto do seu Rei, segurança da Monarchia, e quietação dos vassallos.

II

Espalhão-se copias destas cartas pela plebe; a Rainha dá conselhos ao Rei, este tendo-os em pouca conta ouve os Conselheiros, e escreve ao Infante.

DESTAS cartas e outras semelhantes se tirárão cópias, e se espalhárão pela plebe; porque no abrigo deste monstro desordenado procurava o Infante apoiar sua modestia, e para lhes constar o modo com que se portava El-Rei, e a ingratidão com que este lhe pagava. A copia destas cartas forão principio para que a plebe se firmasse em ser conveniente a El-Rei que o Infante corresse com o governo, e manejasse todos os negocios do Reino, como o fazia o Castello Melhor, e que a Rainha advertisse a El-Rei

*

o contheudo nellas, como fez, dizendo-lhe que por aquella carta conheceria Sua Magestade o amor, e o respeito que lhe tinha o Infante, para que desenganado não assistisse aos pareceres dos que tinha a seu lado, os quaes só hião aos proprios interesses, e ordenados a constituir o Infante em seu desagrado; que devia considerar bem que não tinha o Infante mais conveniencia, nem menos obrigação que o seu serviço, e o augmento da Monarchia; que com mais amor da Patria havia de cuidar do Reino e seus vassallos, que outro algum, pois concorrião nelle razões, as quaes Sua Magestade não podia encontrar em quantos buscasse para este exercicio; que conhecesse, como esperava de seu grande juiso, que as perturbações não tinhão sido tanto causadas pelo Infante como dimanadas de homens a quem parecia só que serião donos de todo o poder, quando o Infante não tivesse algum, o qual tendo passado tantos desaires se havia acommodado a uma paz geral, só por fazer o gosto a Sua Magestade, esquecendo-se das sem razões com elle praticadas; e que socegado tudo se estava experimentando quererem renovar inquietações por vêr se podião arruina-lo; que era conforme á justiça que Sua Magestade attendesse á razão de seu irmão para o admittir a seu serviço, excluindo aos que com arte e aleivosia não tratavão de cousa alguma tão deveras, como de o enganar; que a estreita obrigação a qual em si reconhecia como Rainha, e mulher sua tão interessada em todas as suas cousas a constrangia a dizer o que entendia. A resposta de El-Rei foi que estimava muito o seu zelo, e igualmente reconhecia que seu irmão estava o primeiro de todos, e como tal o trataria sempre, como tinha feito até ao presente; pelo que resolveria o que melhor estivesse a um e outro, e ao socego de to-

dos. Dada a resposta com indifferença propoz em conselho tudo com o Secretario de Estado, e alguns Conselheiros, homens de idade avançada, dignos de dar conselhos. Forão todos de parecer que escrevesse El-Rei ao Infante com palavras expressivas de boa vontade e afecto, chamando-o a si, significando-lhe a grande impressão que lhe tinha feito quanto a Rainha lhe dissera; e com isto o fosse entretendo até as cousas se poderem melhorar; porque nos Principes a dissimulação é arbitrio prudente quando della depende o bom successo das cousas; e isto não era enganar com malicia, senão assegurar com razão. Determinado isto conteve a carta de El-Rei o seguinte — « Meu hourado Infante, muito meu ama-
« do e presado irmão, parece-me ordenar-vos por esta
« carta que hoje me venhaes fallar, e estimarei que
« seja logo, porque quero mostrar-vos, e que todos
« o entendão, como é razão, a estimação que faço
« de vossa pessoa, conforme a obrigação em que me
« põe o ser vosso Rei, e vosso irmão, e o ter-vos
« em logar de filho, em cuja confiança hireis conti-
« nuando na forma que m'o advertio a Rainha minha
« muito amada e presada mulher. »

III

Vai o Infante beijar a mão a El-Rei; não consegue entrar no Governo; tenta lançar fora o Secretario, e interpõe a queixa da Rainha.

Foi logo o Infante beijar a mão a El-Rei ao tempo em que elle estava com a Rainha; recebeo-o com muito agrado, e abraçando-o lhe disse que ninguem teria poder para o constituir no seu desagrado, e que a estimação, e apreço que fazia delle era incomparavel com a dos mais por mui queridos que fossem, pois não só lhe queria como a irmão, porem o tinha unido a sua alma com o estreito vinculo de intimo amigo; que d'alli em diante lhe désse todos os dias o gosto de o vêr, porque o presava. O Infante lhe respondeo que faria tudo o que Sua Magestade lhe mandava, e que seu desejo não era outro, senão servir a Sua Magestade conforme seu agrado; e que suposto sua pouca fortuna tinha tirado a Sua Magestade o conhecimento de sua lealdade, era esta tão verdadeira, que esperava que o mesmo tempo descobrisse, o que a calumnia, e emulação dos contrarios tinha pertendido denegrir. Cuidou o Infante do que via na carta de El-Rei que ficava logo no Palacio senhor de todo o Governo, porem vendo que El-Rei não fazia mais do que fallar-lhe com carinho, e significação de amisade, e de afecto, desvanecidas suas esperanças com a re-

serva de El-Rei, assentou logo serem fingidas aquellas demonstrações de amor, que lhe havia feito, e haver em Palacio pessoa que distrahia a El-Rei da resolução de o admittir no governo, o que só era o que sobremaneira, e com mais ancias apetecia, a fim de que cohonestando assim a traição, podesse fazer-se Rei, e escusar qualquer violencia, e o escandalo da tirannia. Principiou a brotar o veneno, dizendo que quando El-Rei o mandou chamar, fez reparo em hir a Palacio, porem que tendo significado á Rainha que o não ter hido ao concelho nem a vêr El-Rei era pelo motivo da prohibição sabida, e sendo Sua Magestade a causa de que não sómente estivesse vencida esta dificuldade, mas tambem obsequiosamente supplicado a El-Rei, poderia julgar a Rainha sua senhora, que a separação até alli feita pelo Rei a queria elle agora fazer; que em attenção a ter sido a Rainha medianeira, e para lhe mostrar a sua obediencia, tinha resolvido hir a Palacio; e que suposto que tivesse encontrado em El-Rei grande asperesa e desagrado, e só na Rainha muita urbanidade, como lhe tinha concedido hir á sua presença, sempre ficara com esperança de conseguir a sua graça: que poderia acontecer que o successo fosse conforme esperava, a não impedirem as segundas intenções de alguns perturbadores do socego publico, os quaes atiçavão com suas depravadas astucias o perigoso risco de maiores discordias, do que as passadas; e que sendo o principal author disto o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo, todo criatura do Conde de Castello Melhor, defensor de suas culpas, e de seus parciaes, seria grande gloria de Deos, e muita conveniencia para o bem publico apartar este homem da assistencia de El-Rei, antes que a Monarchia toda amargamente chorasse o estrago ameaçado pela con-

servação deste sujeito. Já fica referido o encontro que a Rainha teve com o dito Secretario, e como se compoz aquella diferença. Porem considerando agora o Infante que a assistencia deste ao lado de El-Rei lhe não era favoravel, sendo o unico que havia ficado para seu conselho, dissipando as tramas com que o Infante, qual precepitado cometa corria ao seu enorme delicto, buscou meio para alterar de novo as cousas, como diremos. Supostas as desavenças referidas, o Infante tornou outra vez a ellas, dizendo, que o Secretario de Estado sendo mandado pelo Conselho retirar-se da Côrte pela acção atrevida que fizera á Rainha só a tres ou quatro dias resumira o cumprimento da ordem, nos quaes deixou de hir a Palacio, permanecendo sempre dentro da Côrte, não fazendo caso do que lhe mandara o Tribunal Supremo. Não era justo que a Rainha tivesse por bastante satisfação aquella fingida ausencia; sendo verdade que El-Rei com o poder Supremo o podia isemptar de tudo, mas não sem beneplacito da Rainha; que só violando o decoro podia El-Rei deixar de castigar a acção do Secretario; porem que ella tinha ficado justamente offendidã, e com sentimento de saber que se dava mais credito á enganosa satisfação do Secretario, que á infalivel verdade de sua queixa, admittindo-se desculpa em uma acção descomedida para com uma Rainha; pois sendo tão grave a offensa só se dava por satisfação um retiro breve. Estando pois El-Rei no Conselho de Estado, enviou a Rainha um papel para se vêr, e para se attender á sua queixa, no qual dizia. — « Não fiz até agora presente a « Vossa Magestade a justa causa de meu sentimento, « e o grave motivo de minha queixa, por se me ter « até agora occultado a resolução tomada, que che- « gando a ser vista por mim me causou não pequena

« admiração. Agora, Senhor, que sei a determina-
« ção do Conselho, me queixo a Vossa Magestade
« com a confiança de Rainha, com o rendimento de
« vassalla, e com os motivos de uma pessoa especial-
« mente offendida da ousadia com que Antonio de
« Sousa de Macedo Secretario de Estado a calumniou,
« e enganou os Conselheiros, dizendo-lhe, que eu ti-
« nha fallado contra toda a Nação Portugueza, sa-
« bendo elle muito bem, que fallei moderada no meu
« sentimento, e interessada pela mesma Nação con-
« tra seu procedimento, e o de dous ou tres amigos
« seus, de quem eu recebia trato indigno; e foi tal
« sua malicia que havendo commettido uma acção
« altiva contra uma Rainha, offensiva de meu de-
« coro, conseguio do conselho por meio de sua falsi-
« dade a absolvição do castigo merecido por seme-
« lhante crime; conservando firme na memoria o vi-
« lipendio e maldade com que estes dous ou tres ho-
« mens me tem tratado, devo considera-los capitaes
« inimigos: e assim prostrada aos pés de Vossa Ma-
« gestade pesso a reparação de meu credito, e a sa-
« tisfação de minha offensa, ordenando Vossa Ma-
« gestade, que Antonio de Sousa de Macedo seja
« julgado, sentenciado, e castigado pelas leis esta-
« belecidas nos crimes de leza Magestade de primeira
« cabeça, mandando considerar a grandesa do aggra-
« vo; e se a reputação offendida de uma pessoa par-
« ticular pede equivalente satisfação, qual será a que
« baste a reparar o credito de uma Rainha, insepa-
« ravel dos direitos de Vossa Magestade? Pesso, Se-
« nhor, justiça por parte de Vossa Magestade, pois é
« interessado nella como eu; e não valhão agora vio-
« lencias, ou artificiosas traças, para que se pos-
« são impunemente obrar semelhantes atrevimen-
« tos. »

IV

El-Rei não apresenta ao Conselho o papel da Rainha, conhecendo seu astuto fim.

Enviado este papel da Rainha a El-Rei pelo seu Mordomo mór, assim que elle percebeo o que continha, não quiz que se visse no Conselho, por lhe parecer que a satisfação pedida pela Rainha se fundava mais no effeito da paixão, do que na prudencia, e na razão; e assim guardou o papel sem dizer ao Conselho o de que tratava, ficando confuso de vêr que se renovava uma offensa que não tinha existido, já castigada na proporção de sua gravidade; pois o caso não era offensa digna de queixa, por ter sido a acção do Secretario tão sincera, como já relatamos. Tinha então ponderado o Conselho de Estado, com a devida madureza, a innocencia do Secretario, e a desconfiança da Rainha, e resolveo que suposto esta afirmava que aquelle lhe havia perdido o respeito, isto se justificava ser mal entendido da Rainha por não saber ainda bem a lingua Portugueza; pois examinando o ponto pelas pessoas que assistírão áquella occasião, todos fallárão conformes ao que o Secretario de Estado déra por desculpa, e satisfação: mas isto não obstante devia Sua Magestade mandar ao Secretario que se retirasse por dez ou doze dias, e nestes servisse em seu lugar Antonio Cabide, e se manifestasse á Rainha, que se fazia esta demonstração com o Secretario por lhe dar gosto. Foi a resolução

do Conselho apresentada á Rainha, a qual mostrou ficar satisfeita, e não fallou mais na materia: porem apenas soube que na visita feita pelo Infante a El-Rei não fôra Sua Alteza convidado para o governo, antes com boas palavras fòra entregue por El-Rei ao esquecimento, se procurou então o melhor meio de descompôr tudo, suscitando o que se podia dizer, e estava no esquecimento. Era o Secretario, como temos dito, homem de grande capacidade, e de juiso, seus conselhos tão ajustados com a razão e acerto, como encaminhados a conseguir o fim a que os dirigia. Principiárão a renovar queixas passadas para com pretextos colorados continuarem nas acções mais insolentes (a maldade não conhece senão o que lhe é analogo.) Prevírão que lançado o Secretario fora do lado do Rei ficaria a Magestade orfã de conselhos, e isto na occasião lhe fazia conta, pois existindo o Secretario poderia El-Rei manter a soberania; e convinha em todo o caso exclui-lo do Gabinete, quando existindo sua assistencia, se expunhão a trabalhar de balde; não escapando á sua penetração, que se agora se desmascarasse o fim de suas maquinações, que já hia transluzindo, receberião a final o galardão tantas vezes merecido. Buscárão pois os meios mais conformes á sua depravada resolução de lançar fora o Secretario do lado do Rei, e não achárão algum melhor, nem mais seguro, que o da queixa da Rainha, (guia desta dansa), que sempre as mulheres com ellas deixão queixosos a muitos, e assim a tudo o que d'aqui em diante obrou a ambição servio a Rainha de pretexto.

CAPITULO III.

I

Busca o Infante pretexto para tirar o Secretario do lado do Rei, o qual convoca Conselho de Estado.

TOMOU por pretexto o Infante haver-se empenhado a Rainha com El-Rei para elle não sahir do Reino, nem da Côrte, e não só o tinha conseguido porem havia sido a causa do Castello Melhor sahir da Côrte, e que assim achando-se a Rainha ultrajada de um máo Ministro sem El-Rei lhe ter querido dar o castigo que merecia, tocava a seu credito, e lhe convinha fazer todo o esforso pela expulsão do Secretario, tanto pela satisfação da Rainha, como para segurança de sua pes-

soa; pois conhecendo que a assistencia deste Ministro punha em grande perigo a pessoa do Rei, e elle lhe queria dar vida, porque conhecia o grande odio em que o havia posto com El-Rei, buscando todas as occasiões de o obstinar, e nenhuma de o persuadir, deixando de fazer por maldade o que por obrigação devia attender; conhecendo todos que sendo juiz de suas offensas, seria arbitro de si mesmo, e senhor da justiça; e assim conhecia que não valeria a razão senão ajudada da violencia. Ha homens que ainda quando executão o justo são aborrecidos, e na confuzão das prevenções, de que uzão, achão ordinariamente a sua ruina. Quiz El-Rei pôr em practica tudo isto, e como obrava generoso, sempre buscava as boas direcções, porem faltando-lhe a fortuna, por muito confiar, se vio perdido. Estimulou-se muito o Infante por ter visto que El-Rei não acabava de se resolver, e esta indeterminação, talvez justa, o fazia constante em seu depravado e eniquo dictame, e vendo a tolerancia com que era sofrido o fazia ganhar campo nos dilatados espaços de sua ousadia, pois o que se dispõe a ser tiranno, não ha maldade, nem atrocidade que não intente por alcançar o pretendido fim, sendo favor certo da fortuna tirar o medo e a vergonha para ferir mais a seu gosto, sem se lembrar que correndo o tempo se descobrem os enganos, e cai o tiranno no precepicio e em uma ignominia eterna, e ao innocente pela gloria de seu padecer se lhe lavra immortal corôa. Já disse como El-Rei, visto o papel, o não quiz communicar ao Conselho; porem discorrendo por si só não poderia acertar no expediente d'aquella novidade, porque o humano juiso ordinariamente se offusca quando discorre ácerca do que pretende e deve fazer, se é immediatamente interessado em sua resolução; mandou á noite chamar

o Secretario de Estado, a Martim Affonso de Mello, Conde de S. Lourenço, a Rui Fernandes de Almada Thio do Conde de Castello Melhor, a Vasco da Gama Marquez de Niza, a Nuno de Mendonça Conde de Val de Reis, e a Salvador Correa de Sá e Benevides, General que havia sido muitas vezes da Armada, e restaurador do Reino de Angola occupado pelos Hollandezes, todos muito capazes para Conselho, mas muito velhos para qualquer resolução.

II

Da falla de Salvador Correa de Sá no Conselho, a qual seguem alguns.

Com estes todos teve El-Rei conferencia sobre o papel da Rainha, e a todos pareceo mal, e encaminhado a outros fins bem differentes dos até alli imaginados, vendo a chaga de tal sorte gangrenada que não podia curar-se sem os cauterios de vivo fogo. Salvador Correa de Sá, ainda que velho, não estava destituido dos ardores de Soldado, e sempre havia sido reconhecido por intrepido, por tanto fallou desta forma: — « Um homem só não pode vêr tudo, e « um em certo modo se pode dizer e chamar ne- « nhum: o ponto de que se trata nas presentes cir- « cunstancias é tão relevante que pede ser decedido « por mais de um, pois os effeitos do acerto os re- « gistão sempre os olhos de muitos a quem se mani- « festão sem se dar occasião a intrigas, e traições, « sendo maxima da natureza que a meios prudentes

« corresponda acertado fim; eis-aqui o que todos de-
« vemos discorrer; não intento que o meu dictame
« se aprove por ser meu, senão que se lhe dê ou
« censura, ou aprovação merecida. Vossa Mages-
« tade nos chama fazendo confiança da nossa leal-
« dade, e nestes termos devemos buscar todos os
« meios conducentes á segurança de Vossa Mages-
« tade e nossa, quando vemos que está o Infante
« ameaçando grande precepicio a todos os que o não
« seguem. Em todas as cousas tem grande parte a
« fortuna, pois ainda que umas se errão, outras se
« acertão, e nos homens está dirigir bem suas acções,
« prevenindo-as com tempo, e na fortuna está o bom
« ou máo successo, porem se se dá lugar á frouxi-
« dão, e se se não usa da prestesa necessaria a que
« obrigão as materias, logo resultão erros, e infor-
« tunios, pois seria delicto na fortuna seguirem-se
« bens. O caso é tão grave que julgo se não podem
« já evitar todos os designios do Infante, sem que
« Vossa Magestade mande cortar a cabeça a D. Ro-
« drigo de Menezes, por maquinador de traições, e
« prevertedor do bem commum, a D. Sancho Ma-
« noel, ao Conde de S. João, ao Conde da Torre,
« ao Conde da Ericeira, a Luiz de Mendonça Fur-
« tado, e a seu irmão Jeronimo de Mendonça, todos
« por alvoroçadores do Reino contra Vossa Mages-
« tade, pois sendo estes as columnas sobre que funda
« o Infante a fabrica de seu edeficio, faltando-lhe
« estes unicos alicerces em que se estriba, cahirá
« por terra esta maquina fantastica. As boas ou más
« resoluções se aprovão segundo se logrão prosperas
« ou infaustas, e ao que succede bem se reputa de
« razão o que talvez foi injustiça; o principio está
« denunciando o fim, e não é justo estar gastando o
« tempo em dilações em caso onde pode ser mais

« nociva a inação do que a temeridade. Os reme-
« dios fora de tempo augmentão mais o perigo, pois
« se tem visto que o espirito cobarde tem cerrado
« muitas vezes a porta a grandes fortunas, como pelo
« contrario se tem visto o animoso tê-las conseguido
« maiores do que esperava; que os Principes não
« tanto se fazem temer pelo seu poder, como pela
« sua ousadia. »

III

Parecer do Conde de S. Lourenço, contradizendo, a quem todos seguem.

Deste mesmo parecer foi o Secretario Antonio de Sousa de Macedo, e Rui Fernandes de Almada, porem o Conde de S. Lourenço o contradisse, pois tendo occupado grandes governos, alem do das armas na guerra de Portugal, fallou com mais fundamento votando assim: — « Vejo que o estado das
« cousas se não pode remediar sem cruel demonstra-
« ção, porque vejo o Infante tão adiantado na ruina
« do Rei, e dos que o seguem, que por horas se
« pode esperar a perdição de todos; pois tendo-se-
« lhe concedido quanto pedio, nada o contenta. Elle
« lançou fora o Conde de Castello Melhor com o
« pretexto de incidiar a sua vida, dando por causa a
« differença entre um Infante e um Ministro, não
« ficando illeso o seu decoro sem se fazer alguma
« demonstração, ao menos a de retirar-se o Conde
« por alguns dias da Côrte, para que visse o mundo

« que Sua Magestade attendia, e dava satisfação á
« sua queixa; quando se sabia que Sua Alteza era o
« motor de todas as inquietações: a Henrique Henri-
« ques de Miranda, não havendo outra causa que a
« de conhecer, lhe fazia algum estorvo com a assis-
« tencia a Sua Magestade, o mandara matar, e o
« conseguira sem duvida, a não lho impedir a inno-
« cencia d'aquelle cavalheiro; deitando por disfarce
« a fama de que o povo irritado com suas insolencias
« queria por sua morte atalha-las: agora conhecendo,
« que, separando o Secretario de Estado do lado de
« El-Rei, não podia Sua Magestade deixar de ex-
« perimentar a falta da sua lealdade, e boa fé, se
« vale da Rainha para renovar o que diz ser queixa,
« não havendo mais causa, que a de querer que seja
« crime, o que não é, enganando-a com algumas
« quimeras, das quaes com muito fundamento podem
« resultar gravissimos inconvenientes em cousas todas
« dirigidas a um fim: a experiencia nos mostra cla-
« ramente que acabada uma começa outra, não ha-
« vendo cousa que o satisfaça; que Sua Alteza busca
« a afeição de todo o Reino, trazendo a plebe enga-
« nada, e deligenciando atrahir a si todos os Cava-
« lheiros. Entre tantas confuzões que vemos, o que
« podemos esperar? Até aqui, era sua queixa contra
« o Conde de Castello Melhor só para que sahisse da
« Côrte; se o conseguio contra toda a razão e jus-
« tiça, que mais quer? Isto de o não contentar na-
« da, que outra cousa pode ser senão uma demons-
« tração evidente de traição, que se vai descobrindo
« á nossa attenção! Busca novos disturbios, alterando
« a todos os instantes a quietação do commum, e do
« particular, estreitando com isto tanto a Vossa Ma-
« gestade que se pode dizer que é mais vassallo do
« Infante do que seu senhor! De todas estas desor-

« dens, e maquinas quem poderá duvidar que aspira
« seu intento a fim mais superior! Em cuja consi-
« deração digo, que para segurança de Vossa Ma-
« gestade, e de todos os que com lealdade o servi-
« mos convem cortar as cabeças nomeadas; porem
« como o chefe prudente deva capitanear os negocios
« ou apressando-se, ou detendo-se, segundo as exi-
« gencias; reconheço na occasião presente não se de-
« ver usar de violencia, senão de astucia, e engano,
« porque matar estes homens sem mais prevenção
« que haver-se proposto, parece-me não menos ar-
« duo, que dificultoso; conhecendo-se por experiencia
« que os conselhos atrevidos, e as resoluções atrope-
« ladas ainda que á primeira vista se mostrem faceis
« na execução do manejo, são duras ao conclui-las,
« e as mais das vezes funestas, porque os accidentes
« do tempo, e a contingencia dos negocios fazem,
« que quem muito se apressa, tropece, e se despe-
« nhe, e que quem duvida muito, quando aplica o
« remedio já não tenha nenhum: pelo que antes de
« se emprehender as cousas, se ha-de consultar mui-
« tas vezes, e quando com madureza estiverem de-
« terminadas, então se hão de pôr em practica sem
« demora. Até agora não se ha proposto outra cousa
« senão a de cortar as cabeças aos obstinados, sem
« acautelar o risco, que de semelhante acção pode
« resultar, por quanto destas mortes violentas, e a
« sangue frio será preciso que se siga a lastima, e
« esta esforçando aos parentes, e amigos não gerará
« bons humores na plebe, senão uma commução ge-
« ral, e perigosa, pois é monstro sem concerto; com
« que d'aquillo que parece acerto pode dimanar a
« ruina, e precepicio. Vemos o Infante com quasi
« todo o poder, e que muitos não deixando de co-
« nhecer a tirannia o seguem; e se vissem o excesso

« das mortes, que farião? Tudo o que até agora se
« julgava por traição, se terá por licito, e muito
« conforme á razão. O que convem é que não se
« dando El-Rei por entendido, se ponha da outra
« banda do Tejo com toda a Infantaria e Cavallaria
« da Côrte, e d'alli chamar a todo o Reino, incor-
« porando-se ao mesmo tempo ao exercito, e depois
« de feito isto mandar chamar ao Infante, e a todos
« os seus criados, titulos e mais Cavalheiros, e aquel-
« les que não obedecerem da-los por traidores, aos
« que estão comprehendidos nas inquietações e dis-
« turbios presentes, mandar conhecer nas suas cau-
« sas pelos Juizes destinados, e que sejão castigados
« pela Lei de leza Magestade offendida. Isto é o que
« deve consultar-se muitas vezes, e de espasso, e
« executa-lo sem demora. A todos pareceo muito
« bem este discurso do Conde de S. Lourenço cer-
« tificando ser necessario o aprova-lo, e adianta-lo
« antes qne as intenções do Infante chegassem a sur-
« tir effeito; ajustando-se todos a concorrer nas noi-
« tes seguintes da mesma forma para se descobrir o
« maior acerto nas occorrencias que fossem succe-
« dendo. »

*

IV

O Infante sabe tudo o que se passou na conferencia; convoca os seus parciaes, e lho declara; advertencias de D. Rodrigo de Menezes.

Não ha quem menos do que os Reis conheça as cousas como ellas são, mas como lhas figurão; e assim um máo criado basta para despenhar um Principe, e um Reino; por esta causa o melhor Principe, e de intenções mais sãs succede muitas vezes ser vendido. Raras vezes apartão de si os Principes os perigos domesticos: é facil não lhes dar occasião, mas depois de occasionados é impossivel evita-los, e senão fôr prompto o remedio do damno, será sem remedio o damno do Principe que se deixa enganar; porque em começando a perder-se o respeito aos Reis, não se pára até acabar de todo. Eis aqui o maior risco dos Soberanos, não conhecer os traidores quando os enganão, nem presumir que elles o podem ser. A conferencia sobredita se acabou ás onze da noite, e ás doze o sabia já o Infante, porque assim que della sahio El-Rei, participou logo tudo a Roque da Costa Barreto, não reservando nada do que tanto importava guardar em segredo. Communicou-lhe tudo por força da grande amisade, e confidencia que delle fazia, de tal sorte, que se dicessem que elle era inconfidente, esta verdade seria um crime julgado por El-Rei feito a si. Communi-

cou este logo tudo ao Infante ao qual não fez muita armonia esta conferencia, e apesar de reconhecer o bom estado em que tinha as suas cousas, mandou logo parte a D. Rodrigo de Menezes, o qual presidia áquella escolla, e de quem dimanavão todas as operações. Este respondeo que já não podia haver cousa que désse cuidado, comtudo que mandasse Sua Alteza chamar a todos aquelles que o seguião de mais suposição, e lhes désse parte do que sabia da resolução de El-Rei, e do que preparava a suas pessoas por conselho de máos homens, mostrando-se-lhes sentido, e inquieto, para entenderem que lhe pagava com a mesma fineza que elles empregavão em seu serviço; pois esta era a arte com que os Principes não soberanos obrigavão, para chegarem a se-lo, assegurando a todos que em quanto tivesse vida não havião perigar as suas, que das juntas de El-Rei não havia que recear, pois alem de serem já fora de tempo, elle se achava senhor da vontade de todos, e a plebe satisfeita de vêr a fortuna com que se encaminhavão seus negocios; que a armada de França se esperava por horas, segundo o aviso de El-Rei Christianissimo, trazendo tambem ordem ao Conde de Schomberg que elle e toda a gente estrangeira, que governava, estivesse á disposição do que Sua Alteza lhe ordenasse: que agora não convinha, nem era necessario mais do que porem-se as cousas tão promptas, que logo que chegasse se désse tudo á execução: que importava alem disto que Sua Alteza fosse logo de manhã ao Conselho de guerra com todos os chamados, e que nelle se queixasse de Antonio de Sousa de Macedo, e de suas insolencias, quando com ellas queria acabar o Reino, e suas vidas, se o não separassem do lado de El-Rei: que com isto dava Sua Alteza a entender a todos, que fazia as demonstra-

ções de carinho, e amor para a segurança de suas pessoas; e que com a resolução de se prender o Secretario de Estado, que era o ponto principal que se havia de propôr, fazia experiencia do temor, ou ousadia que causava esta novidade em El-Rei, e a plebe como a tomava, e a que parte se inclinava, a qual ordinariamente costuma julgar, o que apparece, sem discernimento de se inclinar a uma ou outra parte; e por isso a sentença da plebe entre homens de juiso é argumento de contrario.

CAPITULO IV.

I

Nocturno conselho em que o Infante dá parte aos seus do succedido, e com elles vai de manhã ao conselho de guerra.

NAQUELLA mesma noite forão chamados os cavalheiros de maior suposição que seguião ao Infante. Causou a estes cuidado o aviso por estarem muitos já deitados, mas obedecêrão pontualmente, por lhes parecer que o chamamento áquellas horas procedia de motivo que a todos obrigava. Juntos pois lhes disse o Infante que n'aquella hora havia tido aviso certo de que El-Rei, por conselho do Secretario de Estado, e de outros que com elle havião concorrido, se havia persuadido,

que para sua segurança não havia remedio senão cortar as cabeças a todos os que o seguião, conselho cruel e de animar tirannos; e como conhecia bem a leviandade de El-Rei, que com facilidade poderia executar tenção tão inhumana, era razão acautelar com tempo este arbitrio antes de tomar corpo, e fosse nocivo a todos: que em todos os riscos que se offerecessem elle havia de ser o primeiro em experimenta-lo só para preservar a cada um, para o que estava determinado a perder sendo necessario a vida, para conserva-los, e a expôr-se ao maior perigo pela minima cousa que podesse desgosta-los; nestes termos importava que de manhã fossem todos ao conselho de guerra, pois queria ser seu companheiro e partilhar todos os seus perigos, e seguir o mesmo rumo que a fortuna quizesse dar-lhes; e como muitos destes sequazes havião sido Generaes e outros o erão actualmente, tinhão auctoridade, e permissão do seu posto para entrarem no conselho e votarem a separação do Secretario de Estado do lado do Rei, e com ella tudo se acommodaria bem, sendo este só o que inquietava El-Rei; por cuja razão era impossivel que houvesse paz, em quanto este se mantivesse a seu lado, quando conhecidamente se sabia que solicitava com todo o empenho, astucia, e arte sua destruição, e acabar com todos os seus confidentes. Em causa tanto do serviço de Deos não podia faltar o seu auxilio, e o da fortuna, a qual como Governadora de todos os casos é quem impede a occorrencia das adversidades, e sendo proprio dos corações generosos não se desvanecerem com as ditas: assim não será de menor valor o não se renderem aos golpes das dificuldades, estas ainda que de todo não podem escusar-se, aquella sempre é favoravel a quem se vale da prudencia, razão, e fortaleza. Agradecêrão todos a

boa vontade do Infante e de novo se offerecêrão a fazer tudo quanto Sua Alteza lhes ordenásse, ainda que fosse abraçar o maior risco só por livrar Sua Alteza do minimo perigo, e se até áquelle dia o havião servido com finesa, d'alli em diante o proseguirião com todas as forças da vontade. No dia seguinte pelas onze horas da manhã se foi o Infante ao Conselho de guerra, levando comsigo o Marquez de Marialva, Capitão General do Exercito do Alemtejo, a D. Sancho Manoel Conde de Villa Flor, que havia sido Capitão General, a D. Luiz Alvares de Tavora Conde de S. João, e Governador das Armas de Traz-os-Montes, a D. João Mascarenhas Conde da Torre, General que havia sido da Cavallaria, e Mestre de Campo General da Côrte, a D. Luiz de Menezes Conde da Ericeira, General que havia sido da Artilharia, a Gil Vaz Lobo, Mestre de Campo General que havia sido da Estremadura, a Francisco Barreto, General que havia sido no Brazil, e depois Vice Rei, a Luiz de Mendonça Furtado General da Armada na India Oriental, a D. Nuno Alvares Pereira Duque de Cadaval, que sendo o unico em Portugal, fazia companhia ao Infante para o authorisar mais na funcção; e outros que não tinhão voto em o Conselho, por não terem occupado postos que lhes franqueasse a preeminencia de poder votar ficárão fora esperando a resolução que se tomaria. Todos estes homens erão dos mais resolutos, que tinha Portugal para emprehenderem qualquer empresa, e a quem a campanha Portugueza tinha feito capazes de tirar e dar reinos, como se vio no de Portugal ainda que pequeno. Sempre foi indigna de louvor a perguiça, e o muito dormir, o contrario mostra a experiencia dos que sofrem trabalhos, disvelos e riscos, pois ainda que não sejão afortunados nas empresas, como aspirão mais á fama

que á fortuna, zombando dos revezes desta em seus brios, fica sendo seu merecimento superior á sua fortuna nas azas da fama. E desenganem-se os Principes e Reis, que só a resolução e o valor é que vencem os Imperios. Dizia El-Rei Cyro que aos lavradores e soldados devião os Soberanos não só estimar, senão communica-los particularmente como amigos, sendo estas duas jerarchias a principal base da Monarquia, e aos demais trata-los como vassallos. O poder ainda sendo grande não vive sem sustos, se o não acompanha o valor, e com este ainda sendo o poder diminuto, se executão cousas grandes, pois os factos heroicos só os conseguem os valerosos, e as infamias são filhas da cobardia.

II

Junto o Conselho de Guerra, falla o Principe.

HIA já defendida a questão por aquelles que sabião no que havião de vir a parar as queixas urdidas; e a perversidade de animos malevolos pretendia emendar em publico a traição tramada em segredo; e só por lograr seus interesses se esquecião da consciencia, e da eternidade: porem ninguem pense que por tratar com arte a traição, esta deixa de ser conhecida, nem que falte quem a perceba, e note; muitos a penetrárão, e percebendo-a, se davão por desentendidos, disfarçando as murmurações e o escandalo que ellas davão. Estando pois junto o Conselho de Guerra, começou o Infante a orar, o que

talvez esteve estudando toda a noite com os seus. Eu sei alguns dos que alli se achavão que não sabião com certesa as intenções occultas do negocio; e assim queria persuadi-los que tudo se dirigia a guardar suas pessoas, livrando-as da crueldade de El-Rei pelo seguro de seu amparo. Isto suposto fallou assim: — « Eu não quero fazer acção a qual não seja « aprovada por todos, e muito menos quero ser oc-« casião de vossas vidas poderem perigar. A todos « é notorio o fim que me tenho proposto de acom-« modar as cousas com quietação de todos, e allivi-« ando os vassallos segurar Sua Magestade conservan-« do salva a fidelidade, a qual nem em mim nem « em vós faltará jámais. Isto que tenho afiançado « não é menos necessario, que cortar tudo aquillo « que é prejudicial ao serviço do Rei, e ao bem pu-« blico, pondo-se em estado de se não poder recear « que perigue a Monarquia por causa do governo. « Tudo está revolto e lamentavel pela assistencia do « Secretario Antonio de Sousa de Macedo a El-Rei, « pois tem tido a habilidade de o persuadir a que « o Conselho de Estado não votasse sobre a satisfação « que pedia a queixa da Rainha, fazendo com sua « intriga, que fugindo El-Rei dos termos seguros da « prudencia, se despenhe nos abismos da inquieta-« ção, com tal despreso que depois de não fazer caso, « nem dar resposta á dita queixa nem sequer con-« sentio que os Conselheiros a lessem, antes para « augmentar o escandalo tem o Secretario dentro em « Palacio, aggravando mais a queixa; porem como a « Rainha não queira perdoar culpas commettidas con-« tra a Magestade, vivendo com tão justo sentimen-« to se tem negado a toda a communicação, em cujo « retiro tem passado muitos dias tão entregues á dòr « que lhe causa o despreso com que El-Rei a trata

« que não pode ponderar-se. Disto tudo é causa o
« Secretario de Estado. Reconhecendo pois as inter-
« cadencias da Monarchia, que está quasi agonisan-
« do, insta-me a obrigação não sómente de acodir
« ao bem commum do Reino, mas tambem de pugnar
« pela satisfação da Rainha; pois alem de incumbir
« á minha pessoa amparar uma Princeza estrangeira,
« e perseguida, devo amparar seu decoro, tendo ella
« sido a medianeira para eu me não ausentar do rei-
« no, e o valido sahir da Côrte; razões que esti-
« mulão o agradecimento a procurar com todo o es-
« forço que o Secretario de Estado não assista ao
« Rei. Assim para a Rainha não ficar tão desai-
« rada, como por conhecer o odio em que me tem
« posto com Sua Magestade em tal gráo, que en-
« tendo ser a minha intervenção perigosa e funesta
« para a Rainha, e para o Secretario menos favoravel
« que gostosa, e sabendo que se prepara para mim
« a violencia, e para os que seguem meu partido, e
« porque buscão a razão, será preciso estarmos pre-
« venidos contra esta mesma violencia, buscando o
« modo mais seguro de fugir á execução do golpe
« tão cruel como terrivel, sem defeito da nossa fide-
« lidade, e seguindo a verdade e a justiça. Neste
« caso nos colocou o Secretario de Estado na pre-
« cizão de nos valermos destes meios para atalhar-
« mos seus designios pois se valeo do Sagrado do
« Palacio, aonde se acha com armas, acompanhado
« de differentes sujeitos os quaes apoião sua malicia,
« sendo mais offensivas as maximas com que acon-
« selha o Rei, do que as armas de que está pro-
« vido. Elle tem influido no coração de Sua Ma-
« gestade taes horrores, instando-o a que saia da
« Côrte, e leve comsigo toda a Infantaria, e Caval-
« laria della, chamando a si todas as gentes do Rei-

« no, juntando a tropa do seu exercito, e mandan-
« do-me então chamar, e a meus criados e confi-
« dentes para pôr tudo a ferro e fogo, estando já
« destinadas as cabeças que hão de ser cortadas que
« são as vossas. Não tenho por noticia vaga, mas
« por uma verdade bem fundada e estabelecida com
« circunstancias indubitaveis, em cuja consideração,
« e motivo obrigatorio de conservar o Reino, acodir
« ao Rei, satisfazer a Rainha, segurar minha pes-
« soa, a vida de meus amigos e criados, romperei
« todas as dificuldades; por ora fugindo da resolução
« que possa originar algum accesso violento, e muito
« mais de qualquer suspeita para a Magestade, bus-
« cando a este fim todos os meios prudentes imagi-
« naveis os quaes possão separar de El-Rei o Secre-
« tario, pois se sabe que está arruinando tudo, en-
« ganando o Rei, desacreditando-me a mim, per-
« dendo a vós outros com Sua Magestade, e com
« todo o mundo, querendo introduzir uma guerra
« civil que consuma tudo. Obrigado de todos estes
« inconvenientes julgo ser necessario lançar para longe
« da Côrte esta peste, antes que o máo contagio se
« faça incuravel, acção que entendo não será pouco
« grata a todos os que zelão o bem publico; ainda
« que não seja tanto aos que só cuidão no seu bem
« particular e só aplicão seu valimento a esperanças;
« torno a dizer que com a expulsão do Secretario
« se satisfará a Rainha e se assegurará nossa honra
« e nossa vida. »

III

Falla o Duque; vão ao Paço lançar fora o Secretario o qual se rende á violencia.

PERSUADIO muito a todos o arbitrio do Infante para a segurança do Reino, e de suas pessoas; porem temendo todos perder as honras e segurança, não se resolvião hir logo executar a acção insinuada, parecendo-lhe que o risco os obrigava a uma determinação mais considerada; mas vião que dilatando-se esta, seria intempestivo o remedio. A isto disse o Duque de Cadaval — que com muito menos causa, e razão havia mandado a Rainha Governadora deitar a Antonio de Conti fora do Palacio, sendo elle o executor dessa ordem, só por se entender que prevertia com seus costumes a El-Rei; e estava mais adiantado em favores do que permittia sua esfera. Presentemente julgava haver circunstancias mais perigosas, conhecendo-se ser o Secretario mui nocivo á assistencia de El-Rei, estando o Reino todo desalentado, e impossibilitado para se conservar; pois de uma parte o molestava a guerra, de outra elle o tirannisava, trazendo El-Rei tão enganado que o fazia aprovar a cruel execução de suas maldades, pondo em evidente perigo as vidas de tantos, aonde já se não esperava a acusação para se lhes tirarem. Assim com a separação deste tudo se acommodaria, haveria no Palacio paz, e socego, acabando as inquietações causadas por aquelle máo vassallo. Será

forçoso que El-Rei o sinta á primeira vista, mas quando conhecer que todos os movimentos se executão em seu serviço, e conservação do commum, não poderemos recear castigos, antes esperar muitas mercês. Levantárão-se logo todos, e partírão para Palacio, e para o quarto do Secretario de Estado; e entrando nelle o Duque o colheo repentinamente, e reparando o pobre velho que apoz do Duque vinhão muitos cavalheiros, e o Duque lhe dizia, que viesse com elle, pois assim importava ao serviço de El-Rei, o Secretario lhe disse que sabia muito bem o que convinha ao serviço de Sua Magestade pelo que lhe parecia, que o que Sua Ex.ª lhe dizia era contra o mesmo serviço. Com isto fez o Duque alguma demonstração, a qual o Secretario teve por violenta; e rompeo em algumas altas expressões, a cujo som entrárão os demais cavalheiros para dentro, protestando que o não querião offender, senão cuidar da quietação do Reino, e conservação de Sua Magestade; assim, que se determinasse a sahir com Sua Ex.ª e fazer tudo quanto lhe ordenasse. Vendo-se o Secretario tão rodeado dos que reconhecia por inimigos, se entregou a tudo quanto quizessem fazer delle; pois não é o mesmo fim o do poder, e o da virtude: esta não considera no que pode, mas sim no que deve poder, aquelle não só quer tudo quanto pode, mas muito mais d'aquillo que pode, e deve poder.

IV

Acode El-Rei; falla o Infante, manda o Rei procurar o Secretario, o qual se não acha por se ter escondido.

Ás vozes do Secretario acodírão alguns criados de El-Rei, e vendo o pouco respeito com que se tratava o Sagrado do Palacio, começárão a mover-se com bastante inquietação, até que chegou El-Rei perguntando a causa de tanto alvoroço; respondêrão-lhe que levavão preso ao Secretario de Estado; e sahindo do retrete onde estava para um salão encontrou o Infante, e os do seu sequito que o hião buscar a dizer-lhe o que se tinha feito em seu serviço. Apenas El-Rei os vio pedio uma espada a seus criados, pois queria matar aquelles traidores; o que ouvido pelo Infante, pegou da sua e se poz de joelhos, dizendo — « Senhor se a espada é para mim « aqui tem Vossa Magestade a minha, (e a poz a « seus pés) e se é para outrem, eu bastarei com « ella a defender a Vossa Magestade. » El-Rei não deo resposta, porem disse em altas vozes — tragão á minha presença Antonio de Sousa de Macedo. Vendo-se que estava grandemente enfurecido, e já com muitos criados; pois ainda que alguns estavão comprados, muitos erão leaes, alem disto considerando estar na Praça do Palacio um Regimento de Cavallaria, do qual era Commissario Geral Luiz Lobo da Silva, e um Terço de Infantaria de que era Mestre

de Campo Mathias da Cunha ambos criados de El-Rei, a quem não tinhão movido as promessas do Infante para deixarem de servir a El-Rei com toda a fidelidade de cavalheiros que erão, disserão a Sua Magestade que o hião procurar, como logo forão, o Marquez de Marialva e Francisco Barreto; porem como ao leva-lo o Duque para o pôr a bom recado encontrasse uma multidão de gente que occupava os corredores, e escada, teve o Secretario occasião de escapar-se, sem que podessem averiguar por onde; pois fazendo-se exactas deligencias por encontra-lo, não foi possivel, escondendo-se de modo, que se não soube mais delle, senão de Inglaterra para onde partio, fazendo com tudo a El-Rei sabedor de sua retirada. Quando o Duque o levava alvoroçou-se o povo, mostrando desejos de o maltratar; porem o respeito do Duque suspendeo toda a insolencia, que certamente experimentaria se o Duque lhe não fallasse com severidade, e lhe não lembrasse, que visse que hia com elle: e isto bastou para socegar tudo. O vulgo é como a agua que a qualquer sopro se altera, e se acalma com a mesma facilidade, sempre gosta da novidade ou para o mal ou para o bem, e nunca se atreve a executa-lo sem arrimo de impulso superior que lhe fomente o mal, ou principie o bem, e posta esta maxima se consegue delle aquillo que se intenta superar, e engrandecer.

V

Altera-se o povo; põe-se a tropa em armas; o Secretario não apparece; El-Rei se irrita; o Marquez de Marialva segura o Secretario em sua propria vida.

Era tanta a gente que tinha concorrido a Palacio, que não cabia em todo elle. Na Cidade havia não menor confuzão, e tão grande rumor de haver motim, que os que não vinhão á novidade de Palacio se fechavão em suas casas. Nestes termos Luiz Lobo da Silva, Commissario Geral da Cavallaria da Côrte, e Mathias da Cunha Mestre de Campo do Terço da Armada se pozerão em forma de peleja para abrandar o impeto do povo, o qual furioso queria romper quanto encontrava. Uns dizião que tinhão morto El-Rei, outros o Infante, e não convinhão senão em que querião matar os traidores. Isto se passava quando chegava o Marquez de Marialva a dar parte a El-Rei, de que buscando-se por todas as partes o Secretario, este não apparecia, porem em sua vida segurava a Sua Magestade não lhe haver succedido perigo algum, nem estava preso. Isto o incendiou de tal sorte que quanto mais pretendião metiga-lo, tanto mais se enfurecia o incendio, persuadindo-se que o havião morto: e afirmando todos estar vivo e isento de toda a molestia disse — que só vendo daria credito. E como a verdade era ter escapado, e não haver noticias delle, disse o Marquez a El-Rei.

« — Senhor, Antonio de Sousa de Macedo está em
« sua casa vivo e são, e se o não crê, eu o entre-
« garei a Vossa Magestade vivo, quando me pedir
« conta delle, deixe Vossa Magestade socegar o tu-
« multo, e elle virá logo; eu offereço a minha ca-
« beça por qualquer desastre que haja recebido. »
E como este Marquez de Marialva se presava de
aconselhar sempre com madureza, de prevenir com
viveza, e de promover com destreza, disse mais a
El-Rei: — « Senhor, a plebe está amotinada, e se
« se não acommoda deve-se esperar alguma desor-
« dem, a qual nem a Vossa Magestade nem a Sua
« Alteza, nem a nós seja conveniente. Mande Vossa
« Magestade chamar a Rainha, porque mostrando-se
« todos tres ao povo principie a quietação e socego
« em todos, pois não haverá remedio mais eficaz
« para se moderar o furor desta gente. » Pareceo
bem a El-Rei e aos demais este conselho; e a Rai-
nha avisada veio logo, a qual cuidando em accom-
modar a El-Rei, lhe disse — que tinhão feito um
grande serviço a Sua Magestade em tirar-lhe do lado
o Secretario. O que El-Rei embaraçou a não pro-
seguir a oração, dizendo-lhe — « Não mando cha-
« mar a Vossa Magestade para conselhos, pois sendo
« bons os de Vossa Magestade por ora não é tempo
« delles, senão para vêr se nossa presença reprime
« a inquietação do povo. » Postos os Reis e o In-
fante á janella, observada pelo povo a paz de todos
tres se desenganou a gente das funestas ideas que
tinha concebido; e depois de receberem muitos vivas
foi cada um para sua casa. Todas estas acções re-
feridas excedem as mais violentas da antiguidade,
tanto quanto vai do que se pode estranhar ao que se
não pode manifestar: aquellas poderião ser grandes,
e por isso exageradas pela mesma antiguidade, porem

*

estas excedem tanto as maiores, e por isso em nenhuma idade poderão ser manifestadas, nem individualmente conhecidas, pois excedendo os limites da tirannia se fizerão infames, e o serão para sempre. Assim a plebe evacuou o Palacio e a Praça, o Infante e os que o acompanhavão beijárão a mão a El-Rei, e á Rainha sem dar palavra que podesse dar desgosto, e partírão todos para o Palacio do Infante, onde ficárão em conferencia na forma do costume. El-Rei parecia estar socegado, porem não era assim, antes entregue a profundas meditações se achava mui cuidadoso do que via e considerava como preludios de sinistras consequencias.

CAPITULO V.

I.

Confunde-se El-Rei, e não se capacita que fosse traidor Roque da Costa Barreto; suspeita mal de Vicente Caldeira, manda-o matar, e não é obedecido.

Neste estado se achava El-Rei confuso, e pensativo, sem saber a que se determinasse, pois não tinha de quem se valesse para conselho de que necessitava, vendo-se rodeado de muitos máos, e de poucos bons. Para prevenir-se já era tarde. Julgava covardia deixar de castigar a offensa, e o precepitar-se conhecia ser temeridade. Constituido entre tantas contradições, vio que lhe era precisa a prudencia, pois as forças, o

tempo, o lugar, e todas as mais circunstancias necessarias lhe faltavão á vista de inimigos tão superiores, que já não conhecião o respeito a Sua Magestade o temor de Deos e a vergonha das gentes civilisadas. Começou igualmente a considerar quem descobriria a conferencia passada, e nunca lhe veio ao pensamento que seria Roque da Costa Barreto, pois o amor que lhe tinha a confiança e estimação que fazia delle não davão logar á menor suspeita. Tinha um criado chamado Vicente Caldeira Vellez, que sempre havia sido bem visto do Infante, e logo ao principio dos disturbios foi igualmente mal visto assim de El-Rei, como do Castello Melhor, procurando desculpar o Infante no que licitamente podia; e por isso se aggravava mais a presumpção que delle havia, e de agora supôr El-Rei que nenhum outro o podesse ter dito ao Infante; isto tendo dentro de casa tantos traidores, e nenhum com circunstancias tão aggravantes, como Roque da Costa, pois era o que conhecia todo o coração de El-Rei, e os outros só o que se communicava: pelo que determinou El-Rei mandar matar o Vellez, e commetteo esta deligencia a dous ou tres criados para a executarem. Sempre é perigoso servir a Principes faceis em conceber suspeitas, e muito mais aquelles a quem falta a fortuna, e acompanha a infelicidade, os quaes são como o enfermo, que por qualquer cousa se agonia; mas já se não fazia o que El-Rei mandava, senão o que o Infante queria. Os criados a quem El-Rei ordenou que matassem Vicente Caldeira o avisárão ou por amigos, ou por conhecerem que se lhe mandava dar aquella morte só pela entrada que tinha com o Infante, e como vião que a authoridade real hia cahindo, faltárão á obediencia, por imaginarem que fazião serviço ao Infante. O respeito em se perdendo á Magestade é o

caminho direito da destruição dos Principes; isto se vio, pois não fizerão caso da ordem que o seu Rei lhe havia dado; e talvez estes fossem mais dignos da morte de que Vicente Caldeira escapou por innonocente. Seria de admirar que os tirannos vivessem muitos annos favorecidos, se se não soubesse que o conseguem por meios de executores crueis que com severidade mantem o respeito dos mesmos tirannos; isto não conseguem os de animo frouxo, os quaes não sabem cortar as adversas deligencias em flor: El-Rei como tal acordou tarde, e quando já estavão viciados os nervos da obediencia. Avisado pois Vicente Caldeira, se fez doente, não sahio de casa, e escapou do perigo.

II

O Infante vai cavilosamente beijar a mão a El-Rei, e o Secretario se despede do seu serviço.

Discorreo o Infante com os seus que convinha hirem beijar a mão a El-Rei, dando-lhe graças pela separação do Secretario, e isto ou por ganhar tempo a fatalidade que estava criando corpo, ou para se acreditarem na aceitação do povo; dando a entender que tudo o feito era em serviço de El-Rei, e bem commum dos vassallos, sendo o Infante servidor sem mais interesse que a conservação de Sua Magestade. Ao outro dia deo cumprimento a este acordão, — dizendo a El-Rei, que quanto havia feito era obrigado do amor de Irmão que a Sua Mages-

tade professava, e da fidelidade de vassallo em quem mais do que em outro qualquer concorrião obrigações para vigiar pelos particulares interesses de Sua Magestade desejando obrar tudo em beneficio do seu Principe, seu amigo e seu irmão. El-Rei com severidade respondeo, — que conhecia bem as obrigações em que lhe estava, as quaes saberia pagar da mesma sorte que as devia. Resposta nas presentes circunstancias mal considerada, pois sendo entendida pelo Infante lhe deo pouco cuidado, continuando esta frequencia de Palacio por quasi oito dias por maximas occultas que nisto se executavão. Ao cabo delles principiárão as novas disposições que faltavão ao complemento da obra. Depois de passado um dia da separação do Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo, mandou este dizer a El-Rei, que o tempo, e suas adversidades não davão logar a hir beijar a mão a Sua Magestade por não dar logar a novos disturbios com os quaes se augmentassem em Sua Magestade desgostos e molestias: e assim determinava passar a Inglaterra, e para isto pedia a Sua Magestade que fosse servido dar-lhe cartas para o Rei e Rainha, sem outra mercê que a de dizer-lhe que era seu Secretario de Estado que passava áquelle reino com seu beneplacito, não querendo outra remuneração, senão a de saber-se nos reinos estrangeiros a reputação lograda no seu serviço. Já El-Rei sabia que o Secretario existia em Lisboa, ainda que com alguma desconfiança de que não voltasse a Palacio, ou lhe não mandasse avisar onde estava, e vendo agora que não queria vir á sua presença, e lhe pedia as cartas mencionadas, o sentio muito e se entristeceo em vêr que lhe hia faltando tudo. Respondeo-lhe dizendo, que por ora suspendesse sua partida, pois assim importava a seu serviço, e se fosse vêr com

elle: isto não se atreveo o Secretario a fazer — respondendo que não queria dar occasião a que segunda vez se violasse o sagrado do Palacio, e que achandose quasi em setenta annos de idade cheio de achaques, estes lhe prohibião, e dificultavão o exercicio de que Sua Magestade lhe havia feito mercê, e se achava melhor para o retiro e soledade, do que para confuzões e alvoroços; que para sua velhice, e segurança de Sua Magestade não convinha o elle ficar em Portugal, motivo porque tinha resolvido fazer viagem para a Gram Bretanha, confiando em Deos que com sua retirada se seguraria Sua Magestade e o seu reino gozaria da quietação que tanto desejava. Considerou o Secretario que não havia já respeito a Palacio, nem se guardava decoro a El-Rei, conheceo o rancor que o Infante lhe tinha, e vendo que este se hia fazendo absoluto senhor, não quiz afiançar sua pessoa no reino, senão retirar-se fora delle, aonde os raios que ameaçavão grandes estalidos lhe não podessem chegar. Era El-Rei de tão generoso natural, que não se lhe escondendo a falta que este Ministro lhe havia de fazer, lhe mandou a carta para El-Rei de Inglaterra com tudo o mais que lhe pedio.

III

Reflexões sobre a politica de El-Rei D. Affonso.

Já não ficava senão um criado dos que El-Rei fazia confidencia chamado Manoel Antunes, era moço da Camara, com o qual não sendo prodiga a natureza pelo que tocava á nobreza, com tudo o havia dotado de um avantajado entendimento, e singular juiso. Este pois não permaneceo por muitos dias, mas lho sacudírão tambem da sua assistencia, vendo que lhe podia ser util: ficando o Monarcha orfão de todos os que lhe fallavão verdade, e de quem podesse fiar seus segredos, entregue a um traidor infame qual era Roque da Costa. Todos os mais se forão retirando, uns vendo o pouco caso que se fazia da soberannia de seu Rei no que já não havia remedio, outros pelo terem vendido por pouco preço, que os mais delles não recebêrão; e por isto já mui poucos o visitavão: tendo sido um Principe tão liberal que nenhum dos Reis seus antecessores havia dado mais, nem feito tantas mercês; com ellas imaginou estabelecer seu reinado, e se enganou, pois todos o deixárão ficar só, obrigando em uns o augmento, em outros a aleivosia mascarada em muitas queixas, fazendo dos beneficios recebidos incompetente paga de serviços, e de generosidade do Principe prodigalidade de genio. Vio-se isto ao pé da letra, pois de muitas e grandes mercês que fez ganhou poucos amigos, e a muitos inimigos, de que é justo haja fama, e

lamentavel memoria, pois não vivendo o bom entre os máos sem risco, se poderá dizer sem contradição, que entre os animaes não ha outro mais ingrato do que o homem; e assim engana-se quem cuida que com beneficio que faça se poderá fazer amar, e ainda quando a envelhecida inconstancia que acompanha á natureza humana, desde o berço o não empeça, o destruirá certamente a desigualdade, porque sendo o amor um nó que ata os conformes animos, sendo desproporcionadas as partes que formão esta composição, não poderá ser firme; o que basta para dizer que ainda quando se sirva aos Principes muitas vezes se faz por necessidade e não por amor; pois deste sempre a vontade é guia, e faltando esta, não pode subsistir aquelle; e quem serve sem amor, por muitos beneficios que lhe fação, e receba, sempre presume merecer mais, e não haver cousa que recompense seu merecimento: e é por onde muitas vezes costuma começar a aleivosia e a traição, pertendendo segurar novo partido sem attender ao credito, á honra, e á fidelidade.

IV

De como o Infante frequenta o Paço para enganar o mundo; pede Roque da Costa a El-Rei que mande retirar a guarnição do Palacio, o que é concedido ao traidor.

Continuava o Infante em hir a Palacio os mais dos dias, não por vêr a El-Rei, senão para que parecesse aos de fora que o hia vêr, afectando lealdade paz e amor fraternal, de sorte que fôra temeridade suspeitar mal á vista do que parecia virtude. El-Rei nada gostava de o vêr, porem o tempo o fazia acommodar com a fortuna em que se achava disfarçando a má vontade que por tantos principios lhe tinha. Destas hidas e vindas de Palacio conseguio o Infante que Roque da Costa Barreto por cume de sua traição representasse a El-Rei, como por serviço que lhe fazia, que toda a Côrte murmurava de Sua Magestade e dizendo que o Infante não tinha jámais tratado senão de sua conservação e do bem commum de todos, e que ao presente se achava tão humilde, como servidor de Sua Magestade, e pois lhe assistia como irmão, e fiel vassallo, segundo se experimentava, não era razão que não fizesse delle a confiança que com tantas mostras de amor havia merecido; e que assim como Sua Magestade por razões que tivera mandara guarnecer o Palacio e praça de soldados, sendo a presumpção falsa,

como se havia conhecido e verificado com a experiencia, e não havendo motivo de suspeita ainda a mais leve para desmentir a voz de toda a Côrte, devia mandar tirar as armas, para se entender que estava tudo em paz e tranquillidade, e assim se desvanecessem os discursos que ainda restavão no povo, prompto a formar ideas pela maior parte preneciosas: pois do contrario pensarião todos, e Sua Alteza tambem, que Sua Magestade se não fiava do Infante, e que estava disposto a vingar-se delle. Foi facil El-Rei em conceder que a Cavallaria, e Infantaria se retirasse a seus quarteis. Esta ligeiresa com que o concedeo se attribuio não a ser-lhe pedido, mas para dar a entender que estava satisfeito do Infante, e não queria mais do que a paz e quietação; pois conhecia muito bem que já não tinha forças para usar de violencias; pelo que queria tentar se com arte, e industria podia restaurar-se para poder conseguir melhor a retirada pertendida da Côrte; porem tambem já era tarde, e em vão seu cuidado, pois os inimigos o tinhão estreitado tanto que já se não podia resolver. Para tudo ha homens no mundo, e os traidores domesticos são os que mais a salvo matão á surdina; e é cousa não menos averiguada, que certa, que por isso mesmo que os Principes são de maior soberannia, tanto menos podem abandonar-se á confiança, ao mesmo passo que o seu caracter e nascimento os obriga a fiar-se nos outros, que nem sempre lhe correspondem com o que devem: d'onde vem a succeder que tendo muitos sofrido traições, com mais facilidade as tem sofrido os Reis, pois que nenhuma ordem de pessoas está tão sujeita a este mal, como elles. Por traições se tem perdido, e destruido muitos, e está tão usada esta infamia no mundo que nem grandes nem pequenos escapão della, senão

aquelles a quem a sorte separa da occasião da traição. Não ha cousa peor do que um traidor, e se é criado ainda é mais execravel sua aleivosia; nenhuma cousa cobre o sol mais horrivel, cuja fealdade é tão grande, que os mesmos que se servem de taes ministros os aborrecem, estimando o fructo do ministerio, e ainda que nas maldades de outro genero desejão muitos fazer-se famosos, a infamia desta a todos acobarda e intemida.

CAPITULO VI.

I

Lanção-se as vistas de perder El-Rei, e aclamar o Infante; abominavel doutrina que este segue para o dito fim.

Andava o Infante com os que o seguião entretendo o tempo até que chegasse a grande e oportuna occasião que tanto desejava. Por então hião dispondo o que faltava para surtir o effeito que esperavão: e como já não havia em que poder mentir, entrárão a dizer, que era grande o sentimento dos homens de bem do povo de que El-Rei não fosse deposto, e aclamado o Infante; que a impulsos da razão guiados muitos desta vontade havião querido aclama-lo diante de El-Rei em seu mesmo

Palacio, quando se separou o Secretario de Estado do seu lado, porem Sua Alteza o havia impedido com severo semblante; que este, dizião elles, era tão amado, que no desgosto que mostrou fez emudecer as vozes com que querião po-lo no throno, pois seu intento era que El-Rei moderasse seus costumes, e o governo do reino se pozesse em termos habeis; porem El-Rei recebia isto com tanta repugnancia que escandalisava a todos, e dava causa, e motivo á sua deposição, pois claramente se via que elle por si mesmo havia perder o reino que devia conservar; mas não obstante tudo sempre havia respeitar a Magestade isto acreditava a justiça com que Sua Alteza havia procedido, e a moderação em todas as occorrencias d'aquella acção com Sua Magestade, a qual havia obrigado muitos dos favorecidos do Rei a publicar que Sua Alteza tinha tirado da sua cabeça a corôa para a pôr na de El-Rei. Já a insolencia se não propunha com frases obscuras, sendo tudo uma quimera nascida da infamia, e levantada para desculpar a maldade do Infante, e de seus sequazes para hir suavisando a plebe, vendo como esta recebia o aclamar novo Rei; para que registados assim os animos podessem obrar conforme a disposição que achassem no povo, estribados n'aquella maxima, e fementida base de que tudo obravão com moderação para bem dos vassallos, e segurança do reino; e assim tudo o que obrassem se não devia ter por criminoso, e tiranno senão por determinação cordata e piedosa. Bem conhecia o Infante e os seus estes defeitos, porem em logar de corregi-los, ou querião que fossem recebidos como virtudes, ou que os mais fossem cegos. Todos aquelles que os sabião não cuidavão da diferença que vai do verdadeiro ao falso, abraçando o ser-lhe livre tudo o que lhe podia ser util, e recebendo como

causa a mais enfadonha os conselhos da consciencia timorata, afirmando que a Religião devia ser tratada com veneração pelos subditos, mas pelos Principes sem escrupulo, e só segundo a conveniencia; que de irmão a irmão não hia mais differença, que de mais ou menos amor; que só á Nação e á fortuna tocava o dar a primazia; que a virtude solida muitas vezes enganava, e que a sombra e apparencia della aproveitava muito mais; em fim que a bondade bastava ser louvada ainda que se não buscasse; e que nos Principes não havia cousa injusta quando redundava em grandesa de sua pessoa. Destes antecedentes se conhecerá claramente a consequencia que Sua Alteza tirou de semelhante doutrina.

II

Observa Castello Melhor de seu retiro os movimentos da Côrte; vai para maior distancia, e escreve a El-Rei.

JULGAVA o Conde de Castello Melhor ter melhor successo do que veio a experimentar: estava sete legoas e podemos dizer á vista da Côrte, com frequentes avisos das disposições do Infante, e de como El-Rei se havia com ellas; porem apenas soube o que se havia practicado com o Secretario de Estado, logo perdeo todas as esperanças em que vivia no retiro. Que não sei o que tem este engodo de governar, que esquecendo o ser mal quisto, e suavisando a fadiga, só se aspira a querer mandar. Vendo pois o Conde

a insolencia com que entrando em Palacio á vista de El-Rei o havião deposto, tendo precedido conselho de guerra que havião formado pelo absoluto mando do Infante, sem se attender a que havia Rei; conhecendo não haver junta nem conselho que possa ter faculdade sobre elle, sendo só Deos seu superior, pelo que se não podia fazer em forma regia, sem sua authoridade, se desconsolou inteiramente, conhecendo que o Infante queria com isto afectar poder, ainda que alheio, descobrindo ao mesmo tempo o pernecioso fundamento em que se estribava sua tirannia, que era que os dictames do Conselho se firmavão só em sua authoridade, pertendendo com este erro, que o poder legitimo, e verdadeiro, sendo usurpado, cedesse á tirannia, e deslealdade. Isto animava mais, vendo que El-Rei enganado por Roque da Costa Barreto tinha mandado tirar as armas do Palacio, as quaes lhe infundião algum respeito; vendo igualmente que os amigos de El-Rei o hião deixando, quando todos os estados e jerarchias por felizes que sejão, universalmente fallando, tem necessidade delles, sendo sua falta origem de desgraças. Com estas pouco vale o ser Principe, ou Rei, porque então se avalião as verdadeiras amisades; que muitas vezes tem nome de amigo o que é inimigo dentro da mesma casa, e debaixo do titulo de amisade se encobrem as traições, porque o amigo que é necessario nunca pode ser amigo de lei, e por isso a quasi todos faz falta, e os Principes poucas vezes os tem conseguido, do que devemos inferir ser menos máo o inimigo declarado, do que o amigo fingido. Occupado o Conde de Castello Melhor com um tropel de discursos, tomou a resolução de ausentar-se logo, e evitar que pela vesinhança em que estava lhe não chegasse alguma faisca que o abrazasse. Escreveo uma carta a

El-Rei, o qual a recebeo da mão de Lourenço de Sousa seu Primo, Conde de S. Thiago, e Aposentador mór: nesta dizia — que toda a serie de cousas que hião succedendo não era tanto culpa da direcção com que se havia encaminhado, como o empenho da fortuna que as queria fazer funestas; que a segurança de Sua Magestade só pendia de pôr terra em meio, e valer-se das armas do Exercito; que visse de quem se fiava, que pelas circunstancias de que estava informado tinha junto a si quem o vendia, e estava mui perto de se perder, e aos que o servião; isto era o que ha muito presumia de tal sujeito; que elle com licença de Sua Magestade se retirava á sua Villa de Pombal, desejando todo o bom successo, e as ordens que devia seguir em serviço de Sua Magestade.

III

Fica El-Rei suspenso com a carta de Castello Melhor; desconfia de Roque da Costa, quer castiga-lo e já não pode.

MAIS vale tarde do que nunca diz o adagio do sabio; porem aqui aproveitou pouco sua sentença, porque mui tarde se acordou Castello Melhor d'aquillo que no principio devia ter obrado; e o erro então commettido quiz remediar a tempo que as cousas estavão na maior altura de desesperação, e quando sem grande e conhecido risco mal se podião restaurar pela grande tormenta que já corria e começava. Fi-

*

cou El-Rei com a carta mui suspenso, indeciso, e sem saber como se havia de haver, pois lhe hião faltando todos, e até os mesmos que lhe erão leaes, e o desejavão servir, e assistir, não se atrevião por medo do grande poder da parte do Infante. Já El-Rei reconhecia que os erros commettidos, quando principiárão os primeiros disturbios, erão a causa do seu precepicio, pois não ha mestra mais practica em todas as cousas humanas do que a adversidade, a qual só ensina a conhecer os erros. Porem como o animo dos Princípes tanto tem de superior, quanto de confiado, e a traidora intenção seja mais natural ao covarde, do que ao animoso, d'aqui nasce não serem os Principes cautelosos como devião. Com as adversidades referidas, que enviou o Conde de Castello Melhor se desalentou El-Rei em grande maneira, sem saber o que faria, e tendo-lhe dito o Conde de S. Lourenço, e os mais da conferencia, que elles não tinhão revelado o segredo do que se havia determinado na junta, nem lhes convinha publica-lo, e que sendo isto passado entre elles e Sua Magestade não o tendo elles declarado, só Sua Magestade o poderia ter dito a alguma pessoa que o fosse dizer logo ao Infante; o que suposto só Sua Magestade podia saber com mais fundamento quem poderia revelar o que Sua Magestade não fiou de si. Começou logo a desconfiar de Roque da Costa, e oxalá mais cedo conhecesse seu engano, pois ainda estando tudo revolto outra fortuna o seguira se este traidor o não vendera com sua aleivosia. El-Rei confessou que só a este o tinha dito pelo muito que delle confiava, e lhe parecia incontrastavel sua lealdade e amor. — « Pois se Vossa Magestade, — respondêrão, « só a Roque da Costa o disse, só Roque da Costa « o revelou ao Infante, assim como tem revelado

« tudo o mais, como se tem visto pela experiencia, « pois tudo quanto se consultava, e intentava se vião « logo as prevenções necessarias para não surtir effei- « to; quando do Infante nada se sabia senão depois « de executado. » Ficou certissimo da traição do criado, e perguntando o que faria delle lhe disserão, que por ora nada, nem sequer dar-se por entendido, e só dizer-lhe em muito segredo o que lhe fosse conveniente que soubesse o Infante, pois não era tempo de castigar senão de dessimular, fazendo-o de modo que a cautella viesse a aproveitar; e ao presente o que mais convinha era astucia, e geito, pois forças não as havia, e a parte contraria cada vez hia tomando mais alento para acabar de o destruir, pois os vião unidos na facção todos mui conformes para qualquer attentado, não querendo que a isto se chamasse união, e menos confederação pela semelhança do nome rebelião, dizendo que não era outra cousa que os faria conformes mais do que a conservação do Reino e serviço de Sua Magestade. Hipocresia que bem pouco havia colorar a infamia, se Deos não dispozesse outra cousa.

IV

Da facilidade de El-Rei.

IMAGINAVA o Infante, e seus sequazes não haver differença do verdadeiro ao falso, sendo em utilidade propria: que cousa tão admiravel! A este fim dirigírão suas invenções, e suas quimeras, afirmando

que era licito tudo o que estabelecia sua utilidade, pelo que abraçando tão bom dictame, não podião deixar de ser copiosos os fructos da sua tirannia, quando dos bens da alma se não fazia caso. Sempre a ambição e tirannia logra o alvo de seus tiros, quando os Principes se fião tanto de si que dão azos á confiança para a maldade lhe tirar o solio, e com isto não contente passe á sua ultima perdição. Signaladamente cahio neste erro El-Rei D. Affonso 6.º por demasiadamente confiado. Chegou Nero a tanta confiança, e presumpção de dominar a fortuna, que havendo-se-lhe perdido umas preciosas joias no mar, afirmava que os peixes lhas trarião. Semelhante a esta era a confiança de El-Rei, pois vendo-se em tantos e tão manifestos perigos, como tirarem-lhe os criados, desterrarem-lhos da Côrte, separarem-lhe do lado aquelles que lhe convinha ter junto de si para poder governar com acerto, e livrar-se das cavilações que tanto a seu gosto lográrão seus inimigos, não ignorando o pouco respeito que já lhe tinhão, e as muitas suspeitas, indicios, e conjecturas que acreditavão sua ruina, não se quiz dar por entendido de que toda esta maquina hia a cahir sobre elle, e que tendo só necessidade de prevenir-se, esperava que tudo se havia de compôr pela qualidade de sua grandesa, estando esta na maior ruina, não se lembrando de que o que uma vez perdeo a vergonha, abandonada a consciencia e o temor de Deos, só hade attender á ganancia do seu interesse, e quando já não tem que perder só olha para o que pode ganhar; pois para o mal basta principiar, e havendo lucros, ainda conhecido por máo logo ha muitos companheiros.

CAPITULO VII.

I

Deixa o Infante de hir ao Paço; manda assassinar Salvador Correa de Sá e Benevides, e Rui Fernandes d'Almada.

VENDO o Infante dispostas as cousas, e que para seus intentos não necessitava de fazer assistencias a El-Rei, se retirou de Palacio, e não tornou mais a vê-lo; e por atemorisar alguns que ainda assistião ao Rei, foi uma noite com o Conde de S. João e o da Torre esperar ao Bairro de S. Paulo a Salvador Correa de Sá e Benevides, e a Rui Fernandes de Almada, os quaes morando um perto do outro se recolhião juntos, e investindo todos o coche em que hião estes dous cava-

lheiros lhe matárão uma mula, e ferírão as outras, e os tratárão muito mal com os golpes que lhe derão, pois ainda que não hião a mata-los os maltratárão de sorte, que Salvador Correa esteve alguns dias de cama; e como erão de muita idade, pois o mais novo passava de setenta annos se presumio que morreria. Com tão violenta demonstração fizerão que intimidados deixassem de hir assistir a El-Rei, de o aconselhar, e até de apparecer em Palacio, e os mais se acautelassem pelo que vião em cabeça alhea, e fugissem do mesmo risco. Concorrião nos dous acima ditos virtuosas circunstancias para desvanecer as patranhas com que o Infante e os seus pretendião abonar suas quimeras, além de ser um Thio do Conde de Castello Melhor que foi o texto para o principio da tragedia, e Salvador Correa não ter Parentes em Portugal, pois descendia da Cidade de Baessa reino de Jaen, da nobilissima familia dos Benevides. Fizerão pois com os dous o referido para atemorisar a todos os que erão de seus sentimentos, porem não se atrevêrão a fazer o mesmo ao Conde de S. Lourenço e ao Conde de Val de Reis por estarem bem aparentados; e importava ao Infante não se dar por entendido por serem muitos dos que o seguião parentes destes dous, os quaes com a mais leve demonstração de offensa que tivessem com elles o abandonarião todos. — Temão-me, ainda que me aborreção —, é a devisa dos tirannos. A cada decreto seu acompanha uma pena de morte, ainda que seja nas cousas mais insignificantes; o contrario disto preferio antes El-Rei a de — amem-me embora nunca me temão: — pois mais queria ser amado que mal visto, propriedade da natureza real, e o posto de Principe tiranno. O mais duro de todos os encargos é o da tirannia por ser a fonte de toda a crueldade; assim como nos Reis a justiça é o summo

bem, na tirannia não pode haver satisfação que compense a enormidade de seu crime, e na verdade que não se encontra castigo para tanta tirannia como foi a que o Infante usou com seu irmão, violando a lei de Deos, e da mesma natureza para conseguir a atrocidade mais aleivosa. Não se dava ainda por satisfeito tendo tirado da assistencia de El-Rei todos os que lhe erão uteis assim ao gosto como ao conselho, fazendo crime do que era recto e justo. Todo o bom n'aquelle tempo era abominado, pois que ao mesmo ponto que a tirannia pertende avassallar logo é preciso que reine a maldade e se condemne a virtude para aquella surtir melhores effeitos. Vendo pois o Infante que ainda ficava Manoel Antunes de quem se receava usou do modo seguinte. Vendo o Infante que Manoel Antunes podia ser adverso a seus intentos lhe enviou a dizer em segredo, que se retirasse de Palacio, e não apparecesse lá mais, pois assim convinha á conservação de sua vida; pelo que vendo-se o pobre moço ameaçado, e conhecendo que no amparo do Rei estava o maior perigo, fez suas conjecturas tão exactas como os acontecimentos depois demonstrárão, e assim sahio de Palacio sem dizer palavra a pessoa alguma. Assim que houve noticia que se tinha ausentado começou logo a calumnia com seu costumado rancor a dizer, que o reconhecimento de seu descomedido atrevimento o havia feito retirar antevendo o castigo que merecia sua preversidade, pois sendo um homem de tão baixa esphera se metia a aconselhar a El-Rei cousas prejudiciaes, e que nisto mesmo tinha El-Rei mostrado sua indolencia, pois não só o escutava, mas fazia o que elle lhe dizia, sendo filho de um pobre homem, o qual havia servido no Hospital da Misericordia de Villa Viçosa, e entrando a servir no Paço, como Reposteiro, o passara El-Rei a moço

da Camara, dando-lhe o habito de S. Thiago, e outras mercês, sendo seu melhor emprego conduzir ao quarto de El-Rei pessoas indignas, de quem o dito senhor muito gostava a fim de seus infames divertimentos, e por isso o havia encarregado de correr com os gastos secretos: e que era tanto o seu descoco, que ainda assim animosamente criminava a Sua Magestade por acções tão descompostas, quando favorecia as mais insolentes do partido dos validos; e que na Còrte se conhecia que todos os que buscavão a verdade e razão buscavão o partido de Sua Alteza; não havendo conversação publica ou particular, aonde se não fizesse especial mensão da prudente direcção de seu generoso animo, e da prejudicial pertinacia de El-Rei, de modo que os louvores que davão a Sua Alteza erão aclamações de seu alto merecimento, e os discursos que se fazião de El-Rei indicavão que acabarião por clamores e mui triste fim: porem que nem uma nem outra cousa attendia Sua Alteza, senão a vêr como supriria com sua pessoa e bizarria os defeitos de El-Rei, e lhe conservaria sua grandesa, segurando a monarchia, e o alivio dos vassallos. O Infante mostrava ser um e era outro em suas obras, a todos dizia que queria conservar e deffender El-Rei, mas a sua damnada intenção era obrar o contrario do que dizia. Estes são os ardís mais poderosos e os enganos que cegão a plebe ignorante, tirando-lhe a luz da razão que é a regra de todos os bons acertos: porque ordinariamente o vulgo a cuja capacidade não é dado registar o fundo dos Macheavelistas, é quem mais facilmente se accommoda aos que julga capazes, e zelosos das conveniencias publicas, não prevendo a malicia, ou fonte de maldade d'onde dimana a obra, senão o exterior que descobre.

II

Da vida de Francisco de Carvalho; e caso de Salvaterra.

NÃO é pequeno engano reprehender em os outros o vicio de que se acha enfermo, porem é maldade execravel notar os peccados alheios, esquecendo-se cada um dos proprios. Neste mesmo tempo que o Infante criminava a privança de Manoel Antunes, aprovava elle, e os seus o valimento de Francisco de Carvalho. Era escandalo em El-Rei ter um homem tão humilde muito de sua graça, porem no Infante era louvor ter um villão, tão ruim como o referido, recebido delle demonstrações publicas de carinho de tal sorte que os que o não conhecião se admiravão, e os que o conhecião pasmavão. Era Francisco de Carvalho de Coimbra, e tinha sido toda a sua vida lacaio, e a quem Francisco de Albuquerque tinha recebido para o emprego de tratar de cavallos (o que fazia bem) era este gentil, e hindo em uma occasião acompanhando seu amo, lhe perguntou o Infante, quem era aquelle moço, a que respondeo Francisco de Albuquerque — que era um homem de muito valor, que havia feito algumas mortes, e resistencias á justiça; pois como Albuquerque era doente do mesmo mal, e conhecia que o Infante naturalmente gostava dos sujeitos destas prendas, não foi dificultoso persuadir-lhe o prestimo, e valor de seu lacaio, e offerecer-lho, assim porque era actualmente seu, como

por entender que o Infante tinha gostado delle. Logo o Infante o mandou hir para Palacio, ordenando se lhe désse quarto á parte com tanta estimação, como aos criados que tinha cavalheiros: fazia que estes fossem jogar com Francisco de Carvalho, e que igualassem com elle sem lhe dar exercicio algum senão o de passear pela Côrte. Eu mesmo vi que sahindo o Infante muitas vezes do seu gabinete para hir á capella ouvir Missa, estando as antecamaras cheias de cavalheiros, no meio da seriedade em que hia em vendo Francisco de Carvalho se ria, e voltava muitas vezes a vê-lo com demonstrações de afecto, o que lhe não devia nenhum dos que alli estavão, dos quaes muitos as merecião assim por sua nobreza, como por seus serviços com que havião honrado a patria. Só Francisco de Carvalho merecia taes obsequios publicos de afecto, os quaes feitos a um homem de merecimento, a quem Sua Alteza devesse todo o seu augmento se estranharião por excessivos: e se adiantou tanto em manifesta-los que estando em Salvaterra no divertimento da caça, andando a ella lhe sahio um veado, e levava junto a si Francisco de Carvalho; este adiantando-se uns passos deo uma lançada no veado em que se lhe quebrou a lança: porem Sua Alteza querendo mostrar quanto o protegia, e estimava, dando-lhe a sua, ficou sem ella; e acodindo alguns dos cavalheiros que o rodeavão recebeo delles outra, reparando estes em ter dado sua lança a um homem vil, e que toda a sua vida havia sido lacaio. Francisco de Albuquerque o tinha melhorado de exercicio em o admittir a tratar-lhe dos cavallos, e o Infante o engrandeceo tanto, como a fortuna podia exaltar um homem, que pelos seus feitos tivesse conseguido a fama, e a gloria mais esclarecida, e isto tudo depois de ser já senhor do governo de Portugal,

nesta acção que só por cortezia a poderia um Principe fazer a outro seu igual, ou a um varão illustre que o tivesse livrado do perigo da morte, unindo Reinos a seu dominio, ou salvalo da escravidão dos inimigos, quando se achasse em perigo de perder a vida, e a Monarchia; porem a um vilão de tal qualidade por ter dado uma lançada em um veado, tendo-se atrevido a tomar-lhe o passo para esse fim, materia que os principes não costumão soffrer, julgue o leitor a razão porque o Infante poderia qualificar estas acções de virtuosas, e condemnar as de El-Rei, sendo melhores, por defeitos da Magestade! De Francisco de Carvalho fica dito o que elle tinha sido; de Manoel Antunes, ainda que filho de paes humildes, se pode dizer que foi filho de si mesmo, pois desde menino não buscava outro emprego senão o de servir no Paço, passando-o El-Rei como fica dito de Reposteiro a Moço da Camara e honrando-o com o habito de S. Thiago, por concorrerem nelle todas as boas prendas conforme a assistencia particular de um Principe, havendo-se El-Rei servido delle desde menino; e soube dar sempre tão boa conta de sua pessoa e ministerio, que o Infante o temeo, inferindo que nelle tinha observado, que era capaz de lhe estorvar o curso de sua traição e maldade, e fôra defeito da Magestade não augmentar a quem o servia a seu gosto; pois nem um, nem outro Principe merece ser censurado por acrescentamento que fizesse aos individuos de inferior esphera ou fosse por gosto, ou merecimento; pois não fôrão os primeiros Principes que sublimárão os homens de infima qualidade ás honras mais relevantes? com tudo se estes excessos fôrão escandalosos, não devem os Principes segui-los por exemplo, antes fugindo d'aquelles que nos tempos passados se condemnárão, não devem pratica-los nos presentes.

III

Desfalece o animo de El-Rei com a ausencia de Manoel Antunes; manda procura-lo, embaraça o Infante a diligencia.

Em qualquer fortuna é necessario o animo de cuja direcção depende o governo, e manejo de todas as disposições; e por isso um Principe não póde com sua capacidade só comprehender tudo, porque o talento de um homem sem ser ajudado de outros não pode deixar de experimentar as faltas de conselho de que tanto necessita, pois não tem por si forças para tão grave pezo: e se isto succede a um Principe que na sua educação não tivesse algum ensino senão o da natureza, (influencia que em alguns se exercita segundo se vê pelas razões de estado) seria forçoso que na falta de conselheiro desmaiasse. Assim como os Reis são sobre os demais homens no poder imperio e veneração, o deverião ser tambem em o saber, e quando por natureza o não fossem, ao menos o devião ser por arte para conhecerem que devem soffrer constantes as adversidades, porque isto só os faria felizes. Toda a fortuna de El-Rei D. Affonso 6.° se murchou, encontrando-se a cada passo a adversidade, e a conjuração, incidentes que a cada instante sobrevinhão, e se achava neste mar burrascoso sem conselho que o guiasse, pois já não tinha quem podesse soccorre-lo com sua advertencia, sendo isto só que podia livra-lo de cahir em os males, e adversidades

que se lhe aparelhavão; pois em tantas occorrencias, e tão molestas, por mui capaz que fosse, achando-se só, é certo que não podia prevenir tudo, nem governar-se; porque não era facil que um homem só de entendimento claro podesse rebater tanta preversidade, como obravão com elle; e dado que descorresse com juiso não podia pôr em practica esse discurso evitando todos os damnos, pois para isso fôra preciso, que tivesse dotes divinos, com tudo a este tempo já não podia, nem atinava com o que sabia, pois lhe havia tirannisado o poder, e tolhido o saber com a expulsão dos que o aconselhavão, (o que um Principe moço tanto necessitava) segredos são altissimos de Deos, pois delle dependem os Reis e senhores da terra, e todo o poder humano, e de sua vontade o principio e fim dos homens, e todo o seu acrescentamento! Foi mui sensivel a El-Rei a ausencia que fez de Palacio Manoel Antunes, pois se via despojado d'aquelles com quem podia desafogar, e de quem se valia para o acerto de suas disposições; e persuadindo-se que se haveria retirado a algum dos Conventos da Côrte, ou das visinhanças della, fez escrever a todos os Prelados, para que se estivesse em algum o avisassem; e a Gonçalo da Costa e Menezes Mestre de Campo de um Terço de Infantaria, e a José de Sousa Cid Mestre de Campo de outro Terço de Infantaria, os mandou a differentes partes por vêr se o achavão, ou noticia delle; porem como todas estas diligencias mandadas por El-Rei as rebatia o poder do Infante, a quem davão conta de tudo o que succedia, não surtião algum effeito, porque só se fazia o que Sua Alteza ordenava; pelo que dando os dous satisfação de si, disserão a El-Rei que não tinhão achado noticia de tal homem; e tendo elle tido uma vaga noticia de que Manoel Antunes passara ao

Alemtejo, enviou a Diogo Luiz Ribeiro Tenente General da Cavallaria da Côrte com a carta a Deniz de Mello e Castro General da Cavallaria do Exercito d'aquelle Partido em que lhe dizia que fizesse por toda a Provincia pesquiza se havia noticia d'aquelle sujeito, e apparecendo lho remettesse. Isto era o que dispunha El-Rei, porem o Infante desfazia tudo, porque todos os mensageiros despedidos a buscar para Palacio a Manoel Antunes nada executavão do que elle mandava, e só o que o Infante queria; e ainda que muitos destes erão criados de El-Rei, não se atrevião a cousa alguma sem a aprovação do Infante a quem para tudo pedião venia; e tudo faz o poder! Grande foi o sentimento que El-Rei mostrou da falta deste homem, e devia ser maior, que por alguns dos outros, por ser este o ultimo que lhe restava, sem lhe ficar outro em quem ao menos pozesse os olhos em tão grande tormenta, como experimentou. Tornando o Tenente General sem a preza a que fôra enviado, e não trazendo noticia, senão que entregara a ordem ao General da Cavallaria, e que não recebêra resposta, sem dar razão de semelhante falta ou sua, ou do General, El-Rei se indignou de sorte que lhe disse tornasse pela resposta da Carta, e que sem Manoel Antunes não voltasse á sua presença, pois lhe não admittiria desculpa alguma, antes o mandaria castigar pela culpa; com o que o Tenente General se foi, e não tornou.

IV

Argue o Infante estes excessos por Manoel Antunes, e segue-se uma cruel impostura.

NÃO podem os Principes como homens saciar suas ancias, sem a posse do que desejão, imaginando sempre a propinquar sua dita, e longe de si a desdita; esta é a causa porque muitos aborrecendo o socego, não se canção de solicitar inquietações, e desgostando-se do presente põe seus desejos, e confianças no futuro parecendo-lhe que mais neste do que no que possuem está guardada a sua maior felicidade; e pode tanto no coração humano a doçura de reinar, que entretido o gosto com este saboroso veneno, atropelando a razão volta costas ao Santo temor de Deos, e as saudaveis leis da natureza não lhe fazem força alguma; porque ainda que seja uma corôa mal composta, e um sceptro despedaçado, não ha quem deixe de fazer quanto possa por usurpa-lo. Mas faltava fazer o Infante a sua queixa costumada a condemnar as acções de El-Rei pelo motivo das diligencias que mandou se fizessem por Manoel Antunes, ainda que sem effeito como fica dito, começou a publicar que lhe pesava muito que El-Rei tão manifestamente, e com tanto sentimento fizesse acções indignas de um Principe por sujeito tão mecanico, e só merecedor de castigo; pois sendo o unico que o advertia, não podião deixar de ser pessimas as consequencias tanto para El-Rei, como para o Reino; e que bem se via ser

disposição divina, porque tendo-se feito tão repetidas deligencias para se achar, não havendo sahido do Reino, não tinha sido possivel descobrir-se, o que Deos permittia para que este homem não assistisse a El-Rei, para livra-lo por este meio, e a todos da perdição em que punha tudo sua introducção não só damnosa a Sua Magestade, mas de risco para sua pessoa; pois persuadia ao Rei, que só tirando-lhe a vida podia viver seguro; e o peor era que sendo o conselho tão máo, como tiranno, tinha parecido tão bom a El-Rei que o tinha adoptado, tanto que não faltava mais do que hir vê-lo para o executar, porem não tinha faltado quem o avisasse, dizendo-lhe que convinha não hir a Palacio, porque assim como havia homens malignos, que incitavão aos Principes a cousas más, assim tambem havia outros bons, e bem intencionados que os apartavão dellas. Mas como elle não tinha outro designio do que remediar as presentes perturbações, e evitar o risco que ellas podião causar, só se abstinha de hir á presença de El-Rei, por não arriscar a vida, e ao Reino á ultima calamidade. Todo este composto de embustes, e hypocrisias veio á parar em que El-Rei não tornasse a vêr mais em Palacio a Manoel Antunes, conseguindo o Infante com este artificio tudo o que quiz, pois sahindo do Reino fugitivo parou em Italia, aonde recebendo a vida eremitica e solitaria, passou ao exercicio de curar enfermos, e a coroou com signaes de sanctidade. Ah! e a que tristeza se reduz um Rei perseguido de traidores! Este Principe infeliz por sua demasiada bondade merece a mais piedosa compaixão, ainda dos corações mais impedernidos; pois cerradas as portas á sua esperança não atinava com cousa que podesse dar-lhe alivio, sem saber aonde se salvasse dos rigores a que a sua infelicidade o

arrastava. Só a Deos conhecia como a pae de misericordia, que sem duvida querendo lançar sobre elle este flagello, segurava por este meio á sua alma a coroa immortal que durará para sempre.

---

*

CAPITULO VIII.

I

Afecta a Rainha gosto de ser medianeira entre El-Rei e o Infante, votão os do conselho que Sua Alteza seja nomeado Ministro o que El-Rei não consente.

A TODAS as horas estava o Infante esperando a armada Franceza, e já tinha aviso de ter dado á véla, com o que hião pondo o negocio em taes disposições que da sua parte lhe não faltasse cousa que podesse prolongar-lhe os desejos insaciaveis que tinha de reinar; buscando falsos pretextos com colorados enganos para desculpar todos os accidentes que podessem sobrevir. A Rainha ostentava grande sentimento, mostrando

qüerer ser medianeira, (sendo ella o motivo da intriga que estava succedendo) mandou ao Rei recados cheios de submissão, em que lhe pedia se conformasse, e unisse com seu irmão, certificando-o de que tudo o que elle fazia era em serviço seu, e utilidade do Reino, o que todos sabião; por cuja causa todos os seus vassallos seguião o Infante e seus dictames; e era razão que se confiasse Sua Magestade mais em seu irmão o Infante do que em outro algum sujeito que só o serviria pelo interesse, pois o proprio sangue estava em primeiro logar, e a todos obrigava ao devido amor, assistencia, e lealdade; que só Deos sabia quanto a ella custavão as inquietações presentes, porem esperava em Deos que tudo se havia de compôr, ficando ella contente, o Infante satisfeito, e Sua Magestade seguro. Pode-se dizer que fallou verdade nestas tres proposições, nas quaes se verificou o encanto mais peregrino do mundo, e o mais escandaloso que em mulher se tem visto. Não ha cousa que mais deslustre uma mulher do que empregar os encantos da natureza para perpetrar os crimes mais idiondos. Estes bons officios fazia a Rainha de recommendavel memoria, quando o Infante e os seus para estabelecerem melhor sua trama fizerão que o Conselho de estado resolvesse que assistisse a El-Rei Sua Alteza como primeiro Ministro, governando como governava Castello Melhor; porem vendo que El-Rei não admittia tal dictame dizendo que não podia ser obrigado a tomar valido nem Ministro, pois este devia ser da sua eleição sem dependencia de outra vontade, entrárão a gritar pela Côrte que El-Rei não queria abraçar os conselhos dos homens bons e experimentados, que tratavão de sua conservação e augmento, querendo só a preversa lisonja dos malevolos com cuja desordem se confundia o governo e

destruía o Reino, não sendo possivel reduzi-lo aos bons arbitrios que os Politicos zelosos do bem publico lhe ministravão em seus conselhos para salvar a perigosa tormenta que nos disturbios publicos estava levantada, antes estava cada dia mais pertinaz em sua inflexibilidade sem esperança de remedio; pois o mesmo era aplicar-lhe os meios para melhorar de sua enfermidade, que julgar de quem condoído lhos dava, intentava sua perdição; que isto era já conhecido por todos os vassallos, os quaes sabião que o Reino se perdia, e que suposto se havia conseguido a separação do Conde de Castello Melhor, a ausencia de Henrique Henriques de Miranda, o retiro do Secretario de Estado, e a fugida de Manoel Antunes conhecião quanto a razão os obrigava a fazer as presentes demonstrações por assim convir ao seu serviço e do publico, e não obstante tudo isto perseverava na resolução de lhe serem restituidos os mencionados sujeitos, sem querer acommodar-se a tão saudaveis dictames como os que lhe manifestavão para a quietação publica, e para sua segurança: não valendo para com Sua Magestade as supplicas carinhosas da Rainha cheias de saudaveis preservativos, que nenhuma cousa tratava mais deveras do que o credito de El-Rei; (ou engana-lo ou perde-lo tudo virá a ser o mesmo) não sendo poderosos os rogos de tão soberana authoridade, nem a verdade, e submissão de Sua Alteza, sofrendo este seus desares só pela conveniencia publica; não ouvindo o Conselho de Estado, o qual recta e maduramente determinava a conveniente resolução; não dando finalmente ouvidos a cousa que podesse servir de consolação, quando se experimentava que era Sua Magestade destituido da pratica do governo; quando para as prevenções militares era de muita consequencia o risco que ameaçava o reino; os negocios politicos se achavão impedidos

em sua mesma confuzão; as rendas e patrimonio real consumido; as contribuições dos povos sem serem cobradas; posto todo o Reino no ultimo e maior perigo; e que tendo os inimigos porfiado tanto pela conquista do Reino, agora o poderião conseguir sem algum trabalho, cujos damnos não podião reparar-se, senão convocando El-Rei Côrtes, aonde se estabeleceria a melhor conservação de Sua Magestade com o mais conveniente á utilidade publica. Com este ouro dourava o Infante a pilula da sua infame crueldade, e seu tiranno despotismo, fazendo com enganoso zelo passa-la, ou engoli-la ainda que cheia de veneno.

II

Peita o Infante o Senado para requerer Côrtes; El-Rei não responde.

PRIVAR do dominio a um espirito criado para elle é rigor excessivo, que em sua comparação fôra menor tirar-lhe a vida, pois a morte é um momento breve, e este é uma continuada morte; aquella livra da dôr, e da angustia, este a sustenta, e eternisa; por quanto o costume não a diminue; e acaba, antes a multiplica por momentos de tal sorte que atormentado o animo com penas tão atrozes, só geme em seu inconsolavel viver. Importa muito aos Reis serem mais agudos em seus juizos, e discursos, que em suas espadas, para poderem prevenir o que convem; sendo maxima segura valer mais um remedio preservativo, do que vinte paleativos; pois que

os embustes quimericos da tirannia dão corpo ao impossivel, e muito mais se estabelecem na sorte de um Principe desgraçado, para quem tudo pode a paixão inimiga. Infeliz Principe a quem não acompanhou a compaixão nem dos proprios, nem dos estranhos para amparar sua causa, antes perseguido dos perversos, de uns por cobiça, de outros pela esperança de melhorarem de fortuna se vio desamparado; e isto sem ter feito mal a ninguem, antes sim muito bem; porem pode tanto a inclinação natural de fazer mal, que vendo a porta aberta os máos, e tambem os bons muitas vezes não duvidão entrar por ella, sem poder abster-se, nem vencer-se: em fim sendo bom Rei foi mal afortunado pela infedelidade dos máos servos e máos vassallos. Como sempre a hypocrisia encobre a maldade era forçoso o Infante dar a entender, (ainda que só com palavras) que obrava justificadamente em tudo; para o que fazendo todas as diligencias possiveis com o Senado da Camara, que corresponde em Castella ao ajuntamento dos Corregedores e Jurados, conseguio delle que escrevesse uma Carta a todas as Camaras que havia no Reino, intimando que como cabeça, e metropole de todas lhe incumbia as resoluções mais conformes ao bem de todos, noticiando as angustias em que fluctuava a Monarchia, lhe pedia antecipassem os reparos para que podessem remediar-se; e como tudo estava já prevenido da parte do Infante pelas Villas e Cidades, vierão logo de todas ellas cartas para El-Rei remettidas ao mesmo Senado da Camara. Este fez com todas ellas uma consulta a El-Rei em nome de todas as Camaras, arresoando extensamente as razões para se convocarem Côrtes, e pedindo as quizesse conceder, assignando o logar e o tempo em que tivessem principio. El-Rei recolheo a consulta sem dar parte

ao Conselho de Estado, discorrendo que a convocação de Côrtes em semelhante tempo e nas terriveis circunstancias era materia perigosa, e mui delicada, e que sendo convocadas contra a vontade real erão atentatorias do imperio e soberania dos Reis, muito mais em occasião que os animos se achavão tão turbados, e inquietos, e com mais visos de traidores que de fieis; não deixando de prever que com o pretexto das Côrtes pedidas, podião intentar algum levantamento para lhe tirar o Reino, e o governo, ou pôr-lhe em seu manejo taes condições que prejudicassem a authoridade real e sua honra, com o que resolveo não dar resposta á consulta feita sobre as Côrtes. Vendo que não havia meio algum para o reduzir a convoca-las, se valêrão de outra industria que foi buscar o melhor artifice que lhes pareceo podia obrar com arte capaz de poder ceder a vontade de El-Rei ás suas propostas effectuadas, enviando a este fim o Marquez de Sande, o qual costumado a buscar o vento mais favoravel para navegar sem tormenta, seguindo o Norte a que o destinou sua habilidade, sabio grande piloto: este pois se mostrava mais servidor de El-Rei, e lhe era traidor; aconselhava com demonstrações de lealdade o que lhe convinha, para segurar sua pessoa, de tal sorte que foi o seu precepicio; propoz tambem algumas cousas convenientes que lhe não podião estar mal; (claro está que lhe havia dizer alguma cousa boa para abonar a tenção que levava) e então lhe disse que para Sua Magestade obrar o que melhor lhe estivesse devia dissimular, e convir em que se fizessem as Côrtes, pois bem sabia que o congresso da plebe era mais poderoso que toda a regalia: isto suposto era melhor admitti-las para não dar logar a que a rotura do povo indomito, e desenfreado diminuisse o poder regio, o

que se evitava permittindo Sua Magestade que se juntassem: porque convocando-se tumultuariamente, podia ser que os votos dellas não procedessem com sujeição; e os Tres Estados do Reino poderião dispôr cousas, que estivessem mal á Magestade; o que posto nem arte, nem força lhe poderião resistir. A esta proposta respondeo El-Rei com desagrado, e com alguma descompostura; perguntando-lhe se vinha aconselha-lo, ou persuadi-lo, e que para nenhuma destas cousas estava habilitado sem sua permissão; porem tudo era já fora de tempo, porque a authoridade despida das forças para se fazer obedecer, dissimula com brandura, e demóra as execuções por se não vêr nos apertos de desobedecida. Vendo El-Rei quão inclinados estavão todos á vontade do Infante, grangeando-os este por arte, e perdendo-os elle por infelicidade, conhecendo seu poder limitado, devia usar de artificio para enganar, e não se esquecer que o sceptro impéra sobre os pacificos, e a espada sobre os rebeldes.

III

Insta o Infante com o Senado pelas Côrtes; El-Rei constante repugna.

COM tudo isto não deixou o Infante de presistir em sua maligna profia, fazendo que tornasse o Senado da Camara a suplicar a El-Rei que convocasse as Côrtes; porem nem rogos, nem a força de seus arresoados bastárão a que El-Rei attendesse tal

suplica; não lhe era occulto a preversidade com que querião com ellas obriga-lo ao gosto de seu inimigo; e por isso quanto mais insistião, tanto mais o obstinavão; pelo que desesperando o Infante de se não convocarem, fez que o Senado de Lisboa segunda vez escrevesse a todos os do Reino, dando conta de tudo o que se havia obrado, sem que podessem conseguir a deliberação de El-Rei em cousa alguma do que pedião, por cujo motivo importava ao bem universal do Reino, e de cada um em particular tornar a escrever a El-Rei ácerca da mesma pretenção, advertindo-o que sempre se executaría o que tão eficazmente se desejava. Ainda com tudo isto se não moveo El-Rei a cousa alguma do que pedião, porque ainda nesta segunda suplica que se lhe fez deo claramente a entender que nunca viria em tal, ou por lhe parecer que em circunstancias tão pouco favoraveis como experimentava era de muita importancia a intervenção, e sorte de um só dia, ou de todos aquelles que podesse demorar-se para recobrar o perdido, ou porque o tempo lhe poderia offerecer mui prosperas conjunturas, as quaes os homens com seus expedientes não serião capazes de conseguir; porem todos estes discursos erão já fora da razão, porque o saber dar bom principio ás cousas toca, depois de Deos, aos homens, e á fortuna o bom ou máo successo dellas. Com a paz fez o Infante com seu irmão, o que lhe não fôra facil com a guerra, de sorte que elle era offensor, e agressor, e se fingia defensor, pelo que offendendo ainda mais com estas demonstrações apparentes fazia tratados infieis, bandos secretos, e conspirações, semeava ditinhos, e sizanias (cousas proprias de molherinhas) o que entre Principes sempre vem a parar ou em uma guerra cruel, ou em tirannia abominavel. Por ultimo assen-

tou o Infante que entre Principes o que vence é o honrado, e tirando do centro linhas para toda a circumferencia de sua obra, uma dellas foi que o ser tiranno não era afronta, pois só o tirannisado ficava afrontado, infame e sem honra; e se pelo artefacto se conhece o artifice discorra cada um qual era este infame em seu proceder.

CAPITULO IX.

I

Importunado El-Rei com a convocação das Côrtes tenta a jornada de Salvaterra; o Infante a embaraça para que El-Rei se não escape.

Não ha limites que possão comprehender a ambição de um tiranno, pois querendo passar do justo cobre com pelle de cordeiro a natureza de lobo tragador, e disfarçando os excessos com a apparencia de uma temperança, prosegue mais seguro sua funesta tenção. Vendo finalmente que não pode a malicia vencer a razão procura consegui-lo com a força. Vendo o Infante ser em vão tudo quanto até alli tinha obrado para

vencer a resistencia que se achava em El-Rei para admittir as Côrtes; conseguio em fim o que queria; pois vendo-se El-Rei em tanto aperto que não sabia como se havia defender da suplica, se determinou, não por falta de valor, senão por importunado, a ceder á fortuna, fingindo externamente que as consentiria, mas havia de ser em vindo de Salvaterra para onde tinha determinado fazer viagem para o costumado divertimento, cuja demora quando muito seria de um mez. Entendeo logo o Infante e os seus que isto era tempo que El-Rei tomava, e que sua intenção era de as não conceder, querendo com a hida de Salvaterra disfarçar a dilação, por vêr se chegava a lograr o não executa-las. O insestir o Infante nesta pretenção não era porque o bom logro da sua tirannia pendesse das Côrtes, pois já se achava Senhor do poder, a cujo arrimo podia usar da violencia que intentasse, mas sim porque todas as suas deligencias erão misteriosas, e principalmente para dar a entender que a sua razão o obrigava a reparar os damnos da insolencia, os quaes se esperavão, a não serem atalhados com prestesa; constituindo suas acções em termos taes que se não podesse presumir senão que as fazia para remediar os vassallos, acudir ao perigo que ameaçava o Reino, e não vontade propria de tirannisar seu irmão. Com este engano dizia que a dilação fazia mortaes os males, pois devendo El-Rei pôr todo o seu cuidado em a direcção de uma Republica baralhada, o aplicava ao seu divertimento em occasião que devia empregar-se nas conveniencias da Monarchia, preparações de guerra, e socego commum; porem como El-Rei se capacitava que o ser Rei era só ser Senhor, não podia sujeitar-se á razão, e devendo estar a ella sujeita a vontade, pelo contrario tinha esta a seu arbitrio a

razão. A grande fortuna de que havia gosado El-Rei D. Affonso chegou a diminuir-se de sorte que este não podia subsistir; porque se os necessitados são os mais pobres, ninguem o era mais do que este Principe, vendo-se na maior dependencia sem recurso, nem aonde voltar os olhos sem muitos sustos de que era para infieis, e não discorria mal; até alli havia tido como presa a felicidade, porem soltando-se esta, lhe fugio e o deixou de todo; e assim o ser grande entre os homens vem a ser como a mariposa, que querendo ser senhora entre as luzes ellas mesmas a consomem. Não contente o desaforo com o que tinha feito a El-Rei, passou a mais que foi querer segurar sua pessoa para que lhe não escapasse das mãos, considerando que elle sabia muito bem que não podia já ter liberdade senão fugindo: para poder com segurança consegui-lo se valêrão do pretexto apparente de o culparem, dizendo que El-Rei com os valentes de suas patrulhas queria sahir da Côrte, e hir juntar-se com os seus validos ausentes, levando comsigo todos os parciaes; intenção malevola que chegando a ter effeito haveria uma guerra civil com a qual acabaria de uma vez com toda a Monarchia. Esta noticia dizião elles se confirmava com ter repartido os cavallos da sua cavalhariça pelas pessoas que determinava levar comsigo, e se sabia por aviso particular dado a Sua Alteza de que na praia da Praça de Palacio estavão de reserva muitos barcos, e que por toda a marinha estavão muitos outros a espaços, signal evidente de que era certa a retirada que El-Rei queria fazer a encorporar-se com o exercito de Alemtejo; pelo que convinha muito á quietação publica que Sua Alteza com toda a promptidão e prudencia impedisse tão nocivo movimento, ou outro qualquer, pois era palpavel a ruina que podia causar;

não tendo El-Rei outro motivo para ausentar-se senão a supplica feita de convocar Côrtes, e com estas se lhe pôrem suas cousas em ordem de conservação, defendendo-se sua pessoa, olhando com piedade á vexação que os vassallos padecião; e assim tão atroz designio se devia estorvar pelos meios mais suaves, os quaes conservassem a veneração á Magestade, e o Reino seguro de inquietações domesticas. Com esta voz mandou pôr guardas em todos os caminhos, e no mar, com tanta cautella que não passava pessoa a qual se não registasse a vêr se levava carta de El-Rei para algum confidente seu, ou lha trazia. Em fim já se podia dizer neste tempo que El-Rei estava posto em prizão.

II

Interpretação do intento das Côrtes, Antonio de Mendonça Furtado aconselha a El-Rei sua convocação; El-Rei repugna.

Era toda a teima do Infante o haver Côrtes, alegando sempre as razões mencionadas; pois como haveria negociado em todas as Cidades e Villas, para os enviados por ellas fazerem tudo o que elle quizesse, levava o fim de deporem nas Côrtes a El-Rei por incapaz da Corôa, e lha dessem por mais bonito, e em tudo justificado, vendo-se que o Reino juridicamente o constituia Rei pela incapacidade de seu irmão. Tinha muitos homens de valor em sua

ajuda ; e esta é a pedra fundamental da tirannia. A El-Rei succedia o contrario, pois todos os que o seguião tendo já deixado a escolla de Marte, querião seguir a de Mercurio, e esta practicavão tão erradamente que nunca acertárão com os damnos dos que uzão tal doutrina, pois assim na velhice, como na mocidade sahem ordinariamente erradas as resoluções, por serem os extremos sempre arriscados; pois uma por falta de experiencia está mais exposta ao erro, e a outra, como lhe falta o vigor, participão os conselhos de sua enfermidade, sendo certo que a madureza viril é sempre mais capaz de todo o emprego porque está o corpo habil e senhor de todas as forças, e o animo solto dos grilhões dos extremos referidos. O mais continuo na assistencia de El-Rei era Antonio de Mendonça Furtado, Commissario Geral da Bulla, thio do Conde de Val de Reis, e um dos barretes mais authorisados do Reino, em idade tão crescida que para oitenta lhe faltavão poucos dias; este pela sua muita authoridade, como pela sua muita velhice inclinava mais El-Rei á condescendencia e quietação, que ao risco do valor: desgraça deste Principe que assim como teve muitos a inclina-lo para o bem de sua alma, não teve quem o aconselhasse á segurança de sua pessoa, valendo-se das armas, e não da hipocrisia. Dizia-lhe que o negocio chegára ao extremo, e era arriscado querer conservar-se com respeito, o qual lhe hia faltando pouco e pouco, e assim lhe era necessario usar da moderação mais do que da soberannia ; pois quando tem faltado as forças com ardil se devem estorvar os disturbios violentos, que toda a instancia e queixas de que tomavão pretexto para augmentar sua razão, era que Sua Magestade convocasse Côrtes para estabelecer as conveniencias geraes do Reino, no que não

descobria inconveniente, que podesse prejudicar sua conservação, antes lhe parecia que as devia Sua Magestade conceder, só porque todos conhecessem a sinceridade do seu obrar, e os do bando contrario descobrissem o fundo de sua iniquidade, e convocadas, todos emudecerião, e a não serem permittidas levantarião os gritos muito mais do que até aqui. Respondeo El-Rei: — « Nunca Deos queira que eu venha em cousa tal, e antes quero expor-me a qualquer violenta tirannia, que comigo queirão praticar, fazendo-se por esta via publica a infamia do que elles agora fazem virtude; alem disto sendo subornadas as Côrtes nunca o arbitrio dellas me será licito, nem decente, e assim me convem que publicamente se conheça a traição, e não fique em duvida pelo julgado com que as Côrtes o podem manifestar. » Os mais que assistião a El-Rei erão o Conde de S. Lourenço, o Conde de Val de Reis, Christovão de Almada, o Marquez de Niza, seu filho o Conde da Vidigueira, D. Verissimo de Alemcastre Cardeal e Inquizidor Geral, José de Sousa Arcebispo de Evora, Salvador Correa de Sá e Benevides; este sempre obrou com firmeza, estimando mais a lealdade que a sua mesma vida, seguindo a El-Rei tanto na prospera, como na adversa fortuna, ainda expulso do throno. Todos estes se não pode negar que erão muito bons e mais idoneos para ajudar a bem morrer, do que para morrerem com as espadas nas mãos pela vida de El-Rei; outros cavalheiros havia que lhe fazião alguma assistencia, porem nem El-Rei confiava delles, nem elles tinhão lealdade a El-Rei. Não achavão estes caminho mais seguro para augmentar suas conveniencias, que o da novidade em que se achavão, e por isso não seguindo a razão de um, nem a sem razão de outro, esperavão para seguir a

parte mais vencedora. Alguns que amavão El-Rei o deixárão, não por falta de lealdade, e amor, senão por sobejo temor se retirárão uns a suas casas de campo, outros a diversos lugares distantes da Côrte, ficando elle só com os criados, e alguns dos traidores que o havião vendido, diminuindo-se tanto seu partido, quanto se augmentava o contrario, pois é tão cazeira, como dizem, a traição, que nem o commette-la causa empacho, nem o crê-la dificuldade.

III

Triste situação em que El-Rei se achava, desgosto de se vêr vendido por Roque da Costa; este é arguido por sua consciencia, e El-Rei desenganado.

Combatido El-Rei de tantos e tão repetidos golpes, tão indignos á Magestade; ainda sendo seu valor conhecido, não deixavão de lhe ser sensiveis. Assim andava tão quebrado de animo que se imaginava na ultima miseria, vendo que nada lograva do que intentava, antes sahindo-lhe adversas todas as cousas lhe parecia que ellas lhe presagiavão um forçoso precepicio, sem vêr, por onde quer que lançava os olhos, senão tribulações, e perigos, e neste desamparo todos os discursos mais racionaveis se convertião em seu damno; muitos delles em suspeitas, os serios em materia de zombaria, os aprazíveis em loucura, a colera em despreso, em fim tudo ao contrario, porque tudo pode quem tem o poder, não po-

dendo tudo quem tem razão; pois a tirannia é uma embriaguez que manifesta de plano o mais escondido do coração; porem não pode negar-se ser um grande descaramento o do tiranno que chama virtude, e bem publico aos meios com que procura saciar a sua desmedida ambição; pois que virtude ou bem publico pode haver em despojar um Rei de tudo o que é seu? Quando ao mesmo tempo que possuidos do demonio querião pôr em execução sua maldade procuravão com engano, e ardil fingir aquellas côres que bastassem para que a sombra dellas podessem manter os creditos de seu bom obrar. A suspensão de El-Rei era grande; e a causa não era para menos, pelo que não dava logar a algum dos honrados lhe fazer advertencia alguma; via-se embaraçado, conhecendo que Roque da Costa Barreto lhe havia sido traidor, que avaliando o amor que lhe tinha, julgava não haver ingratidão mais inhumana do que a d'elle, parecendo-lhe (se era assim, pois ainda queria duvidar) que não devia fiar-se de ninguem, nunca lhe disse cousa alguma da preplexidade em que fluctuava; mas não deixou o traidor de observar no real semblante muita differença da costumada, e como o vio tão mudado receou-se muito. Não era El-Rei facil em fingir, e enganar, pois mostrava sempre o semblante conforme a paixão que interiormente o possuia; sendo que o permanecer no mesmo ar de serio, ou de mediana alegria por costume é prudencia; pois que combatido de actos contrarios dificultosamente será penetrado e descoberto. Não deixava de todo Roque da Costa a assistencia do Palacio, porem era pouca a que fazia a El-Rei, pois temia estar na sua presença, e intentando disfarçar sua traição se queria mostrar leal em sua assistencia, fallando aos criados sem se dar por entendido de haver cousa que o po-

desse acusar. Alguns criados de El-Rei advertindo que elle o olhava já mais serio do que costumava, pertendendo informar ao mesmo Senhor da sua aleivosia, e malignidade, pois não era nem servo, nem vassallo leal, estava incurso no crime de ingratidão, costume mui usado com aquelles, que são bem vistos de algum soberano, pois em os vendo algum tanto cahidos da graça procurão todos os meios, para que não possão mais levantar cabeça, nem voltar á antiga privança. Estava El-Rei já bem informado das insolencias de Roque da Costa, mas não acabava de persuadir-se de que assim era; effeitos do amor que lhe tinha, e por isso nunca chegou a penetrar-se sua intenção a respeito delle; porque durando mui poucos dias isto que temos referido, não houve tempo nem para vingança secreta, nem para castigo publico.

IV

Deseja El-Rei evitar seu perigo; manifesta-se o erro de sua politica.

Tão previsto tinha El-Rei o perigo da sua pessoa, que já não tinha cuidado maior do que o livrar-se delle, e de escapar das mãos de seus inimigos. Andava melancolico, dormia pouco, conversava menos, pois já conhecia a ommissão e erro em que até então havia vivido. Isto tudo era causa da sua ruina; (isto se diz alludindo á confiança com que desde os seus primeiros annos despresou as chimeras, que com tanto artificio se havião levantado) queria

sahir da Côrte, mas não achava de quem se fiar, e entre os arrojos de ausentar-se, por lhe convir para evitar os perigos, achava immensas dificuldades, e não sabendo como os havia de evitar, vinha a cahir em outras muito maiores; pensava que todos o enganavão, e não se fiava de ninguem: sendo certo que no estado em que se achava precisamente se havia de fiar de algum, e forçosamente se havia de achar enganado dos mais delles. Ao Deos Jano figurárão os antigos com quatro olhos em dous rostos, porem não dizem que sempre os tivesse abertos, e sem dormir: a Argos dizem que pintavão com cem olhos, e no meio de tantas vistas se achou enganado. Mui tarde principiou El-Rei a acautelar-se, pois a propria satisfação de seu coração real, com que sempre viveo, pôz nas mãos do Infante o logro do que pretendia: e se El-Rei confiado se esquecia de suas cousas, como podia conhecer as alheas? A maior vantagem dos Reis a respeito dos mais é saber observar, e penetrar a dissimulação de seus contrarios tanto, se é possivel, como as suas proprias. Um erro gera um cento, e assim aconteceo a El-Rei, pois de seu primeiro descuido se levantou tão de ponto a ousadia, que não descançou até o abandonar e perder; porque se El-Rei mandára no primeiro movimento cortar algumas cabeças, quando tinha ainda intacta a authoridade real, não fôra facil ao Infante estabelecer sua tirannia; porem quebrado uma vez o freio do respeito, se confunde todo o manejo delle, e assim era já em vão reparar a Magestade. É o homem tão inconstante em seu obrar, que de seu alvedrio nem o mesmo Deos se pode fiar sem a prevenção de sua graça; e sendo assim isto, como pretendia El-Rei fiar-se do Infante, mediando tantas circunstancias a declara-lo traidor, havendo conhecido

muito antes que tinha passado os limites da vergonha? E esta atropelada, não tinha algum estorvo para avançar-se a todo o genero de maldade, pois não lhe importava menos que a vida o tirannisar El-Rei para viver seguro, atropelando a justiça. E sendo desde o principio conhecido este erro, como podia nos fins achar remedio? Nunca os erros tem merecido louvor, porem é tão agradavel a felicidade, e tem tão boa cara, que ainda sendo tirannica, e cheia de injustiças nunca se lhe ha acomulado culpa. Em os máos successos nunca os perdidos e de má consciencia dão conta de nada, e os victoriosos tope onde topar de nada se lhe pede.

CAPITULO X.

I

Determina o Infante manifestar seus intentos; junta conselho; falla D. Rodrigo de Menezes.

CHEGOU o tempo de que o Infante com seus camaristas claramente dessem a entender a todos os que o seguião sem figuras com que até alli o explicavão a deliberação de seus intentos, até então reservada ao Infante e a D. Rodrigo de Menezes, mestre e Director de tão estremada maldade. Era ella motivada na pertinacia de El-Rei em não querer ajustar-se ao que elles dizião que era razão e segurança do Reino; e isto era o que não sem sentimento o obrigava á defensa da patria, ainda que obstasse a obrigação de irmão, porque esta

se finalisava em dor sua particular, e na outra se incluia a geral conveniencia de toda a Monarchia; e posto entre estes dous extremos, a lei de Deos o obrigava a seguir esta por utilidade commum, e não a outra fundada só no amor natural, porem particular. Todos conhecião já a intenção do Infante, porque se alguns ao principio tinhão imaginado ser tudo contra o Castello Melhor, já a occurrencia das cousas que sobrevierão o tinhão desenganado de haver sido pretexto para com mais commodidade lograr a tirannia, porem achavão-se já em tal aperto que lhes não era possivel voltar a cara do que havião começado, e achando-se enganados fazião timbre de o não confessar, antes ostentavão, fazendo da necessidade virtude na preserverança em assistir ao Infante para o fim de occupar o solio: acrescentando a isto muitas adulações, proprio de gente traidora, louvando a determinação, e se se mudassem as sortes farião o mesmo para com elle; pois de tão ruim modo de obrar não pode esperar-se menos. Em fim conhecião que não podia deixar de reinar, e assim levados da ambição do interesse que esperavão para fundar as proprias ganancias, perdião no que pertencia á alma e honra, o mesmo que o Infante, pois o serem de Deos ou do Diabo na estimação de toda aquella quadrilha tudo era um. Mandou o Infante chamar a todos os que mostravão ser seus servidores, e alguns mais de maior graduação que apoiavão sua quadrilha, e juntos que forão, começou a arenga D. Rodrigo de Menezes — indicando-lhes o muito agradecido que Sua Alteza lhes estava pelo bom animo com que lhe havião assistido, excitados de uma causa tão pia, e do amor com que Sua Alteza lhes merecia que sinceramente o amassem, effeitos do seu regio sangue, e boa razão — não refiro continuou a dizer as razões

que todos temos para seguir a causa de Sua Alteza, pois todos as sabemos: tem-se com especial assistencia de Deos atalhado a perdição, a qual com tanto fundamento se esperava, e segundo a rapidez, e violencia com que tudo caminhava a se despenhar; para cuja restauráção houve mister Sua Alteza com arte e manha do valor de todos para não chegar ao precepicio de que perto estava; e sendo nós outros companheiros na cooperação da obra por tantos titulos grande, o seremos tambem nas honras e credito, acabando de aperfeiçoar o que falta; pois não ha cousa mais digna de vituperio do que começar uma empresa, e não a proseguir, deixando-a no melhor de seu progresso, ficando com isto suspeitoso o valor, e a razão desairada. Não devem os Principes dar a todos conta das razões, e causa que os obrigão a suas obras; pois sendo assim não haveria diferença entre os Principes, e plebeos: a justiça dos Principes é só Deos quem hade julga-la, e não os homens, e no mundo está recebido que em materias de reinar não ha diferença entre Direito e Direito, porem entre pessoa e pessoa. Não se pode negar a incapacidade de El-Rei assim para o Governo como para a successão, porem temos a consolação de que o erro produzido pela natureza o emendará a fortuna, pondo em o throno um Rei bom e tirando um máo; e sendo tudo até aqui lagrimas e desconsolações, d'aqui em diante se converterá tudo em alegres felicidades; e ainda que muitas cousas tem parecido ao mundo injustas por não usadas, como este se compõe de muitas, vendo possuir o Reino quem é digno delle, uns o receberão com escandalo e outros com benevolencia. Sempre os homens aborrecêrão as monstruosidades da natureza, e amárão as da fortuna, esta nos convida com tempo em occasião em que já não são neces-

sarios conselhos, senão resolução, ainda sendo temeraria, vencendo o valor a frouxidão quando queirão usar delle. Temos nos ouvidos o Echo da determinação tomada por El-Rei de nos acabar a todos, e havendo-se posto este negocio de tanta importancia em o estado em que se acha, fôra grande desacerto deixar passa-lo, quando de o não lograr a mesma evidencia nos prognostica ser certa a nossa perdição, pagando-o com nossas cabeças, e as de todas nossas familias. Em que viremos a parar se perdermos a presente occasião? Como nos livraremos de um Rei offendido? Todos devemos pensar com fundamento que não ha nenhum de nós que não tenha ás costas quem queira mata-lo; isto é certissimo, e que o melhor tratamento que faz a plebe a quem vai de cahida são maldições e despresos, podendo com razão chamar-se os que não padecem mais felizes; e no caso presente será a raiva, e o furor maior, querendo cada um fazer merito da vingança, mostrando com isto mesmo, que a fidelidade sempre lhe havia ficado salva em os disturbios, e que artificiosamente os haviamos incitado, e manhosamente movido. Eia generosos cavalheiros, e companheiros de Sua Alteza, pensemos sobre nós mesmos, e olhemos ao que poderemos ser, se damos lugar a que caia sobre nós outros o raio tanto mais horrivel, quanto tem estado detido. Ponderemos a gravidade da injuria feita a El-Rei, pois ainda que tem sido com causa, esta não é ainda conhecida, nem adoptada pelo mundo; por cujo motivo não deixaremos de ficar condemnados na compaixão dos Principes. Vemos reduzida a Magestade a uma obediencia afrontosa, havendo confundido toda a ordem das Leis, perdida a regalia do Soberano, indignado e muito irritado o enojo de todos os Principes da Europa; quem vence é quem

fem razão, e esta se nos concederá sempre se virem que ficamos vencedores; e quando não, não acharemos amparo, nem refugio em alguma parte do mundo. Já não ha outro remedio, senão pôr mãos á obra e remetter tudo ao valor.

O Marquez de Marialva, irmão de D. Rodrigo de Menezes respondeo — que estando o poder regio reduzido a uma sombra, e Sua Alteza quasi senhor de tudo, seria conveniente esperar o que fazia El-Rei, para que Sua Alteza se justificasse, salvando a ambição de reinar, e para cegar a todos os que não sabem a causa desta mudança, mostrando-lhe não ser esse o motivo, senão que uma apertada percizão o havia feito romper em remedios tão sensiveis para segurar a Monarchia. Por isso antes de intentar novidade alguma com El-Rei, era conveniente esperar o que costuma sempre succeder que toda a Europa condemne justamente o seu proceder, porque nunca pela parte do Rei poderia faltar occasião que forçosamente fizesse chegar a rompimento, assim julgava que era muito melhor esperar com aprovação de alguns, que obrar com reprovação de todos. Assim que os adjuntos deste conciliabulo ouvírão as arengas dos dous irmãos, querendo mostrar-se tão fieis, como servidores do Infante, fazendo cada um o maior esforço que podia para acredita-lo, assim com razões, como com demonstrações de afecto, inclinando-se ao parecer de D. Rodrigo, disserão que erão já escusados conselhos, quando só lhes importava a execução do discurso de D. Rodrigo, pois havia obrado com conhecido juizo, e afecto, encaminhando uma materia por todos os modos ardua a um fim tão util como desejado. Paraceo a todos ser necessario lisongear a D. Rodrigo de Menezes, afirmando que ninguem podia dizer que despojavão a El-Rei por

tirannia, senão por voto de todos, o que sem duvida era disposição de Deos, e determinado por elle, para que Portugal se não perdesse, pois que estava em estado, que só Sua Alteza o podia remediar, e que a nobreza e mais gente particular estavão tão inteirados desta necessidade que a Sua Alteza não tomar o Governo o obrigarião a faze-lo, e elles todos ajudarião para o conseguir. Não consideravão estes cavalheiros, que no particular de eleição de Principes, e soberanos, que Deos não aprova sempre o que permitte, nem dá tudo aquillo que aprova: alguns Reis dá por favor, outros por castigo, enviando uns como Astros, outros com semelhança de Cometas. Conhecião elles muito bem que o Infante de seu natural era fratercida, e que esquecendo-se das Leis da caridade de irmão, e da lealdade de vassallo era forçoso que incluisse o sumo da iniquidade, porem tudo fazião licito e virtuoso; e se no Infante só havia tirannia, e esta era patrocinada de muitos, como podia conservar-se o infeliz Rei? A conservação dos Principes é sustentada pelo amor, e lealdade de todos os vassallos, e faltando esta era necessario que elle perecesse.

II

Decide o Infante o caso proposto.

Ao arresoado antecedente respondeo o Infante dizendo: — que sua intenção era e fòra sempre que tudo se fizesse pelos meios mais suaves que se podessem imaginar, e que dessem a conhecer a sinceridade com que obrava em negocio de tanta consideração para o bem commum, para que todo o mundo visse que não attendia ao proprio interesse, mas ao bem geral, buscando o expediente mais cordato para mostrar a verdade com que amava a seu irmão, e o afecto entranhavel pela Patria: e nesta consideração se inclinava mais, e confirmava o parecer do Marquez de Marialva, pedindo a Deos fosse servido abrir os olhos a El-Rei, para que conviesse no que lhe pedia para remedio do Reino e segurança de Sua Magestade, e conhecesse que tudo se havia disposto em ordem a este fim; que não queria outra gloria maior em premio do trabalho que tinha tido em sofrer os desgovernos presentes, do que o reconhecimento de Sua Magestade, e assim cedendo á pertinacia em que se achava se sujeitasse á razão do que se lhe manifestava, e que pelo contrario lhe seria muito sensivel, que não fizesse apreço do que se lhe representava. Que elle via bem a quanto o forçavão os reparos publicos para se opòr a tão terriveis dictames, como Sua Magestade seguia, e a atalhar que se não dividisse o Reino em parcialidades, tendo o

inimigo á vista; que vendo-nos repartidos em bandos não se descuidarão da sua parte, para perdermos quanto em tantas victorias, á custa de tanto sangue havemos ganhado. A fama é que tem conservado esta Monarchia, de cujos ramos pendem tantos triumphos; convem que mantenhamos entre todos a paz, para se sustentar indemne o respeito, o que se não conseguirá se nos dividirmos uns dos outros. As victorias que temos alcançado nos tem servido tanto ao credito, como á conservação, porem se perdermos uma só acabará de todo. Todos juntos temos poder para nos opôr-mos ao inimigo, e repartidos não teremos forças para nos defendermos.

Já o Infante neste tempo se achava com coragem de Rei, e visos acautelados de tiranno, valendo-se ambiciosamente de toda a apparencia de virtudes, não as necessarias para bem viver, mas para conseguir o reinar, querendo persuadir, que não devia por frouxo desamparar a Patria, nem por ambicioso tirannisar seu irmão.

CAPITULO XI.

I

Deseja o Infante que se decida o negocio em Conselho de Estado na presença da Rainha; falla do Marquez de Sande aprovada no Conselho.

Desde o principio deste negocio aplicou o Infante toda a sua habilidade e direcção ao estabelecimento da sua desmedida tirannia, abominando tudo o que era virtude solida, e fomentando com hypocrisia a maldade necessaria ao que obrava. Começou de novo com outra quimera, dizendo que como irmão a quem pertencia tanto vigiar pelo respeito devido á Magestade, e pelo direito e augmento da Monarchia queria mostrar

quanto o apertava assim o estreito nó do sangue, como a indespensavel defensa da Patria; motivo que o obrigava, fugindo da violencia, a buscar os linitivos mais brandos, fugindo dos sanguinolentos, pois amava muito a paz, e assim queria remetter tudo ao Conselho de Estado com a assistencia da Rainha; e talvez com esta se reduzisse El-Rei ao que era razão, e o que nelle se resolvesse seguiria; porque ainda no tempo de Castello Melhor confusamente se havia reparado, e agora destinctamente se conhecia a inhabilidade que havia em El-Rei para o governo, pois nunca havia governado por si; e suposto seria forçoso tomar-se a resolução de ser governado por outrem, era justo o fosse pelas pessoas Reaes; e não havendo outro maior que o Infante; a este especialmente incumbia o cuidado desta direcção, pois nenhum outro com mais veras trataria do lustre da Monarchia, a qual ainda que agora não era sua na posse, o poderia vir a ser na successão; e como mais conjuncto á Magestade, era mais decente, pois sendo elle o que manejasse, se podia dizer que governava com El-Rei, o que era honesto, e não deixar-se governar de um vassallo, do qual Rei e reino estivessem dependentes; porem até á occasião presente não era possivel admittir saudaveis e verdadeiros conselhos; cerrando os olhos a tudo, e querendo obstinadamente cahir em o maior precepicio, pois tendo-se-lhe mostrado com tanta evidencia as conveniencias tocantes assim á sua conservação, como á de seus vassallos, em logar do agradecimento a tantos serviços devido, se dava por queixoso de intoleraveis aggravos, porem era providencia divina o escolher por si mesmo os caminhos que com mais vehemencia o levavão á perdição. Tornárão terceira vez a instar pelas Côrtes a vêr se desta sortião effeitos mais favo-

raveis; e juntando-se o Conselho de Estado se achou presente El-Rei, e a Rainha, e esta foi chamada só a fim de ser medianeira do que se propozesse a El-Rei, e tambem com o ponto de vista, em que elle com a tal intercessão se renderia á supplica, que lhe havião feito de as permittir. Resolveo-se que a não se concederem as Côrtes tantas vezes desejadas, nunca se poderião extirpar os damnos, e calamidades publicas do Reino. O Marquez de Sande impelido mais do proprio interesse, que do amor que tivesse a um, ou a outro Principe, mostrando-se obsequiar ao mais poderoso, apresentou ao Conselho de Estado um papel, no qual dizia que pela authoridade de El-Rei, e de Sua Alteza, obrigado não menos do alivio commum, que do amor da Patria, a qual havia servido na paz, e na guerra, no mar, e na terra, já com a espada já com a penna na mão, obrando o que lhe fôra possivel; de cujas experiencias tinha tirado as regras mais certas para aconselhar e obrar: movido e obrigado destas punha á consideração do Conselho as razões que allegava, de que se advertisse a Sua Magestade que tratasse a Rainha com o amor, e decóro devido a uma Senhora de tão graves e ponderosas circunstancias, e a Sua Alteza com a decencia que a vinculo tão estreito de irmão, e de unico Infante se devia, chamando-o ao governo, para que roboradas as direcções politicas e militares, com a determinação de ambos se manifestasse o acerto mais conforme á Magestade; pois lhe era mais conveniente que um irmão corresse com o manejo publico, que deixar dominar-se de um vassallo, e tão escandaloso e máo, que ao mundo e a Deos havia escandalisado, levantando-se com o poder só devido á Magestade, mostrando exceder a soberania Real. Que a todos do Reino convinha que Sua

Magestade consentisse na convocação das Côrtes, sendo a todos notorio que dellas dependia o remedio para a composição de dependencias tão graves, sendo este o unico remedio, pois o mal só dependia da falta dellas. Como da lisonja e adulação seja o lugar mais proprio o palacio dos Reis, não podia neste faltar o obsequio costumado; e assim todos os que assistião no Conselho de Estado louvárão a honra da resolução do Marquez, e para authorisa-la mais, assignando o papel, o apresentárão a El-Rei, dizendo que devia Sua Magestade attender ao virtuoso zelo com que o Marquez se mostrava seu servidor. Porem conhecendo El-Rei ser a advertencia não mais culpavel, que perneciosa, ficou um pouco desabrido, e prevendo lhe seria util a dessimulação, disfarçou com algum agrado, dizendo: — que era tão leal vassallo o Marquez, que antes queria arriscar-se aos desfavores, fallando a verdade, do que conseguir agrados inclinando-se á lisonja.

II

Resposta de El-Rei.

VENDO El-Rei aquella uniformidade de vontades, conheceo que se inclinava mais o Conselho á conjuração, do que ao zelo, que afectavão, disse: — « Que até aquella hora lhe havia parecido a per-« tenção das Côrtes mais violencia que supplica; po-« rem attendendo a ser a Rainha tambem da mesma « opinião, não podia persuadir-se que houvesse mo-

*

« tivo particular, que embaraçasse o ficar bem ser-
« vido com ellas, reconhecendo que todos seus inte-
« resses o erão tambem da Rainha, e não havendo
« motivo urgente para o ajuntamento das Côrtes, por
« isso duvidava convoca-las, e ainda dizia, que estas
« não devião convocar-se sem permissão voluntaria do
« Principe, pois assim como Deos lhe havia dado o
« caracter de Rei, lhe havia tambem conferido o
« absoluto dominio de mandar a seus vassallos sem
« alguma subordinação. Todos afirmaes que a con-
« servação do Reino consiste na convocação das Côr-
« tes, tomara que me dissesseis, se quando meu pae
« o Snr. D. João de gloriosa memoria, tomou posse
« destes Reinos, estiverão elles em melhor estado
« do que estão presentemente? Deseseis annos go-
« vernou meu pae, e nelles não obteve mais do que
« uma batalha dada nos Campos de Montijo; porem
« tão escassa, que ainda que se festejou por victoria
« foi com a morte de sete mil Portuguezes; e jul-
« gando que valia mais gastar o dinheiro de uma
« campanha em negociações secretas para segurar-se
« melhor com estas, do que com as contingencias
« das batalhas logrou por esta via seu descanço; pois
« em quanto viveo foi sem o susto do que pela in-
« certeza das batalhas podia resultar-lhe. Ficou a
« Rainha minha mãe e Senhora governando o Reino,
« e se experimentou a miseria, e desgraça que em
« seu tempo succedeo, perdendo-se a Praça de Oli-
« vença, consumindo-se o exercito formado para soc-
« corre-la; intentando tomar Badajoz por entrepreza,
« se achou sem Praça e sem exercito. Este foi o
« maior erro que se vio no reino, (como em outra
« parte já dissemos), não reconhecendo que nos era
« mais conveniente a defensa, que a nova conquista
« determinada, sendo derrotado o exercito, em que

« tanto se havia desvelado, assim pelas mortes vio-
« lentas, como pelas da epidemia; sendo necessario
« metter na Praça de Elvas as reliquias que delle
« ficárão, para a defender do sitio posto por D. Luiz
« de Haro, aonde morrêrão quatorze mil soldados
« veteranos consumidos com o trabalho e enfermi-
« dades, e donde resultou ser necessario para nos
« defender valermo-nos de Principes, e amigos, e
« de tropas estrangeiras, sem cujo recurso não lo-
« grariamos cousa favoravel, sendo impossivel ao Rei-
« no sua defensa. Isto succedia quando a Rainha
« minha mãe ajustou o casamento da Infanta minha
« irmã com o Rei da Gram-Bretanha; não digo que
« este não foi grande, mas digo que foi em occasião
« tão pouco oportuna, que deixou o Reino destruido
« de tal sorte, que em tres annos não pôde fazer-se
« paga ao Exercito. O Commercio da India Ori-
« ental estava quasi extincto, pois em quatro annos
« não salvou náo alguma de Portugal estes portos,
« vinda d'aquelles mares, e remotos climas. Na ar-
« mada real se contavão poucos vasos, e esses tão
« mal tratados, que nenhum se achava capaz de hir
« ao mar. Não refiro outras circunstancias e miude-
« zas que não sendo das mais aggravantes, não dei-
« xavão de ser prejudiciaes, porque ommittindo seu
« encarecimento por defeituosas, não pareção crimi-
« nosas. Estas calamidades padecia a Monarchia de
« que Deos foi servido pôr-me no governo. Não
« podeis negar quanta tenha sido minha felicidade,
« pois nem eu, nem vós, nem o Reino tem tido
« uma hora do antigo desgosto: se ha algum parti-
« cular é culpa vossa. De todas as batalhas que se
« tem dado Deos me ha franqueado a victoria, e
« não tem havido acção em que a fortuna se não te-
« nha mostrado risonha. A armada se acha com

« quatorze navios de guerra os melhores que navegão
« o Occeano. A India Oriental está tão adiantada
« em Commercio que todos os annos vão e vem tres
« e quatro embarcações. As conquistas e mais com-
« mercios, se achão estes augmentados, aquellas pre-
« sediadas. O Exercito de Alemtejo se compõe hoje
« de dezoito mil Infantes, e de cinco mil cavallos,
« numero a que jámais havia chegado, não lhe fal-
« tando tres e quatro pagas em todos os annos, quan-
« do antigamente se lhe fazia só uma, e essa pouco
« segura. Ás mais Provincias com a mesma pro-
« videncia se assiste, alem de estar gosando hoje da
« quietação jámais vista, faltando-nos da parte con-
« traria um inimigo mui poderoso, cujo logar oc-
« cupa uma mulher, e um Rei menino, que só at-
« tenderá a compôr, e a conservar Monarchia tão
« dilatada como a de Castella, onde se nos desco-
« brem certas as esperanças de tudo nos succeder
« bem, não pela morte de Filippe 4.° de gloriosa
« memoria, porque as mortes dos Principes sempre
« devem ser sentidas, e não desejadas, senão por
« não haver ficado Principe capaz de governar antes
« de muitos dias, em o decurso dos quaes póde Deos
« mover tantas cousas que occasionem a quietação de
« ambos os Reinos. Nas audiencias e despachos não
« se falta aos pretendentes, nem as mercês faltão
« aos benemeritos, nem o castigo aos delinquentes,
« norma de todo o bom governo. A todos os que
« estaes presentes, e me haveis servido, tenho sa-
« tisfeito com as mercês, que se offerecêrão, e ten-
« des pertendido; não direis que tenho feito alguma,
« nem adiantado algum, que o não tenha merecido,
« pois até aquelles que com lealdade me tem ser-
« vido, e ao Reino, eu não tenho preferido a outro
« algum por não ser murmurado: isto é bem co-

« nhecido em o Conde de Castello Melhor, pois nem
« a este, e seus irmãos, nem a Henrique Henriques
« de Miranda tenho dado acrescentamento algum em
« renda, nem em honras, sahindo do modo que en-
« trárão em meu serviço sem alguma melhoria, ha-
« vendo premiado a todos os mais até o menor ser-
« viço. Tão pouco tenho inventado novidades, nem
« derramado tributos, conservando só os que achei.
« Não tenho alterado as Leis do Reino, nem opri-
« mido as Ecclesiasticas; e nestes termos dizei-me
« a que se ordenão estas Côrtes? » Ao que respon-
deo o Marquez de Marialva dizendo: — « Que tudo
« quanto Sua Magestade havia referido era a ver-
« dade; porem que se achava a plebe, e Reino tão
« inquietado que para o socego não podia deixar de
« convocar-se Côrtes, sendo mais conveniente dar esta
« satisfação, do que expôr aos desares da violencia;
« e para que a Magestade ficasse com explendor,
« convinha que El-Rei as concedesse. » A isto res-
pondeo El-Rei: — « que a plebe tinha a proprie-
« dade da agua a qual para mover-se depende dos
« ventos que a agitem, e alterem, porem em lhe
« faltando os estimulos jámais se entumece; assim
« não havendo quem incitasse a plebe, nem esta se
« moverá, nem se alterará, com tudo eu quero ce-
« der ao que me pedís, pois não seria decoroso que
« assistindo a Rainha ao conselho só a fim de que
« eu conceda as Côrtes, hajão de se negar, persua-
« dindo-me sem duvida que tem alguma razão par-
« ticular, na qual conhece me serão de conveniencia;
« e sendo igualmente sua a que fôr minha, não posso
« faltar á vossa supplica, e muito menos ao respeito,
« e amor que se lhe deve, e lhe tenho; pois os
« Reis não se livrão dos affectos particulares, devidos
« ao especial carinho, e estimação que faço de sua

« pessoa; porem haveis saber que não ignoro o que « me deveis como a vosso Rei, sendo meus vassal- « los. » A estas promessas se mostrárão todos satisfeitos, pois era sómente ao que olhavão, porque nas Côrtes, como fica dito, querião juridicamente depôr El-Rei, para vêr se podião livrar-se da mancha de traidores. Beijárão a mão a El-Rei, e a Rainha foi a primeira com mostras de amor, e agradecimento, com o semblante tão risonho, como o dos que vão a enganar, dissimulando no riso a falta de sinceridade; delicto ordinario de traidores. Seria este riso como o dos mordidos da tarantula, que logo se conhece ser effeito da peçonha, ou como os cães ensaiando-se para mais cruel mordedura. Sempre o desafogo das mulheres veio a ser a maior desdita das Monarchias, e o instrumento fatal de sua ruina; pois se tem visto ser maior o mal que causa uma mulher má, que todo o bem que podem conseguir as boas. A experiencia com dôr o tem mostrado nesta Monarchia com a lastimosa tragedia da Cava; pois o que fez perder nas Hespanhas, custou quasi mil annos a restaurar-se; pelo que para o bem ha poucas, para o mal, uma basta por muitas.

CAPITULO XII.

I

Intrepreta-se o discurso de El-Rei; politica que se deve a taes casos.

QUIZ El-Rei para vêr se com isto se descuidavão mostrar-se facil em conceder as Côrtes, imaginando que poderia por esta via conseguir o sahir da Côrte; pois conhecia lhe não restava outro remedio senão o da fuga; parecendo que nunca o inimigo está mais bem disposto para o engano, senão quando não tem receios, pois nunca o temor sabe perder cuidados, ainda que nestes lances já não tinha algum senão o de consumar a tirannia, que não era pequeno. Mas todos estes discursos, e ideas lhe dictava a mocidade e poucos

annos, sem ter quem o aconselhasse, e tudo quanto podia determinar era já a tempo pouco oportuno para o seu intento, para o que não concorreo pouco o discurso que fez, no qual não empregou tanta cautella, como a occasião pedia, para poder desvanecer toda a suspeita; antes nelle deo alguns vislumbres de uma simulada vingança; natureza propria dos principes, com os quaes nos maiores riscos póde mais a soberania em ostentar-se senhores, e de mandar como absolutos, que o parecerem inferiores em alguma occasião: e como nas occasiões repentinas não seja facil o esconder o que a alma encerra, como nas premeditadas, uma e outra cousa mostrou a paixão de que El-Rei adoecia em o mais secreto de seu peito, e que tudo o que concedia era mais para segurança de seu partido, do que levado da supplica que se havia feito. Convem muito em qualquer resolução, que tomar um soberano, que se conheça nascer ella de seu valor, e não da imposição de seus contrarios; pois costuma embravecer-se, pensando que o temor o obriga a tal demonstração. Sempre a presteza foi o remedio das sedições, porque se se permittem os principios dificilmente se poderá obstar aos fins, servindo o vagar de incitamento á animosidade dos contrarios por não terem experimentado prompto o castigo, ou a oposição: sendo natural que o imperio em que se achão os faça insolentes, e com cujo desafogo os duvidosos se declarão, e os confidentes perigão: e deixando criar raizes á maldade, costumados os contrarios ao desafôro que lhes offerece a innação, que podia esperar El-Rei, senão que faltando os acertos, faltassem os homens, e os amigos se tornassem inimigos?

II

A bondade de El-Rei fez o Infante atrevido alem de astuto.

Quando El-Rei devia castigar o Infante, sua bondade sincera lhe dava demasiada confiança; este se afectava ao principio muito cortêz, e obediente, e logo que vio seu partido seguro, se declarou cruel, suspeitoso, cubiçoso e inquieto de animo. Muitos Principes se tem arruinado por se fiarem na falsa virtude, pois lhe vem a succeder o que disse Christo do que edificou sobre a arêa, que como não tinha alicerces facilmente se lhe aluio o edificio. Soube o Infante fingir com pretextos tão falsos, como o era sua intenção, queixando-se do muito que o affligião e ao reino. Nesta mentira principiou sua desaforada queixa, como apta para colorar sua traição; este titulo tomou para formar juntas perniciosas, aonde se originou a rebelião e conjuração. Deve ser maxima politica do Estado evitarem os Reis com todo o valor semelhantes communicações e ajuntamentos pelo conhecido perigo que trazem comsigo assim de motins, como de risco de sua mesma pessoa, não consentindo que as haja, e com artefício, ou rigor dissolve-las antes que tomem corpo, repartindo a cada um o castigo igual á culpa, procurando com isto attender ao seu governo, e á quietação filha a mais querida do augmento das monarchias, pois entre muitos pareceres, e intenções achando-se viciada a cabeça, que

as fomente e excite, se gera logo a tirannia, a qual póde tanto que tudo justifica e converte na sua malicia, e donde se poderia tirar o bem, havendo movimentos civís, se encontra o mal se se consentem juntas e communicações livres, sendo claro que se se dá liberdade ao que as dirige não póde deixar de se fazer piedoso, e por isso mais fraco o que as consente. Assim o experimentou El-Rei D. Affonso, pois ao passo que permittia aos seus contrarios o que não era razão, veio a despenhar-se no abismo da perdição. Como a ficção busca por todos os modos encobrir o que é, quiz o Infante mostrar-se tão justificado em suas obras que não parecesse culpado, não por temor, pois sua voz era já a que se obedecia, senão para vêr se por este caminho se livrava do nome terrivel de tiranno, buscando para este effeito meios mais asperos do que era razão para que El-Rei por violentos os não aceitasse, e fingindo que o golpe vinha destes, ou d'aquelles, cujas vontades elle não podia nem devia violentar, não só pretendia parecer innocente, senão dar a entender que era de sua obrigação acodir, e remediar o damno, urdindo uma tal trama que na apparencia se devisava o beneficio do reino, que afirmavão perdido, e o bem publico que igualmente reputavão tirannisado; levando porem em ponto de vista o contrario de tudo isto por ser propria do atrevimento a falsidade. E sabendo-se que com esta se adiantão as sedições mais do que é permittido, deve o soberano oprimir a quem as intenta, pois a ambição humana é de tal condição que se não contenta com o moderado, e a experiencia tem mostrado muitas vezes que os animos que ao principio erão bons a occasião os deitou a perder com facilidade. Quantos ha que amão o seu Rei e a sua patria, e quantos destes vendo-se com dema-

siada authoridade mudão de pensamento, e chegão a ser o verdugo mais aleivoso do seu Principe e da sua patria? A natureza é toda composta de contrariedades, e ninguem póde exemir-se desta lei. Os irmãos em cujo reciproco amor não deve haver enganos, como neste, se excitão a traições; por isso devem os Principes viver sempre com cautella, e muito mais a respeito destes que de outros, pois em se declarando inimigos são os que devem causar maior cuidado aos Soberanos, porque estes ameação maior perigo. Devem mostrar-se isentos os Reis de tão apertado nó de parentesco, que pareça que o não ha, considerando que todos os seus vassallos são parentes e filhos, e que de todos elles é igualmente pae; pois vemos muitas vezes entre o parentesco mais chegado e o de irmão, em que se esmera a natureza em produzir amor, se intentão mil insolencias, não havendo genero de crueldade que não maquinem, pondo em uns espóras a cubiça, em outros ancias a inveja por se verem inferiores d'aquelles a quem a natureza os igualou em nascimento.

III

Determina-se o dia para as Côrtes; El-Rei recusa assignar as cartas; blasfemão os inimigos; ultima vista de El-Rei com a Rainha.

Contentes sahírão todos do Conselho, porem não o Rei, e só sim suspenso no que faria, ou deixaria de fazer, mettido em um labirintho de duvidas, todas tão penosas como era o risco que se lhe descobria. Começou-se a divulgar assim a supplica feita, como a resposta dada por El-Rei. Succedeo o costumado de uns louvarem e outros condemnarem o determinado conforme a diversidade dos discursos, e os afectos de que erão possuidos. Ao outro dia de manhã houve junta do Conselho para se signalar o dia para principio das Côrtes. Resolveo-se que fosse o primeiro do anno seguinte de 1668; e dando parte a El-Rei do que o conselho havia determinado, consentio no arbitrio; porem vendo que em poucas horas lhe levárão as cartas convocatorias para as assignar, para que prevenidas as Cidades e Villas fizessem eleição dos Procuradores que devião assistir, angustiado com a presteza se fez remisso em as assignar, e querendo palear a demora deo algumas escusas para o não fazer tão promptamente, e que derão a conhecer que tudo o que havia promettido a respeito das Côrtes era fingido, e isto não era de admirar, porque

não sabia El-Rei para onde se voltaria que não encontrasse asperissimos montes de dificuldades, julgando que o consenti-las havia ser ruina de seu credito, e pessoa, e igualmente o cumprir sua palavra era da sua obrigação, ainda sendo com risco seu, porem reconhecia já a todos por traidores, e previa que aonde quer que se inclinasse ou havia cahir na traição de uns, ou na cobardia e medo de outros, pois tudo tinha chegado a taes termos. Ponderava assim a que devia resolver-se attendendo aos requesitos que pedia a materia, e não póde negar-se que o delibera-la com acerto excedia os termos da capacidade humana. Seguio-se a esta renitencia o costumado da parte interessada, e foi o blasfemar, dizendo que a inconstancia do entendimento de El-Rei lhe não consentia que presistisse em o que havia determinado; d'onde clara e notoriamente se inferia que o corpo politico necessitava de melhor cabeça, porque os discursos soberanos se não tivessem por delirios fazendo as resoluções tão criticas, de que com muito fundamento se podesse recear o irremediavel perigo de uma mortal enfermidade. Este mesmo dia de tarde foi El-Rei ao quarto da Rainha, aonde permaneceo até á noite, ambos tratando de enganar um ao outro; El-Rei com o cuidado de vêr se podia retirar-se da Côrte, disfarçando a tenção com os afagos que lhe fazia, ella correspondendo-lhe com os mesmos, procurando lograr sua maldade, pedindo a El-Rei que não sahisse da Côrte. Isto teve effeito, porque havia muitos dias que estava já traçado, mas a tenção de El-Rei se desvaneceo por se acordar muito tarde. Ninguem soube, nem pôde alcançar o mais que se passou entre os dous por ser breve o tempo para se poder discorrer, pois em poucas horas occor-

rêrão tão extravagantes como diabolicas novidades; as quaes não davão logar a firme conhecimento, porque o horror dellas deixava todos cheios de espanto.

CAPITULO XIII.

I

Chega a armada de França; falla o General a El-Rei, á Rainha e ao Infante; sai a Rainha a passeio como costumava; sai tambem El-Rei e recebe carta da Rainha.

Isto succedia quando ao outro dia pela tarde entrárão pela barra dentro dezeseis navios de guerra mandados por El-Rei de França, e derão fundo bem defronte do Palacio do Infante, tomando por pretexto, que a falta de agua os obrigara a tomar terra, por se acharem mais perto de Lisboa que de outro qualquer porto. Saltou logo em terra o Cabo desta armada, e a pri-

meira cousa que fez foi vêr-se logo com o Embaixador Francez, donde passando a Palacio, dando a saber a El-Rei que a unica causa de entrar na barra fòra a referida, passou tambem a fallar á Rainha, e á noite foi buscar o Infante, onde dizem se deteve mais tempo do que nas primeiras visitas. Nada disto se fez reparavel, nem se presumio que houvesse outro fim, senão o que declarara, porque esteve esta negociação com E-Rei de França tanto em segredo, que só depois de passada a tormenta se publicou por não haver já risco de padecer estorvo. Tudo o que já dissemos pertencente a esta armada, e practicas do Embaixador de França com os confidentes do Infante se não soube senão depois de preso El-Rei, e bem seguro. A armada até que prendêrão El-Rei esteve socegada e não foi necessaria para o que se havia prevenido, pois sem ella tudo estava socegado, e negociado, e de tal sorte se achavão sem embaraço, que não havia cousa que podesse dar-lhes cuidado; e este foi o motivo principal de que nem a armada nem o Infante se dessem por entendidos do fim a que havia sido chamada. Chegada pois que foi a armada, ao outro dia sahio a Rainha com a mascara de hir passear, como costumava, ou a algum convento de Freiras, ou a alguma quinta, em occasião que El-Rei estava já de caminho para hir divertir-se ao campo, quando chegando o Conde de Santa Cruz, Mordomo mór da Rainha lhe deo uma carta que abrindo-a dizia assim: « — Deixei a Patria, a casa, os parentes, e
« vendi minha fazenda por vir acompanhar a Vossa
« Magestade com desejo de o fazer muito á sua sa-
« tisfação, e tenho sentido muito a desgraça de o
« não poder conseguir por mais que o procurei: e
« obrigada da minha consciencia me resolvi em tor-
« nar para França nos Navios de guerra que aqui

« chegárão. Pesso a Vossa Magestade me faça mer-
« cê de dar-me licença para isso, e de me mandar
« entregar meu dote, pois que Vossa Magestade sabe
« muito bem que não estou casada com elle; e es-
« pero da grandeza de Vossa Magestade me mande
« fazer assim entrega de meu dote, como em tudo
« o mais o favor que merece uma Princeza estran-
« geira, e desamparada nestes reinos, e que veio
« buscar a Vossa Magestade de tão longe. »

II

O passeio da Rainha termina no Convento da Esperança; alli vai El-Rei, e acha-se com o Infante e com os seus.

Era o Convento aonde se tinha retirado a Rainha o mais proximo ao Palacio do Infante, e fazendo a jornada direita como fez, necessariamente lhe havia passar pelas portas. Como o Infante estava advertido de tudo o que havia de succeder tinha mandado tambem pôr um coche com o disfarce de que queria tambem hir até Queluz. Posto a uma varanda que cahia para a mesma rua que guiava ao tal Convento, e com a prevenção de gentes que lhe pareceo bastantes para qualquer função, com o sobrescripto de o acompanharem á sua quinta, sem darem a entender algum outro accidente que lhe inquietasse o animo, vio que vinha correndo um coche, e conhecendo ser El-Rei que vinha nelle, e que os criados que vinhão correndo uns atraz dos

outros davão indicios de alguma perturbação, mostrou o Infante no exterior, que isto lhe causava novidade (sabendo elle melhor que ninguem o que havia, pois tudo era disposição sua) e proseguindo a demonstração de cuidado disse aos que lhe assistião: « — que quererá dizer isto de El-Rei? » e logo entrou um criado apressadamente dizendo que a Rainha tinha sahido de Palacio e entrado no convento da Esperança, e que El-Rei violentamente a hia tirar delle. Tudo prevenção do Infante para dar a entender a sua innocencia, e quanto descuidado estava do que succedia; e foi tanta a promptidão com que sahio, e os que estavão com elle, como de quem estava bem prevenido para o effeito pois ao chegar El-Rei ao convento já o Infante estava com elle. Oh! ditoso muitas vezes o Principe que antes se casa levado da formosura, e virtudes de sua esposa, do que impelido das razões de estado, em o que não menos vai arriscado do que exposto ao arrependimento, pois as mais das vezes não casa com quem deseja, nem gosa de amor tão puro, como o rustico humilde, pois emprega seus sentidos, e toda sua vontade no emprego deste bem, e assim amão mais os pobres suas mulheres, porque não tem outra cousa que dar-lhe senão amor! por isto dissera eu ser infeliz o estado dos Principes por serem muitos os modos de poderem ser offendidos, com cujo pesado afan, ou hão de reinar envoltos em continuo tormento de suspeitas, ou perder-se sem a memoria dellas.

III

Maravilha-se El-Rei com a carta da Rainha; chega o Infante, lança-se aos pés de El-Rei, e consegue retirar-se com elle para Palacio.

GRANDE foi a admiração de El-Rei lendo o papel referido, fazendo tal desasocego a maravilha que em parte lhe servio de freio ao sentimento; de maravilhado não achou que responder e de colerico não soube dessimular, pois dous afectos contrarios costumão embaraçar o entendimento, pelo que entrando no coche que estava posto para hir ao campo, sem mais discurso ou conselho, que o do seu sentimento se arrojou apressado a querer executar uma demonstração tão violenta que nunca fôra bem vista depois de conhecido o risco em que já fluctuava, e o novo que da acção podia resultar-lhe; porem em se alterando um pouco os accidentes, se descompõe os homens, em os quaes costuma obrar mais o acaso do que a prudencia: e sendo intempestivos os successos, não houve tempo para esta, nem lugar para conselho; e sendo certo que á razão pertence discernir o bom e o máo, não podemos negar ser de paixão não destinguir nem o mal, nem o bem. Chegado ao Convento o Infante, com a promptidão que dissemos, aonde estava El-Rei, vio que com grandissimo furor enviava criados a buscar machados para

arrombar as portas, a fim de tirar a Rainha, pois lhe tinha dito a Priora, mandando elle que as abrisse, que a dita Senhora tinha as chaves dellas, e as não queria dar, e que ella por força não tinha authoridade para lhas tirar. Vendo El-Rei que a violencia podia acabar o que a cortezia não podia, se quiz inclinar a ella n'aquellas circunstancias. O Infante vendo a resolução de El-Rei pondo-se de joelhos lhe disse: — « Attenda Vossa Magestade ser nos « Principes mais estreita a obrigação de guardar, e « deffender o sagrado dos claustros das Virgens con- « sagradas a Deos; não permitta Vossa Magestade « que de um Rei tão Christão saia um tão máo « exemplo; retire-se Vossa Magestade a Palacio, e « juntando Conselho de Estado todos disporemos o « que melhor estiver ás conveniencias e á honra de « Vossa Magestade, mas de diferente modo do que « Vossa Magestade o pode agora remediar; porque « na occasião presente obra só a paixão que perturba « tudo; em Conselho valerá a razão que tudo acom- « modará. » Causou esta novidade tal alvoroço na Cidade, que pelas ruas se não podia romper pela muita gente que havia concorrido a vêr o succedido. O Infante se achava com o seu sequito junto a si, e El-Rei só com os seus criados uns bons, e outros máos. Esta supplica que fez o Infante a El-Rei foi ajudada de alguns, e aprovada de todos; com a qual socegado El-Rei um pouco do primeiro sentimento, veio em tudo o que lhe disserão, e mettendo-se no coche com o Infante tornou para Palacio, e os criados de ambos misturados uns com outros forão seguindo seus amos, porem tão desconfiados uns dos outros que cada um levava a clavina na mão tão preparada, que para o effeito só faltava o dispara-la; e havendo do Convento a Palacio um grande espaço para andar; nunca

vi em minha vida maior silencio do que o observado em todo o caminho, não se atrevendo um só a dizer palavra, servindo este silencio geral de não pequeno augmento á sua confuzão.

CAPITULO XIV.

I

Junta-se o Conselho com susto dos parciaes do Infante.

AQUI deo o Infante e todo o seu sequito signal de temor, imaginando que desesperado El-Rei usasse de alguma violencia, porque depois de terem já entrado no conselho de estado, e hindo eu por uma galeria que ficava perto delle, a vi toda cheia de gente encostada pela parede, e entre os que assim esperavão o successo estava o Conde da Ericeira, e Miguel Carlos de Tavora, Sargento General de Batalha irmão do Conde de S. João, e perguntando-lhes o que fazião alli com tanto encommodo respondêrão — « Es-

« tamos esperando nosso amo. » Ao que eu respondi: — « pouca guarda haverá mister porque Deos « tem a seu cuidado guarda-lo. » E offerecendo-me se querião que fizesse alguma cousa, me disse o Conde da Ericeira, — « que Vm.ce se vá ajuntar com « os mais criados, e vejão bem o que fazem. » Esta a causa por onde suspeitei que havia medo, pois ainda que El-Rei já não tinha o sequito antecedente, tinha ainda bons criados dentro de Palacio, e ainda que alguns tinhão fraqueado no interior, com tudo pelo contrario erão conhecidos dos valerosos do Reino, os quaes mettidos na occasião, não podião faltar ao desempenho; e ainda que alguns revelavão ao Infante alguns particulares de El-Rei, era mais curiosidade, do que traição; porem como os particulares dos Principes devem ser guardados como o *Sancta Sanctorum*, bastardear em a minima cousa basta para ser reputado infiel, e se dê o castigo que merece semelhante atrevimento. Eu sempre tive os taes por grandes embusteiros, ainda que o Infante para saber tudo o que El-Rei fazia, e dizia, lhe não era necessario nenhum delles tendo Roque da Costa Barreto, por cuja via sabia de todos os intentos de El-Rei. O motivo porque o Infante os queria atrahir a si, e dava grandes esperanças por qualquer serviço que lhe fazião, era porque se chegasse a occasião em que se visse obrigado a decedir com força sua tirannia os tivesse da sua parte; pois ainda que não defendessem seu partido, ao menos não estorvassem, julgando que o Infante ficaria como o Conde de Castello Melhor assistindo ao governo, e assim lograrião melhor seus acrescentamentos. Esta idea de cobiça é a mãe das infamias, pois chegando a conhecer o seu engano, e a perdição de El-Rei, ainda que sentidos forão seguindo o mesmo rumo do Infante, des-

tituidos de remedio para poder emendar o primeiro erro. Porem como seja proprio da infedelidade que os mesmos que a buscão para sua negociação a aborreção depois de conseguido o mal, assim experimentárão depressa os taes o desar no modo com que os tratou o Infante. Todo o seu temor, e dos seus era vão, mas como a consciencia os reprehendia, não deixava de manifestar-se, indicando o que era por natureza, temião offende-la: pelo que todos os criados com que El-Rei se achava, ainda os de conhecido valor, não servírão senão para testemunha de sua desgraça.

II

Do que se obrou no Conselho, notavel dito do Conde de Sabugal.

Apartando-me pois dos cavalheiros que disse, encontrei-me com D. Fernando Mascaranhas, filho do Conde de Obidos, hoje Conde do Sabugal, cavalheiro o qual se havia criado com o Infante, e muito seu, com o qual eu tinha confiança, e dizendo eu — Senhor D. Fernando muito mal está isto! Tivera eu, disse elle, o officio de El-Rei, e eu o fizera bom. E assim era porque depois que o Infante deo a conhecer o fim a que dirigia suas queixas, foi a todos tão odioso que a não conhecerem a El-Rei tão destituido de poder, o abandonárão; pois só os camaristas que firmavão suas esperanças na tiranna aleivosia presistião com cuidado, industria e valor para

as poderem conseguir. Assistírão El-Rei e o Infante neste Conselho de Estado com os mais Conselheiros que a brevidade pôde fazer presentes, e todos erão do partido do Infante, faltando todos os da facção d'El-Rei, ou por serem velhos, ou por amedrontados do poder do Infante, pois conhecendo o risco, uns se retirárão a suas casas, outros sahírão da Côrte para fugirem de semelhantes funcções, das quaes não poderião sahir bem, pois dizendo as verdades perigavão suas vidas, e seguindo os contrarios tornavão-se infames. Estando pois todos no Conselho houve uma confuzão por querer cada um ser o primeiro que dissesse seu parecer, e este fosse de modo que agradasse ao Infante para lhe ficar obrigado, e ainda que era D. Rodrigo de Menezes quem compunha esta tragedia, cedeo nesta occasião, não sem misterio, o arresoado a seu irmão o Marquez de Marialva, o qual tomando por sua conta o solver a dificuldade fallou livremente a El-Rei nesta forma — « Senhor « a determinação que a' Rainha tomou de sahir de « Palacio não póde atribuir-se a leviandade, sendo « esta alheia de tão soberano obrar, senão a virtude « mui solida em que a prudencia manifesta os seus « quilates; pois se olhamos seus principios, achamos « haver nascido de repetidos desaires que se lhe hão « feito, os quaes na gerarchia de tão grande Ma- « gestade, sendo intoleraveis são máos de sofrer. « Tendo experimentado tudo isto tomou a resolução « mais sancta e honesta que permittia seu decoro, « ou já para mitigar sua dôr ou para merecer mais « a Deos, entregando-se no retiro nas mãos de sua « mesma paciencia, justificando com acção tão pia « serem suas queixas dimanadas da boa razão que « lhe assiste, e que suas demonstrações são effeitos « da realidade. Buscou a casa de Deos para con-

« solação sua, e edificação de todos, e deixa no es-
« quecimento os meios para os castigos a que a sua
« justa vingança podia inclina-la, pois dá claramente
« a conhecer que busca sómente os meios que a po-
« dem conduzir á paz de sua alma, e não á satis-
« fação do seu aggravo. Os validos de Vossa Ma-
« gestade lhe fizerão mil insolencias, pois seu modo
« de a tratar era mais de senhor que de vassallos;
« dissimulando Vossa Magestade tudo nos seus Mi-
« nistros, avivando com isto tanto os motivos de seu
« sentimento, que mais a atormentava a dissimula-
« ção do que o despreso, quando por outra parte
« Vossa Magestade a não tratava como mulher, nem
« como Rainha, merecendo ella se-lo não como tal,
« mas como anjo que é; pois esquecido Vossa Ma-
« gestade de ser um Principe e Soberano desta Mo-
« narchia, se tem dado ao divertimento illicito de
« uma mulher tão baixa, cuja communicação seria
« culpavel em qualquer homem de mediana esphera,
« causa principal porque Vossa Magestade lhe tem
« faltado ao throno como marido, e á attenção que
« lhe deve como Rainha, sendo isto o que conduz
« ao verdadeiro amor, e o que dicta a razão. Nes-
« tes termos como quer Vossa Magestade que uma
« Princeza em quem concorrem tão sublimes prendas
« tenha tanto sofrimento, e que considerando-se com
« o caracter de esposa de Vossa Magestade, e Se-
« nhora de seus Vassallos se veja com um trata-
« mento tão contrario á sua dignidade? Todos estes
« successos, e outros que a modestia não permitte
« que se refirão, tem ella experimentado tão impro-
« prios da grandeza de sua pessoa, que podendo esta
« excita-la a novos disturbios a tem conduzido ao
« santo encerramento de um Mosteiro, acção a qual
« ainda que pareça menos decente á Magestade tem

« pela sua parte a virtude. Que maior prova, Se-
« nhor, de sua sinceridade real, que a de haver bus-
« cado quantos meios se podem imaginar ordenados
« á quietação do Reino, e lustre de Vossa Mages-
« tade, fazendo-se medianeira de tudo o que previa
« ser augmento, e serviço de sua corôa, não tendo
« de seu merecido premio, nem mais satisfação que
« a de conhecer que suas deligencias sendo aprova-
« das de todos, erão olhadas de Vossa Magestade
« como delictos! O supplicar a Vossa Magestade que
« admittisse as Côrtes era porque conhecia que nellas
« o mal se evitaria, e se augmentaria o bem. O
« pedir que Sua Alteza assistisse a Vossa Magestade
« que conselho mais saudavel, que interesse mais
« importante! E onde pode Vossa Magestade achar
« lealdade mais acrisolada que a de um irmão, o
« qual não tem outro parente, nem obrigação, que
« a de conservar o explendor, e grandeza de Vossa
« Magestade, quando outro qualquer vassallo só terá
« o de seus interesses, e os de seus parentes, ainda
« com damno do patrimonio Real, e desar da Ma-
« gestade; pois a diferença que vai de um Infante a
« um vassallo, essa mesma dista de um a outro zelo?
« Achou-se a Rainha no Conselho só a fim de ter
« effeito o convocarem-se as Côrtes, e havendo-as
« Vossa Magestade concedido benignamente hindo as-
« signar as ordens, desabridamente se recusou; quan-
« do não interviera na Rainha outro motivo do que
« este, era sobrada desculpa para qualquer demons-
« tração. Não pode deixar Deos de dar-se por of-
« fendido, e o mundo estranha-lo, e se Vossa Ma-
« gestade não quer reconhece-lo assim, será o mal
« ainda maior. Em fim o obrado não tem outro re-
« medio, e só resta que se empreguem os meios efi-
« cazes e licitos, que podem premeditar-se. Nas

« circunstancias presentes julgo eu por principal o de
« se dar á Rainha uma satisfação cabal, que segu-
« rada com ella de ser attendida como Rainha, e
« Senhora de todos, possamos felizmente remediar o
« que tanto tem perturbado nossos animos. Não du-
« vido que ao principio repugne vir para Palacio,
« porem os continuos rogos o conseguirão, seguran-
« do-se a emenda no trato de sua pessoa. Para ne-
« gocio tão arduo, eu não descubro espirito mais ca-
« paz que o de Sua Alteza assim pelo respeito que
« a sua pessoa se deve, como porque a Rainha ob-
« serva que segue iguaes dictames aos seus em or-
« dem á quietação publica, e que o zelo de sua Al-
« teza olha só ao bem de El-Rei e de seu Reino,
« o que ella anciosamente desejava. Sendo pois re-
« presentadas por Sua Alteza as utilidades esperadas
« de sua volta para Palacio, cederá ás supplicas que
« lhe fizerem, e entregará ao esquecimento o dis-
« sabor de todo o aggravo recebido. »

III

Reflexões sobre o discurso de Marialva; percebe El-Rei o animo dos traidores; resposta que dá no Conselho.

QUANTO os traidores dizem é agradavel, pois pintão de tal sorte, o que dizem, que sendo a intenção damnada, e o coração fóco de toda a maldade se fazem ouvir com prazer. Quem diria que o alvo deste discurso não era o zelo que publicava uma sin-

ceridade pura, despida de toda a corrupção, animada dos desejos da quietação geral, e do amor do Rei? Porem suas aleivosas mentiras patenteião aos olhos de todos o pouquissimo respeito a seu senhor, e a gangrena d'aquelles animos corruptos de cubiça, os quaes para segurar a um tiranno não duvidão enganar seu legitimo Rei alcançando com palavras e promessas vantajosas aos inimigos, e encobrindo com ardil o veneno de que poucos escaparão. Finalmente este que na apparencia significava ser um anjo era um torpissimo demonio. Ás onze da noite se acabou o Conselho, havendo durado quasi tres horas por causa da confuzão mencionada de todos se quererem mostrar servidores do Infante, e por isso não houve lugar senão para a mencionada exposição. El-Rei ficou um pouco perturbado, pois nas adversidades periga as mais das vezes o valor, porque como ellas de ordinario chegão de improviso, perturbão tanto o espirito que não dão logar a obrar-se com acerto, ou porque imaginamos perdida a felicidade de que até ahi gozavamos, ou porque se nos representa arriscada a vida, cujo desejo é tão natural ainda nos mais animosos. Quiz El-Rei mostrar-se de animo socegado, porem como tudo era contra o que sentia em seu coração, debalde dissimulava. Não ignorava que aquella liberdade era indicio de traição e tirannia, pois conhecia que a authoridade real já não existia em Palacio, e se havia mudado para a casa do Infante, pois o estilo tão livre com que fallavão ao seu Rei o declarava como prognostico certo dos fins a que se encaminhavão: porem esforçando-se o mais que pôde respondeo com palavras graves e magestosas, dizendo — « Que elle a ninguem tirava seus « direitos, e igualmente não queria se mettessem « com as prerogativas que o reino e leis lhe con-

« cedião a elle só; que devião lembrar-se que erão
« vassallos, e elle Rei de todos, que querer exceder
« a authoridade Regia que Deos e o Reino lhe ti-
« nhão dado, e sobre a qual não tinhão jurisdicção
« alguma, era oposto á fidelidade que lhe era de-
« vida, e que a presente demonstração nada acre-
« ditava; que o Infante era vassallo como os demais,
« e não soberano; que estava inteirado de elle haver
« dado causa a isto com sua brandura demasiada,
« e generosidade de seu animo: que das acções da
« Rainha não tinha elle culpa, pois sempre a havia
« tratado com amor e respeito a si mesmo devido,
« por cujo motivo lhe havia assignado mais renda,
« do que nenhuma outra Rainha havia gosado; po-
« rem se a maldade lhe persuadia taes cousas, que
« a separavão do que devia a seu decoro, que sua
« innocencia o não devia pagar; assim seria justo
« que o Infante fosse ao outro dia fallar-lhe, e fi-
« zesse o possivel pela reduzir a tornar para Palacio
« por ser isto o que elle mais desejava; e que só
« queria se tratasse disto, deixando para melhor oc-
« casião as demais dependencias que esperava com
« socego se acomodarião á medida dos interesses do
« Reino e de seu serviço. Tudo isto nada valia por-
« que as disposições da providencia divina não se po-
« dem de modo algum evitar ainda que com repe-
« tidas providencias de conselho, prudencia, e cau-
« tela dos mortaes.

IV

Concede El-Rei que o Infante vá fallar á Rainha; traz a resposta a El-Rei; sua decizão.

Com rendida submissão offereceu-se o Infante a El-Rei para obrar tudo quanto sua capacidade alcançasse para Sua Magestade conseguir a felicidade, e gosto que desejava, e que ao outro dia hiria obediente pôr em execução todos os meios possiveis para vencer a grande dificuldade que lhe parecia acharia na Rainha. É sabido que quem vai a enganar procura sempre manhoso representar tudo o que póde melhor persuadir áquelle que deseja enganar; pois de outra forma obraria contra o fim de seu embuste. O Infante como perito nesta arte soube pratica-la bem, pois sua modestia na presença de El-Rei era tão grande como sua refinada malicia, e suas palavras tão humildes, que mostravão ser filhas desta affectada modestia; porem de tanta discordia entre os dous ministros da alma coração e lingua que effeitos podião gerar-se senão infamias e tirannias? Com a mascara da humildade enganava a El-Rei, e este com toda sua sincera generosidade não pôde captiva-lo; pelo que por sua bondade sem refolho perdeo o reino, quando o Infante por sua refolhada malicia pôz a corôa sobre a cabeça. Via-se já El-Rei sem remedio algum, nem d'onde o podesse haver, e os contrarios, fazendo-lhe uma armonia suave, ainda que desavergonhada, buscavão entrete-lo. Mostrou-se nesta

occasião mais acelerado que frouxo, obrando nisto sem conselho a força de sua mocidade, porem é cousa ordinaria que quando algum se arroja sem outro motivo mais que o de sua paixão, não deixa de encontrar o precepicio de que foge. Não tinha El-Rei outro poder que sua confiança fundada nas suas esperanças, presumindo que tudo lhe succederia bem, engano pernicioso e pouca consideração, pois á vista de tantas experiencias ordenadas á sua perdição, ainda que paleadas pela cortezia, e pelo artificio com que erão formadas, e urdidas, davão visos de que a maldade, e a malicia caminhavão á redea solta sem o freio de vergonha, nem respeito humano ou divino. Teve El-Rei pouca fortuna em seu sangue, e seus vassallos; e como podia esperar outra de quem atropelando a razão e a lei de Deos só punha o sentido em chegar ao galarim da aleivosia intentada? Ainda que, como digo, teve El-Rei não pequenos desenganos para conhecer que todos se dirigião á sua desgraça, ficava com socego fiado no Sagrado da Magestade, e assim não acabava de conhecer a traição, a falta de suas forças, e as grandes de seu inimigo, e não obstando o conhecimento que adquiria por tantos testemunhos sempre esperava bom fim a suas cousas, o que sendo prova da candidez com que obrava, não era n'aquellas circunstancias boa tanta confiança; porem como os desgraçados jámais perdem as esperanças, as quaes sendo mantimento ligeirissimo, quando parecem sustentar então deixão perecer sem remedio. Foi no dia seguinte o Infante ao Convento onde estava a Rainha, o que desejava, e estando os dous sós toda a tarde, quasi ás ave marias veio dar parte a El-Rei de sua commissão, dizendo que não tinha tido logar de propôr á Rainha a causa de tornar para Palacio, senão

ouvir suas queixas, e ajudar a senti-las, e se Sua Magestade fosse servido que continuaria a conferencia, e talvez poderia acabar com ella que cedendo ao sentimento tomasse a resolução desejada. Ouvida a resposta, mostrou El-Rei pouco, ou nenhum sentimento, e lhe disse — não vos canceis em tornar lá outra vez, a Rainha que faça o que quizer. O Infante beijando a mão a El-Rei lhe disse que obedeceria em tudo que lhe ordenasse.

---

*

CAPITULO XV.

I

Convoca a Rainha os Conselheiros de Estado, estes lhe obedecem; escreve pelo Duque de Cadaval ao Cabido.

COMO esta mulher ou Rainha de gloriosa memoria em tudo o que obrava punha particular reflexão, nunca perdia tempo nem occasião. Mandou promptamente chamar os Conselheiros de Estado, e Titulos que se achavão na Côrte, e aos do sequito do Infante, e a todos foi informando do motivo que a havia obrigado a entrar n'aquelle Sanctuario, e da determinação de passar a França annullando primeiro o matrimonio para o que pedia a todos que assistissem á sua causa, que por

ser de uma Princeza Estrangeira, e desamparada merecia toda a attenção piedosa de suas assistencias. Ao que todos obsequiosos respondêrão que ouvindo suas razões com gravissima pena observarião seus rogos como se fossem preceitos. E logo se offereceo para Procurador da causa, e com tudo o necessario o bom Duque de Cadaval, o qual como virtuoso se exercia nestas obras pias. Mostrou-se a Rainha agradecida pela offerta e lhe disse, que a não podia deixar de aceitar, pois nisso hia interessado seu credito e sua honra; que tinha escripto uma carta para o Cabido, e que lhe havia fazer o gosto de lha apresentar, para que constando da legalidade de suas razões, se visse em juizo estar nullo seu matrimonio. Não menos officioso respondeo o Duque a tão grande dignidade dizendo — que dispozesse Sua Magestade quanto fosse de seu agrado, que elle só cuidava em obedecer-lhe; e recebendo a carta a levou ao Cabido, e continha o seguinte: — « Aparto-me da Com-
« panhia de Sua Magestade que Deos Guarde por
« não haver tido effeito o matrimonio em que nos
« concertamos, e por não poder soffrer por mais tem-
« po os escrupulos de minha consciencia, que o amor
« que tenho e me merecem estes reinos me fez dis-
« simular até agora. Espero que Sua Magestade
« como melhor testemunha da minha razão a de-
« clare para me poder recolher brevemente a Fran-
« ça, sem embaraço em minha pessoa, e ao Ca-
« bido da Santa Sé desta Cidade a quem por seus
« ministros toca ser juiz desta causa, rogo muito
« a queira mandar abreviar quanto fôr possivel; fa-
« vorecendo em tudo que fôr justo a uma estran-
« geira maguada da desgraça de não poder viver na
« terra que veio buscar de tão longe com tanto gos-
« to, e pode muito confiadamente entender de mim

« o Cabido que em toda a parte saberei reconhecer,
« e agradecer toda a cortezia com que me tratarem.
« Lisboa 22 de Novembro de 1667 *D. Maria Fran-
« cisca Isabel de Saboya.* »

Levou o Duque a carta a qual sendo vista pelo Cabido, respondeo o seguinte: — « Leo-se neste Ca-
« bido com grande sentimento a carta de Vossa Ma-
« gestade escripta em 22 do corrente por ficarmos
« entendendo a resolução que Vossa Magestade havia
« tomado de se recolher nesse convento com tenção
« de se voltar a França, desamparando a Portugal,
« onde é tão amada e venerada, e de procurar se
« annulle no Juizo da Igreja o matrimonio contrahido
« entre El-Rei Nosso Senhor, e Vossa Magestade.
« Os termos, Senhora, ordinarios da Justiça que se
« permittem a qualquer pessoa particular mal se po-
« dem negar a Vossa Magestade, quando as cousas
« cheguem a este estado, porem concorrem neste
« negocio tantas circunstancias dignas de pondera-
« ção, que pedimos a Vossa Magestade licença para
« que antes de entrar nelle o encommendemos, e
« façamos encommendar a Deos, para que se sirva
« de o encaminhar a seu santo intento, bem uni-
« versal deste Reino, e conservação de Vossa Ma-
« gestade, a quem o mesmo Senhor guarde por fe-
« lices, e largos annos, como todos lhe pedimos e
« desejamos. »

II

Intenta-se a causa de nullidade de matrimonio; cohonesta-se o intento de casar com o Infante.

Começou logo a tratar-se a causa da nullidade de matrimonio com grande empenho, pois como o poder já estava no Infante, e o pleito era todo seu, e quanto elle queria; ajudava a isto a voz destes homens malvados, cheios de toda a iniquidade, espalhando por toda a Côrte que era tão miseravel o estado a que se via reduzido o Reino, que era impossivel poder-se restituir uma tão grossa somma de dinheiro, como aquella que a Rainha tinha trazido em dote, alem dos grandes gastos da sua condução para França. Que desejando todos a Successão Real ajustado o casamento com outra Princeza era irremediavel o muito tempo que se havia de perder. Que não era cousa nova no mundo receber um irmão a esposa do outro, o que succedeo em Polonia a João Cazemiro, e Segismundo 2.º os quaes casárão com a Princeza de Nevers, succedendo o segundo irmão ao primeiro matrimonio, e reinado, tendo-o tambem contrahido Cunhado e Madrasta; e assim havendo nullidade se podia passar a segundas nupcias. Porem que Sua Alteza era tão escrupuloso, que ainda á vista destes exemplos não poderião obriga-lo á que cedesse a este bem publico, pois fazia mais esti-

mação de seu dever, que de um Reino, o qual direitamente lhe pertencia governar, e deffender vendo-o nas ultimas decadencias de sua perdição. Não contentes estas furias infernaes com as vozes vagas que semeavão, querendo adiantar sua causa com o veneno das murmurações contra El-Rei; e por outra parte alienar o animo dos subditos do amor de seu Principe, publicárão uma sensura a mais escandalosa e horrivel de todas as acções do seu governo, da qual o Infante mostrando grande magua, se deo por offendido, e os mais se desgostárão deste caso. Invenção astuta para melhor disfarçar que intentavão desluzir a Magestade. Foi isto um descobrimento da tirannia que estava encoberta, pondo aos olhos do vulgo o aggregado de calumnias contra o soberano com o dourado de apparentes razões, para priva-lo do Reino como indigno, quando ao mesmo tempo com uma paleada demonstração frivola, e incoherente queria persuadir a candura, a grandeza de animo, a modestia, e mais virtudes do Infante. Erão muitas as culpas attribuidas ao Rei, as quaes erão bastantes para faze-lo abominavel como continha o papel que publicárão e erão estas: — Que jámais havia procurado a conservação do Reino, que era cumplice na tirannia de seus validos na morte que dizião havia dado a sua mãe, a qual por culpa sua e de seus privados havia morrido lastimosamente; que convinha em tudo o que o Conde de Castello Melhor intentava assim na morte maquinada a Sua Alteza, como no despreso, e pouca estimação da Rainha, chegando a tanto o desafòro do Conde, que havia intentado galantea-la, o que conhecido por ella, o tratou de sorte que veio a ser seu inimigo; que conhecendo destas experiencias que no trato da Rainha não poderia haver acção por desculpavel que fosse a qual deslu-

zisse a Magestade, havia persuadido á Camareira mór mãe de Castello Melhor que mettesse dentro do quarto da Rainha a um filho seu o mais moço, chamado Francisco de Sousa de Vasconcellos Conego de Evora para que disfarçado em El-Rei intentasse occasião de ter filhos da Rainha, para o que dizendo a Camareira mór á Rainha, que El-Rei havia feito aviso de que aquella noite hia ao seu quarto, e lhe era agradavel estivessem as luzes apagadas, a Rainha respondêra que não queria que apagasse nenhuma, pois ella não queria receber a El-Rei com rebuços, prevendo que seria engano em razão das antecedencias. Que o Conde de Castello Melhor e Henrique Henriques de Miranda tinhão inquietado muitas Senhoras da Côrte, as quaes enganadamente solicitavão para El-Rei, com o qual pretexto as levavão a Palacio, e se aproveitavão da occasião offerecida pelo seu atrevimento, pois sem lhe importar do aggravo que lhes fazião, abusando da confiança que nelles punhão, não duvidavão, fingindo ser a pessoa de El-Rei, escarnecer da Magestade, o que tudo sabia o Principe e o consentia, porque se não viesse no conhecimento do defeito que tinha para poder dar successão. Que por mais que El-Rei ouvia os estrondosos rumores das gentes, e suas inquietações, não despertava de seus adormecidos descuidos; e que devendo dar-lhe entendimento o tropel de cousas que occorrião nas presentes occasiões, tropeçando nellas corria a despenhar-se em sua mesma torpeza. Que todas suas acções erão tão descompostas que fazião acreditar a todos, o que até alli ninguem podia imaginar, conhecendo ser justo que aquillo que a razão não podia remediar se entregasse á violencia, pois tinha posto o Reino em termos de ser necessaria a força contra o poder, e a razão contra a tirannia,

vendo-se uma necessidade tão urgente como a de conservar o Reino. Sendo certo que se desobrigava El-Rei de seus vassallos faltando á obrigação de conserva-los; aqui ponderavão vivamente sua incapacidade, concluzão infalivel da grande suficiencia de que se adornava sua Alteza; que só nelle se achava dignamente o direito do Reino, e o acerto para o governo, isto com o parecer de sujeitos de não menores virtudes que letras, os quaes se fundavão não só na conveniencia do estado, senão tambem no que elle devia á sua propria consciencia, pois que o Reino se achava com guerra nas fronteiras. Que a magnitude de inquietações intestinas era tal que por instantes arruinava a Monarchia, sendo uma grande prova desta verdade o haver a Rainha deposto a Corôa; e que não havendo mais de um Infante, não havia razão de lhe não substituir no governo, o qual claramente se havia conhecido tiranno, sendo disto a maior demonstração, que querendo o Castello Melhor matar Sua Alteza, e a todos do seu sequito, como se tem dito, só por conserva-lo, não só o quiz livrar do delicto, mas tambem ser testemunha em seu abono; alem disso nunca consentio que a offensa feita pelo Secretario de Estado á Rainha se recompensasse com o castigo merecido pelo desacato, antes na ommissão facilitava o pouco decoro com que queria que fosse tratada a dita senhora.

Este torno a dizer era o papel que se punha aos olhos do publico, isto o que se aclamava em altas vozes, para que a ninguem fosse occulta a infame aleivosia com que a perversidade tratava a seu Rei e Senhor, sendo em semelhantes exagerações e delirios todo o fim sanctificar a tolerancia, e sofrimento do Infante, esperando por este meio imbuir a plebe na crença de todas estas calumnias, para

que em todas as operações que Sua Alteza intentasse contra o Rei, o considerassem justificado. E é certo que estas chimeras se não escondião aos homens de juizo, os quaes forçosamente as tinhão por maledicencias; porem como a plebe de Lisboa era muito maior em numero do que as demais jerarchias da gente de seu corpo politico, em o estado em que tinhão a El-Rei julgárão mais conveniente o favor do maior numero que o de todos os mais, e por isso se valião destes libellos infames, como meio adquado para a gente desta esphera, a qual não destingue côres, nem se governa pela razão, senão pelo que vê, e ouve, porem como o que é abominavel nunca alcança o geral aplauso, não faltou quem depressa publicasse outro papel defendendo El-Rei com tão eficazes razões, que os mesmos authores do primeiro não lhe achavão facilmente a solução: — Dizia que tudo o que se havia fallado contra El-Rei era mentira, e uma falsa presumpção; que querião imbuir a plebe para lograrem melhor e mais seguramente a tirannia, a maior maldade, e a mais exacravel traição, que se havia visto, imaginada com tanta dissimulação, que quem a não percebia e alcançava a attribuia a virtude; advertia aos Portuguezes que se não deixassem enganar da falsa hipocrisia, que os attrahia com apparencias enganosas; e que defendessem a honra, e pessoa do Rei, e não seguissem os traidores, os quaes só seguião o norte de finalisar sua crueldade, ainda ficando manchada a Nação com o ferrete de aleivosia a seu Senhor; sendo tudo astucia para lhe tirar o Reino, e ficar o Infante com toda a authoridade, e aproveitados os da sua parcialidade. Emfim nunca faltão entre as maiores borrascas que padecem os Principes, alguns leaes os quaes deffendão a razão ou

com a penna, ou com a espada; e como toda a fabrica estava concluida muitos estavão sentidos, os quaes não podendo obrar em publico o que entendião no particular, obravão o que podião.

CAPITULO XVI.

I

Consternação de El-Rei; providencia mal lograda com D. Pedro d'Almeida.

Muito atormenta a um animo a lembrança do perigo, e sendo muitos os receios do mal que se prevê, outras tantas são sem duvida as penas que fatigão o coração. Fluctuava pois El-Rei entre tantas afflições, não sabendo aonde havia caminhar, sem que encontrasse os perigos de que intentava fugir, porque a qualquer parte que levantava os olhos encontrava embaraços, os quaes atavão os discursos que fazia, nos quaes se lhe propunha ser-lhe impossivel sem arrojar-se aos perigos vencer tão perplexas fadigas. Via-se falto de poder

de que tanto necessitava, via seu lado orfão de sabedoria tão necessaria em semelhante occasião, via da outra parte a seu irmão arrastado pela paixão de dominar, o qual sem fazer destincção do sangue dos amigos, ou dos inimigos, perseguia a uns para lhe não fazerem damno, a outros para o não estorvarem nos intentos da sua malicia, e o que era mais, perseguindo o seu Rei e Senhor natural para lhe poder tirar a corôa, tendo-o já tão apertado dentro do Palacio, que se podia chamar antes prizão que liberdade; pois bem conhecia que por mar e por terra tudo estava cheio de espias e de guardas, e não sendo por arte e estratagema se não poderia livrar do golpe que o ameaçava, e como seja proprio da necessidade espraiar-se em discursos que ordinariamente são destituidos de razão e acerto, nem todas as vezes surtem os melhores effeitos como veremos. Pôz El-Rei toda a confiança em um cavalheiro chamado D. Pedro d'Almeida por alcunha o Taverninha, que nesta occasião pareceo bem posto. Sabia que este se não havia mettido em partido por uma nem por outra parte, e se julgava estar de fóra vendo quem ficaria melhor. Era cavalheiro do mais illustre sangue do paiz, porem tão pobre que nada lhe sobrava, e por isso pareceo a El-Rei capaz de toda a confidencia e segredo, porque sua nobreza o acreditava, e sua pobreza o podia obrigar a qualquer acção generosa qual era esta, pois ainda que a execução se perdesse, não póde negar-se que a coragem de a ter emprehendido lhe seria de gloria para com Deos, para com o mundo, e para com o seu Rei. Pelo que tocava ao Infante não podia formar suspeita alguma delle pois era mui frequente em um e outro Palacio. Pareceo por isto o homem mais proprio para o que havia determinado, e se resolveo a descobrir-lhe seus

intentos fiando em sua lealdade o remedio de sua salvação. Era o tal, como dissemos, tão conhecido por sua nobreza, como pela sua pobreza; e eu julgo que tambem pela sua fraqueza, e por isso ou fosse d'El-Rei o tal discurso, ou fosse conselho que lhe dessem, é certo que foi errado, pois onde ha pobreza e não acompanha o valor, sem o qual se não póde obrar cousa boa, sempre se deve recear máo successo; porque a falta de um acobarda o animo, e não deixa obrar cousa boa em os riscos que deve vencer, e o outro faz atropelar as leis da nobreza por aproveitar-se, ainda á custa da honra. Significando-lhe El-Rei haver feito eleição de sua pessoa por conhecer nelle as obrigações que sabia lhe assistião para obrar com lealdade, e fé esperada de seu sangue, punha sómente nelle toda a sua esperança e confiança, se elle promettia desempenhar com obras o procedimento que d'elle se esperava: e proseguio dizendo que tinha determinado estribar só o seu remedio em sahir da Côrte, e livrar sua pessoa das insolencias que lhe fazião, e davão mostras de querer continuar; e antes de experimentar a ultima de todas se determinava passar ao exercito de Alemtejo onde imaginava que teria o verdadeiro refugio para se livrar da tirannia que com elle queria obrar; que cuidasse logo de hir preparando os aprestos, que costumava levar quando hia a Salvaterra, deitando voz de que El-Rei hia divertir-se á outra banda á caça; pois sendo jornada que commumente fazia, não causaria agora novidade, nem suspeita; que a todos seus criados certificaria ser a jornada de puro divertimento, e que se Deos fosse servido conceder-lhe o vêr-se da outra parte do Tejo, o que tanto desejava se hiria com elle e outros dous criados de sua confidencia metter no exercito, e para isto hiria todo o dinheiro

que podesse levar-se sem ruido, com tanto que a jornada se prevenisse com cautella, a qual do seu disvelo fiava. A isto com significações de apreço respondeo D. Pedro d'Almeida: — « Senhor, o meu « sangue, a minha lealdade, o proceder, o amor, « e a minha obediencia ponho tão prostrada, como « obsequiosa aos pés de Vossa Magestade, certifi- « cando-o de que todos estes motivos me tornão facil « o maior perigo, pelo que beijo as mãos a Vossa « Magestade pois me dá occasião em que possa mos- « trar com obras a verdade da minha nobreza, obe- « diencia, e grande afecto. » Nunca periga tanto o poder como quando se confia sem consideração, prudencia, e conselho, e vem ordinariamente a acabar ás mãos da sua mesma confiança: é por isso que são mais apreciaveis os trabalhos do que util a ociosidade, e o descanço, pois aquelles fazem os homens advertidos, esta pela maior parte os perde: com o descuido, como aconteceo a este desgraçado principe, o qual não havendo experimentado os revezes da fortuna, pois que sempre risonha tinha tomado á sua conta favorece-lo, mudando de semblante lho mostrou tão aspero, que parecia estar arrependida da liberalidade praticada, pois tão sem forças para o segundo o deixou o primeiro golpe, porque a experiencia mestra de desenganos ensina serem mais os Principes que por dados ao descanço se tem perdido, do que os oprimidos do trabalho, pois estes tirão dos seus desastres a cautella util para tudo, considerando ser o officio que manejão o maior que ha, e por isso mais expostos á ambição perversa dos máos, á cobiça dos que mais perto tem de si, e ás irreparaveis sublevações de um povo furioso. É natural em os homens a liberdade, e sempre o jugo da obediencia lhes foi carga pesada, pois como da liber-

dade se siga o alvedrio, e a obediencia se deva sujeitar á razão, e estas cousas sejão opostas entre si, é força que lhes falte a união. Esta a causa que fomenta as traições, porque o desejo de reinar obra sempre sem socego em aquelles que são immediatos ao Soberano, sendo suspeitosos deste contagio os irmãos do Rei, receio tão impresso nos Principes Othomanos que passão a ser crueis atropelando as leis da natureza, pois dizem que para o dominio do imperio ser absoluto e livre é perciso derramar o sangue de seus innocentes irmãos, politica a qual sendo gentilica e barbara não tem deixado de ser usada de alguns Principes Christãos. Achão sempre estes irmãos meios para a tirannia, tendo por injusta a lei que confere a authoridade ao que nasceo primeiro separando aos segundos, presumindo estes em si mais meritos para a Corôa do que o outro. Estes logo achão muitos que animando seu dictame favorecem seu partido, que ordinariamente os inclinão aos fins violentos dos quaes esperão seus bons successos; e não achando razão para a infamia que seguem, buscão a violencia para fazer da tirannia razão. Quiz-se mostrar o Infante tão prudente e valeroso que dizia, que só elle podia emendar os erros commettidos pelo Rei, declarando com zelo bem diverso do que mostrava os defeitos do Soberano, e sua incapacidade, desacreditando com taes artes, que a apparencia era inteiramente diferente da realidade, e por isso escandalosas a quem as entendia: proceder proprio da cubiça com que o tiranno costuma valer-se de embustes semelhantes, os quaes não sendo cortados no principio, chegão a fazer-se incapazes de remedio: deve o Principe em semelhantes lances mostrar valor, pois este tem dado muitas vezes a vida, que perderia o medo, sem duvida porque tem um não sei

que de excellencia, e de dominio sobre natural que em muitas occasiões os tem sabido tirar do maior risco. O valor mantem o Soberano em o seu auge, e lhe embaraça o render-se aos vassallos, ainda quando previsto o risco lhe não falta o conhecimento de poder decahir com elle, pois com a humiliação nada obra a authoridade real: assim deve nos conhecidos riscos tentar todos os partidos possiveis que possão fazer ao caso, sem minorar o respeito, abraçando na necessidade os perigos pela conservação de sua pessoa; pois os Principes igualmente se acreditão com a opinião, e com a força, e o que não alcança o poder facilita-o a arte, sendo cousa sabida que atalhar o perigo é o mesmo que vence-lo.

II

De quem seria o Conselho de El-Rei se retirar; e do caracter do Ministro de Estado.

Esta eleição feita por El-Rei de D. Pedro d'Almeida para se poder retirar da Côrte, dizem fôra de Conselho de Religiosos Benedictinos, os quaes lhe assistírão uns sete ou oito dias; alguns dizem que El-Rei havia mandado ao seu confessor Fr. Pedro de Sousa, Thio do Conde de Castello Melhor, e Religioso da mesma Ordem, que lhos enviasse; outros dizem que o confessor os havia mandado sem serem pedidos, porque recioso dos disturbios que via se escusava de hir a Palacio, e queria substituir o seu logar por aquelles dous, cuja virtude e doutrina en-

caminharião o Rei. De qualquer modo que fosse nos termos em que El-Rei se achava erão inuteis conselhos de Religiosos, os quaes são bons para a assistencia da hora da morte, porem para a segurança de um Rei, e de seu credito querem-se capitães valerosos, e prudentes, pois estes com o risco da vida asseguräo a pessoa, e os outros com a doutrina ensinão o caminho da salvação, o que é proprio do seu ministerio; aquelles nem a força dos tormentos mais atrozes os faz descobrir o segredo, e nestes corre perigo pela obediencia que professão a seus Prelados; verdade é que em alguns se acha disposição para tudo pela razão da sciencia e experiencia; porem é certo que cada um será muito mais a proposito para o que está obrigado a servir: aos Santos Religiosos encommenda a Igreja a pregação Evangelica, o cuidado das almas e o bem espiritual de todos; ao Cavalheiro secular é a quem direitamente tocão as cousas politicas, e as razões de Estado, não havendo monarchia por apurada que seja, onde se não encontrem sujeitos para o governo politico e militar capazes de igual satisfação; a estes pois toca a practica, e o manejo do Estado, e não á especulação de um Monge dedicado por seu estado ao humilde despreso de tudo aquillo que o mundo estima.

---

*

CAPITULO XVII.

I

Acha-se El-Rei atacado, providencias inuteis.

TODO o seu valor guardou El-Rei para quando lhe era nociva qualquer demonstração delle, pois andava já tudo publicamente tão inquieto que as revoluções assegurando a uns em seu obrar depravado, davão a entender a outros que serião a principal causa para a excluzão de um, e elevação do outro. El-Rei se achava preplexo e só, umas vezes querendo remetter tudo ao valor, e outras valer-se de arte e manha; porem como os descuidos de seu animo brando e generoso lhe havia enfermado a Magestade e o poder, já não podia usar nem de um nem de outro; estando já os

contrarios tão senhores de tudo que por nenhuma parte podia escusar o precepicio. Aos Cabos da Cavallaria alojada na Côrte, que serião quatrocentos cavallos (força diminuta a tão evidente risco) mandou chamar, e lhes deo ordem que ametade rondasse dividida em esquadras pelos bairros da Cidade em uma noite, e a outra na seguinte, e que quantos encontrassem de qualquer qualidade que fossem, prendessem e pela manhã viessem dar conta do que lhes houvesse succedido, não deixando de hir receber ordens, para que conforme os casos vissé o que devião observar: porem já não havia ministro nem cabo que obedecesse ás ordens de seu Rei, não por traição ou falta de lealdade, senão por medo. Não póde chegar a mais a desgraça de um Soberano! De tudo o que ordenava, se dava logo parte ao Infante o qual dispunha o que lhe era conveniente e isto se observava. Entre as dez e onze da noite montava El-Rei a cavallo, e acompanhado só de um criado corria toda a Cidade, e em algumas occasiões destas entrava em Casa do Conde de S. Lourenço e do de Val de Reis; estes o dissuadírão de sahir de noite só, significando-lhe que devia segurar sua pessoa, e livrar-se do que presumia sem se pôr ao risco de perder-se; e tivesse entendido que aos leaes o medo os fazia callar, pois não podião obrar, e os traidores não se descuidarião de fazer o mal possivel, e os demais ainda que fosse verdadeiro seu afecto quererião parecer inimigos, ou por seus interesses proprios, ou por acommodar-se ao tempo e circunstancias presentes, attendendo mais á força e poder que vião no Infante que á lealdade devida a seu Rei; porem como tudo corria fóra do ordinario não havia logar para consideração, nem ardil para prevenção antecipada, pois não havia hora em que não hou-

vesse novidade, a qual désse motivo a que os discursos fossem sempre differentes uns dos outros. Não ha indignidade nem injustiça que não pareça honesta aos tirannos, especialmente quando esta ambiciosa desordem tem por alvo o dominar, julgando que o soberano, a quem só é licito dominar, reina por mercê sua; e assim não temem faltar á fé jurada, nem reparão á inclinação do proprio sangue que os obriga á fraternal amisade: circunstancia tanto mais abominavel, quanto é mais estreito o nó que se quebranta. Estes pois não attendem senão á segurança tirannica em que estribão seu fementido obrar, e não querendo que haja providencia divina fião menos della que de seus artificios. Accommodão-se ao tempo, e com mãos de rapozas fraudolentas não duvidão anniquilar a generosidade do coração de que a natureza os dotou, e quando se veem livres de riscos se revestem de enorme crueldade mostrando que aquillo que conseguírão com astucia de rapoza o querem sustentar com força de Leão.

II

Acaba o Infante de manifestar suas ideas; este conhecimento confirma os máos; nocturnos fantasmas para intimidar os bons.

E sem duvida que logo que se vio o desaforo do Infante, e retiro da Rainha do Palacio para o Convento, se suspeitou muito mal de acções tão pouco coherentes com os pretextos que fazião de que todo

o desvelo do Infante era só para a conservação do Reino e socego publico; juizo não só formado pelos leaes a El-Rei, porem tambem pelos que favorecião a causa do Infante, e o estranhárão tanto, que muitos dos que se retirárão da assistencia de El-Rei voltárão a fazer-lha com mostras de amor, pois como não erão distrahidos por amisade particular, senão por razões politicas em verem o Infante com mais fortuna, não seguião a verdade nem a tirannia, e só sim a neutralidade, attendendo ás vantagens fossem justas ou injustas. A estas pois se aplicavão para merecer com cautela aquillo a que os obrigava a infamia. Os tímidos presumindo que poderia dar em terra aquella grande maquina, porque já hia transluzindo sua muita falsidade, ou por arrependidos em consideração do horror do crime, afrouxárão muito na assistencia do Infante; pois sempre a má consciencia acusa, e vive assustada, ainda quando não ha que temer, (e a fallar a verdade já não podia recear). Isto visto pelos do Infante e que lhes era forçoso acudir depressa ao reparo para que não tomasse mais corpo o desengano em que todos podião vir, conhecendo-se as chimeras, e astucias em que fundavão a iniquidade mais abominavel, determinárão atalha-lo com violencia, a cujo termo os havia chegado seu desatinado empenho, e na celeridade existia a sua maior vantagem para aperfeiçoarem a obra que tinhão em tão bom estado, pensando que pois o valor a havia começado, o valor a havia acabar. Não é crivel o desafôro com que estes vís homens e seu chefe principiárão a escandalisar a Côrte; cousa é esta que a não temer faltar á veracidade da historia não seria contada, porem devo-me conformar com o que ao principio me propuz. Desde o ponto que começou a obrar a malevola intenção do Infante e

dos seus, igualmente começou a obrar o desengano em muitos, os quaes ainda que detidos pelo medo não deixárão de conservar affecto piedoso ao Rei; para estorvar o que disto lhe podia resultar intentárão um novo modo de espanto, envolto em mil injuriosos desaires; era que em todas as noites se intromettião nas casas dos leaes a El-Rei, dez ou doze homens com capuzes mui compridos e largos, de sorte que arrastavão pelo chão, batião á porta, e aberta entravão até o patamal, e perguntados quem erão e o que querião, davão em resposta: — « Somos almas « do Purgatorio que vimos aqui por mandado de Deos « advertir que se encommendem a elle, pois é ver- « dadeiro caminho de salvação, e que não caminhem « pela perdição sob pena de dentro de vinte e quatro « horas hirem parar ao Inferno. Estimem os avisos « de Deos, e não fação pouco caso delles, pois serão « castigados mui rigorosamente. « A isto acrescentava outro em tom de lamentação. — « Irmãosinhos, « pelo amor de Deos vejão o que fazem, não os « engane o diabo, porque seu officio não é outro « que o de tentar os homens e submergi-los no « maior precepicio! » E como fora da porta ficava uma tropa de homens armados fazendo-lhe guarda pelo que podia succeder, em sahindo os encapusados hião proseguindo seu arbitrio por onde lhes parecia que servirião de estorvo aos contrarios; e como ninguem estava prevenido, nem era facil pôr-se em defensa por conhecer o poder contrario que destruiria a quem se atrevesse; calando-se os offendidos, obravão isto a seu salvo. Não contentes os traidores com isto, á meia noite tornavão oitenta ou cem homens de cavallo, e chamando muito alto ás portas dizião tudo o que querião em ordem a atemorisar para não darem a El-Rei soccorro, nem auxilio, e á despe-

dida davão com as clavinas uma carga cerrada ás janellas, quebrando vidros, e fazendo tudo em pó, só a fim de intimidar, o que conseguírão: pois os mais ou quasi todos sahírão da Côrte, e tratando de salvar suas vidas, não sem magua sua, cedêrão á violencia, em cujo poder deixão o seu Rei sem mais sequito que o de seus inimigos, em cujas mãos não lhe podia succeder bem; pois o desvelo d'aquelle bando de traidores não era mais do que aparta-lo de toda a communicação para que assim mais seguros podessem lograr seus designios. Para se segurarem mais (propriedade de aleivosos) mandárão por mar e terra dobrar as guardas, e da outra parte do Tejo pôr tropas divididas nas paragens que lhes parecia a proposito para o estorvo de qualquer contingencia. Pela Cidade andavão partidas de cavallaria durante a noite para fazerem ruido e temor, e por isso ninguem sahia de casa, e tudo estava suspenso. Como havia muito tempo que se havia perdido o respeito ao sagrado de Palacio, ainda que com algum rebuço, agora a cara descoberta o tinhão de dia e de noite tão cercado de espias que poucos o ignoravão. Era tal a multidão dellas repartidas por toda aquella mansão, quantas erão necessarias para dar aviso de todas as determinações e conversas que ouvissem. São estas espias instrumentos mui necessarios para chegar a reinar, porque como solapadamente esquadrinhão os mais reconditos segredos, são causa de que se executem as acções mais importantes.

CAPITULO XVIII.

I

Procedimento do Infante com o Juiz do povo.

SEMPRE o atrevimento foi o principio das façanhas, pois do fim é senhora a fortuna. Todas as resoluções sejão boas ou sejão más se aprovão pela plebe segundo o bom ou máo exito dellas; e assim as mesmas acções acontecem muitas vezes receberem-se com o titulo já de promptas e deligentes, e já de prudentes, e de acertadas, ou já de intempestivas e vãs, ou finalmente de loucas e temerarias. Ao que succede bem esse se reputa sabio ainda não o sendo, e por isso o que consegue o seu desejo apadrinhado da fortuna a todos parece que sabe muito, como pelo contrario a quem

succede mal entendemos que não sabe nada ; porem ao tiranno nem a prospera fortuna nem a sciencia lhe serve senão de afronta, não havendo homem de baixa nem de alta esphera a quem não horrorise, pois os aplausos que podéra grangear em suas obras licitas os perde servindo-lhe sua tirannia de nodoa a mais asqueroso que se pode imaginar. Estando pois um Principe destituido de forças, e sem poder, ainda que haja muita prudencia, e esta faça seu officio, quem duvidará que está a Magestade sujeita ao arbitrio dos vassallos e rigor dos tirannos? Ainda que o mundo todo atteste uma mentirósa cousa, nunca poderá fazer que seja verdadeira, e assim todos os louvores não serão poderosos a fazer um bom, não o sendo elle ; e se o é, ainda contradizendo-o todos, não o podérão fazer máo. Dous bens famosissimos logrão os homens e são amar a verdade e fazer bem aos seus semelhantes, fazendo-se nisto semelhantes a Deos, pois participão a seu modo d'aquella immortal bondade que lhes franquea, mas o tiranno e traidor a seu Rei não ama a verdade, não a busca, nem a quer, pois seguindo rumos contrarios se faz inimigo della, e se constitue incapaz de fazer algum bem. Souberão o Infante e os seus segurar sua traição com a certeza do zelo da patria e do serviço do Rei que tanto exageravão, até que tirado o véo que escondia seu aleivoso proceder, e o fazia aceito áquelles que julgavão incapazes suas maximas, logo forão de todos aborrecidos pois ainda favoneados da protecção da fortuna empenhada em levar ao fim sua protervia, tinha tão má cara a infamia que a todos horrorisava. Sabendo-se elles aproveitar, o não soube El-Rei, nem prevenir, sendo o que lhe importava, quando os contrarios usavão de todas as prevenções necessarias. Os camaristas como mais interessados

na mancha que os denegrio se não esquecião de praticar todos os cavilosos ardís que podião, para imbuir assim o engano de que muito necessitavão, como para não transluzir á plebe o enredo, e sahião pela Cidade em seus coches, e se encontravão o Juiz do Povo mandavão parar, e esperando que elle chegasse o recebião com grandes demonstrações de cortezia e lhe dizia: — « Senhor Antonio de Belem (que assim se chamava) entre Vm.ce para aqui: » e se elle com seu modo ainda rustico cortezmente se escusava, o obrigavão a entrar, não lhe dando o lugar inferior, senão o do meio. Introdusido desta sorte entre os Condes, e os Marquezes, com sua vara na mão, ainda sendo um pobre corrieiro, não encontrava pessoa que lhe não tirasse o chapéo, pelo verem com tão honrados lados. Os camaristas manhosos sempre introduzião pratica ordenada a encher-lhes as orelhas de vento, dizendo-lhe que o feliz successo que se pretendia era a amada quietação, e conservação do Reino por todos desejada; que delle como cabeça do povo pendia a maior parte deste desejado bem, e assim esperavão de seu zelo que a continuaria, e com sua assistencia se conseguiria um ditoso fim de tudo; acrescentavão logo ás maximas de que se valião: — « Ora vamos vêr Sua Alteza que tem tido desejos « de lhe fallar. » E desculpando-se elle, e dizendo que ao outro dia teria a honra de lhe hir beijar a mão, dizião: — « Não convem que Vm.ce nem uma « só hora deixe de hir fallar a Sua Alteza. » Assim convencido e igualmente obrigado o levavão ao Infante. Aqui continuava a tramoia, entrando um a levar o recado, e ficando os outros a fazer-lhe companhia. Logo que se dava aviso ao Infante este sahia dizendo: — « Pois como? Antonio de Belem não pode « entrar? É por ventura necessario esperar para o

« fazer? Entre, Antonio de Belem, quando e como « quizer, pois para tudo tem licença, eu lhe sou « muito afeiçoado por conhecer suas boas intenções, « e que as sabe dirigir ao bem commum da Patria, « pelo qual estou empenhado em lhe assistir com tudo « aquillo que me obriga seu merecimento. » Como o pobre Vilão não destinguia de côres, e estas se lhe representavão á vista sem os escuros, entendia que quanto lhe dizião era a mesma verdade, sem advertir no engano com que astutos o alliciavão, para que com o povo desamparasse a lealdade devida, seguindo com elles sua enorme tirannia. Porem do discurso de um pobre corrieiro que podia esperar-se, vendo-se tão favorecido, e honrado de um Principe, e de seus camaristas e alliados? O que causa espanto é que tantos homens de capacidade concorressem para tal acção, no que se conhece quanto a cobiça os tinha depravado. Mas a quanto não obriga este monstro indomito inimigo capital da paz e quietação das Monarchias? Que havia, torno a dizer, imaginar este homem senão que faltava a Deos, e ao ser de christão, não ajudando a causa do Infante de que pendia o bem publico! Enganado desta forma respondia — que em quanto lhe durasse a vida, e aquella vara na mão, não faltaria com todo o seu sequito á defensa de Sua Alteza até perder a mesma vida. E agradecendo-lhe o Infante com palavras honorificas a oferta, sahia o pobre homem muito pago e satisfeito, hindo pelas casas dos officiaes que estavão trabalhando em suas lojas, e lhes contava o que havia passado com o Infante e camaristas, e a cortezia com que havia sido tratado, ponderando a todos o zelo de que se animava para acudir ao Reino o qual hia perdido; e assim elle e toda a sua gente devião resolver-se a ajudar a Sua Alteza em tudo

quanto fosse do serviço de Deos e bem commum, com o que de uns e outros hia confirmando o conceito de que se o Juiz não fôra tão grande homem, e de juizo tão conhecido não farião tanto caso delle; e por isso era necessario guardar-lhe todo o respeito imaginavel, e obedecer-lhe como a pae de todos, e assim que morressem os traidores e vivesse o bom governo.

II

Effectua-se a revolução do Povo.

INQUIETOU-SE com isto o Povo, e era o que pretendião os contrarios, pois assim segurarião melhor o que procuravão. Vião porem que os que seguião o Infante com afecto não erão muitos, e que os demais que afectavão de parciaes seus não terião segurança alguma no caso que a plebe se movesse a favor de El-Rei. Todo o cuidado, e fadiga destes malvados possuidos do demonio era ter da sua banda o Juiz do Povo, ao qual brindado com seus cortejos, e boas palavras foi mui facil auxilia-los, como querião, trazendo-lhe por exemplo o levantamento de Portugal pelo Duque de Bragança pae que fôra do Infante, porque tirados alguns cavalheiros que o aclamárão por seus particulares interesses (como agora pelos mesmos tirannisavão El-Rei) os demais cavalheiros e senhores de consequencia se passárão a Castella, ou sahírão da Côrte, sendo só a plebe a que esteve constante pela authoridade do Juiz do Povo

de Lisboa, e de outros logares de Portugal, nos quaes havia semelhantes Juizes do Povo; e assim vendo o Rei aclamado que os lugares em que havia semelhantes Juizes erão o maior forte da sua conservação pelo muito que a fomentavão, mandou a todas as Cidades e Villas que elegessem Juizes do Povo, pois conhecia que com isto não pouco se segurava, presumindo que todos seguirião o mesmo como succedeo.

CAPITULO XIX.

I

Alenta-se El-Rei de esperanças; publica-se que quer hir á outra banda, apresta-se para a jornada.

ENTRE lutas tão sensiveis como se deixa conhecer atormentava muito o coração de El-Rei vêr correr todas as cousas á sua ultima perdição, e que lhe seria impossivel escapar della. Dava-lhe alguma esperança a jornada de Salvaterra, pois ainda entre as maiores desconsolações sempre a esperança alimenta em quanto a alma se não aparta do corpo; e em quanto se não dá o ultimo suspiro se não deve despresar o remedio para a vida, porque como a falta desta seja o ultimo dos

trabalhos, em quanto ha esperança sempre se logra algum refrigerio. Em nenhuma cousa mais se differença o sabio do nescio, senão em que este perde a esperança e com ella todos os remedios que devia applicar, e o outro conservando-a sempre em o maior rigor de suas penas sempre alcança algum alivio. Tinhão já publicado os criados que hia El-Rei para Salvaterra divertir-se, sem entender que isto era dissimulação, mas jornada destinada ao seu recreio. Chamou El-Rei a D. Pedro d'Almeida, e lhe perguntou em que estado estava a prevenção que lhe havia mandado fazer para sahir da Côrte. A isto respondeo que já parte da recamara estava da outra banda do Tejo, e alguns criados, e o mais que visse Sua Magestade quando ordenava que fosse. Deo-lhe El-Rei ordem que no outro dia tivesse toda a recamara junta, e os Bergantins estivessem prevenidos, para que a toda a hora que elle quizesse partir não houvesse dificuldade. Deo-lhe vinte mil moedas de ouro, dizendo-lhe que as guardasse, para quando fosse necessario, pois o gasto de Salvaterra corria por outra conta; que fiava de sua lealdade estaria prompto para que em qualquer occasião que lhe fosse necessaria a assistencia de sua pessoa não faltasse, de sorte que nunca o podesse achar em falta. Nenhum meio offerece o temor que deixe de imaginar que será util; porem que importão dissimulações quando o remedio já é damnoso? O maior ardil dos tirannos é que suas cousas pareção boas para assim se acreditarem, e isto alcançado logo se vê estabelecido o descredito do que se tirannisa. De todos os reinos forão tirannicos os principios, sendo necessario que a experiencia mostrasse que mantinhão justiça para que esta com o tempo viesse a legitima-los, e a te-los por seus.

II

Traição de D. Pedro d'Almeida.

Recebeo D. Pedro d'Almeida as vinte mil moedas de ouro, e com ellas trinta mil tentações que se apoderárão de seu vil coração, e o resolvêrão a hir dar parte ao Infante muito pelo miudo de tudo o que El-Rei lhe havia confiado, e do dinheiro recebido para a jornada, dizendo que a tudo isto o obrigava o amor que tinha a Sua Alteza, e a consideração do muito que convinha ao bem commum, á quietação do Reino, e ao serviço que nisto fazia a Deos. Sempre os máos para se justificarem tomão a Deos por testemunha; mas não valeo o preambulo, e com razão, porque se logo houvera dado noticia ao Infante, e antes de receber o dinheiro, poderia ficar mais acreditado com elle; e em maior estimação sua maldade; porem hir delator depois de se ter feito cumplice, por força se fazia suspeitoso de ser o interesse quem o movia, e não o mais que allegava; julgando-se com acerto que quereria ficar com o dinheiro em premio de tão santa obra, da qual só tirou por fructo o acreditar-se de grandissimo traidor, e aleivoso infame. Agradeceo-lhe o Infante o aviso, mostrando-se-lhe obrigado pela fineza; porque a maxima mais propria para consumar a tirannia é mostrar-se o tiranno sempre agradecido com boas palavras; porem depois de conseguida a

traição, não fazer caso, nem estimação alguma de todos aquelles que experimentou serem perfidos, e traidores a seu legitimo Rei. Sem duvida este homem se persuadio que a heroicidade desta acção seria a causa de ficar com aquella porção de ouro, e sendo isto assim não lhe seria necessario metter-se em outros ruidos que lhe fossem perigosos á vida; porem como preferio o interesse á honra de cavalheiro, veio a ficar sem honra e sem interesse, e por onde entendia remediar-se sem risco, ficou perdido com grande perigo.

III

Consequencias da traição; apressa-se a prizão de El-Rei.

Em mui breves dias lhe enviou o Infante a dizer, que fosse entregar o dinheiro que El-Rei lhe havia dado, original causa da sua obra má; permittindo Deos que aquillo mesmo que o havia feito faltar á fé de Cavalheiro, isso lhe fosse de maior confuzão e vergonha; dando-se a conhecer ao mundo, ao seu Rei, e seus parentes por publico traidor. Ainda que é mais conforme á ordem da natureza que sejão bons os que procedem de bons, porque nestes se presume acções conformes a bons exemplos, com tudo como de ordinario as almas obrão segundo a disposição dos corpos, e o sujeito de que tratamos o tinha mui defeituoso, era necessario que a alma,

ainda que de natureza nobre não correspondesse ao sangue que a vivificava, senão que fosse tal como a habitação em que vivia; pois é inviolavel lei dos Cavalheiros o ter por proprio o perigo da vida e da honra de seu Rei, e quanto este fôr maior, maior será o timbre e brazão de sua gloria: isto não só a respeito de seu Rei, senão a respeito de outro qualquer que se valha justamente de seu patrocinio; porem o engano faz a muitos bons perder a vida pela companhia dos máos. Não vivem os Reis tão isemptos desta praga, que a muitos, fiando-se desta gente, não haja acontecido perderem a vida, e o Imperio; porque jámais se tem visto traidor que não mereça o nome de villão ruim, servindo-lhe de ignominioso castigo a mesma traição que faz, em cuja cara de todos apontada ficárão para sempre impressas as cicatrizes perpetuas, pregoeiras de sua infamia: sendo seu vicio tão mal visto, que ainda ao que serve com a traição é odioso; succedendo o contrario ao que é leal, sendo honrado por aquelle contra quem procede. Não deo cuidado algum ao Infante o aviso de D. Pedro d'Almeida, pois tinha El-Rei tão seguro, que, senão sahisse voando, não podia escapar-lhe: com tudo determinárão apressar a prizão de ElRei, não por temor, mas por estarem concluidas todas as prevenções, e requesitos necessarios para a executar; não querendo que se desvanecessem com o tempo, o qual jámais torna a buscar a occasião uma vez perdida, e sendo uma vez malograda pode a fortuna tornar-se inimiga, e destruir tudo aquillo que favoravel facilitava; e posto digão que a invenção da fortuna é um sonho dos homens, os quaes temendo queixar-se de Deos e de suas obras, author e senhor de tudo, a fingírão contraria, para poder vomitar contra ella opro-

brios em seu sentimento e dôr, saibão os tirannos que quando se desvanecem com a protecção que risonha lhe offerece, devem recear a inconstancia de sua roda.

CAPITULO XX.

I

Reflexão sobre a Rainha Mãe pretender coroar o Infante. Pareceres sobre a prizão d'El-Rei.

NÃo ha cousa mais contraria ao bom conselho do que a celeridade nos negocios arduos, pois a esta se segue quasi sempre o arrependimento, ainda que tarde e sem proveito, porque as resoluções tomadas precepitadamente nem se podem revogar, nem admittem emenda. Assim havia succedido á Rainha, mãe do Infante quando quiz colloca-lo no solio, e tirar a El-Rei a corôa: imaginou esta senhora que na presteza consistia o negocio, e na mesma achou a perdição de que fugia. Este exemplo foi causa de que nesta

sublevação a levassem muito de vagar aplainando de tal sorte a disposição do que querião obrar que lhe não ficasse logar ao arrependimento por terem errado. Vendo que para aperfeiçoar a maquina tanto antes começada, e com cuidado proseguida não lhe faltava mais que a dita prizão, resolvêrão primeiro que não convinha fazer conselho sem mandar advertir a El-Rei que o Reino se perdia, que tratasse Sua Magestade de nomear Ministro capaz de poder acudir aos lances irremediaveis que por falta delle succedião, e que ávista do que respondesse, se resolveria o que se havia de fazer. Com isto se daria fim a tudo o que se havia trabalhado, e para que Sua Alteza ficasse justificado com aquelles que notoriamente não sentião bem de semelhantes movimentos os devia mandar chamar, para que ficassem no conhecimento de que tudo o que obrava era effeitos da justiça e da razão, e malicia e perdição do reino tudo o que contra isto se podesse presumir. Que deste modo se verião mais de perto as inclinações de cada um, e que estando todos juntos, e vendo a resolução necessariamente seguirião a Sua Alteza, e os que não quizessem segui-lo se farião neutraes. Ao outro dia quartá feira estando El-Rei dando ordem aos preparativos para fazer a jornada para Salvaterra, estava o Infante dispondo tirar-lhe a corôa, credito, e honra. Ainda que El-Rei se achava só, e sem conselho, a esperança lhe dava em que entender o seu discurso, julgando que havia achar a fortuna sempre favoravel para tudo o que emprehendesse; porem esta deve ser menos crida, pois para conservar uma felecidade é mui necessaria outra, e ao que é prudente nada o hade colher de sobresalto, porque tudo deve prevenir seu pensamento, esperando não o que costuma, porem o que pode acontecer, sendo a pros-

peridade perdição de necios, e se a prudencia e não a temeridade governasse as acções dos homens apagaria de sua memoria o nome de fortuna; mas obrão os homens as mais das vezes sem consideração, e esta é a causa de esbarrarem quasi sempre no escolho da ignorancia.

No mesmo dia quarta feira de manhã enviou o Infante chamar a todos que lhe pareceo a proposito para seu intento, e a outros que o não erão, uns para vêr como tomavão a resolução de suspender El-Rei do Governo, outros para inteirar-se mais da vontade com que se determinavão a ajuda-lo assim com obras, como com conselhos. Juntos pois todos lhes representou — como o reino estava perdido, e que para mais depressa acaba-lo queria El-Rei po-lo no poder dos Castelhanos, pois sabia com toda a certeza que a jornada que queria fazer a Salvaterra era sómente dirigida a passar livremente ao exercito de Alemtejo, e conseguido isto alcançarião os Castelhanos o dominio de Portugal, pois forçosamente se havia El-Rei valer delles para segurar melhor sua pessoa, e achando-se elles nas fronteiras com as armas nas mãos que melhor occasião podião esperar? Pois com as mesmas forças que dessem a El-Rei ganharião um reino, que tanto se esforçárão por conquistar, como os Portuguezes por deffender á custa de tanto sangue derramado, e de tantas vidas. Sendo isto assim, quem duvida que ficará a defensa duvidosa, pois dividido o reino em parcialidades virá Castella a lograr a occasião, como El-Rei D. Fernando o Catholico a logrou pelos auxilios que deo a um dos Reis de Granada na desavença sobre a pretenção que cada um tinha á legitimidade do Reino, com cujo soccorro se destruio a parcialidade contraria; e sendo as guerras intestinas o motivo para que El-Rei D.

Fernando, fazendo-se com esta diversão mais poderoso, ganhasse Granada. O mesmo acontecerá a Portugal se se não atalhar a sahida de El-Rei da Côrte.
« Assim me parece que será acertado que eu e todos
« vós outros em nome do reino representemos ren-
« didos como a pae que é de todos, que cuide logo
« sem demora em remediar o reino, nomeando mi-
« nistro com as qualidades e requesitos necessarios
« de que carece uma Monarchia até aqui exausta de
« tudo o que pode conduzir á sua regeneração; e
« que não dando providencia ao que o zelo do bem
« geral lhe propõe, desencarregão todos suas consci-
« encias e declarão não ter parte nos disturbios que
« da ommissão de Sua Magestade se podem se-
« guir. »

Todos apoiárão a proposta referida, e conformes pedírão a Sua Alteza que a fizesse logo intimar, e que se a desatendesse, não se admittisse desculpa, pois a não podia haver contra razões tão fortes e justificadas. Determinado isto, mandou o Infante aos Marquezes de Marialva e de Sande que se encarregassem da commissão, os quaes chegando á presença de El-Rei entre as dez e onze horas da manhã a cumprírão á satisfação de quem os elegera, e enviara a este fim, exagerando a importancia della, e como Sua Magestade devia condescender a uma supplica tão justa e de tantas consequencias. Como a experiencia tinha mostrado em outras occasiões a El-Rei o atrevimento destes homens aleivosos, e por outra parte vivia nas esperanças de sua imaginada jornada, não se deo por entendido da desatenção, nem se fez carrancudo, antes alegre disse: — « que
« estava já com esse cuidado, e como era de pon-
« deração e se achava fatigado queria hir divertir-se
« a Salvaterra uns dias, que serião menos do que fazia

« tenção, e por isso mais breve a volta, para que
« assim se pozesse tudo naquella quietação e socego
« geral que elle tanto desejava; e que a não haver
« já enviado a maior parte da recamara e dos seus
« criados o deixaria por então de fazer, pois ainda
« que os Reis algumas vezes buscavão o divertimen-
« to, era para melhor cumprir com os negocios gra-
« ves da sua obrigação, porque quando os recreios não
« excedião os limites da moderação licita e honesta
« se lhes permittia dar-se a semelhantes empregos,
« e que não podia dizer-se que afrouxara no tra-
« balho o officio a que está destinado, quem se dis-
« punha para o executar melhor; pois quanto mais
« se desafogão os animos oprimidos com o peso das
« dependencias, tanto mais nobres espiritos occorrem
« no manejo dos meios oportunos; e assim esperava
« em Deos que se comporia de tal sorte o ponto
« em que lhe tocavão, que ficasse o reino quieto,
« todos contentes, e elle livre de murmurações, as
« quaes posto que não offendião a magestade erão
« contra o seu gosto. » Despedindo-se os Marquezes
lhe disserão que elles só trazião ordem de fazer a
Sua Magestade sabedor do que havião referido, e que
darião a resposta como Sua Magestade mandava.

II

Dão os Marquezes conta de sua commissão ao Infante e Congresso.

Forão os Marquezes dar satisfação de si, e na debil contraposição que fizerão á resposta d'El-Rei se entendeo ser tudo um apparente pretexto, como erão as demais queixas para authorisarem um pouco a sua resolução infame. Chegados pois ao conciliabolo publicárão a resposta a todos os que estavão presentes, ao que o Infante como chefe do bando disse assim: — « Estão feitos com El-Rei todos os « deveres de lealdade e demonstrações de bons vas-« sallos que se pode imaginar; porem como não quer « convir no que é justo e razão, a deffensa é na-« tural, e assim devemos buscar sem quebra da le-« aldade todos os meios possiveis para que se não « falte ao remedio da monarchia tão intercadente, « que lutando nos ultimos parocismos se acha quasi « mortal: estes não surtirão effeito sem algum modo « violento, e Deos sabe quam sensivel me será o « po-lo em execução; porem cederei á minha dòr « pela causa geral. Bem vejo que o particular des-« contentamento de alguns, que na incapacidade e « sujeição de El-Rei seguravão sua fortuna, gritarão « contra a deposição de seu governo, attribuindo a « maldade o que só se pode chamar virtude, mas « ninguem com verdade poderá entender que neste « negocio haja cousa que possa attribuir-se a en-

« gano, senão só a serviço de Deos e bem publico.
« Não pode haver razão que contradiga ser justo e
« forçoso privar a El-Rei do Governo para que o
« haja no Reino, no qual não pode haver segurança
« alguma, senão total perdição. Outras muitas cou-
« sas ainda aggravantes poderião dissimular-se sendo
« particulares, porem tocando no prejuizo commum
« não ha sofrimento que possa tolera-lo, sendo tão
« preciso como necessario para atalhar o damno mais
« perigoso dever aplicar-se o remedio mais efficaz.
« Não se justifica isto com razões que fazem demons-
« tração evidente, mas tambem com exemplos que
« reduzidos á practica igualmente persuadem. Assim
« succedeo com este Reino a El-Rei D. Sancho Ca-
« pello em França, em Inglaterra a tres Duartes,
« na Alemanha e em muitos outros Reinos. Estes
« não lhes tirárão sómente o governo, mas passárão
« ainda a priva-los da Corôa, não assim eu que to-
« mando sobre mim o peso dos negocios, só quero
« ter o trabalho do governo, mantendo sempre o
« Reino na regalia da magestade: por isso este suc-
« cesso não deve julgar-se com ligeireza, e pela appa-
« rencia das suposições, mas pelas realidades de seus
« fundamentos. O mundo sabe, e eu o não ignoro
« que não ha principe por máo que seja o qual não
« tenha alguma cousa boa, nem monarcha a quem
« faltem censores, ainda sendo o mais justificado.
« Quem mais impio que Nero? Ficando sua memoria
« por exemplar de todas as crueldades, e com todo
« este horroroso defeito, houve muitos que chorárão
« sua falta, e a do seu governo. Que principe mais
« justo que Augusto Cezar? Ficando sempre com o
« appellido de Imperador grande, nem por isso faltou
« quem calumniasse seu Imperio. Donde inferimos
« que nunca faltão lisongeiros aos Principes tirannos,

« nem aos justos quem calumnie suas acções. Não
« obstante o conhecimento de não poder-se livrar a
« sinceridade de meu obrar do que acabo de dizer,
« eu não quero o reino para mim, senão para os
« vassallos, para que mais seguramente possão che-
« gar á felicidade de uma quietação licita, e ho-
« nesta, antes de se consumar a tirannia que os opri-
« me; quando tão valerosamente tem deffendido a
« sua patria não só é justo que se attenda ao bem
« merecido galardão, mas tambem a evitar que ve-
« nhão a cahir em uma total ruina pelos adorme-
« cidos descuidos de Sua Magestade, o qual mostra
« nas palavras e acções o precepicio de que devemos
« fugir, pois persuade a todos aquillo que elles nunca
« podérão imaginar; razões fortes as quaes estão cla-
« mando ser justo que se lhe faça violencia, e que
« esta não pode já deixar de se lhe fazer, e espero
« seja tão suave, que no mundo se não possa co-
« nhecer, e que a El-Rei se estorve o sentimento,
« pois a mesma regalia da Magestade, tida até ago-
« ra, se lhe hade conservar como a Soberano, não
« se lhe tirando mais do que aquella parte de liber-
« dade com que pode acabar de destruir o reino.
« Sendo esta a unica causa que o havia obrigado a
« acudir aos conhecidos damnos que o ameaçavão,
« salvo sempre a lealdade devida á Magestade, jul-
« gando por menor inconveniente o embaraçar o gosto
« a El-Rei em que sua capacidade o havia consti-
« tuido, que o perderem-se todos. Que tambem
« devião entender presentes e ausentes que os dis-
« turbios que succedessem não nascião de interesse
« algum, e muito menos da cubiça de reinar, mas
« só para acudir á monarchia, servindo a Deos com
« isto, e ao bem commum: e se acaso succedesse
« poder-se o reino livrar dos riscos que ameaçavão

« sua perdição, e que El-Rei caminhando com di-
« reitura ao bom governo, repartisse o premio a
« quem o merecesse, que elle logo se retiraria da
« Côrte para bem longe della, fazendo notoria a pu-
« reza de seu zelo, e se desmentissem as suspeitas
« que muitos temerariamente poderião presumir do
« que havia obrado, e esperava obrar. »

Ouvido o preambulo por todos os que estavão presentes como alguns conhecião que o Infante não estava mui seguro de seus affectos, pois que elles se não tinhão pronunciado por nenhuma das partes, até vêr por onde se inclinava a fortuna, fizerão agora todas as demonstrações de obsequio ao Infante com as mesmas frazes e adulação com que os Senadores Romanos tratárão a Tiberio quando lhes disse que se não achava capaz do governo de tão grande imperio, (sendo-lhe offerecido) e dizendo que só com uma Provincia se contentava, e isto só afim de conhecer a affeição de cada um, ao que os mais delles á porfia forão ajoelhar aos seus pés, e outros o beijavão, e todos, conforme melhor podião, procuravão certifica-lo da fé, e benevolencia que lhe consagravão. Assim o Infante quiz conhecer os animos d'aquelles de quem se não fiava, assegurando-os de que estabelecida a quietação se retirava da Côrte, ao que todos, feitos Senadores Romanos, acodírão uns a pedir-lhe que os não desamparasse, pois não haveria segurança alguma em faltando sua assistencia, e outros que quizesse ser coroado Rei de todos para que não podesse faltar á patria de quem era pae: e assim com signaes de rendimento lhe querião beijar a mão, offerecendo a todo o risco suas vidas, e fazendas; isto e o mais que podérão fingir, ou realisar o fizerão com viva expressão. Porem é cousa certa, e miseravel condicção da natureza humana, que achan-

do-se os animos dos mortaes carregados dos interesses, ordinariamente causa pouco fructo a medecina das palavras; pois assim como ha enfermidades invisiveis, de que como dizemos adoecem os animos, assim tambem ha remedios invisiveis, ainda que com mentidas apparencias, e assim todos os que estavão assegurados na fé do Infante, e que conhecião se não podia duvidar de sua lealdade, todos se calárão, e nenhum delles disse palavra, só D. Rodrigo de Menezes, talvez por querer dar a conhecer seu valimento, e mostrar que todas as operações do Infante erão manobradas por elle, como cousa sua propria, (sendo verdade que o Infante não as aperfeiçoaria sem sua assistencia) fez seu arresoado como diremos.

III

Falla de D. Rodrigo de Menezes.

« QUE o reconhecimento da publica ruina, a ur-
« gente necessidade da conservação do Reino e
« o vêr-se claramente que El-Rei se desobrigava de
« seus vassallos, faltando á obrigação de os gover-
« nar, e que considerando por um lado sua reco-
« nhecida incapacidade, e pelo outro a constante su-
« ficiencia de Sua Alteza, a quem alem disso per-
« tencia o direito da successão ou do governo por
« morte ou incapacidade de El-Rei, e que sendo de-
« mais constante a todos os defeitos, e absurdos que
« assistião em Sua Magestade, junto com a conti-

« nuada murmuração de todos, assim dos Conselhei-
« ros de Estado, como da Nobreza e plebe, os quaes
« culpavão com grave fundamento a frouxidão de Sua
« Alteza em não remediar com tempo o que se hia
« por instantes a perder; e isto não só pelas con-
« veniencias de estado, senão pela obrigação da pro-
« pria consciencia, que por todas estas considerações
« convinha que Sua Alteza tomasse a posse da re-
« gencia do Reino, antes de este se acabar de per-
« der, e que depois se verião os accidentes e acasos
« que succedessem, para Sua Alteza depois á vista
« delles obrar tudo aquillo que fosse serviço de Deos,
« e segurança da Patria. O exemplo visto na mi-
« noridade de El-Rei D. Affonso 5.º continuou elle
« nos tira toda a duvida que nos possa embaraçar,
« pois achando-se no seu tempo o reino sem opres-
« são de guerras, que sempre se devem temer por
« sua incerteza, governando a Rainha Mãe, se vio
« o Infante D. Pedro obrigado a tomar o governo
« delle. Achando-se pois presentemente o Reino ar-
« dendo em guerras vivas, oprimidos os povos com
« inquietações interiores e exteriores, El-Rei entre-
« gue a uma innação descançada, a Rainha separada
« da Corôa, vendo-se em fim que não ha mais de
« um Infante, razões sem duvida são as mais fortes
« para que Sua Alteza entre a governar e a pôr em
« ordem o que a impericia do Rei tem descomposto;
« da mesma sorte que o Senhor D. Pedro entrou
« pela minoridade do Senhor D. Affonso 5.º com a
« differença que vai daquelles tempos a estes, em
« que os conhecidos damnos pedem remedio mais
« prompto para que se não augmente e perpetue o
« mal. Todas as calamidades presentes devem avivar
« o conhecimento do que devemos com razão cho-
« rar, e prevenir os remedios, á proporção dos ris-

« cos, para os evitar, pensando-os com madureza,
« nem deve haver mais dilação do que obrar. » Calou, e melhor relatára os successos com que finalisou o governo do Infante D. Pedro Duque de Coimbra com El-Rei D. Affonso 5.º pois sendo este casado com uma filha sua, e seu sobrinho, por ser o Duque irmão de seu pae, o mandou chamar a Coimbra, onde estava, e obedecendo ao mandado o foi esperar El-Rei a distancia de dez legoas de Lisboa, junto a uma villa, que chamão Alemquer, e alli o matou, e a muitos Cavalheiros, que de Coimbra o havião acompanhado. Este era o exemplar mais seguro, e mais a proposito que El-Rei D. Affonso 6.º havia ter emitado, e executado com seu irmão pois o tinha merecido por suas acções, e obras, e com isto lhe tivera por uma vez tirado a vontade de ser governador do Reino, e aos seus a ambiciosa cobiça que os arrastava. A este discurso correspondeo o aplauso dos circunstantes, começando a dizer que se pozesse logo por obra, protestando não sahir d'alli senão para executa-lo. Tão poderosa é a adulação e interesse humano! Por isto se diz que a honra, e o interesse são inimigos perpetuos, por serem opostos os fins a que caminhão.

IV

O governo do Rei ou é como Deos quer, ou como Deos permitte.

É o mundo um theatro aonde tambem representão os Reis, os principes, e os poderosos: com alguns destes reparte Deos os papeis, e estes tem sahido sempre bons Reis, porque acommodando-se ás obrigações analogas de seu ministerio, premiando e castigando segundo o merecimento, fazendo a todos justiça, representão bem o papel que lhes foi dado; porem são tão poucos os que no mundo se tem ajustado a estes fins da recta razão que apenas se poderão nomear, exceptuando aquelles de que a Santa Igreja faz mensão. Dos Reis que governárão o povo de Deos no antigo Testamento se poderia tirar constante prova deste pensamento, e se deixa por não ser da nossa profissão. Outros papeis figura a idea a seu modo, os quaes manda Deos repartir, ou os permitte, e estes commummente são como o genio do homem que os reparte (digamo-lo assim) por ser certo que o que ama a maldade se une e conforma com aquelles que seguem este rumo. Estes pois são todos os que intentão as tirannias, que fomentão as traições, e os primeiros em idea-las. Muitos Escriptores tem havido que as descrevêrão como acções notaveis, e para que ficasse á posteridade esta benção, e o horror dellas fazer os homens mais cautelosos de cahirem em semelhantes infamias, as quaes

os principes não pouco estimão para seu ensino e governo; destes sahem uns tirannos por si mesmos, outros nem bons nem máos, mas dando em sua inação motivo a seus ministros para que livremente tirannisem a monarchia; do mal não é o peor que o soberano seja o tiranno, porque o que é bom não repara em que seus ministros sejão tirannos, ficando desta sorte peor o que é máo. Havendo só um tiranno não se pode negar que é prejudicial, porem o consentir muitos não só é nocivo, mas será irremediavel a ruina da monarchia. Não faltou quem philosophando dissesse que o Inferno havia sido feito, principalmente para os Reis, Principes, e poderosos, de que o Demonio estava desvanecido com tão honrados hospedes; e se algum pobre por acaso entrava n'aquelles calabouços elle o deitava fora a páo, mostrando sentimento de que homens de baixa esphera quizessem violar a grandeza de tal casa, dedicada aos potentados do mundo, dizendo que os pobres miseraveis tratassem de ganhar o Céo, o qual podião obter por sua paciencia.

---

*

CAPITULO XXI.

I

Providencias de El-Rei poucos momentos antes de sua prizão.

Do Imperador Galba se conta que á mesma hora em que estava devotamente occupado fazendo sacrificios aos Deoses, estava Othon maquinando sacrificar-lhe a vida, e tirar-lhe o Imperio, como de facto conseguio. Assim succedeo a El-Rei, ainda que de diverso modo, pois á mesma hora que lhe tirárão a corôa, estava elle dando ordens para no outro dia de manhã partir para Salvaterra; era depois de jantar quando estava destribuindo os criados para uns hirem adiante, outros para o acompanharem no Bergantim. A Lourenço

de Sousa, Sargento General de batalha e Conde de Santiago, mercê nova e ultima que fez El-Rei, mandou que logo se embarcasse, e repartisse os boletos dos aposentos assim para os cavalheiros que lhe havião assistir, como para os seus criados; a D. Pedro d'Almeida que simuladamente lhe assistia, estando El-Rei ainda innocente de que o havia vendido, mandou que avisasse os Titulos, e cavalheiros, a quem já se havia dado parte para o acompanharem, para no outro dia á noite estarem em Salvaterra; os mais delles se achavão com o Infante ajustando-lhe a vida, orando este com figuras rethoricas, e apoiando todos a D. Rodrigo de Menezes, o qual manifestava o grande serviço que se faria a Deos e ao Reino em tira-lo do governo, e persuadia ser esta a primeira cousa que se devia fazer, a qual concluida, logo tudo o mais viria de per si, o arbitrio do Infante, como era o Reino, a liberdade, a mulher, e a honra d'El-Rei; e assim aconteceo. Estava El-Rei persuadido que ninguem se atreveria a menoscabar-lhe a Magestade, e muito menos que usassem com elle a ultima violencia, parecendo que todas as demonstrações erão só com o fim de que o Infante se introduzisse no governo, cousa que elle jámais consentiria, por ter por arriscado o dar-lhe esta permissão, e gosto de mandar, pois só este o faria maquinar contra sua vida ou com veneno, ou com outro algum artificio, sendo este receio a causa de querer passar ao exercito, e guardar o corpo do perigo, para que assim se desvanecesse semelhante pertenção. Isto tinha em seu dictame tão firme que se algum cavalheiro, ou criado dos mais bem vistos lhe dissesse o contrario o mataria: e afirmão que não faltou quem lhe désse bastantes signaes das intenções do Infante, mas recebeo-as muito mal, e com peor

resposta; e já ninguem se atrevia a dizer-lhe cousa alguma sobre este ponto. Demasiada confiança á vista do que antes da prizão muitas vezes experimentou. Não attendia este Principe ao que repetidamente hia succedendo, nem aos atrevimentos vistos dentro do Palacio, quando se fez a prizão do Secretario de Estado, e que a tirannia em se desenfreando se vale da maldade como de fiel consorte para com maior eficacia conseguir o que pertende, sem respeito a leis nem divinas nem humanas; por isso quando um homem dá causa ás suas desgraças, ainda que as sinta não deve queixar-se dellas. Oh quanto mais vale aos mortaes a prudencia do que o discurso! Elles lograrião por sua direcção o triumpho dos acertos, porem como nos governamos sem a consideração devida, levados mais da força da paixão do que dos caminhos directos da nossa razão, d'aqui nasce succeder-nos aquillo que não esperamos, sem nos lembrarmos de nosso defeito, antes attribuindo tudo á boa ou má fortuna, e nos queixamos desta como inimiga, sendo nosso descaminho a má direcção com que queremos obrar. De todos os discursos de El-Rei nenhum correspondia aos successos, antes (Deos devia permittir assim para o salvar) erão tão infaustos que todos sahião errados, pois não ha gloria, quando se arrima a segurança, e todas as deligencias que um Rei obra para a conservação de seu dominio são honestas. Não devem ter os Principes o animo tão livre que se não persuadão que debaixo das pelles de cordeiros se occultão vorazes lobos, e que chegando a recalcitrar um irmão fazendo algum movimento no qual se descubra alguma maliciosa cautella, deve pôr o soberano todo o cuidado em remedia-la, atalhando-a sem ommissão, ainda mais do que se lhe sublevara todo o Reino; por ser aquillo

de muito maior perigo. Tudo El-Rei experimentou, e se o prevenira como senhor, o remediara castigando, (unico atalho destes males); porem esperar de tanta remissão o acerto em cousas tão importantes é conhecida loucura, a qual não parece bem em um Principe á vista de tantas afrontas como estava observando, pois a escusa de *não pensei* só em meninos se admitte; por isso devem conhecer os Principes que faz nelles mais vulto qualquer desgraça accidental que um dia lhe succeda, do que as maiores felicidades que em toda a sua vida possão lograr, porque assim como são maiores suas felicidades que as dos outros, assim o sentimento em suas desgraças se faz mais intoleravel que o de outro algum de inferior gerarchia.

II

Da prizão de El-Rei.

ACABANDO El-Rei de jantar, mandou aos criados que fossem fazer o mesmo para estarem prevenidos a embarcar-se cada um ás horas que tinha determinado, e foi descançar um pouco em quanto se não observava esta ordem, ficando alli só dous moços da Camara, e alguns Reposteiros. Alguns Cavalheiros que lhe assistião n'aquelle dia, poucos e velhos, e outros que assistião dentro de Palacio, homens maiores se retirárão a seus quartos, ficando o quarto em que dormia El-Rei tão apartado, como se elles estivessem fóra de Palacio. Sahindo eu delle

alli pela tarde, á porta da capella que sahe para a rua vi alguns ajuntamentos de homens militares conhecidos, os quaes acompanhavão alguns senhores que seguião ao Infante, entre elles a Paulo Correa Rebello meu particular amigo, e ainda meu parente, e perguntando-lhe eu se já tinha jantado, me disse que não, mas visto lembrar-lho o hia fazer, e montando a cavallo para caminhar em minha companhia por ficar a sua casa no caminho da minha, fomos conversando. Tinha este sido Capitão de Cavallos no partido de Penamacôr no tempo que governou D. Sancho Manoel, e por isso criatura deste cavalheiro a quem costumava acompanhar muitas vezes, quando se receava de algum encontro de perigo, e dizendo-lhe eu o que imaginava d'aquelles ranchos juntos áquella hora, e n'aquella paragem, que me davão que suspeitar, me disse — que a elle não —, porque se houvera novidade não havia de faltar a ella o Conde de Villa Flor, o qual ha tres ou quatro dias que estava na sua quinta de Sobserra, e qualquer acção que o Infante intentara não a poria em execução sem a assistencia do Conde: logo me pareceo o mesmo, e se me tirárão as más suspeitas. Chegando a casa posto já á mesa ouvi rumor no fim da rua, o qual cada vez hia crescendo mais; disse-me um criado, a quem perguntei, que motim era aquelle, — que dizião havião morto a El-Rei dentro em Palacio. Levantei-me muito depressa, e chegando a uma janella, vi hir correndo muita gente para a parte do Palacio, muitos sahindo de casa e tomando o mesmo caminho, muitas mulheres chorando, e lastimando terem morto El-Rei dentro da sua camara; mandei logo pôr o freio ao cavallo, que se lhe não tinha tirado ainda a cella, e fui direito á praça de Palacio, e a vi tão cheia da plebe que me não atrevi

a romper por ella, porque em semelhantes occasiões se hade fugir do povo, ainda que não haja cousa de que a gente se receie; pois elles a buscão segundo sua boa ou má intenção, que sempre é má; pelo que fui atravessando algumas ruas para hir dar a uma Ermida, que está aonde chamão o Arco do Ouro, e esta pelas costas tem porta que se communica com o Palacio, e apeando-me disse ao moço, que se não tirasse d'alli, até que eu mesmo lh'o ordenasse, e atravessando pelos quartos que vem dar á primeira salla em que assistem os soldados da guarda Todesca, os vi estar defendendo as portas que olhão para a Praça, para que ninguem entrasse, havendo nellas multidão de gente; e perguntando a um soldado conhecido meu — que novidade era aquella; me disse — que não sabia, mas lhe parecia havia já novo dono. Estando eu indifferente no que devia obrar me resolvi hir direito aos quartos de El-Rei, e subindo por uma escada por onde se vai para elles, senti grande ruido, e logo em cima vi muita gente a uma porta que está á mão direita, antes de chegar á salla que vai para o quarto de El-Rei, e na mesma porta onde estava toda esta gente ha um vestibulo, que tem uma porta para a Camara d'El-Rei, por onde se entrava a fallar com elle particularmente: vi estar a esta porta D. João da Silva Tenente General que havia sido da Cavallaria com alguns soldados, os mais delles cabos, todos homens de opinião, pondo prizões em uma argola, que tinha a porta, dizendo — poderá por aqui sahir, porque a porta de dentro está aberta. Pelo que tinhão mão nas prizões. Logo vi chegar o Marquez de Marialva dizendo a todos — que se tirassem: e entrar dentro do vestibulo, onde estava um moço da Camara chamado Antonio de Pereda, o qual tinha tanto de honrado como de vale-

roso, e lhe disse o Marialva — Pereda, quem tem a chave d'aquella porta? Como o moço estava de semana, e a costumava ter, não a pôde negar, e lha deo. Logo o Marquez fechou a porta que hia para o quarto de El-Rei, e se foi outra vez; e como a porta que havia para a escada já não tinha chave se podião retirar todos os que estavão de guarda a ella: mas como nestas occasiões todos se querem mostrar zelosos, ou pelo menos parece-lo, dando a entender que na menor cousa pende o maior risco, se deixárão alguns ficar á porta, tendo ainda mão nella pelas prizões, estando tudo por aquella parte seguro de qualquer oposição. Quando o Infante entrou em Palacio estava El-Rei dormindo a sésta bem descuidado de tal cousa lhe succeder, mas os espias avisárão o Infante para poder lograr na hora mais segura o que intentava sua tirannia; pelo que entrando em Palacio o achou todo em silencio, e se foi á camara de El-Rei, e lhe fechou a porta principal, e todas as mais, com chaves de que hia prevenido, por onde podia sahir El-Rei: e como só ficou a porta que o Marquez de Marialva foi fechar, despertou El-Rei, e ouvindo o ruido dentro do Palacio se levantou para sahir fóra, e achando todas as portas fechadas, se lembrou da porta do vestibulo junto á escada, pela qual não entrava senão quem El-Rei queria admittir a lhe fallar particularmente, sem que fosse visto de outra pessoa, e nesta occasião trazia a chave della o moço da Camara dos que assistião ás semanas. Tomando El-Rei um bacamarte carregado com vinte e quatro ballas, e uma maior á medida do canhão, arma que se usa muito na India Oriental, e hoje muito introduzida em Portugal, se foi á porta que por occulta imaginou que estaria aberta, e chegando a ella a achou fechada;

e dando-lhe golpes com o bacamarte começou a gritar perguntando — quem estava alli de fóra? Respondeo Pereda — estou eu Senhor: disse El-Rei indignado — como tens esta porta fechada? O moço se desculpou dizendo-lhe, que lhe tinhão tirado a chave; El-Rei lhe disse — vai maroto buscar um machado, e arromba essa porta; ao que respondeo — « Senhor, « já não ha remedio que valha, senão pôr tudo na « vontade de Deos, revestindo-se de paciencia para « o que succeder, pois os criados de Vossa Mages- « tade já não podemos obrar nada em seu serviço « senão sentir e chorar suas desgraças. » Com o que El-Rei se acendeo em tanta furia que entrou a dar golpes na porta dizendo em altas vozes: — ah! traidores que me vendestes! E d'alli voltou á sua Camara. Assim que El-Rei perguntou quem estava fóra no vestibulo, todos os que davão mostras de embaraçar a sahida de El-Rei, ou de impedir qualquer acção prejudicial ao Infante, os quaes erão escolhidos e valentes, começárão a segurar fortemente as prizões, e tendo visto que o Marquez havia fechado a porta de dentro, logo que ouvírão as pancadas do bacamarte dadas por El-Rei fugírão todos; bastando isto para assombrar aquelles de quem se presumia que não voltarião as costas em todo o risco, e isto estando certos de que já não havia perigo; deste modo deixando as prizões na argola uns corrião pela escada abaixo, outros pelas sallas, e se isto causou a voz de El-Rei que faria se o vissem? Tudo observei arrimado á parede fronteira á porta, e se El-Rei viesse mais cedo, que a achasse aberta, e apparecesse ao concurso da gente, uns fugirião, e outros o defenderião, e viria o Infante a achar-se só, como El-Rei se achou por não ser visto, pois a presença e o respeito dos Reis fazem todas estas

mudanças nos animos dos que o acompanhão em semelhantes tirannias, quando ou as cortezias, ou as obrigações os fazem emprehender qualquer feito máo, porem vendo o semblante a seu principe de tudo se esquecem e só a elle se consagrão: pelo que se prevenírão os contrarios em buscar a hora em que melhor podessem fechar as portas a El-Rei para não ser visto.

CAPITULO XXII.

I

Estado d'El-Rei; o Infante embaraça a contradicção do povo.

Reconheceo-se El-Rei com os passos tomados, e reduzida sua liberdade sómente á Camara, e casa d'armas que communicava com ella; aqui ficou ideando nas armas a sua defeza, e no valor para não chegar a ser preso, conhecendo que a violencia que experimentava não viria a parar senão em prizão, e que não tinha remedio senão nas armas de que estava de posse, mas em pouco tempo se veio a desenganar que quem prende a seu rei não é para solta-lo jámais, pois só a força de Principes amigos ou compadecidos o

poderá restituir a seu estado se primeiro o veneno lhe não tirar a vida. Não conheceo El-Rei logo as circunstancias em que se achava, e não conhecendo culpa em si ignorava a tirannia. Esta foi lamentavel em todo o mundo, e quanto mais era cohonestada tanto mais se aggravava sua perversidade. Fingio o Infante e os seus que o estado do Reino precisava aquella fatalidade, entendendo que a mudança do governo serviria de aplauso a Sua Alteza, e não de nota para a calumnia, e querendo mostrar sentimento em executar tal acção fez maior a grandeza da mesma acção. Ás vinte e quatro horas já El-Rei estava desenganado que estava preso, mas com esperança de se vêr livre. Nomeou o Infante quatro criados do mesmo Rei para lhe assistirem, dous moços da Camara e dous Pagens: a estes mandou El-Rei que carregassem todas as armas de fogo que erão muitas, e as pozessem de modo que não faltasse nenhuma, se se offerecesse occasião de investir; impulso sem duvida de loucura, mas sempre deo cuidado, não pela defensa ou offensa que podia fazer, mas pelo risco que causaria qualquer violencia maior que a El-Rei se fizesse, e qualquer pretexto que quizessem tomar para sua desculpa seria dificultoso ser aceito pelo povo, que era quem dominava, e não sofreria qualquer desar que a El-Rei succedesse; e por isso o cuidado do Infante era encobrir a tirannia, colocando-se no governo com capa de virtude. Todos os Cavalheiros se mostravão mui zelosos, cousa ordinaria na mudança da fortuna. Todos contavão crueldades d'El-Rei, e nas virtudes, em que não achavão faltas, arguião excessos, sendo cousa certa que nunca se pode achar um homem feito á vontade de todos.

II

Envia o Infante pessoas proporcionadas a consolar El-Rei; Falla de um Jezuita.

NOMEOU o Infante Religiosos para divertirem e consolarem El-Rei; ao principio não os quiz ouvir, mas passado tempo disse que entrassem os que quizessem; e o primeiro que lhe fallou foi um Religioso da Companhia o qual lhe disse — que Sua Alteza estava mui sentido de chegar a executar com elle o que a Sua Magestade parecia rigoroso, sendo procedido de amor de irmão, e não de cobiça de reinar: que socegasse Sua Magestade pois tudo o que se fazia era pela conservação do Reino e serviço seu, reconhecendo-o Sua Alteza por seu soberano: que neste particular estivesse certo que lhe não faltaria á lealdade de vassallo, nem á conservação da monarchia, que era necessario dar alguma demonstração ao povo alvoroçado, o qual podia com desaforo inventar o que não poderia ter remedio, pois o governo de seus validos havia escandalisado tudo: que uniformemente tinhão para si que não tirando Sua Magestade do Governo jámais ficarião seguros das violencias passadas, e como as cousas se tomão conforme os tempos ou dissimulando-as, ou castigando-as, presentemente o governo do reino depende mais do povo do que de El-Rei, e para atalhar a todos os disturbios a que se poderia atrever a plebe indomita, e escandalisada é necessario dar-lhe todas estas

satisfações, reservado o castigo para quando só a misericordia lhe possa valer. Não quiz El-Rei ouvir mais, e o suspendeo dizendo — ou vós sois incredulo na fé, ou apostata na Religião, conheço que toda essa pregação que tendes feito é contra a verdade da Religião, contra Deos, e contra a lealdade que me deveis como a vosso Rei. Vós como os mais sôis um traidor, se o povo conspira contra minha pessoa, eu não quero vossa defensa, antes quero que me lanceis fora, e me ponhaes diante do meu povo: não busqueis este pretexto para cohonestar vossa tirannia, e a de quem vos mandou, nem enganeis ao povo, e ao mundo, pois tudo se hade vir a saber, por maiores que sejão vossas desculpas nunca vos salvarão, pois as traições commettidas contra os Principes naturaes, (ainda que ha exemplo de muitas) nenhuma se escreve para louvor, senão para infamia; conheço que estou preso por meu irmão, mas com a consolação que ficará de mim a memoria de um Principe innocente, e desgraçado, a qual fará immortal minha fama, e o Infante ficará nella tão manchado, e será seu nome tão escandaloso, como o meu bem ouvido e aceito.

Estava a Praça de Palacio cheia de povo, uns dizião que tinhão morto a El-Rei, outros que estava preso, outros finalmente mil disparates, e lembrando-se de deitar fogo a Palacio. O Juiz do povo se achava presente a tudo isto para reprimir as violencias em semelhantes occasiões costumadas a fazer; e vendo que a plebe se hia desaforando lhe disse: — estamos aqui postos sem saber o que vai dentro em Palacio, que pode ser bem differente do que imaginamos; esperem, e não haja movimento algum sem que eu o determine; eu vou a Palacio vêr como isto é, e vos darei parte de tudo, e se conhecer

cousa que seja prejudicial ao serviço de Deos, e do Reino se fará tudo aquillo que conduzir a estes dous fins, e assim nenhum obre cousa alguma sem saber o que se passa dentro do Palacio.

III

Do que faz o Juiz do Povo depois que entra em Palacio.

ESTANDO o Juiz do Povo no Palacio os soldados da guarda lhe derão entrada franca, porque devião ter essa ordem, defendendo a entrada a todos os mais, e chegando á primeira sala, onde eu assisti toda aquella tarde, sahio de outra o Marquez de Marialva dizendo — Senhor Antonio de Belem entre Vm.ce e d'alli a pouco sahio, e foi a uma janella que cahe para a praça em que estava o povo e lhe disse: « — Filhos, demos graças a Deos que tudo o que imaginavamos funesto se tornou ditoso. Sua Magestade mandou chamar Sua Alteza para tratar com elle amisade, e esta se acha firmada com tanta segurança que lhe entrega desde já o governo do Reino para que o administre, pois quer descançar do trabalho que tem tido, conhecendo que é mais seguro fiar-se de um irmão desinteressado, do que de um vassallo dependente. Ficão-se dispondo outras cousas de que logo vos darei conta para que com lealdade celebreis o bom e vos oponhaes ao máo ». Como o povo é credulo a tudo o que ouve especialmente ao seu Juiz a quem dá credito e obedece, deixou-se ca-

pacitar de tudo quanto disse como um Evangelho, e ficárão todos mui contentes. Sempre é necessario em se notando no povo espirito de alteração atalhar a sua furia com arte e manha, pois em lhe passando ainda que venha a conhecer que foi enganado pouco ou nada se altera. Recolheo-se o Juiz do Povo, foi aonde estava o Infante, e voltou á mesma janella; assim que foi visto todos se alvoroçárão a vêr a nova que lhe dava, e este disse: — Tudo vai bem, Sua Magestade tem declarado que nunca se ajuntára com a Rainha nem tivera com ella acção de casado, nem de amante, o que tudo declára para descargo de sua consciencia, para o Infante tratar de casar, e senão pôr o reino em risco de faltar successão, e esta foi a causa de mandar chamar Sua Alteza para que manifestando seu defeito possa Sua Alteza sem escrupulo casar com a Rainha, porque será mal aceito no mundo que uma Princeza de tantas prendas vindo a Portugal casar, torne á Patria deixada illudida e descomposta. Esta acção é de Principe Christão, e Sua Alteza não fugirá que isto se ajuste de modo que o Reino tenha esperanças de successão e a Rainha fique sem o desar de enganada. Encommendemos a Deos este negocio para o guiar ao melhor acerto. Começou o povo um brando murmurio entre si dando credito ao que ouvia, quando sahe de Palacio o Juiz com um papel na mão, o qual visto do povo lhe perguntavão que papel era aquelle. Trazia-o á vista para que lh'o perguntassem. E disse que Sua Alteza chamara o Secretario d'Estado Pedro Vieira da Silva que o havia sido de El-Rei D. João (e agora o não era) que o levou onde estava El-Rei com alguns Conselheiros d'Estado e senhores da primeira grandeza, e alli se tratou a forma mais acommodada a uma pessoa real

para passar a vida e pela authoridade de El-Rei pelo seu proprio gosto seria servido pelas pessoas que mais lhe agradassem assim para o regallo corporal como para a decencia da Magestade, evitando-se os perigos e obviando-se as desconfianças; e que El-Rei por seu moto proprio chamou o Secretario de Estado, e lhe disse que escrevesse o que elle dictasse, e do que mandou escrever me fizerão aquelles senhores mercê de me darem uma cópia que aqui trago; se quereis ouvir, eu a lerei. Todos disserão que sim, e principiou: — « El-Rei Nosso « Senhor, tendo respeito ao estado em que o Reino « se acha, e ao que em ordem a isso lhe repre- « sentou o Conselho de Estado, e a outras muitas « causas e razões que a isso o obrigárão, de seu « moto proprio, poder real e absoluto, ha por bem « fazer desistencia destes seus reinos assi, e da ma- « neira que os possue de hoje em diante para todo « o sempre em a pessoa do Senhor Infante D. Pe- « dro seu irmão, e em seus legitimos descenden- « tes: com declaração que do melhor parado das « rendas delles reserva cem mil cruzados de renda « em cada um anno dos quaes poderá testar em « sua morte por tempo de dez annos. E outro si « reserva a Casa de Bragança com todas suas per- « tenças, e em fé e verdade de Sua Magestade as- « sim o mandar cumprir e guardar me mandou fa- « zer este e firmou. Antonio Cabide o fez em Lis- « boa aos 23 de Novembro de 1667. »

Ficou o povo tão capacitado do que o Juiz lhe disse que muito tempo depois ainda se não podia capacitar de que tudo era fingido para melhor se executar a tirannia com capa de hypocrisia. O Juiz desvanecido com o serviço que fazia imaginava que de corrieiro passava a Cavalheiro, e toda a sua des-

*

cendencia; porem em poucos dias conheceo o erro, e conheceo que os obsequios que lhe fazião erão todos fingidos, e merecidas as desatenções que ao depois lhe fizerão.

CAPITULO XXIII.

I

Põe termo a noite á desatenção da Magestade; providencias do Infante.

COM a noite se foi desocupando a praça, hindo cada um para sua casa, dando graças a Deos de que tudo se ajustasse tão bem, escusando-se movimentos que poderião vir a parar em damno de todo o Reino, e que El-Rei se acommodasse tão christãmente aos dictames de sua consciencia, que declarasse a impossibilidade phisica de ter filhos, correndo-se o risco de faltar a successão e experimentar-se segunda vez no Reino a desgráça de que um Principe estrangeiro o viesse a dominar. Ficou a pobre plebe tão enga-

nada que nenhuma mais d'ahi ao diante a moveo á ira, e se se offerecia alguma occasião, como succedeo muitas vezes, o lamentavão com prantos extremos que se achão na gente popular, porque nas adversidades em que conhecem riscos são muito humildes, e em se vendo avantajados são crueis e insolentes. Fazer confiança do povo é ignorancia conhecida, altera-lo sem razão é malicia injusta. O Infante ficou em Palacio com seu sequito, e criados, e alguns Cavalheiros, os quaes por se mostrarem seus servidores o acompanhárão aquella noite. Dava a todos cuidado a disposição para se conservar a prizão do Rei sem que parecesse prizão, senão recolhimento voluntario; e que a segurança de Sua Alteza assim para subir ao throno, como para conservar a prizão de El-Rei era prender-se o Conde de Castello Melhor, pois com isto se seguravão os disturbios que elle poderia mover, e desfazer tudo o que estava feito: pelo que logo áquella hora que serião nove da noite enviou o Infante a Francisco de Albuquerque de Castro, seu criado com uma companhia de cavallos a prender o dito Castello Melhor, que estava na sua Villa de Pombal distante de Lisboa quasi trinta legoas. Marchou Albuquerque porem muito de vagar, dando tempo a que os parentes do Conde o avisassem. Chegando a Leiria cinco legoas de Pombal se deteve um dia com o pretexto de ferrar os cavallos, mas com o fim de não achar o Conde, e sahindo a Condessa a fallar-lhe lhe disse: — « Bem sei que Vm.ce vem a prender o Con-
« de, porem não o achará em casa, nem eu lhe sei
« dizer onde está, porque ha dias se ausentou e me
« não disse onde hia; entre Vm.ce busque os quar-
« tos todos e faça o que se lhe mandou. » Não quiz Francisco d'Albuquerque dar passo, passou a di-

ante, e só disse: — « Senhora eu sou mandado bus-
« car o Senhor Conde, não me deo Sua Alteza mais
« ordem do que para isto, basta V. Ex.ª dizer que
« o Senhor Conde não está em casa, e que não sabe
« aonde esteja para eu tornar por onde vim, pois
« não estando o Senhor Conde em casa, e V. Ex.ª
« só, tudo desta porta para dentro é sagrado para
« mim; o vir a esta deligencia é força de preceito
« a que devo obedecer, mas o não me adiantar alem
« do que me mandão, é respeito natural que pro-
« fesso á grandeza de V. Ex.ª » E voltando veio
dar ao Infante toda a satisfação honesta, que lhe foi
admittida. Forão varios os discursos que se fizerão
ácerca desta acção, uns a condemnárão, e ainda que
não ficou na opinião dos apaixonados do Infante re-
putado criado leal, ficou na de todos com louvores
de cavalheiro.

II

Providencias particulares e publicas para com El-Rei.

NA primeira noite da prizão de El-Rei se no-
meárão guardas para o segurar, todos erão cria-
dos do Infante, e de quem elle mais se fiava. Dis-
correo-se de seu tratamento, e de se lhe tirarem as
armas sem violencia, pois se receava que mataria
os que ficavão em sua guarda; e em quanto El-Rei
foi senhor das armas todos andavão mui temerosos,
e tanto, que os guardas não quizerão assistir aonde

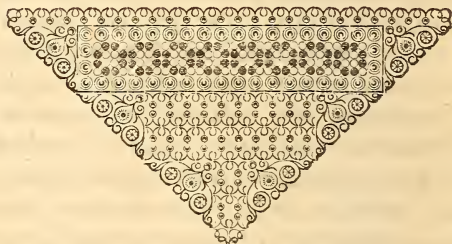
elle estava com a sua gente, senão em outra sala logo fóra, tendo sempre as portas fechadas á chave; e quando ás horas de comer, ou fóra dellas os criados de El-Rei tinhão de sahir, ou entrar, havião de vir só dous, e um delles ficar entre as portas das duas salas para avisar os guardas de qualquer movimento que El-Rei quizesse intentar; e perguntando eu a um que se chamava Fernão Barbalho Bezerra como se havião com a pessoa de El-Rei, e se estava ainda furioso, me disse — de suas furias me não dá a mim, o que trago no sentido são as armas que elle tem, porque se matar algum de nós ninguem lhe hade pedir conta disso, nem castiga-lo, e pela menor defensa que façamos nos cortarão as cabeças. Nos conselhos que se fazião discorrêrão sobre o perigo que podia haver ácerca da tardança de segurar a pessoa do Rei para evitar tudo aquillo de que se podia originar algum motim, pois ainda que os do povo estavão quietos com a satisfação que se lhes havia dado, ainda se devia desconfiar mais da Nobreza do que confiar nella, pois quando os Fidalgos se mostrão mais amigos então se devè desconfiar mais delles, porque estes ordinariamente inquietão o povo debaixo de uma Religião hipocrita com que o fazem obrar tudo o que a malicia, e o interesse pretende, pois a plebe não faz movimentos sobre interesses de melhoria, nem de credito nem de honra, nem por amor do Rei, nem da Patria, senão por uma furia natural a que incitão as vozes d'aquelles que sabem fallar, de modo que conseguem por geito o que não podem por força.

III

Assenta o Infante não sahir de Palacio.

Tomou o Infante o acordo de se não retirar do Palacio de El-Rei até se fazer um passadiço do mesmo palacio para o seu; e logo no dia seguinte se principiou a trabalhar com uma grande quantidade de officiaes, derribando todas as casas por onde se havia de continuar a tal obra, e trabalhando com todo o cuidado: e erão tantos os particulares que acudião ˜a elle que mostravão ser mais pelo serviço da Patria, do que por lisonja ao Infante, a qual com tudo era em todos manifesta, porque até nas cousas mais inferiores que se offerecião se mostravão mui solicitos em quere-las executar, e assim em mui breves dias se acabou toda a obra, ficando communicaveis os dous palacios para com mais presteza se acudir a qualquer rumor que se sentisse. Houve logo tambem a prudencia de metter uma companhia de guarda pela parte do Picadeiro, que está por detraz da camara em que El-Rei estava recolhido, e outra de retem na rua, para uma e outra se poderem dar as mãos, e dentro do Picadeiro duas companhias de cavallo, e á porta principal do Palacio outra companhia; rondas de cavallo por toda a Côrte, e as justiças nos Bairros que lhes forão destribuidos com ordem para reconhecerem toda a pessoa que nelles entrasse, que não sendo conhecida a prendessem para averiguar quem era; e assim

se não podia mover ninguem de casa que não fosse visto e conhecido. Todos buscavão meios e invenções para se mostrarem servidores do Infante, e os que se fazião neutraes até áquelle tempo, se declaravão agora afectuosos e exactos no serviço do Infante, ainda que de nada lhes valeo, porque jámais se fez caso delles: os que conhecidamente erão servidores de El-Rei, mostrando-se sempre firmes ainda que com elles nunca o Infante se deo por escandalisado, nem tão pouco servido, mas temendo elles ainda, que......

....

Continuação da Vida de El-Rei D. Affonso 6.º até sua morte, extrahida de outro Manuscripto, que foi copiado em 1744 de uns quadernos que se achárão na Livraria do Duque de Cadaval.

ESTEVE El-Rei D. Affonso fechado na sua Camara alguns annos, e vendo o Principe, que aquella resolução era apertada, e sabendo, que El-Rei desejava hir para Villa Viçosa, lhe mandou propòr, que o Castello da Ilha Terceira era bom sitio sadio, aonde Sua Magestade podia fazer exercicio porque o ambito do Castello era grande: aceitou El-Rei de boa vontade a proposta. Estava nomeado o Marquez das Minas D. Francisco de Sousa para Embaixador de obediencia ao Summo Pontifice, e entendendo-se, que El-Rei hia bem acompanhado, se praticou este negocio ao Marquez, e se assentou, que o acompanhasse até á Ilha. Aprestárão-se os Navios, para segurança da jornada. Elegeo-se para ficar no Castello da Ilha com El-Rei, e para lhe governar a casa a Francisco de Brito Freire, que tinha procedido com valor nas occasiões de guerra: aceitou elle a commissão, agradecendo ao Principe a confiança, que delle fazia, e depois lhe entregou a pessoa de El-Rei, e fez della homenagem nas mãos do Principe. Deu-lha Luiz Teixeira de

Carvalho Official maior da Secretaria d'Estado, que ás vezes servia de Secretario. Forão seus Padrinhos o Duque de Cadaval, e D. Rodrigo de Menezes. Era Francisco de Brito Almirante da Armada, e foi tambem escolhido para aquella occupação por ser pratico na navegação, e fe-lo o Principe Conselheiro de Guerra.

Preparou-se toda a recamara de El-Rei abundantemente, nomeando-se-lhe criados, e poz-se tudo o mais necessario prompto, cujo expediente encommendou o Principe ao Duque, e ao Marquez de Fronteira. Embarcado tudo na vespera em que El-Rei se havia de embarcar (não esperava tal successo) se resolveo Francisco de Brito a hir pedir á Cotovia a roupeta da Companhia; negárão-lha os Padres, mandou-o prender o Principe, privou-o do posto de Almirante, das honras de fidalgo, e do lugar de Conselheiro de Guerra, e ultimamente ficou um homem particular: embaraçou isto muito a resolução do Infante.

Achava-se em Lisboa Manoel Nunes Leitão, Mestre de Campo de um Terço da Provincia do Minho: conhecia o Marquez de Fronteira por haver sido seu Sargento mór quando foi Mestre de Campo, conhecia o Duque por se haver achado com elle em algumas occasiões; e assentando ambos, que por valor, e capacidade era Manoel Nunes digno daquelle emprego, e d'aquella confiança; chamando-o o Principe, lhe disse, que queria, que fosse á Ilha Terceira acompanhando El-Rei para governar o Castello, e toda a casa de Sua Magestade. Manoel Nunes lhe beijou a mão, e lhe disse, que estava prompto para acompanhar a El-Rei. O Principe lhe deo a patente de Sargento mór de Batalha, e a consignação necessaria para os gastos daquelle emprego, e se lhe deu instrucção de como se havia de haver em tudo.

No anno de 1669 foi o Marquez das Minas buscar El-Rei á sua Camara, e baixou com elle até o coche em que ambos forão até S. José de Riba mar aonde estava preparado um Bergantim para levar El-Rei a bordo. Mudou-se o tempo, e vendo o Marquez os mares levantados recolheo El-Rei no Convento de S. José, e avisou logo ao Principe, e Sua Alteza ordenou ao Duque que promptamente partisse para S. José, e conferindo com o Marquez das Minas se tomasse a resolução, que ambos assentassem. Chegou o Duque a S. José, e pareceo aos dous esperar, que amanhecesse, e que se o tempo désse logar embarcasse El-Rei, e partir era o mais acertado. Pelas tres horas da madrugada (acabadas as matinas) começou o tempo a abrandar, e já manhã clara, se embarcou El-Rei, e levando os Navios ancora, que com a bonança tinhão já a pique, largárão as vellas. Mandou o Principe, que não houvesse salva, nem das Torres, nem dos Navios, e depois de passarem S. Gião, voltou o Duque ao Paço, e deu conta ao Principe.

Chegou El-Rei depressa, porque teve sempre ventos de servir. Levava o Marquez ordem para que El-Rei desembarcasse de noite, e entrasse no Castello, sem o saberem os moradores da Ilha. Desembarcado El-Rei seguio o Marquez a sua viagem para Roma.

Não se deteve El-Rei muito na Ilha, porque a maldade dos homens o fez mudar d'aquelle sitio, estando forjada uma traição contra o Principe, que infalivelmente seria tambem contra o Reino (1). Estava por Embaixador de Castella em Lisboa o Conde de Humanes, e vendo, que podia ser caminho á Liber-

(1) Este escripto é certamente de penna de mui diversos sentimentos d'aquella que escreveo a Anti-Catastrophe.

dade de El-Rei, para pôr o Reino em sedições assentou com Francisco de Mendonça hir um Navio de Castella á Ilha, matarem Manoel Nunes, e embarcarem El-Rei no Navio, e leva-lo a Castella. Era o pretexto, com que o persuadirião, que certamente casaria com a viuva Rainha de Castella, e que aquelle era o caminho de Sua Magestade se restituir a Portugal. Para commover os moradores á sublevação, estava nomeado um Letrado chamado F... de Lemos natural da Ilha: tinha elle aceito a commissão, e mais pessoas se tinhão unido ao Conde de Humanes. Soube-se o intento de tão prava traição; prendeo-se o Letrado, e confessou no tormento toda aquella maquina com muito máo fundamento urdida. Prendêrão-se os conjurados, fugio Francisco de Mendonça para Castella, e Jeronymo de Mendonça se escondeo no Reino. As pessoas, que se prendêrão, e tinhão commendas, e erão Cavalleiros, forão relaxados pela Mesa da Consciencia, e os outros julgados pela justiça secular, e uns, e outros, forão condemnados á morte, cujas execuções se fizerão no Rocio; Antonio Cavide não foi relaxado pela Mesa da Consciencia. Entrou-se na consideração do procedimento, que se havia de ter com o Conde de Humanes: uns dizião, que quem não guardava fé publica, commettendo traição, justamente não merecia imunidade: outros, vendo, que o Reino estava cançado com uma larga guerra lhes parecia, que para evitar outra, bastava que Sua Alteza se queixasse do Conde de Humanes á Rainha de Castella, e este foi o partido que se tomou.

Vindo da Ilha com licença do Principe um moço da guarda roupa, se nomeou aqui em seu lugar para hir para a Ilha um Francisco de Contreiras, de quem os conjurados se valêrão para propôr a El-Rei o caso,

e depois, que fez a deligencia em um Navio Inglez, que chegóu á Ilha furtivamente, se foi nelle para Inglaterra porque estava ajustado dar-se conta á Rainha do intentado. Ultimamente se prendeo Hieronymo de Mendonça, e no dia, que havia morrer por justiça lhe perdoou o Principe por um Decreto, e foi acabar a vida em uma Fortaleza na India. Com este fundamento tratou o Principe de tirar da Ilha a El-Rei D. Affonso.

Aprestou-se a armada, que costumava correr a costa; ordenou o Principe que o general da Armada Pedro Jaques, fizesse um bordo sobre a Ilha Terceira: mandando-se ordem a Manoel Nunes, e que embarcado El-Rei na Armada, viesse Pedro Jaques dar fundo em Paço de Arcos: Logo que alli molhou as ancoras, fez aviso ao Princĩpe, que logo mandou Francisco Correa, Secretario d'estado, Roque Monteiro Paim, e José da Fonseca para que dispozessem o desembarque de El-Rei. Foi Liteira para hir para Cintra, cavallos, e coches para a sua familia. Disse o Principe a Francisco Correa, que avisasse o Duque para hir tambem ao Navio; a pressa fez esquecer o aviso, e chegando o Duque á Côrte Real, lhe disse o Principe: que é isto? estais aqui? respondeo-lhe o Duque; senhor, não me mandárão estar em outra parte: enfadado o Principe, de que lhe faltasse o aviso, o mandou logo. Chegou o Duque a Paço de Arcos aonde estava Manoel de Saldanha moço da guarda roupa do Principe com ordem de receber o fato, e com carruagem para o remetter a Cintra; e perguntando-lhe o Duque em que estado estava a condução do que trazia a seu cargo, lhe respondeo, que fôra um barco ao Navio, e que havia muito tempo estava lá sem vir para terra. Mandou o Duque acenar ao Navio, que logo mandou Chalupa a

terra: vinha nella José da Fonseca, e disse ao Duque, que Pedro Jaques estava desconfiado de que o Secretario lhe não dissesse nada da parte do Principe, e se foi deitar no beliche: que El-Rei vinha de maneira com Manoel Nunes, que estava com uma espada na mão para o matar, e por esta causa fechado na camara.

Chegou o Duque ao Navio: veio o General busca-lo ao portaló, e tanto que o Duque chegou acima lhe disse, que o Principe o mandava alli agradecer-lhe o grande acerto com que se tinha havido na viagem, pois pelo seu zelo lhe tinha encarregado aquella commissão, e que esperava vê-lo para lhe fazer esta expressão. Sabendo o Duque o modo com que El-Rei estava, disse que lhe abrissem a porta, que queria entrar lá dentro, assim o executou, e hindo beijar a mão a El-Rei, elle o abraçou chamando-lhe seu amigo, *e fixo*, que era palavra de que costumava usar. O Duque lhe disse, senhor, venho livrar a Vossa Magestade de um grande perigo, porque este Navio se está hindo a pique: saiamos depressa, que o Navio nada importa, e a vida de Vossa Magestade muito. El-Rei se sobresaltou, e disse vamo-nos logo; e pegando pela mão ao Duque sahio ao convés ao collo de dous marinheiros, que o pozerão na Chalupa. Chegou a terra o Duque, e metteo-o na Liteira, e querendo-se pôr a cavallo, não quiz El-Rei senão que fosse com elle. Perguntou no discurso do caminho pelos seus petiscantes? respondeo-lhe o Duque que o povo alterado lhe mettera tamanho horror, que tinhão desaparecido. Disse-lhe, que o Marquez das Minas o tinha enganado, porque lhe tinha dito, que estavão embarcados, e que tambem o Principe lhe faltara, porque lhe não tinha mandado para a Ilha os musicos, que elle pe-

dio de lá, e os cavallos: perguntou no caminho por Henrique Henriques de Miranda, e disse que aquelle era *fixo*, e que levasse o diabo o Conde de Castello Melhor, que o deitara a perder. O Duque lhe dava as respostas, que as perguntas merecião.

Chegou á meia noite ao Palacio de Cintra, sempre com animo de matar Manoel Nunes, e por aquietar a El-Rei, pedio o Duque a Manoel Nunes, que lhe não apparecesse, elle o fez com grande prudencia, sem faltar a nada, porque era dotado de grande capacidade. Recolheo-se o Duque, Francisco Correa, Roque Monteiro, e Pedro Jaques a Lisboa, que todos forão a Cintra, e o Principe dezempenhou com Pedro Jaques a palavra do Duque.

Logo marchárão primeiro áquelle Paço trezentos Infantes a cargo do Sargento mór Manoel Nunes, filho do dito Manoel Nunes para entrarem de guarda a El-Rei. Marchou tambem para Cintra uma companhia de cavallos, que se mandava cada mez. Punha o Principe grande cuidado em que não houvesse falta na assistencia de El-Rei, na sua commodidade, e no seu regalo; e isto mandava muitas vezes vigiar pelo Duque a Cintra, onde tinha um quarto de Palacio, para sua assistencia.

Viveo El-Rei D. Affonso em Cintra nove annos, no de 1683 a doze de Setembro de madrugada, começou El-Rei a gritar, que o vestissem, porque queria hir ouvir missa: pareceo a todos estranho, porque não era nelle costumada aquella devoção. Estando na missa, e querendo o Padre entrar á consagração, se começou El-Rei a anciar, e dizendo-lhe alguns criados, que se recolhesse, disse, que queria adorar a Deos, assim o fez. Chamárão ao Medico, e querendo-o levar para a cama, não o quiz consentir, e começou em altas vozes a dizer: — Senhor,

perdoai-me meus peccados, repetindo o mesmo muitas vezes com edificação de todos, os que alli estavão.

Não acabada a missa, crescêrão as ancias, e perdeo o pouco juizo, que tinha. Levado á cama, veio o confessor, e no mesmo instante, que El-Rei o vio o chamou com algum socego nas ancias, dizendolhe; — venha cá meu Padre: — dê-me a sua mão disse-lhe o confessor; quer Vossa Magestade confessar-se? respondeo El-Rei, que sim: crescendo as ancias lhe tornou a dizer, que o não podia fazer, e apertando muito a mão, o confessor lhe deu a absolvição, e pondo-se já muribundo, lhe tornou a perguntar o confessor se queria, que o absolvesse, que lhe apertasse a mão, e tornando-o a absolver expirou.

Reparou-se, que ficou o rosto de El-Rei resplandecente por espaço de tres quartos de hora; e a tudo o referido assistio Antonio Rebello da Fonseca, que residia em Cintra por ordem do Principe, antigo, e honrado criado de Sua Alteza, que pelo seu prestimo mereceo o agrado, e estimação daquelle Principe. Avisou logo o Padre confessor ao Duque dizendo-lhe o que tinha succedido, e que não estava ainda certo se El-Rei era falescido. Achava-se o Infante em Palhavã na quinta do Conde de Sarzedas. Levando-lhe o Duque a carta, se magoou, e ordenou logo ao Duque que partisse para Cintra: o Duque lhe respondeo, que logo assim o faria; porem que era o mais certo estar El-Rei morto, e que seria necessario, que Sua Alteza mandasse alguma pessoa com quem se podesse conferir o funeral de El-Rei. Pareceo ao Principe ordenar ao Marquez de Arronches partisse logo para Cintra. Chegou o Duque áquella Villa pelas seis horas da tarde, e o

Marquez pela meia noite; pareceo a ambos avisar ao Principe, que fosse de Lisboa o necessario para o funeral; e porque pela distancia, se havia de metter tempo em meio, era perciso embalsamar o corpo de El-Rei, e assim se fez no outro dia. Com o aviso, que fez de Cintra o Duque, e o Marquez de Arronches, resolveo o Principe, que o funeral de El-Rei D. Affonso, se fizesse na mesma forma, que o de El-Rei D. João. Logo partio Roque Monteiro para Cintra e o Secretario de Estado lhe remetteo logo uma cópia do que se fez no funeral de El-Rei D. João 4.º

Senhor Roque Monteiro Paim. — O que se ordenou, e se fez no funeral de El-Rei D. João 4.º, que Deos tem, e se ha de fazer no do Senhor Rei D. Affonso 6.º, composta a salla, e posto nella o corpo de Sua Magestade, se hão de abrir as portas, e logo entrarão os Capellães da Capella a occupar o seu lugar, que é sentados no ultimo degráo dos tres em que ha de estar a cama, o que fica junto ao pavimento, e em voz baixa, alternando-se por horas, para que não cancem, estarão rezando o que se costuma em semelhantes occasiões, e hão de estar assim alternadamente, desde a hora em que se pozer o corpo, até a em que se tirar, menos o tempo, que durar a Missa Pontifical; e os titulos, que quizerem hir deitar agua benta a Sua Magestade, e assistirlhe algum tempo, o farão encostados á parede da mão direita por suas precedencias, e não se lhes ha de pôr assento, porque se não hão de assentar, nem cobrir; e os Prelados estarão em seu lugar, outro sim, sem assento, nem barrete, se tambem quizerem hir.

Das paredes em que se hão de encostar os titulos, e officiaes da casa para baixo, estarão os Pre-

lados das Religiões, e pessoas ecclesiasticas, que poderem caber de maneira, que não fação perturbação, nem descomponhão o socego, e ornato da casa. Hade-se dizer Missa de Pontifical, e Officios de corpo presente, e a Missa ha de dizer o Bispo Capellão mór, e acabar o Officio com os responsorios ordinarios, a que hão de assistir o Bispo de Targa, e em falta do Bispo, o Eleito de Braga, o Eleito do Porto, e o de Leiria.

Como tudo estiver prevenido, ha de vir a Liteira em que ha de hir o corpo de Sua Magestade acompanhada dos moços da Estribeira com suas roupetas compridas, e tochas acezas na mão, e a porão no lugar, em que Sua Magestade se costumava metter no coche, e logo tomarão tochas os moços da Camara, para acompanharem o corpo da porta da sala até á Liteira hindo em duas álas iguaes, e logo que chegarem á Liteira as tochas dos moços da Camara hão de apagar as suas os moços da Estribeira, que hão de hir acompanhando a Liteira no logar, que lhes toca.

Preparado isto, se dará recado ás pessoas, que hão de levar o caixão á Liteira, que hão de ser N. N. N. &c., e estes subirão os degráos, e hindo um pouco adiante delles o Reposteiro mór, com os seus dois officiaes, tirará o pano de sobre o caixão, em que pegarão as pessoas referidas, e o levarão até á Liteira onde o recolherão, e recolhido elle, ha de tornar o Reposteiro mór com os seus officiaes a cobrir a Liteira com o pano, que se tirou de sobre o caixão, pondo-o com proporção em iguaes partes, assim dos lados, como das cabeceiras, e começará a andar a Liteira, hindo atraz o Estribeiro mór, que ha de abrir e fechar a Liteira como costumão.

Os Capitães da guarda, hão de hir no lugar,

que lhes toca, e os moços fidalgos diante dos officiaes da casa, e entre as álas do acompanhamento, irão os Capellães da Capella com suas sobrepelizes, rezando em tom baixo, mas, que se oução. Diante de tudo irão os Corregedores do Crime da Côrte, e antes delles os Porteiros da Cana todos com luto.

Detraz da Liteira, e do Estribeiro mór, irá a guarda de Sua Magestade, formada com seu Tenente; e posto que este não é o seu lugar, não póde hir em outro, pela perturbação, que causarião, e é justo, que vão no lugar, que pode ser, e hão de hir todos de luto.

No meio do terreiro de S. Vicente ha de estar a Mizericordia de Lisboa, sendo posto no chão o andor, que se lhe ha de dar para este effeito, e alli ha de parar a Liteira, e parada ella se hão de apear todos os que vão no acompanhamento, pondo-se em roda da Liteira todos descobertos, posto, que hajão de hir cobertos, quando forem a cavallo; e logo o Reposteiro mór com as mesuras, e ceremonias costumadas tirará o pano de sobre a Liteira, e se chegará o Estribeiro mór a abri-la, e as pessoas, que trouxerão o corpo da salla á Liteira o hão de tirar da Liteira, e pôr no andôr da Mizericordia, e posto elle farão todos suas mesuras, e os officiaes de canas, e os mais quebrarão todos suas insignias com ambas as mãos em alto, de sorte que se vejão quebrar, e quebradas ellas, as largarão no chão, e o acompanharão no logar, que puderem sem ordem de grandes, nem de Officiaes da casa, porque com a entrega á Mizericordia, se acabou essa formalidade; mas assim elles, como todo o acompanhamento desde a hora, que se apearem hão de hir descobertos, e só a Mizericordia, Capella, e pessoas, que acompanharem entrarão na Igreja, porque

todos os mais ficarão da porta para fora, sem se moverem dos lugares em que estiverem.

A Mizericordia continuará com o andôr até o meio do Côro debaixo dos Padres, e alli ditos os responsorios, sendo o primeiro o da Capella, o segundo o dos Padres, e o terceiro o da Mizericordia, chegarão o corpo os mesmos Irmãos até o lugar em que se ha de pôr, e o porão aquellas mesmas pessoas, que o trouxerão da salla até á Liteira, e ha de abrir, e fechar o caixão o Mordomo mór. Feito isto sobirá o Reposteiro mór a lançar o pano sobre o caixão, e fechado elle se ha de dar recado ao Prior do Convento para receber as chaves, e a entrega do corpo, que lhe ha de fazer o Mordomo mór, que tem as chaves, com as testemunhas; e o Secretario de Estado, que lhe jurem ser aquelle o corpo de El-Rei, que está recolhido no caixão, e o Prior ha de declarar, que se dá por entregue delle; e o Secretario de Estado fará termo, que as ditas pessoas assignarão com duas cópias, uma, que ha de ficar no Convento em companhia das chaves, outra, que ha de vir para a Secretaria de Estado, para hir com traslado autentico do Testamento de El-Rei á Torre do Tombo quando fôr tempo = o Bispo Frei Manoel Pereira.

Mandou-se este Regimento a Cintra a Roque Monteiro, que servia de Secretario de Estado, e logo pela Secretaria se avisou ao Inquisidor Geral Arcebispo de Braga D. Verissimo de Lancastro para hir fazer o Pontifical de corpo presente, e a quatro semilheres da Cortina para dizerem os responsorios nos quatro cantos da Eça. Avisárão-se para pegarem no caixão, o Duque, o Marquez de Aronches, o Conde da Ericeira D. Fernando, o de Val de Reis, o Marquez de Cascaes, o de Marialva, o das Minas, o

Monteiro mór, e os Condes de Pontevel, e o da Ericeira D. Luiz de Menezes; o Visconde D. Diogo de Lima fez o officio de Estribeiro mór: escreveo o Secretario de Estado ao Duque, que chegando a Cintra o Marquez de Gouvea, se lhe mostrasse o corpo de El-Rei defunto, e se lhe entregasse a chave do caixão para as dar em Belém ao Prelado do Convento. Tambem se ordenou, que as formalidades do enterro havião de começar de S. José de Riba már até Belem.

Preparado tudo, se fez uma Eça na casa dos cisnes de veludo encarnado, guarnecido de paçamanes de ouro com seis tocheiras. Sobre esta Eça se colocou o corpo em um caixão de tella encarnada com cruz de tella branca, e se cobrio com um pano de tella. Veio o corpo de El-Rei da Camara até á Eça, trazido o caixão pelo Duque, Marquez de Arronches, Roque Monteiro, e Lourenço Pires Provedor das obras, que havia mandado chumbar o corpo, e deitar-lhe cal, e porque pezava muito o ajudavão a trazer alguns creados de El-Rei. Ás duas horas da tarde partio o corpo de Cintra acompanhado dos Fidalgos. Da porta da Igreja de Belém (aonde se achava o Bispo do Rio de Janeiro, Secretario d'Estado, e os Officiaes da Casa de El-Rei) se continuava a Infanteria em duas álas, até onde póde chegar, e dentro dellas outras, compostas das communidades de Belem, Arrabidos, que tem conventos nas Praias

Chegado o corpo á porta de Belém, foi posto o caixão sobre dous bancos cobertos de veludo: tirou o pano o Conde de S. Lourenço, e abrio a Liteira o visconde: tomou a Mizericordia a condução a seu cargo até a Eça, que estava no Cruzeiro da Igreja; rezou a Communidade primeiro o responsorio, e ul-

timamente a Capella, e observadas as solemnidades do juramento, e entrega ao Prior do Convento, as mesmas pessoas, que primeiro pegárão no caixão (levado até a Eça em um esquife pelos Irmãos da Mizericordia) o pozerão em uma urna, que está de traz do altar mór, aonde jazem o Principe D. Theodozio, e a Infanta D. Joanna.

Carta de D. Feliciana Maria de Milão Freira de Odivellas, escripta a D. Maria das Saudades Freira de Villa Longa em que resume todo o referido, e por estar com galantarias, e engenho a incorporamos aqui com o titulo

Epitome da vida, e morte de El-Rei D. Affonso 6.º de Portugal.

Estou pelo concerto, amiga, vá de novas, mandai-me as dessa terra, e escrever-vos-hei as desta; ainda, que chegão aqui tão desfiguradas as da Côrte, que nem as de maior pezo, tem feitio para se apresentarem diante de vosso acatamento. Eu primeiramente, que tambem sou um retalho do mundo, e começo pelo que me fica mais perto, ando com mui má saude, mas em quanto ando, não ouzo a queixar-me, porque não é grande o mal, que me deixa dar passos em vosso serviço. O tempo tambem vai terrivel, porque desprezando-se de Veranico

se passou de repente a Invernoso, e não ha aguarda-lo, quando até aos Reis derruba. Não faltão por cá novidades de que colher doutrina, que é só o que se colhe destas novidades; e foi a primeira, entrar a Rainha na Esperança, aonde cuido, que lhe fallou a alma de Francisco Nunes, aquelle cirurgião, que tudo soube, senão calar o que entendia, quando todos os que entendião, calavão. É certo, que nos tem edificado o escrupulo estrangeiro, porque só em um Reino Christianissimo se acharia quem não aceitasse o ser Rainha sem todos os sacramentos. Escreveo uma carta a seu marido, dando-se por mal servida deste nome, e despedindo-se do que se lhe havia segurado com tantos arcos triumphaes; e vendo Sua Magestade, que se acabava sem esta senhora a sua casa, intentou toma-la por aposentadoria, pondo-lhe um Rei á porta. Porem como a senhora Madama Maria estava alli como umas Paschoas, escuzou-se ao trabalho, e fez-se guardar como preceito da Igreja. Acudio logo o Senhor Infante, a compôr o negocio, e fe-lo como para si; e o Vigario Geral andou como Vigario; e foi o primeiro d'aquelle officio, que teve jurisdicção nos direitos Reaes. Forão junto a Palacio em forma de Côrtes portateis os Tribunaes (que nesta éra tudo anda) e fizerão, que Sua Magestade renunciasse o beneficio, porque era simples, e devia ser curado, e Sua Alteza se collou logo nelle, porque teve por si os Cabidos, e se havia posto para esta festa de vinte e quatro. Andárão muito bem os Portuguezes nesta eleição, dando por votos o Imperio; porque não tendo Sua Magestade motu proprio devião fazer um Rei de potencia, que lhes guardasse justiça. Tambem ouvi, que como máo jogador de Homem, se queria El-Rei fazer, depois de haver passado; mas como havia de fóra quem jul-

gasse as mãos, e o Infante se achava com os matadores, não lh'o consentírão; nem eu louvo a quem lhe deo tal conselho, porque não deve ninguem defender, o peão alheio, e mais quando em Lisboa não são tão faceis os milagres, como em Santarem, e lhe podem apparecer aquellas almas, que dizem ser umas más peças. Tambem me contárão, que mandavão Sua Magestade para a Batalha, e jurarei, que sahio esta resolução do Conselho de Guerra, aonde costumão despachar para ella aos que tem por incapazes de pelèja. Quanto a mim, querem-no livrar de olhado, e cercão-no de azeviches por lhe não metterem as figas nos olhos; e como todos seus bens forão moveis se ficou o Paço ás portas fechadas; porque logo, que confessou sua innocencia, o venerão como reliquia, e o guardão em custodia; e foi o primeiro homem, que se condenou por não ter parte no peccado original. Aqui andão cartas da Rainha, em que pede lhe apressem à sentença de divorcio; e sendo esta a melhor joia desta Corôa, sem duvida passará com ella ao senhor Infante, que começa a governar com inveja de Numa, e de Trajano; e esperamos, que vivendo os annos de Nestor, nos livre de sebastianistas, que será a maior vantagem. Deos no lo guarde, e a vós de uma gazeta destas. Odivellas 29 de Novembro de 1668.

Muito vossa do coração

Feliciana.

FIM.

INDICE

DO QUE CONTEM O PRIMEIRO LIVRO.

INDICE DO QUE CONTEM O SEGUNDO LIVRO.

*

INDICE DO QUE CONTEM O LIVRO TERCEIRO.